EDILENE TERESINHA TOLEDO

O SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO EM SÃO PAULO E NA ITÁLIA: CIRCULAÇÃO DE IDÉIAS E EXPERIÊNCIAS NA MILITÂNCIA SINDICAL TRANSNACIONAL ENTRE 1890 E O FASCISMO

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Cláudio Henrique de Moraes Batalha

Este exemplar corresponde à redação final da tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 26-03-2002.

Banca:

Prof. Dr. Cláudio Henrique de Moraes Batalha
Prof. Dr. Michael MacDonald Hall
Prof. Dr. Sidney Chalhoub
Profa. Dra. Christina Roquete Lopreato
Profa. Dra. Silvia Regina Ferraz Petersen

Profa. Dra. Maria Clementina Pereira Cunha (suplente)
Prof. Dr. Fernando Teixeira da Silva (suplente)

MARÇO - 2002

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

NIDADE 3C
CHAMADA T/UNICAMP
T575s
EX
OMBO BC/ 49041
ROC 16-837/02
DX
REÇO R$11,00
ATA
CPD

CM00167361-9

BIB ID 240606

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

T 575 s

Toledo, Edilene Teresinha
O sindicalismo revolucionário em São Paulo e na Itália: circulação de idéias e experiências na militância sindical transnacional entre 1890 e o fascismo / Edilene Teresinha Toledo. - - Campinas, SP : [s. n.], 2002.

Orientador: Cláudio Henrique de Moraes Batalha.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Sindicalismo. 2. Anarquismo e anarquistas. 3. Movimento operário. 4. Imigrantes italianos. 5. Brasil – História – República Velha, 1889-1930. I. Batalha, Cláudio Henrique de Moraes. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.

RESUMO:

Esta tese apresenta e analisa o sindicalismo revolucionário, uma das correntes do variado panorama político do início do século XX, e a circulação das idéias e práticas deste movimento entre São Paulo e a Itália, país de origem da maior parte dos trabalhadores e militantes que atuavam no ambiente paulista do período. Esse movimento e essa circulação de idéias e práticas sindicais foram estudados na tese através da análise da trajetória de três militantes italianos que atuaram em São Paulo no início do século XX: Alceste De Ambris, Giulio Sorelli e Edmondo Rossoni, cujas vidas estiveram intimamente ligadas aos debates e experiências do sindicalismo revolucionário. O estudo das trajetórias desses líderes sindicais permitiram compreender também a importância da imigração na constituição do sindicalismo revolucionário como um movimento transnacional, bem como as relações dessa corrente com outras correntes políticas: o socialismo, o anarquismo e o fascismo.

ABSTRACT:

This Ph.D. thesis presents and analyzes the revolutionary syndicalism, one of the tendencies in the variegated political context of the XXth century beginning, and the circulation of ideas and practices between São Paulo and Italy, native country of the most part of the workers and militants who lived and worked in São Paulo during this period. This movement and the circulation of syndicalist ideas and practices had been studied, in this thesis, focusing the lives of three italian militants who operated in São Paulo at the beginning of the XXth century: Alceste De Ambris, Giulio Sorelli and Edmondo Rossoni, whose lives were strictly connected to the debates and the experiences of the revolutionary syndicalism.
Moreover, the study of these syndicalist leaders allowed to understand the importance of immigration in the construction of the revolutionary syndicalism as a transnational movement, and the relations of this political tendency with other ones: socialism, anarchism and fascism.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Para Virginia Magnani, Stefano Bagatta, Luigia Roder, Giuseppe Zandoná, Giuseppina Bellinati, Antonio Monteiro, Filomena Martinho e Benedito Toledo, imigrantes e trabalhadores que fazem parte da minha história.

Em memória de meu pai.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao CNPQ, que me concedeu a bolsa de doutorado no Brasil e à Capes e ao governo italiano, que possibilitaram o período de permanência na Itália.

Ao meu orientador Cláudio Batalha e a Michael Hall, que deram idéias e conselhos imprescindíveis para este trabalho.

Ao professor Angelo Trento e a Rita Burdin, agradeço pela ajuda e estímulo no período que passei na Itália e também depois do retorno ao Brasil.

Agradeço também a presença dos professores Michael Hall e Cristina Lopreato no exame de qualificação. As críticas, sugestões e o estímulo deles foram importantes para a continuidade do trabalho.

Agradeço também aos colegas e alunos da Universidade Sant´Anna, com quem tenho aprendido muito.

Aos meus amigos dos tempos da graduação, Adauto, Silvana, Mara, Rita, Rafael e às minhas companheiras de moradia, Denize, Gabriela, Aurélia, Luciene e Renata, cuja amizade e afeto foram e continuam sendo imprescindíveis para mim.

A outros amigos da Unicamp Artur, Marcão, Liane, Valter, Jorge, Endrica, Gino, Cláudia, Alírio e outros que sempre fizeram e fazem da Unicamp um lugar muito mais agradável. Aos colegas do Mestrado e do Doutorado na Unicamp, com os quais eu aprendi e me diverti muito.

Aos amigos italianos Vincenzo, Claudia, Paola, Marco, Adriano, Francesco, Maria Assunta e Gianluca.

Um agradecimento especial para Verónica e Norberto.

Para Paulinho e Angela e Fernando e Valéria.

Para Carlo.

Para Ronaldo, sempre amigo, mesmo distante.

Para Iolanda, S. Orlando, D. Cinira e S. Manuel pela amizade e solidariedade.

A Daniela, Daniele, Amalia, Lucia, Mario e Marcella, minha família italiana.

Para Maria Lúcia, Maurício, Márcio e Aline, minha família, pelo amor, compreensão e estímulo.

Para o meu melhor amigo, Jefferson, com admiração, gratidão e um imenso afeto.

A minha gratidão, por tudo, vai para Luigi, meu grande e verdadeiro amor.

Foram a amizade e o amor que fizeram com que eu superasse as dificuldades e concluísse este trabalho.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO 1

1. O sindicalismo revolucionário: um fenômeno transnacional 1
2. Sindicalismo revolucionário e anarquismo 25
3. O sindicalismo revolucionário na historiografia brasileira 30
4. O sindicalismo revolucionário na historiografia italiana 39

CAPÍTULO 1. TEORIA, PRÁTICA E HISTÓRIA DO SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO 51

1.1. Os trabalhadores na política 51
2.Política oficial ou ação direta? 55
3. Georges Sorel, os sorelianos e o mito da greve geral 58
4.1. Socialismo, anarquismo e o surgimento do sindicalismo revolucionário na Itália 71
4.2 A influência de Bakunin na Itália 83
4.3 Os socialistas e a organização operária 87
4.4 A classe operária italiana no início do século XX 95
4.5 A *Camera del Lavoro* 96
4.6 O nascimento do sindicalismo revolucionário na Itália 100
4.7 A greve de 1908 em Parma: o grande experimento do sindicalismo revolucionário italiano 103
4.8 A Guerra da Líbia e as divisões entre sindicalistas revolucionários 113
5.1 A avaliação dos anarquistas sobre o sindicalismo revolucionário 119
5.2 Armando Borghi e Luigi Fabbri: entre anarquismo e sindicalismo 136

CAPÍTULO 2. ALCESTE DE AMBRIS - O SINDICALISTA 151

1. A posição de De Ambris no movimento sindicalista revolucionário 151
2. A juventude socialista 154
3. "Sob a bandeira do socialismo": De Ambris no *Avanti*! de São Paulo 163
4.1 O retorno à Itália de um organizador experiente 191
4.2 "Somos livres, somos fortes e somos tantos": a grande greve de Parma de 1908 e a participação de De Ambris 198
5. De volta ao Brasil: o jornal sindicalista *La Scure* 209
6. 1 O retorno à Itália e a oposição às guerras coloniais 228
6.2 "A Pátria não pode ser a nossa inimiga": De Ambris e a Primeira Guerra Mundial 231
6.3 "Um mínimo de salário, o bastante para se viver bem": De Ambris e a experiência de Fiume. O seu corporativismo 243
7. O último exílio na França 254

CAPÍTULO 3. ENTRE ANARQUISMO E SINDICALISMO: DEBATES E EXPERIÊNCIAS NA VIDA DE GIULIO SORELLI.

1.1 Tradições italianas e experiências brasileiras: a formação de um militante sindicalista....265
1.2. A experiência na sociedade de socorro-mútuo....269
1.3. A experiência socialista....273
1.4.Do socialismo ao anarquismo....277
2. Anarquismo e Sindicalismo Revolucionário....283
3. Sorelli, o sindicalista....285
4. O Congresso Operário de 1906....306
5. A greve pelas 8 horas....311
6. O processo de expulsão....319
7. O Congresso Estadual Paulista de 1908....324
8. Teoria e prática....330
8. O processo de expulsão....164
9. O desfecho....169

CAPÍTULO 4: EDMONDO ROSSONI: ENTRE DOIS MUNDOS....341

1. Da Itália para a França, da França para o Brasil....341
2. A juventude de militância....342
3. Fanfulla e FOSP na experiência paulistana de Rossoni....345
4.1. "Uma questão de dignidade": a greve da fábrica Santa Marina....351
4.2. A expulsão....356
5. A militância de Rossoni nos Estados Unidos....360
6. De volta à Itália, em direção ao fascismo....364
7. Interpretações do sindicalismo fascista....374
8. As reações de ex-amigos no Brasil....381
9. A instrumentalização da memória de Filippo Corridoni....384
10. Explicações sobre a adesão de sindicalistas revolucionários ao fascismo....390

CONCLUSÃO....395

FONTES E BIBLIOGRAFIA....405

ANEXOS....435

APRESENTAÇÃO

Esta tese tem por objetivo demonstrar que o movimento operário em São Paulo no início do século XX foi profundamente influenciado pelo *sindicalismo revolucionário*, que foi uma corrente política autônoma em relação ao anarquismo e ao socialismo e se constituiu num movimento internacional que tinha como base a defesa da luta de classes, da ação direta dos trabalhadores, da autonomia operária e da neutralidade política do sindicato. Esse projeto *sindicalista revolucionário* procurava conciliar a luta para obter melhorias para os trabalhadores a curto prazo com uma perspectiva a longo prazo da destruição do capitalismo e da instauração de uma sociedade nova, gerida pelos próprios trabalhadores. O sindicato, para essa corrente, era o veículo tanto da luta econômica quotidiana quanto da luta política, pois ele seria a base da sociedade que se queria construir, ou seja, os trabalhadores reunidos nos sindicatos organizariam a futura sociedade.

A hipótese central que permeia todo o trabalho é a de que a experiência sindical em São Paulo no período compreendido entre o fim do século XIX e as primeiras décadas do século XX, profundamente marcado pela presença de trabalhadores e militantes italianos, não pode ser reduzida à experiência anarquista ou ao conceito freqüentemente usado do anarco-sindicalismo, mas estava também inserida na experiência do *sindicalismo revolucionário*, fenômeno internacional que tinha como princípio a construção de uma identidade operária e, portanto, a reunião nos sindicatos de todos os trabalhadores, de qualquer tendência política.

Para entender o que foi o *sindicalismo revolucionário*, como ele se formou, qual a sua relação com outras correntes políticas e qual a sua importância no movimento operário

paulista do início do século decidi percorrer a trajetória político-sindical de três intérpretes desse movimento, três importantes líderes sindicais italianos que viveram no Brasil: Alceste De Ambris, Giulio Sorelli e Edmondo Rossoni. O primeiro, na origem socialista, é o grande símbolo do sindicalismo revolucionário italiano e viveu dois longos períodos de exílio no Brasil. O segundo, personifica em São Paulo o tema da relação entre o anarquismo e o sindicalismo revolucionário. O terceiro, personagem controvertida, militou nas fileiras do sindicalismo revolucionário na Itália, no Brasil e nos Estados Unidos para depois se tornar o grande organizador do sindicalismo fascista.

A escolha desses três líderes como objeto da pesquisa tem por objetivo compreender a complexidade do movimento sindicalista revolucionário, pois suas vidas estiveram intimamente ligadas aos debates e às experiências do sindicalismo revolucionário e ajudam a entender o seu surgimento no contexto da revisão do marxismo, do debate reforma e revolução, suas relações com o socialismo e o anarquismo, sua teoria, sua prática, seu declínio, sua influência em outras correntes políticas e a circulação dessas idéias e práticas entre a Itália e o Brasil nas primeiras décadas do século XX. O tempo biológico, a duração de suas vidas, orienta de certa maneira a cronologia do trabalho, com a finalidade de analisar a trajetória do movimento sindicalista revolucionário. A análise das trajetórias deles e de companheiros seus que vão aparecendo ao longo do trabalho permitiu compreender também um aspecto importante no estudo do movimento operário: a grande mobilidade geográfica e ideológica dos militantes e o papel fundamental da imigração na constituição do sindicalismo como um fenômeno transnacional.

Para percorrer as trajetórias desses líderes sindicais italianos foi necessário também compreender alguns temas importantes da história italiana, partindo de toda uma cultura

política que nasceu no processo de unificação da Itália até a experiência fascista, que apresento no texto por considerá-los interessantes também para um leitor brasileiro.

Portanto meu objetivo é compreender esse movimento sindicalista revolucionário internacional e a experiência dele vivida por esses três militantes em São Paulo e na Itália, e todas as grandes questões que esse movimento envolveu.

Assim, na **Introdução**, apresento, de forma geral, as características e a importância do movimento sindicalista revolucionário, traçando também um quadro de como a historiografia italiana e a brasileira trataram o tema.

O **Capítulo 1** apresenta o contexto em que se desenvolveram as idéias do sindicalismo revolucionário na Europa, uma síntese da história do movimento operário italiano, bem como uma análise dos momentos mais importantes da história do sindicalismo revolucionário italiano, de seus teóricos e organizadores, de episódios e tradições que foram fundamentais na formação dos militantes que apresento nos capítulos seguintes. Esse capítulo analisa também as idéias de Georges Sorel, intelectual francês que inspirou o sindicalismo revolucionário, sobretudo com a idéia da greve geral e o grande debate entre os anarquistas italianos em relação ao sindicalismo, especialmente Errico Malatesta, que influenciou fortemente os anarquistas que atuaram em São Paulo.

O **Capítulo 2** apresenta a trajetória política e sindical do principal representante do sindicalismo revolucionário italiano, *Alceste De Ambris*, partindo da sua formação socialista, os anos de exílio no Brasil e sua adesão ao sindicalismo, sua importância como grande líder do movimento sindicalista revolucionário italiano.

O **Capítulo 3** apresenta a trajetória de *Giulio Sorelli*, importante líder sindicalista, por muito tempo secretário da Federação Operária de São Paulo, sua formação e sua participação nos momentos mais importantes do movimento operário do período.

O Capítulo 4 é dedicado a *Edmondo Rossoni*, partindo da sua juventude socialista na Itália, passando pela sua experiência de organizador sindical no Brasil e nos Estados Unidos até a sua fase como organizador do sindicalismo fascista.

Finalmente, a **conclusão** procura fazer um balanço final do movimento e indicar o que eu considero algumas contribuições do meu trabalho para a compreensão da história do movimento operário em São Paulo na Primeira Republica, que estava ligado por muitos laços ao movimento e ao debate que ocorria em outros países.

Esse trabalho é sem dúvida devedor dos vários e importantes trabalhos que vem sendo feitos nas últimas décadas sobre o movimento operário no Brasil da Primeira República. Acredito que meu trabalho trará elementos novos para o conhecimento desse importante período da história dos trabalhadores no nosso país.

Indicações, conselhos e sugestões de estudiosos importantes apontaram-me o caminho a seguir. "Alguém deveria estudar a fundo os grupos de militantes italianos que atuaram naquela altura - socialistas, anarquistas, sindicalistas", sugere Antonio Cândido no seu livro sobre a socialista Teresina Carini Rocchi, que viveu em São Paulo no início do século XX.[1]. Fundamentais foram as idéias de Michael Hall e Paulo Sérgio Pinheiro presentes no importante livro de documentos sobre o movimento operário na Primeira República, que destacam a importância do sindicalismo revolucionário[2]. A eles e ao meu orientador prof. Cláudio Batalha devo parte das idéias presentes no texto. A prof. Maria Clementina Pereira Cunha me deu a preciosa sugestão de pesquisar as trajetórias individuais no movimento operário.

---

[1] Antonio Cândido. *Teresina, etc.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992, p. 55.
[2] Paulo Sérgio Pinheiro e Michael M. Hall. *A Classe Operária no Brasil. Documentos (1889-1930) vol.1- O Movimento Operário.* São Paulo, Alfa-Omega, 1979.

Embora o objetivo do trabalho não seja exatamente a elaboração da biografia desses militantes, mesmo porque as fontes de que eu disponho não permitiriam, creio que seguir essas trajetórias políticas e sindicais individuais desses três militantes trouxe novos conhecimentos sobre a experiência histórica da qual eles fizeram parte.

Gostaria de fazer algumas breves considerações sobre a importância dos estudos biográficos para a história do movimento operário. Voltar a atenção para a história de vida de um indivíduo pode revelar mais sobre a complexidade das experiências do movimento operário, analisando-se a relação entre o particular e o contexto. Talvez o estudo de caso possa revelar mais sobre as dificuldades que os militantes tinham que afrontar, as condições sociais e econômicas dos trabalhadores, as lutas operárias, as formas de organização, as tradições. Pode-se alargar a expressão movimento operário através da reconstrução das figuras que o compõem, estabelecendo uma relação entre a história social e a que costumamos definir como história política do movimento operário.

Mas a redação de uma biografia de um militante operário tem sempre como obstáculo a exiguidade das fontes. Na maior parte das vezes eles não pretenderam deixar para a posteridade nenhuma imagem de si. Quase nunca tinham o tempo ou a vaidade suficientes para escrever memórias ou histórias de suas vidas. Nem devem ter sonhado que algum dia alguém ia querer saber tanto sobre eles. É muitas vezes dos seus momentos mais difíceis que temos mais informações: cada vez que a polícia resolve interessar-se por eles. Do cruzamento dessas fontes policiais, com a imprensa operária e os relatos de antigos companheiros, amigos e parentes podem resultar trabalhos interessantes, que aprofundem o conhecimento da história dos trabalhadores. Essa foi a intenção desse trabalho.

Gostaria também de apontar para dois riscos, que tentei evitar. O primeiro é o de construir uma imagem, a do inspirador, do porta-voz. Eles são humanos e por isso mesmo

dão vida às nossas histórias. O outro perigo é o de usá-los como um exemplo que reitera uma análise já preconcebida, ao invés de concebê-los como sujeitos de uma experiência capaz de iluminar a compreensão da história da qual fazem parte, porque a subjetividade dos personagens históricos e das classes não é obviamente um mero produto estrutural. Procurei levar em conta as subjetividades sem perder de vista, porém, o processo histórico. Como afirmou Thompson, o estudo da história do movimento operário "é um estudo sobre um processo ativo, que se deve tanto à ação humana como aos condicionamentos"[3].

Esse estudo portanto pretende ser uma história social da militância sindicalista revolucionária na Itália e no Brasil. É também um estudo sobre a circulação dos militantes e das idéias sobre o sindicalismo revolucionário, cujos participantes se reconheciam em um projeto internacional. Não são as idéias porém o objeto do estudo, mas elas aparecem freqüentemente, não como as "idéias descarnadas" que criticava Lucien Febvre[4], mas que, encarnadas em alguns personagens importantes do movimento, influenciaram decisivamente a prática sindical, mesmo porque as idéias, nesse caso, mesmo as não concretizadas, não estavam dissociadas da realidade. Assim a história de idéias que aparecem no texto podem ser entendidas também como uma história da cultura, operária, militante e sindicalista, porque a cultura não é suplementar ao pensamento humano, mas é parte intrínseca dele.

Não pretendi aqui fazer uma história das idéias ou uma história só de militantes. É claro que não podemos escrever a história das classes trabalhadoras simplesmente em termos de suas organizações de classe. Mas o leitor encontrará aqui, além de idéias políticas e história de militantes, também parte da história dos trabalhadores da Itália e do Brasil,

[3] E.P. Thompson. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, p. 9.

incluindo as contínuas ameaças à vida, à integridade física e à saúde que sempre atormentaram a existência das classes trabalhadoras.

Mas como as idéias também têm história e fazem história, não entendo porque não deveríamos estudá-las, mesmo porque as idéias não estão dissociadas dos agentes sociais que as criam e defendem. Por outro lado, se aprendemos com Thompson que a classe é uma formação tanto econômica quanto política e cultural, não existe classe sem consciência de classe, então onde encontrar a classe trabalhadora senão nos seus sindicatos e suas organizações políticas?

De certa forma, é também a chamada micro-história que inspirou as escolhas desse trabalho, pois ela tenta não sacrificar o conhecimento dos elementos individuais a uma generalização mais ampla, acentuando as vidas e os acontecimentos individuais. Ao mesmo tempo, porém, ela tenta não rejeitar todas as formas de abstração, pois considera que fatos aparentemente insignificantes e casos individuais podem servir para revelar um fenômeno mais geral. Além disso, os historiadores inspirados pela micro-história recusam o relativismo desenfreado e a redução do trabalho do historiador a uma atividade puramente retórica, que interpreta os textos e não os acontecimentos[5]. O reconhecimento dos limites do conhecimento histórico não pode significar a renúncia à compreensão do passado.

Finalmente, eu gostaria de dizer que, apesar dos tantos pessimistas que vêem a nossa disciplina desaparecendo em um futuro não distante, para os quais a história não conta a história, eu continuo acreditando que apesar das imperfeições e ausências, o meu é um trabalho que recupera fragmentos de uma história que não deveria ser esquecida e de

---

[4] Ver Francisco Falcon "História das Idéias" in Ciro F. Cardoso e Ronaldo Vainfas (orgs.) *Domínios da História. Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro, Campus, 1997

[5] Giovanni Levi. "Sobre a micro-história" in Peter Burke (org.). *A escrita da história*. São Paulo, Unesp, 1992.

palavras que, mesmo a cem anos de distância, conservam ainda a mensagem de esperança em um futuro melhor.

CAMERA
DEL
LAVORO
LIBERTÁ - VERITÁ
GIUSTIZIA
RICORDO
1º MAGGIO 1910

Introdução

> "Entre 1905 e 1914, o típico revolucionário ocidental era provavelmente uma espécie de *sindicalista revolucionário*"[1].
>
> "Apesar de todo o ódio feroz que ao *sindicalismo revolucionário* professam os pobres míopes, em todos os países, não excluindo o nosso – antes precisamente o contrário – a tática sindicalista no movimento proletário internacional se impõe dia a dia mais"[2].

1. O sindicalismo revolucionário: um fenômeno transnacional

O movimento operário em São Paulo no início do século XX é, em geral, automaticamente associado ao anarquismo. Entretanto, a experiência de operários e militantes durante as primeiras décadas da história da República no Brasil revela-se de uma grande complexidade para o historiador que decide penetrar naquele mundo. A análise das resoluções dos principais congressos operários do período, dos jornais e documentos das federações e ligas operárias e outras fontes torna evidente o fato de que o movimento operário foi em vários momentos muito mais sindicalista revolucionário que anarquista, e mais sindicalista que revolucionário[3]. O movimento operário em São Paulo[4] no início do século, portanto, não pode ser reduzido ao movimento anarquista, uma vez que a experiência da classe operária paulista envolveu diferentes idéias e comportamentos

---

[1] Eric J. Hobsbawm. "Trabalhadores do mundo" in *A Era dos Impérios (1875-1914)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, p. 194.
[2] "Si cammina". *La Lotta Proletaria*, 17-08-1908, p. 2.
[3] Ver o prefácio de Paulo Sérgio Pinheiro à edição fac-similar da coleção do jornal da Confederação Operária Brasileira, *Voz do Trabalhador*.
[4] Como já frisou Cláudio H.M. Batalha, o caráter extremamente diversificado e regionalizado do movimento operário brasileiro nas três primeiras décadas do século torna necessária a escolha de um espaço geográfico preciso. Ver *Le syndicalisme "amarelo" à Rio de Janeiro (1906-1930)* Tese de Doutorado, Université de Paris I, 1986. Por essa razão, meu estudo é centrado em São Paulo e nas relações que o movimento de São Paulo mantinha com o país de origem da maioria dos trabalhadores do período, a Itália.

políticos[5], entre os quais destaca-se o *sindicalismo revolucionário*, um movimento que, em várias partes do mundo, se transformara em uma corrente política autônoma em relação ao anarquismo e ao socialismo. Esse trabalho pretende demonstrar que o *sindicalismo revolucionário*, uma das correntes do variado panorama político do início do século, foi expressivo também no Brasil[6].

Certamente, a circulação das idéias e experiências do sindicalismo era em grande parte favorecida pela presença no Brasil de grande número de imigrantes, alguns deles militantes importantes que tinham sido expulsos ou tinham fugido de seu país de origem e que estavam dispostos a continuar seus esforços para o fortalecimento da luta operária no locais onde se transferiam[7]. Parte considerável dos militantes sindicalistas nesse período, sobretudo em São Paulo, era de origem italiana, algumas vezes trazendo já experiência política da Itália e muitos deles continuavam ligados a movimentos e à imprensa operária italiana. Essa grande presença de militantes italianos em São Paulo se dava obviamente porque a grande maioria dos operários[8] no estado de São Paulo era constituída por

---

[5] Na introdução do importante livro de documentos sobre o movimento operário de P.S. Pinheiro e M. Hall, os autores observam que aqueles documentos "parecem indicar que a história da classe operária não pode ser confundida com nenhum partido, em decorrência da diversidade de experiências e de situações vividas pela classe". *A classe operária no Brasil 1889-1930. Documentos vol.I.* São Paulo, Alfa-Omega, 1979, p. 10.

[6] O amadurecimento dessas idéias foi sendo feito a partir de alguns trabalhos que escrevi anteriormente, onde já apareceram parte das questões aqui apresentadas. Ver Toledo, Edilene T. "O *sindicalismo revolucionário* e a Federação Operária de São Paulo no início do século XX". *Cadernos de História Social*, 2, Campinas, out. 1995; *O Amigo do Povo: grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século.* Campinas, IFCH/Unicamp, 1993 (dissertação de mestrado); "Em torno do jornal *O Amigo do Povo*: os grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século". *Cadernos AEL*, Campinas, IFCH/Unicamp, n. 8/9, 1998.

[7] Vários historiadores italianos consideram que a presença de um movimento de trabalhadores italianos no exterior constitui um dos elementos mais originais e positivos da emigração italiana no período posterior à unificação da Itália.

[8] O termo operário é usado aqui para designar todos os trabalhadores manuais urbanos. Durante toda a Primeira República, o Brasil era ainda um país predominantemente agrícola. Quase 70% dos trabalhadores dedicavam-se à agricultura. Os empregados na indústria eram quase 14%, incluindo as pequenas oficinas e 16,5% no setor de serviços, que englobavam várias atividades urbanas como serviços domésticos e trabalhos eventuais de vários tipos. Não se pode dizer que a indústria não tivesse sua importância na economia e ela ia se implantando com força crescente. O Estado de São Paulo esteve à frente de um processo de desenvolvimento capitalista com a diversificação agrícola, a urbanização e o surto industrial. O café

italianos[9]. A maioria eram imigrantes que fugiam da miséria do campo italiano e das condições existentes nas fazendas de café paulistas, tornando-se operários das indústrias, chapeleiros, sapateiros, tipógrafos, trabalhadores de olarias, pedreiros, carpinteiros, ferroviários[10]. Eles contribuíram para a organização dos sindicatos em São Paulo.

A partir da década de 1890, um projeto sindicalista revolucionário internacional ia se constituindo através da circulação das formas de luta, das práticas e dos modelos de organização. No fim do século XIX, o sindicalismo estava constituído na França, mas a partir dos primeiros anos do novo século, ele irá se configurando também em outros países. Em São Paulo, a difusão das idéias do sindicalismo revolucionário começam no início do século XX e se intensificam com a criação da Federação Operária, em 1905.

---

continuou a ser a base da economia e se tornou a base inicial da industrialização. Embora a economia de São Paulo tenha se diversificado ao longo da Primeira República, sua elite política agiu principalmente no interesse da burguesia do café, de onde se originavam muitos de seus membros. Os negócios do café, nos quais os fazendeiros representavam apenas um elo de uma cadeia que ia até os consumidores externos, passando pelos exportadores, foram o eixo da economia do período. A burguesia do café constituiu uma classe articulada, que expressava seus interesses através do Partido Republicano Paulista.

[9] Ver P.S. Pinheiro. "O Proletariado Industrial na Primeira República" in Bóris Fausto (org.) *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo, Difel, 1981, Tomo III, vol III.

[10] Em 1890, São Paulo era ainda a quinta cidade brasileira em número de população, perdendo para a capital, Rio de Janeiro, e para Salvador, Recife e Belém. Em 1900, ela tinha dado um salto espetacular, num aumento de quase 300%, devido em grande parte ao afluxo de imigrantes espontâneos ou dos que fugiam das difíceis condições de vida e de trabalho encontradas nas fazendas de café do interior paulista. Uma cidade que crescia tanto oferecia grande variedade de empregos que iam de trabalhos de pedreiro, sapateiro, padeiro, barbeiro, marceneiro, alfaiate, passando pelo comércio ambulante, oficinas, fábricas e o serviço doméstico. O crescimento industrial paulista começou a se esboçar no fim da década de 1870. Os imigrantes estavam nos dois extremos da indústria, como donos das fábricas e como operários. Em 1893, 70% dos trabalhadores das fábricas de São Paulo eram estrangeiros. Os principais ramos industriais eram o têxtil, em primeiro lugar e logo depois o setor de alimentação, incluindo bebidas, e vestuário. A indústria de base só passaria a ser desenvolvida durante o período da Primeira Guerra Mundial, mas número e a importância das pequenas e médias oficinas, inclusive metalúrgicas, era grande. São Paulo reunia milhares de trabalhadores que viviam sob as mesmas condições difíceis de vida e de trabalho e era um espaço onde havia grande circulação de idéias, o que favoreceu a formação de um movimento de trabalhadores. O êxito desse movimento foi limitado por uma série de fatores, entre os quais podemos apontar a pequena importância da indústria no conjunto da economia limitava o poder de negociação dos trabalhadores. As greves tinham grande repercussão sobretudo quando atingiam setores estratégicos do transporte agrícola: as greves dos ferroviários e dos portuários, mas também quando tomavam grandes dimensões. Além disso, a fragilidade da indústria expunha os trabalhadores a longos períodos de desemprego, havendo um grande número disponível de trabalhadores não-qualificados, e a intransigência e a violência dos industriais, que faziam listas negras de trabalhadores sindicalizados e estavam pouco dispostos à negociação, fizeram muitas vezes com que os trabalhadores ficassem desestimulados em relação à participação nos sindicatos e nas greves. Mas, apesar de todas essas

Nesse contexto de construção de um projeto sindicalista internacional, as lutas dos trabalhadores em cada país passaram a exercer uma influência não irrelevante sobre o comportamento dos trabalhadores de outros países. Essa observação atenta das lutas dos trabalhadores em outras partes do mundo se dava também em São Paulo início do século, como se vê, por exemplo nesse trecho de um artigo, em português, mas escrito por um italiano, do jornal da Federação Operária de São Paulo, a FOSP,

> "A Lucta Proletaria olhará para esse fim – a emancipação dos trabalhadores da escravidão capitalista, e seguirá esse método – o sindacalismo (sic) revolucionário. É absolutamente necessário que os operários, os nossos irmãos de luta e de trabalho, cheguem ao conhecimento de todo o movimento internacional, das lutas que em outros países o proletariado está travando contra os seus opressores, para delas tomar exemplos, adquirir experiências, fortalecer suas convicções"[11].

O ritmo de propagação dessas experiências era muito rápido, tanto através da propaganda tradicional, como através dos canais de solidariedade, como a ajuda financeira a trabalhadores de outros países[12]. Os jornais operários contribuíam para transmitir aos trabalhadores a idéia de fazer parte de um conjunto, de uma classe social e de uma luta que ultrapassava os limites do Estado nacional. Seu papel era informativo, mas também era o de propagar uma visão de mundo[13]. Todavia, o *sindicalismo revolucionário* como fenômeno transnacional constrói-se também, em grande parte, graças à circulação das idéias e práticas favorecida pelas correntes migratórias, ou seja, a grande mobilidade de trabalhadores e militantes significava também a mobilidade das idéias, tradições e práticas de luta, o que

---

adversidades, as idéias do sindicalismo penetraram também aqui e deram vida a uma experiência de vida comum e de organização que não deve ser desprezada.

[11] "À lucta". *A Lucta Proletaria*, 17-01-1908, p.1.

[12] Ver Maurizio Antonioli. *Il sindacalismo italiano dalle origini al fascismo. Studi e ricerche.* Pisa, BFS edizioni, 1997, p. 128.

[13] Ver, sobre esse tema da educação através da imprensa, Cláudio H.M. Batalha. *Op.cit.*

procuraremos demonstrar ao longo dos capítulos dedicados à vida de De Ambris, Sorelli e Rossoni.

O sindicalismo revolucionário, nesse momento, podia ser considerado um fenômeno internacional se levarmos em conta a coincidência dos objetivos e das práticas de luta, e também a vontade dos grupos e organizações de reconhecerem-se em um projeto revolucionário comum. É certo, porém, que os diversos movimentos em várias partes do mundo não eram redutíveis a um único esquema e tinham características peculiares segundo suas tradições políticas e toda uma série de fatores não facilmente identificáveis. Portanto, é claro que não havia uma identidade absoluta entre os vários movimentos[14]. Alceste De Ambris, o principal representante do *sindicalismo revolucionário* italiano, considerava possível reconhecer alguns dos elementos principais da atividade – ação direta, violência proletária, antimilitarismo, greve geral, etc. – como "o mínimo denominador comum" do *sindicalismo revolucionário*[15].

É claro que o movimento operário de cada país tem uma história própria e segue caminhos que são freqüentemente o resultado de experiências peculiares e suas ligações com o ambiente e com a mentalidade dominante são muito fortes. Porém, o mundo operário, essa imagem evocadora de emoções, de esperanças, de orgulho de identidade sempre demonstrou um alto grau de receptividade e de disponibilidade para acolher os mais diversos instrumentos de luta que servissem para sua emancipação quotidiana e futura. A greve geral é um desses instrumentos, a partir dos anos 1890, e é uma expressão direta da

[14] Ver Maurizio Antonioli. *Azione diretta e organizzazione operaia – sindacalismo rivoluzionario e anarchismo tra la fine dell'Ottocento e il fascismo*. Roma, Piero Lacaita, 1990.
[15] Idem, p. 113.

vontade de mudança nas relações de força econômicas do dia a dia e ao mesmo tempo uma medida concreta que envolvia a esfera da esperança, do desejo de revolução[16].

O novo do projeto sindicalista revolucionário era essa tentativa de conciliar a luta para obter vantagens a curto prazo no quadro do sistema existente, com uma perspectiva a longo prazo de derrubar o capitalismo e instaurar um sistema de propriedade coletiva dos meios de produção, geridos pelos próprios trabalhadores através dos sindicatos. Portanto, a função do sindicato era dupla: consistia ao mesmo tempo em melhorar a condição operária e preparar sua emancipação futura, sendo dessa forma luta política[17] e econômica juntas. O que implicava na recusa, na marginalização e no esvaziamento do papel do partido político[18]. Nesse ponto de vista, um partido era sobretudo uma opinião, ou uma ideologia. Um sindicato era sobretudo uma classe[19].

A linguagem revolucionária, portanto, coexistia, na prática, com a vontade de obter melhoramentos para a condição operária. Os sindicalistas acreditavam que o melhor meio para alcançarem seus objetivos a curto e a longo prazo era a ação coletiva e direta dos trabalhadores, e insistiam na importância, para a ação direta, de uma organização dos trabalhadores nos próprios locais de produção. Isso levava-os a considerar os sindicatos como veículos decisivos da luta de classes, retomando a célebre frase de Georges Sorel,

---

[16] Ver Maurizio Antonioli. *Il sindacalismo italiano dalle origini al fascismo. Studi e ricerche.* Pisa, BFS edizioni, 1997.

[17] O apoliticismo declarado pelas organizações inspiradas pelo *sindicalismo revolucionário* era um modo também de evitar o ataque dos adversários, que contavam, na Itália e no Brasil, com a cumplicidade da polícia e ameaçavam as liberdades fundamentais. Por outro lado, o chamado apoliticismo era a declaração de não associação dos sindicatos a nenhuma corrente política específica.

[18] Ver M. Antonioli. *Il sindacalismo...*, p. 130.

[19] J. Julliard. "Le syndicalisme revolutionnaire et la politique. 1900-1914. *Ricerche storiche*, 1981, n.1, p. 89

cujas idéias foram importantes para o desenvolvimento do *sindicalismo revolucionário*: "O futuro da classe operária reside no desenvolvimento autônomo dos sindicatos"[20].

Essa orientação autonomista é um dos aspectos mais originais do movimento. Na verdade, a idéia de autonomia já estava presente, por exemplo, no último trabalho de Proudhon, *Da capacidade política da classe operária*[21]. O novo no movimento sindicalista revolucionário foi a vinculação da autonomia operária à ação sindical, ou seja, o sindicato passa a ser visto como o instrumento dessa autonomia. Autonomia das massas trabalhadoras e do sindicato, no qual elas se exprimem diretamente. Essa autonomia é entendida como recusa da delegação de poder a qualquer representante político. Autonomia em relação aos partidos e à política era, portanto, uma exaltação da capacidade de autogoverno dos trabalhadores. É significativo que, para De Ambris, a passagem para o socialismo seja confiada ao processo de amadurecimento dos trabalhadores, ao desenvolvimento, ainda durante o capitalismo, da capacidade dos trabalhadores de gerirem eles próprios a produção[22]. Foi assim que os operários criaram um novo tipo de oposição ao Estado e à classe dominante, uma oposição que afirmava sua identidade de trabalhadores.

Apesar da sua relevância como movimento político no fim século XIX e no começo do XX, o *sindicalismo revolucionário* foi por muito tempo ignorado pela historiografia, ou então ocultado por equívocos e generalizações e definido muitas vezes impropriamente como anarquismo ou anarco-sindicalismo. O equívoco provém do fato que os militantes sindicalistas eram muitas vezes de origem anarquista, mas isso não era certamente o caso

---

[20] Ver Georges Sorel. "L'avenir socialiste des syndicats". In *Matériaux d'une théorie du prolétariat.* Paris, Slatkine, 1981.
[21] P.J. Proudhon. *La capacidad política de la clase obrera.* Madrid, Júcar, 1977.
[22] Gian Biagio Furiozzi. *Sciopero agrario del 1908: um problema storico. Atti del convegno tenuto a Parma l'1 e 2 dicembre 1978 (a cura di Valerio Cervetti)* Parma, Grafiche Step, 1984, p. 368.

de todos, e nem da maioria. Por outro lado, o anarco-sindicalismo, termo que na verdade só seria usado muito mais tarde, tinha uma concepção diferente do *sindicalismo revolucionário*, porém o uso do termo pela historiografia muitas vezes mascarou essa diversidade. Além disso, a classificação do *sindicalismo revolucionário* como anarquista foi freqüentemente empregada de forma pejorativa por parte dos socialistas reformistas e posteriormente pelos comunistas, que queriam excluir os sindicalistas da grande família socialista[23].

Na verdade, na teoria sindicalista revolucionária convergiam idéias socialistas como a luta de classes, que os anarquistas recusavam como base da sua doutrina, e idéias anarquistas, como a destruição do Estado, embora, na visão sindicalista, os sindicatos substituiriam o Estado, seriam a base da organização da futura sociedade, enquanto os anarquistas queriam destruir todas as instituições da sociedade burguesa, entre as quais incluíam também o sindicato. Arturo Labriola, importante teórico do *sindicalismo revolucionário* italiano, observou em um escrito de 1905:

> "O antiestatismo sindicalista é uma coisa bem diferente do antiestatismo anarquista. O primeiro tende a transferir a autoridade do Estado no sindicato de ofício; o segundo a destruí-lo de fato. O primeiro é, na sua índole, organizador e disciplinador; o segundo é contrário a toda regra preestabelecida de autoridade, mesmo consensual"[24].

De fato, parte considerável dos anarquistas no Brasil mantiveram-se abertamente hostis ao sindicalismo, pois a idéia anarquista era a de salvar toda a humanidade e não somente os operários, como se observa nesse artigo do jornal anarquista de São Paulo, escrito em italiano, *La Barricata*:

---

[23] Ver sobre isso Henri Dubief. *Le syndicalisme revolutionnaire*. Paris, Colin, 1969.
[24] Arturo Labriola. *Sindacalismo e riformismo*. Firenze, G. Nerbini, 1905, p. 24.

> "O sindicalismo nada tem de comum com o anarquismo, ou melhor, tem demais: o caráter efetivo de ação do sindicalismo é a negação do anarquismo. (...) O fato de haver-se declarado partidário da ação direta e dos métodos violentos de conquista, não implica de forma alguma que o sindicalismo conceba a revolução em sentido anarquista ou social. (...) O partidão sindicalista é uma vasta armadilha onde foram colocados os princípios fundamentais do socialismo e da anarquia para enjaular o elemento proletário e lançá-lo em seguida à gloriosa conquista do sagrado aumento de dois vinténs para o dia de trabalho.(...) Já não disse talvez Sorel que o domínio do sindicato devia substituir o domínio da burguesia? O sindicalismo quer destruir o privilégio do patrão para estabelecer o próprio. A organização de classe é que deve terminar ditando a lei... O sindicalismo não quer libertar a humanidade, mas simplesmente os sindicalistas"[25].

Como se vê, a experiência sindical dos trabalhadores em São Paulo, nas primeiras décadas do século XX, estava envolvida em uma grande complexidade. Este trabalho pretende contribuir para a compreensão desse momento importante da experiência sindical brasileira e internacional através do estudo do *sindicalismo revolucionário*, bem como de suas relações com o anarquismo, o socialismo e outras correntes políticas nas primeiras décadas do século XX.

Apesar de sindicalistas revolucionários e anarquistas encontrarem-se juntos e terem coabitado sindicatos alternativos aos sindicatos reformistas, os anarquistas mantiveram as bases fundamentais da sua doutrina e os sindicalistas preocuparam-se em não confundir-se e não serem confundidos com os anarquistas. Os reformistas, por sua vez, lançavam sistematicamente a acusação de anarquismo aos sindicalistas, o que contribuiu para obscurecer a análise desse fenômeno.

É claro que havia proximidades entre anarquistas e sindicalistas revolucionários, mas Arturo Labriola, por exemplo, defendia-se da acusação de anarquismo argumentando

[25] "Sindacalismo e anarchismo". *La Barricata*. 16-03-1913, p.1.

que elementos do anarquismo como a negação do Estado poderia ser encontrado em todos os teóricos socialistas, inclusive Marx[26].

Vários historiadores italianos consideram que a ideologia sindicalista revolucionária aproximava-se mais do marxismo que do anarquismo porque ela teria sido mais influenciada por teorias de Marx segundo as quais a luta pelo socialismo é condicionada pelo desenvolvimento da economia industrial, que na luta de classes são decisivas o poder e a unidade da classe operária e que a garantia do sucesso estaria não na propaganda de conceitos como humanidade e liberdade, como pensavam os anarquistas, mas na consolidação da organização operária[27].

Entretanto, foram muitos marxistas que logo caracterizaram o sindicalismo anterior à Primeira Guerra como anarquista. Para eles, a tentativa de edificar uma organização sindical fora de toda ideologia social-democrata e fora de toda colaboração com o socialismo organizado, associada a uma visão de um futuro onde o Estado tivesse praticamente desaparecido parecia próxima demais das idéias dos velhos adversários anarquistas[28]. Havia também um outro elemento que aproxima o sindicalismo revolucionário do anarquismo: ambos os movimentos tinham uma concepção federalista da organização social futura, mas os anarquistas projetavam uma federação de associações voluntárias de indivíduos enquanto os sindicalistas revolucionários desejavam uma federação de sindicatos. São semelhanças que não permitem, porém, que o sindicalismo revolucionário seja reduzido ao anarquismo.

---

[26] Gian Biagio Furiozzi. *Il sindacalismo rivoluzionario italiano.* Milano, Mursia, 1977, p. 98.

[27] G.B Furiozzi, *op. cit., p.* 101. Por outro lado, há outros historiadores, como Gian Maria Bravo, que consideram que a declarada hostilidade dos sindicalistas revolucionários contra o partido significaria uma recusa total do marxismo. Há também, todavia, aqueles que consideram que o movimento poderia ser considerado uma espécie de partido. Ver "Alcune considerazioni sulla 'decomposizione del marxismo' nel sindacalismo rivoluzionario. *Ricerche Storiche*, 1975, p. 83.

[28] Ver J. Julliard. *Autonomie ouvrière. Études sur le syndicalisme d'action directe.* Paris, Gallimard, 1988.

Para outro historiador italiano Gian Biagio Furiozzi, o uso do termo anarco-sindicalismo, embora equivocado, é mais compreensível quando se refere à França, por exemplo, onde o *sindicalismo revolucionário* (de Pouget, Pelloutier e Delesalle[29]) nasceu em parte pela ação de anarquistas, embora não fosse anarquista; o *sindicalismo revolucionário* italiano, ao contrário, é na origem uma corrente do Partido Socialista, e depois uma dissidência dele. Porém, na verdade, também na França, o movimento sindicalista revolucionário era composto por muitos elementos que não provinham do anarquismo.

Como se vê, o *sindicalismo revolucionário* nos diferentes países, nasceu de movimentos com tradições bastante diversas e isso contribuiu para os equívocos e incompreensões nas análises do fenômeno. As organizações que constituem o movimento sindicalista revolucionário apresentaram, entre outras diferenças, uma grande diversidade em suas estruturas internas. Certas associações eram resolutamente descentralizadas, enquanto outras, como a IWW (Industrial Workers of the World) nos EUA, adotavam uma estrutura centralizada. Os *wobblies* se declaravam estreitamente ligados, no plano internacional, com os sindicalistas revolucionários e foram uma das expressões múltiplas desse movimento.

Portanto, a fórmula do *sindicalismo revolucionário* não se encontrava somente na experiência francesa, mas também nas tendências radicais do movimento operário que emergiram em outros países naquele período histórico. Há entre eles muitos pontos em comum e todas as muitas variantes se reconduziam a um único modelo ideal: a sociedade

[29] Fernand Pelloutier foi o primeiro a ver na organização sindical a base da sociedade futura; Emile Pouget inventou o termo ação direta, depois incorporado pelos sindicalistas revolucionários; Paul Delesalle influenciou o congresso operário de 1897 realizado em Toulouse para que adotasse o boicote e a sabotagem como meios de luta operária. Ver sobre isso Gian Biagio Furiozzi. "Polemiche tra sindacalisti rivoluzionari e anarchici italiani nell'etá giolittiana". *Ricerche Storiche*, 1981, p.495.

dos produtores, onde a primazia social pertenceria aos protagonistas da atividade produtiva[30].

Assim, a despeito de todas as suas variantes nacionais e regionais, o *sindicalismo revolucionário* foi um movimento internacional. Todo o período em questão foi marcado, no plano internacional, por lutas operárias muito duras e a experiência do *sindicalismo revolucionário* teve uma influência significativa em países como a França, a Itália, e também Espanha, Portugal, EUA[31], Argentina[32] e houve uma experiência brasileira desse fenômeno internacional.

Os temas fundamentais debatidos por essa corrente foram especialmente a crítica às tendências reformistas, o apelo à ação direta do proletariado, a função do sindicato e o ataque ao Estado, em todas as suas expressões. Também não faltaram referências explícitas ao conceito de violência e à necessidade de empregá-la na luta política e econômica.

A atitude do *sindicalismo revolucionário* em relação aos partidos políticos teve alguma variação. Entretanto, a CGT (Confédération Générale du Travail) francesa, símbolo máximo do *sindicalismo revolucionário* e fonte de inspiração para o movimento de outros países, afirmara sua neutralidade política já na Carta de Amiens em 1906, onde declarava que os partidos políticos eram inteiramente livres para perseguirem seus objetivos de transformação social, mas numa total independência em relação à CGT.

A CGT francesa era a única organização sindicalista revolucionária com uma hegemonia real, era a organização sindical mais importante do país e era a principal fonte

---

[30] Ver Andreina De Clementi. *Politica e Società nel Sindacalismo Rivoluzionario italiano. 1900-1915.* Roma, Bulzoni Editore, 1983.

[31] Sobre a experiência do sindicalismo revolucionário nos EUA ver, entre outros, Adriana Dadà. "Aspetti del sindacalismo rivoluzionario statunitense: L'Industrial Workers of the World". *Ricerche Storiche*, n. 1, 1981.

[32] Sobre a experiência argentina do sindicalismo revolucionário ver, entre outros Edgardo J. Bilsky. "Aux origines de la tradition sorélienne em Argentine: le syndicalisme révolutionnaire (1904-1910). *Cahiers des Ameriques Latines*, n. 9.

de inspiração para os sindicalistas em várias partes do mundo e também no Brasil. Os delegados reunidos no Congresso Operário Brasileiro de 1906 tinham enviado:

> "... ao operariado francês a mais ardente expressão das suas simpatias e solidariedade, mostrando-o como o modelo de atividade e iniciativa ao trabalhador do Brasil"[33].

Neno Vasco, na *Voz do Trabalhador* tinha afirmado que:

> "A sociedade de resistência mais perfeita e a mais completa, embora não sem defeitos, é o sindicato francês, aderente à Confederação Geral do Trabalho. É puramente de resistência, facilitando a entrada a todos, procurando agrupar o maior número, mas sem por isso deixar de agir constantemente"[34].

Os fins estabelecidos pela CGT eram:

> "1° - Organizar os assalariados para a defesa dos seus interesses morais e materiais, econômicos e profissionais.
> 2° - Organizar fora de todo partido político, todos os trabalhadores conscientes da luta a empenhar para a supressão do salariato (sic) e do patronato[35].

O jornal da Confederação Operária Brasileira (COB) julgava que esses parágrafos continham as aspirações fundamentais do socialismo, sem distinção de escola e de partido e que qualquer membro de um grupo socialista, fosse ele social-democrata, anarquista ou de outra tendência poderia aceitá-lo inteiramente. Julgava-se pois que a condição para o sucesso do sindicato estava na sua autonomia, que garantiria a supressão dos conflitos entre as diferentes tendências políticas presentes entre os trabalhadores. De fato já o congresso de 1906 tinha aconselhado:

---

[33] Resoluções do Primeiro Congresso Operário Brasileiro efetuado nos dias 15,16, 17, 18, 19 e 20 de abril de 1906 na sede do Centro Gallego, à Rua da Constituição, 30 e 32, Rio de Janeiro, 1906 in P.S.Pinheiro e M. Hall, *op. cit.*, pp. 42-58. Esta citação encontra-se na página 47.
[34] "O sindicato". *Voz do Trabalhador*. 15-01-1913, p. 2.
[35] Jean Bron. *Histoire du mouvement ouvrier français*. Paris, Les Editions Ouvrières, 1970,p. 305.

> "O proletariado a organizar-se em sociedades de resistência econômica, agrupamento essencial e, sem abandonar a defesa, pela ação direta, dos rudimentares direitos políticos de que necessitam as organizações econômicas, a por fora do sindicato a luta política especial de um partido e as rivalidades que resultariam da adoção, pela associação de resistência, de uma doutrina política ou religiosa[36], ou de um programa eleitoral"[37].

Esse congresso deliberou, portanto, que a COB só admitiria sindicatos cuja base essencial fosse a resistência no terreno econômico.

A CGT francesa era o produto da ação de militantes provenientes de diversos horizontes políticos, mas todos viam no sindicato o órgão e na greve geral o meio para a transformação social. A CGT declarava também que os seus membros eram totalmente livres para agir segundo suas convicções políticas, com a condição de que fosse fora do sindicato. Isso tudo expressava o desejo de atenuar o peso dos desacordos políticos no interior das organizações sindicais, que tinham a obrigação de se concentrar nas lutas reivindicativas. A prática sindicalista se resumia em duas palavras: ação direta.

Em 1908, o jornal da Federação Operária de São Paulo (FOSP), *A Lucta Proletaria* afirmava:

> "Para garantir a natureza do sindicato e manter, no terreno da ação, a união entre os trabalhadores salariados, baseia-se o agrupamento operário de resistência nestes princípios: 1° - Independência do sindicato, agrupamento de classe, grupo de ação ligado pelo interesse, em frente dos partidos associados por uma idéia e composto de indivíduos de classes diferentes. 2° - A *ação direta*, própria do sindicato, com seus meios

[36] O esforço era certamente o de não excluir trabalhadores católicos, que certamente eram muitos. As resoluções de congressos e os jornais ligados ao sindicalismo revolucionário falam freqüentemente de não associar as ligas e a federação a nenhuma idéia política ou religiosa, mas também de não trazer para dentro do sindicato discussões de uma corrente política específica ou religiosa, o que era um claro esforço de evitar conflitos e exclusões. Na Itália, muitas ligas e greves promovidas por sindicalistas revolucionários tiveram o apoio de uniões operárias católicas. Ver a respeito Alessandro Roveri "Il sindacalismo rivoluzionario in Italia". *Ricerche Storiche*, 1975, p. 21.

[37] P.S. Pinheiro e M. Hall, *op.cit.*, pp. 46-47.

> próprios, a qual não vai de encontro a nenhuma doutrina, porque todos os indivíduos ou grupos a aceitam"[38].

Quando diziam independência em relação aos partidos e às doutrinas, estavam se referindo tanto ao socialismo quanto ao anarquismo, que na época era chamado também de partido anarquista. Portanto, o sindicato não deveria ser nem socialista nem anarquista, mas simplesmente operário. Em 1909, lia-se no jornal da FOSP

> "Os sindicatos operários, compostos exclusivamente de operários, saíram da experiência tida por outros métodos de organização, que não tem dado nenhum fruto real à classe proletária. Eles acolhem operários que fazem parte de qualquer partido político, mas no seu seio as tendências políticas e religiosas são postas à parte, visto ser esse um foco de discórdia entre os operários e que torna impossível ou muito difícil uma luta de classes enérgica e eficaz. (...) A experiência nos aconselha a agir por nós mesmos, sem obedecer a dirigentes de qualquer espécie"[39].

O *sindicalismo revolucionário* defendeu mais do que qualquer outra corrente do movimento operário organizado a concepção do poder revolucionário dos trabalhadores emancipados e insistiu no direito a se auto-administrar coletivamente, assim como na aptidão dos trabalhadores para gerir eles próprios seus próprios assuntos, como se vê neste trecho do jornal da Confederação Operária Brasileira:

> "Os trabalhadores agem e agem diretamente, materializando as suas aspirações de emancipação econômico-social, concretizando em fatos as palavras de uma estrofe do hino da Internacional dos Trabalhadores: 'Para não termos protestos vãos, para sairmos deste antro estreito, façamos nós, por nossas mãos, tudo o que a nós nos diz respeito'. Eis o que é o *sindicalismo revolucionário*"[40].

---

[38] "As bases do acordo sindical". *A Lucta Proletaria*. 14-03-1908, p. 1.
[39] *Lotta Proletaria*. 18-01-1909, p.1
[40] "O *Sindicalismo revolucionário*". *A Voz do Trabalhador*, 20-07-1914, p.1.

Os defensores do *sindicalismo revolucionário* sempre exprimiram atitudes de luta de classes e estabeleceram objetivos revolucionários. Segundo eles, os interesses de classe eram inconciliáveis e o conflito entre as classes constituía um dado objetivo do qual não se podia escapar, como observamos nesse trecho das resoluções do Primeiro Congresso Operário Brasileiro, realizado em 1906:

> "O operariado, agrupando-se em sociedades de resistência, afirma por esse simples fato a existência de uma luta de classes, que ele não criou, mas que se vê forçado a aceitar"[41].

Essa insistência na luta de classes é um dos aspectos que afasta o *sindicalismo revolucionário* do anarquismo. O conceito de luta de classes presente no *sindicalismo revolucionário* é, sem dúvida, inspirado na idéia marxista de luta de classes.

As organizações inspiradas no *sindicalismo revolucionário*s procuravam obter vantagens a curto prazo no quadro do sistema existente (o que era contestado por muitos anarquistas) mas adotavam também como perspectiva a longo prazo, a derrubada do capitalismo e a instauração de um sistema de propriedade coletiva dos meios de produção, geridos pelos próprios trabalhadores. O conflito reforma e revolução, que era certamente o centro das divisões no movimento operário e socialista era também o grande tema no movimento sindical:

> "Os reformistas restringem a ação do sindicato à pequena vida corporativa, amam o mutualismo, as caixas fortes, o número, o funcionalismo e preferem os processos conciliatórios; e os revolucionários, que hoje só vêem a ação, procuram evidenciar, tornar franco o antagonismo de classe e acentuar a tendência para a abolição das classes e a reorganização da oficina pelos próprios trabalhadores emancipados"[42].

---

[41] P.S. Pinheiro e M. Hall, *op. cit.*, p. 47.
[42] "As bases do acordo sindical". *A Lucta Proletária*, 21-03-1908, p. 1.

No entanto, afirmações como a que se segue, eram freqüentes na imprensa operária inspirada pelo *sindicalismo revolucionário*

> "Embora insuficientes e precários, os melhoramentos do dia-a-dia, conquistados e mantidos pelo exercício contínuo da ação direta, não são, mesmo sob o ponto de vista econômico, para desprezar. (...) Nos países em que as greves se repetem continuamente é onde os operários têm conseguido salários mais elevados. As greves, pois, não devem condenar-se em nome dos interesses dos trabalhadores"[43].

Os sindicalistas revolucionários acreditavam pois que o melhor meio para alcançar seus objetivos a curto e a longo prazo era a ação coletiva e direta dos trabalhadores. Insistiam na importância para a ação direta de uma organização dos trabalhadores nos próprios locais de produção. Isso levava-os a considerar os sindicatos como os veículos decisivos da luta de classes.

Vários autores consideram que essa orientação autonomista que pode ser simbolizada pela primazia dada ao sindicato, estende-se também a esferas mais amplas da vida cultural e política e constituem um dos aspectos mais marcantes e mais originais do movimento sindicalista revolucionário. Segundo Jacques Julliard, o objetivo maior desse movimento teria sido o de transformar o isolamento social dos operários em atitude voluntária, de se aproveitar dessa marginalização imposta à classe operária e de metamorfoseá-la em consciência autônoma, de transformar a exclusão em secessão e de voltar contra a burguesia as armas que ela dirigia contra as massas operárias[44].

---

[43] "Para refletir". *A Voz do Trabalhador*, 15-02-1913, p. 1.

[44] Ver J. Julliard. *Autonomie Ouvrière... op. cit.*, p. 24 e M. Van der Linden e W. Thorpe. "Essor e déclin du syndicalisme révoluttionnaire. *Le Mouvement Social*, n. 159, avril-juin, 1992. Alguns historiadores consideram o estudo de Jacques Julliard um trabalho político, pois nos anos 1960 ele era um militante da CFDT que lutava pela laicização do sindicato, ainda marcado pelos resíduos da origem católica. Ele teria ido buscar na Carta de Amiens os princípios do sindicalismo autônomo, ou seja o sindicalismo revolucionário foi um terreno de pesquisa dos fundamentos da linha assumida pela CFDT depois de 1968: a autonomia sindical,

Autonomia é uma das palavras-chave para a compreensão desse movimento. Para os sindicalistas revolucionários, a classe operária constituía uma força interessada na mudança. O terreno econômico era seu campo de batalha e a ação direta sua arma natural. Seus meios de ação eram as associações de trabalhadores geridas pelos próprios trabalhadores. O jornal *Voz do Trabalhador* aconselhava ao proletariado:

> "(...) Antes de tudo deveis assegurar vossa autonomia completa de classe (...) O proletariado não pode elevar-se intelectual e moralmente senão pelo sindicalismo"[45].

Além da CGT dessa época, as organizações do *sindicalismo revolucionário* atingiram a supremacia na Espanha, Portugal e Argentina. Na Itália, ainda que nunca tenha sido hegemônico, o *sindicalismo revolucionário* constituiu uma força muito importante. Lá como na Argentina, o *sindicalismo revolucionário* nasceu no interior do Partido Socialista.

Na Itália, é a partir do Congresso de Imola em 1902, como veremos no primeiro capítulo, que um grupo de socialistas, entre os quais se destacava Arturo Labriola, passou a reavaliar a função dos sindicatos operários em relação ao partido, propondo a constituição de um novo grupo decidido a travar uma luta radical com a burguesia, polemizando também com o partido socialista que já tomara o caminho de uma tática reformista. Esse sindicalismo era um fato novo no socialismo italiano que Gramsci classificou como "a expressão instintiva, elementar, primitiva, mas sã, da reação operária contra a aliança com a burguesia e por uma aliança com os camponeses"[46].

---

a organização federativa e a autogestão. Ver sobre isso Maria Malatesta. "Gramsci e il sindacalismo rivoluzionario. Riflessioni sul rapporto tra analisi storiografica e giudizio de valore". *Ricerche Storiche*, 1981, p. 330. Acredito, porém, que esse interesse militante pelo tema não impediu o autor de analisar criticamente seu objeto de pesquisa

[45] "A obra do sindicalismo". *Voz do Trabalhador*. 05-07-1914, p. 1.

[46] Apud Gian Biagio Furiozzi, *op. cit.*, pp. 95-96.

A teoria soreliana do *sindicalismo revolucionário*[47] encontrava terreno fértil entre esses socialistas insatisfeitos com os rumos que tomava a luta política conduzida pelo partido socialista. Tornaram-se inimigos do Estado e de suas instituições, mesmo antes do contato com Sorel, e estavam decididos a levar no terreno político a luta de classes e subordinar suas ações reivindicativas à exigência revolucionária. A greve geral de 1904 na Itália foi o primeiro grande experimento de ação direta de inspiração sindicalista revolucionária.

Algumas interpretações fazem do *sindicalismo revolucionário* uma tradução em meio ao movimento operário das evoluções técnicas da indústria, ou seja, da chamada segunda revolução industrial. Para alguns autores é necessário procurar as bases do movimento nos setores atrasados e marginalizados da classe operária. O *sindicalismo revolucionário* encontrar-se-ia em centros de industrialização recente, com uma classe operária jovem onde a indústria teria uma organização mais moderna e homogênea. Creio que é preciso ter cuidado com esse determinismo tecnológico, que reduz os operários a puros produtos da sociedade capitalista. A escolha de uma certa tática de luta era determinada por um conjunto de fatores associados e da avaliação que os trabalhadores faziam dos seus problemas e da sociedade em que viviam.

As pouquíssimas conquistas obtidas na área social com a experiência reformista tinham desiludido os trabalhadores em vários países[48]. O sindicalismo revolucionário foi

[47] A importância das idéias de Georges Sorel para o movimento sindicalista revolucionário será discutida mais adiante.

[48] No caso do Brasil, as várias tentativas de criação de partidos que representassem os operários não foram bem sucedidas. Além disso, os trabalhadores, não sem razão, viam os patrões e o governo como inimigos e não punham esperanças na criação de leis que dificilmente seriam cumpridas. Desde 1907, por exemplo, uma lei garantia o direito de formação de sindicatos (decreto 1637, publicado no *Diario Official* da União em 11 de janeiro de 1907), o que não fazia com que a polícia fosse impedida de invadir a sede da FOSP e destruir móveis, livros e prender sindicalistas. Assim, os trabalhadores apostavam mais na negociação com o patrão, e

capaz de canalizar esse estado de espírito, radicalizando-o na rejeição do jogo político no interior dos mecanismos democráticos da sociedade liberal. Ele conseguiu associar os trabalhadores, transformando solidariedades preexistentes, embora nem sempre tenha conseguido conquistas duradouras. Foi uma tentativa de ruptura dos limites estreitos dentro dos quais a sociedade política da época pretendia fechar-se.

No Brasil, desde os últimos anos do século XIX, o movimento operário de São Paulo expandia-se progressivamente, e várias novas organizações foram sendo criadas. Grande parte desse movimento inspirava-se então nos princípios do *sindicalismo revolucionário*, um movimento em cuja teoria convergiam idéias socialistas e anarquistas, que juntas deram lugar a uma experiência nova, que pretendia reunir no mesmo sindicato trabalhadores de diferentes tendências. Também no Brasil, os operários perceberam o seu mundo e agiram sobre ele, e utilizaram, muitas vezes, a linguagem e a ação do *sindicalismo revolucionário* em resposta a seus problemas e preocupações concretas.

O sindicato, na concepção sindicalista revolucionária, deveria ser um espaço capaz de superar as diferenças entre os operários. O *sindicalismo revolucionário* era uma tentativa de fazer com que os operários se identificassem antes de tudo como operários, "considerando que o operariado se acha[va] extremamente dividido pelas suas opiniões políticas e religiosas", como se lê nas resoluções do Primeiro Congresso Operário Brasileiro[49]. Havia então esse esforço em manter o que chamavam de neutralidade política dos sindicatos, que não podiam nem deviam ser anarquistas nem socialistas, mas simplesmente operários.

---

no controle da manutenção dos acordos através da ação direta como greves, manifestações, boicotes e sabotagem.

O fundamento da concepção sindicalista revolucionária era o trabalho, o respeito do trabalho, sua utilidade e sua organização: uma moral de classe baseada no respeito do trabalho. Esta posição *ouvrieriste* é um dos elementos que diferenciam o *sindicalismo revolucionário* do anarquismo, tema que desenvolveremos mais adiante.

A penetração entre os trabalhadores de São Paulo no período destas idéias do sindicalismo revolucionário, ou seja, a da necessidade da unidade e do respeito pelos trabalhadores é evidenciada pelas greves de solidariedade, que foram inúmeras dentro de cada fábrica ou de uma categoria ou até gerais, como foi a de 1906. Vários outros movimentos e greves eram desencadeados pelo que os trabalhadores consideravam desrespeito à dignidade operária, freqüentemente os abusos e a violência dos contramestres.

Os trabalhadores inspirados pelo sindicalismo revolucionário procuravam demonstrar que os conflitos entre as diferentes "escolas" políticas não deveriam resultar em conflito de interesses entre os operários, uma vez que eram todos igualmente sujeitos à exploração capitalista. Considerava-se que aí estava a força do sindicalismo: assim anarquistas, socialistas, republicanos, católicos ou outros eram convidados a participar do trabalho de emancipação da classe trabalhadora. Dentro do sindicato todos eram operários; fora dele cada um poderia ser o que bem entendesse. Esse esforço de harmonização é uma clara evidência de que os conflitos que dividiam operários e militantes era intenso também em São Paulo. O critério para a participação no sindicato era ser trabalhador e não anarquista, socialista ou outro.

Tiveram participação importante nesse movimento no Brasil alguns dos principais nomes do *sindicalismo revolucionário* italiano, como os socialistas Alceste De Ambris e Edmondo Rossoni e também o anarquista Giulio Sorelli, dos quais analisaremos as

[49] Resoluções do Primeiro congresso Operário de 1906 in P.S. Pinheiro e M. Hall, *op. cit.*, p. 46.

trajetórias políticas e sindicais nos capítulos seguintes. Além deles, vários outros italianos socialistas, anarquistas e outros participaram da tentativa de construção do *sindicalismo revolucionário* no Brasil.

As citações de jornais brasileiros apresentados até aqui visam demonstrar que também no Brasil o *sindicalismo revolucionário* foi um fator de atração considerável. Vários sindicatos de ofício, a FOSP e a COB inspiraram-se nessa doutrina. Em alguns casos, os partidários do *sindicalismo revolucionário* parecem ter exercido um papel de oposição interna nas organizações de orientação diferente. É claro que é necessária uma interrogação crítica sobre as intenções proclamadas e os resultados obtidos, mas não se pode negar a influência que as idéias e práticas do *sindicalismo revolucionário* tiveram sobre a experiência de organização dos trabalhadores em São Paulo no início do século.

É interessante retomar aqui a sugestão de Antonio Cândido. "Alguém deveria estudar a fundo os grupos de militantes italianos que atuaram naquela altura - socialistas, anarquistas, sindicalistas"[50]. Em inúmeras referências e nas fontes do período, encontramos o termo sindicalista dissociado de anarquista ou socialista, ou seja, o sindicalismo também aqui era freqüentemente reconhecido como uma corrente autônoma. Os adeptos do sindicalismo revolucionário eram reconhecidos e chamados de sindicalistas.

Em 1909, por exemplo, um relatório de um comissário de polícia italiano, que atuava junto ao Consulado de São Paulo, vigiando as atividades dos "grupos subversivos", indicou a presença, em São Paulo, de grupos de várias tendências políticas: os socialistas, que segundo ele se tornavam cada vez mais reformistas, os republicanos, os anarquistas e os que ele considerava "os mais irredutíveis socialistas, conhecidos sob o nome de

sindicalistas revolucionários", afirmando que estes últimos não eram poucos, especialmente em São Paulo, que tinha acolhido muitos dos sindicalistas refugiados da Itália[51]. Embora classificando-os como socialistas, o policial identifica os sindicalistas revolucionários como um grupo autônomo, separado tanto dos socialistas quanto dos anarquistas.

Ainda em 1931, o relatório sobre a FOSP feito por um policial, provavelmente infiltrado no movimento operário, visto o seu grau de informação, enviado ao delegado de ordem social, observava:

> "Existem atualmente três tendências definidas de idéias sociais proletárias: anarquistas, sindicalistas e comunistas"[52].

A tradição sindicalista na FOSP parece ter durado muito, mesmo no contexto em que os comunistas empenhavam-se para assumir o controle dos sindicatos. Prevalecia ainda a idéia de unidade da classe trabalhadora. O policial continua avaliando a situação da federação operária da seguinte maneira:

> " (...) Chegam alguns a fazer do sindicalismo um verdadeiro corpo de doutrinas que, em tese, tem a seguinte expressão doutrinária: todo o poder aos sindicatos. Este doutrinarismo sindicalista é muito discutido pelos anarquistas negativistas do valor efetivo do sindicalismo como doutrina específica que basta a si própria (...) Os sindicalistas concebem, com os anarco-sindicalistas, o sindicalismo como uma doutrina social definida, e são os que constituem atualmente a maioria no campo operário. (...) A FOSP é uma continuação histórica do movimento operário do Estado e foi criada pelos sindicalistas e anarco-sindicalistas há mais de 25 anos, tendo já realizado três conferências operárias estaduais. Mantém essa Federação o critério histórico do sindicalismo, a concepção apolítica, isto é antipolítica. Em seu seio agrupam-se todas as tendências e todos os

[50] Antonio Candido. *Teresina, etc.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992, p.55.
[51] Relatório do Comissário de Segurança Pública, Cesare Alliata-Bronner, funcionário do serviço especial de vigilância, junto ao Consulado italiano em São Paulo, 30-06-1909. ACS de Roma, citado por P.S. Pinheiro e M.Hall, *op.cit.*, pp.109-110.
[52] Carta de Antonio Ghioffi ao Dr. Ignacio da Costa Ferreira. Md. Delegado de Ordem Social. São Paulo, 10-06-1931. Federação Operária de São Paulo (FOSP), Prontuário n. 716, vol. 2, Arquivo do Estado de São Paulo, Delegacia de Ordem Política e Social (AESP, DOPS).

> credos, não aceitando o predomínio de nenhuma tendência e de nenhum credo. A sua linha é de ação essencialmente econômica"[53].

Este trecho reafirma a idéia de que para uma parte considerável dos líderes e trabalhadores que atuavam no sindicato, o sindicalismo era uma doutrina política autônoma, constituindo estes, segundo o relato, a maioria no mundo operário paulista. Observa também a desconfiança e a discordância de anarquistas em relação a uma doutrina que considerava que o sindicato bastava a si mesmo, ou seja, era a única organização que bastava para os trabalhadores conduzirem as lutas por direitos e garantia dos direitos. E essa tendência é reconhecida como uma característica histórica do movimento operário do Estado de São Paulo, que a FOSP representava desde o início do século. O esforço de garantir a unidade da classe trabalhadora era mantido, reafirmando a idéia do sindicalismo revolucionário de não se associar a nenhuma tendência política específica, de modo que trabalhadores de todas as tendências pudessem fazer parte da federação e reconhecê-la como defensora de seus interesses. Ele afirma também que a ação do sindicato era essencialmente econômica, ou seja, limitava-se a reivindicar melhorias para os trabalhadores, através da organização e da ação direta, sobretudo as greves.

Alguns meses antes, o secretário da FOSP, escrevendo ao interventor federal em São Paulo, tinha afirmado o caráter sindicalista revolucionário da federação, que depois seria confirmado pelo relatório policial:

> "(...) A Federação Operária de São Paulo, organismo que, em justiça, não poderá ser acusada de alimentar exóticas ideologias, pois na 3ª Conferência Operária Estadual, realizada nesta cidade, ficou plenamente demonstrada que a sua orientação é absolutamente sindicalista

[53] Idem.

> revolucionária, contrária, então, à orientação política do partido bolchevista, conhecido mais pelo nome de Partido Comunista"[54].

Essa é apenas mais uma fonte que confirma a tese da influência das idéias sindicalistas revolucionárias no movimento operário paulista, e negam sua associação direta a uma corrente política, como o anarquismo. Ela reafirma também o caráter sindicalista do movimento, ou seja, o esforço para conseguir o melhoramento das condições de vida e de trabalho. É claro que tomada separadamente a carta do secretário da federação poderia ser compreendida somente como uma tentativa de driblar a repressão. Entretanto, o relatório do policial confirma o relato do secretário. Portanto essa fonte, cruzada com as tantas outras que encontramos, inclusive o debate entre os diferentes grupos, confirmam a hipótese defendida por este estudo.

2. *Sindicalismo revolucionário* e anarquismo

Mas quais são, efetivamente, as relações entre *sindicalismo revolucionário* e anarquismo no período que estamos analisando? A questão é bastante complexa e respostas contraditórias foram dadas por historiadores e militantes do movimento operário.

Para uns, *sindicalismo revolucionário* e anarquismo eram dois movimentos diferentes e nessa interpretação o *sindicalismo revolucionário* era visto como uma ruptura tanto com o anarquismo como com o socialismo. Ele seria um outro socialismo, o socialismo operário.

---

[54] Carta do Secretario Geral da Federação Operaria de São Paulo ao Coronel João Alberto, Interventor Federal no Estado de São Paulo. São Paulo, 14-04-1931, Federação Operária de São Paulo (FOSP), Prontuário n. 716, vol. 2, Arquivo do Estado de São Paulo, Delegacia de Ordem Política e Social (AESP, DOPS).

Para alguns militantes, no entanto, a despeito das críticas ao anarquismo, sobretudo às suas divisões e à sua impotência, o sindicalismo revolucionário não representaria uma corrente nova, ou seria uma corrente nova mas dentro do próprio anarquismo, o anarquismo operário, o que fica evidente neste artigo escrito jornal *Voz do Trabalhador*:

> "O anarquismo apartado do movimento operário entrou de definhar, de se consumir num criticismo estéril e impotente, de se dividir em pequenas capelas, por vezes ridículas, com infiltração de individualismo burguês ou de misticismo, divagações metafísicas e torneios intelectuais de diletantes e de snobes. (...) Por fim tornou-se a encher-se a maré revolucionária. Os sindicatos, desiludidos do reformismo chato e do democratismo, adquiriram na França novo espírito; e os anarquistas, reanimados, lançavam-se de novo no movimento operário... Eis reatada a tradição da Internacional com o enriquecimento da prática e da teoria e com as modificações dos novos tempos. Eis revivificado o anarquismo operário, às vezes sob o nome de 'sindicalismo revolucionário', que é para muitos um simples eufemismo"[55].

Na verdade, havia variações de interpretação até mesmo entre os anarquistas engajados no movimento sindical. Para alguns, o *sindicalismo revolucionário* era o anarquismo operário, um anarquismo realista e concreto, que não se satisfazia com negações ou afirmações abstratas, e que confiava na classe operária.

Para outros, tendo nascido de um duplo movimento de reação contra o desvio do socialismo na política parlamentar e o desvio do anarquismo no intelectualismo, no antiorganizacionismo ou no terrorismo, o sindicalismo pretendia ultrapassar um e outro e assumir a direção da emancipação operária, como se deduz dessa passagem da *Voz do Trabalhador*:

> "É evidente que o sindicalismo não poder ser colocado sob a bandeira da democracia social ou de qualquer outro partido parlamentar. Por outro lado, não podemos dizer que a fórmula seja anarquista, pois o sindicalismo permite que

[55] " Anarquismo e sindicalismo". *A Voz do Trabalhador*, 01-01-1915, p. 3.

> seus aderentes individualmente tomem parte na agitação eleitoral, ao passo que o anarquismo obriga os seus partidários não só a absterem-se de intervir nas eleições como combater e expor a futilidade da legislação parlamentar (...) Pela definição dos fins e táticas, o sindicalismo encerra uma verdadeira concepção operária da sociedade futura"[56].

Portanto havia socialistas engajados no movimento sindicalista revolucionário que acreditavam que o sindicalismo fosse o verdadeiro herdeiro do socialismo. Havia também anarquistas que viam no sindicalismo revolucionário o verdadeiro anarquismo. E havia também os militantes que reconheciam o sindicalismo revolucionário como uma corrente política autônoma em relação ao socialismo e ao anarquismo. Entretanto, os anarquistas engajados no movimento sindicalista revolucionário receberam duríssimas críticas de grande parte do mundo anarquista[57].

Apesar dos objetivos comuns, os anarquistas divergiram muito sobre as estratégias, os caminhos a percorrer. Entre as questões sobre as quais parece não ter havido consenso durante toda a história do movimento estava a de atuar ou não junto aos sindicatos e como fazê-lo. Como vimos, também no Brasil alguns anarquistas mantiveram-se em oposição radicalmente hostil ao sindicalismo. O sindicato era então condenado não mais pela inutilidade, mas pelo reformismo, que faria perdurar a sociedade capitalista.

Uma vez que a política institucional era um campo de luta inconcebível para os anarquistas, era necessário criar outros novos, sob o risco de cair na esterilidade. Num certo momento, o sindicato passa a ser visto por muitos anarquistas como o espaço privilegiado para a ação. A reação à idéia de que só se derrubaria a sociedade através de insurreições surgiu, no plano teórico, na forma do anarco-comunismo, cujos maiores representantes

---

[56] "Sindicalismo – Concepção operária do socialismo". *Voz do Trabalhador*, 01-07-1913, p.1.

[57] Veremos essas polêmicas intensas e as críticas dos anarquistas à participação nos sindicatos na Itália, no capítulo 1 e em São Paulo, no capítulo 3, dedicado a Giulio Sorelli.

foram Kropotkin e Malatesta. Essa nova teoria desempenhou uma função vital no movimento anarquista. Certamente, os anarquistas também foram sensíveis aos elementos de ruptura introduzidos na história social pelo massacre que se seguiu à Comuna de Paris[58].

Os acontecimentos passados haviam também demonstrado que a fórmula terrorista era contraproducente e então a única maneira de não se limitar à divulgação teórica era defender a formação de sociedades de oficio. A partir dessa nova estratégia, os anarquistas decidiram acelerar sua entrada nas sociedades de resistência, mas para evitar que os socialistas se apoderassem delas. A idéia da greve geral aparece então como o grande instrumento ou mesmo o único meio possível na estratégia anarco-comunista. Entretanto, o novo fervor pela greve geral insurrecional era diferente da dos sindicalistas revolucionários e parecia uma outra versão da velha fé anarco-comunista no ataque revolucionário[59].

Assim, muitas vezes, o ingresso dos anarquistas nas sociedades de resistência e o seu esforço para presidi-las, pareciam ter uma justificativa, do ponto de vista libertário, puramente tática: deter avanços socialistas ou de outras tendências. Também no Brasil, percebe-se esse comportamento:

> "(...) Se não querem ficar isolados e impotentes, os anarquistas devem tomar parte direta na luta operária, organizando as sociedades de resistência e orientando os trabalhadores nos seus conflitos contra o Capital e o Estado. Do contrário, outros virão a servir-se das necessidades que os proletários sentem de melhorar a sua triste situação, afastando-os da verdadeira luta."[60].

Assim os anarquistas aproximavam-se das estratégias do *sindicalismo revolucionário* procurando racionalizar os esforços de difusão da idéia anarquista. Pareciam

---

[58] Sobre esse tema ver Jacques Julliard. *Autonomie ouvrière..., op. cit.*

[59] Sobre essa questão ver Joaquim Romero Maura. *La Rosa de Fuego – Republicanos y anarquistas: la política de los obreros barceloneses entre el desastre colonial y la semana tragica 1899-1909.* Barcelona, Grijalbo, 1975.

[60] "Atitude dos anarquistas ante o movimento operário". *Guerra Sociale*, 13-11-1915, p. 3.

acreditar que se o sindicato se mantivesse fechado à toda interferência política, com autonomia de ação, ele se tornaria anarquista. Julgavam também que num movimento sindical adequadamente organizado, sem burocracia, hostil a toda política reformista e a toda colaboração com o Estado, os operários iriam adquirindo uma consciência revolucionária.

Mas alguns anarquistas passaram a acreditar mais na importância do sindicato como estratégia tanto para a luta quotidiana como para a construção da sociedade futura, abraçando o sindicalismo revolucionário e foram duramente criticados pelos chamados anarco-comunistas, como Malatesta.

Para o francês Emile Pouget, cujos textos foram continuamente publicados pela imprensa operária no Brasil, se o sindicato era no presente o organismo de luta e reivindicação dos trabalhadores contra os seus patrões, no futuro ele seria a base sobre a qual se ergueria a nova sociedade, enfim libertada de toda exploração e tirania. Ele é um dos exemplos, como Giulio Sorelli é também em São Paulo, do militante que, embora não abandonando a doutrina anarquista como teoria, fora do sindicato, dentro do sindicato aceita as idéias do *sindicalismo revolucionário*, e acaba assumindo idéias não anarquistas como a do sindicato como instituição-base da futura sociedade. Portanto, tanto a CGT francesa quanto a FOSP, por exemplo, tinham atuando em seu interior militantes e trabalhadores que podiam ser sindicalistas revolucionários puros, ou socialistas, ou anarquistas ou de outras tendências, por motivos talvez diversos, mas, lá como aqui, tinha sido vitoriosa a idéia sindicalista revolucionária segundo a qual o sindicato não podia ser nem anarquista nem de outra tendência política. Assim sendo, a CGT, a IWW, a FOSP, as muitas Câmaras do Trabalho italianas lideradas por sindicalistas revolucionários, a COB e

mesmo as várias ligas de ofício, não eram anarquistas, embora tivessem anarquistas, mas não só, no seu interior.

O *sindicalismo revolucionário* teve maior sucesso entre os trabalhadores organizados por dois motivos básicos: ele aceitava e defendia a luta quotidiana por melhorias, mesmo que a linguagem fosse revolucionária, e era um esforço para atenuar divergências que dividiam os operários, ou seja, era um fator de unificação importante.

Os anarquistas que atuaram nos sindicatos, junto a sindicalistas revolucionários puros, socialistas e outros manifestaram graus de adesão variável em relação às idéias sindicalistas revolucionárias. Porém, volto a frisar, parte dos militantes e dos participantes dos sindicatos e federações eram anarquistas, mas os sindicatos e federações não eram anarquistas, e nem se comportavam como tal: tinham cotas mensais, secretários e desenvolveram uma luta reformista, ou seja, voltada a melhorar as condições de trabalho, os salários, diminuir as horas de trabalho, ou seja, visando melhoramentos dentro do sistema existente. Essa questão da relação *sindicalismo revolucionário* e anarquismo será retomada em vários outros momentos da tese.

3. O *sindicalismo revolucionário* na historiografia brasileira

Vários estudos sobre o movimento operário, a imigração e o anarquismo na Primeira República foram importantes para que eu chegasse a formular as questões desse trabalho. Foram trabalhos que apresentaram questionamentos diferentes dos meus, mas como o conhecimento histórico é certamente cumulativo, muitas idéias e informações nele

presentes me ajudaram neste trabalho[61]. Particularmente importantes foram as idéias de Cláudio Batalha que no seu estudo sobre o sindicalismo "amarelo" no Rio de Janeiro convidou-nos a ver a classe operária e o movimento operário no Brasil para além dos seus mitos. Entre esses mitos ele aponta justamente o mito de um movimento operário caracterizado unicamente pelo chamado anarco-sindicalismo[62]. Creio que meu trabalho contribuirá para a ampliação do conhecimento sobre os trabalhadores da Primeira República, acrescentando idéias e informações aos trabalhos já existentes sobre o período.

A historiografia brasileira que tratou de alguma maneira do *sindicalismo revolucionário*, o fez considerando-o somente como parte da história do anarquismo no Brasil. O termo sindicalismo revolucionário não é empregado, ou aparece somente com sinônimo de anarco-sindicalismo. Meu trabalho pretende mostrar que esse tratamento não é correto pois o movimento sindicalista revolucionário, como procurei já demostrar até aqui, esteve envolvido em uma grande complexidade, envolveu elementos não ligados ao anarquismo e sobretudo pretendeu criar um sindicato não anarquista, mas onde coubessem todos os trabalhadores, independentemente de suas concepções políticas ou religiosas, mas que, superando diferenças, fizesse com que os trabalhadores se identificassem antes de tudo como operários.

---

[61] Ver, entre outros, Zuleika Alvim. *Brava Gente. Os italianos em São Paulo 1870-1920.* São Paulo, Brasiliense, 1986; Dora Barrancos. *Anarquismo, Educación e Costumbres em la Argentina de princípios de siglo.* Buenos Aires, Contrapunto, 1989. Cristina Hebling Campos. *O sonhar libertário – movimento operário nos anos de 1917 a 1921.* Campinas, Unicamp, 1988; Boris Fausto. *Trabalho urbano e conflito social.1890-1920.* São Paulo, Difel, 1976; Eric A. Gordon. *Anarchism in Brazil: theory and practice, 1890-1920.* Michigan, Ann Arbor, 1978; Francisco F. Hardman. *Nem pátria, nem patrão – vida operária e cultura anarquista no Brasil.* São Paulo, Brasiliense, 1983. Flávio Luizzetto. *Presença do anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional – 1900-1920.* Tese de Doutorado , São Paulo, USP, 1984. Sílvia Magnani. *O movimento anarquista em São Paulo. 1906-1917.* Campinas, 1979; Sheldon L. Maram. *Anarquistas, Imigrantes e movimento operário no Brasil* (1890-1920). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979; Margareth Rago. *Do cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar.* Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

[62] Ver Cláudio Batalha., *op.cit.*

Giuseppina Sferra[63] preocupou-se em examinar as tendências libertárias, anarquista e anarco-sindicalista, que teriam orientado a organização da classe operária brasileira, sobretudo paulista. Segundo ela, no Primeiro Congresso Brasileiro é clara a presença anarquista e anarco-sindicalista como orientação majoritária do movimento operário de São Paulo. Para chegar a essa conclusão, a autora se limita ao estudo de dois periódicos: *La Battaglia*, anarquista e *A Terra Livre*, porta-voz do anarco-sindicalismo. Para ela, esses dois jornais não representariam uma categoria definida de trabalhadores e nem um grupo político, mas seriam representantes do proletariado em geral. A autora nesse trabalho procurou analisar os princípios e a orientação das ligas, sindicatos e da federação operária, ou seja, o movimento operário, mas limitou-se a análise de dois jornais anarquistas, ignorando os jornais que eram expressão das ligas e da própria federação e outras fontes que permitem reconstruir um quadro diferente sobre a teoria e a prática sindical na São Paulo do período.

Jacy Seixas, que em seu trabalho procurou fazer uma genealogia da história social e política das classes trabalhadoras no Brasil, estudando Rio de Janeiro e São Paulo, desfazendo mitos que foram criados pelo movimento comunista posterior ou pelo Estado, foi a única a utilizar o termo *sindicalismo revolucionário*[64]. Entretanto, o uso que ela faz do termo é impreciso, pois ela emprega sindicalista revolucionário como sinônimo de anarquista sindicalista, considerando que o grupo anarco-comunista que adere ao *sindicalismo revolucionário* permanece inteiramente fiel a suas raízes anarquistas e que o momento de diferenciação, ou seja, o momento de entrada dos anarquistas nos sindicatos, não teria significado uma ruptura dentro do movimento anarquista brasileiro. Ora, amplos

[63] Giuseppina Sferra. *Anarquismo e anarcossindicalismo*. São Paulo, Ática, 1987.

debates na imprensa anarquista contra o sindicalismo revolucionário e contra a participação de anarquistas nos sindicatos, ao menos em São Paulo, demonstram que a conclusão da autora não é correta. Ela considera também que "o movimento anarquista brasileiro, rico em malatestianos, nunca terá seu Monatte"[65], referindo-se ao militante francês Pierre Monatte que no congresso anarquista de 1907 polemizou com Malatesta ao definir o *sindicalismo revolucionário* como a doutrina que fazia do sindicato o órgão e da greve geral o meio da transformação social[66]. Meu trabalho pretende demonstrar que São Paulo teve o seu Monatte, que foi Giulio Sorelli e que o *sindicalismo revolucionário* em São Paulo significou mais do que a simples participação de anarquistas no sindicato.

Uma série de condicionamentos históricos e políticos fizeram com que grande parte da historiografia enfatizasse a presença anarquista entre os trabalhadores da Primeira República, o que obscureceu outras experiências da organização operária e a influência de outras tendências políticas entre os trabalhadores.

O surgimento de vários novos estudos sobre o anarquismo, no Brasil como em outros países, deveu-se sobretudo ao fato de que a decepção com as "ditaduras do proletariado" havia aberto um espaço para o estudo da perspectiva libertária na história do socialismo, deixando de analisá-la unicamente como curiosidades pré-políticas ou fracassos históricos. De fato, algumas das previsões anarquistas, como o perigo da centralização do poder, do autoritarismo, da burocracia nos estados, partidos e movimentos, haviam se mostrado realistas e a retomada de alguns temas caros ao anarquismo, a partir de 1968,

---

[64] Jacy Alves de Seixas. *Mémoire et oubli. Anarchisme et syndicalisme révolutionnaire au Brésil.* Paris, Ed. de la Maison des sciences de l'homme, 1992.
[65] Idem, p.107.
[66] Esse debate será apresentado mais adiante.

pareciam fazê-lo ressurgir como força política. Um dos argumentos centrais da análise marxista, o da inevitabilidade histórica da revolução proletária, havia perdido sua força, o que fazia do anarquismo, para alguns, uma alternativa revolucionária. O interesse e o entusiasmo pelo anarquismo penetraram também nas universidades.

Entretanto, alguns historiadores marxistas consideraram desmedido esse grande entusiasmo. Eric Hobsbawm, por exemplo, argumentou em um artigo do fim dos anos 60, que nenhuma simpatia poderia modificar o fato de que, como movimento revolucionário, o anarquismo tinha fracassado, e considerou o grande interesse que renasceu por ele inesperado, surpreendente e injustificado. Ele argumentou também que, de qualquer forma, no plano ideológico das teorias e dos programas, o anarquismo permanecia marginal e que, além de propor a democracia direta de pequenas comunidades independentes, os anarquistas não teriam apresentado propostas particularmente úteis para o futuro. Para Hobsbawm, a anarquia não deu nenhuma contribuição significativa para o socialismo, embora ele defenda, no mesmo artigo, a utilidade da função crítica do anarquismo e sua contribuição à estratégia e à tática revolucionária: o anarquismo foi mais sensível aos fluxos espontâneos nos movimentos de massa, o que se apreende na experiência histórica do movimento anarquista[67].

No Brasil, houve também um grande interesse pela recuperação da história da presença anarquista. Superando-se uma visão que associava a consciência de classe somente à formação do partido, analisou-se a experiência anarquista como válida e importante no momento de constituição da classe operária brasileira.

[67] Eric J. Hobsbawm. "Quale insegnamento può ancora offrire l'anarchismo?". In *Critica dell'anarchismo*. Vicenza, Mondadori, 1970.

Anteriormente, análises vindas de membros do partido comunista tinham procurado eliminar a experiência anarquista considerando-a pré-política, romântica, ingênua. Astrolgildo Pereira, por exemplo, tratando do anarquismo como tema secundário, considerou-o uma ideologia pequeno-burguesa, responsável pela fraqueza e pelas derrotas do primeiro movimento operário[68]. Essa desqualificação do movimento operário inspirado pelo anarquismo tinha certamente por objetivo demonstrar que somente com a fundação do Partido Comunista, fruto do amadurecimento da classe operária depois de sua pré-história anarquista, ela conseguiria realizar seus objetivos[69]. No modelo de desenvolvimento do movimento operário presente nessas análises o anarquismo era visto como desvio e o conseqüente desprezo pelo tema fez com que se caísse em generalizações e esquematizações, fazendo com que se confundisse sob a denominação de anarquismo, correntes muito diversas.

As memórias de antigos militantes contestaram as análises realizadas anteriormente por militantes que tinham bem pouca simpatia pelas idéias anarquistas. Os autores anarquistas, como Edgard Leunroth e Edgar Rodrigues[70] levaram a recuperação dessa história ao extremo oposto, exagerando a eficácia e a importância do movimento, considerando as primeiras lutas operárias como a fase áurea do movimento, criticando todo

---

[68] Ver Astrogildo Pereira. *A formação do PCB*. Rio de Janeiro, Vitória, 1962.

[69] Gonzalo Zaragoza Ruvira em seu estudo sobre o anarquismo argentino observou que as análises socialistas e comunistas sobre o movimento operário na América Latina poderiam ser resumidos assim: 1) a predominância anarquista estava ligada às condições econômicas e sociais: o atraso no desenvolvimento industrial, a ausência de um proletariado autêntico, a origem nacional dos operários, na maioria italianos. 2) enquanto o socialismo se esforçava para organizar o movimento operário e dirigir sua luta contra o capitalismo, o anarquismo teria sido um fator de desordem, de confusão, que afastava os trabalhadores de suas justas reivindicações. 3)a ideologia anarquista estava desprovida de todo caráter científico e era ingênua, incoerente e utópica. Gonzalo Zaragoza Ruvira. "Anarchisme et mouvement ouvrier em Argentine a la fin du XIXe. siècle". *Le Mouvement Social*, n.103, avril-juin 1978.

[70] Ver Edgar Leuenroth. *Anarquismo (Roteiro de Libertação Social)*. Rio de Janeiro, Editora Mundo Livre, 1963 e Edgar Rodrigues. *Nacionalismo e Cultura Social (1913-1922)*. Rio de Janeiro, Laemmert, 1972 e *Os Anarquistas (Trabalhadores Italianos no Brasil)*. São Paulo, Global, 1984.

movimento posterior como autoritário e reformista[71]. A complexa questão da memória, que leva a lembrar, esquecer e construir e a instrumentalização política do passado fizeram com que os primeiros desqualificassem a experiência operária na Primeira República e que os segundos a mitificassem. Por motivos opostos, ambos tenderam a reduzir à experiência anarquista toda a experiência operária na Primeira República.

Os primeiros estudos acadêmicos sobre o anarquismo foram feitos por cientistas sociais. Azis Simão, por exemplo, vinculou a penetração do anarquismo à organização político-econômica do país: a política do Estado e a posição da indústria na economia. Para ele o anarquismo, de certa maneira, corresponderia à política do Estado, ao propor que as relações de trabalho deveriam ser resolvidas diretamente entre patrões e operários[72]. Para Bóris Fausto, a crítica anarquista era formulada em termos morais sem conseguir propor táticas e alianças que pudessem tornar viáveis seus objetivos. Para ele, os anarquistas teriam contribuído para o isolamento do proletariado de origem estrangeira e teriam assim ido ao encontro dos interesses das classes dominantes. Para ele, a recusa da instância política formal e a conseqüente não formação de um partido teria sido um entrave na organização dos trabalhadores[73].

Boris Fausto considera também que a dificuldade de organização da classe trabalhadora só seria superada nos anos 1917-1920, período em que em São Paulo houve mais de cem greves. Porém não se pode pensar que toda essa organização tenha surgido de um momento para o outro. Ela era resultado de anos de esforços de organização dos

---

[71] Hobsbawm alerta que toda história operária de dentro do movimento tende a identificar a classe operária com organizações, ideologias ou partidos específicos. Ver *Mundos do Trabalho*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, p. 18.

[72] Azis Simão. *Sindicato e Estado. Suas relações na formação do proletariado de São Paulo.* São Paulo, Dominus, 1960.

trabalhadores. A greve geral de 1917 envolveu milhares e milhares de trabalhadores e bairros operários como o Brás, a Moóca e o Ipiranga ficaram completamente tomados pelos grevistas[74]. Embora seja verdade que a maioria das grandes greves no período, não só no Brasil, estavam intimamente ligadas a períodos de grande carestia e fome, não se pode pensar que greves como a de 1917 se devesse somente ao espontaneísmo e à improvisação. Elas não surgiam do nada, mas estavam ligadas a experiências, mesmo que temporariamente adormecidas, de organização dos trabalhadores.

Bóris Fausto argumenta também que enquanto os trabalhadores do Rio de Janeiro procuravam com sua luta aumentar os salários, limitar a jornada de trabalho, obter melhores condições de trabalho e outras conquistas imediatas, os de São Paulo tinham por objetivo realizar a revolução transformando radicalmente a sociedade. Para ele, é só em 1917, com a criação do Comitê de Defesa Proletária, que se formou em São Paulo no curso da greve geral, é que os trabalhadores de São Paulo resolveram abandonar a doutrina anarquista e desistiram de revolucionar a sociedade para tentar melhorar suas condições de vida. Meu objetivo é demonstrar que também os trabalhadores de São Paulo procuraram associar à perspectiva a longo prazo de transformação radical da sociedade, um quotidiano reformista, que procurava melhorar as próprias condições de vida e de trabalho. A idéia que inspirou essa ação foi, em grande parte, não o anarquismo, mas *o sindicalismo revolucionário*.

Para a grande maioria dos autores que escreveram sobre esse período, em São Paulo o movimento operário teria sido caracterizado pelo anarquismo ou por uma versão dele, o anarco-sindicalismo, corrente que também teria predominado na Europa e nos Estados

---

[73] É clara a vinculação da análise de Fausto com os trabalhos de Hobsbawm, que considera a história do anarquismo somente como a história de um fracasso e exige do anarquismo justamente o que ele recusa, a formação do partido. Ver Eric Hobsbawm. *Rebeldes Primitivos*, Rio de Janeiro, Zahar, 1970.

[74] Sobre a greve de 1917 ver Cristina R. Lopreato. *O Espírito da Revolta (A greve geral anarquista de 1917)* Tese de Doutorado, Campinas, Unicamp, 1996.

Unidos entre o fim do século XIX e a Primeira Guerra Mundial. Isso certamente não é exato para a Europa e os Estados Unidos e nem mesmo para o Brasil.

Outros historiadores como Michael Hall e Paulo Sérgio Pinheiro propuseram em seus trabalhos uma interpretação que "ao invés de culpar as vítimas ou privá-las de capacidade de ação autônoma, procure dar conta da história da classe operária e do movimento operário como resultado de lutas concretas"[75].

O convite desses autores era para que se recuperasse a multiplicidade das expressões da classe operária, superando as visões de apatia, atraso, desvio geralmente imputados aos trabalhadores na Primeira República, deixando-se de forçar os sentimentos, pensamentos e práticas dos trabalhadores para encaixá-los em categorias pré-determinadas e preocupando-se mais com suas possibilidades e preocupações concretas[76].

Alguns autores estrangeiros, sobretudo E.P. Thompson, tiveram influência sobre essa renovação temática e teórica na historiografia sobre o movimento operário. Thompson define classe como uma categoria histórica, ou seja, as classes são consideradas formações históricas que não aparecem só nos modos prescritos como teoricamente adequados, criticando assim a idéia de falsa consciência e frisando que as classes surgem na luta de classes. Portanto em cada época e em cada lugar os trabalhadores agem e lutam de maneiras diferentes:

> "Nenhuma formação de classe propriamente dita da história é mais verdadeira ou mais real que outra e a classe se define a si mesma em seu efetivo acontecer"[77].

---

[75] P.S. Pinheiro e Michael M. Hall. "Alargando a história da classe operária: organização, lutas e controle. *Remate de Males*, n.5, Campinas, 1985, p.102.

[76] Ver P.S. Pinheiro e Michael Hall. *A Classe Operária no Brasil 1889-1930. Documentos vol.II, Condições de vida e de trabalho, relações com empresários e o Estado.* São Paulo, Brasiliense, 1981, p. 11.

[77] E.P. Thompson. "La sociedad inglesa del siglo XVIII: lucha de clases sin clases?" in *Tradicion, revuelta y consciencia de clase.* Barcelona, Critica, 1979, p. 38.

Thompson critica portanto a idéia de classe estabelecida através do lugar no processo produtivo. Para ele, a constituição de uma classe trabalhadora é tanto um fato de história econômica, quanto um fato de história política e cultural. Ele enfatiza que as experiências materiais dos trabalhadores são apreendidas segundo modelos interpretativos que se vinculam às suas próprias tradições políticas e culturais. É claro que esses valores e tradições são mutáveis e o seu peso pode variar consideravelmente de um movimento para o outro.

Embora a historiografia tenha tendido a classificar como anarco-sindicalista toda a atuação anarquista nos sindicatos durante a Primeira República, creio que uma análise mais detida permite vislumbrar o fato de que essa atividade para os anarquistas expressou em muitos momentos uma mudança muito mais estratégica do que doutrinária, enquanto os sindicalistas revolucionários confiavam plenamente nas virtudes do sindicato.

4. O *sindicalismo revolucionário* na historiografia italiana

Nenhum trabalho na historiografia italiana reconstruiu toda a história do movimento sindicalista revolucionário no país, restando ainda muitas lacunas e pontos obscuros para serem esclarecidos. As explicações para essa ausência são muitas, começando pela grande fragmentação dos locais onde o *sindicalismo revolucionário* se desenvolveu, fazendo com que a sua reconstrução seja difícil. A descentralização, que era justamente uma das bandeiras do *sindicalismo revolucionário* na sua polêmica anti-reformista, que protegia o movimento do centralismo burocrático e autoritário tão criticado, tornava extremamente

difícil para a "central" de Parma[78], que foi o principal laboratório do *sindicalismo revolucionário*, manter a disciplina e a coesão de um movimento tão variado. Essa fragmentação também se devia à grande diversidade das condições sociais, econômicas e políticas das várias áreas, tanto camponesas quanto industriais, onde o *sindicalismo revolucionário* foi fator de força na organização operária. Portanto é difícil falar da experiência italiana do *sindicalismo revolucionário* em uma fórmula que compreenda todos os movimentos.

O historiador Maurizio Antonioli argumenta que com os conhecimentos adquiridos e com uma maior sensibilidade diante do fenômeno sindical é possível analisar o *sindicalismo revolucionário* com a consciência de que se deve evitar as generalizações e acolher, sob a denominação de sindicalismo, uma pluralidade de histórias e de vocações, individuais e coletivas, dotadas de uma especificidade[79]. Isso não quer dizer, porém, que se deva buscar refúgio no empirismo total, renunciando à utilização de parâmetros interpretativos.

Além da diversidade geográfica, é preciso considerar também as diferentes fases da história do movimento, bastante diversificadas mesmo se consideramos um período breve de tempo. Na sua primeira fase o *sindicalismo revolucionário* italiano é uma corrente no interior do partido socialista, que representava a insatisfação de um pequeno grupo de intelectuais, sobretudo do sul do país, e depois se transforma em um poderoso sindicato nacional guiado por organizadores proletários que acabaram se opondo aos intelectuais. O próprio Arturo Labriola, um dos maiores ideólogos do *sindicalismo revolucionário*,

[78] Como veremos mais adiante, a cidade e a província de Parma foram o principal palco das grandes greves organizadas pelo *sindicalismo revolucionário* e onde Alceste De Ambris teve participação decisiva.
[79] Ver Maurizio Antonioli. *Il Sindacalismo italiano dalle origini al fascismo. Studi e ricerche.* Pisa, Edizioni BFS, 1997, p. 126.

comparou o movimento no início, a "um caldeirão no qual fervia toda espécie de coisas: anarquismo, espontaneísmo, revolucionarismo inclassificável, jacobinismo, e muito descontentamento de todos"[80].

As fontes não permitem uma reconstrução global do fenômeno. *L'Internazionale*, por exemplo, que foi sem dúvida o periódico mais importante do *sindicalismo revolucionário*, trazia somente o ponto de vista do grupo de Parma, que nem sempre manteve a hegemonia sobre o conjunto do movimento, ou seja, não há um órgão representativo de todo o movimento como o *Avanti!* era para o partido socialista. Então essa dispersão das fontes por todo o país dificulta a construção de uma ampla visão de conjunto.

Todavia, os motivos principais dessa ausência, para além das dificuldades objetivas, são sobretudo de natureza política. Muitas análises depreciativas foram feitas sobre essa corrente do movimento operário, freqüentemente condenada pela sua ideologia. Assim, até os anos 70, a historiografia italiana ignorou quase completamente o sindicalismo e os sindicalistas e deu mais atenção às correntes "vencedoras" e menos às "heresias" e "desvios", em parte também porque os sujeitos sociais que permaneceram até os nossos dias despertavam maior interesse. Entretanto, havia certamente também o fato de que um sindicalismo que não só defendia o espontaneísmo, mas que também tinha fornecido muitos quadros ao fascismo, era visto como um erro e era eliminado como um movimento de intelectuais pequeno-burgueses, um desvio do marxismo e nessa perspectiva esqueceu-se, por muito tempo, as bases sociais e as lutas conduzidas pelo sindicalismo[81].

---

[80] L. Ciardi. "Echi del congresso di Bologna. Una risposta a Labriola". *La conquista*. 23 dicembre 1910. Citado por Amedeo Osti Guerrazzi. "Il sindacalismo rivoluzionario in Italia (1904-1914): una bibliografia orientativa. *Rassegna di Storia Contemporanea*, n. 1, 1996.

[81] Escondeu-se até o fato de que o grande líder da CGIL, sindicato socialista e comunista do segundo pós-guerra, Giuseppe Di Vittorio, tinha iniciado sua atividade sindical como sindicalista revolucionário no início

Grande parte dessas análises derivavam da avaliação de Gramsci sobre o *sindicalismo revolucionário*[82]. Sua análise sobre os teóricos sindicalistas é fortemente negativa, mas não se pode dizer o mesmo em relação ao movimento no seu conjunto, que como vimos Gramsci apresenta como uma reação instintiva, mas saudável, dos operários contra a aliança com a burguesia e em defesa de uma aliança com os camponeses. Mas, na verdade, Gramsci emitiu juízos contraditórios sobre o *sindicalismo revolucionário*. Essa variação estava ligada aos diferentes significados que ele atribuiu à autonomia da classe em relação ao partido e à espontaneidade. Inicialmente mais positiva, a avaliação de Gramsci foi se tornando negativa, a medida que o Partido Comunista Italiano vai se distanciando da experiência dos conselhos de fábricas para defender a tese do partido-guia, tornando-se mais próximo do Partido Comunista da União Soviética. A base da crítica de Gramsci ao *sindicalismo revolucionário* era também o economicismo, visto na declaração de apoliticismo feita pelos sindicalistas[83].

Um dos primeiros historiadores italianos que recusaram uma análise esquemática tanto sobre Georges Sorel, inspirador do *sindicalismo revolucionário*, como sobre os sindicalistas revolucionários italianos foi Enzo Santarelli com seu livro *La revisione del marxismo in Italia*, de 1977. Santarelli considera que de 1904 até a Primeira Guerra Mundial o *sindicalismo revolucionário*, junto com o reformismo, foi uma das principais expressões do movimento operário italiano. Ele pensa o *sindicalismo revolucionário* como um movimento de classe de inspiração marxista, no contexto do revisionismo.

---

do século XX, na Puglia, região do sul da Itália. Ver sobre isso Michele Pistillo. "Dal sindacalismo rivoluzionario al comunismo" in *Giuseppe Di Vittorio – 1907-1924*. Roma, Editori Riuniti, 1977.

[82] O que é muito parecido com as análises que os comunistas aqui no Brasil fizeram em relação ao sindicalismo anterior à presença comunista.

[83] Mas como vimos anteriormente, os sindicalistas revolucionários foram protagonistas de lutas que seria um engano definir como meramente economicistas. A recusa da política enquadrava-se no objetivo de eliminar

Também a biografia de Arturo Labriola que Dora Marucco tinha feito alguns anos antes tinha contribuído para renovar o interesse por esse personagem e por toda a corrente inspirada por ele[84].

Ao longo dos anos 70, foram feitos também três congressos sobre o *sindicalismo revolucionário*. Como no caso da retomada dos estudos sobre o anarquismo, essa atenção dada ao sindicalismo revolucionário tinha um significado político: o sindicalismo passou a ser visto com maior simpatia num momento em que o espontaneísmo e a ação direta tinham sido redescobertos e reavaliados. Foi assim que o *sindicalismo revolucionário* começou a ser analisado no contexto das condições históricas, sociais e políticas reais da sua época e estudado em fontes diretas. Não se refletia mais somente sobre a sua ideologia, mas como ela se traduzia no campo das lutas operárias. Assim, vários autores foram procurar as razões econômicas e sociais que formavam a base da escolha de uma parte do proletariado italiano que explicariam a explosão sindicalista, ou seja, a maior adesão dos trabalhadores às organizações de classe.

Dessa linha interpretativa é o livro importante de Alceo Riosa, *Il sindacalismo rivoluzionario in Italia e la lotta politica nel Partito socialista dell'età giolittiana*, de 1976, que reconstrói o nascimento do movimento sindicalista revolucionário e a trajetória intelectual de Arturo Labriola e Enrico Leone e a luta entre as correntes socialistas, mas do ponto de vista dos sindicalistas, através de seus documentos. O autor apresenta detalhadamente a tentativa dos intelectuais sindicalistas de modificar a hegemonia do reformismo nos órgãos políticos e sindicais do proletariado. O mesmo autor escreveu também o artigo *Il sindacalismo rivoluzionario in Italia dal 1907 alla "settimana rossa"*

---

toda discriminação política ou ideológica no interior do movimento operário, que pudesse impedir a sua unidade. Unidade de classe baseada na autonomia em relação a todo partido e a toda linha política.

que dava continuidade ao trabalho anterior que tinha chegado somente a 1908, enquanto este último analisava o movimento até 1914. Mais tarde, Riosa escreveu *Movimento e organizzazione politica e sindacale. L'esperienza italiana durante la II Internazionale*, onde ele analisa, no contexto do VII congresso da II Internacional ocorrido em 1907, a questão da tutela do partido sobre as organizações operárias, e a crítica feita aos partidos socialistas, sobretudo o francês, que procurava um acordo com os sindicalistas da CGT, reconhecendo o princípio da "independência absoluta" dos sindicatos[85]. Outro livro fundamental é o de G.B. Furiozzi *Il sindicalismo rivoluzionario italiano*. O número V da revista *Ricerche Storiche* que reproduz o resultado de um congresso também é importante. Os artigos discutem temas como a importância da experiência do *sindicalismo revolucionário* na formação de Gramsci[86] e na construção do Partido Comunista Italiano, defendida por alguns e negada por outros. Outros, do ponto de vista de um marxismo mais ortodoxo, reafirmam a idéia de que o sindicalismo era uma típica expressão do irracionalismo pequeno burguês. No debate que ocorreu nesse encontro, Riosa argumentou que a interpretação tradicional que a historiografia de esquerda deu do *sindicalismo revolucionário* se justifica na medida em que ela foi obrigada a contrapor-se ao partido fascista, que instrumentalizou o movimento, apresentando-se como uma continuação ou uma derivação dele.

Em 1977, um segundo congresso dedicou-se à discussão dos aspectos internacionais e comparativos do sindicalismo. Os resultados desse congresso foram publicados na revista *Ricerche Storiche*, n.1, 1981, contendo ensaios sobre o *sindicalismo revolucionário* e suas

---

[84] Dora Marucco. *Arturo Labriola e il sindacalismo rivoluzionario in Italia*. Torino, Einaudi, 1970.
[85] Alceo Riosa. *Movimento e organizzazione politica e sindacale. L'esperienza italiana durante la II Internazionale*. Milano, Unicopli, 1982, p. 11.
[86] Ver Maria Malatesta. "Gramsci e il sindacalismo rivoluzionario. Riflessioni sul rapporto tra analisi storiografica e giudizio di valore". *Ricerche Storiche*, 1981, pp. 328-357.

relações com a Segunda Internacional e sobre o movimento na Espanha, França, Alemanha, Estados Unidos e Itália.

Em 1978, em Carrara, os debates continuaram sobre as relações entre Gramsci e o sindicalismo e entre o sindicalismo e o fascismo. Alguns autores tinham reduzido a experiência sindicalista em uma espécie de pré-fascismo. A. Roveri, que em 1972 tinha publicado um livro importante sobre o tema, *Dal sindacalismo rivoluzionario al fascismo*, declarou-se absolutamente convencido de que o sindicalismo representou uma das correntes do fascismo, junto com o futurismo, o *arditismo*[87], etc. e que o *sindicalismo revolucionário* pouco teria significado para o Partido Comunista Italiano. Riosa insistiu nas acusações a Roveri de diminuir a experiência sindicalista, mergulhando-a nas origens do fascismo. Insistiu também que a idéia de autonomia da classe operária estava tanto nos sindicalistas revolucionários quanto em Gramsci. Roveri, no seu livro acima citado, procurou também entender o motivo dos sucessos, mesmo que efêmeros, da organização sindical inspirada pelo *sindicalismo revolucionário*.

Também em 1978, um congresso foi dedicado à grande greve agrária de Parma de 1908[88], com o título *Sciopero agrario del 1908: un problema storico*[89]. Nesse congresso, Alceo Riosa voltou a afirmar que a historiografia antifascista emitiu juízos que pareciam definitivos sobre o *sindicalismo revolucionário*, a partir da consideração do fato que muitos sindicalistas tinham ido parar, por caminhos tortuosos, nos braços do fascismo. Ao mesmo tempo outras análises compararam o *sindicalismo revolucionário* com grupos como as

[87] Movimento de ex-soldados surgido na Itália depois da Primeira Guerra Mundial, precursor dos esquadrões fascistas.
[88] Essa greve, que foi fundamental na trajetória de De Ambris, será analisada no capítulo 1, que apresenta uma síntese do movimento operário italiano no período que estamos analisando e no capítulo 2, dedicado a história desse militante.
[89] *Sciopero agrario del 1908: um problema storico. Atti del convegno tenuto a Parma l'1 e 2 dicembre 1978(a cura di Valerio Cervetti)* Parma, Grafiche Step, 1984.

Brigadas Vermelhas (Brigate Rosse), aproximação feita com base somente na questão do apelo à violência. Riosa convida a fazer uma leitura menos reducionista e mais articulada com a história do sindicalismo.

Idomeneo Barbadoro afirma que o sucesso do *sindicalismo revolucionário* deveu-se à sua compreensão, em um vasto setor do trabalho agrícola e industrial, de um conjunto de exigências que não eram atendidas pelos reformistas. O espontaneísmo sindicalista não negava a organização, mas queria remodelá-la segundo critérios de democracia e de participação. Entretanto, o autor considera que embora os sindicalistas fossem sensíveis a essas pressões por um igualitarismo, lhes faltava uma análise realista das condições de trabalho[90].

Nos anos 80, toda essa discussão foi abandonada porque a historiografia italiana interessou-se por outros sujeitos no estudo do movimento operário. Na verdade, os estudos sobre o movimento operário em geral também sofreram uma considerável diminuição. No caso do nosso tema, as principais publicações foram biografias de nomes importantes do *sindicalismo revolucionário* como Filippo Corridoni, Enrico Leone, Angelo Oliviero Olivetti[91].

Todavia, um livro importante desse período é o de Andreina De Clementi, *Politica e società nel sindacalismo rivoluzionario*, que faz um trabalho comparativo analisando o *sindicalismo revolucionário* na França, Itália, Estados Unidos e Grã-Bretanha.

---

[90] Ver Idomeneo Barbadoro. "Il sindacato delle origini (1876-1900)" in *Storia del Sindacato. Dalle origini al corporativismo fascista.* Venezia, Marsilio, 1982 e "Lo sviluppo del movimento sindacale in Italia: forme di contrattazione e di rappresentanza (1900-1920) in *Sindacato e classe operaia nell'età della Seconda Internazionale.* Firenze, Sansoni, 1983.

[91] Ver, por exemplo, A. Riosa. "I miti del fascismo e le tante anime dell'apostolo Filippo Corridoni". *Ricerche Storiche*, n.1, 1983; I. Laghi. *Corridoni*. Roma, Terzo Millenio, 1987; L. Salsiccia. *Filippo Corridoni. Una vita per la rivoluzione*. Corridonia, Comune Di Corridonia, 1987; M.B. Sentieri (a cura di) *Filippo Corridoni. Mito e storia dell'Arcangelo Sindacalista.* Roma, Settimo Sigillo, 1988; W. Gianinazzi. *L'itinerario di Enrico*

De 1992 é o livro do historiador israelense Z. Sternhell que relançou a tese de que as raízes do fascismo devem ser procuradas na atmosfera cultural da França do início do século, cujo maior representante teria sido Georges Sorel. Esse livro, ao qual retornaremos no último capítulo, limita-se a analisar a ideologia do *sindicalismo revolucionário*, entendido como antecipador do fascismo, sem analisar porém o movimento e suas características e facetas, que não podem ser compreendidas limitando-se ao estudo dos intelectuais. Para ele, a França do nacionalismo extremista e da direita revolucionária é o verdadeiro berço do fascismo, e é a França também o berço do revisionismo revolucionário soreliano, para ele componente fundamental do fascismo. Para ele, na Itália, esse revisionismo surgido na França, aliado aos nacionalistas e aos futuristas encontrarão em 1914 as tropas, as condições históricas e o chefe que permitirão a realização da longa incubação intelectual iniciada no começo do século[92].

Porém, como alerta Amedeo Guerrazzi, o *sindicalismo revolucionário* de 1914 tinha bem pouco a ver com os intelectuais que o haviam teorizado na sua fase inicial. Labriola, por exemplo, separou-se dos sindicalistas logo após a guerra da Líbia, em 1911, e vários outros foram se distanciando.

E em relação ao fascismo, não por acaso, Alceste De Ambris, o grande organizador do movimento sindicalista revolucionário italiano, cuja trajetória apresentaremos no próximo capítulo, já estava no exílio em 1922. Em 1921, a *Unione Italiana del Lavoro*, sindicalista revolucionária, já tinha declarado oficialmente sua distância do fascismo. Parma, o grande símbolo do *sindicalismo revolucionário*, resistiu heroicamente ao assalto fascista de 1922.

Leone. Milano, Angeli, 1989 e A. Perfetti. *Dal sindacalismo rivoluzionario al corporativismo. Angelo Oliviero Olivetti*, Roma, Bonacci, 1984.

Nos últimos tempos, o trabalho mais interessante escrito sobre o tema foi o de Maurizio Antonioli, *Azione diretta e organizzazione operaia*, que reúne trabalhos apresentados em vários congressos e analisa o sindicalismo como prática de organização proletária que teve uma aplicação real nas lutas do trabalho. Em um desses textos, ele procura analisar a capacidade do *sindicalismo revolucionário* de definir uma alternativa prática e realizável em oposição ao reformismo. Em um outro livro, *Il sindacalismo italiano dalle origini al fascismo*, Antonioli argumenta que é preciso considerar o *sindicalismo revolucionário* não tanto ou não somente como uma corrente do panorama político do início do século ou como um momento da evolução sócio-econômica de áreas específicas (como a interpretação que atribui ao desenvolvimento do *sindicalismo revolucionário* nas áreas latinas ou menos industrializadas) mas como um lugar onde as aspirações profundas e originais das massas operárias se uniram às esperanças de uma intelectualidade a procura de novos valores. A autor considera que os estudos sobre o fenômeno concentraram a atenção na reconstrução, pontual e cheia de referências ao quadro geral, da dinâmica da corrente, dos mecanismos e das fases através das quais a ala anti-reformista e revolucionária do Partido Socialista Italiano chegou a se identificar com o sindicalismo, mas deixaram de analisar a difusão, em meio aos trabalhadores, dos elementos próprios da prática sindicalista, especialmente a greve geral.

Esse mesmo autor organizou com Luigi Ganapini o interessante volume de história comparada do sindicalismo, *I Sindacati occidentali dall'800 ad oggi in una prospettiva storica comparata*. Nele se analisa, no contexto de diferentes países, o sindicato de ofício e de indústria, o sindicalismo nos regimes fascistas e os sindicatos ocidentais no segundo pós-guerra.

---

[92] Z. Sternhell. *Le origini dell'ideologia fascista*, p. 10-11. Citado por Amedeo O. Guerrazzi, *op.cit.* p. 134.

Os trabalhos desses autores, que serão retomados ao longo desta tese, foram de fundamental importância para a compreensão da experiência do *sindicalismo revolucionário*. Os debates e polêmicas travados entre esses autores são aqui reproduzidos parcialmente porque creio que proporcionarão aos leitores não só a compreensão do fenômeno aqui focalizado, o *sindicalismo revolucionário*, mas a reflexão sobre o grande debate entre reformistas e revolucionários, sobre as origens do fascismo e sobre o importante tema da relação entre história e política.

Antes de aprofundarmos essas questões, faremos um balanço, no primeiro capítulo, do período histórico em que nasceu o *sindicalismo revolucionário* e as práticas e idéias que deram origem a ele, sobretudo na França, inspiração para todos os movimentos e na Itália, país da grande maioria dos trabalhadores em São Paulo no período e que deu a base político-sindical da formação dos três militantes que iremos analisar e cujas trajetórias nos ajudarão a compreender o que foi o *sindicalismo revolucionário*.

CAPÍTULO 1

TEORIA, PRÁTICA E HISTÓRIA DO *SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO*

1.1 Os trabalhadores na política

Podemos dizer que as questões e o período histórico de que estamos tratando começaram com as conseqüências da Comuna de Paris, a cuja supressão tinha se seguido um massacre em grande escala da população parisiense. Com a Comuna tinha ficado claro que os trabalhadores estavam entrando no palco da política, mas a violenta repressão que se seguiu a ela evidenciava que os trabalhadores tinham que procurar outros meios de luta diferentes da insurreição[1].

A auto-organização dos setores populares e proletários e sua entrada na cena política era resultado de uma série de transformações: sócio-econômicas (como o desenvolvimento do capitalismo no campo, a industrialização e a urbanização), culturais (como a laicização e a alfabetização) e políticas (como a liberdade de associação e a ampliação do direito ao voto). Esse processo de politização alterou também as formas de agregação social, recreativas e culturais. A circulação das idéias socialistas, anarquistas e sindicalistas com campanhas, comícios, a imprensa, as publicações, a organização do tempo livre, as formas autônomas de organização popular e proletária, que vão adaptando tradições religiosas e folclóricas, demonstram como foram numerosos os percursos e instrumentos pelos quais essa politização das relações sociais passou. Os valores e comportamentos veiculados por

[1] Ver Eric Hobsbawm. "A política da democracia" in *A Era dos Impérios (1875-1914)*. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1988.

esses movimentos foram capazes de desconstruir hierarquias sociais consolidadas e uma mentalidade tradicional que condenava a maior parte dos setores populares a permanecer fora da política, institucional ou não[2].

Sistemas eleitorais baseados em amplo direito de voto já existiam na França, na Alemanha, na Suíça e na Dinamarca em 1870. A Itália obtém o sufrágio universal masculino em 1912[3]. Porém, qualquer que fosse o modo pelo qual a democratização avançasse, entre 1880 e 1914 a maioria dos Estados ocidentais havia se resignado ao inevitável: a política democrática não podia mais ser protelada[4]. "Daí em diante, o problema foi manipulá-la"[5].

A mobilização política das massas ia, de qualquer forma, avançando e isso envolvia, é claro, a organização de movimentos e partidos de massas e o desenvolvimento da mídia de massas representada principalmente pela imprensa popular, que floresceu de maneira impressionante nos vários países, inclusive no Brasil.

Além dos trabalhadores urbanos, havia também os camponeses, obviamente, que eram ainda a maioria em muitos países, que se mobilizavam como grupo de pressão

---

[2] Ver Maurizio Ridolfi. *Il PSI e la nascita del partito di massa. 1892-1922.* Bari, Laterza, 1992.

[3] Podiam votar todos os cidadãos do sexo masculino que tivessem completado 30 anos e todos os maiores de 21 que soubessem ler e escrever ou que tivessem prestado o serviço militar.

[4] No caso do Brasil, a situação era substancialmente diferente. No período que estamos estudando o Brasil era uma jovem República. Depois dos dois governos de militares, a sucessão de dois paulistas no poder a partir de 1894, tinha consolidado o triunfo dos grandes Estados, com São Paulo à frente. Instituiu-se a chamado política dos governadores: prestigiava-se os grupos mais fortes de cada Estado, conseguindo assim o apoio deles ao governo central. O poder era controlado por um grupo reduzido de políticos em cada Estado. Havia autonomia estadual e os partidos republicanos dos Estados decidiam os destinos da política nacional e fechavam acordos para a indicação de candidatos à Presidência. Em São Paulo, obviamente, a elite política oligárquica estava próxima dos interesses dominantes, ligados à economia cafeeira, e com o passar do tempo, também da indústria. O domínio das oligarquias não era ameaçado pela massa da população através das eleições, porque o voto não era obrigatório e o povo, em geral, via a política oficial como um jogo entre os poderosos ou uma troca de favores. A porcentagem de votantes era sempre muito pequena. E nem esses poucos votos eram muito credíveis no sentido que a maioria dos eleitores estava sujeita a pressões dos chefes políticos, além das fraudes e falsificações. Isso tornava as eleições muito pouco confiáveis aos olhos dos trabalhadores. Além disso, em São Paulo, a grande maioria dos trabalhadores era formada por estrangeiros que mesmo que quisessem não teriam o direito de votar.

econômica, aderindo às novas organizações cooperativas. Na Itália, por exemplo, o fenômeno da associação dos trabalhadores rurais foi muito expressivo no período que estamos estudando.

Os novos movimentos de massa eram ideológicos e mais do que simples grupos de pressão e ação a favor de objetivos específicos. Partidos e movimentos representavam uma visão total do mundo. Isso era mais do que o programa político concreto, específico, ou seja as ideologias mantinham os trabalhadores unidos, além dos interesses materiais também representados por seus movimentos [6].

Os novos movimentos de massa tendiam a venerar figuras de líderes, que se manifestava nas paredes de casas modestas por meio de retratos, de socialistas, anarquistas, sindicalistas, o que era um reflexo mais da causa que unia os fiéis e não do próprio líder.

O principal alvo da classe dominante eram o movimento operário e socialista. Trazer os movimentos operários para a política institucional não era fácil porque os empregadores diante de greves e sindicatos continuavam com a política do pulso forte e os novos partidos operários recusavam qualquer acordo com o Estado e o sistema burguês, em âmbito nacional. Entretanto, por volta de 1900, ficou evidente o aparecimento de uma ala moderada ou reformista em todos os movimentos socialistas de massas, que entre os marxistas teve como ideólogo Eduard Bernstein (1850-1932), cuja revisão da teoria marxista causou escândalo e muitos debates no mundo socialista após 1897.

Bernstein deu uma ampla base teórica ao revisionismo da doutrina marxista. Para ele, a transformação socialista da sociedade tornar-se-ia possível com o aperfeiçoamento e o alargamento das instituições políticas e econômicas e que a social-democracia devia

---

[5] Ver Eric Hobsbawm. "A política da democracia" in *A Era dos Impérios (1875-1914)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, p. 128.

aceitar ser um partido de reformas sociais e democráticas. A substância do revisionismo de Bernstein pode ser identificada na sua convicção de que grande parte da doutrina marxista não era científica, mas uma construção teórica. Para ele, a luta de classes era uma realidade mas não um meio com que se podia verdadeiramente transformar a sociedade. Considerava também que o capitalismo estava bem distante de precipitar na catástrofe profetizada por Marx. A democracia, para Bernstein, tiraria do Estado o seu caráter de classe para fazê-lo o instrumento, ao menos potencial, do interesse geral.

A importância de Bernstein foi enorme: o seu revisionismo foi a matriz da qual partiram, no plano teórico e prático, todos os movimentos que, embora declarassem aceitar o núcleo central da doutrina de Marx, queriam associar o socialismo à democracia liberal. Com isso, o marxismo, de doutrina revolucionária, tornava-se uma teoria de reforma social e a ala reformista se integrava ao sistema da política institucional [7].

Os socialistas ainda não podiam fazer parte dos governos, mas uma política que unisse democratas, republicanos, anticlericais e homens do povo foi perseguida na França desde 1899 e na Itália com Zanardelli e Giolitti, na Inglaterra, na Dinamarca. Esse projeto de aproximação do centro à esquerda conseguiu dividir os movimentos operários de massas em alas irreconciliáveis, uma moderada e outra radical. Em alguns países, a nova estratégia incluía uma disposição para realizar algumas reformas. Esses esquemas de bem-estar social eram modestos até a Primeira Guerra. Mas o peso do aparato estatal crescia, tendo-se abandonado o ideal liberal de não-intervenção.

Resolvido o problema da integração política, os regimes defrontavam-se apenas com o desafio imediato da *ação direta*: tumultos, motins, greves gerais violentas, no

---

[6] E. Hosbsbawm. *Op. cit.* p. 138.

período, foram graves e faziam pairar no ar prenúncios de violência e evidenciavam a fragilidade da ordem política existente e a vulnerabilidade das economias.

Entretanto, as classes dominantes foram descobrindo que a democracia parlamentar era perfeitamente compatível com a estabilidade política e econômica dos países capitalistas, contrariando seus temores. Para os revolucionários essa foi uma decepção: a república democrática não parecia favorecer a vitória do proletariado e o confronto com os exploradores. A desilusão com a democracia parlamentar tem muito a ver com o nascimento do *sindicalismo revolucionário*.

1.2. Política oficial ou ação direta?

No final do século XIX, não havia nenhum país industrializado, em fase de industrialização ou urbanização que pudesse ignorar a presença das massas de trabalhadores urbanos, que aumentavam sensivelmente, e eram potencialmente ameaçadoras. Mesmo onde as organizações operárias consistiam em grupos de ativistas irregulares, ou em militantes locais que lideravam manifestações, os novos movimentos operários não podiam ser ignorados.

Por outro lado, nunca houve uma época tão cheia de esperanças para os trabalhadores: bastava que todos os trabalhadores se unissem, apoiassem seus partidos ou movimentos e a própria história garantiria a vitória na construção de uma nova sociedade, que começaria com a emancipação dos trabalhadores por si mesmos e libertaria toda a humanidade.

---

[7] Ver Alfredo Salsano. "Revisionismo e riformismo" in *Antologia del Pensiero socialista. La Seconda Internazionale.* Vol.III, T.1. Roma, Laterza, 1981, pp. 135-159.

Nem todos porém concordavam com a primazia da política, o que criava divisões no movimento. A luta contra a política oficial não era o único fator de divisão do proletariado. Ele não era uma massa homogênea. O proletariado de fábrica ainda era uma pequena minoria. A essas diferenças se juntavam outras como a de origem social e geográfica, de nacionalidade, de língua, de cultura e de religião, que, se separavam os operários, eram úteis para os empregadores.

O internacionalismo atraía não só pelo seu ideal, mas porque era condição prévia para a ação. A organização sindical era possível eliminando questões como a religião e a "política", mas um partido não. Em alguns momentos, o sindicato será visto como o único verdadeiro poder operário, o único capaz de superar as diferenças de que era feita a "classe operária". Isso tudo era ainda mais importante nos locais de grande imigração, nos países que reuniam trabalhadores de origens nacionais diversas.

A mensagem de unificação procurava cancelar as diferenças existentes entre os trabalhadores. Esse tema será, como veremos, central no *sindicalismo revolucionário*. O movimento incluía a organização mais básica dos trabalhadores: o sindicato, sob formas diferentes e força variável.

Mesmo nas grandes cidades havia uma separação geográfica das classes. Os trabalhadores foram desenvolvendo a consciência de pertencerem a um mundo separado, uma experiência de vida à parte. Assim cresceu uma desconfiança instintiva dos trabalhadores a todos que estavam fora do seu mundo, o *ouvrierisme*, que, como vimos será fundamental na teoria sindicalista revolucionária. Essa desconfiança porém não excluía a admiração por grandes mestres vindos de classes diferentes como o próprio Marx e outros de origem burguesa, líderes sindicais e políticos, oradores, teóricos.

As revoluções esperavam realizar mudanças sociais fundamentais por meio de uma súbita transferência do poder. Entretanto, desde a década de 1890, a idéia do colapso iminente do capitalismo parecia absolutamente implausível. Então alguns recomendavam que todos se concentrassem nas melhorias e reformas imediatas, que a classe operária conseguisse do governo e dos empregadores. Bernstein sugeriu que o almejado objetivo do socialismo era menos importante do que as reformas obtidas pelo caminho. Ele foi condenado por políticos operários, porque o que infundia esperanças à classe operária era o ideal de uma nova sociedade.

Então a esquerda radical, com seus rebeldes, militantes sindicalistas, intelectuais dissidentes e revolucionários, rejeitava os partidos proletários de massas, que eram considerados inevitavelmente reformistas e burocratizados, porque estavam engajados em certos tipos de ação política. Os argumentos contra eles eram muito semelhantes, vindos tanto da ortodoxia marxista quanto dos anti-marxistas. A esquerda radical preferia confiar na ação direta que contornava o terreno perigoso da política e culminava com algo parecido com uma greve geral revolucionária:

> " O '*sindicalismo revolucionário*' que prosperava na década anterior a 1914, sugere, como o próprio nome indica, um casamento entre revolucionários sociais extremados e a militância sindicalista descentralizada, associada em vários graus às idéias anarquistas"[8].

"Associado em vários graus às idéias anarquistas" significa que não eram anarquistas. Hobsbawm não tem definitivamente simpatias nem pelo anarquismo, que considera ineficaz, e nem pelo sindicalismo em si, que considera resultado de uma consciência não política de classe e que não pode prescindir do partido, mas o que nos

[8] E. Hobsbawm. *A Era dos Impérios, op. cit*, p. 193.

interessa especificamente em sua afirmação é que ela é uma confirmação da idéia que o *sindicalismo revolucionário* não era anarquismo.

O *sindicalismo revolucionário*, que foi a ideologia de centenas ou milhares de militantes sindicalistas proletários e alguns intelectuais coincidiu com um período de grande agitação popular e prosperou na década anterior a 1914. Coincidiu também com um período em que os partidos socialistas estavam em crise, incertos sobre o que poderiam ou deveriam fazer e que também os anarquistas estavam indefinidos sobre a estratégia a seguir. Como afirmou Hobsbawm, entre 1905 e 1914, o típico revolucionário ocidental era provavelmente uma espécie de sindicalista revolucionário, porque a maioria dos trabalhadores que esperavam melhorias observavam que elas resultavam, em primeiro lugar, da ação e da organização deles próprios, como classe. Essa questão é fundamental para compreendermos o sindicalismo revolucionário. Vejamos como essa avaliação dos trabalhadores sobre sua condição e o modo de transformá-la se cruza com as idéias de um intelectual francês, Georges Sorel.

3. Georges Sorel, os sorelianos e o mito da greve geral.

Freqüentemente se pensa o *sindicalismo revolucionário* como uma invenção de Georges Sorel[9]. Porém, a nova experiência de luta política que tinha amadurecido na

[9] Sorel nasceu em 2 de novembro de 1847 em Cherbourg, na França, em uma família burguesa. Estudou na Escola Politécnica de Paris e trabalhou como engenheiro de estradas e pontes durante 20 anos. Em 1893-94 foi redator da revista marxista *L'Ere Nouvelle*. Em 1895, iniciou uma correspondência com Benedetto Croce, que manterá até a sua morte. Em 1895-97 trabalhou assiduamente na revista *Le Devenir Social*. Em 1890, publicou *L'Avenir Socialiste des syndicats*.. Em 1906, colaborou com *Le Mouvement Socialiste*. Em 1908, publicou *La decomposition du marxisme*, *Réflexions sur la violence*, seu livro mais famoso e *Les illusions du progrès*. Em 1910, aproximou-se do movimento nacionalista *Action française*, que freqüentou esporadicamente até 1913. Em 1912, tinha aderido ao *Cercle Proudhon*, ao qual tinham se unido ex-sindicalistas. Em 1921, publicou *De l'utilité du pragmatisme*. Morreu em 20 de agosto de 1922.

França durante os anos do caso Dreyfus[10], em que a greve e as manifestações de praça tinham sido elementos preciosos contra a reação clerical-militarista, ensinou muito ao *sindicalismo revolucionário*. Nesse sentido, ele não foi inventado por Sorel, mas foram os dirigentes sindicais como Pelloutier, Griffuelhes, Delesalle, Pouget, etc. os homens que, embora não se dedicando à especulação e à teorização, elaboraram o novo método na organização sindical e na luta operária[11]. O sindicalismo de ação direta defendido por Pelloutier e outros é a referência histórica real das teorias sorelianas. Sem a presença desse tipo de associação operária, não seria compreensível a intenção de Sorel de criar uma nova

[10] Dreyfus, capitão de artilharia, foi condenado por um tribunal militar à deportação perpétua por crime de traição, em 1894. O capitão, único judeu do Estado-Maior, foi acusado de fornecer informações militares de grande importância à Alemanha. Descobriu-se logo que ele era inocente, mas ele é mantido na ilha do Diabo, na Guiana, porque o Ministro do Exército não queria voltar atrás, arriscando sua reputação. Toda a França, todo o povo francês posicionou-se contra ou a favor a Dreyfus, "amigos brigam, famílias se dissolvem, os jornais trocam injúrias. Bandos alucinados e possessos percorrem as ruas de Paris, cantando a Marcha antisemita: À mort les Juifs" . Henri Troyat. *Zola*. São Paulo, Scritta, 1994, p. 239. Emile Zola posicionou-se diante da injustiça publicando entre outros o artigo famoso *Eu Acuso* no jornal *L'Aurore*, que vende mais de 300.000 exemplares e custam a ele uma torrente de injúrias. Artistas, escritores e cientistas juntam-se a Zola para pedir a revisão do processo. Após a campanha para provar sua inocência ele foi perdoado em 1899 e reabilitado em 1906. O caso teve um grande impacto em toda a Europa.

[11] Entre os anos de 1880 e a Primeira Guerra Mundial, uma intensa mobilização coletiva agitou as classes populares francesas a tal ponto que muitos historiadores, como Michele Perrot, consideram que de toda a história do movimento operário francês aquela época é, sem dúvida, o apogeu. As grandes greves de 1891-1892 e de 1907 são só os pontos culminantes de uma ação contínua. Além das questões salariais, é a recusa do trabalho por peça, de novos regulamentos ou novas máquinas, a oposição aos contramestres considerados autoritários demais e o desejo de fazer respeitar tarifas negociadas anteriormente com os patrões são as principais razões dos movimentos. Como veremos as lutas empreendidas pelos trabalhadores em São Paulo no mesmo período tinham razões muito semelhantes. Freqüentemente as lutas também revelam uma reivindicação pelo controle operário. Entre 1884 e 1914, na França, o número de sindicalizados aumentou consideravelmente. A criação da CGT, em 1895, foi um esforço de unificação do movimento, ou seja, de uma ação coordenada no plano nacional, mas, ao mesmo tempo, isso era combinado com uma atividade bem enraizada nos territórios, nos bairros, graças às Bolsas do Trabalho, que tendo surgido nos anos 1880, vão se expandir muito também até a guerra. A atividade das bolsas era múltipla: colocação para quem procurava trabalho, educação operária, pesquisas sobre a saúde dos trabalhadores, solidariedade a todas as lutas, e, sobretudo, auxílio na organização das greves, o que contribuía para enraizar o movimento operário no cotidiano dos trabalhadores. Nesse período de lutas intensas, é elaborada toda uma série de símbolos, graças aos quais o grupo operário encontra elementos de sua identificação coletiva. A bandeira vermelha é escolhida em detrimento da bandeira tricolor, símbolo da república que tinha desiludido os trabalhadores. Da mesma forma, abandona-se a Marselhesa em favor da *Carmagnole*, que como veremos, foi cantada também no Brasil pelos operários franceses em greve na vidraria Santa Marina da Água Branca, e pouco a pouco, do hino da Internacional. Esse desejo de separatismo operário é acentuado pela decisão de fazer do primeiro de maio o dia da festa dos trabalhadores, dia de greve geral e de grandes manifestações freqüentemente reprimidas, o que lhe dava um valor revolucionário. Ver Gérard Noiriel. *Les ouvriers dans la société francaise XIX^e e XX^e siècle*. Paris, Editions du Seuil, 1986.

teoria socialista[12]. Todavia, sem a estrutura teórica de que Sorel soube dotá-lo, o *sindicalismo revolucionário* talvez não tivesse assumido o papel de uma verdadeira doutrina política, capaz de ser transmitida, discutida e aplicada. Por isso é tão importante compreender seu pensamento.

É importante compreender a relação entre o pensamento e a personalidade de Sorel, porque suas idéias nascem de estímulos externos e razões pessoais. Sorel, como muitos intelectuais de uma geração precedente à sua, como Flaubert[13], por exemplo, julgava com muito pessimismo o processo de involução da sociedade burguesa, e sobretudo a decadência dos costumes, da qual ele tinha sido um observador atento já no seu longo período de atividade como funcionário público[14]. De fato, a decadência da França, dos seus costumes morais e políticos, é um dos temas centrais da obra de Sorel, inspirando-se sobretudo em Proudhon, sobre o qual ele tinha escrito um trabalho em 1892, *Essai sur la philosophie de Proudhon*, e a cujas idéias sobre direito, economia, capitalismo, burguesia, Estado e democracia, Sorel se manteria ligado por toda vida. É na aproximação ao pensamento de Proudhon que Sorel começa a refletir sobre temas como a pobreza e a justiça[15]. Embora alguns estudiosos considerem inexato classificar Proudhon como anarquista, algumas das idéias centrais da tradição anarquista encontram-se nas suas obras: o federalismo, embora ele não fosse exclusividade do anarquismo, e a recusa da política parlamentar.

Na verdade, as profissões de fé anti-estatais, freqüentes no Sorel sindicalista (presentes sobretudo em *Reflexões sobre a violência* e *A decomposição do marxismo*) e que

[12] Ver Giovanna Cavallari. *Georges Sorel. Archeologia di un rivoluzionario*. Camerino, Jovene Edizioni, 1994, p. 23.
[13] Para o qual o romance era uma representação da natureza e do homem tendo em vista o aperfeiçoamento moral. Ver Giacinto Spagnoletti. *Storia della letteratura francese*. Milano, Newton Compton, 1994.
[14] Introdução de Roberto Vivarelli em Georges Sorel. *Scritti Politici*. Torino, UTET, 1963.

se aproximam às vezes do anarquismo, não representam toda a obra de Sorel. Sorel freqüentemente criticava o Estado Moderno, e mais precisamente a Terceira República francesa, não por ser Estado demais, mas por não ser o bastante. Criticava portanto a sujeição do Estado a interesses particulares e a burguesia ávida de enriquecimento fácil. Sua luta era portanto contra uma certa democracia, um certo Estado que era a imagem daquela crise moral. Suas simpatias, porém, vão em direção à democracia primitiva, embora ele nunca tenha construído um quadro completo do seu Estado ideal.

Sorel viu no caso Dreyfus uma ocasião para a regeneração da sociedade. Ao mesmo tempo, aquele foi o período de descoberta do marxismo para Sorel. Essas duas experiências constituíram a base política e ideológica para a elaboração do seu *sindicalismo revolucionário*. Entre 1893 e 1894, ele participou ativamente da discussão e difusão da obra de Marx, que, naquele período, se estendia à toda a cultura européia. A aproximação de Sorel à obra de Marx em 1893, deu-se quando ele se ligou a um grupo de jovens que tinham descoberto Marx há pouco. Nessa época, Sorel inicia suas ligações com a Itália e se corresponde por vários anos com Cesare Lombroso, famoso estudioso do direito criminal.

Começava o movimento de estudos que levaria ao revisionismo e que refletia uma mudança geral de mentalidade no movimento socialista europeu. Configuram-se, então, duas correntes no marxismo: a ortodoxia e o revisionismo. Sorel considerava que a catástrofe fatal, anunciada pela ortodoxia marxista, era privada de uma razão geradora. A conclusão lógica dessa premissa era a defesa de um reformismo gradual[16].

---

[15] Ver Gian Biagio Furiozzi. *Sorel e l'Italia*. Firenze, G. D'Anna, 1975.

[16] Na verdade, a revisão do marxismo tinha começado já na Primeira Internacional, em 1864, no debate inflamado entre anarquistas e marxistas. A Primeira Internacional teve uma vida difícil justamente pela heterogeneidade dos grupos que a compunham. Na Segunda Internacional, fundada em 1889, o grande debate se deu entre revolucionários e reformistas, as duas principais correntes da associação, visto que os anarquistas tinham sido afastados. Tomavam forma duas tendências opostas no marxismo: a que valorizava o aspecto democrático-reformista da ação socialista e a que procurava recuperar a característica revolucionária original

Em 1895, Sorel participou da fundação da revista marxista *Le Devenir Sociale* que foi por anos um instrumento de divulgação e de aprofundamento crítico da doutrina marxista. Nela colaboraram vários estudiosos italianos como Antonio e Arturo Labriola, que se tornaria o principal teórico do *sindicalismo revolucionário italiano* e Enrico Ferri, que seria mais tarde líder do socialismo revolucionário, em oposição ao reformismo no partido. É através de Labriola que Sorel entra em contato com Benedetto Croce.

No fim de 1899, Sorel defendeu a entrada de Millerand no governo e considerou que o socialismo, na França, estava se tornando cada vez mais um movimento operário no interior de uma democracia.

Entretanto, ele não só estava convencido da não cientificidade de muitas teses de Marx e da necessidade de que o socialismo se adequasse às transformações da realidade, mas também considerava que o socialismo deveria permanecer "pesquisa", renunciando a apresentar-se como modelo de sociedade futura, acentuando, portanto, o movimento e não o fim a atingir. Porém, enquanto em Bernstein, se concretiza a idéia da utilização dos meios presentes no interior da sociedade burguesa para realizar um programa de reformas gradual, em Sorel há logo um repúdio das teses reformistas e a construção da teoria a que se deu o nome de *sindicalismo revolucionário*.

Essa passagem do reformismo ao *sindicalismo revolucionário*, que é o ponto crucial da vida de Sorel, não foi muito estudada. Essa passagem derivou da desilusão sofrida com o desenvolvimento do caso Dreyfus e a conseqüente descrença na possibilidade de renovação no interior da democracia. Em 1897, Sorel tinha aderido às teses de Saverio Merlino, que

---

do marxismo. O centro do debate era a posição a tomar em relação aos governos burgueses e em caso de guerra. O principal slogan da Internacional era "Guerra à guerra", que, na prática, teve pouca eficácia. Os conflitos que marcaram a sua existência e a Primeira Guerra Mundial a destruiu. Os vários partidos socialistas que compunham a Segunda Internacional tinham posições profundamente contrastantes. Eram partidos social-

também considerava o socialismo como uma questão moral, cuja essência era a luta de classes, como luta pela justiça. É da desilusão de Sorel com a democracia francesa, com o oportunismo dos políticos democráticos que tinham chegado ao poder, que nasce o seu *sindicalismo revolucionário*.

Em 1910, Sorel escreveu:

> "Até época muito recente, tinha se feito, sem muito sucesso, esforços consideráveis para rever os ensinamentos da ortodoxia marxista. Bernstein tinha se proposto a tornar a teoria mais conforme com a prática, mas os defensores das posições antigas o acusavam de demolir a obra monumental dos antepassados sem substituir com nada de sólido. Muitos marxistas consideravam que a fragilidade das correções provasse a verdade do corpo principal do sistema. (...) Depois que a ação direta fez as suas provas, homens que tinham esperado, com uma fé absolutamente desinteressada, que o socialismo renovasse o mundo, empregaram suas faculdades de invenção para traçar uma doutrina do movimento operário que se adaptasse exatamente a tal forma de luta operária. Estes observavam que entre a ideologia sindicalista e o que há de mais original na obra de Marx existiam estreitíssimos laços. Desse modo realizou-se finalmente a verdadeira revisão do marxismo[17]".

É interessante observar, nessa passagem, como Sorel reafirma a idéia de que a prática antecede a teoria no *sindicalismo revolucionário*, ou seja a teoria deveria ser reconstruída tendo em vista as novas formas de luta criadas pelos trabalhadores e nesse sentido ele apresenta os sindicalismo como herdeiro legítimo do marxismo e do socialismo. O *sindicalismo revolucionário* de Sorel poderia ser dividido esquematicamente em 4 elementos: o primeiro, que era o seu ponto de partida, era a exigência moral da separação da classe operária dos outros grupos sociais; o segundo, uma força motriz, que era a luta de classes; o terceiro, o método de luta, a violência; o quarto, uma ideologia, o mito da greve

---

democratas que até podiam usar uma linguagem rigidamente revolucionária, mas que tinham um espaço político dentro dos limites da democracia liberal.

[17] Georges Sorel. "Mes raisons du syndicalisme" in *Materiaux d'une theorie du proletariat*, *op. cit.*, pp. 285-286.

geral[18]. Suas teorias foram sendo elaboradas ao longo de vários anos, mas a obra que expressou completamente essa sua teoria sindicalista foi o seu livro mais famoso, *Reflexões sobre a violência*, de 1908.

Sorel considerava que, fechado em si mesmo, o proletariado poderia preparar o próprio futuro evitando a corrupção burguesa e potencializando a própria fisionomia moral no desenvolvimento autônomo dos sindicatos operários. Essa idéia já estava presente na sua obra de 1898, *O futuro socialista dos sindicatos*. Em relação ao conceitos de classe, ele não a considera um dado objetivo, mas uma conquista gradual da consciência, que, na recusa moral dos outros grupos sociais e portanto em um isolamento voluntário, adquire pouco a pouco consciência de si, encontrando a própria idéia da nova ordem social que se queria construir. A separação seria portanto um elemento indispensável para que o proletariado não se perdesse em um processo de emburguesamento que, aumentando o bem estar econômico, o tiraria do cumprimento da sua missão. A luta de classes aparece, portanto, em Sorel, como uma espécie de necessidade superior, um compromisso de intransigência e de moralidade para impedir a degeneração do movimento operário em um reformismo colaboracionista. Essa luta de classes não é um fato inalterável da realidade social que espelha os conflitos econômicos, mas é um dado ideal e voluntário, um instrumento tático. A violência era um dado implícito da luta de classes, contra a idéia de paz social da democracia burguesa. É a violência para restaurar a virtude contra a degeneração burguesa.

O elemento ideológico do *sindicalismo revolucionário* é o conceito de greve geral. Sorel já havia observado que na natureza da greve geral havia um exemplo de uma espécie de experimento da catástrofe que era o objetivo do socialismo, e de que Marx tinha dado o esquema em *O Capital*. Para Sorel, a classe operária necessitava de uma imagem que

[18] Ver R. Vivarelli *op. cit.*, p. 23.

conseguisse atingir os corações dos trabalhadores, de uma idéia que fosse criadora de vontade e de fé, de um mito social, semelhante aos mitos de outros movimentos da história, como, por exemplo, o primeiro cristianismo, que oferecesse uma visão que alimentasse o seu espírito combativo, a sua capacidade de sacrifício e o sentido de sua missão histórica. A greve geral, posta como imagem concreta da esperada catástrofe final, torna-se esse mito. Sorel comparava a força educativa da greve geral a das guerras heróicas, enfatizando a ação moralizadora da luta.

Sorel tinha uma visão da história que escapava de todo otimismo. Aos seus contemporâneos, cheios de fé no progresso, ele oferecia uma imagem da humanidade que só escaparia à decadência com um esforço difícil de vontade de redenção. Ele via a história como uma alternância de renascimentos e decadências, que dependiam da ação humana.

Por volta de 1890, quando Sorel começava a desenvolver o seu pensamento, iniciava-se um profundo movimento cultural de reação antipositivista, que envolveu toda a Europa. Isso pôs em discussão todo o significado do conhecimento humano porque toda a experiência humana, variada e multiforme não cabia mais no estreito determinismo mecânico dos velhos esquemas[19].

Sorel participou ativamente desse movimento, onde era enfatizado o valor do inconsciente, das forças irracionais na vida do homem, o que vinha a negar tanto o determinismo na história como uma relação direta entre pensamento e ação na atividade humana. Reabria-se o conflito entre ciência e vida, que o século das luzes e a tradição

[19] Do ponto de vista ideológico-político, o positivismo teve interpretações muito diferentes, indo das teorizações de um sistema político autoritário e hierárquico até o contrário, de uma sociedade organizada democraticamente e aberta às reformas sociais. Na segunda metade do XIX, de qualquer forma, o positivismo foi a ideologia típica da burguesia em ascensão. Nas suas diferentes expressões, o positivismo contribuiu para alimentar a confiança no progresso da humanidade e defender a convicção do controle sobre a natureza e sobre os próprios processos sociais. Essa idéia de progresso entrou em crise no fim do século XIX, junto com todo o sistema cultural e filosófico ligado ao positivismo.

racionalista do século XIX pensavam ter resolvido definitivamente. A realidade mostrava-se mais misteriosa e o futuro parecia regulado pelo acaso. Sorel defendia a idéia de que a evolução social dependia da ação criativa do homem ditada pelas contingências. E a base do esforço necessário ao homem para sair da decadência encontrava-se no mito, na presença de representações fantásticas que iluminavam o futuro, que alimentavam a fé: assim como os primeiros cristãos esperavam o retorno de Cristo, os revolucionários esperavam uma sociedade justa de homens livres e essa esperança daria forças para a luta.

A partir dessas premissas, o *sindicalismo revolucionário* de Sorel seria a aplicação prática dessa nova ciência social. Segundo ele, a superioridade dessa nova idéia em relação ao marxismo ortodoxo seria sua maior capacidade de manter as massas em estado de contínua expectativa revolucionária. Em *Reflexões sobre a violência* Sorel afirma que não haveria movimentos revolucionários se não houvesse mitos aceitos pelas massas. Na verdade, o *sindicalismo revolucionário* era entendido por Sorel somente como o instrumento gerador de uma nova moral que, superando a decadência, inauguraria uma nova primavera do gênero humano:

> "Não existe nenhum procedimento que nos permita prever o futuro de modo científico, ou discutir sobre a superioridade que certas hipóteses podem ter em relação a outras. (...) E todavia, nós seremos incapazes de agir se não sairmos do presente, se não raciocinarmos sobre esse futuro, que parece condenado a fugir sempre da nossa razão. (...) É necessário considerar os mitos como meios para agir sobre o presente. (...) Não é portanto de nenhuma utilidade raciocinar sobre incidentes que podem se produzir no curso da guerra social e sobre conflitos decisivos que possam dar a vitória ao proletariado, mas se os revolucionários se enganassem completamente, imaginando um quadro fantástico da greve geral, este quadro, durante a preparação revolucionária, poderia ser um elemento de força de primeira ordem, se compreender de modo perfeito todas as aspirações do socialismo e se der ao conjunto do pensamento revolucionário uma precisão e uma rigidez que nenhum outro modo de pensar poderia lhes dar"[20].

[20] Do livro Reflexões sobre a violência, citado por R. Vivarelli, *op. cit.*, p. 45.

Embora privada de uma perspectiva concreta em relação ao futuro, a ação se justifica como fuga do presente, como oposição à realidade em que vivemos, como negação de uma decadência de cuja superação, ainda que não se saiba como, surgirá uma nova moral. A teoria revolucionária de Sorel não tem muito claro o que quer edificar, mas sabe perfeitamente o que quer destruir. A polêmica de Sorel contra o seu próprio tempo se insere na polêmica anti-iluminista. Ele era contra toda concepção de história que implicasse na idéia de desenvolvimento pacífico, considerado como o desenrolar-se de eventos humanos como cumprimento de algum projeto universal, ideal ou natural. Particularmente, o conflito de Sorel com as idéias iluministas era representado pelo lugar que estes davam à razão na história. A ação para ele era provocada por um convencimento profundo de natureza não racional.

Sorel percebe que um dos maiores problemas do seu tempo era a questão religiosa. Por isso evocava uma paixão religiosa baseada numa ficção.

É difícil avaliar a influência efetivamente exercida pelo pensamento de Sorel no seu próprio tempo. O seu anti-intelectualismo era uma das tantas vozes de um coro bastante rumoroso conduzido também por outros. Entretanto, a sua tradução, em termos políticos, deste ambiente cultural, é bastante original. Suas idéias sobre a violência, sua teoria do mito penetraram em ambientes que de outro modo teriam tido pouca comunicação com certas correntes de pensamento. Sorel foi, portanto, mediador entre essa nova filosofia e um público vasto e variado.

Na Itália, país em que os escritos de Sorel tiveram uma ressonância maior, é inegável que o seu pensamento tenha agido profundamente tanto sobre alguns grupos de extrema direita como sobre o movimento socialista e que muitos comportamentos das

massas reproduziram esquemas sorelianos. Às vezes tratava-se de processos paralelos absolutamente independentes que confirmam o espírito do período. Entretanto, o *sindicalismo revolucionário* italiano teve grande inspiração francesa e acolheu o pensamento de Sorel como o de um mestre[21]. Alguns autores, como Goisis, consideram que Sorel foi um mentor para todos os subversivos na Itália, republicanos, anarquistas e socialistas. Sindicalistas e outros, encontravam em Sorel uma lição de força, de energia, e o imperativo para uma separação mais radical, quase religiosa, entre as classes.

Para alguns teóricos do sindicalismo revolucionário italiano, como Enrico Leone, o sindicalismo soreliano seria mais um estado de espírito do que um método e uma prática definidos. Leone recusava, por exemplo, das idéias de Sorel a idéia da violência como força criadora, considerando-a apenas um fator histórico involuntário, que traduzia externamente o que já havia no interior da vida social[22]. No entanto, essa polivalência das idéias de Sorel não era entendida como ambigüidade ou como uma limitação, mas, ao contrário, era entendida como libertação da opressão das "igrejas" e dos "dogmas", incluindo os marxistas, e como afirmação do direito à "heresia".

Sorel defendeu sempre a radicalização da luta política. Para ele, o proletariado não deveria se misturar com a burguesia no que ele chamava de "pântano democrático"[23] e que a luta de classes não deveria ser neutralizada pela realização dos ideais de paz social. Sua obra é um protesto contra o Estado social que anularia as virtudes da classe operária e impediria a revolução do sistema.

---

[21] Alguns autores chegam a afirmar que a influência cultural e política de Sorel foi maior na Itália do que na França. Ver, por exemplo, Giuseppe Ludovico Goisis. "Sorel e i soreliani italiani". *Il Mulino*, 228, luglio-agosto, 1973.
[22] Ver Maurizio Antonioli. *Il sindacalismo italiano dalle origini al fascismo*. Pisa. Bis edizioni, 1997, p. 135.
[23] Do livro de Sorel Reflexões sobre a violência, citado por R. Vivarelli, *op. cit.*, p. 47.

Após a Primeira Guerra, as idéias de Sorel entusiasmaram tanto Lenin quanto Mussolini, no sentido que as forças que esses dois homens tão diferentes representavam romperam com o esquema da democracia burguesa. Escritos de homens ligados ao fascismo associaram Mussolini a Sorel:

> "Dois homens se encontram no início e no fim dessa evolução: Sorel e Mussolini. Eles são portadores de duas concepções opostas da vida: da anarquia à ordem, do comunismo ao fascismo. E mesmo assim o pensamento deles está indissociavelmente ligado. Na mente de Sorel nasce o conceito do *sindicalismo revolucionário* como percepção da exigência de uma nova sociedade unificada no trabalho; na mente de Mussolini nasce o fascismo, como realização da nova ordem social que responde às necessidades da evolução histórica do povo italiano". [24]

De fato, as idéias de Sorel e do sindicalismo revolucionário contra o Estado liberal acabaram servindo como inspiração, como justificativa ou sendo instrumentalizadas pela reação de direita. Porém, a tendência a considerá-lo um precursor mais ou menos inconsciente do fascismo é um equívoco. Sua oposição ao Estado liberal, à democracia burguesa, único elemento comum entre oposições de direita e de esquerda, nunca se caracterizou em outros elementos específicos presentes no fascismo. Um argumento que se usa para defender a associação do pensamento de Sorel com o fascismo é a sua aproximação a alguns nacionalistas que lideravam o grupo *Action française*. De fato, é possível observar uma certa afinidade de questões entre Sorel e esse grupo, que ele freqüentou algumas vezes entre 1910 e 1913. Ele se aproximou sobretudo de dois desses líderes, Barrès e Maurras. Barrès compartilhava com ele a polêmica contra o racionalismo e a defesa do federalismo contra a democracia parlamentar e Maurras também tinha entrado na polêmica anti-iluminista que Sorel tinha apresentado em *As ilusões do progresso*.

[24] Bruno Facinelli. *Sindacalismo soreliano*. Trento, Vallecchi, 1938, p. 143.

Entretanto, esse espaço de entendimento (constituído, portanto, por questões teóricas, com convergências episódicas no plano das análises políticas) entre Sorel e a direita francesa revelou-se logo inconsistente. Depois de 1913, Sorel assumiu uma posição crítica em relação aos grupos nacionalistas dos quais ele tinha se aproximado temporariamente[25].

Além disso, não se pode atribuir a Sorel a aversão pela idéia de soberania popular, tema central nos autores da direita francesa. De qualquer forma é verdade que irá se afirmando uma certa leitura de Sorel, sobretudo na Itália (onde ele publicava artigos em vários jornais), que abandona o seu sindicalismo revolucionário para destacar suas polêmicas contra o socialismo e a democracia. É também a teoria da violência de Sorel que faz com que ele seja associado à direita e, particularmente, ao fascismo. Mas na teoria soreliana a violência tinha sua função na greve geral e na revolução proletária. A utilização da violência pela ala política extremista do fascismo é absolutamente instrumental e muito distante da função a ela atribuída por Sorel. Em 1921, um ano antes de sua morte, Sorel fez duras críticas aos fascistas. Gramsci, mesmo sendo um crítico de Sorel afirmou, em 1919, a necessidade de se fazer uma distinção nítida entre Sorel e seus "admiradores italianos"[26]. Os fascistas fizeram, portanto, uma leitura reducionista da obra de Sorel e a instrumentalizaram. A manifestação de simpatia de Sorel pelos bolcheviques foi justificada exclusivamente por motivos antidemocráticos, sem que se valorizasse o seu posicionamento em favor de uma nova forma política originada pelo proletariado[27]. Sorel dedicou uma apologia a Lenin[28]. Sorel apreciou também muito positivamente os conselhos operários de fábrica na Itália em 1919. Walter Benjamin, em um estudo sobre Sorel de

[25] Ver sobre essas questões Giovanna Cavallari. "Sorel e la destra in Francia e in Italia" in *Georges Sorel. Archeologia di un rivoluzionario*. Camerino, Jovene Editore, 1994, pp. 33-34.
[26] Idem, p. 27.
[27] Idem, p. 43.
[28] Idem, p. 52.

1927, afirmou que a crítica de Sorel ao Estado exclui a possibilidade de incluí-lo no protótipo do totalitarismo e o apresenta como exemplo de uma leitura de Marx, separada das ideologias racionalistas ligadas às formas jacobinas do poder[29].

Essa questão será retomada ao longo da tese e sobretudo no capítulo dedicado a Edmondo Rossoni. Vejamos agora um pouco da história italiana, da experiência do sindicalismo revolucionário italiano e de tradições do movimento operário que ajudarão a compreender a trajetória dos militantes que apresentaremos nos capítulos seguintes e as discussões sobre teoria e prática que eles trouxeram para o Brasil.

4.1 Socialismo, anarquismo e o surgimento do *sindicalismo revolucionário* na Itália

Para compreendermos as tradições políticas que os militantes italianos trouxeram para São Paulo, apresento a seguir aspectos importantes da história da Itália que influenciaram o movimento operário.

O desenvolvimento do movimento operário na Itália não pode ser compreendido sem nos reportarmos a uma tradição democrática ligada ao processo de unificação do país. O historiador Giuliano Procacci considera que a peculiaridade, o caráter original do movimento operário italiano que mais se destaca é a capacidade que este demonstrou de apropriar-se de grande parte do patrimônio da democracia *risorgimentale* e mesmo de uma tradição revolucionária italiana mais distante[30]. Entender esse processo é fundamental para analisarmos a formação política dos três militantes que constituem nosso objeto de estudo, pois essa tradição fez parte não só da bagagem política deles, mas explica também, em

[29] Ver G. Cavallari. *Op. cit*, p. 48. Sorel considerava que o jacobinismo autoritário de Robespierre tinha traído o embrião de revolução proletária que tinha se manifestado na França em 1793.

parte, o comportamento dos sindicalistas revolucionários italianos diante da Primeira Guerra Mundial.

O processo de unificação da Itália ocorrido entre 1850 e 1870 teve como principal artífice o conde Camillo Benso de Cavour, primeiro ministro do Reino da Sardenha[31], que explorou a presença de um movimento democrático, fator importante do *Risorgimento*. Havia sem dúvida, na Itália, um forte envolvimento emocional e um interesse pelo movimento democrático que se identificou com o *Risorgimento*. Esse processo, iniciado no século XVIII, estava inserido no contexto europeu de afirmação nacional e visava a liberdade política, a independência e a unidade da Itália.

Como em vários outros países europeus como a Polônia, a Grécia, a Irlanda e a Hungria, a Itália, na primeira metade do século XIX viveu um processo de redescoberta gradual e de reivindicação de sua própria identidade nacional que levaria à conquista da sua independência. O nome dado pelos contemporâneos a esse processo, *Risorgimento*, destacava o caráter de renascimento cultural e político, de superação de uma condição de servidão e decadência, de retorno a um passado glorioso, consideravelmente mítico, pois a Itália não tinha sido um estado unificado desde o império romano[32]. A idéia de uma Itália, como uma entidade bem definida, tinha permanecido sempre viva no pensamento de boa parte dos intelectuais italianos a partir do século XIV[33]. No século XVIII, com a difusão da cultura iluminista, essa idéia tinha se tornado mais viva. Idéias independentistas tinham surgido nas últimas décadas do XVIII, no interior do movimento jacobino, sobretudo nas correntes mais radicais.

---

[30] Giuliano Procacci. *La lotta di classe in Italia agli inizi del secolo XX*. Roma. Editori Riuniti, 1992, p. 78.
[31] Dominado pela família Savóia, o Reino da Sardenha compreendia as seguintes regiões: Piemonte, Ligúria, Sardenha, Val d´Aosta, Savóia e Nice.
[32] Ver, entre outros, A. Giardina, G. Sabbatucci e V. Vidotto. *L´Età Contemporanea. Storia. Documenti. Storiografia.* Roma, Laterza, 1993, p. 38.

As idéias do Romantismo também influenciaram decisivamente a cultura política italiana. Como cultura de toda uma época, o Romantismo não se identificou com nenhum tendência ideológica, mas deu inspiração a todas as correntes de pensamento e movimentos políticos ativos no início do século XIX. É claro que muitos elementos da cultura romântica se prestavam aos defensores da restauração, na sua contraposição ao racionalismo e ao iluminismo, mas muitos outros encontraram na experiência romântica a liberdade, a ruptura com as normas consolidadas, os valores que inspiraram as batalhas dos liberais e dos democráticos. O culto dos valores nacionais e dos ideais patrióticos dificilmente eram compatíveis com a ideologia da restauração. Nos países como a Itália, que queriam conquistar a sua independência, a idéia de nação assumiu uma conotação revolucionária, tendia a ligar-se às ideologias liberais e democráticas e adquiria freqüentemente um caráter supranacional: na história das revoluções do século XIX, encontra-se muitas vezes a figura do patriota, que vai combater pela liberdade de outros povos[34].

A idéia moderna de nação nascida com Rousseau, com sua concepção de Estado como expressão de um povo, de uma comunidade de cidadãos capazes de exprimir uma vontade comum, conviveu, na primeira metade do XIX, com a componente romântica alemã, que via a nação como uma comunidade "natural". Ambas influenciaram os principais movimentos de emancipação nacional, começando pelo italiano. Elas foram, porém, a base de tradições distintas, que, nos últimos anos do século XIX, tomariam caminhos políticos opostos.

Como em quase todos os países europeus após a Restauração, toda dissensão política era impedida ou seriamente limitada, as seitas e sociedades secretas tornaram-se o

[33] Como Dante Alighieri, Maquiavel e outros.

principal instrumento de luta política. As mais numerosas e importantes eram as de tendência democrática ou liberal e se inspiravam na Maçonaria[35] e às vezes eram ligadas a ela e tomavam seus símbolos dos rituais do trabalho. Havia nelas diferentes projetos políticos, mas, na Itália, homens como Filippo Buonarroti, que tinha sido seguidor de Babeuf , conseguiram ligar a atividade das várias seitas, até mesmo em diferentes países, e exercer uma certa influência sobre sociedades de tendência moderada, como a *Carboneria*. Elas eram formadas por artesãos, alguns membros da aristocracia liberal, alguns comerciantes, profissionais liberais, intelectuais, estudantes e militares. Estes últimos eram os mais preparados e ativos e os únicos capazes de ameaçar seriamente tronos e governos. De fato, foram eles que deram inicio à primeira onda revolucionária que atingiu a Europa, incluindo a Itália, nos anos 1820. Os motins realizados em várias áreas da futura Itália, despertaram esperanças nos liberais e tiveram intensa participação popular. As revoluções no Piemonte e em Nápoles foram vistas como ameaça e as potências que formavam a Santa Aliança realizaram uma intervenção militar.

A independência grega[36], reconhecida em 1829, representou um precedente de grande importância para as lutas de independência nacional do século XIX e um golpe duro ao equilíbrio conservador europeu. Em favor da Grécia, criou-se uma corrente forte de opinião pública internacional por motivações político-ideológicas (a solidariedade a quem luta pela liberdade) e religiosas (de defesa dos cristãos). A Grécia recebeu então voluntários

---

[34] Ver, entre outros, A. Giardina, G. Sabbatucci e V. Vidotto. *Op. cit.* Como veremos no próximo capítulo, essa idéia marcou o pensamento e a vida de Alceste De Ambris e de muitos outros militantes.

[35] Na segunda metade do século XIX, a maçonaria tornou-se em muitos países, sobretudo aqueles onde havia uma forte presença católica, uma espécie de academia do "livre pensamento" e, ao mesmo tempo, um lugar de encontro de grupos políticos de tendência democrática e anticlerical. A maçonaria exerceu essa função sobretudo na Itália e na França, especialmente no fim do século XIX e início do XX.

[36] A insurreição dos gregos contra o domínio turco, iniciada em 1821, foi a única revolução dos anos 1820 que se concluiu com um sucesso considerável. Foi também a única que, nascendo da iniciativa de uma sociedade secreta, assumiu o caráter de guerra popular, nacional e religiosa.

de toda a Europa, para ajudá-la na sua guerra contra os turcos: entre eles encontravam-se o poeta inglês Byron[37] e o italiano Santarosa, um conde que tinha liderado a revolução no Piemonte em 1821. Ambos morreram na Grécia.

Quando em 1830-31 a Europa foi novamente abalada por uma onda de revoluções, os motins ocorridos no centro e norte da Itália foram massacrados pela intervenção militar da Áustria. Essas insurreições tiveram a participação ativa de setores da burguesia, da aristocracia liberal e uma considerável mobilização popular.

Nos anos 1820, projetos republicanos unificados visando a independência tinham se iniciado nos ambientes de emigração política italiana. Entretanto, foi só a partir da década de 1830 que o ideal de uma unificação italiana a ser obtida através de uma luta popular autêntica, e não mediante conspirações e acordos com príncipes, difundiu-se entre os patriotas de tendência democrática, transformando-se em uma doutrina e programa de ação concretos devido, em grande parte, à obras de Giuseppe Mazzini que, preso em 1830 por participar da *Carboneria* e por suas idéias democráticas, exilou-se na França. Ele entrou em contato com os maiores nomes da emigração democrática e com outros nomes importantes da cultura política da época e foi construindo sua concepção política que misturava a inspiração democrática com uma forte componente religiosa. A reivindicação dos direitos dos indivíduos e das nações não poderia, no seu entender, estar separada da consciência dos deveres do homem e da missão que cabia aos povos como instrumento desse projeto divino. Crítico severo do individualismo, Mazzini acreditava firmemente no princípio da associação: acima do indivíduo havia a família, acima da família a nação, acima de tudo a

[37] George Gordon Byron (1788-1824) personifica o romantismo não só pela sua produção poética, mas pela íntima relação entre sua obra e sua vida desregrada e aventureira, que se conclui com a morte precoce na Grécia.

humanidade. Tanto os indivíduos quanto as nações deviam associar-se visando o bem comum[38].

A idéia de nação era central no pensamento de Mazzini. A nação, entendida como entidade cultural e espiritual, mais do que étnica e territorial, era a célula fundamental através da qual se realizaria o sonho de uma humanidade livre e irmanada. Só unidos em nações os povos poderiam realizar sua missão histórica. À Itália caberia a tarefa de derrubar os pilares da velha ordem, o império dos Habsburgo e o Estado Pontifício, e de iniciar um movimento de emancipação geral. Nessa concepção baseada em valores ideais e na idéia de unidade, não havia espaço para a temática ligada à luta de classes. Mazzini não ignorava os problemas sociais, pelo contrário, era favorável à realização de reformas amplas, embora defendesse o direito à propriedade como base da ordem social.

O programa político de Mazzini era a construção de uma Itália independente, com um governo unitário e republicano. Herdeiro, ao menos em parte, da tradição jacobina, Mazzini não admitia nenhum compromisso com o princípio monárquico. O caminho para atingir a unificação e a independência deveria ser a insurreição do povo, sem distinção de classes. O instrumento para realizar essa insurreição seria a formação de uma nova organização, que associasse à conspiração uma obra contínua de educação política. Essa nova organização nasceu na França em 1831, chamou-se *Giovane Italia* e reuniu muitos emigrados, mas as várias tentativas de insurreição organizadas fracassaram.

Nos anos 1840, entre o tradicionalismo conservador e o radicalismo republicano de Mazzini, foi surgindo uma tendência moderada que pretendia resolver a questão italiana com uma solução gradual, conciliando a causa liberal e patriótica com a religião católica e

[38] Ver L. Salvatorelli. *Pensiero e azione del Risorgimento.* Torino, Einaudi, 1943. F. Della Peruta. *Mazzini e i rivoluzionari italiani: il Partito d'azione.* Milano, Feltrinelli, 1974 e Giorgio Candeloro. *Storia dell'Italia*

propondo o federalismo, sempre recusado por Mazzini. Mais tarde, grupos republicanos democráticos também defenderam o federalismo.

Em 1848, a eclosão da revolução na França deu nova força à iniciativa do movimento democrático italiano e a questão nacional foi reproposta. Em Veneza proclamou-se uma república, em Milão, após uma insurreição, foi constituído um governo provisório e a região do Piemonte declarou guerra à Áustria. Entretanto, todos os focos revolucionários foram derrotados em grande parte devido às divisões no interior do movimento revolucionário, entre democráticos radicais e grupos liberais moderados. Retornaram os soberanos, bloquearam-se as reformas e restabeleceu-se a hegemonia austríaca. A única exceção a essa situação foi o Reino da Sardenha, que conservou o regime constitucional, e onde o Estado foi modernizado sobretudo no que se referia às relações com a Igreja. O conde Cavour, defensor da monarquia constitucional e de um liberalismo moderado, que ele considerava o antídoto contra a revolução e a desordem social, tornou-se presidente do Conselho de ministros em 1852. Iniciou uma política patriótica e anti-austríaca e fez reformas no campo político e econômico. O desenvolvimento econômico que a sua política trouxe para a região fez com que o Piemonte se tornasse um ponto de referência para a burguesia liberal de toda a Itália. Milhares de exilados políticos foram se estabelecer no Piemonte e passaram a participar da vida política do Reino.

Após as derrotas de 1848-49, Mazzini, do exílio em Londres, tentava restabelecer a rede conspirativa na Itália. Os resultados foram poucos. A polícia austríaca prendeu muitos membros das organizações mazzinianas e condenou vários à morte. Mazzini, porém, continuou acreditando na via insurrecional e fundou em 1853 em Genebra o *Partito d'Azione* e esforçou-se para criar uma base entre artesãos e operários, embora sem fazer

---

moderna, Milano, Feltrinelli, 1978.

concessões à ideologia socialista. Muitas sociedades operárias de socorro mútuo nascidas nesse período no norte da Itália inspiraram-se nas idéias de associação de Mazzini e eram controladas por mazzinianos.

Uma crítica vinda da esquerda à postura mazziniana, considerando-a pouco aberta aos problemas sociais, introduziu o tema do socialismo no debate interno do movimento *risorgimentale*, argumentando que a luta pela independência nacional deveria se associar à luta pela emancipação econômica e espiritual das classes populares. Todavia, os projetos insurrecionais desses grupos foram facilmente derrotados.

Vai se fortalecendo então e se concretizando a idéia da necessidade de união entre todas as correntes, moderadas e democráticas, com a única força capaz de atingir o objetivo de estabelecer uma monarquia constitucional, o movimento independentista piemontês, ao qual aderiu também Garibaldi em 1855, quando tinha voltado à Itália após um longo período na América. Garibaldi era um republicano convicto, mas tinha se afastado de Mazzini por não acreditar na possibilidade de sucesso do programa proposto pelo *Partito d'azione*. Assim colaborou com a monarquia do Piemonte na campanha de 1859 na Lombardia. Em 1860 aceitou liderar uma expedição à Sicília, guiando mil voluntários de diversas regiões, sendo estes burgueses, intelectuais, operários e artesãos. Ele era o chefe militar de maior prestígio no movimento e foi um líder capaz de unificar radicais e moderados.

Os garibaldinos conseguiram derrubar a monarquia na Sicília e instaurar um processo de reformas sociais, sem por em discussão a propriedade da terra. Houve uma série de agitações violentas dos camponeses que queriam escapar à exploração de uma estrutura social arcaica. Houve dura repressão. O exército de Garibaldi vence várias batalhas importantes, mas o controle da situação retorna a Cavour e aos moderados.

Garibaldi se isola. As várias partes da Itália vão sendo anexadas ao reino da Sardenha. Em 1861, o primeiro Parlamento nacional, eleito com voto rigorosamente censitário, proclama Vittorio Emanuele II rei da Itália. A unificação se completa com a anexação do Vêneto em 1866 e de Roma e a região Lácio em 1870. Nesse processo, houve também uma retomada dos grupos democráticos de oposição. Mazzini intensificou a propaganda pela refundação da república e Garibaldi projetou outra expedição, mas fracassaram. Os grupos que governaram o país a partir da unificação, as chamadas Direita e Esquerda históricas eram ambas expressões de uma classe dirigente muito restrita.

Na Itália, portanto, o Estado nacional nasceu da combinação de uma iniciativa do alto, a política de Cavour e da monarquia, e de uma iniciativa de baixo, as insurreições na Itália central e a expedição garibaldina no sul. Do encontro entre a componente democrática e a moderada e monárquica, a última foi claramente vencedora, mas não o bastante para impedir que o nascimento do novo Estado fosse de algum modo marcado pelas revoluções democráticas que o tinham precedido e tinham contribuído para torná-lo possível. Desse modo, essa tradição associativa e democrática foi um componente importante do movimento operário e socialista posterior.

A difusão de sociedades operárias[39] intensificou-se rapidamente em grande parte da Itália após a unificação. Nos anos 1860 e 1870, a maior parte das sociedades dedicava-se exclusivamente ao socorro mútuo, mas algumas já haviam criado cooperativas de consumo e de produção e outras apoiavam greves, ou seja, já tendiam a substituir o socorro-mútuo

[39] O desenvolvimento industrial da Itália no período posterior à unificação era ainda limitado. Então à minoria de operários de fábrica devemos juntar estratos mais amplos de trabalhadores assalariados que podiam ser definidos como operários, considerando-se a transformação capitalista que estava ocorrendo em toda a Itália. Eram esses trabalhadores urbanos, empregados em pequenas e médias manufaturas ou oficinas e nos serviços públicos, além do numeroso proletariado agrícola.

pela resistência[40]. A separação entre as duas atividade foi se intensificando a partir de 1870, mas a resistência era difícil e envolvia grandes riscos, considerando-se a legislação da época e a mentalidade dos patrões e das autoridades. Esses órgãos foram as ligas de resistência, primeiros núcleos do movimento sindical. A primeira grande greve do país, ocorrida em Nápoles, em 1863, acabou tragicamente, com um saldo de sete mortos e vários feridos. Uma intensificação dos movimentos grevistas ocorreu nos anos de 1870, provocados por um grande aumento dos preços. Foi nessa atmosfera de grande tensão social que ocorreram mudanças ideológicas no movimento operário italiano.

A proposta associativa de Mazzini continuava tendo sucesso em amplos setores populares, sobretudo entre os artesãos de oficinas. A idéia mazziniana insistia no aspecto religioso como fator de moralidade civil superior, capaz de assegurar a coesão da comunidade nacional. Mazzini considerava ilusória qualquer melhoria obtida na esfera econômica, se não fosse obtida em um quadro político transformado globalmente, tanto do ponto de vista das instituições quanto dos valores da vida civil. Ele recusava a luta de classes porque considerava que os problemas essenciais da vida coletiva não se resolveriam nem com a vitória final do proletariado sobre seu adversário, porque esta solução não considerava as relações não-econômicas. Ele considerava que uma renovação profunda na Itália só seria realizada com a colaboração entre grupos e classes em vez do confronto. A associação entre operários teria a tarefa de antecipar o progresso e de melhorar as próprias condições. Mazzini chegou a afirmar que as organizações de trabalhadores, sobretudo as associações operárias, as de socorro mútuo e as cooperativas, seriam o núcleo da futura nação, imaginada como uma república democrática. No entanto, a recusa da luta de classes

[40] Ver Giorgio Candeloro. *Storia dell'Italia moderna. Lo sviluppo del capitalismo e del movimento operaio. 1871-1896.* Milano, Feltrinelli, 1978, p. 34.

era sempre reafirmada por ele, que a considerava uma pretensão egoísta e corporativa, separada das exigências globais da sociedade. Ele acreditava que em uma sociedade verdadeiramente democrática os trabalhadores poderiam contribuir para as decisões coletivas junto às outras classes.

Já na metade do século XIX, o movimento mazziniano afirmava a necessidade de participação dos trabalhadores no interior das fábricas, dos bairros, das empresas agrícolas, das prefeituras, até as instâncias institucionais do Estado. Alguns autores acreditam que as idéias e experiências desse movimento tornaram-se um patrimônio da organização sindical italiana de diferentes tendências, na sua luta pela liberdade e pela transformação de toda a sociedade, ou seja, uma experiência que enraizou-se profundamente na cultura dos trabalhadores italianos[41].

A difusão das idéias socialistas na Itália tinha se iniciado já antes de 1848. Contudo, as primeiras tentativas de passar das discussões puramente teóricas manifestaram-se na polêmica anti-mazziniana, desenvolvida por volta de 1850 por homens da extrema esquerda democrática. Como vimos, eles afirmaram a necessidade de identificar a revolução nacional com a revolução social. Alguns defendiam que a solução do problema nacional não era a formação de um estado centralizado, mas de uma federação republicana. Essas idéias permaneceram sem efeito prático imediato, mas influenciaram o desenvolvimento posterior do socialismo italiano. À idéia republicana e democrática se juntou a influência de Proudhon que também caminhava em direção ao federalismo e ao anti-mazzinianismo. Mazzini, como vimos, era anti-socialista[42].

---

[41] Sobre essa questão ver, entre outros, Angelo Varni. *Il Sindacato nella società italiana fra '800 e '900.* Firenze, Felice Le Monnier, 1992, especialmente o capítulo IV "All'interno del mutualismo italiano: appunti per uma teoria del movimento 'operaio' mazziniano".

[42] Giorgio Candeloro. *Storia dell'Italia Moderna.* Milano, Feltrinelli, 1978, p. 36.

A Sociedade operária italiana fundada por Mazzini em Londres participou da Internacional desde as suas origens e ele tentou exercer influência, mas encontrou a oposição de Marx. Nesse período Bakunin estabeleceu-se na Itália, como veremos em seguida. Em 1868, democratas não mazzinianos fundam na Itália uma associação, *Libertà e Giustizia*, que recusava qualquer forma de colaboração entre as classes. Entretanto, a penetração da doutrina de Marx no movimento operário italiano, como também no resto da Europa, não foi imediata, nem tranqüila.

Os democratas mais radicais, entre os quais se destacavam os garibaldinos, nos anos 1870, posicionaram-se favoravelmente à Comuna de Paris e à Internacional. Essa manifestação, feita também pelo próprio Garibaldi, foi o elo de ligação entre a tradição democrática do *Risorgimento* e o nascente socialismo italiano. Esse posicionamento se deveu a uma inclinação sua pelo socialismo, entendido em termos humanitários. Muitos garibaldinos se tornaram dirigentes e militantes da Internacional na Itália.

A divulgação da idéias de Marx foi intensificada na Itália com a atividade de Carlo Cafiero, jovem intelectual nascido em 1846. Ele foi o primeiro agitador internacionalista de um certo relevo na Itália. Conheceu Marx e Engels em Londres e empenhou-se na organização da Internacional na Itália. Estabeleceu-se em Nápoles como homem de confiança de Engels, mas entrando em contato com Bakunin acabou aderindo ao anarquismo, tomando parte nas insurreições de Imola (1874) e Benevento (1877). Na prisão, Cafiero escreveu um resumo d' *O Capital*, destinado a trabalhadores e amadureceu seu retorno ao marxismo[43].

[43] O manuscrito foi publicado em 1879. Era um livrinho de 10 capítulos curtos que teve grande difusão e até algumas traduções. Novas edições foram feitas em 1913,1915 e 1920. Em 1945, o texto foi reeditado 5 vezes e também nos anos 50 e início dos 70 teve várias publicações. Ver *Il Capitale di Karl Marx. Compendio di Carlo Cafiero.* Roma, Editori Riuniti, 1996.

Ainda nos anos 1870, os internacionalistas continuaram por mais tempo a polêmica contra Mazzini, mas sobretudo intensificaram a formação de inúmeros círculos e seções, sobretudo na Romanha, Marche e Toscana. Ao mesmo tempo, os internacionalistas italianos encontraram-se diante do dilema de escolher entre a linha socialista, defendida pelo conselho geral, e a linha anarquista, defendida pelos dissidentes bakuninistas. A grande maioria optou pelo anarquismo e até mesmo Cafiero interrompeu sua correspondência com Engels em 1872. Mas esse predomínio anarquista não duraria muito tempo.

Vejamos melhor a influência de Bakunin na Itália.

4.2 A influência de Bakunin na Itália

A influência de Bakunin na Itália, ao menos por uma década, 1864-1874, teve certamente conseqüências sobre o desenvolvimento do movimento socialista na Itália. Basta pensar que Andrea Costa, elemento decisivo no rumo tomado pelo socialismo italiano, era um homem de formação bakuninista[44].

Em 1861, Bakunin encontrou, em Londres, emigrados italianos como Mazzini e escreveu muitas cartas a Garibaldi, cuja fama tinha chegado até na Sibéria. Entre 1864 e 1867 Bakunin estabeleceu-se na Itália, e, em contato com a juventude democrática italiana, com cartas de apresentação de Mazzini e outros, amadureceu suas idéias anarquistas. Estabeleceu-se em Florença e freqüentou ambientes republicanos e lojas maçônicas. Ali Bakunin concluiu que a revolução *risorgimentale* tinha feito muito pouco para satisfazer as

[44] Foi depois de uma insurreição na Polônia, em 1863, que Bakunin elaborou sua doutrina do anarquismo coletivista.

necessidades das classes pobres e para inseri-las minimamente na vida política da nova nação. Bakunin considerou que havia um potencial revolucionário na Itália que deveria ser cultivado, visto que os republicanos democratas italianos aspiravam a uma reforma política e social no país.

A atividade de Bakunin nesses anos para formar uma vanguarda revolucionária deu poucos resultados. Foi para Londres onde encontrou Marx com quem combinou de difundir os princípios da Internacional e combater, portanto, a influência de Mazzini e Garibaldi na Itália. Bakunin combateu a ideologia mazziniana e difundiu seus próprios princípios de emancipação social. Em Florença Bakunin fundou uma sociedade secreta, com disciplina rígida e hierarquia. Seu programa propunha sufrágio universal, a reorganização das relações políticas de baixo para o alto, da periferia para o centro, a instrução gratuita obrigatória, a emancipação da mulher, o ateísmo, a reorganização do trabalho e da produção em base associativa e a necessidade de uma revolução violenta para instituir a nova sociedade[45]. Era um manifesto de caráter democrático muito avançado, mas não conseguiu muitos adeptos. Transferiu-se para Nápoles, onde se tornou amigo de intelectuais e jovens que se tornaram defensores do internacionalismo anarquista. Ali ele fundou uma nova sociedade cujo programa incluía temas como ateísmo, federalismo, antiestatismo, solidarismo, coletivismo, além da abolição de todo privilégio, da emancipação dos trabalhadores, da distribuição da terra aos camponeses e dos instrumentos de trabalho aos operários. Ele procurou seguidores entre a juventude democrática italiana e estendeu a difusão das idéias enviando cartas a amigos espalhados em toda a Europa. Sua polêmica com as correntes mazziana e garibaldina continuou bem viva.

[45] F. Andreucci e D. Tommaso. *Il movimento operaio italiano – Dizionario biografico. 1853-1943.* Roma, Editori Riuniti, p.129.

Em 1867, ele se transferiu na Suíça e só voltou à Itália em visitas rápidas, mas sua influência sobre as correntes democráticas italianas aumentou ao invés de diminuir, pois ele manteve uma intensa correspondência com velhos e novos amigos italianos. Os apelos de Bakunin a seus seguidores italianos para que superassem as reivindicações nacionais e participassem dos congressos internacionais fez com que esses entrassem em contato com as grandes correntes da democracia e do socialismo europeu.

Bakunin entrou oficialmente na Internacional em 1868, embora mantivesse ainda uma espécie de organização secreta. O primeiro conflito aberto entre suas idéias e as de Marx ocorrem no ano seguinte. Como antigo pan-eslavista, admirador de Proudhon e defensor de uma teoria revolucionária baseada no espontaneísmo e principalmente nos camponeses e elementos desclassificados da sociedade urbana, Bakunin era triplamente suspeito aos olhos de Marx. O conflito vai se agravando nos anos seguintes até chegar à ruptura total. O principal ponto de divergência era, sem dúvida, as diferentes concepções de Estado. Como vimos, para Bakunin o capitalismo acentuava o caráter opressivo e explorador do Estado, mas não determinava a sua essência. Portanto a miséria só seria eliminada, eliminado-se o Estado. As concepções opostas de Estado em Marx e Bakunin levava, obviamente, a posições diferentes sobre a tática de luta do proletariado. Marx defendia a necessidade da ação política e da conquista do poder pelo proletariado organizado em um partido político. Bakunin propunha a necessidade da solidariedade e a prática da revolução, ou seja, a realização da revolução. Bakunin considerava que a manutenção do Estado, mesmo que na forma da ditadura do proletariado, acabaria levando à formação de uma nova classe exploradora e privilegiada, que perpetuaria a opressão econômica e política do Estado.

A penetração das idéias internacionalistas na Itália preocupou Mazzini, que tentava reorganizar as associações operárias italianas. Bakunin respondeu com artigos criticando duramente a idéia mazziniana de Estado centralizado, à qual contrapôs o seu próprio sistema de federalismo político e econômico e sobretudo criticou a concepção da harmonia das classes na nação, acusando-o de desenvolver uma ação nociva sobre as massas trabalhadoras e de subestimar a capacidade política dos camponeses italianos. Bakunin propunha uma luta social revolucionária que seria realizada através da organização internacional do trabalho contra o capital e pela difusão do socialismo no campo, defendendo uma aliança entre trabalhadores do campo e das cidades. A polêmica criada por Bakunin reunia Marx e Mazzini na mesma crítica "anti-autoritária".

Sua influência foi grande na Itália, Espanha, Suíça e Rússia. Uma das últimas manifestações da sua vontade revolucionária ocorreu justamente na Itália, em motins realizados na Romanha em 1874.

Ao longo dos anos de 1873 e 74, os internacionalistas italianos acreditaram na possibilidade de dar início à revolução social com uma insurreição de vastas proporções e empenharam-se para prepará-la. As greves e tumultos operários daqueles anos, provocados pelo aumento do preço do pão e outros alimentos, fez com que surgisse a ilusão de que se estava criando uma situação revolucionária. A essa preparação dedicou-se incansavelmente Andrea Costa, que redigiu vários folhetos em tom violentíssimo. Os preparativos se estenderam em várias regiões do país, mas a tentativa de insurreição fracassou terrivelmente com a prisão e dispersão dos participantes. Andrea Costa também foi preso[46]. Bakunin conseguiu escapar vestido de padre.

[46] Voltaremos a Costa mais adiante porque ele é uma figura central no movimento socialista italiano, e símbolo da passagem do anarquismo ao socialismo parlamentar.

As derrotas e a repressão levarão muitos militantes a passar do anarquismo para o socialismo.

4.3 Os socialistas e a organização operária

Sobreviveu à repressão um grupo socialista reunido em torno do jornal *La Plebe*, que publicava escritos de Marx e Engels contra os anarquistas e ao qual contribuía também Benoît Malon[47], que tinha participado da Comuna de Paris e se exilado na Itália, onde submetia o método insurrecional a uma crítica severa, analisando as conseqüências da derrota da insurreição parisiense e também a repressão rápida e feroz efetuada contra as tentativas de insurreição na Itália[48].

Enquanto o movimento de resistência operária se consolidava pouco a pouco e continuava a se desenvolver o movimento mutualista, controlado em parte pelos republicanos e em parte pelos moderados, que aderiam ao pacto de irmandade mazziniano, os grupos anarquistas e socialistas iam se refazendo após a crise provocada pela repressão que se seguiu aos motins. Da atividade desses grupos e da conversão sucessiva de parte dos anarquistas ao socialismo alimentou-se a história posterior do socialismo italiano, que foi buscar inspiração na social-democracia alemã, sobretudo depois do sucesso desta nas eleições de 1877. Muitos anarquistas na Itália vão acabar entrando nas fileiras do socialismo, aceitando a idéia marxista da necessidade da ação política do partido. Entre eles estava Andrea Costa, que tinha sido um dos principais nomes do anarquismo na Itália.

---

[47] Sobre a influência de Malon no socialismo italiano ver Letterio Briguglio. *Benoît Malon e il socialismo*. Padova, Tipografia Antoniana, 1979.

[48] Após a Comuna de Paris, os movimentos operários de toda a Europa começaram a direcionar as próprias energias para outros objetivos que não o da revolta.

Em 1882, a grande novidade no campo político e eleitoral tinha sido a entrada de Andrea Costa no Parlamento para os socialistas e a do "deputado operário" Antonio Maffi apoiado pelos radicais[49]. A passagem de Andrea Costa, após várias prisões, do anarquismo ao socialismo em 1879, tinha duas razões básicas: a recusa da tática exclusivamente insurrecional e a afirmação da necessidade de organizar um partido político[50]. Essa passagem tinha provocado um grande abalo no mundo anarquista italiano. Também em 1882, surgiu em Milão o *Partito Operaio Italiano.*

Esse período foi marcado por grandes agitações e greves tanto nas cidades como no campo. No fim dos anos 1880 e início dos anos 90 nascem as *Camere del Lavoro* freqüentemente por iniciativa dos socialistas com o desenvolvimento de atividades que tinham se iniciado no interior das sociedades de socorro-mútuo, que superavam as influências paternalistas e filantrópicas que as caracterizavam. No entanto, foi nessas sociedades de socorro-mútuo que os trabalhadores tinham desenvolvido uma intensa experiência associativa, de organização e de solidariedade. As Câmaras se ocupavam inicialmente de emprego da mão-de-obra em um período de grande crise econômica e de desemprego:

> "O exemplo vinha da França, das *bourses du travail* nascidas em Nîmes, Lion, Marselha, onde se dirigiram, em 1888, representantes do Partido Operário Italiano; e em Paris: na capital francesa uma delegação de trabalhadores italianos participou dos encontros que ocorreram em 1889 para a Exposição Universal e diversos socialistas dirigiram-se a Paris para tomar parte dos congressos internacionais..."[51].

---

[49] Ver Renato Zangheri. *Storia del socialismo italiano.* Torino, Einaudi, 1997. Vol. 2

[50] Andrea Costa continuava acreditando na idéia de revolução, mas argumentava que ela deveria ser precedida por uma ampla propagação das idéias socialistas revolucionárias e ter um partido fortemente organizado, capaz de provocá-la quando existissem as condições necessárias para o seu sucesso e de inspirá-la e dirigi-la. O Programa publicado logo após o congresso clandestino dos socialistas realizado em 1881 propunha a propagação constante das idéias socialistas através da imprensa e de reuniões.

[51] R. Zangheri, *op.cit.*, p. 51.

O socialista Osvaldo Gnocchi-Viani, que era o maior defensor e propagandista na Itália das *Camere del Lavoro* não como simples mercado de trabalho, mas como uma nova missão social, missão econômica e moralmente redentora[52]. Ao mesmo tempo ele destacava que essas bolsas francesas transplantadas na Itália deveriam modificar-se nas cidades onde as indústrias eram poucas ou inexistentes e onde houvesse áreas agrícolas próximas. É interessante observar aqui essa troca de experiências entre o movimento operário de países diferentes, e como a experiência francesa das *bourses du travail*, tornou-se modelo para vários outros países.

O ambiente das Camere refletiam as principais tendências do movimento operário, que tinham se desenvolvido nos anos 1880, embora no início tenha havido um predomínio da idéia da necessidade de mediação ao invés do conflito. O apoliticismo declarado inicialmente nos estatutos foi rapidamente eliminado.

Entre 1882-1892 reuniram-se as forças intelectuais, políticas e sindicais que levaram à constituição do partido socialista na Itália. Nesse processo, o pensamento e a ação do jovem Filippo Turati tiveram grande importância. Da ortodoxia marxista ele aceitava a socialização dos meios de produção, mas afirmava a validade substancial, e não transitória, da reforma social que a organização operária poderia realizar no interior da sociedade burguesa. Foi assim que em agosto de 1892, de uma reunião de numerosas associações operárias e populares, rompidos os laços com o anarquismo, nasceu em Gênova o *Partito dei Lavoratori Italiani*, que nas eleições realizadas no mesmo ano conseguiu eleger seis deputados.

---

[52] Idem. p.56.

O Partido socialista desde 1893 havia elaborado um programa mínimo no qual junto a reivindicações especificamente operárias, encontravam-se outras que podiam ser compartilhadas por qualquer democrata. Era uma plataforma política que teve sucesso e nas eleições de 1897 os socialistas passaram a ter 15 deputados.

No fim do século pode-se dizer que na Itália havia um conflito que procurava forçar a evolução do regime liberal em direção a formas de democracia mais avançada. As forças progressistas cresciam, mas crescia com ela as tentativas de resolver as tensões sociais e políticas com a restrição da liberdade. As forças conservadoras se uniram contra os inimigos fossem eles republicanos, socialistas ou católicos.

O ano de 1897 foi marcado por greves, agitações, às vezes acompanhadas de saques, manifestações de praça e conflitos com a força pública, de camponeses e operários, que foram o anúncio da grande crise social e política que atingiu toda a Itália no ano seguinte. A diminuição do poder aquisitivo, sobretudo entre os camponeses, fez com que os trabalhadores chegassem ao limite da sobrevivência. O aumento do preço do trigo e do milho, produtos de primeira necessidade, criam os pressupostos de uma revolta causada pela fome[53].

A tensão explodiu em 1898, quando uma série de tumultos populares contra o aumento do preço do pão abalaram a Itália com uma grande força[54]. Com o grito de "Pão e trabalho", ocorrem tumultos, assalto às panificadoras e armazéns, invasão de repartições públicas, conflitos com a polícia e o exército, em um modo nunca visto. Foram manifestações na maior parte espontâneas, com uma presença marcante de operários. As

[53] Ver, sobre esse período e essas questões, Renzo Del Carria. *Proletari senza rivoluzione. Storia delle classi subalterne italiane dal 1860 al 1950.* Milano, Edizioni Oriente, 1970, pp. 295-343.

[54] Como veremos no próximo capítulo, os acontecimentos de 1898 e a greve de Parma de 1908, que descreveremos a seguir, foram as razões que explicam, respectivamente, a primeira e a segunda vinda do sindicalista Alceste De Ambris ao Brasil.

revoltas ocorreram ao mesmo tempo em todas as regiões da Itália, dos vilarejos às grandes cidades, nas áreas agrícolas e industriais. A liderança dessas massas eram as mulheres e os jovens e atingirá grande parte das categorias do mundo do trabalho. Ao longo de 4 meses, de janeiro a maio de 1898, ocorreram, em diferentes partes do país, centenas de episódios de revolta e de conflito com a força pública.

A resposta do governo foi duríssima e a polícia interveio violentamente em Milão, Nápoles e em toda a Toscana. Nos primeiros dia de maio em Milão, a situação tornou-se explosiva e de uma série de confrontos entre a polícia e os operários da fábrica Pirelli desencadeou-se uma sublevação e uma greve geral, com formação de barricadas que só acabou com a intervenção do exército. A greve se torna geral em todas as fábricas de Milão e cerca de 40.000 operários e suas famílias saem pelas ruas em protesto. As tropas destruíram as barricadas com canhões e dispararam contra os manifestantes, provocando mais de cem mortes[55]. O comandante da ação, o general Bava Beccaris, recebeu do rei Umberto I, uma condecoração militar. Chefes socialistas, radicais, republicanos e católicos foram presos, além de muitos trabalhadores, e foram limitados fortemente os direitos de greve e de associação. A ação do Partido socialista tinha sido somente a de tentar organizar o movimento em vários locais, mas tinha se limitado praticamente a convidar os trabalhadores a manterem a calma ou a suspender o movimento.

O assassinato de Umberto I em 1900 pelo anarquista Gaetano Bresci, que tinha voltado dos Estados Unidos especialmente para essa ação, estava intimamente ligado a esse acontecimento. Por isso Bresci era conhecido nos ambientes operários, sobretudo anarquistas, inclusive no Brasil, como "o vingador". O balanço final dos quatro meses de

[55] A cifra oficial foi de 118 mortos. Outras fontes, como a imprensa operária, falam de 450 e até de 800 mortos, todos trabalhadores.

luta em 1898 foi de nada menos que 800 trabalhadores mortos pela força pública e milhares de feridos[56].

A partir de 1901, porém, tornou-se chefe de governo o liberal Zanardelli, que logo se manifesta contra a repressão às organizações operárias. Nesse período foram feitas algumas leis em defesa dos trabalhadores, como apoio às cooperativas, subsídios, liberdade aos sindicatos, controle de trabalhos insalubres, redução do horário de trabalho, proteção às mulheres e crianças[57]. As organizações sindicais, operárias e camponesas, que tinham sido condenadas à clandestinidade pela repressão de 1898, desenvolveram-se rapidamente nesse novo período. Em 1901, a *Federazione Italiana dei lavoratori della terra (Federterra)* contava com quase 300.000 inscritos. Esse desenvolvimento foi acompanhado por um grande aumento das greves.

Entre 1903 e 1912, durante o governo de Giolitti, o partido socialista acentuou sua tendência reformista[58], da qual foram defensores, junto com Turati, Claudio Treves, Ivanoe Bonomi e Leonida Bissolati, entre outros, enquanto a oposição, o socialismo revolucionário, era guiado por Enrico Ferri[59]. A posição de Ferri era a seguinte: o partido podia inspirar-se, na prática, no modesto programa mínimo socialista, mas deveria fazer sua

[56] Ver Del Carria. *Op.cit.*, p.300.
[57] Idem, p. 343.
[58] O Partido Socialista Italiano tinha decidido unir-se a outras forças políticas democráticas como os republicanos e os radicais, os grupos liberais que vinham se mostrando propensos à construção de um desenvolvimento democrático no país. Na verdade, depois de um longo debate teórico e político, o caminho do reformismo tinha começado a prevalecer também em outros partidos socialistas europeus. Particularmente sugestivo era o exemplo da França, onde os socialistas, depois de terem participado ativamente com outras forças democráticas da defesa do capitão Dreyfus, tinham chegado a permitir a um representante deles, Millerand, participar do governo, como ministro.
[59] Mais tarde, entre 1906 e 1908, Ferri se tornaria diretor do *Avanti!* italiano, abrindo duras polêmicas com os sindicalistas. Ele deixou o jornal em 1908 para passar alguns meses fazendo conferências na Argentina.

propaganda com base em um programa máximo, ou seja, fazer reformismo na política e maximalismo na propaganda[60].

Na verdade, já entre 1900 e 1902 o Partido Socialista tinha apoiado o governo Zanardelli-Giolitti. Havia naturalmente já nesse período aqueles que não concordavam com a estratégia defendida por Turati, que era a seguinte: os deputados socialistas apoiavam o governo no parlamento e em troca negociava uma legislação social e uma série de concessões econômicas que favoreciam sobretudo as organizações sindicais e cooperativas do norte da Itália. Turati e os outros socialistas reformistas consideravam que a via das reformas e da colaboração com a burguesia progressista fosse o único modo de assegurar a manutenção da vitórias obtidas.

A classe dirigente liberal recusava a violência contra os trabalhadores, inaugurando uma nova política de aliança, uma política reformista, com o apoio dos deputados socialistas. No entanto, a medida que os limites estreitos do liberalismo giolittiano vão se delineando vai se afirmando uma corrente socialista revolucionária, segundo a qual era necessário organizar um movimento de dura oposição ao Estado monárquico e liberal.

É nesse contexto que, no movimento socialista italiano, começava a tomar força o *sindicalismo revolucionário*, que defendia, como vimos, a ação direta dos operários, que livre de toda ligação com partidos e governos, devia servir-se do sindicato como instrumento para a transformação social. Em 1904, os socialistas revolucionários apoiaram a greve geral organizada pelos sindicalistas revolucionários. A derrota dos socialistas nas eleições, devido ao medo dos moderados diante das agitações operárias daquele ano, assinala a ruptura com os sindicalistas revolucionários. Em 1906, as federações de categoria controladas pelos reformistas fundam a Confederazione Generale del Lavoro (CGdL), da

[60] Ver Gaetano Arfé. *Storia dell'Avanti!* Roma-Milano, Edizioni Avanti, 1956, p. 48.

qual os sindicalistas revolucionários foram progressivamente afastados. Depois foram afastados também do partido socialista, onde as correntes reformistas retomaram força.

Em 1907-1908, uma crise econômica acentuou a pressão dos industriais sobre o governo e por outro lado as tendências anti-reformistas no movimento operário. O patronato industrial e agrícola tornou-se mais inflexível em relação às reivindicações dos trabalhadores. Já desde o início do século, o sucesso crescente das reivindicações socialistas, a afirmação das cooperativas operárias e camponesas, o peso sempre maior das organizações sindicais vinham provocando um enrijecimento da ação patronal no terreno econômico e político e iam surgindo as primeiras vozes de um nacionalismo preocupado com a luta de classes, vista como fator de enfraquecimento da nação. Apesar do seu caráter aparentemente retórico e provinciano, esse nacionalismo tinha na essência uma visão da sociedade e do Estado hierárquica e conservadora e radicalmente antidemocrática.

Em 1911, os nacionalistas organizaram uma grande campanha em favor da ocupação de Tripoli. Segundo eles, a Líbia era um país muito fértil e se adaptava magnificamente às funções de colônia da povoamento. A perspectiva da conquista da Líbia era acolhida favoravelmente por uma parte não insignificante da opinião pública, que ia da pequena e média burguesia a alguns socialistas (como Bonomi e Bissolati) e a teóricos do *sindicalismo revolucionário*.

No congresso socialista de 1912, Bonomi e Bissolati foram expulsos do partido e os socialistas revolucionários conquistaram a maioria. O jornal do partido, o *Avanti!* passou a ser dirigido pelo então socialista Benito Mussolini e ala reformista foi definitivamente vencida.

4.4. A classe operária italiana no início do século XX

Em 1900, 40% da população operária italiana, talvez mais, era constituída por mulheres, crianças e adolescentes. Um número considerável de trabalhadores exerciam outra atividade principal que não o trabalho na fábrica: a maior parte desses eram camponeses que em determinadas estações do ano improvisavam a atividade de operário. Não faltavam também os operários que praticavam a agricultura como atividade acessória[61]. Isso funcionava como uma caixa de resistência individual durante as greves, ou seja, nos períodos de desemprego, os trabalhadores se deslocavam em busca de um outro trabalho, o que permitia a formação de pequenas economias capazes de sustentá-los nos períodos de greve[62]. A rotatividade nas fábricas era alta e o grau de qualificação era baixo. Do ponto de vista estrutural a indústria italiana era marcada pela resistência da pequena empresa, artesanal e familiar. Neles havia o artesão, orgulhoso do seu ofício, altamente qualificado. E praticamente não havia um setor intermediário entre a massa de trabalhadores sem nenhuma qualificação e esses trabalhadores altamente qualificados. Essa composição heterogênea dificultava a luta dos trabalhadores naqueles que eram os principais objetos das negociações: o horário de trabalho e o salário. Onde prevalecia o trabalho não-qualificado e alta presença de mulheres e crianças o horário era mais longo. Nas fábricas têxteis, por exemplo, a jornada de trabalho era de 11 horas e em muitos casos

[61] Ver Giuliano Procacci. *La lotta di classe in Italia agli inizi del secolo XX*. Roma. Editori Riuniti, 1992, p. 18.

[62] Isso era menos provável em São Paulo por causa das longas distâncias e do sistema de trabalho no campo. Entretanto, Pinheiro e Hall consideram provável que a maior incidência de greves durante o mês de maio, nos anos que estamos estudando, derivasse do fato desse período coincidir com a necessidade de mão-de-obra para a colheita do café, o que reduzia o desemprego e aumentava o poder de negociação dos trabalhadores que permaneciam na cidade. Ver *A classe operária...*, *op.cit.*, vol. 1, p. 130-131.

mais longa. A jornada de 8 horas, que era uma reivindicação do movimento operário internacional, tinha na Itália um valor indicativo nesse período. Em relação aos salários, os historiadores evidenciam também a divergência entre trabalho qualificado e não-qualificado. As ligas e a organização sindical tendia a se manter nos limites de um ofício específico. O operário-artesão era na maioria das vezes um democrata e freqüentemente socialista.

O tipo de organização operária mais comum no período da II Internacional era portanto a união ou federação de ofício. Elas eram abertas a todos os trabalhadores do setor. As quotas eram mantidas em um nível bem baixo para facilitar a adesão de trabalhadores com salários baixos. As organizações com um número pequeno de sócios oferecia o socorro mútuo em caso de desemprego, doença e sobretudo greves, mas as grandes federações dedicavam-se sobretudo à negociação sindical, à elaboração de uma plataforma de reivindicação e à direção dos movimentos e greves. Era uma organização tipicamente classista e de resistência. Grande número de federações operárias na Itália começaram a se formar a partir de 1900. Os trabalhadores mais organizados eram os ferroviários e os tipógrafos. Os sindicatos italianos se organizavam também no plano local com as *Camera del Lavoro*.

4.5. A *Camera del lavoro*

A constituição das primeiras *Camere del lavoro* se deu na década entre 1890 e 1900. À *Camera del lavoro* de Milão, fundada em 1891, seguiram-se muitas outras. Nos primeiros anos do século, esse tipo de organização foi se generalizando. O estatuto da maioria delas copiava o da Câmara de Milão, que a definia como uma intermediária entre a

oferta e a procura de trabalho, o que significava que sua principal função era a de ajudar os trabalhadores a encontrar trabalho. Logo em seguida aparecia a tarefa de patrocinar os interesses dos trabalhadores em todas as contingências da vida. Em alguns encontrava-se a palavra resistência, que era, ao contrário, presença obrigatória nos estatutos das federações de ofício. A Câmara se apresentava como representante dos interesses coletivos dos assalariados. Ela não promovia greves e agitações, mas se limitava a intermediar no caso em que elas ocorressem. Em muitíssimos estatutos havia uma cláusula especial que sublinhava o caráter apolítico da organização, estabelecendo que era absolutamente proibido realizar na Câmara qualquer reunião de caráter político ou religioso[63].

É claro que depois da dura repressão que se seguiu aos acontecimentos de 1898, as câmaras do trabalho mantinham uma certa prudência nas formulações de seus estatutos: em primeiro lugar a preocupação de não dar pretexto ao governo e às autoridades locais, inclinadas a dissolver as organizações operárias. Entretanto, essa preocupação existia também para as federações de ofício, que embora tivessem sido também dissolvidas ou limitadas pelas autoridades, não hesitavam em proclamar abertamente seu caráter de organização de classe e de luta nos seus estatutos. As câmaras, porém, tinham a preocupação de obter o subsídio da prefeitura, que, seguindo o exemplo da câmara de Milão, a maior parte solicitou e muitas conseguiram. Todavia, havia também a preocupação de não ferir a suscetibilidade das várias correntes políticas às quais pertenciam os trabalhadores que aderiam à Câmara: republicanos, anarquistas, socialistas e também católicos. Daí também a resistência em dar uma caráter político explícito às câmaras.

[63] Essa disposição se encontrava no estatuto da Câmara de Milão, de Piacenza, Udine, Pádua, Ravenna e na maioria das outras câmaras. Ver G. Procacci. *Op.cit*, p. 58.

Em relação à estrutura das Câmaras, elas também, como as federações, faziam divisões rigorosas de acordo com os ofícios. As categorias mais fortes eram os tipógrafos, os pedreiros e, onde havia, os ferroviários[64]. Entre os tipógrafos, pedreiros, metalúrgicos e têxteis havia subdivisões. As comissões executivas eram bastante heterogêneas. A secretaria geralmente cabia a um trabalhador mais capacitado, geralmente um tipógrafo, e o resto da comissão era formada por trabalhadores de diferentes ofícios, mas mais freqüentemente ligado ao setor artesanal que à indústria: eram alfaiates, sapateiros, ourives, pintores, chapeleiros, padeiros, relojoeiros. Muitas vezes o cargo de secretário era ocupado através de concurso e destes participavam também militantes profissionais socialistas[65].

O historiador italiano Giuliano Procacci argumenta que enquanto as federações de ofício desempenhavam um papel exclusivamente sindical, de organização das greves e negociações enquanto nas câmaras a instância reivindicativo-sindical e a política estavam intimamente ligadas. Isso porque, além da intermediação nas negociações entre trabalhadores e empregadores a Câmara desempenhava uma vasta atividade na colocação, na cooperação, na recreação e educação populares, sendo um órgão de autogoverno popular. Ele observa que em um país como a Itália, onde a grande indústria era ainda pouco desenvolvida e onde o movimento operário tinha se formado quase por um processo de modificação e de transformação gradual da democracia *risorgimentale*, uma orientação de tipo tradeunionista corria o risco de trazer poucos frutos e de isolar os núcleos operários mais avançados e conscientes da grande massa dos trabalhadores e de interromper uma solidariedade popular e revolucionária real, cujo conteúdo era o da democracia

[64] Isso ocorria também no Brasil, como veremos adiante.
[65] Desses concursos para o cargo de secretário da Câmara do Trabalho participavam freqüentemente militantes do Partido Socialista Italiano, mas não só. Uma comissão formada por secretários das várias ligas de ofício associadas à Câmara escolhiam aquele que lhes parecia mais preparado para dirigi-la. Os candidatos podiam ser de qualquer parte da Itália.

risorgimentale. Por causa desse estímulo popular e revolucionário, as câmaras não eram efetivamente neutras ou apolíticas, mas abertamente empenhadas nas lutas dos trabalhadores.

Para Procacci, na realidade italiana era impossível realizar uma distinção nítida entre luta sindical e luta política, entre reivindicações tipicamente proletárias e operárias e instâncias democrático-populares porque eram ainda muitos os casos em que não se tratava de organizar uma greve e conquistar melhores salários e reduzir a jornada, mas de assegurar as condições gerais de democracia e de civilidade no qual um movimento reivindicativo pudesse se desenvolver e se tornar um elemento normal no âmbito da sociedade. Essa análise pode ser, sem dúvida, aplicada também à luta dos trabalhadores em São Paulo no mesmo período.

No Brasil, o desejo dos militantes socialistas de formarem organizações semelhantes às Câmaras italianas é expresso no primeiro congresso socialista realizado em 1902, em São Paulo. Dante Ramenzoni e Alcibiade Bertolotti abriram o congresso com a proposta de que "incumbe à comissão central do partido, à federação socialista estadual e as diversas organizações socialistas de vigiar e dirigir a ação econômica do partido, de animar a propaganda para a constituição de sociedades de resistência entre trabalhadores de cidades e dos campos, apoiando oportunamente tais iniciativas"[66]. Além disso "o partido deverá também cuidar da instituição de câmaras ou bolsas do trabalho para facilitar aos trabalhadores os meios de colocar a sua força de trabalho, que sirvam de intermediários entre a oferta e a procura de trabalho e patrocinem os interesses dos trabalhadores"[67]. As ligas de oficio que estavam nascendo nesses anos e a Federação Operária de São Paulo que

[66] "Congresso Socialista Brasileiro", *O Estado de São Paulo*, 31-05-1902, p. 2.
[67] Idem.

nascerá alguns anos depois, em 1905, animada por sindicalistas revolucionários, socialistas, anarquistas desempenharão um papel semelhante ao das Câmaras do Trabalho italianas, como veremos no capítulo dedicado a Sorelli.

4.6. O nascimento do sindicalismo revolucionário na Itália

O *sindicalismo revolucionário* italiano deve ser analisado tanto como o resultado da ação dos próprios trabalhadores, associada à influência das idéias de Sorel e na sua relação com toda uma tradição socialista italiana. Seus principais teóricos Arturo Labriola e Enrico Leone, diretores dos jornais *Avanguardia socialista* e *Divenire sociale* divulgaram as idéias do *sindicalismo revolucionário*, apresentando-o como uma alternativa efetiva à linha oficial do Partido socialista italiano. No balanço que Labriola fez anos mais tarde do *sindicalismo revolucionário*, ele se recusou a enquadrá-lo em fenômenos como a degeneração política inaugurada por Millerand na França, mas o associou ao contexto italiano, declarando que o ponto de partida do movimento era constatação do contraste entre os resultados da ação do reformismo turatiano e a situação dos trabalhadores nas partes mais atrasadas do país[68]. Os teóricos sindicalistas revolucionários italianos, portanto, reivindicavam sua autonomia em relação à doutrina de Sorel, embora admitissem sua influência.

Alguns periódicos libertários defendiam o valor da greve geral do ponto de vista moral, porque irmanava os trabalhadores, levava-os à consciência da própria condição e era uma preparação para a futura emancipação, mas os anarquistas, como veremos, não estavam convencidos do valor do sindicato e da luta cotidiano para a conquista de

[68] Ver Arturo Labriola. *L'Etat e la crise*. Paris, Rivière, 1933, p. 282 citado por Dora Marucco. *Arturo Labriola e il sindacalismo rivoluzionario in Italia*. Torino, Einaudi, 1970, p. 14.

melhorias. Portanto, a corrente que na Itália se identificou com o *sindicalismo revolucionário*, adotando o termo usado na França, vinha do partido socialista. Estes reivindicavam continuamente essa origem socialista e também a matriz marxista da própria inspiração ou ao menos, inseriam-se na chamada crise do marxismo.

A idéia da greve geral e da função revolucionária dos sindicatos já estavam bem presentes na Itália em 1900.

O sindicalismo revolucionário italiano nasceu, portanto, dentro do partido socialista, logo após o congresso de Imola, em 1902 [69]. Vimos como os sindicatos tinham aumentado em número muito rapidamente no início do século, graças ao novo clima político e também ao aumento da ação dos próprios trabalhadores da cidade e do campo, ligados ao espírito socialista. Foi nesse contexto que foi se caracterizando uma tendência revolucionária, que se distanciando do chamado "intransigentismo" de Ferri, foi gradualmente se dirigindo para o *sindicalismo revolucionário*. O início desse processo foi marcado pela fundação do jornal *Avanguardia socialista* por Arturo Labriola, que tinha se transferido de Nápoles para Milão e que com a publicação procurava atacar o reformismo e unir a oposição do socialismo meridional com o radicalismo demonstrado pela classe operária de um pólo industrial. No entanto, a idéia era ainda a de equilibrar a função do sindicato com a do partido. O sindicato era visto como um reservatório de energia que dava força à ação do partido. A nova idéia vai tendo sucesso em várias partes do norte da Itália como Milão, Modena, Ferrara e Mântua.

A experiência breve e intensa da greve geral de 1904 levou à aceleração de algumas tendências já presentes na cultura política da esquerda socialista. Foi só com a reflexão sobre esse novo e eficaz instrumento, que parecia destinado a ficar, que motivos até então

confusos em um conjunto fluido começavam a adquirir autonomia e a estruturar-se com linhas mais definidas como "sindicalistas revolucionários"[70]. Portanto, pode-se dizer que foi a realidade da greve geral de setembro de 1904 que definiu a teoria[71].

Foi, porém, só em 1907 que um congresso sindicalista reunido em Ferrara com a participação de organizações econômicas, seções socialistas, círculos juvenis, grupos sindicalistas decretava a saída do partido socialista considerado "um partido composto por pessoas que não correspondiam aos interesses de classe e convencidos de que o sindicato de ofício era suficiente para que a classe operária se emancipasse"[72].

No terreno propriamente sindical, as idéias do *sindicalismo revolucionário* tinham se difundido rapidamente entre 1904 e 1905, obtendo resultados significativos. O principal sucesso ocorria entre os ferroviários, mas a penetração da estratégia da ação direta foi significativa também entre os portuários, os vidreiros, os metalúrgicos dos canteiros navais e os mineiros. Em alguns dos setores ou locais, o sindicalismo revolucionário foi um fenômeno passageiro, já destinado à exaustão nos anos 1906-7, mas em outros tornou-se uma componente essencial da mentalidade e do comportamento de operários e camponeses, sobretudo na região do vale do rio Pó, entre assalariados rurais e em regiões de alta concentração industrial. As lutas operárias e camponesas inspiradas pelo *sindicalismo revolucionário* tiveram sucesso ao longo do ano de 1907, como as greves gerais em Milão e Turim, a greve de Terni, dos portuários, etc, até a grandiosa greve geral na província de Parma em 1908, que descreveremos a seguir.

---

[69] Ver Gian Biagio Furiozzi. *Il sindacalismo rivoluzionario italiano*. Milano, Mursia, 1977.
[70] Ver Paolo Favilli. *Storia del marxismo italiano. Dalle origini alla grande guerra*. Milano, Franco Angeli, 1996, 434.
[71] Ver Maurizio Antonioli. *Il sindacalismo...*, *op. cit.*, p. 134.
[72] Ver *Avanti!*, Roma, 01-07-1907 Citado por Maurizio Antonioli. *Il sindacalismo...*, *op. cit.*, p.136.

4.7 A greve de 1908 em Parma: o grande experimento do sindicalismo revolucionário italiano

A grande greve de Parma foi a maior prova do *sindicalismo revolucionário* italiano. Guiada com grande entusiasmo por Alceste De Ambris, secretário da *Camera del lavoro,* essa foi a maior greve ocorrida na Itália depois da greve geral de 1904[73]. Nele se enfrentaram de um lado a Associação Agrária, que reunia proprietários e arrendatários e do outro a *Camera del Lavoro,* que organizava as várias categorias de operários e camponeses[74]. A Câmara de Parma era dirigida por sindicalistas revolucionários e muitas organizações vinham condenando a CGdL, reformista, que se recusava a declarar a greve geral desejada por muitos trabalhadores.

O sindicalistas revolucionários tinham conduzido uma série de agitações vitoriosas. Em maio de 1907, os trabalhadores de Parma tinham conseguido algumas vitórias sobre a Associação Agrária e é o entusiasmo com essas conquistas que dará a força para a luta que se reiniciará em 1908. A greve de 1908 foi uma resposta às tentativas dos proprietários de desrespeitar as conquistas dos trabalhadores. A greve foi declarada no dia primeiro de maio.

Diante da luta dos trabalhadores, os filhos da burguesia local agiram com grande violência, espancando e disparando contra trabalhadores, homens e mulheres. O Estado

---

[73] Arturo Labriola observou a greve com perplexidade, declarando-se pouco propenso ao que considerava aplicações arriscadas da doutrina. Ver Gian Biagio Furiozzi. *Il sindacalismo rivoluzionario italiano.* Milano, Mursia, 1977, p.29. O contraste entre a defesa entusiasta de De Ambris em relação à greve e a perplexidade de Labriola apareceu nas colunas do jornal *Pagine Libere.* Ver Dora Marucco, *op.cit.*, p. 189.

[74] A organização patronal freqüentemente estava em vantagem em relação à *Camera del Lavoro,* que, entre outras dificuldades tinha que enfrentar os efeitos da desunião do movimento, dividido pelas polêmicas entre a

também mostrava sua face repressiva contra os trabalhadores e suas organizações e os juízes apoiavam o "terror" imposto pelos proprietários[75].

A luta dos trabalhadores estava ligada a objetivos bem específicos: o cumprimento dos contratos, aumento de salário e melhores condições de trabalho. A repressão continuou dura pois os proprietários queriam extinguir os sindicatos e negar o próprio direito de organização dos trabalhadores.

É interessante observar aqui que essa greve, que foi o símbolo máximo de um movimento inspirado pelo sindicalismo revolucionário teve como objetivo reivindicações idênticas às que eram apresentadas pelos reformistas: a manutenção dos pactos firmados, aumento de salário e a defesa de direitos básicos como o direito de associação. A diferença básica era a estratégia: a recusa da negociação pacífica através de representantes da CGdL e da Federterra, considerada improdutiva e a escolha da ação direta e incisiva dos trabalhadores, vista como única possibilidade real de obtenção de melhorias e salvaguarda dos direitos.

Desde as primeiras manifestações do movimento percebeu-se que ele seria longo e incerto. O movimento envolveu cerca de 30.000 trabalhadores de vários municípios da província de Parma. Recorreu-se então à solidariedade militante de companheiros e amigos na Itália e no exterior. Coletas de fundos para apoiar os grevistas foram feitas em todo lugar da Itália e também de organizações de trabalhadores dos Estados Unidos, França e Suíça. Do Brasil, foram enviadas contribuições em dinheiro tanto de São Paulo quanto do Rio de Janeiro. Em São Paulo, foi organizada uma manifestação em favor da luta conduzida pelos

---

experiência do *sindicalismo revolucionário* e as moderadas da Confederação Geral do Trabalho (CGdL) e do Partido socialista.

[75] Essa foi a primeira expressão na Itália de esquadrões que seriam depois amplamente utilizados pelos fascistas.

trabalhadores de Parma[76]. Os principais representantes do movimento operário italiano tinham se dirigido à Parma e também alguns franceses. Em muitas cidades do norte e do centro do país, famílias de trabalhadores hospedaram centenas de crianças, filhos dos grevistas, obrigados a deixar temporariamente as famílias impossibilitadas de garantir seu sustento. Foram acolhidas com grandes manifestações de solidariedade. Todo o país estava olhando para Parma, convencido de que a derrota de um dos dois lados teria conseqüências não só para Parma, mas toda a região e até mesmo no país. Justamente porque tomou essa dimensão era tão difícil que o conflito se resolvesse em favor dos trabalhadores.

Nos primeiros dias da greve o partido socialista, a CGdL e a Federação Nacional dos Trabalhadores da Terra tinham tomado, com certa relutância, posições de apoio aos grevistas, mas evitaram intervir com força para garantir para os trabalhadores de Parma o respeito da legalidade quotidianamente atingida por particulares e pela polícia. Como esse movimento estava pondo a prova a validade dos métodos da ação direta, os setores moderados do movimento operário temiam seus efeitos sobre o resto das organizações e esperava de certo modo que o fracasso da greve acabasse com a credibilidade dos sindicalistas revolucionários[77]. Com o passar das semanas a situação vai ficando mais difícil para grevistas e dirigentes. Depois de 50 dias de greve efetiva, os proprietários contrataram trabalhadores de outras regiões para substituir os grevistas. Ocorrem conflitos nas vizinhanças da estação ferroviária, para onde uma multidão de manifestantes se dirige. A polícia dispara contra os manifestantes e então 6000 trabalhadores reunidos na sede da Camera no bairro popular de Oltretorrente, onde tinham construído barricadas, declaram

[76] Ver "Rendiconto finanziario delle agitazioni sostenute dall'organizzazione nell'anno 1908". *L'Internazionale*, 25-10-1908, citado por Valerio Cervetti (a cura di). *Lo sciopero del 1908: un problema storico*. Parma, Step, 1984, p. 103.

[77] Umberto Sereni. *Il processo ai sindacalisti parmensi (Lucca, aprile – maggio 1909)*. Lucca, Pacini, 1979, p. 28.

greve geral na cidade. Trabalhadores do campo também se dirigiram à cidade e houve confrontos com a cavalaria. No fim, a sede do sindicato foi invadido e foram presos todos os que se encontravam ali. Por acaso, os dois maiores líderes, Alceste De Ambris e Tullio Masotti não estavam no edifício e conseguiram evitar a prisão, fugindo e se escondendo em uma casa do bairro. De Ambris, escapando pelos telhados chegou à casa de um amigo e três dias depois conseguiu fugir para a Suíça.

O partido socialista e a CGdL tentaram convencer, com comunicações e representantes, os trabalhadores a não aderirem à chamada de greve geral, mas esses não só reafirmaram a fidelidade ao sindicalismo mas decidiram prosseguir a agitação. A organização parmense ainda resistia, mas estava isolada.

O primeiro ministro, o liberal Giolitti, apresentou-se à Câmara dos Deputados e interpelado por alguns deputados sobre os acontecimentos de Parma atribuiu a responsabilidade à Camera del Lavoro que teria levado o movimento ao extremo.

Quando, no fim de julho, a Associação Agrária resolveu possibilitar o retorno ao trabalho, só algumas áreas permaneciam em agitação. No resultado negativo da greve, os reformistas viram a derrota do *sindicalismo revolucionário* e aproveitaram a situação para tentar retomar o controle dos sindicatos da região e declarar a incompatibilidade do comportamento do *sindicalismo revolucionário* com os princípios e métodos do socialismo[78].

A greve tinha sido derrotada e a o sucesso dos proprietários de Parma parecia garantido. Acreditavam ter destruído os instrumentos de defesa e de luta dos *braccianti*[79] e

[78] Sobre os congressos da CGdL e do PSI no período ver: A. Pepe. *Storia della CGdL dalla fondazione alla guerra di Libia 1905-1911*. Bari, 1972 e L.Cortesi. *Il socialismo italiano tra riforme e rivoluzione 1892-1921*. Bari, 1969.
[79] Assalariados rurais.

de todos os outros trabalhadores. As administrações municipais da região, freqüentemente nas mãos dos grandes proprietários bloqueavam as obras públicas para tirar dos trabalhadores qualquer possibilidade de emprego e reduzi-los à fome, criando um exército de mão-de-obra disponível quando fosse necessário. Segundo Umberto Sereni, essa atitude espelhava um desejo da classe dominante italiana de reestruturar toda a sociedade, eliminando o conflito de classe e mantendo uma estratificações e hierarquia rígidas[80].

Para os trabalhadores, tratava-se de aceitar a derrota e a imutabilidade da sua condição subalterna. Entretanto, a experiência dolorosa dos grevistas tinha sido incorporada de tal maneira que a idéia de abandonar a *Camera del Lavoro* lhes parecia uma traição em relação a si mesmos, a suas famílias e a todos aqueles que os tinham ajudado e que continuavam a pagar pela derrota, os exilados na Alemanha, Bélgica, Suíça, França e nas cidade do norte da Itália e os tantos que estavam presos. Alguns deles, como Alceste De Ambris encontrará refúgio em São Paulo.

Sobre essa greve de 1908, destinada a se tornar o grande símbolo de todo o movimento sindicalista revolucionário, Sorel formulou uma profecia, quando a greve já estava se desfazendo e se entrevia uma grande derrota: Ele afirmou que as conseqüências dela dependiam do resultado imediato da luta e que

> "Se os camponeses fossem completamente derrotados com a força pode-se prever que a memória da luta heróica não será menos eficaz do que as recordações deixadas pela repressão austríaca de Radetzsky. Em geral uma derrota deixa uma impressão mais forte e duradoura quanto mais ela é completa"[81].

[80] Ver Umberto Sereni. *Il processo...* , *op.cit.*, p. 36.
[81] "L'Opinione di Georges Sorel sullo sciopero Parmense". *L'Internazionale*, 21-07-1908, p.1.

Os sindicalistas que substituíram os que tinham escapado ou estavam presos na direção da *Camera del Lavoro* foram sobretudo Angiolo Faggi, Maria Rygier, Paolo Mazzoldi, Amilcare De Ambris (irmão de Alceste), Umberto Pasella e Michele Bianchi que procuraram manter vivo o sindicato. Ao mesmo tempo, a Procuradoria Real de Parma concluía que os sindicalistas, durante a greve, haviam promovido e tentado uma insurreição armada contra os poderes do Estado, que teriam tentado fazer com que os habitantes se rebelassem. A coleta de fundos e manifestações de solidariedade aos presos reforçavam os vínculos que uniam os trabalhadores à *Camera del lavoro*.

No processo, De Ambris era acusado de ser o chefe da associação, além da acusação de ter lançado pedras de uma janela contra um policial. Aqueles que tinham sido presos dentro da *Camera* eram acusados de participar de insurreição armada, e de ter lançado pedras e telhas e tiros de revólver contra os militares. Um ferroviário era acusado de instigar os grevistas, um lavrador de ter disparado em uma tropa, um sapateiro por ter escrito artigos em *L'Internazionale* que as autoridades consideraram instigadores da violência e assim por diante. Muitos dos presos eram rapazes de 14 a 18 anos, o que correspondia pouco à imagem do grevista insurrecional divulgada pela acusação.

A tensão acumulada entre os trabalhadores da cidade e do campo durante os meses de agitação continuava viva. Diante disso, temendo essa situação potencialmente explosiva, o processo contra os 69 acusados foi transferido de Parma para Lucca, cidade que tinha ficado alheia ao movimento dos trabalhadores que agitavam outros centros. Ali o problema do desemprego abria freqüentemente o caminho da emigração, cuja média na província de Lucca era sensivelmente mais alta do que no resto da Itália. Ali a grande disponibilidade de mão-de-obra não ocupada não tinha formado uma coesão forte e uma ação coletiva para tentar modificar a ordem existente, como ocorria em Parma e outras regiões do vale do rio

Pó. De qualquer forma, sindicalistas de Parma, suas famílias e trabalhadores de Lucca receberam os prisioneiros com grande simpatia.

Paolo Mazzoldi, militante importante do *sindicalismo revolucionário* que depois viria ao Brasil, dedicou-se a redigir uma edição suplementar de *L'Internazionale* que continha além da lista dos processados, uma biografia de De Ambris.

Entre os advogados de defesa dos sindicalistas e trabalhadores acusados estavam Arturo Labriola, como vimos um dos grandes teóricos do *sindicalismo revolucionário*, o anarquista Pietro Gori, um dirigente do movimento de camponeses de Ferrara e Bolonha e alguns deputados socialistas, entre os quais um professor da Universidade de Parma.

De Ambris, o principal nome da experiência sindicalista revolucionária de Parma, estava distante do que acontecia em Lucca. Em dezembro de 1908 tinha deixado a Suíça e em Marselha tinha embarcado para o Brasil, onde chegou em janeiro de 1909, passando brevemente pelo Rio de Janeiro e depois indo para São Paulo.

Durante o processo, por vários dias, os acusados transformaram-se em acusadores, apresentando-se como vítimas da prepotência dos proprietários e reafirmaram a confiança intacta na organização sindicalista e o afeto por De Ambris, diante de um público cada vez mais numeroso. *L'Internazionale* defendia o movimento:

> "O sindicalismo deve sair desse processo, imaculado... o processo deve marcar não somente a condenação dos métodos da *Agrária* e da magistratura de Parma, mas deve também deixar clara a nossa honestidade e retidão moral e política"[82].

A própria polícia, um delegado e um comissário, acabaram defendendo os grevistas, afirmando que o movimento não tinha um caráter insurrecional, mas só um objetivo econômico. Na mesma noite, o procurador enviou uma carta ao Ministro da Justiça,

afirmando que depois desses depoimentos a acusação estava destruída e que haveria um grande debate pelos mais de 10 meses que vários grevistas tinham já passado na prisão e reclamando que o processo tinha dado aos sindicalistas de Parma a oportunidade de dar "um curso completo das suas teorias revolucionárias"[83].

No fim dos depoimentos, a tese da insurreição armada tinha sido reduzida a alguns lançamentos de pedras, telhas e vasos de flores e talvez dois disparos vindos da casa em frente à *Camera del Lavoro*. Os fatos ocorridos naquele junho de 1908, que tinham sido fatais para a agitação dos trabalhadores de Parma, apareciam então, ao longo do processo, como o episódio conclusivo de um complô organizado pela associação agrária, com a conivência dos dirigentes da polícia e da magistratura da cidade, com o objetivo de derrotar a organização da *Camera del Lavoro*. Sua provocação acabou levando à explosão da tensão acumulada havia meses. Foi, porém, somente com o apoio das autoridades de Roma e o comportamento das grandes centrais do movimentos operário, que temiam a greve, que a Agrária conseguiu se impor em Parma.

Cravos vermelhos e telegramas com sentimentos de solidariedade eram enviados aos acusados, vindos de várias partes da Itália e até mesmo das colônias italianas no exterior, formando uma corrente de solidariedade proletária.

Arturo Labriola, durante a defesa, afirmou uma concepção do sindicalismo como escola de formação de uma nova consciência nos trabalhadores, voltada para o futuro:

> "O sindicalismo, no fundo, não propõe mais do que a organização da sociedade com base nas funções técnicas do trabalho. Por enquanto o sindicalismo só pode ter uma tarefa de elevação e de cultura, de tirar os homens da escravidão, de torná-los capazes de administrar e dirigir a

[82] "Parole chiare". *L'Internazionale*, 27-04-1909, p.1.
[83] ACS. "Processo per i tumulti etc". Procuratore a S. E. Il Ministro di Grazia e Giustizia – Roma. Lucca, 27 aprile 1909. Citada por Umberto Sereni *Il processo...*, *op. cit.*, p. 84.

> sociedade. (...) O sindicalismo só se propõe a questão da educação e da organização, e os atuais acusados não foram além disso[84]."

Essa declaração representava obviamente uma tentativa de auxiliar na absolvição dos acusados, mas também refletia o afastamento de Labriola da militância ativa no sindicalismo, reduzindo assim o papel e as intenções do sindicalismo de ação direta.

Todos os acusados foram absolvidos e postos em liberdade e festejados com uma *bicchierata*[85] na sede da *Camera del Lavoro* e acompanhados, com um cortejo formado espontaneamente até a estação ferroviária. Na espera do trem e em Viareggio, onde o trem parou por algum tempo, as saudações eram contínuas e tocantes. Em Parma, uma multidão de milhares de pessoas esperava o retorno dos trabalhadores. Precedido pela banda municipal, o cortejo se dirigiu à praça principal onde foi realizado um comício. Em Parma, a notícia da absolvição tinha se difundido com uma edição extraordinária de *L'Internazionale*, mas os processados só chegaram na manhã do dia seguinte. Era um domingo e a praça diante da estação se encheu de pessoas – eram 25.000 segundo o jornal dos sindicalistas – e muitos deles eram camponeses vindos de várias partes da província.

> "Retratos de Alceste De Ambris, de Garibaldi e de Jesus Cristo apareciam nas janelas de muitas casas. O bairro populoso de *Oltretorrente* voltava a se animar, com bailes populares nas ruas e praças. As casinhas pobres do bairro ficaram acesas até tarde, como se quisessem prolongar aquele dia que reafirmava a vitalidade persistente do movimento dos trabalhadores"[86].

---

[84] U. Sereni, *op.cit.*, p. 97.

[85] Reunião de amigos ou familiar para brindar alegremente à saúde de alguém ou festejar algum acontecimento importante. Bicchierata deriva de bicchiere (copo em italiano) e é uma referência ao brinde, mas também ao fato de que nesses encontros se bebia, sobretudo vinho. A imprensa operária italiana em São Paulo também registrava com freqüência os encontros e festejos, chamando-os de *bicchierata*.

[86] U. Sereni, *op. cit.*, p. 100.

A história oficial do movimento, a dos proprietários, tinha sido vencida pela história dos trabalhadores. Essa vitória moral ficaria na memória coletiva que seria usada no futuro para realimentar a luta[87].

A repressão, o próprio boicote dos reformistas da CGdL, e a derrota da greve fez com que o *sindicalismo revolucionário* italiano entrasse em crise. Os principais líderes estavam no exílio ou afastados do movimento, o proletariado estava exausto depois de tantos sacrifícios materiais e tanta tensão[88]. Em outubro de 1908, o congresso do Partido Socialista reunido em Florença condenou a prática e a teoria sindicalistas, excomungando formalmente o *sindicalismo revolucionário*, cujos princípios e métodos foram considerados incompatíveis com o socialismo. Mas isso já não atingia quem já não queria ter nenhuma ligação com o partido. Se o sindicalismo político tinha se afastado definitivamente do partido socialista, as organizações sindicais retornam em parte à CGdL, reformista e ligada ao partido, como vimos. Algumas *Camere del lavoro*, porém, recusaram-se a retornar à Confederação, como a *Camera del lavoro* de Parma.

A partir de 1910, pode-se dizer que os intelectuais, os teóricos do sindicalismo vão tomando outros caminhos e se distanciando cada vez mais do movimento sindicalista real. Por outro lado, vai se concluindo a elaboração de um modelo sindicalista puro, de uma verdadeira identidade sindicalista pelos núcleos que tinham como referência a *Camera del Lavoro* de Parma, a reconhecida corrente parmense, que tinha se tornado um símbolo desde a grande greve de 1908. O sindicalismo italiano vai reconstruindo suas próprias bases

[87] Idem. A história do sindicalismo revolucionário italiano será analisada também ao longo dos próximos capítulos.
[88] Ver O. Dinale. "La crisi del sindacalismo in Italia e della rivoluzione da per tutto". *La Demolizione*, 1 março. 1910, p. 1.

organizadas vai se caracterizando cada vez mais como sindicalismo de ação direta, recusando qualquer equívoco da sua filiação. Criou-se, então, um comitê pela ação direta, cuja direção foi dada à *Camera* de Parma, que assumiu a tarefa de uma retomada sindicalista, mantendo forte ligação com a CGT francesa e a IWW americana. Essa forte retomada do *sindicalismo revolucionário* estava ligada à deterioração da estratégia reformista da CGdL, pois as frentes patronais tinham se tornado mais agressivas, recusando os instrumentos típicos da mediação.

4.8. A Guerra da Líbia e as divisões entre sindicalistas revolucionários

A guerra ítalo-turca[89], em 1911, afastou alguns dos últimos "intelectuais" do movimento sindicalista revolucionário como Arturo Labriola, Angelo Oliviero Olivetti e Paolo Orano que assumiram posições abertamente colonialistas. O fenômeno colonial parecia a muitos intelectuais sindicalistas como um momento de ruptura do equilíbrio existente no país e, portanto, de abertura de perspectivas revolucionárias. Para Orano, a guerra colonial teria significado o fim do reformismo no movimento socialista. Para Olivetti e outros a guerra teria efeitos positivos como pedagogia revolucionária. Para Labriola a guerra colonial daria aos italianos o sentimento de poder nacional contra o pacifismo burguês e o reformismo operário[90].

Esta é a imagem clara que evidencia como a polêmica contra a democracia burguesa e o parlamentarismo de um lado, e contra o socialismo reformista e pacifista de outro foi

[89] A guerra, iniciada em setembro de 1911, acabou somente em outubro de 1912 e a Líbia tornou-se colônia italiana. A opinião pública burguesa foi favorável à guerra colonial, apoiando-a com grandes manifestações patrióticas. Os custos do conflito foram muito altos e as riquezas naturais da Líbia propagandeadas pelos nacionalistas mostraram-se inexistentes.

levando o *sindicalismo revolucionário* a um encontro com o nacionalismo, ao menos no que se refere aos intelectuais. Vai se desenvolvendo a idéia de uma Itália proletária entre as nações, a idéia de um nacionalismo proletário e de imperialismo operário e a tendência a substituir o conceito de classe com o de nação e vai se instituindo uma relação cada vez mais intensa com as técnicas de mobilização e de organização de consenso, que se tornam importantes com a crise do Estado liberal. Essa ideologia ligou-se à burguesia industrial desenvolvendo a doutrina produtivista, ou seja, voltada a aumentar a produção nacional e, portanto, interclassista, que garantiria o peso da nação na arena mundial capitalista.

O encontro entre teóricos do *sindicalismo revolucionário* e os nacionalistas foi importante também para a elaboração de uma doutrina corporativista, que vinha já sendo defendida por Alfredo Rocco. Como vimos, para os sindicalistas revolucionários, o sindicato representava o instrumento de emancipação e ao mesmo tempo o órgão constitutivo e diretor da nova sociedade de produtores livres, seguindo as diretrizes ideológicas mazzinianas democráticas, proudhonianas e sorelianas. Já o Estado nacional-corporativo reivindicado pelos nacionalistas, ao contrário, representava as novas exigências industriais de controle das massas no interior das fábricas e nos sindicatos de ofício. O corporativismo nacionalista configurou-se como contenção das forças sociais operárias.

Esse período, assim como nos anos 1914-15 foi um período de reconsiderações e conversões entre os intelectuais na Itália. Isso fazia parte de um processo de crise do sistema liberal e o surgimento de um novo bloco de poder de direita. As conversões vieram tanto da direita como da esquerda. Essa questão será retomada no último capítulo, dedicado à trajetória política e sindical de Edmondo Rossoni.

---

[90] Ver Maurizio Degl'Innocenti. "I sindacalisti rivoluzionari" in *Il Socialismo Italiano e la Guerra di Libia*. Roma, Editori Riuniti, 1976.

Entretanto, como veremos no capítulo dedicado a De Ambris, a oposição mais convicta à guerra contra os turcos pela ocupação da Líbia foi feita pelo movimento sindicalista revolucionário, com exceção dos intelectuais, já afastados do movimento. No âmbito propriamente sindical, em torno à corrente parmense foi se unindo um bloco inclinado a separar-se da CGdL e formar um novo órgão central.

A correspondência entre De Ambris e Filippo Corridoni documenta como essa fase de procura de uma solução foi difícil, porque uma parte considerável do movimento sindicalista considerava importante salvar a unidade da organização operária, mas os defensores da separação foram conseguindo consenso ao longo do ano de 1912. Muitos oscilavam entre uma alternativa e outra[91]. A separação acaba sendo realizada em novembro de 1912 com a criação da *Unione Sindacale Italiana* (USI), à qual aderiram inicialmente 80.000 trabalhadores. No ano seguinte, a USI tinha se instalado em Milão, importante centro industrial e tinha 100.000 inscritos em locais e categorias variadas, em 20 províncias, organizados em 13 Câmaras do trabalho, 5 uniões sindicais e diversas ligas. Em agosto de 1913, a USI coordenou uma greve geral nacional. Na USI atuaram juntamente sindicalistas revolucionários e anarquistas.

Em 1914, focos de insurreição disseminaram-se em grande parte da Itália durante uma semana, a chamada "Semana vermelha"[92], reunindo anarquistas, republicanos, socialistas e sindicalistas. Para muitos sindicalistas revolucionários esta pareceu uma grande ocasião para realizar uma greve geral revolucionária. Alceste De Ambris convidou

[91] Ver Maurizio Antonioli. *Il sindacalismo...*, *op.cit.*, p. 141.

[92] A morte de 3 manifestantes antimilitaristas provocou uma onda de greves em todo o país. Em várias regiões, o protesto assumiu um caráter abertamente insurrecional: houve invasões de edifícios públicos e sabotagem contra linhas telegráficas e ferroviárias. O movimento durou vários dias.

os operários de Parma a venderem suas bicicletas e comprarem revolveres[93]. Porém, a esperança da revolução foi logo desfeita.

As reflexões dos sindicalistas sobre a insurreição, a repressão e o potencial revolucionário na Itália foram interrompidas pelo início da Guerra. No início da Primeira Guerra, o governo italiano decide que o país ia permanecer neutro, pois, embora fizesse parte da Tríplice Aliança com a Alemanha e a Áustria, estas haviam violado o acordo de consulta recíproca em caso de ameaça à paz. Depois, a opinião pública e as forças políticas se dividiram em relação à participação da Itália na guerra: eram intervencionistas grupos muitos heterogêneos que iam da esquerda democrática aos grupos mais radicais do movimento operário, os nacionalistas e alguns grupos de liberais conservadores. Mantiveram-se defensores da neutralidade a maior parte do grupo liberal liderado por Giolitti, o mundo católico e os socialistas. A maior parte dos operários e camponeses eram contrários à entrada na guerra enquanto os setores burgueses e intelectuais eram favoráveis. A Itália entra na guerra em 1915.

O grupo dirigente da USI logo optou pela solução intervencionista: pela França republicana contra o militarismo austro-alemão, por uma futura revolução contra a reação. Esta posição de De Ambris, Filippo Corridoni, Masotti e outros acaba levando a uma ruptura pois a questão nacional punha em crise o internacionalismo da tradição sindicalista. A velha liderança deixa a USI, cuja secretaria passa ao anarquista Armando Borghi.

O fim da guerra foi marcado por um grande aumento do número de adesões tanto à USI quanto a CGdL. A ano de 1919 foi marcado por grande manifestações contra a carestia. No biênio 1919-20, a USI contava com 500.000 inscritos. Foi um período de grande fortalecimento também para o Partido Socialista.

---

[93] Ver Gian Biagio Furiozzi. *Il sindacalismo rivoluzionario italiano*. Milano, Mursia, 1977, p. 55-56.

A classe operária, retomada a liberdade sindical depois do controle dos anos de guerra e inspirada pela Revolução Russa não só reivindicava melhorias econômicas mais um maior poder dentro da fábrica. As greves e lutas foram intensas tanto entre os trabalhadores urbanos quanto entre os trabalhadores rurais. Em 1920, 400.000 operários ocuparam as fábricas metalúrgicas e tiveram sucesso nas reivindicações. Todavia, passado o medo da revolução, os setores burgueses, sobretudo os industriais, estavam insatisfeitos com o que consideravam fraqueza do governo nas negociações com os trabalhadores. As correntes mais radicais do movimento operário acusavam a CGdL de ter sacrificado as perspectivas revolucionárias em troca de um acordo sindical. Em 1921, nasce o Partido Comunista italiano, com um programa leninista.

O cansaço dos dois anos de luta e as divisões internas fizeram com que o movimento operário entrasse em crise. O movimento fascista tinha nascido em Milão em março de 1919, reivindicando grandes reformas políticas e sociais, ao mesmo tempo que ostentava um forte nacionalismo e uma aversão feroz ao socialismo e a organizações da classe trabalhadora. Entre 1920 e 1921, o movimento sofreu um rápido processo de mudança, abandonado o programa radical-democrático inicial, baseando-se em estruturas paramilitares e apostando em uma luta impiedosa contra o movimento socialista e as organizações de camponeses do vale do rio Pó. Os proprietários de terra viram nos fascistas o instrumento capaz de eliminar o poder das ligas e começaram a subvencioná-los. O esquadrismo estendeu-se em várias áreas do norte da Itália. O alvo das expedições eram as prefeituras socialistas, as *camere del lavoro*, as sedes das ligas de trabalhadores e as casas do povo[94], que foram sistematicamente devastadas e incendiadas[95].

[94] As Casas do Povo eram centros de encontro populares e de trabalhadores nos dias de festa, nas feiras semanais, nas saídas das fábricas e eram centros de difusão de idéias e de propaganda. Antes que as

Iniciou-se para a USI, mas também para a CGdL, um período de rápido declínio, por causa da repressão policial, das agressões fascistas e dos conflitos internos, provocados pela questão russa[96] e pela participação de alguns dirigentes nas eleições de 1921. Em novembro de 1922, o comitê executivo da união declarava que grande parte de suas organizações ou tinham sido destruídas ou não estavam em condições de funcionar regularmente. "O 'depois' pertence à clandestinidade ou à emigração"[97].

Antes de concluirmos este primeiro capítulo, que procurou antecipar uma série de questões que serão retomadas de certa forma nos capítulos seguintes, mas que aqui apresentadas pretendem facilitar a compreensão das trajetórias dos militantes que serão analisadas, creio que é necessário refletirmos mais sobre o modo como os anarquistas italianos encararam o sindicalismo revolucionário, especialmente seus principais representantes: Errico Malatesta, Luigi Fabbri e Armando Borghi.

---

organizações operárias a criassem, na Itália, esse papel já era desempenhado, no fim do século XIX, pelas cantinas, cafés, farmácias e barbearias. O modelo de Casa do Povo, como exaltação da autonomia proletária e da instância classista, em polêmica com a estrutura de partido, foi típico do sindicalismo revolucionário. Na França, foram freqüentemente as *bourses du travail* que fundaram as *maisons du peuple*, ou assumiram suas funções polivalentes no plano sindical, previdenciário, educativo e cooperativo. Na Itália, a *Casa del Popolo* de inspiração sindicalista revolucionária foi típica sobretudo no ambiente rural e particularmente no norte. Pode-se dizer que onde as Câmaras do Trabalho eram sindicalistas revolucionárias, a Casa do Povo tendia a aceitar a neutralidade em relação a partidos e doutrinas políticas. Onde as câmaras eram controladas pelos socialistas, as casas do povo também eram socialistas. Ver Maurizio Degl'Innocenti. "Per uma storia delle case del popolo in Italia" in *Le case del popolo in Europa. Dalle origini alla Seconda Guerra Mondiale.* Firenze, Sansoni, 1984. Como veremos no terceiro capítulo, dedicado ao estudo da trajetória de Giulio Sorelli, a sede da FOSP era, às vezes, chamada de Casa del Popolo.

[95] Outros aspectos relativos ao fascismo serão retomados no capítulo dedicado a De Ambris e sobretudo no capítulo sobre Rossoni, organizador do sindicalismo fascista.

[96] Logo após a revolução russa, a USI tinha manifestado sua solidariedade com grande entusiasmo e em 1919 tinha aderido, embora provisoriamente, à Terceira Internacional.

[97] Maurizio Antonioli. *Il sindacalismo...*, *op. cit.*, p. 145.

5. 1. A avaliação dos anarquistas sobre o sindicalismo revolucionário

Na história do movimento anarquista, se houve algumas idéias centrais que variaram relativamente pouco ao longo dos anos, as concepções estratégicas mudaram sensivelmente. A reação à idéia de que só se derrubaria a sociedade através de insurreições surgiu, no plano teórico, na forma do anarco-comunismo, cujos maiores representantes foram Malatesta e Kropotkin. Essa nova teoria representou uma função vital para o anarquismo na Europa e depois também no Brasil. Criando uma nova estratégia, os anarquistas decidem acelerar sua entrada nas sociedades de resistência para evitar que os socialistas se apoderassem delas. A idéia de greve geral aparece então como o grande instrumento ou mesmo o único meio possível na estratégia anarco-comunista. Entretanto, o novo fervor pela greve geral insurrecional às vezes parecia uma nova versão da velha fé anarquista no ataque revolucionário[98].

Assim muitas vezes o ingresso dos anarquistas nas sociedades de resistência e o seu esforço para presidi-las, pareciam ter uma justificativa do ponto de vista libertário puramente tática: deter avanços socialistas ou de outras tendências. O jornal anarquista de São Paulo, *Guerra Sociale*, por exemplo, argumentava:

> "(...) Se não querem ficar isolados e impotentes, os anarquistas devem tomar parte direta na luta operária, organizando as sociedades de resistência e orientando os trabalhadores nos seus conflitos contra o Capital e o Estado. Do contrário outros virão a servir-se das necessidades que os proletários sentem de melhorar a sua triste situação, afastando-os da verdadeira luta...".[99]

---

[98] Sobre essa questão ver Joaquim Romero Maura. *La Rosa de Fuego – Republicanos y anarquistas: la politica de los obreros barceloneses entre el desastre colonial y la semana tragica 1899-1909.* Barcelona, Ediciones Grijalbo, 1975.

[99] "Atitude dos anarquistas ante o movimento operário". *Guerra Sociale*, 13-11-1915, p. 3.

Muitas vezes, os anarquistas falavam de greve geral em termos similares aos sindicalistas revolucionários, mas continuavam agindo segundo as pautas anarco-comunistas. Pretendiam então preparar a revolução pela greve, mas não a greve de reivindicação que visasse a um aumento de salário ou a uma diminuição das horas de trabalho, mas a greve escola de dignidade e de luta, que desencadearia a greve revolucionária.

Na verdade, já desde 1890, a orientação tática do anarquismo já havia se traduzido em um desejo de aproximação com os trabalhadores. E onde encontrar os trabalhadores senão nos sindicatos? O anarquista francês Emile Pouget, cujo livrinho *As bases do Sindicalismo* era muito lido e comentado nos meios operários de São Paulo, certa vez observou:

> "O problema é o seguinte: eu sou anarquista, quero semear minhas idéias. Qual o terreno onde elas germinarão melhor? Tenho já a fábrica, os cafés... quero algo melhor: um lugar onde eu encontro proletários que se dão conta da exploração a que estamos submetidos e usam a cabeça para encontrar o remédio. Esse lugar existe? Sim, em nome de deus! E ele é único: é o grupo corporativo". [100]

Para Pouget, se o sindicato era naquele momento o organismo de luta e reivindicação dos trabalhadores contra seus patrões, no futuro ele seria a base sobre a qual se ergueria a nova sociedade, enfim libertada de toda exploração e tirania.

Assim parte dos anarquistas aproximavam-se das estratégias do sindicalismo revolucionário procurando racionalizar os esforços de difusão da idéia anarquista. Pareciam acreditar que se o sindicato se mantivesse fechado a toda interferência política, com autonomia de ação, ele se tornaria anarquista. Julgavam também que num movimento

sindical adequadamente organizado, sem burocracia, hostil a toda política reformista e a toda colaboração com o Estado, os operários iriam adquirindo uma consciência revolucionária.

Também no Brasil esse debate em torno da organização dos trabalhadores gerava divisões entre os anarquistas. Alguns pareciam concordar, seguindo Malatesta[101], talvez o maior inspirador do movimento anarquista em São Paulo, que a maior força de transformação social era o movimento operário (entendendo como operários uma categoria extremamente ampla) e o movimento sindical e acreditavam que de sua orientação dependiam, em grande parte, os rumos da revolução. Entretanto, os anarquistas no Brasil freqüentemente haviam dúvidas se havia incoerência ou não em um anarquista participar do sindicato, como se observa nesse artigo do jornal anarquista *La Battaglia*:

> "A *Unione dei Capellai*, na sua essência não ofende nenhum princípio, é administrada e não dirigida, não tem presidente: as suas deliberações são tomadas pela maioria, deixando ao indivíduo plena liberdade de ação desde que não prejudique os seus companheiros de trabalho. Eu pergunto se mesmo sendo anarquista como Malatesta se há incoerência em fazer parte de uma associação essa"[102].

A pergunta aparentemente retórica ou banal era plena de sentido porque Malatesta, na verdade, nunca confiou realmente nas virtudes do sindicato, pois, no seu entender, a luta

---

[100] Citado por Jean Maitron. *Le Mouvement Anarchiste em France – Des origines a 1914*. Paris, F. M. Fondation, 1983, p. 273.

[101] Errico Malatesta nasceu em 14 de dezembro de 1853 em Santa Maria Capua Vetere (província de Caserta), uma cidadezinha da região da Campania, na Itália. Seus pais eram pequenos proprietários de terra. O pai era um homem de idéias liberais. Malatesta estudou medicina na Universidade de Nápolis, mas não concluiu os estudos por causa da militância. Sua primeira prisão ocorreu quando ele tinha somente 14 anos, por ter escrito uma carta ao rei da Itália para protestar contra uma injustiça. Seu grande inspirador foi Bakunin, que Malatesta conheceu pessoalmente quando tinha 19 anos, em 1872, na Suíça e considerava-o o pai espiritual de todos os anarquistas, embora tenha rompido com o bakuninismo. Sobre ele ver, entre outros, RICHARDS, Vernon. *Malatesta, vida e ideas*. Barcelona, Tusquets Editor, 1975.

[102] *La Battaglia*, 21-10-1906, p.1.

quotidiana por melhorias, levaria necessariamente a um reformismo condenável. Mas vejamos mais detidamente o pensamento de Malatesta sobre o sindicalismo.

Malatesta argumentava que por meio das organizações fundadas para a defesa de seus interesses, os trabalhadores adquiriam a consciência da repressão em que viviam e do antagonismo que os opunha aos patrões e se acostumavam com a luta coletiva e a solidariedade. No entanto, para ele, havia a necessidade de organizações estritamente anarquistas para lutar dentro e fora dos sindicatos para a realização integral do anarquismo e para impedir os germes da degeneração e da reação. Isso porque considerava que os movimentos criados pelos interesses materiais e imediatos, a luta sindical, tenderia ao reformismo.

Em um importante artigo escrito por Malatesta em 1903 intitulado Nosso Programa ficavam claras suas idéias sobre a luta econômica dos trabalhadores:

> "Quaisquer que sejam os resultados práticos da luta pelas melhorias imediatas, sua principal utilidade reside na própria luta. É por ela que os trabalhadores aprendem a defender seus interesses de classe, compreendem que os patrões e os governantes têm interesses opostos aos seus, e que não podem melhorar suas condições, e ainda menos se emancipar, senão unindo-se entre si e tornando-se mais fortes do que os patrões. Se conseguirem obter o que desejam, viverão melhor. Ganharão mais, trabalharão menos, terão mais tempo e força para refletir sobre as coisas que os interessam; (...) Se não obtiverem êxito, serão levados a estudar as causas de seu fracasso (...) e compreenderão, enfim, que para vencer, segura e definitivamente, é preciso destruir o capitalismo. (...) Não se deve, entretanto, exagerar o alcance destas lutas entre explorados e exploradores no terreno exclusivamente econômico. (...) À união dos operários se opõe a união dos patrões. Os primeiros vivem com o mínimo para sobreviver no dia a dia e, se fazem greve, falta-lhes o pão logo a seguir. (...) Da luta econômica deve-se passar à luta política, contra o governo."[103]

[103] *Escritos revolucionários – Errico Malatesta.* São Paulo, Novos Tempos, 1989, pp. 28-32.

Foi em 1907 que o confronto entre Monatte[104] e Malatesta no Congresso Anarquista de Amsterdã dividiu mais claramente as lutas do sindicalismo e do anarquismo. Malatesta considerava o sindicalismo apenas um instrumento e acusava os sindicalistas de buscar uma ilusória solidariedade econômica em vez de uma efetiva solidariedade moral.

Para Monatte, diferentemente das outras formas de socialismo e anarquismo, o sindicalismo revolucionário se manifestava mais na prática do que na teoria. Para ele o sindicalismo fez renascer no anarquismo uma consciência de suas origens entre os trabalhadores. Seguindo o exemplo da CGT francesa, Monatte afirmava que força do sindicato estava na sua autonomia. Afirmou também que a recusa da CGT de entrar em um acordo com os partidos políticos, valeu-lhe o título de anarquista entre seus adversários, mas que nada poderia ser mais falso:

> "A CGT, um enorme agrupamento de sindicatos e uniões trabalhistas, não tem uma doutrina oficial. Todas as doutrinas se fazem representar dentro dela e desfrutam de igual tolerância".[105]

---

[104] Pierre Monatte foi membro do Comitê federal das *Bourses du Travail* e depois do comitê confederal da CGT de 1904 a 1914. Nasceu em 15 de janeiro de 1881 em Monlet, na França. Foi inspetor de colégio, empregado de livraria e revisor de imprensa entre 1904 e 1952, salvo os períodos em que foi diretor do jornal *Vie Ouvrière* e chefe da seção vida social de l'Humanité. Descobriu o socialismo nos estudos de colégio, mas é o anarquismo que o atrai mais. Em 1907, no congresso anarquista internacional em Amsterdã, seus discursos sobre a relação entre sindicalismo revolucionário e anarquismo revelam que ele já tinha uma concepção bem clara do sindicalismo revolucionário. A Primeira Guerra, na qual ele lutou a partir de 1916, não fez com que ele perdesse suas convicções internacionalistas. Depois da guerra apoiou a Revolução Russa e procurou uma reorientação para o sindicalismo. Apesar da sua aproximação com Trotsky, que ele conheceu em Paris, ele só aderiu ao partido comunista francês em maio de 1923, porque lhe parecia possível construir um partido operário verdadeiro, onde a ação sindical e ação política pudessem ser conciliadas sem uma subordinação dos sindicatos à linha do partido. Mas essa experiência durou pouco. Ele foi excluído do partido em novembro. Em 1925, participou da fundação de uma nova revista do sindicalismo revolucionário. Permaneceu fiel às suas idéias revolucionárias até a sua morte, em 27 de junho de 1960. Ver *Syndicalisme révolutionnaire et communisme – les archives de Pierre Monatte présentées par Jean Maitron et Colette Chambellard.* Paris, François Maspero, 1968.

[105] MONATTE, Pierre. "Em defesa do Sindicalismo" in *Congresso anarquista*, realizado em Amsterdã, agosto de 1907 in George Woodcock. *Os grandes escritos anarquistas*. Porto Alegre, L&PM, 1990, pp. 197-198.

Monatte explicou que a CGT era controlada de baixo para cima. Cada sindicato era seu próprio patrão, tendo toda a liberdade para agir ou deixar de agir. O congresso da confederação era soberano para decidir sobre questões coletivas, mas qualquer sindicato, por menor que fosse, tinha o direito de ser representado através de um delegado escolhido por ele. Monatte recordou também nesse congresso de 1907 que a idéia de fazer do proletariado, organizado em "sociedades de resistência" , o agente da revolução social tinha sido a proposta da Internacional e portanto o lema dos sindicalistas era o lema da primeira Internacional: "A emancipação dos trabalhadores é tarefa dos próprios trabalhadores". Durante os anos de 1890, Fernand Pelloutier foi um dos primeiros militantes na França que aceitaram a importância dos sindicatos[106]. Sua adesão ao sindicalismo foi gerada pela constatação dos limites do anarquismo[107]. Em 1895, o congresso de Nantes marca a vitória do sindicalismo de ação direta contra o guesdista. Em 1897, Delessalle e Pouget conseguiram que fossem adotadas táticas de boicote e sabotagem. Em 1900, fundaram o jornal da CGT, *Voix du Peuple*. Para Monatte, é nesse período que nasce o sindicalismo revolucionário, a doutrina que vê no sindicato um órgão de transformação social e a greve geral como meio de obtê-la. O sindicato assume na teoria sindicalista revolucionária as características de uma verdadeira instituição, capaz de desenvolver uma ação reivindicativa no sistema social existente, além da colocação da mão-de-obra, da educação e do socorro

[106] Pelloutier tinha sido um republicano radical, passou pelo guedismo, para depois aderir ao anarquismo na segunda metade da década de 1890. Pelloutier foi também um grande defensor da liberdade sexual e da igualdade entre os sexos. O guedismo, tendência marxista liderada por Jules Guesde (1845-1922) contribui para a formação de um pequeno partido, o Parti Ouvrier Français.

[107] Ver J. Julliard. *Fernand Pelloutier et les origines du syndicalisme d'action directe*. Paris, Le Seuil, 1971, p. 93.

mútuo[108]. Além desses objetivos imediatos, a greve geral era vista como o instrumento para acelerar a transformação econômica e garantir a vitória dos trabalhadores.

Para a garantia de que não se criasse sindicatos baseados em uma opinião política, havia um princípio: só um sindicato para cada profissão em cada cidade:

> "A conseqüência prática da aplicação desse princípio é a neutralização política do sindicato, que não pode nem deve ser anarquista, Guesdista, Allemanista ou Blanquista mas simplesmente, operário. (...) Na vida prática, os interesses vêm antes das idéias: pelo simples fato de que todos estão submetidos às mesmas leis salariais, os interesses dos trabalhadores são iguais, apesar de todas as disputas entre escolas e facções. Este é o segredo do acordo que foi estabelecido entre eles." [109]

Os meios que o sindicalismo dispunha, segundo ele, estavam resumidos na ação direta: a greve, único meio eficaz de impor a vitória em relação às reivindicações salariais e também importante momento de educação revolucionária, para os trabalhadores entenderem as suas próprias forças e o poder do inimigo. A sabotagem, segundo ele, era quase tão valiosa quanto a greve seguindo o princípio "quem ganha pouco, trabalha mal[110]".

Finalmente, Monatte critica o socialismo eleitoreiro e as especulações filosóficas dos anarquistas e conclui que

> "Entre tantas hesitações, tropeços e recuos, e talvez mesmo por causa deles, nasceu o sindicalismo; o espírito revolucionário renasceu e ganhou novas forças, e pela primeira vez desde que a grande voz da dinamite fora silenciada, a burguesia tremeu. (...) Que todos os anarquistas ingressem no sindicalismo – isso fará com que seu trabalho se torne ainda mais

[108] Ver Giovanna Cavallari. "Fernand Pelloutier. La *Bohème* letteraria e il sindacalismo rivoluzionario della Féderation des Bourses du Travail" in *Georges Sorel. Archeologia di um rivoluzionario*. Camerino, Jovene Editore, 1994, p. 21.
[109] Idem. p. 200.
[110] Idem.

> produtivo e mais decisivos os golpes que aplicarem contra o regime social".[111]

Malatesta, no mesmo congresso, dedicar-se-á a combater as idéias de Monatte. Para ele, a idéia defendida por Monatte de que o sindicalismo bastava a si mesmo e que este era capaz de levar à revolução social era totalmente falsa. Como vimos, Malatesta era um defensor do movimento operário, pois considerava-o um campo particularmente propício para a divulgação da propaganda revolucionária e um ponto de contato entre os anarquistas e as massas e criticava a atitude de isolamento que alguns intelectuais anarquistas tinham assumido após a dissolução da Internacional. Ele, portanto, defendia os sindicatos, como se observa no seu discurso durante o congresso, mas argumentava que o sindicato não era um fim, mas apenas um meio:

> " Sou a favor de uma participação mais ativa no movimento operário, sobretudo como forma de propaganda cujo alcance poderia se tornar muito mais amplo. Mas de forma alguma essa participação deveria implicar na renúncia dos ideais longamente acalentados. Mesmo dentro dos sindicatos, é preciso que permaneçamos anarquistas, com toda a força e amplitude implícitas nessa definição. Na minha opinião, o movimento operário não é mais do que um meio – embora não há dúvidas de que é o melhor meio de que dispomos. Mas eu me recuso a aceitar esse meio como um fim e, da mesma forma, não gostaria que perdêssemos de vista o conjunto das concepções anarquistas, ou, colocando o problema de forma mais simples, que não desprezássemos os meios de propaganda e agitação ao nosso alcance"[112].

Malatesta tinha consciência de que o sindicalismo tinha se transformado em uma nova doutrina independente do anarquismo. Para ele, porém, o sindicalismo não poderia ser anarquista, porque o considerava o sindicalismo um movimento conservador, no sentido

---

[111] Idem, p. 202.

[112] "Sindicalismo: a crítica de um anarquista". Congresso anarquista realizado em Amsterdã, em agosto de 1907 in George Woodcock. *Os grandes escritos anarquistas*. Porto Alegre, L&PM, 1990, p 200.

que seu único objetivo era a melhoria das condições de trabalho dos operários. Para defender seus argumentos, Malatesta dá como exemplo os sindicatos americanos que, ao adquirirem força e poder, teriam abandonado as idéias revolucionárias tornando-se conservadores e mais hostis com os operários não-organizados do que com o capitalismo paternalista. Outra crítica de Malatesta ao sindicalismo era o fato de que este não se preocupava, segundo ele, com o proletariado desempregado. Os anarquistas precisavam então entrar nos sindicatos para impedir essa atitude conservadora:

> "É preciso que os anarquistas continuem ingressando nos sindicatos antes de mais nada para difundir o anarquismo entre os operários e depois, porque esta é a única forma de que chegue o dia – pelo qual todos esperamos – em que poderemos ter à nossa disposição grupos capazes de assumir o controle da produção. É preciso filiar-se aos sindicatos, finalmente, para lutar com energia contra essa odiosa atitude mental que faz com que os sindicatos não sintam o menor entusiasmo para defender nada além dos seus próprios interesses particulares"[113].

Malatesta argumentou também nesse debate que o sindicalistas tinham uma visão muito simplista da luta de classes, ao considerarem que todos os interesses econômicos da classe operária eram idênticos e que, no momento em que alguns operários assumissem a defesa de seus próprios interesses, estariam defendendo todo o proletariado contra o capitalismo. Para Malatesta, os operários também estavam sujeitos à lei universal da competição, como conseqüência da existência da propriedade privada e do governo e que só desapareceria quando esses desaparecessem:

> "Não há classes, no verdadeiro sentido da palavra, porque não há interesses classistas. No coração da classe operária, como no coração da burguesia, a competição e a luta continuam. Os interesses econômicos de uma categoria estarão sempre e inevitavelmente em oposição aos interesses de outra. E em toda parte é possível ver operários que, tanto

[113]Idem, p. 204.

> econômica quanto moralmente, estão muito mais próximos da burguesia do que do proletariado... Durante as greves, os trabalhadores apelam para a violência... contra a polícia e os patrões? Não! Contra os fura-greves" que, no entanto, também são trabalhadores e tão explorados quanto eles próprios, talvez até mais humilhados, enquanto que os verdadeiros inimigos dos operários, os verdadeiros obstáculos à igualdade social continuam sendo a polícia e os patrões"[114].

Para Malatesta, a solidariedade moral entre os operários poderia existir mesmo sem a solidariedade econômica. Essa solidariedade só poderia surgir quando os trabalhadores compartilhassem um mesmo ideal. O papel dos anarquistas deveria ser o de despertar os sindicatos para esse ideal, orientando-os pouco a pouco para a revolução social, mesmo que ao fazê-lo corressem o risco de prejudicar as vantagens imediatas que o sindicato pudesse obter.

Um dos maiores perigos que Malatesta via na ação sindicalista era a possibilidade de que os militantes anarquistas se tornassem funcionários do sindicato, especialmente se recebessem pagamento em troca do seu trabalho:

> "O anarquista que se torna funcionário estável e pago está perdido para a causa, perdido para o anarquismo! A partir desse momento, ele assume um compromisso com aqueles que o pagam e, como estes não são anarquistas, o funcionário assalariado, colocado ante sua consciência e seus interesses, deve seguir os ditames da consciência – e perder o emprego – ou defender seus interesses e então... adeus anarquismo!

Em relação à greve geral, Malatesta a aceitava e há alguns anos vinha fazendo o possível para difundi-la. Esta lhe parecia um bom meio para iniciar a revolução social, mas alertava para o que ele considerava o perigo de cair na ilusão de que a greve geral eliminava a necessidade de uma revolução armada:

---

[114] Idem, p. 205.

> "A greve geral, tal como é descrita, não passa de pura utopia. Ou o operário, morrendo de fome depois de três dias de greve, voltará ao trabalho de cabeça baixa e nós poderemos marcar mais uma derrota para o nosso lado, ou tentará apossar-se dos meios de produção utilizando a força. E quem estará a sua espera para impedir que isso aconteça? Soldados, policiais, além dos próprios burgueses. Tornar-se-á impossível evitar que a questão seja resolvida com tiros e bombas, transformando-se numa insurreição onde a vitória caberá ao mais forte. Preparemo-nos, portanto, para essa revolta inevitável, em vez de nos contentarmos em ver na greve o remédio para todos os males"[115].

E ainda mais, para ele, a greve geral, mesmo considerada com a devida cautela, era uma faca de dois gumes, pois não era possível suspender indefinidamente a obtenção dos meios de subsistência. E a greve geral poderia se transformar em fome geral. Malatesta conclui seu discurso reforçando a idéia de que o sindicalismo era só um meio e a anarquia era o fim, que pretendia libertar todos os homens e não somente os trabalhadores:

> "Lamentei, no passado, que os camaradas se isolassem do movimento operário. Lamento hoje que, caindo no extremo oposto, muitos entre nós se deixem tragar pelo mesmo movimento. Uma vez mais, a organização da classe operária, a greve, a ação direta, o boicote, a sabotagem e a própria insurreição armada são apenas os meios; a anarquia é o fim. A revolução anarquista que desejamos excede os interesses de uma única classe – ela se propõe à libertação total da humanidade escravizada, tanto do ponto de vista econômico quanto político e moral. É preciso que permaneçamos atentos contra qualquer plano simplista e unilateral de ação. Pelas forças da classe operária que coloca à nossa disposição, o sindicalismo é um excelente meio de ação, mas é preciso que não percamos de vista o único objetivo que merece o nosso esforço: a Anarquia". [116]

Ao fim daquele mesmo ano, Malatesta escreveria um artigo importante intitulado "Anarquismo e Sindicalismo" no jornal *Freedom*, de Londres, afirmando que a questão da posição que os anarquistas deveriam tomar em relação ao movimento sindical era certamente uma questão da maior importância para o movimento. Não havia acordo sobre

[115] Idem, p. 206.

essa questão, mesmo depois de tantas discussões e experiências. Malatesta acreditava que era difícil chegar a uma solução completa e permanente, considerando-se que as condições e circunstâncias da luta sindical eram variáveis. Um critério geral de conduta, porém, poderia ser aplicado nas diversas circunstâncias:

> "(...) Nós devemos absolutamente tomar uma parte ativa na vida das massas e empregar todos os meios que as circunstâncias nos permitirem para despertar gradualmente o espírito de revolta, e mostrar à massa, com a ajuda desses fatos, o caminho que conduz à emancipação. É evidente que um dos melhores meios é o movimento sindical, e seria um grande erro negligenciá-lo. Neste movimento, encontramos grande quantidade de operários que lutam pela melhoria de sua situação. Esses operários podem se enganar no que concerne ao objetivo que eles se propõem atingir, e nos meios que eles adotam para alcançá-lo; e, em nossa opinião, eles geralmente se enganam. Mas, pelo menos, esses operários não se resignam mais à opressão e não a encaram mais como sendo justa; eles acreditam e lutam. Podemos, nestes operários, despertar mais facilmente este sentimento de solidariedade para com seus camaradas explorados, e de ódio contra a exploração, o que levará necessariamente à luta definitiva pela abolição da dominação de um homem sobre um outro. (...) Além do mais – e isso não é uma vantagem negligenciável – o movimento sindical pode preparar esses grupos de operários profissionais que, durante a revolução, poderão empreender a organização da produção e da troca, fora e contra todo poder governamental." [117]

Entretanto, mesmo apontando o que considerava as vantagens do movimento sindical, sempre como meio para o fim que era a revolução social, Malatesta nunca deixava de alertar para o que, na sua visão, eram os defeitos e perigos do sindicalismo: a sua degeneração para o egoísmo e o conservadorismo, a preocupação pelos interesses imediatos, a burocracia, o desejo de poder. Assim ele explica o fato de que muitos anarquistas tenham abandonado o movimento sindical e que tenham passado a combatê-lo como reacionário e nocivo. Todavia, Malatesta reconhecia que com essa oposição de parte

[116] Idem, p. 207.

dos anarquistas ao movimento sindical, a influência dos libertários entre os operários tinha diminuído e o campo tinha sido deixado livre a outras tendências, que, no seu entender buscavam só explorar o movimento com interesse pessoal ou de partido que nada tinham a ver com a causa da emancipação operária. Para ele, o principal exemplo do conservadorismo eram os sindicatos ingleses e considerava os sindicatos controlados pelos socialistas, simples máquinas eleitorais. Apontava a experiência francesa como modelo, embora, na verdade, ela não se adequasse à visão malatestiana do sindicato, pois, segundo ele, acreditavam demais na organização sindical como o início do caminho para a transformação social:

> "(...) e estes camaradas conseguiram criar, especialmente na França, um novo movimento que, sob o título de 'sindicalismo revolucionário', procura organizar os operários, independentemente de qualquer influência burguesa e política, a fim de conquistar sua emancipação pela ação direta contra seus senhores. Sem sombra de dúvida esse é um grande passo para a frente; mas não devemos exagerar sua importância e imaginar, como o fazem certos camaradas, que realizaremos a anarquia naturalmente pelo desenvolvimento progressivo do sindicalismo"[118].

Malatesta insiste também nesse artigo que o sindicalismo não poderia substituir o anarquismo e nem poderia ser considerado o único meio para a realização da anarquia. Malatesta considerava que o sindicalismo continha os germes da degenerescência que tinham corrompido movimentos operários anteriores: propondo-se a defender os interesses imediatos dos operários, o sindicalismo tenderia necessariamente a se adaptar às condições existentes.

---

[117] "Anarquismo e Sindicalismo". *Freedom*, novembro de 1907 in Malatesta, Errico. *A anarquia e outros escritos.*. São Paulo, Novos Tempos, 1989, pp. 70-71.
[118] Idem, p. 72.

No entanto, quando os interesses de toda a classe operária coincidiam, o movimento sindical, segundo Malatesta, era uma boa escola de solidariedade, um meio de desenvolver a solidariedade internacional, uma preparação para a revolução. Todavia, para ele, essa comunhão de interesses entre trabalhadores de diferentes categorias, de diferentes países e os interesses do presente e do futuro freqüentemente não ocorria. A harmonia de interesses e a solidariedade entre os homens eram os ideais a que aspiravam os anarquistas, mas Malatesta não acreditava que a solidariedade proporcionada pela união sindical levasse à essa situação ideal:

> "União, entendimento, luta solidária contra o explorador, são coisas que só podem ser obtidas hoje se os operários, animados pela concepção de um ideal superior, aprenderem a sacrificar seus interesses exclusivos e pessoais aos interesses comuns, os interesses do momento aos interesses do futuro; e esse ideal de uma sociedade de solidariedade, de justiça, de fraternidade, só pode ser realizado pela destruição – desafiando qualquer legalidade – das instituições existentes". [119]

Mantinha-se portanto a fé anarquista na destruição da sociedade capitalista através da insurreição. Tornar impossível a adaptação às condições existentes era tarefa dos anarquistas dentro e fora dos sindicatos, na estratégia apresentada por Malatesta. A eficácia do movimento sindical era também limitada, nesse raciocínio, porque ele não podia exceder muito os limites da legalidade e em certas situações tinha que negociar com patrões e autoridades. Além disso, como os sindicatos deveriam ser abertos a todos, eram levados naturalmente a moderar suas aspirações para não assustar os operários despreparados que eles desejavam atrair e também porque a medida que o sindicato aumentava o número de participantes, os elementos mais revolucionários se perderiam em meio a um grande número de trabalhadores preocupados somente com interesses imediatos. Fazer acordos

com os patrões e procurar o favor dos poderes públicos era inadmissível para um anarquista. Malatesta resume finalmente sua posição:

> "Parece-me claro que o movimento sindical não pode substituir o movimento anarquista e pode servir como meio de educação e preparação revolucionária somente se é posto em movimento pela impulsão, pela ação e pela crítica anarquistas. Os anarquistas devem se abster de se identificar com o movimento sindicalista; eles não devem tomar por objetivo aquilo que é apenas um dos meios de propaganda e ação. Eles devem permanecer no sindicato para dar uma impulsão à arrancada e tentar fazer dos sindicatos, tanto quanto possível, instrumentos de combate em vista à revolução social. (...) Os anarquistas nos sindicatos devem combater tudo o que tende a torná-los egoístas, pacíficos, conservadores – o orgulho profissional, o espírito corporativista, as grandes cotizações, a acumulação dos capitais investidos, os serviços de seguro, a confiança nas boas funções do governo, as relações amigáveis com os patrões, a nomeação dos empregados burocratas remunerados e permanentes".

Malatesta reconhecia que essa tática poderia parecer nociva aos interesses imediatos de alguns grupos, mas considerava que isso não tinha importância pois o que interessava para os anarquistas era o interesse geral e permanente de toda a humanidade. Para ele as vantagens momentâneas que se conseguisse arrancar de governos e patrões eram freqüentemente ilusórias. Assim, para ele, o trabalhador tinha que se proteger de si mesmo. Abandonar o movimento operário, conclui Malatesta, tinha sido um erro dos anarquistas, mas tinha mantido puro o ideal libertário. O erro de confundir o anarquismo com o sindicalismo, ou seja considerar o sindicalismo um equivalente do anarquismo era, para ele, um erro muito mais grave:

> "A culpa de ter abandonado o movimento operário foi um mal para a anarquia, mas pelo menos a deixou pura com sua característica distintiva. O erro de confundir sindicalismo com movimento anarquista seria muito mais grave, Acontecerá conosco o que aconteceu com os social-

[119] Idem, p. 74.

> democratas logo após eles terem entrado na luta parlamentar. Eles ganharam em força numérica, mas se tornaram cada dia menos socialistas. Nós nos tornaremos cada dia mais numerosos, mas cessaremos de ser anarquistas"[120].

Muitos anos depois, em 1922, O jornal anarquista *Umanità Nova* reproduziu o discurso que Malatesta fez no encerramento do congresso da *Unione sindacale Italiana*. Esse discurso, que segundo o próprio Malatesta escandalizou os sindicalistas e desagradou muitos companheiros, repetia as opiniões já tantas vezes professadas por ele sobre o sindicalismo. Os méritos do sindicalismo são mais enfatizados ali: os sindicatos são apresentados como uma fase útil e até necessária da ascensão do proletariado, dando aos trabalhadores a consciência de sua posição de explorado, desenvolvendo o desejo de mudar essa situação, habituando-os à solidariedade e à luta. As melhorias, mesmo consideradas incertas e ilusórias, serviriam para impedir que os trabalhadores se adaptassem à miséria e desejassem uma vida melhor. Além disso, nesse momento, Malatesta reconhece que os sindicatos tinham uma existência independente da vontade dos anarquistas:

> "...o movimento sindical é um fato que se impõe e não necessita de nosso reconhecimento para existir. Ele é fruto natural, nas condições sociais atuais, da primeira revolta dos operários. Seria absurdo, e até mesmo prejudicial, querer que os trabalhadores renunciem às tentativas de obter melhorias imediatas, mesmo pequenas, à espera da total emancipação que deverá ser produto da transformação social completa, feita pela revolução"[121].

Malatesta reconhecia a autonomia dos sindicatos em relação ao movimento anarquista e também a necessidade da luta cotidiana, reformista, provavelmente porque

---

[120] Idem, p. 77. Este mesmo artigo apareceu também no jornal anarquista italiano *Risveglio*, em 11-01-1908 e em *Il Pensiero*, em 01-02-1908, além do francês *Les Temps Nouveaux*. Ver G.B. Furiozzi. "Polemiche tra sindacalisti....., *op.cit.*, p. 502.

[121] Errico Malatesta. *Escritos revolucionários*. São Paulo, Novos Tempos, 1989, p. 98.

aceitava então que a revolução não estava tão próxima, como tinha acreditado anos antes. Entretanto, em relação à atuação dos anarquistas no sindicato, as idéias de Malatesta permanecem inalteradas:

> "... segundo minha opinião, o movimento operário é um meio a ser utilizado hoje para elevar e educar as massas, para o inevitável choque revolucionário. Mas é um meio que apresenta inconvenientes e perigos. Nós, anarquistas, devemos trabalhar para neutralizar esses inconvenientes, evitar esses perigos, e utilizar, tanto quanto possível, o movimento para nossos fins"[122].

Entretanto, alguns grupos anarquistas permaneciam abertamente hostis ao movimento sindical. O sindicato era então condenado não mais pela inutilidade, mas pelo reformismo que faria perdurar a sociedade capitalista. O maior representante dessa tendência foi o grupo *La Battaglia*, que editava o jornal do mesmo nome. Todavia, mesmo entre os adeptos da atuação sindical dos anarquistas havia divergências. Uma expressão clara desse conflito foi o longo debate travado entre Neno Vasco e João Crispim no jornal da Confederação Operária de São Paulo, entre 1914 e 1915. Enquanto Neno Vasco defendia a idéia sindicalista revolucionária da necessidade da neutralidade do sindicato e a necessidade da existência dos grupos para divulgar a propaganda puramente anarquista, João Crispim considerava o sindicato o espaço privilegiado para a difusão dos ideais libertários.[123]

Neno Vasco foi o principal responsável pela propaganda malatestiana em Portugal, quando retorna do Brasil em 1911. Para Malatesta, o ambiente operário era o mais propício à difusão dos ideais libertários mas, como vimos, negava ao sindicalismo a pretensão de ser

---

[122] Idem, p. 104.

[123] Ver "O Anarquismo no sindicato" *A Voz do Trabalhador*, 01-03-1914, p. 3, artigo de João Crispim e "O Anarquismo ou sindicato – resposta de Neno Vasco a João Crispim. *Voz do Trabalhador*, 01-05-1914, p.2. O

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

um movimento com uma doutrina própria, como pretendiam os sindicalistas revolucionários e até mesmo alguns anarquistas. Essas posições foram assumidas por Neno Vasco e vários outros militantes, instaurando uma polêmica com outros anarquistas e sindicalistas[124], polêmica que chega até o Brasil. Mas vejamos como dois anarquistas italianos adeptos do sindicalismo vivem polêmicas semelhantes na Itália.

5.2 Armando Borghi e Luigi Fabbri: entre anarquismo e sindicalismo

Antes de passar à analise da experiência sindical de Sorelli, considero oportuno apresentar a experiência de dois importantes anarquistas italianos que se dedicaram também à atividade sindical. Borghi e Fabbri, dois personagens representativos que disputam e se dividem na liderança das gerações mais jovens de anarquistas italianos quando o líder mais popular e mais antigo, Errico Malatesta[125], que foi sem dúvida o ponto de referência do movimento entre 1891 e 1898[126], estava exilado em Londres[127]. Sobretudo Borghi dedicou-se à organização dos trabalhadores nos sindicatos. Na Itália a expressão "fenômeno Borghi" é sinônimo da participação dos anarquistas no movimento sindical, com o fim de resolver a

---

debate prossegue em vários outros números do jornal (20-06-1914, 20-08-1914, 01-11-1914, 01-01-1915). Ver também Neno Vasco. *Concepção anarquista do sindicalismo*, Lisboa, Ed. Batalha, 1920.

[124] Sobre a militância de Neno Vasco em Portugal após o longo período vivido no Brasil, ver João Freire. "Malatesta e o anarquismo português". *Ler História*, N.6, 1985.

[125] Malatesta é considerado por vários autores o maior militante anarquista depois de Bakunin. Ver Nunzio Pernicone. *The italian anarchist movement: the years of crisis, decline and transformation (1879-1894)*. The University of Rochester, Ph.D., 1971.

[126] Após um longo período de permanência na Argentina, Malatesta retornou à Itália, em 1889. Seus escritos são aceitos pela maioria dos companheiros o que dá uma base para uma grande transformação do anarquismo italiano. A alternativa malatestiana em pouco tempo expande-se consideravelmente. Encontra, no entanto, a oposição dos anti-organizadores e a repressão.

[127] Malatesta permaneceu em Londres praticamente de 1898 e 1919, com um intervalo de retorno à Itália entre 1913 e 1914, quando ocorre a chamada Semana Vermelha, onde o exército atacou trabalhadores em manifestações em Ancona e Malatesta foi obrigado a fugir. De Londres, Malatesta criticou Kropotkin por ter se manifestado a favor da guerra. Quando voltou à Itália, em 1919, foi recebido em Gênova por uma multidão.

crise do anarquismo nos primeiros anos do século[128] e para criar através do sindicato libertário, as bases políticas, econômicas e sociais da futura sociedade anarquista.[129] Seus esforços nesse sentido sofreram a oposição de Malatesta que como vimos, não defendia a criação de um sindicato libertário, mas de uma organização política anarquista, uma vez que, embora ele considerasse útil a atividade sindical para estimular a combatividade do proletariado, na realidade não acreditava que esta pudesse ser revolucionária.

Armando Borghi nasceu na pequena cidade de Castelbolognese[130], próxima a Imola, na Romanha, em seis de abril de 1882, filho de Domenico Borghi e Antonia Ortolani e é provavelmente o último dos líderes históricos do anarquismo italiano. Cresceu com o pai, um anarquista bakuninista, a mãe católica e tios republicanos.

Sua adesão ao movimento libertário esteve ligada, além da influência do pai, ao pensamento de Malatesta, elemento fundamental da sua formação política, aquele a quem ele chamou mais tarde de "Messias". Entretanto, recebeu depois também a influência de Luigi Fabbri e do sindicalismo francês. O anarquismo italiano, porém, nunca escolheu definitivamente nem a linha "política" de Malatesta e nem a "político-sindical" que Borghi tentou realizar.

Em 1901, Borghi tinha se transferido para Bolonha, cidade não muito distante da sua Castelbolognese. Em Bolonha encontrou uma classe operária combativa, sobretudo a da construção civil, e presenciou a proclamação de greves de caráter econômico e político e também campanhas de boicote. Em 1905, a *Camera del Lavoro* de Bolonha contava com

---

[128] Essa crise, que já vinha desde as últimas décadas do século XIX, estava relacionada à intensa repressão policial, que destruía organizações anarquistas e prendia seus principais líderes, ao fracasso das insurreições anarquistas e às imensas divergências entre os vários grupos anarquistas. Os anarquistas foram levados a reelaborar uma estratégia revolucionária que levasse em conta essas questões.

[129] Emilio Falco. *Armando Borghi e gli anarchici italiani. 1900-1922*. Urbino, Edizioni Quattro Venti, 1992

[130] Nessa cidade, encontra-se hoje o Arquivo-Biblioteca Armando Borghi, além de um monumento a ele dedicado.

quase 13.000 associados. Nos anos sucessivos haveria uma luta feroz entre anarquistas e reformistas pelo seu controle. No seu primeiro ano de funcionamento, em 1894, a *Camera* tinha a adesão de 50 associações e pouco mais de 7.000 inscritos, entre os quais encontrava-se até mesmo as parteiras. No primeiro relatório da comissão executiva convida-se as sociedades de socorro mútuo, "a primeira e fecunda forma do movimento operário" a entrarem na nova associação. Ao final, a comissão executiva convida os trabalhadores a manterem a fé, em uma idéia muito semelhante a defendida por Sorel, como vimos:

> "Tenham fé nela: aquela fé, religiosa ou social, sem a qual nenhuma grande obra se cria ou se mantém: a fé em um futuro melhor, que vos é necessária cada dia na vossa dura vida de trabalhadores. Com essa fé, reanimem as vossas forças – o futuro será para vós."[131]

Foi nesse ambiente de grande entusiasmo com o crescimento da organização dos trabalhadores que Borghi iniciou sua vida de trabalhador. Em 1902, foi aprendiz em uma oficina, pedreiro, envernizador e sapateiro, período no qual também freqüentou assiduamente a Universidade Popular. Em abril de 1903, fez seu primeiro comício público pelo qual recebeu cumprimentos de Andrea Costa[132], um dos mais importantes nomes do socialismo italiano, nascido em Imola, cidade muito próxima a de Borghi. Já então começa

[131] *La Camera del Lavoro di Bologna nel suo primo anno di vita – Relazione della commissione esecutiva.* Bologna, Società Tipografica Azzoguidi, 1894 in *Centro Studi Storia del Lavoro* de Imola. Trata-se de um dos mais de trezentos títulos do fundo *Letture di um sindacalista*, que pertenceu a um sindicalista de Piacenza do início do século XX, muito atento ao debate político daqueles anos, tanto na Itália quanto no exterior.
[132] O abandono do anarquismo por Andrea Costa em 1879 foi um caso dramático para os militantes anarquistas.

a ser constantemente vigiado pela polícia e era o início de uma série de processos, condenações e períodos de detenção.[133]

Em setembro de 1904, ocorre na Itália a primeira greve geral em seguida à violência policial contra trabalhadores em várias cidades à qual aderiu também a *Camera del Lavoro di Bologna* e foi um grande sucesso, como se observa nessa descrição da cidade de Milão no dia 16 de setembro:

> "Às 9 da manhã, Milão apresentava o espetáculo de uma cidade totalmente paralisada: os locais de trabalho do centro e da periferia estavam desertos, nenhum jornal foi publicado, o serviço de transporte e de gás estavam suspensos..."[134]

Essa experiência, associada à influência das idéias de Malatesta, aproximarão ainda mais Borghi do sindicalismo. A greve geral parecia um instrumento novo e quase invencível para destruir a sociedade burguesa.

Convém lembrar aqui que o sindicalismo revolucionário italiano nasce, não do movimento anarquista, mas sim da ação de um grupo dissidente do partido socialista, que se consolida como grupo justamente a partir da greve geral de 1904.

Na verdade, a idéia de greve geral não era nova no movimento operário e socialista europeu. Ela tinha sido teorizada sobretudo na França por Pelloutier no seu opúsculo *O que é a greve geral*, publicado em 1894 e que logo se difundiu entre os militantes. Nele a greve era concebida como uma surpresa que provocaria uma paralisação imprevista da economia e da vida nacional, criando as premissas imediatas para a revolução. Para isso, a greve geral devia ser preparada minuciosamente e devia ser proclamada no momento oportuno. Para o

[133] Na sua autobiografia, Borghi evidenciou a grande crueldade do sistema carcerário italiano do período, que, como vimos, atingiu a grande maioria dos militantes anarquistas, socialistas e sindicalistas. Ver *Mezzo secolo di anarchia*. Napoli, 1954.

seu sucesso seria necessária a paralisação imediata dos serviços de interesse público, das ferrovias e das comunicações telegráficas.

Em 1905, Borghi, Fabbri, Gori e outros anarquistas participam de um congresso sindicalista ocorrido em Bolonha. No fim do congresso prevaleceu a linha política segundo a qual:

> "o sindicalismo para combater todas as formas de exploração e de autoridade deve ser neutro, no sentido de não participar como sindicato nem pró e nem contra as lutas eleitorais, permanecendo livre a ação individual de cada um fora do sindicato".

Nesse período, Borghi assumiu a direção do semanário *Aurora* e escreveu inúmeros artigos polemizando tanto com os anarquistas individualistas como com a corrente libertária partidária da organização da qual faziam parte Luigi Fabbri e o grupo redator de *Pensiero*, a revista anarquista mais importante da Itália no período[135], que defendiam a necessidade de constituir um *partido*[136] anarquista no país. Nesses artigos, Borghi assinala a nítida separação entre o seu anarquismo e o dos individualistas, enquanto reafirma sua proximidade com os organizadores, observando que a diferença entre eles era sobretudo tática e não teórica. Ao mesmo tempo, Borghi defendia a ação individual para incentivar as massas em direção a objetivos revolucionários. Além disso, ele defendia uma simbiose de elementos morais e de interesses materiais, ou seja, a necessidade de não limitar a ação operária aos objetivos econômicos e aos interesses de categoria, mas de associá-la à luta para a construção de um novo tipo de sociedade. A sua era uma crítica tanto ao reformismo

---

[134] Citado por Giuliano Procacci, *op.cit.*, p. 394.

[135] Recolhidos e publicados por companheiros seus em um opúsculo intitulado *Il nostro e l'altrui individualismo*.

[136] Hoje o uso da palavra partido para se referir à organização anarquista pode parecer incorreto ou contraditório, mas no vocabulário da época era comum.

socialista quanto ao anarquismo separado das massas operárias. Em um artigo publicado em 1912 no jornal *Le Libertaire* Borghi fica clara essa sua posição:

> "Para os libertários que querem revolucionar seriamente o proletariado e que não querem que os sindicatos voltem para as mãos dos socialistas, os primeiros embriões autoritários da sociedade futura, sentem fortemente a necessidade de aderir aos sindicatos e de ser a consciência ativa do movimento operário. O excessivo utilitarismo dos reformistas na Itália leva a um não menos excessivo idealismo de numerosos anarquistas que se hipnotizam na contemplação do futuro e não sabem tirar proveito de suas idéias no imenso reservatório de energias revolucionárias que se acumula nos sindicatos". [137]

Contudo, Malatesta temia que a adesão sem reservas dos anarquistas ao movimento operário levasse o movimento libertário à perda da sua identidade política. Entretanto, ele foi o primeiro a defender a entrada dos anarquistas nos sindicatos, que proliferavam na Itália no início do século, por considerá-los um espaço importante para a propaganda anarquista entre as massas. Mas temia que a revolução anarquista se transformasse na defesa de tendências corporativas e operárias, ou seja, que não defendesse as necessidades de toda a humanidade, mas somente da classe operária.

De fato, grande parte dos anarquistas se recusava a interpretar sua luta como uma expressão da luta de classes. Malatesta defendia a supremacia do "partido" anarquista sobre o sindicato. Luigi Fabbri também defendia a idéia de que os grupos anarquistas deveriam se organizar em um partido com base em um programa comum, mas, mesmo sem contestar abertamente as idéias de Malatesta, argumentava que partido e sindicato eram úteis e necessários para a concretização da revolução libertária, mas, para ele, a função do sindicato era mais importante que a função do partido, porque aquele conteria em si o germe da sociedade futura que se queria construir. Desse modo, Fabbri inseria os

anarquistas na grande família socialista e considerava que a teoria da luta de classes era patrimônio de todos os socialistas e não somente dos social-democratas.[138]

Para Fabbri, as organizações operárias deviam fazer política, mas não a política de um determinado partido (não deveriam aderir a nenhuma tendência do socialismo, portanto nem ao anarquismo) mas considerar o capitalismo como inimigo e lutar para obter a emancipação econômica integral dos operários através da luta de classes.

Nesse mesmo período, a fundação da *Confederazione Generale del Lavoro* afirmava a hegemonia reformista no movimento operário italiano, criando uma organização nacional centralizada. Esse fato obrigou o anarquismo italiano a assumir uma posição diante da classe operária para evitar o risco de ficar isolado das massas. Entretanto, enquanto essa confederação defendia a atividade eleitoral das organizações operárias, Fabbri que a ação delas deveria basear-se na ação direta, isto é, a greve geral revolucionária que levaria à expropriação do capital pelos trabalhadores. As greves parciais também eram consideradas vantajosas por oferecerem a possibilidade de obter melhorias econômicas, mas também de criar um clima revolucionário e favorecer o crescimento de um espírito de sacrifício entre os trabalhadores, o que, para Fabbri era muito mais importante para acabar com a exploração burguesa dos que os milhões dos fundos recolhidos pelas ligas de resistência.

Para Fabbri, o sindicato poderia ser um espaço de acordo entre socialistas e anarquistas, afastando os primeiros dos reformistas e os segundos dos individualistas. Para evitar a formação de uma burocracia sindical, os cargos no sindicato deviam ser atribuídos somente a operários.

---

[137] Pasta de Armando Borghi no CPC in ACSR.
[138] Emilio Falco.*op. cit.*, p. 15.

O pensamento político-sindical de Borghi não se identificava completamente nem com as concepções de Malatesta nem com as de Fabbri, embora estivesse mais próximo deste último.

Todavia, era também o sucesso do sindicalismo francês, por obra de Emile Pouget, Paul Delesalle e sobretudo Fernand Pelloutier, que incentivou os anarquistas italianos a entrarem nos sindicatos. É provável que também o pensamento sindical de Sorel, com o seu mito da greve geral, tenha tido efeitos sobre os anarquistas italianos. A auto-reformulação anarquista coincidiu com a entrada no poder do liberal Giolitti e os anarquistas puderam organizar grupos, federações, fazer conferências, publicar jornais, participar de manifestações com maior liberdade.

Em 1907, de 16 a 20 de junho, ocorreu o primeiro congresso anarquista italiano. Fabbri foi eleito secretário do comitê organizador. Entre as principais deliberações estava a de difundir a idéia de greve. O relatório sobre a relação entre anarquistas e movimento operário conclui que os libertários deviam desenvolver uma atividade crescente nos sindicatos. Destacava que a propaganda anarquista deveria difundir os princípios libertários entre os trabalhadores, impedir que estes fossem um instrumento para favorecer a atividade eleitoral dos partidos e evitar a formação de um grupo dirigente.

Decidiu-se também pela criação de um Aliança Socialista Anarquista Italiana. Era o triunfo momentâneo das idéias político-sindicais de Fabbri, uma vez que além da aliança (não partido, por causa da oposição dos anti-organizadores presentes), a condenação do individualismo e a valorização do papel dos anarquistas no sindicato, representavam suas idéias.

Dois meses depois, ocorreria o congresso anarquista de Amsterdã que, como vimos, contou com a participação dos mais importantes representantes do anarquismo europeu

como Cornellissen, Monatte, Malatesta e o próprio Fabbri, além das delegações dos principais países. Ali decidiu-se pela criação de uma internacional anarquista que confederasse todas as associações e grupos libertários de todos os países, com a instituição de um escritório de correspondência e um arquivo internacional. Somente em relação a um tema manifestou-se uma grande divergência de opiniões: o sindicalismo e a greve geral. Como vimos o maior confronto foi entre Monatte, importante membro da *Confederation Général du Travail* e Malatesta. Enquanto o primeiro defendia o sindicato como meio suficiente para a realização da revolução social, o segundo argumentava que o sindicato era só um meio de luta que não podia excluir os outros. Para evitar o conflito, o congresso aprovou as duas moções. Voltando para a Itália, Fabbri escreveu um artigo no jornal *Pensiero* procurando minimizar as diferenças entre as duas concepções sindicais, embora, na verdade, as diferenças fossem grandes e Fabbri tendesse a concordar mais com as idéias de Monatte. A aprovação das duas moções foi só uma tentativa de disfarçar o fato de que o anarquismo internacional não assumiu uma linha de conduta homogênea, unitária em relação à *luta de classes* e à ação sindical.

Borghi, nesse ano, assume o cargo de secretário do sindicato da construção civil da província de Bolonha, que pertencia à *Camera del Lavoro*, independente da CGdL. Na *Camera del Lavoro* acirram-se os conflitos entre reformistas de um lado e do outro "anarquistas e sindicalistas revolucionários, que concordavam sobre a necessidade da ação direta".[139] Estes últimos vinham controlando a ação da *Camera del Lavoro*, mas perderão as eleições da *Camera* no fim daquele ano para os reformistas. A *Camera* tinha o apoio incondicional da união socialista bolonhesa, mas o conflito com os anarquistas no interior da *Camera* continuou intenso.

Em 1909, organiza-se o *Congresso Nazionale Sindacalisti della Resistenza* ou seja um encontro de representantes das *Camere del Lavoro* e sindicatos que seguiam o método da ação direta. Reuniu mais de setenta congressistas, representando 41 organizações sindicais, incluindo socialistas e anarquistas, entre os quais estava o irmão de De Ambris, Amilcare, que posicionava-se entre os defensores da idéia de que os sindicatos deveriam aderir à reformista CGdL para conquistá-la para a idéia revolucionária que foi aprovada. Foi aprovada também "necessidade de manter a mais estreita neutralidade diante de todos os partidos e grupos políticos e de não permitir a nenhum desses a intromissão na gestão interna das organizações". Desse congresso participou também o socialista Paolo Mazzoldi, que apresentaremos no capítulo sobre Rossoni.

Borghi continuava sua atividade de sindicalista mas não deixou de lado a propaganda anarquista. Em artigos da imprensa anarquista italiana defendia a formação de federações regionais libertárias, mas também uma participação crescente dos anarquistas e no movimento operário. Procurava delinear suas concepções sobre a relação entre sindicalismo e anarquismo, mostrando a necessidade de uma nova estratégia política, que, embora mantivesse os princípios do movimento, levasse em conta a realidade política, econômica e social do país. O proletariado estava conquistando, também na Itália, o direito de voto, o que, para os anarquistas, obviamente, era somente uma ilusão da possibilidade de conquista do poder[140]. Assim era necessária uma nova perspectiva revolucionária capaz de mobilizar a classe operária. Para ele, e vários outros anarquistas, a nova perspectiva revolucionária só podia ser a sindicalista, tanto porque os sindicalistas compartilhavam muitos princípios do anarquismo como porque ao sindicalismo aderiam muitos

[139] Idem. p. 22.
[140] Entre as massas trabalhadoras da Itália, entretanto, a luta eleitoral encontrava sempre maior simpatia.

trabalhadores, que mesmo não sendo anarquistas, lutavam, na prática, pelos mesmos objetivos que os anarquistas defendiam, tornando mais exeqüível a realização da sua política. O sindicato, além disso, era a única perspectiva de uma ação política "legal" dos anarquistas.

Borghi argumentava também que os sindicalistas, lutando junto com as massas trabalhadoras tinham tido a oportunidade de difundir suas idéias e também de instaurar um diálogo com o mundo operário que outros anarquistas, ou pelo menos a maioria deles não tinha conseguido criar. Por isso, ao contrário de Malatesta, que considerava secundária, embora útil, a atividade sindical dos anarquistas no âmbito da estratégia revolucionária libertária, Borghi, como Fabbri, dava a ela um papel fundamental, e destacado. Nos anos seguintes, de fato, Borghi dedicaria todo o seu empenho à sua função de dirigente sindical.

Entretanto, a existência de uma crise do movimento anarquista é admitida por vários militantes, como Luigi Fabbri que argumentava que as forças anarquistas estavam divididas em várias facções que lutavam entre si. Para ele também, a solução do impasse seria a maior participação dos anarquistas no movimento operário.

Como secretário da USI, Borghi procurará fazer uma aliança entre anarquistas e socialistas através de uma linha política baseada na greve geral que o sindicato deveria proclamar e os dois partidos deveriam apoiar até as últimas conseqüências.

Um novo congresso socialista ocorre em dezembro de 1910. Nesse congresso, a anarquista Maria Rygier argumentou que o sindicalismo revolucionário na Itália não tinha uma ideologia própria e era, portanto, obrigado a receber elementos da doutrina socialista e da anarquista. Mais uma vez é aprovada a adesão à CGdL. Essa decisão constituía uma aceitação da política da organização sindical reformista e até mesmo a *Camera del Lavoro* de Parma, que como vimos, representava o núcleo do sindicalismo revolucionário italiano.

Em 1912, são os sindicalistas revolucionários que promovem várias greves, enquanto os anarquistas não desenvolvem atividade sindical, porque Borghi está exilado na França, Fabbri prefere respeitar a recusa de Malatesta a apoiar a linha político-sindical deles, embora continuasse na Inglaterra. Os anarquistas adeptos do sindicalismo vêem com simpatia os sindicalistas revolucionários da *Camera del Lavoro di Parma*, e seus líderes, como De Ambris, mas não estavam dispostos a aceitar a hegemonia deles.

Durante um período de detenção, em 1913, Borghi tinha escrito o opúsculo *Fernand Pelloutier nel sindacalismo francese e in Italia* onde procurava demonstrar que o sucesso da atividade sindical do anarquista francês era uma confirmação das idéias que ele vinha defendendo na Itália. Segundo Borghi, Pelloutier tinha compreendido que só o sindicato poderia realizar, na França, a emancipação efetiva dos operários, além de ter tido o mérito de combater com sucesso a centralização burocrática do reformismo sindical francês e defendido a necessidade da independência político-sindical do movimento sindical francês em relação a todo e qualquer partido. Sublinhava também que os anarquistas italianos não tinham sido capazes de se adaptar às mudanças e que tinham deixado a iniciativa sindical nas mãos dos socialistas e considerava De Ambris o Pelloutier da Itália. Concluía, portanto, que o sindicalismo francês era o modelo no qual a USI[141] deveria se inspirar. Em 1913, Malatesta retorna do exílio e, embora tivesse reconhecido o caráter revolucionário da USI, considera absurda a premissa do apoliticismo do sindicato.

Malatesta afirmava que a USI era um partido. Borghi contestava, dizendo que a ela "aderiam sindicalistas, socialistas e anarquistas, que não tinham renegado nada"[142], ou seja,

[141] Como vimos antes, a USI tinha nascido a partir da forte oposição de diversas *camere del lavoro* à estratégia sindical da *Confederazione Generale del Lavoro* que tendia a eliminar a autonomia.
[142] Emilio Falco, *op.cit*, p. 69.

sem que para isso tivessem que trair seus princípios. A posição de Malatesta acabará prevalecendo no mundo anarquista.

Quando em 1914, chega a notícia da guerra iminente, a USI assume, inicialmente, uma posição antimilitarista. A ruptura total ocorre quando os sindicalistas revolucionários se pronunciam favoravelmente à entrada da Itália na Primeira Guerra Mundial.[143]

Entre 1915 e 1917, Borghi escreve várias cartas aos companheiros italianos em São Paulo, pedindo notícias sobre o movimento em São Paulo e no resto da América Latina. Em 1917, refere-se à "orientação nitidamente libertária e internacionalista do movimento sindicalista na Itália". Segundo ele as experiências sindicais da *Unione Sindacale Italiana* eram semelhantes as da Espanha, Portugal, Holanda, Estados Unidos e América do Sul, bem como na Inglaterra e na França e convida à solidariedade. Em 1914, Borghi substituiu De Ambris no cargo de secretário de *Unione Sindacale Italiana*, órgão sindicalista revolucionário nascido em 1912 e ali esteve até 1922. Em 1925, a USI foi eliminada pela fascismo.

Em 1926 escapa da repressão fascista indo para Berlim e depois para Paris. Viverá no exílio até 1946. Nessa segunda parte da sua vida dedicou-se à propaganda sindicalista, mas não mais ao sindicalismo prático e acabará concordando com as críticas que Malatesta fazia ao sindicalismo[144]. Armando Borghi morreu em 1968 [145].

---

[143] As razões dessa posição estão explicadas no capítulo dedicado à atividade sindical de De Ambris.

[144] Sobre Borghi, ver suas próprias memórias, *op.cit.*, Emilio Falco, *op.cit.* e Maurizio Antonioli. *Armando Borghi e l'Unione Sindacale Italiana*. Roma, Piero Lacaita Editore, 1990.

[145] Outro livro interessante sobre um anarquista adepto do sindicalismo é ROLLAND, Hugo. *Il Sindacalismo Anarchico di Alberto Meschi*. Pescara, Samizdat, 1996. Alberto Meschi, importante militante de Carrara, nasceu em Borgo San Donnino, hoje, Fidenza, próximo a Parma em 1879. Nos anos de 1890, converteu-se ao anarquismo. Era pedreiro. Participou ativamente da greve da construção civil em Gênova em 1904, motivo pelo qual foi obrigado a emigrar para a Argentina, para fugir da repressão. De lá foi expulso em 1909, e de volta à Itália, tornou-se, em Carrara, um importante militante sindicalista, mantendo-se fiel ao anarquismo.

Passaremos a analisar agora as trajetórias dos três líderes sindicais italianos que viveram no Brasil. Suas vidas, seus deslocamentos, sua militância estiveram profundamente ligadas às idéias e aos acontecimentos que vimos até aqui.

CAPÍTULO 2

ALCESTE DE AMBRIS: O SINDICALISTA REVOLUCIONÁRIO

> "Certamente, nós não acreditamos que seja possível reduzir o sindicalismo – que é ação e por isso mesmo tem necessidades eminentemente variadas – a um tipo único, dogmatizando-o em uma espécie de princípios sacrossantos" [1].

> "Retratos de Alceste De Ambris, de Garibaldi e de Jesus Cristo apareciam nas janelas de muitas casas. O bairro populoso de Oltretorrente voltava a se animar, com bailes populares nas ruas e praças. As casinhas pobres do bairro ficaram acesas até tarde, como se quisessem prolongar aquele dia que reafirmava a vitalidade persistente do movimento dos trabalhadores"[2].

1. A posição de De Ambris no movimento sindicalista revolucionário

No seu belíssimo *Teresina etc.*, Antonio Cândido observou que muitas das amizades da militante socialista Teresina remontavam ao tempo em que ela viveu em São Paulo[3]. Entre as amizades que davam a Teresina o conforto para enfrentar a sua vida, que foi sempre dura, estava a de Alceste De Ambris, do qual Teresina conservou uma foto por toda a vida na sua sala de visitas. Ele é uma figura de interesse central para a história do sindicalismo revolucionário na Itália e em São Paulo e sua vida acompanha a história do início do socialismo italiano no fim do século XIX até a luta antifascista nos anos 20 e 30 do século XX.

Apresentarei neste capítulo sua vida, suas idéias, centrando a atenção na sua atuação no movimento sindicalista revolucionário, sobretudo nos dois períodos em que ele viveu no

---

[1] *Alceste De Ambris. L'Internazionale,* 13-09-1913, p. 1. A coleção desse jornal, porta-voz do sindicalismo revolucionário de Parma encontra-se na Biblioteca Lelio Basso, em Roma.
[2] Umberto Sereni. *Il processo ai sindacalisti parmensi, op. cit.*, p. 110.

Brasil. Procurarei situar e compreender as posições de De Ambris nos diferentes momentos de sua vida, tendo porém como preocupação central a análise do movimento sindicalista revolucionário.

O estudo da vida de Alceste De Ambris é fundamental para a compreensão da história do movimento sindicalista revolucionário, uma vez que ele foi um de seus principais organizadores. Nascida, como vimos no capítulo anterior, da oposição ao reformismo, a corrente sindicalista revolucionária apresentava muitas facetas no seu interior. Havia visões diversas entre os vários expoentes do movimento, que, porém, reconheciam-se em uma base comum de princípios. Pontos inquestionáveis da doutrina eram a recusa de qualquer hipótese de colaboração com forças políticas burguesas; a desconfiança da possibilidade de conquistas efetivas através da ação parlamentar; e sobretudo a exaltação do conflito de classe. Era esta a via que segundo os sindicalistas revolucionários permitia um melhoramento real da condição dos operários e camponeses e este era o ponto central da reflexão sindicalista, que habilitava os trabalhadores técnica e moralmente à direção da nova sociedade, da qual o sindicato seria a base. A greve geral revolucionária, entendida como ato conclusivo de uma longa série de lutas, era o resumo dessa concepção, que excluía qualquer hipótese de solução pacífica da luta entre as classes[4].

Para De Ambris, o sindicalismo revolucionário, ao acentuar o antagonismo entre as classes, desenvolvia a função de salvaguardar o patrimônio revolucionário presente na idéia de socialismo, que segundo ele, era abalado quando não prevaleciam interesses diretamente emanados do proletariado. Por estes motivos, a prática da ação direta, que o sindicalismo

[3] Candido, Antonio, *op.cit.*, p. 55.

punha na base da sua experiência, revelava-se para ele particularmente importante: fazia de fato experimentar a existência do conflito inconciliável entre as classes e, ao mesmo tempo, acelerava o processo de consciência política das massas trabalhadoras, que na luta amadureciam o conhecimento de seu direito ao governo da sociedade[5]. Mas a adesão de De Ambris ao sindicalismo revolucionário foi um processo, que se deu a partir da sua experiência socialista.

Ao longo de sua vida e de sua obra De Ambris procurou analisar os conceitos que tinham os católicos, republicanos, anarquistas e socialistas reformistas em relação ao movimento operário, confrontando com a visão dos sindicalistas. Ao abraçar a causa sindicalista-revolucionária, De Ambris negou toda confiança no parlamentarismo, no qual, como socialista, ele tinha acreditado; defendeu a idéia de que o sindicalismo deveria ter como objetivo a supressão do Estado (pois na sociedade futura o sindicato substituiria as funções do Estado), considerando-o um organismo monstruoso da defesa capitalista; afirmou que o sindicato não era somente o meio para melhorar as condições econômicas dos operários, mas era o instrumento para a demolição da sociedade, era a revolução em processo de amadurecimento, era uma experiência microscópica da sociedade futura; fez a apologia da ação direta e exaltou o voluntarismo e o espírito de sacrifício. De Ambris acreditava ainda que o sindicalismo operário tinha uma moral própria e tendia a criar uma ética nova, uma capacidade técnica renovada e uma maturidade psicológica na classe dos produtores[6]. É tendo em vista essas idéias sobre o sindicalismo, aos quais De Ambris

---

[4] Ver Maurizio Antonioli. *Azione diretta e organizzazione operaia. Sindacalismo rivoluzionario e anarchismo tra la fine dell'Ottocento e il fascismo.* Roma, Piero Lacaita, 1990, .

[5] Ver Umberto Sereni. "Il sogno della rivoluzione" in *Dietro le barricate, Parma, 1922.* Parma, STEP Cooperativa, 1983.

[6] "La Propaganda de Alceste De Ambris", comentando conferência realizada por De Ambris em Parma. *L'Internazionale*, 29-11-1913, p.1.

chegou depois de uma vasta experiência política e sindical, que queremos apresentar a sua vida. Mas vejamos como foi a trajetória que o levou ao sindicalismo.

2. A juventude socialista

Alceste De Ambris nasceu em Licciana, na Lunigiana, província de Massa e Carrara, na Itália, em 15 de setembro de 1874, o primeiro de uma longa série de filhos. A ele se seguiram Arturo e Alfredo, que eram gêmeos, a única irmã, Irma, Angelo, Armando e Amilcare. Passou a infância e os primeiros anos da juventude na sua cidade natal. Seu pai era um republicano mazziniano, democrático, seguindo a tradição das gerações que se inspiravam nos líderes e nos mártires do *Risorgimento* italiano[7]. No ambiente familiar, Alceste conheceu as dificuldades econômicas, mas não o sofrimento de graves privações, mas parece ter visto sempre com um sentimento de solidariedade a luta e o sofrimento dos trabalhadores. Ainda muito jovem ele se sentiu atraído pela ação política. Eram os anos em que, sob o estímulo da intensificação dos conflitos sociais, o movimento operário e camponês ia rapidamente tomando consistência e vinham lançando-se as bases do Partido Socialista na Itália.

Em 1892, quando se forma o Partido Socialista, De Ambris tornou-se logo um ativo propagandista, com a idade de 18 anos, participando da constituição de numerosos círculos socialistas na sua região, sendo sócio dos círculos socialistas de Aulla e La Spezia e trabalhando na redação de um jornal socialista, que não por acaso foi chamado *La Terra*,

[7] Estas informações foram encontradas na pequena biografia que Amilcare De Ambris escreveu sobre seu irmão Alceste, manuscrito que me foi gentilmente cedido pelo senhor Filippo Corridoni De Ambri, filho de Amilcare. O pai de De Ambris atuou intensamente em sociedades de socorro-mútuo e foi prefeito de Licciana e de Aulla.

publicado em Pontremoli. A concentração fundiária era o centro dos problemas dos trabalhadores e a causa da grande miséria que havia na região de De Ambris e na maior parte do campo italiano. Por esse motivo, também a Lunigiana era uma região de grande emigração.

De Ambris dividia com outros estudantes, vários dos quais tornaram-se seus companheiros de luta por muitos anos, a redação desse jornal, *La Terra*. O primeiro número do jornal socialista *La Terra* é de 23 de janeiro de 1898, no mesmo ano em que Alceste De Ambris viria pela primeira vez ao Brasil. Os artigos deste jornal retratavam a dura vida dos camponeses, tanto os pequenos proprietários como os meeiros e assalariados, que tinham o tempo quase todo ocupado pelo trabalho, ao qual dedicavam 10 horas no inverno e 15 no verão, em terras nem sempre férteis, vítimas tanto dos proprietários quanto das incertezas das estações. Embora a existência dos castanheiros tenha garantido muitas vezes a sobrevivência, ainda no início do século XIX, cronistas locais relatavam os períodos de grande carestia e as conseqüentes mortes causadas pela fome. Por isso tantos partem, vão procurar, perto ou longe, a esperança de uma vida melhor: muitos vão para outras partes da Itália ou para a França, sobretudo durante o inverno e outros vão para a Argentina, Uruguai, Brasil, Estados Unidos. Esta emigração constante, temporária ou permanente, fez dos habitantes da Lunigiana o símbolo do emigrante como ficou registrado na poesia de Eugenio Montale:

> "Parti como um feirante da Lunigiana
> deixando ruínas para trás"[8].

[8] Citado por Caterina Rapetti. *Archivi Familiari. Storie, volti e documenti dell'emigrazione lunigianese.* Pontremoli, Lunigiana, 1986, p. 11.

Foi em meio a esta realidade que De Ambris cresceu e desenvolveu suas idéias. Em 1893, com 19 anos, ele se matriculou no curso de Direito na Universidade de Parma, e se destacou pela sua participação na vida política da província, que se tornaria mais tarde, com a sua ajuda, o grande símbolo do movimento sindicalista revolucionário. De Ambris tinha na Universidade alguns professores socialistas e vivia no bairro operário de Parma, o Oltretorrente[9], do qual era considerado o "filho adotivo"[10]. Nesse período, De Ambris e outros estudantes juntam-se aos trabalhadores nos protestos contra as guerras coloniais italianas na África.

Como vimos, também Itália, nesse período, os militantes socialistas e anarquistas viviam sob um clima de intensa repressão. Já nesse período, De Ambris era considerado pelas autoridades italianas um subversivo perigoso. Em 1896, foi acusado de difamação por meio da imprensa: era a primeira de uma série longuíssima de acusações e condenações [11].

No período em que De Ambris era um jovem estudante, nos anos 80 do século XIX, as idéias socialistas encontravam terreno fértil na sua cidade e região, com a transformação

---

[9] O Oltretorrente não era só o bairro pobre da cidade, era uma cidade alternativa à Parma "burguesa", um bairro profundamente orgulhoso da própria identidade. Ver Massimo Giuffredi e Marco Minardi. "Luigi Campolonghi e gli studenti della Lunigiana a Parma" in *Movimento socialista in Lunigiana tra la fine dell'Ottocento e el Novecento*, Pontremoli, Comunità Montana della Lunigiana, p. 209-210.

[10] Idem, p. 209.

[11] Até 1912, as acusações contra De Ambris, que se encontram na sua pasta (busta 1632) no Fichário Político Central presente no *Archivio Centrale dello Stato*, em Roma são: 1896 - acusação de difamação por meio da imprensa; 1898 - deserção militar; 1903 - difamação por meio da imprensa contra Nicola Matarazzo (em São Paulo); 1905 - contravenção; 1906 - denunciado por golpe em Roma; 1907 - denunciado por ultraje a um ferroviário; 1907 - denunciado por seqüestro; 1907 - acusado de incitar o ódio; 1907 - difamação por meio da imprensa; 1907 - acusado de instigar a delinqüência e incitar o ódio; 1907 - denunciado por ter assumido a direção provisória do jornal L'idea como redator responsável, sem fazer declaração à Procura Geral; 1907 - denunciado por incitar o ódio e por vilipêndio às instituições através da imprensa; 1907 - incitar o ódio; 1908 - acusado de contravenção de artigo sobre a imprensa; 1908 - "denunciado por fatos que levaram à insurreição armada o proletariado contra os poderes do estado e por ter levado outros a cometer homicídios contra as pessoas de militares e agentes da Segurança Pública, crimes que ocorreram em Parma em 20 de junho de 1908 por ocasião da greve agrária parmense" (é considerado culpado por lesões agravadas); 1908 - incitar o ódio; 1908 - denúncia por instigação à delinqüência; 1908 - difamação; 1908 - difamação; 1908 - incitar ódio; 1911 - incitar ódio através da imprensa; 1911 - incitar ódio; 1912 - vilipêndio às instituições. Até 1912, De Ambris foi preso 13 vezes e condenado, no total, a oito anos e meio de prisão. Coincidência ou não, este foi o tempo

econômica e social provocada pela abertura de uma nova linha ferroviária. As sociedades operárias de socorro mútuo, geralmente de tendência mazziniana, começam a transformar-se em círculos operários de tendência socialista. Como vimos, esta transformação ocorreu também em muitas outras partes da Itália. Muitos militantes partindo de uma experiência *risorgimentale* e garibaldina caminharam para a instituição de estruturas sindicais. Grande parte do primeiro socialismo italiano é marcado por essa estrutura sindical, sobretudo nas regiões do norte da Itália, de onde vinha De Ambris, onde a situação de miséria era alarmante. Essa experiência sindical, que caracteriza o início da história do socialismo italiano, foi fundamental na formação e nas escolhas de De Ambris.

Começava-se a criar também cooperativas de trabalho na região, que visavam fazer com que os operários realizassem diretamente trabalhos como a construção e manutenção de estradas. Embora pertencendo administrativamente à região da Toscana, a região de De Ambris era muito mais influenciada pelo socialismo reformista da região Emilia, e assim já nos primeiros anos do século os municípios da Lunigiana contavam com a participação de socialistas na administração. Em um período posterior, esse movimento socialista tornar-se-á uma grande força para a renovação econômico-social da região, dirigindo a política administrativa local.

Eram intensos os debates na região entre socialistas e anarquistas. Como vimos no primeiro capítulo, essa região foi muito influenciada pelos anarquistas, sobretudo por Bakunin, que viveu por um período na Itália e difundiu ali suas idéias, encontrando muitos seguidores. De Ambris participou intensamente dos debates entre as diferentes correntes no movimento operário, como veremos ao longo do capítulo.

---

que ele passou no Brasil, somados os dois períodos de exílio. Ver pasta de Alceste De Ambris no CPC, ACS de Roma.

De Ambris esteve inscrito no curso de Direito na Universidade de Parma nos anos 1893/1894 e 1894/1895. Não concluiu o curso, realizou somente três exames, por causa do tempo dedicado à militância socialista. O seu não era um caso excepcional, mas um dos casos-limite como também o do seu amigo Luigi Campolonghi[12], mas que atingiu muitos outros jovens conterrâneos deles. Quando teve que fugir em 1898, já não estava mais matriculado na Universidade, desde 1895. Era conhecido como amante do estudo, mas dele desviado por suas "idéias subversivas"[13].

Umberto Sereni escreveu uma interessante introdução ao livro no qual foram publicadas as cartas que De Ambris escreveu à sobrinha durante seu exílio na França[14]. Este autor observa o grande interesse que De Ambris manifestou pela literatura[15], sobretudo pela de gênero político-social. De Ambris fez parte de uma geração de jovens que nos anos noventa do século passado experimentou o doloroso desencontro entre suas aspirações e ideais e os valores, as regras e a organização da sociedade dominante. Para Sereni, De Ambris, como vários outros dos jovens do seu tempo, amadurecem a convicção da necessidade de um antagonismo total à sociedade injusta na qual viviam, uma convicção que assumiu o caráter de uma escolha de vida. Estes eram os anos dos escândalos bancários na Itália, das derrotas africanas e, como vimos, das desesperadas agitações pelo pão, que,

---

[12] Luigi Campolonghi nasceu em um distrito de Pontremoli, província de Massa, próximo à cidade de De Ambris, em 14 de agosto de 1876. Em 1897, freqüentou com De Ambris um circulo operário e com ele escreveu o jornal *La Terra*. Em 1898, vai, como De Ambris, para Marselha e ali permanece durante três anos estabelecendo contato com socialistas franceses e participando da organização de trabalhadores italianos do porto. Em 1908, vai a Parma para acompanhar o desenvolvimento da grande greve junto com De Ambris. Mais tarde, no exílio antifascista, Campolonghi fundou com De Ambris na França, em 1927, a Liga Italiana dos Direitos do Homem, da qual se tornará presidente após a morte do amigo. Ver as memórias de Luigi Campolonghi. *Pontremoli uma cittadina italiana fra l'800 e il '900*. Venezia, Marsilio, 1988.

[13] Pasta de De Ambris no CPC, ACS de Roma.

[14] Alceste De Ambris. *Lettere dall'esilio* (a cura di Valerio Cervetti e Umberto Sereni). Parma, Grafiche STEP Editrice, 1989.

[15] Entre 1895 e 1898, ano em que vem pela primeira vez para o Brasil, De Ambris publicou quatro contos em um jornal de Parma: *Lettere di Primavera*, *Come una volta (Dai ricordi di un morfinomane)*, *L'errore* e *Anime moderne*. Ver *Movimento socialista in Lunigiana...*, *op.cit.*, p. 207-208.

sem dúvida, tiveram importância fundamental nas escolhas políticas de De Ambris. O sindicalismo revolucionário será escolhido por ele, mais tarde, como essa forma de antagonismo total em relação à sociedade existente, ao mesmo tempo que lhe parecia uma possibilidade concreta de construção de uma sociedade nova.

Parma, como vimos, assumiu a figura de cidade-símbolo do sindicalismo revolucionário. Ela pode exercer esse papel porque era a sede de uma Universidade e como tal acolhia jovens e oferecia a eles a oportunidade de uma vida coletiva. Sereni considera que a escolha do caminho da política respondia antes de tudo a uma necessidade existencial. Era a adesão ao socialismo que dava sentido à vida. Foi assim para De Ambris e para outros jovens de Parma, que dividiram com ele as mesmas paixões, os mesmos sofrimentos e as mesmas esperanças. A miséria do povo eles "viam nas ruas de Parma, nos bairros do Oltretorrente, naquele *zululand*, desprezado e evitado pelos senhores, onde se juntava uma humanidade vítima das terríveis doenças da indigência, mas capaz de dar prova de uma ferocidade rebelde"[16], como aconteceu em março de 1896, quando os trabalhadores se uniram aos estudantes que protestavam contra a guerra da África e construíram barricadas para escapar aos disparos da cavalaria[17].

Sereni considera que essa experiência de aproximar-se dos trabalhadores, por parte desses jovens que se comoviam diante da miséria e se recusavam a participar da celebração da realidade existente, revelou-se de fato um potente fator de emancipação e indicou a uma geração atormentada e desiludida a solução positiva para o seu "mal de viver" e estabeleceu uma ligação entre "intelectuais" e trabalhadores, novidade absoluta na história italiana.

---

[16] Umberto Sereni. Introdução a *Lettere dall'esilio...*, *op. cit.*, p. 14.

[17] Na década de 1890, a Itália tinha feito várias tentativas de transformar a Etiópia em uma colônia italiana, sem sucesso e com grande número de mortos. Os soldados convocados para essas guerras coloniais eram trabalhadores, sobretudo camponeses. Entre 1894 e 1896 a guerra se intensifica, o que justifica os protestos dos trabalhadores e estudantes de Parma.

Além de De Ambris, outros jovens como Luigi Campolonghi, Pietro Ferrari, Arturo Salucci, Vico Fiaschi, escolheram o empenho político e social. Estavam convencidos de que a política, entendida e vivida como expressão da virtude, era o único instrumento à disposição para reconduzir a ordem a um mundo arrasado, para aproximar os homens ao mais alto grau de felicidade possível. Eram todos filhos de negociantes quase arruinados, de proprietários que passavam a vida penhorando todo dia um palmo de terra ou um pouco de castanha, médicos que sonhavam em ter os filhos como sucessores, de secretários municipais[18] que faziam sacrifícios para ver os filhos formados. Eram todos contra a ordem constituída[19]. O pai de De Ambris, como vimos, era republicano mazziniano.

Parma com seu ambiente pleno de paixões políticas e duras tensões sociais, com a universidade onde ensinavam os "mestres" do socialismo, proporcionava aos jovens as ocasiões para amadurecer e para definir-se. De Ambris e seus amigos eram admiradores da epopéia *risorgimentale* e das antigas batalhas garibaldinas. Tinham sido ensinados pelo poeta Carducci[20] a esperar o retorno das "primaveras helênicas". Para eles ir combater pela liberdade da Grécia, por exemplo, parecia a expressão mais alta daquele *byronismo* que os distinguia, e era também um estado de espírito e um código de comportamento. Em 1897,

---

[18] O secretário municipal é, na Itália, um funcionário da prefeitura, admitido através de concurso público, e que tem a função de convalidar, do ponto de vista burocrático, os documentos elaborados pelo prefeito.

[19] Umberto Sereni. Introdução a *Lettere dall'esilio...*, *op. cit.*, p.20.

[20] Depois de uma experiência narrativa intermediária entre o Romantismo e o Realismo, a literatura italiana passou ao chamado *Verismo*, que propunha uma pesquisa dos fenômenos econômico-sociais especialmente dos setores pobres e à representação da vida das várias regiões italianas. Representantes do verismo na prosa italiana foram Luigi Capuana, Giovanni Verga, Emilio De Marchi, Matilde Serao, Salvatore Di Giacomo e Grazia Deledda. Giosuè Carducci (1835-1907), entretanto, representou na poesia uma retomada do classicismo, com temas políticos. Ele era um republicano convicto, seguindo a tradição *risorgimentale*, era professor de grego e latim na Universidade de Bolonha e formou várias gerações de estudantes, revisitando a história da Itália, buscando um fio condutor de republicanismo e democracia, começando pela República na antiga Roma e passando pelas cidades livres italianas durante a Idade Média. Ele inspirou profundamente De Ambris e tantos outros jovens.

quando prestava o serviço militar obrigatório, ele parece ter tentado desertar para seguir um grupo de "garibaldinos" que iam lutar na Grécia contra a Turquia[21].

Os estudantes eram uma das partes mais combativas das manifestações que nos primeiros meses de 1897 se estenderam de um lado a outro da Itália. Parma era uma das cidades que se inflamaram. Para De Ambris, na Grécia, havia se materializado a "verdadeira" Itália, a Itália que ele queria construir e que representava o seu ideal de perfeição: uma comunidade de livres e iguais, animada pela fraternidade e pela solidariedade e capaz de sacrifício[22]. Ele se servirá do exemplo da Grécia em oposição ao nacionalismo conservador para demarcar a existência de duas tradições italianas: a garibaldina, da solidariedade aos povos oprimidos em luta pela liberdade e a dos moderados e reacionários, movida pela vontade de domínio e de subjugação.

Segundo Sereni o complexo da trama social e política italiana das primeiras décadas do nosso século deve a Alceste De Ambris muito mais do que geralmente se crê. Para este autor, De Ambris era visto por seus companheiros como o condutor, o conselheiro, eram atraídos por seu poder carismático, era o ponto de referência. Luigi Campolonghi, companheiro de De Ambris na sua luta política, escreveu em 1908 :

> "Alceste De Ambris era o nosso condutor em política e literatura. Escrevia muito bem, falava com muita clareza, tinha uma cultura vasta, sólida, bem assimilada e equilibrada. O equilíbrio era a sua força maior:

---

[21] Muitos jovens italianos morrem na Grécia e tornam-se heróis. De Ambris, segundo uma biografia de 1947 de Alfredo Bottai, teria tentado desertar do serviço militar que fazia em La Spezia, para juntar-se à expedição garibaldina. Por essa tentativa mal sucedida, De Ambris teria sido preso e encarcerado. Pesquisas recentes, entretanto, como a de Lorenzo Gestri, que encontrou a folha de matrícula de De Ambris, permitiu apurar que ele não sofreu tal punição. Ver Lorenzo Gestri. "note bibliografiche, appunti provvisori, un testo e un documento per servire ad uma biografia di Alceste De Ambris". *Cronaca e Storia di Val di Magra*. Aulla, anoVI, 1977. Essa revelação, se relativiza o que Gestri considera uma das tantas lendas surgidas sobre De Ambris, não desmente a possibilidade de que, de qualquer modo, ele tenha tentado se unir à "Legione Garibaldina".

[22] U. Sereni. *Lettere...*, *op. cit.*, p. 44.

> era a razão do fascínio que exercia sobre nós!"[23]. E acrescentava que ele era "bom, profundamente bom, (...) bom e dócil como um carneiro. Tinha a alma plena de piedade"[24].

Para Sereni a sua "bondade", ainda que nascesse de uma predisposição de caráter, de uma inclinação da sua índole, tinha o caráter de uma escolha; era um valor absoluto que gerava um antagonismo radical, do qual nascia uma vontade ativa que ia à procura das causas da infelicidade dos homens e engajava com o mal e com as suas manifestações uma guerra mortal, sem possibilidade de trégua, sem soluções de compromisso. A estrada da bondade levava ao socialismo, concebido como instrumento de redenção, como forma laica da piedade, em direção a um desejo sempre insatisfeito de justiça. Para ele, essa bondade ativa seria capaz de salvar o homem do "mal" e de suscitar as energias e a vontade para a luta para o bem comum, para a redenção do mundo. De Ambris das suas primeiras manifestações do tempo da paixão juvenil até os tristes anos do exílio antifascista, orienta-se nesse sentido. Assim ele se empenha nos cenários mais vastos e mais decisivos: entre os imigrantes aqui no Brasil, entre os trabalhadores de Parma submetidos ao jugo dos proprietários.

Posto em liberdade e terminado o serviço militar foram os dramáticos acontecimentos de 1898, que vimos no capítulo anterior, com a grande repressão e violência que se seguiram aos motins populares pelo pão, que o levam à escolha definitiva. Novamente chamado para o serviço militar para a manutenção da ordem pública[25], ele não

---

[23] Luigi Campolonghi. "L'agitazione agraria nel parmense. Il capitano degli scioperanti", *Il Lavoro*, 10 de maio de 1908.
[24] Idem.
[25] O governo italiano fez uma convocação extraordinária dos nascidos no ano de 1874, ano de nascimento de De Ambris, com o objetivo declarado de reprimir as manifestações que vimos no primeiro capítulo e De Ambris, coerente com suas idéias, não se apresentou e se tornou desertor. Sobre essa convocação extraordinária e a repressão aos movimentos de 1898 ver Renzo Del Carria, *op. cit.*, p. 304.

se apresentou e para fugir da prisão, expatriou-se clandestinamente na França[26], onde encontrou outros refugiados italianos que fugiam da repressão. Foi para Cannes e depois para Marselha, onde trabalhou vários meses no porto e viveu com dificuldades. O Tribunal Militar de Florença condenou-o à revelia a um ano de reclusão por deserção. É então que ele vem pela primeira vez ao Brasil.

3. "Sob a bandeira do socialismo": De Ambris no *Avanti!* de São Paulo

A primeira vez que Alceste De Ambris veio ao Brasil foi, portanto em 1898, fugindo, como vimos, de uma condenação por deserção, por ter se recusado a atender a convocação do exército italiano para reprimir os famosos motins daquele ano na Itália, onde muitos trabalhadores morreram. De Ambris foge, mas não é por acaso que vem para São Paulo: vem ao encontro dos dois irmãos Alfredo e Angelo, que eram imigrantes e já estavam aqui desde 1894. Angelo vendia café e Alfredo trabalhava para a agência de informações Havas. Alceste pretendia ir para Montevidéu, mas os irmãos conseguiram convencê-lo a permanecer no Brasil[27]. Não encontrei informações sobre o motivo pelo qual De Ambris queria ir para o Uruguai e não para a Argentina, por exemplo, onde a comunidade italiana também era grande e organizada. Provavelmente teria ido ao encontro

[26] Segundo o relato do irmão, De Ambris estava na casa da família quando foi convocado e conseguiu escapar vestindo-se muito pobremente para se passar por um lenhador do local.

[27] Essa informação me foi dada por Filippo Corridoni De Ambri, sobrinho de Alceste, em uma entrevista realizada em outubro de 1996 em Roma. O sobrenome De Ambri e não De Ambris deve-se ao fato de que durante o fascismo foi instituído como obrigatória a italianização de nomes estrangeiros. Os De Ambris tinham se transferido da Savóia no século XVIII.

de algum amigo, pois muitos camponeses, artesãos, pequenos comerciantes e outros trabalhadores da Lunigiana emigraram para o Uruguai[28].

Para vir ao Brasil, De Ambris viajou clandestinamente em um navio proveniente da Itália, cheio de italianos pobres atraídos pela miragem da imigração subsidiada, destinados certamente às tristes condições das fazendas de café paulistas. Ele passou algum tempo vivendo com seus irmãos no Rio, mas vez tomada a decisão de permanecer no Brasil, De Ambris, ainda abalado pelos sofrimentos que viu durante os 25 dias de viagem de navio, resolveu estudar as condições de vida e de trabalho dos imigrantes italianos nas fazendas de café e viajou em um dos trens que levavam os trabalhadores para as fazendas, partindo da Hospedaria dos Imigrantes, no Brás. Dois anos se passaram sem que De Ambris deixasse muitos vestígios de si. Provavelmente trabalhou com seus irmãos e investigou a situação dos trabalhadores italianos no Brasil, até que resolveu participar da fundação de um jornal para ajudá-los a se organizar.

De Ambris resolveu fundar esse jornal socialista no maior centro de imigração italiana do país, a cidade de São Paulo, e ali se estabeleceu, embora seus irmãos morassem na capital, Rio de Janeiro. Sua ação foi sem dúvida importante para a organização entre os imigrantes, quando começavam a surgir as organizações sindicais em São Paulo. É já muito conhecido o fato de que os imigrantes italianos em sua grande maioria eram submetidos a péssimas condições de vida e de trabalho, nas fazendas de café ou nas fábricas e viviam abandonados à própria sorte. O historiador italiano Renzo De Felice chegou a afirmar que foi De Ambris com o seu *Avanti!* que lançaram as bases do sindicalismo italiano no

[28] Relatos interessantes sobre os imigrantes da região de De Ambris estão em Caterina Rapetti. *Archivi familiari. Storie, volti e documenti dell'emigrazione lunigianese*. Pontremoli, Lunigiana, 1986, publicação promovida pela Federazione Italiana Lavoratori Emigranti e Famiglie (Federação Italiana dos Trabalhadores Emigrantes e Famílias) da província de Massa e Carrara.

Brasil[29]. Suas idéias e o seu apoio serviram de estímulo para muitos trabalhadores organizarem suas ligas e seus movimentos. De Ambris, nesse período, era um socialista. Ele não era e nem nunca foi anarquista, o que reforça a nossa tese de que nem tudo era anarquismo no mundo dos trabalhadores em São Paulo no início do século[30].

Em 20 de outubro de 1900, Alceste De Ambris participa da fundação e torna-se o redator responsável do *Avanti!* de São Paulo. Os redatores declararam ter tomado o nome do famoso órgão dos companheiros socialistas da Itália (e tomam não só o nome, mas até mesmo o tipo com que era escrito o título do jornal italiano), porque pretendiam inspirar-se nas suas lutas, na sua fé, na sua coragem e entusiasmo, do qual tomariam exemplo para chamar os trabalhadores para agir, para tornar os operários conscientes de seus direitos. Convidavam os trabalhadores a lerem o *Avanti!*, declarando que este era escrito para eles:

> "Trabalhadores da cidade e do campo, operários e camponeses é para vós que escrevemos.(...) Tudo o que vocês sofrem é uma injustiça que deve desaparecer e para que desapareça vocês não tem que fazer mais do que desejá-lo, unindo-vos a nós que defendemos os vossos direitos sob a bandeira do socialismo"[31].

Escreveram também como e para quê havia nascido o jornal:

> "O *Avanti!* nascido graças à boa vontade de um grupo de cidadãos, na maior parte operários, que não tiveram dúvida em sacrificar tempo e dinheiro para dar vida a este órgão defensor das classes trabalhadoras.(...) O que queremos? O desaparecimento dos baixos egoísmos individuais hoje triunfantes em uma sociedade dominada pelo ouro e pela corrupção,

---

[29] Renzo De Felice. *Sindacalismo rivoluzionario e fiumanesimo nel carteggio De Ambris-D'Annunzio*. Brescia, Morcelliana, 1966.

[30] Um estudo importante sobre os socialistas italianos na São Paulo do período está sendo desenvolvido por Luigi Biondi em sua Tese de Doutorado. Uma breve antecipação dos resultados da pesquisa desse autor foi apresentada em Luigi Biondi "Identidade de classe e identidade nacional entre solidariedade e conflito: socialistas e republicanos italianos na São Paulo do início do século XX e suas relações com as associações patrícias e o nascente sindicalismo". *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v. XXVI, n. 1, julho 2000.

[31] "I principi del socialismo". *Avanti!*,16-11-1900, p.1

a fundação de uma sociedade onde os homens sejam unidos por um só vínculo: o Trabalho, fonte de bem-estar e gozo para todos"[32].

É interessante observar aqui a presença de operários na constituição do grupo responsável pelo jornal e a referência ao trabalho como o vínculo de união da sociedade futura que se queria construir. No apelo para a organização, convidavam a se unir todos os trabalhadores de "toda cor e de toda raça" e insistiam na necessidade da união entre os trabalhadores dos campos e das cidades[33].

A receita do *Avanti!* provinha das assinaturas, vendas e subscrições, mas já no início do jornal várias festas e concertos foram realizados em benefício dele, tanto na cidade de São Paulo, como nas cidades do interior do estado, inaugurando a tradição da cidade de São Paulo como centro de referência para as várias organizações, de vários tendências, que iam se constituindo também no interior do estado. Alguns artistas de São Paulo se ofereceram para dar um concerto popular em benefício do *Avanti!* O jornal era vendido na Livraria italiana de Alcibiade Bertolotti no centro de São Paulo, no Caffè Garfagnana (de Silvio Fioravanti, imigrante da Garfagnana, região próxima a de De Ambris) e também era vendido por Domenico Torre, Carlo Matteucci, Giosuè Puccinelli, Giuseppe Ceruti, Pietro Senatori, Vincenzo Blotta, Antonio Amancio, Antonio Ruffort, Attilio Volpi, Giuseppe Pisa e Francisco Carvalho, todos socialistas. Segundo os redatores, o *Avanti!* chegava também nas fazendas, bem como nos subúrbios da cidade de São Paulo e nos pequenos centros urbanos do interior do estado. Quem fizesse a assinatura anual pagando adiantado, ganhava um retrato de Marx. Observa-se aqui a amplidão da difusão do jornal, aspecto

[32] *Avanti!*, 20-10-1900, p.1
[33] "Organizziamoci" e "Operai, associatevi". *Avanti!*, 17-02-1901, p.1.

interessante dessa imprensa popular, que procurava informar e difundir uma visão de mundo.

O *Avanti*! era um dos primeiros e poucos jornais de oposição de esquerda e seus integrantes procuravam unir as forças com outras tendências e então havia espaço nele para posições diferentes, sindicalistas e reformistas, e não havia ainda a preocupação em se manter uma direção fixa e coerente.

Alguns artigos defendiam as reformas sociais que pudessem trazer benefícios à classe trabalhadora. Defendiam assim a criação de *Camere del lavoro*, instituições de montepio e de serviços médicos, de ambulatórios para a distribuição gratuita de remédios, e todas as medidas referentes à higiene, à moral, à economia, à instrução que pudessem converter-se em benefício imediato para os necessitados. As ligas operárias deveriam ter como objetivo a melhoria das condições de vida e a resistência, com caráter puramente econômico. Seu fim deveria ser o de defender o operário da exploração capitalista e tentar obter melhorias sempre que as circunstâncias fossem favoráveis, tanto no aspecto moral como melhoramento do horário, modificações dos regulamentos internos das fábricas, etc., como pelo lado material com o aumento do salário. Prevalecia a idéia socialista da necessidade do sindicato para as lutas econômicas e a do partido para a luta política. Estamos em 1900, e tanto na França, como na Itália e também em São Paulo as idéias sobre o sindicato como o espaço de luta dos trabalhadores estava amadurecendo, e de Ambris participa desse processo.

Segundo os socialistas do *Avanti*! os operários reunidos em liga deveriam pagar uma cota mensal estabelecida pela própria liga. Este dinheiro, subtraídas as despesas com o aluguel, administração, etc., iria para o fundo da liga que estaria à disposição dos associados em caso de necessidade. Em caso de divergências com o patrão e esgotadas as

tentativas de negociação, os trabalhadores unidos pela liga deveriam abandonar coletivamente o trabalho. Observam entretanto que não queriam dizer que os operários em qualquer circunstâncias deveriam recorrer sem hesitação à greve. Para eles, ao contrário, essa deveria ser o último meio ao qual os operários deveriam se apegar para a defesa de seus direitos. Alertavam que era indispensável que a organização fosse geral pois uma só fábrica não poderia, em caso de necessidade, fazer frente às necessidades dos operários grevistas[34]. A idéia da greve como último recurso era característica do pensamento socialista reformista[35]. Embora reconhecessem a greve como a arma de combate mais eficaz no conflito entre capital e trabalho, os socialistas do *Avanti!* convidavam os trabalhadores a agirem com muita cautela e a não declararem greves precipitadamente e a não confiarem excessivamente nas próprias forças. Três elementos eram considerados importantes na vitória em caso de greve: a oportunidade, a organização e a simpatia do público. Apresentam como exemplo a ser seguido o da Associação Internacional dos operários mecânicos dos Estados Unidos da América.

Essa posição se manifesta, por exemplo, quando os operários da ferrovia São Paulo -Rio Grande, com sede em Ponta Grossa, entram em greve pelo não pagamento de 5 meses de salário. Os socialistas do *Avanti!* lamentam-se prevendo o fracasso da greve, argumentando que não havia ainda entre os trabalhadores uma organização sólida o bastante para garantir a vitória. Observam também que a essa falta de organização se associava com resultados muitos negativos para os trabalhadores a violência policial, recordando, que alguns meses antes na estação Rebouças da mesma linha ferroviária, operários tinham sido brutalmente agredidos pela polícia, por terem ousado reclamar os

[34] "Che cos'è l'organizzazione?" *Avanti!*, 05-01-1901, p.1

salários atrasados ou ao menos um pouco de alimentos para aliviar a fome deles e de suas famílias[36].

Defendia-se também no jornal que o Partido Socialista Internacional era e deveria ser na sua essência e nos seus métodos, um partido revolucionário, como tinha sido o seu conceito fundamental até então, segundo o jornal, apesar das divisões e da diversidade de suas várias escolas. Todas as variedades legalistas, reformistas, possibilistas que cresciam dentro e em torno do socialismo eram para os socialistas do *Avanti*! de São Paulo, falsificações ou degenerações como o socialismo de Estado ou o socialismo católico, mas não eram o socialismo. Era já claro aqui, nesse artigo, provavelmente de De Ambris, com um socialismo que teria abandonado seu caráter revolucionário inicial. Era o caminho que levaria De Ambris a optar pelo sindicalismo revolucionário, que para ele conservava essa tradição revolucionária.

Os socialistas do Avanti! consideravam também que era necessário formar associações econômicas que fossem desde as formas mais simples do socorro mútuo (contra doenças, desemprego) às associações de ofício (ligas de resistência, ligas de melhoramentos, sindicatos, etc.) isoladas ou unidas em federações de ofício ou em *camere del lavoro*; às associações de pequenos proprietários ou artesãos (para comprar matéria-prima, adubos, máquinas agrícolas, etc.), até as cooperativas de produção, que eles mesmos consideravam difícil construir no Brasil, mas que deveriam ser tentadas após a experiência com outros tipos de cooperativa, como de trabalho, de consumo (com a revenda de alimentos, roupas, instrumentos de trabalho), ou de consumo e produção parcial. Todo esse

[35] O sindicalismo revolucionário, que nasceria mais tarde, confiava mais na greve como meio de luta, embora não deixasse de aconselhar a cautela na deflagração de greves, como veremos.
[36] "Uma greve". *Avanti*!, 05-01-1901, p.2.

esforço de organização, de vários tipos seria o antídoto contra a transformação do socialismo em um partido só de ação parlamentar[37].

> "E quando nós, desse modo, tivermos desenvolvido todo um programa de ação prática, formando um proletariado consciente e educado economicamente, resultarão vãs todas as tentativas dos reformistas que querem nos fazer andar para trás do socialismo ao democratismo burguês"[38].

Os redatores do *Avanti!* observavam com tristeza que em algumas cidades do interior do estado não existiam organizações de oficio e nem mesmo sociedades de socorro mútuo, embora existissem em grande parte delas. Lamentavam-se que parte dos imigrantes não tivessem trazido da Itália o espírito de luta, como se vê neste comentário sobre uma visita ao interior de São Paulo:

> "É nosso dever resgatar a consciência destes párias, na maior parte vindos pela imigração gratuita e portanto quase todos conscientes das delícias da vida dos colonos na fazenda. As misérias e sofrimentos destes deveriam ser farol para a vida da fábrica. Mas assim não é até agora. Confiamos entretanto que com a propaganda que fará o *Avanti!* não tardarão a abrir os olhos. Da nossa parte não nos cansaremos de gritar: Operários de São Roque - uni-vos!"[39].

Vários artigos do jornal argumentavam que a organização operária era o único meio com o qual os trabalhadores podiam defender as condições de trabalho onde eram boas e melhorá-las gradativamente onde eram ruins, o que era o caso da maioria[40].

---

[37] Como vimos, esse foi o período em que, na Itália, o partido socialista tinha se aliado ao partido liberal. Ver capítulo 1.
[38] "Tendenze nuove e insidie vecchie". *Avanti!*, 01-12-1900, p.1
[39] "S. Roque - Incoscienza operaia". *Avanti!* 17-11-1900, p.2. São Roque é uma cidadezinha que se localiza a 60 Km da cidade de São Paulo.
[40] Ver entre outros o artigo "Per L'organizzazione economica". *Avanti!*, 27-01-1901, p.3.

Mas vejamos agora quem acompanhava de Ambris na aventura do *Avanti!* de São Paulo. O artigo que abre a primeira página do primeiro número do jornal não é de De Ambris, mas de Alcibiade Bertolotti, em nome do Comitê de direção do jornal. Bertolotti tinha nascido em 28 de outubro de 1862 na Itália, em Vigatto, província de Parma, próximo da cidade de De Ambris. Era *geometra*[41]. Em 1902, um relatório da polícia de Parma declarava-o pessoa de caráter violento, o que na verdade a polícia italiana dizia de quase todos os militantes anarquistas, socialistas ou outros. Apresentavam-no, entretanto, como um trabalhador assíduo, tendo um emprego público em São Paulo. Na Itália, antes de vir para o Brasil, reunia-se freqüentemente, segundo a polícia, com pessoas do seu grupo social para falar de política e também com operários e camponeses. Não teria, segundo o relatório, boas relações com os pais, por causa de suas escolhas políticas. Desde jovem era conhecido por suas idéias socialistas, que com o passar dos anos foram se acentuando sempre mais[42].

Antes de emigrar para o Brasil tinha atuado politicamente com grande empenho e influência em Borgo San Domino e especialmente em S. Secondo Parmense, e em 1884 e 1885 tinha sido condenado por difamação e rebelião. Em 17 de fevereiro de 1891, tendo recebido um mandado de prisão por uma condenação a ele dada em 5 de julho de 1890, emigrou para a América do Sul, ficando em São Paulo, sendo mais um exemplo de militante que vem para o Brasil para evitar a prisão. A polícia italiana, que continuava a observá-lo aqui no Brasil, declarou que ele parecia exercer influência também entre os trabalhadores de São Paulo. Tendo militado já por muito tempo, tinha muitos amigos na Itália, bem como em outros países. Até esse relatório de 1902, não havia sido expulso do

[41] Técnico em edificações.

[42] Nos documentos policiais, ele foi classificado, algumas vezes, como anarquista, mas parece que a polícia não estava muito preocupada com a precisão dos conceitos ao classificar os "subversivos", uma vez que não há nenhum outro indício que indique que em algum momento Bertolotti tenha abandonado suas convicções socialistas para se aproximar do anarquismo.

Brasil, mas tinha sido indiciado como participante de um "complô contra a vida de reis e presidentes", o que era um absurdo completo. Bertolotti possuía algumas casas e um pedaço de terra na Itália e seus inquilinos tinham sido escolhidos por ele entre os filiados ao Partido Socialista Italiano. Seu irmão Guido, ao ser interrogado pela polícia, declarou que Alcibiade professava idéias socialistas e não anarquistas e que possuía uma tipografia e era proprietário e diretor do "jornal subversivo", "*Avanti*!"[43].

Bertolotti era um socialista reformista, mas, apesar das diferenças, dividiu com Alceste De Ambris, aparentemente sem grandes conflitos, a redação dos primeiros tempos do *Avanti*! de São Paulo, embora De Ambris tenha sempre manifestado sua adesão ao socialismo revolucionário.

Uma carta publicada no *Avanti!* comentando o congresso socialista na Itália, conta que um dos temas discutidos foi o da emigração e que já havia na América mais de dois milhões de proletários italianos. Anunciavam também no jornal as chegadas de novos imigrantes na cidade de São Paulo. Em 15 de dezembro de 1900, noticiam a morte de uma criança, sufocada em um vagão de carga, denunciando o modo desumano com o qual a companhia inglesa tratava os imigrantes, transportando-os para São Paulo nos compartimentos reservados aos animais. Criticavam a imigração, observando que os imigrantes vinham para o novo mundo inconscientes dos sofrimentos e do tratamento desumano que os esperavam. Para os redatores do jornal, os exploradores no Brasil

[43] Em 1911, a polícia italiana, em outro relatório observava que Bertolotti era mais sindicalista do que anarquista. Em 1926, ainda vigiado pela polícia italiana, Bertolotti trabalhava na direção de uma empresa agrícola de nome Monte Alegre, em Piracicaba, de propriedade de um do fascistas declarados da comunidade italiana rica de São Paulo, Pietro Morganti. Mas Bertolotti continuava um fervoroso defensor das teorias socialistas e fazia ainda propaganda delas. Em 1935, declarou-se abertamente inimigo do regime fascista. Residia nessa ocasião ainda em Piracicaba, em uma fazenda de sua propriedade. Em 1936, voltou a viver em São Paulo, na rua Aurora, 89. Já não participava mais de nenhuma manifestação pública. Tinha então 74 anos e continuava, segundo o consulado de São Paulo, a manter sentimentos subversivos e hostis ao fascismo. Ver Pasta de Alcibiade Bertolotti no Casellario Politico Centrale no Archivio Centrale dello Stato, em Roma.

encontravam no imigrante italiano um instrumento dócil, pois eles não sabiam rebelar-se por causa da educação recebida na Itália, onde os trabalhadores eram considerados menos do que nada e onde a prepotência dos patrões tinha a cumplicidade do governo. Era portanto o objetivo dos socialistas educar os trabalhadores para a luta[44].

Outra preocupação central do jornal era obviamente os colonos das fazendas de café. Os próprios colonos escreviam para o jornal:

> "A leitura do seu *Avanti*! que nesses dias apareceu sob os meus olhos, me fez pensar que alguém se preocupa conosco"[45].

Defendendo resolutamente uma forma social onde a miséria de muitos não serviria mais a construir a opulência de poucos, argumentavam que do auxílio recíproco que os homens deviam dar-se em caso de necessidade, deveria ser tirado todo caráter da beneficência. Resignados à idéia de que estavam muito longe de ver realizado o ideal pelo qual lutavam, os socialistas reconheciam que as dores deveriam em algum modo ser aliviadas, que algumas necessidades reclamavam resoluções urgentes. Daqui vinha a idéia de se associar um cotidiano reformista a uma perspectiva futura de transformação profunda da sociedade. Esta será posteriormente uma das idéias fundamentais do movimento sindicalista revolucionário e que, em grande medida, afastava-o do anarquismo.

Entre as sociedades que aparecem no *Avanti*! encontramos, além do próprio Circolo Socialista *Avanti*!, a Società cosmopolita fra lavoratori cappellai (chapeleiros), a Sociedade dos trabalhadores em couro, dos Trabalhadores em madeira, dos garçons, dos pintores, o grupo socialista de Santos, e a sociedade de tipógrafos. Os tipógrafos logo escreveram saudando o aparecimento do jornal e pedindo que os socialistas ajudassem na constituição

[44] "Emigrazione Italiana". *Avanti*!, 12-01-1901, p. 1 e "Educazione e lotta", idem, p.2.

de ligas de resistência, para a defesa dos interesses imediatos da classe, como a fixação de um salário mínimo correspondente às necessidades da vida, a garantia do pagamento, o estabelecimento de uma jornada de trabalho normal que não destruísse a saúde do operário e a promoção de agitações para obter leis que regulassem o trabalho e que responsabilizassem os proprietários quando os infortúnios fossem conseqüência de negligência ou especulação da parte deles. O jornal cumprimenta a categoria e espera que ela sirva de exemplo para outros trabalhadores[46]. É interessante observar aqui essa tendência socialista ao menos de parte dos trabalhadores gráficos. A Associazione fra gli Operai delle Arti Grafiche e Affini nasceu oficialmente no dia 20 de janeiro de 1901, mas já desde 1892 tinha existido a Federação Tipográfica de São Paulo[47].

Em 29 de dezembro de 1900 anunciam com alegria a formação de uma sociedade de socorro mútuo entre os vidreiros de Água Branca, quase todos franceses e italianos. Era o início de uma organização consistente desses trabalhadores da Vidraria Santa Marina.

De Ambris realizava um trabalho intenso de conferências em diversas localidades. No primeiro número do jornal, noticia-se que ele havia realizado, na sede da *Lega Democratica Italiana*[48], da qual era sócio, um comentário sobre o VI Congresso Socialista Italiano. Nessa ocasião, De Ambris faz um apelo em favor do *Avanti!*, argumentando que o jornal era destinado a ser o ponto de partida da organização dos socialistas italianos no Brasil. O *Avanti!* de 10 de novembro de 1900 anunciou uma conferência, onde De Ambris

---

[45] "Carta de um colono vêneto no Estado de São Paulo". *Avanti!*, 27-10-1900, p.4

[46] "Per l'organizzazione economica". *Avanti!* 01-12-1900, p.3

[47] Em 1904, forma-se a União dos Trabalhadores Gráficos. Ver o trabalho importante sobre os trabalhadores gráficos de Artur José Renda Vitorino. *Máquinas e operários. Mudança técnica e sindicalismo gráfico (São Paulo e Rio de Janeiro – 1858-1912)*. São Paulo, AnnaBlume:Fapesp, 2000, pp. 123-203. Como veremos no capítulo dedicado a Sorelli, essa orientação socialista da União dos Trabalhadores Gráficos entrará em choque com a orientação de neutralidade da FOSP.

[48] A Lega Democratica Italiana reunia em São Paulo republicanos e socialistas italianos. Considerando que a Itália foi um país monárquico até 1946, ser republicano era ser também revolucionário.

falava sobre os mártires de Chicago na sociedade de socorro-mútuo *Unione Veneta San Marco*. Em 29 de dezembro, diante de um público numeroso, De Ambris falou sobre "A herança do século XIX" no *Circolo Socialista Avanti!*, resumindo brevemente a história do século que terminava e concluindo que a herança por ele deixada era a triste conseqüência da falência moral da burguesia. É interessante observar esse trânsito de De Ambris nos vários tipos de organizações dos trabalhadores italianos de São Paulo, da sociedade de socorro mútuo, à sociedade democrática e à socialistas, além das ligas propriamente de ofícios vários.

De Ambris era também muitas vezes convidado para fazer excursões de propaganda pelo interior do Estado. Os companheiros do interior vinham também visitar a redação do jornal. A seção "Correio" do jornal apresentava cartas de São Roque, Bebedouro, São Bernardo, Jaboticabal, Araraquara, São José do Rio Pardo, Alto da Serra, Tatuí, Bragança, Jundiaí, Descalvado, São Manoel do Paraíso, São Carlos do Pinhal, Estação de Bicas, Santos, Sacramento, Ribeirão Preto, Amparo e também Curitiba, Rio de Janeiro, Belo Horizonte. Os companheiros do interior eram convidados a formar organizações socialistas (grupos, centros, círculos, clubes, ligas) nas localidades onde residiam e comunicarem-se com a comissão de propaganda do *Circolo Socialista Avanti*, com o objetivo estabelecer um trabalho coordenado e sistemático. Em alguns períodos, houve mais de vinte grupos ativos no interior[49].

Em março de 1901, o *Circolo Socialista Avanti* criou uma comissão para fazer conferências nos bairros da cidade de São Paulo. Entre esses conferencistas, estava um

[49] Segundo De Ambris, no Segundo Congresso Socialista reunido em São Paulo em agosto de 1902, estavam representados 40 círculos e ligas, 32 de São Paulo, com 45 representantes, sendo 28 italianos, 13 brasileiros, 2 espanhóis e 2 alemães. Alceste De Ambris. "Il movimento operaio nello Stato di São Paulo" in *Il Brasile e Gli Italiani*, Florença, 1906, pp. 843-845. Esta publicação, que contém muitas informações sobre a imigração italiana em São Paulo, encontra-se no Centro de Mamória da Unicamp, Campinas.

outro companheiro de De Ambris, Lorenzo Monaco. Ele era um tipógrafo socialista, nascido em Turim em 1871. Em um relatório policial na Itália em 1903, ele é considerado sério, inteligente e trabalhador assíduo. Até 1892 tinha sido anarquista e havia sofrido dois processos. Talvez por causa desses processos, em novembro de 1892 ele emigrou para o Brasil, onde foi pouco a pouco modificando suas idéias, até o ponto de distanciar-se inteiramente dos grupos anarquistas, dos quais discordava por causa da tática da violência. Inscreveu-se no Partido Socialista italiano, tendo voltado para a Itália em novembro de 1898 e agosto de 1902. Retornou à Itália à procura de um trabalho estável, mas como não o encontrou, retornou outra vez ao Brasil. No dia 4 de janeiro de 1903, desembarcou novamente em Santos e dirigiu-se a São Paulo, onde se estabeleceu, com seu irmão Luigi[50], na Rua Marechal Deodoro, n. 40. Continuou no Brasil colaborando com o jornal *Avanti!*. Era sócio do *Circolo Socialista Avanti* e foi eleito representante para o Congresso socialista de maio de 1902. Em 1903, a polícia italiana registra que ele fazia propaganda socialista entre os operários da capital e do interior do estado de São Paulo. Em 1904, ele continuava a colaborar com o *Avanti!* de São Paulo[51].

---

[50] Luigi Monaco, irmão de Lorenzo, era também socialista. Em 1889 havia sido condenado na Itália a dois meses de prisão por rebelião e por incitamento de greves. Em 1905, encontrava-se em São Paulo, e, segundo declaração dos parentes na Itália, trabalhava por conta própria. Sua profissão é de *astucciaio*, ou seja, fazia estojos. Em junho de 1909, voltou para Turim. Em novembro de 1909, a Legação Italiana de Petrópolis escreve à polícia italiana que Luigi Monaco era grande amigo de Luigi Damiani, o famoso anarquista Gigi Damiani, e de Alcibiade Bertolotti, como vimos, socialista. Transferiu-se depois para a Argentina, onde trabalhou como tipógrafo em Buenos Aires e posteriormente em uma pequena cidade nos arredores desta capital. Nos anos 30, as fontes indicam que os dois irmãos viviam novamente juntos no Brasil. Pasta de Luigi Monaco no Casellario Politico Centrale, ACS, Roma.

[51] Em 1905, Lorenzo Monaco transferiu-se para o Rio de Janeiro, mas voltou logo para São Paulo. Em 1910, retornou a Turim com a esposa e foi vigiado pela polícia, assinalado como "integrante de uma associação de trinta anarquistas que no Brasil haviam planejado um complô para atentar à vida dos soberanos da Europa", mais uma acusação absurd, visto que todas as outras fontes indicam que Monaco não retornou ao anarquismo, desde que o abandonou nos anos 1890. Em 09 de abril de 1927, ele conseguiu obter o passaporte para retornar a São Paulo, porque há anos não desenvolvia mais atividade política. Em 1929, o consulado italiano de São Paulo comunicou à polícia italiana que Monaco vivia em São Paulo e demonstra-se claramente antifascista. Em 1939, a polícia italiana continua procurando-o em São Paulo, mas ele era completamente desconhecido nos ambientes paulistanos. Parece ter ido morar com seu irmão Luigi em Santos e em Botucatu. Pasta de Lorenzo Monaco no Casellario Politico Centrale, Archivio Centrale dello Stato, Roma.

Os socialistas do *Avanti*! criticavam também a política brasileira, sobretudo a anti-democracia da república e particularmente Campos Sales e Rui Barbosa. Criticam as oligarquias brasileiras, ávidas e insaciáveis, que imperavam do norte ao sul do país com o monopólio da riqueza econômica e da influência política, considerando-as as verdadeiras pragas que corroíam os grupos políticos.

Obviamente eram especial alvo de críticas os industriais como Penteado e os italianos como Monzini e Schiffini, argumentando que "os exploradores italianos na crueldade não são menos do que o brasileiro"[52]. Todos os números do jornal apresentavam denúncias sobre a falta de pagamentos e sobre a exploração dos trabalhadores:

> "Dos empregados da Light and Power & C. os quais com um horário gravíssimo tem um pagamento que dá vergonha, aos operários de Penteado que, ganhando apenas para viver, se vêem ameaçados pelo seu arquimilionário patrão de diminuição de salário que significa a fome"[53].

Denunciam, por exemplo, que no cotonifício da Companhia Industrial trabalhava-se 14 horas por dia[54]. O jornal relatava também em diversos números as dificuldades que os italianos encontravam para conseguir no consulado o direito de serem repatriados.

Já nos primeiros números do jornal delineia-se um conflito claro com o outro grande jornal italiano de São Paulo, o *Fanfulla*, em uma clara recusa do reformismo político:

> "O futuro dirá se temos razão nós, ensinando os operários a exercitar os seus direitos com a luta de classe, ou vocês "Fanfulla", junto a todos os outros jornais da vossa família, mendigando do bom coração (!) e da generosidade (!!) daqueles torpes amálgamas de egoísmo e avidez que são as classes dirigentes, a proteção dos humildes"[55].

---

[52] *Avanti*! 01-12-1900, p.3
[53] "Lavoratori, organizzatevi!". *Avanti*!, 08-12-1900, p.3
[54] *Avanti!*, 28-01-1901, p. 3.
[55] *Avanti*! 08-12-1900, p.2.

O *Avanti!* era também um veículo de comunicação entre os trabalhadores. Por ocasião de uma greve de chapeleiros em Buenos Aires, por exemplo, estes mandam ao jornal um apelo para que os chapeleiros do Brasil não respondessem ao convite de seus patrões, que procuravam contratar trabalhadores brasileiros para vencer a greve. Os chapeleiros de São Paulo decidem nessa ocasião fazer uma subscrição para ajudar os grevistas de Buenos Aires e os redatores do *Avanti!* fazem grandes cumprimentos à categoria dos chapeleiros, que segundo eles conheciam já há tempos os benefícios da solidariedade e davam prova do seu espírito de trabalhadores conscientes. Esse é um dos exemplos de comunicação e de solidariedade internacional que ocorria entre as várias categorias de trabalhadores.

O *Avanti!* comparava a colônia italiana de São Paulo com outras colônias em outras partes do mundo. Argumentavam que aqui se defendia o patriotismo, confundindo-o com monarquismo e conservadorismo, procurando convencer os trabalhadores de que no exterior não deveria existir entre os italianos distinções de política e de partido. Constatavam que na Austrália, por exemplo, em Sidney, não só os partidos políticos tinham entre os italianos, uma fisionomia própria e bem distinta, mas também desenvolviam com grande vigor uma polêmica livre, sem de nenhum modo pensarem que tais atitudes e polêmicas pudessem desonrar o próprio país"[56]. Esse artigo, provavelmente de De Ambris é uma recusa de um certo nacionalismo conservador, ao qual apelavam freqüentemente os empregadores italianos. Esse nacionalismo monárquico e conservador era motivo de conflito também dentro das sociedades italianas.

[56] "Nelle colonie civili". *Avanti!*, 15-12-1900, p.1

As festas pareciam ser freqüentes. Já no segundo número do jornal convida-se os acionistas do *Avanti*! para uma "fraterna bicchierata". As festas dos grupos socialistas eram, em geral, acompanhadas de baile, em nenhum momento considerados imorais como na imprensa anarquista. Até mesmo o carnaval era visto com entusiasmo[57]. Ao contrário dos anarquistas, que viam o lazer como uma perda de energias ou útil somente como forma de propaganda, os socialistas convidavam os trabalhadores a aproveitarem os poucos momentos de prazer, como um merecido descanso que renovava as energias para a luta.

Outro tema presente é o da violência da polícia paulista, que invadia as habitações dos trabalhadores, cometia atos de prepotência, usando de grande brutalidade. Citam até mesmo um caso em que em uma dessas invasões a polícia teria matado, impunemente, uma criança:

> "os policiais continuam a passear pelas ruas da cidade, os carrascos de todas as leis que deveriam regular um país civilizado não estão nem aí - e encorajados pela indiferença dos seus superiores - se sentem autorizados a cometer outros abusos e outros delitos. E viva a República!".[58]

Comentando também o processo contra Gigi Damiani e Sarmiento Marques, acusados injustamente de estupro, os socialistas do *Avanti*! declaram que o abuso de poder de certos elementos no Brasil, embora republicanos, não eram menos odiosos e imorais do que os monarquistas que eles conheciam na Itália[59].

Em 29 de dezembro de 1900, anunciam o novo século com poesia, o que era caro a De Ambris:

---

[57] "Famiglia artistica". *Avanti*!, 24-02-1902, p.2
[58] "La polizia". *Avanti*! 15-12-1900, p. 3.
[59] *Avanti*! 20-10-1900, p.4

> "Ano novo e novo século! Mais do que a rançosa poesia do Natal, este acontecimento faz bater o coração de todos nós. E desilusões velhas e esperanças novas se amontoam na alma, batalhando como exércitos inimigos em uma noite escura, sem medir os golpes. Quantas esperanças destruídas, quantas dores leva consigo este ano que finda! Quantas novas esperanças e quantas promessas traz o ano que está por começar, abrindo um século!"

Nesse mesmo número, um artigo escrito por De Ambris declara que as organizações corporativas eram a estrutura do grande edifício que seria a civilização futura que o autor desejava, a ordem socialista, e seria já um grande trabalho realizado para quando as inelutáveis necessidades históricas fizessem desaparecer todas as instituições da sociedade burguesa dando lugar a outras que estivessem de acordo com as novas necessidades, porque não teriam que fazer mais do que tomar posse da gestão do que era propriedade privada (oficinas, terras, etc.) e administrá-las por conta de todos os operários, de cada uma das categorias que constituíam estas associações. Começava a gestação da sua idéia sindicalista revolucionária de sociedade futura.

De Ambris argumentava também, no mesmo artigo, que muitas melhorias poderiam ser obtidas diretamente com a organização, dependendo da vontade da classe trabalhadora. Argumenta também que as nações mais avançadas e onde as leis sociais estavam há muito tempo em vigor, como leis sobre o trabalho das mulheres e das crianças, caixas de pensões para idosos e inválidos e responsabilidades civis e pessoais dos proprietários e empresários eram exatamente os países onde os operários tinham mais consciência da sua força e por meio de suas associações potentes obrigavam a classe dirigente a fazer concessões, preparando o terreno para outras maiores, até chegar a sua completa emancipação. Os

países cujo exemplo deveria ser seguido eram para ele a Suíça, a Bélgica, a Inglaterra, a França, a Alemanha, etc.[60].

Finalmente o artigo convidava os operários a iniciar o movimento pela organização econômica também no Brasil, promovendo reuniões para esse fim e a meditar sobre o que escreveu o grande mestre Karl Marx: a emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos próprios trabalhadores[61]. Defendia-se com grande convicção a idéia de que só a organização poderia se opor com sucesso ao prolongamento desumano da jornada de trabalho e obter a sua diminuição, defender a higiene, evitar acidentes, impedir que o trabalhador fosse maltratado pelos patrões e contramestres, lutar contra os longos atrasos nos pagamentos e combater as restrições ao direito de associação. Nas sociedades operárias, os trabalhadores poderiam se instruir nas conferências e discussões e, ampliando seus

[60] Durante a fase socialista de sua vida política, De Ambris escreveu em um livrinho intitulado *Il socialismo - metodi e finalità*, publicado por uma cooperativa de Mântua: "Nós somos socialistas e lutamos para atingir uma nova ordem na qual todos os meios de produção, máquinas, instrumentos de trabalho, minas, terras, meios de transporte, etc., serão de propriedade social.(...) todas as riquezas que hoje estão nas mãos dos capitalistas serão dos produtores e os produtores livres de qualquer vínculo com patrões, formarão a sociedade nova: o socialismo". Para atingir essa meta De Ambris defendia não a violência, que deveria ser usada somente em legítima defesa, mas a propaganda, conferências, jornais e opúsculos, "porque a revolução se faz antes na mente". Para ele porém, nesse período, além da propaganda incessante feita com a palavra e a imprensa, os socialistas deveriam tentar infiltrar-se em todos os cargos públicos eletivos (câmara de vereadores, câmara provincial e parlamento), com o objetivo de fazer uma obra de controle e crítica a tudo o que fazia a classe no poder. E se em algum município os socialistas vencessem as eleições, poder-se-ia realizar uma série de reformas em benefício do trabalhadores. "É melhor fazer pouco que nada; é melhor obter alguma vantagem imediata do que defender a violência a operários que têm ainda tanto para compreender para formar-se uma consciência e elevar-se do embrutecimento." O dever dos socialistas era, portanto, despertar as consciências e desenvolver a luta de classes. Para ele, querer o comunismo ou nada era um raciocínio desprovido de lógica. A propaganda deveria tirar das mentes os sentimentos de servidão, despertar a solidariedade entre os operários, a organização, a greve, a resistência visando a abolição do capital privado. Opunha-se aos anarquistas porque esses não admitiam nenhuma lei administrativa. Declarava ser coletivista porque acreditava que a crítica à sociedade capitalista não bastava para formar uma boa consciência socialista, era preciso também traçar ao menos as linhas gerais do futuro. "A sociedade nova não poderá ser formada por elementos novos, criados exclusivamente para ela, mas será formada por elementos velhos os quais arrastarão consigo a triste herança dos vícios de uma sociedade corrupta, por isso uma administração bem disciplinada e estendida por toda parte será muito necessária e é vão pensar que no dia seguinte de uma transformação social, com os elementos que viveram na sociedade burguesa, se possa fazer alguma coisa mais que o coletivismo" Assim, convida os trabalhadores a se educarem, a se organizarem: "Não se sufoquem no servilismo e nem se percam em distantes quimeras, tenham bom senso, mantendo-se na praticidade do objetivo." Ver Alceste De Ambris. *Il socialismo - metodi e finalità* – (col. Biblioteca econômica - propaganda elementare socialista) n. 1, Mantova, Tip. Cooperativa, s.d., Biblioteca Lelio Basso, Roma, Itália.

conhecimentos, ele acabaria por se dar conta das causas e dos efeitos da miséria social, das relações entre propriedade e trabalho, da sua verdadeira situação e dos meios para melhorá-la. E também nas sociedades operárias, os trabalhadores poderiam encontrar amigos. A organização seria assim um apoio para o trabalhador nos casos de desgraça, desemprego ou doença, e promoveria o melhoramento econômico e moral dos associados. É interessante observar aqui que De Ambris, nesses anos de experiência na organização dos trabalhadores no Brasil vai desenvolvendo as idéias básicas do seu sindicalismo, embora ainda fosse socialista, no sentido em que ainda confiava na importância do partido para a obtenção das leis em defesa dos trabalhadores. Mas nesse artigo que acabamos de apresentar estão já presentes as idéias de que só a força da organização dos trabalhadores garantirá a conquista e a manutenção das melhorias.

De Ambris alertava os trabalhadores que as coisas não mudariam de uma hora para a outra, que o caminho seria longo e difícil, mas convidava os trabalhadores a tentar deixar a seus filhos uma herança de trabalho que devia frutificar para todos[62]. Foi aqui no Brasil que De Ambris aproximou-se mais da idéia da autonomia do sindicato, talvez por causa da extrema dificuldade na organização de um partido socialista atuante, pela ausência do Estado, sentido só como forma de repressão, portanto só os trabalhadores, únicos interessados na constituição de uma nova sociedade, poderiam se auto-organizar e reorganizar a sociedade. As sociedades operárias várias, seriam os locais onde os trabalhadores se encontrariam, criando redes de solidariedade, se instruíam e assim se prepariam para a gestão da sociedade futura.

---

[61] "Per l'organizzazione economica - azione economica e azione politica". *Avanti!* 29-12-1900, p. 3.
[62] *Avanti!*, 03-02-1901, pp.1 e 2.

Em 12 de janeiro de 1901, o *Avanti*! anuncia os primeiros esforços na tentativa de constituição de um partido socialista. Na reunião realizada para esse fim, na Lega Democratica Italiana estavam presentes os socialistas Domingos Mirolla, Carlos Delfrate, Bernardino Ferraz, Benjamim Mota, Arthur Breves e Estevam Estrella. De Ambris não participou da reunião.

No fim de fevereiro de 1901, os socialistas do *Avanti*! observavam com grande entusiasmo que as greves que começavam a estourar com uma freqüência nunca vista em São Paulo e com um caráter novo, o que, segundo eles, negava definitivamente a tese da inexistência da questão social no Brasil. Com a greve da fábrica de tecidos de Álvares Penteado e a extensão da organização até as categorias como a dos pedreiros, barbeiros, cabeleireiros e outros, os socialistas apostavam ainda mais na importância e na necessidade da obra de organização e educação política e econômica do proletariado[63]. A vitória das grevistas da fábrica de tecido Penteado, que reivindicavam o restabelecimento da antiga tarifa, a diminuição das multas e providências para acabar com os maus-tratos, foi vista como um grande triunfo pelo jornal:

> "o espetáculo que ofereceram as operárias grevistas foi um dos mais maravilhosos e instrutivos"[64].

De Ambris e Bertolotti foram ao Brás para comunicar às grevistas a vitória, assim que tiveram a notícia. Durante toda a greve o grupo do *Avanti*! prestou auxílio às tecelãs, tentando dar à luta uma unidade de direção e um caráter legal e pacífico. Bertolotti foi o intermediário nas negociações e o jornal avaliou essa sua atuação como eficaz e profícua.

---

[63] "Gli scioperi". *Avanti*!, 24-02-1901, p.1
[64] "La nostra vittoria". *Avanti*! 03-03-1901, p.2.

A greve dos vidreiros de Água Branca foi vista pelo jornal como a primeira greve feita no Brasil com a firmeza consciente dos operários organizados e assinalava, para eles, o início de uma série de lutas futuras. Após a vitória da greve dos vidreiros, eles escrevem ao *Avanti*! agradecendo a ajuda prestada pelos socialistas do jornal. Como na Itália, os socialistas do *Avanti!* faziam essa tarefa de intermediar as negociações durante as greves, o que era também um modo de proteger os líderes dos trabalhadores, que podiam ser demitidos caso se expusessem muito.

Os socialistas do *Avanti*! consideravam que no Rio de Janeiro as greves não tinham direção e eram exploradas pelos políticos da oposição, o que, segundo eles, não ocorria em São Paulo.

Entusiasmados com o vigor com que novas organizações operárias iam surgindo, entre trabalhadores de todas as categorias, observam também o quanto isso desagradava os patrões, tanto os proprietários de fábricas como os de oficinas, que ameaçavam demitir os operários que pertencessem às ligas de resistência[65].

O grupo do *Avanti*! resolveu publicar um manifesto aos operários de São Paulo, convidando-os a abandonar o trabalho por ocasião da festa operária e explicando o significado do Primeiro de Maio. Apresentaram o Primeiro de Maio com poesia:

> "e tu ainda retornas, oh maio doce, oh maio amor de flores, e ainda nos trazes a esperança feliz e ainda reforças a nossa fé. O teu dia primeiro é dia de repouso e de alegria para nós, é a trégua em que refazemos as forças para a áspera batalha quotidiana, é o instante em que as mãos fraternas dos trabalhadores idealmente se apertam além dos montes, além dos mares, em um pacto universal de amor"[66].

[65] *Avanti*!, 14-04-1901, p.1
[66] "La nostra festa". *Avanti*!, 01-05-1901,p.1

A poesia era bonita e devia comover essa idéia de fazer parte de uma grande fraternidade do trabalho, mas o medo de perder o emprego foi maior e somente os chapeleiros faltaram totalmente ao trabalho. Nas outras categorias, a ausência foi parcial.

O *Avanti*! realizou também uma campanha em prol de Angelo Longaretti, o camponês italiano que matou o dono da fazenda onde trabalhava, Diogo Eugenio Salles, irmão do presidente da República, Campos Salles. Esse episódio comoveu a colônia italiana de São Paulo e a campanha do *Avanti!* conseguiu juntar a soma de 3:731$800.

Em maio de 1901, a vida de De Ambris se cruza com a de um dos outros militantes, o marceneiro Giulio Sorelli, que veremos no próximo capítulo. O então socialista Giulio Sorelli foi, nesse período, expulso da sociedade de socorro mútuo Società Fratellanza Italiana del Cambucy, da qual era secretário havia dois anos, por ter dado, junto a alguns amigos seus, gritos de "morte a Vittorio Emanuele III", rei da Itália. Após a expulsão, Sorelli tornou-se secretário da comissão dos trabalhadores em madeira e ajudou a organizar também um grupo socialista no Cambucy. Os redatores do *Avanti*! convidaram então outros bairros como o Brás, o Bom Retiro, a Barra Funda e a Vila Mariana a fazerem o mesmo. Na primeira reunião do grupo constituído no Cambucy falaram Sorelli e De Ambris sobre a organização socialista[67]. Em seguida, Sorelli propôs um voto de solidariedade e de simpatia pelas vítimas da reação na Rússia e por camponeses mortos na Itália. Por aclamação, foi também aprovado um voto contra a condenação de Angelo Longaretti[68]. Este grupo do Cambucy era composto de quase 50 pessoas. No comitê executivo estavam além de Sorelli, L. Ramenzoni e V. Antuoni.

---

[67] "Organizzazione". *Avanti*! 14-07-1901, p.3

[68] Em 1900, Angelo Longaretti, que tinha emigrado para o Brasil com seus pais e suas irmãs, havia assassinado o dono da fazenda onde trabalhava como colono. Longaretti tornou-se o símbolo da resistência aos maus-tratos nas fazendas e a sua condenação provocou uma grande comoção na comunidade italiana do

O esforço de colaboração dos socialistas ligados ao *Avanti!* com os anarquistas é percebido em alguns momentos. Em julho de 1901, por exemplo, o jornal anunciou que em sua redação poder-se-ia comprar as entradas para uma conferência de Angelo Bandoni, com o tema "La Protesta Umana". Bandoni era integrante do Circolo Educativo Libertario Germinal e era um dos militantes anarquistas mais ativos no período.

Alceste De Ambris estava em São Paulo e também o seu irmão Angelo quando a mãe deles morreu inesperadamente. Os redatores do jornal mandaram saudações afetuosas aos dois.

No final do mês de setembro de 1901, quando o *Avanti!* estava para completar um ano de vida, começam a se tornar mais evidentes as diferenças entre De Ambris e Bertolotti e os outros socialistas reformistas que compunham a redação do jornal. De Ambris escreveu um artigo em que demonstra o seu entusiasmo sempre crescente com as organizações operárias e o seu afastamento da luta política parlamentar. Convida os trabalhadores no Brasil a organizarem-se seguindo o exemplo dos trabalhadores da Europa e dos Estados Unidos e a não esperar ajuda dos poderes públicos, que constituídos unicamente de elementos da burguesia, como tal agiam:

> "Não, trabalhadores, se vocês querem que este estado de coisas mude, confiem exclusivamente na obra de vocês mesmos. Vocês tem que reconhecer que até quando vocês continuarem desunidos e separados vocês não conseguirão saber quais são os direitos de vocês, diante da prepotência burguesa, nem formarão uma consciência que ilumine vocês e que lhes faça donos de vocês mesmos.(...) Mãos a obra, portanto, trabalhadores! Engrossem todas as nossas associações de ofício e se essas associações não existem ainda, constituam-nas! Só assim a luta contra o capital, que com tanta fé e entusiasmo sustentam os nossos companheiros

Estado de São Paulo, e houve uma grande mobilização e muitas campanhas para a arrecadação de fundos para defendê-lo.

> da Europa, se alargará formidavelmente ultrapassando todas as fronteiras burguesas!"[69] .

É interessante observarmos aqui a idéia da união dos trabalhadores como indispensável para melhorar a sua condição e da necessidade da autonomia da classe trabalhadora. Ao mesmo tempo, há o esforço para que os trabalhadores se reconheçam como parte de um projeto internacional de luta.

O número seguinte do jornal apresenta um artigo, provavelmente de Bertolotti, em resposta ao artigo de De Ambris. Nele se argumenta que as organizações operárias tinham como objetivo elevar os salários e tornar melhor a vida da classe trabalhadora, mas que isso não deveria levar à conclusão de que as associações econômicas deveriam desprezar a função do Estado e do partido, e que esses não pudessem e devessem em certo modo exercer uma ação sobre eles. A legislação operária e social deveria interessar às classes trabalhadoras:

> "O movimento econômico não deve portanto substituir a luta política do proletariado, mas deve coordenar-se a ela, deve cooperar para um mesmo fim, a subtração do proletariado da exploração capitalista."[70].

A diferença de De Ambris em relação a maior parte dos redatores do jornal, ou seja, entre o socialismo reformista e o socialismo revolucionário de De Ambris que estava caminhando para uma definição sindicalista tinha ficado mais evidente. Coincidência ou não, no mesmo número do jornal foi anunciado o pedido de demissão de De Ambris, ficando Bertolotti com o cargo de redator do *Avanti*!. De Ambris argumentou que queria dedicar mais tempo à propaganda e começar a trabalhar no Almanaque Socialista para o

[69] "A tutti i lavoratori". *Avanti*! 22-09-1901, p.1
[70] "La politica nelle organizzazioni operaie". *Avanti*!, 29-09-1901, p.1.

ano de 1902, que foi publicado alguns meses depois com textos, retratos e caricaturas. Esse almanaque foi publicado pela tipografia de um imigrante italiano da região de De Ambris, Michele Lemmi, que tinha ligações estreitas com o meio socialista de São Paulo. O movimento socialista da Garfagnana, região próxima à cidade natal de De Ambris, alimentou-se da intensa atividade de militantes que tinham vivido vários anos no Brasil. Não por acaso, o historiador italiano Umberto Sereni intitulou uma parte de um dos seus trabalhos sobre as lutas sociais e políticas da região da Garfagnana no início do século como "o socialismo que veio do Brasil" [71], fato que ilustra a nossa idéia de que a circulação de idéias e práticas políticas no contexto da imigração era uma via de mão dupla, ou seja, os imigrantes italianos traziam e levavam experiências políticas e de organização do Brasil.

Esse almanaque apresentava uma introdução de De Ambris, um texto intitulado Socialismo integral, do socialista Enrico Ferri, um texto sobre o socialismo de Estevam Estrella, algumas poesias e contos de Giovanni Cena, Raul Pompéia, Edmondo De Amicis e outros. Há também um conto de De Ambris, que já assinava Cadetto di Guascogna, intitulado *La rivolta (Scene della vita di fazenda)* que praticamente contava a história de Angelo Longaretti e as dificuldades da vida na fazenda, que incluía a violência contra as mulheres, e que tinha levado esse colono ao gesto extremo de assassinar o fazendeiro. O mais interessante para nós é o balanço que Lorenzo Monaco faz do movimento operário em São Paulo, *"L'anno che muore. Rassegna del movimento operaio in S. Paulo"*. Nele Monaco argumenta que a força da propaganda do *Avanti!* que tinha inspirado o movimento e a organização dos trabalhadores estava no fato que a jornal tinha nascido e era mantido por trabalhadores. Teriam sido os próprios trabalhadores, de várias categorias, a usaram as

[71] É o caso, entre outros, de Ezio Bimbi e Eugenio Castelli. Ver Umberto Sereni. "Il socialismo che venne dal Brasile" in *La Piramide Rovesciata – lotte politiche e sociali in Garfagnana (1900-1915)*. Lucca, Fazzi, 1983.

páginas do *Avanti!* para convidar seus companheiros a organizarem-se e esse convite foi bem recebido, pois várias categorias fundaram suas ligas, como os gráficos, chapeleiros, sapateiros, trabalhadores em veículos, pedreiros, trabalhadores em madeira, alfaiates, ourives, cozinheiros e garçons, barbeiros, mecânicos e os areeiros do rio Tietê. As várias greves ocorridas nesse período, embora decididas e proclamadas, segundo ele, sem preparação e sem organização tiveram sucesso completo em alguns casos e um resultado satisfatório em outros o que teria aumentado o entusiasmo dos trabalhadores. A greve dos tecelões e tecelãs teve o efeito de fazer nascer a liga de resistência que contava com um grande número de participantes e tinha uma seção também em São Bernardo[72].

Em 1902, De Ambris volta a ser o diretor do *Avanti!* de São Paulo, o grupo socialista do jornal colabora com as ligas que procuravam desenvolver também a tarefa de colocação, como se observa, por exemplo, nesse aviso:

> "Pedreiros e serventes em qualquer número, hábeis para qualquer trabalho, os construtores e engenheiros podem sempre encontrar dirigindo-se a Lega dei Muratori (Liga dos Pedreiros). Para informações dirigir-se à administração do *Avanti!*"[73].

Curiosamente, no congresso socialista realizado nos dia 30 de maio e 1 e 2 de junho de 1902, será justamente De Ambris, contrariando a tendência que ele vinha amadurecendo durante sua atuação como organizador sindical em São Paulo, a defender a atuação eleitoral, declarando a necessidade dos socialistas se alistarem nas listas eleitorais e convidando os estrangeiros a abandonarem o nacionalismo e se naturalizarem para

---

Silvio Fioravanti, imigrante dessa região, abriu em São Paulo um café ao qual deu o nome de Garfagnana.

[72] Alceste De Ambrys. *Almanacco Socialista pel 1902*. São Paulo, Riedel & Lemmi, 1901. AEL. Curiosamente, no Brasil, De Ambris escrevia seu sobrenome com y, Ambrys, o que talvez lhe parecesse um abrasileiramento, seguindo grafias como Paraty, Jundiay, Paysandú, etc.

[73] *Avanti!*, 24-10-1902, p.3.

conquistar esse direito[74]. Era a expressão não de incoerência, mas de incerteza, de um período de indefinição. No ano seguinte, porém, ao voltar à Itália, ele pareceu ter mais certezas sobre sua adesão ao sindicalismo revolucionário.

Em 1903, De Ambris volta para a Itália. Em 7 de abril de 1903, ele tinha sido condenado pelo Tribunal de São Paulo a quatro meses e vinte dias de prisão por difamação por meio da imprensa contra Nicola Matarazzo. Preferiu voltar para a Itália, pois sua condenação por deserção havia sido anistiada[75].

Em dezembro daquele ano, seus irmãos Alfredo e Angelo, em São Paulo, unem-se a outros companheiros para redigir o jornal *Sempre Avanti!*, seção italiana do jornal anticlerical *A Lanterna*. Nesse período, *a Lanterna* tinha se fundido com *O Livre Pensador* e *L'Asino*, jornal no qual também Alceste De Ambris escrevia antes de se expulso.

Alfredo era o redator-chefe do *Sempre Avanti!* e Angelo era também redator e fazia viagens de propaganda pelo interior. O jornal apresentou-se como um continuador do trabalho de Alceste De Ambris. Os irmãos e amigos de De Ambris, sobretudo Alfredo, que era advogado e tinha defendido o irmão durante o processo de expulsão, procuraram promover a revisão do processo pelo Supremo Tribunal Federal do Rio de Janeiro, para que fosse anulada a sentença "que golpeava covardemente pelas costas um forte defensor da causa dos explorados"[76]. Apesar de intitular-se jornal anticlerical, mais do que críticas aos padres o jornal apresentava notícias do movimento operário na Itália e no Brasil, histórias do difícil quotidiano dos trabalhadores em São Paulo e críticas à elite italiana em São Paulo

---

[74] Ver Marcos Vinicius Pansardi. *Republicanos e operários: os primeiros anos do movimento socialista no Brasil (1889-1903)*. Dissertação de Mestrado. Campinas Unicamp, 1993, pp. 231-232.
[75] Pasta Alceste de Ambris. CPC, ACS de Roma. Na verdade, há um registro de que ele foi preso em 27 de junho, ainda por essa condenação por deserção, mas foi libertado alguns dias depois, visto que seu crime tinha sido anistiado em novembro de 1902. Ver Lorenzo Gestri, *op.cit.*, p. 193.
[76] "Chi siamo e cosa vogliamo". *Sempre Avanti!* 15-12-1903, p.2. Ver também "Per Alceste De Ambrys – La revisione del processo". *Sempre Avanti!*, 17-12-1909, p. 1.

e à polícia. Uma notícia interessante do jornal relata a constituição de um círculo socialista em Ribeirão Preto ao qual foi dado o nome Alceste De Ambris, o que nos indica a importância da figura de De Ambris também em cidades do interior[77].

4.1 O retorno à Itália de um organizador experiente

No momento da sua primeira expatriação, De Ambris era muito jovem e estava no início de sua militância socialista. Quando volta do Brasil, havia se tornado um organizador experiente e um jornalista, famoso por sua tenacidade e pela força de suas polêmicas, o que demonstra a importância que teve a experiência brasileira na formação política de De Ambris. Assim se explica porque, de volta à Itália, as autoridades de polícia o tenham submetido a uma vigilância atenta e constante, que assinalava todos os seus movimentos e que seus companheiros tenham confiado a ele cargos sempre mais importantes. Assim que retorna, De Ambris assume o cargo de secretário da Câmara do Trabalho de Savona, na Liguria, atuando sobretudo junto aos operários metalúrgicos[78].

Nesse período, o socialista reformista Antonio Piccarolo era secretário do comitê regional dos cavadores de mármore de Carrara, que era uma cidade importante da província de onde De Ambris provinha. Piccarolo vinha enfrentando a oposição tanto dos anarquistas quanto dos socialistas. Estes últimos, já tendendo ao sindicalismo revolucionário, propunham a união de todos os trabalhadores na Federação dos Trabalhadores em Construção. Piccarolo, ao contrário, queria dar às ligas dos marmoristas um caráter socialista, ou seja, vinculá-las diretamente ao Partido Socialista. Piccarolo acaba sendo

[77] Cesare Cienci. "Ribeirão Preto. Circolo Socialista 'Alceste de Ambris'". *Sempre Avanti!*, 21-12-1903, p.3.
[78] Lorenzo Gestri, *op.cit.*, p. 193.

derrotado e, segundo ele, De Ambris o teria procurado em Carrara, sugerindo que ele viesse dirigir o *Avanti!* de São Paulo[79].

No fim de 1904, De Ambris de Savona passou à secretaria da Federação Nacional do vidreiros, com sede em Livorno, na Toscana, categoria que tinha atingido um alto grau de organização e de combatividade[80].

Renzo De Felice considera que desde sua volta à Itália, De Ambris tinha se tornado um grande entusiasta do sindicalismo revolucionário[81]. As idéias que ele vinha amadurecendo no Brasil encontraram-se com um movimento que vinha se desenvolvendo também na Itália, tanto entre os trabalhadores, quanto do ponto de vista teórico e político, em parte do grupo socialista revolucionário, dentro do Partido Socialista Italiano, como vimos no primeiro capítulo. Mas De Ambris nunca foi um teórico. Este papel deixou a outros como Labriola, Leone, Olivetti. Tornou-se logo o organizador mais decidido, mais famoso e em certo sentido, o líder.

Entre 1904 e 1905, as posições dos sindicalistas começam a se tornar posições de ruptura com relação não somente aos reformistas, mas ao partido no seu conjunto, e à própria estrutura partidária. Como vimos, foram os sindicalistas revolucionários que em setembro de 1904 deram o tom à grande greve nacional. No fim de 1905, De Ambris estava em Roma dirigindo o jornal *La Gioventù Socialista*, que tinha se tornado um órgão defensor do sindicalismo revolucionário, ainda considerada uma nova "escola" do

---

[79] Piccarolo chegou em São Paulo em março de 1904 e dirigiu o *Avanti!* até o fim de 1905, quando se dimitiu por divergências com os administradores. Em 1906, Piccarolo funda o seu próprio jornal *Il Secolo*, polemizando com os socialistas do *Avanti!* Ver Alexandre Hecker. *Um socialismo possível. A atuação de Antonio Piccarolo em São Paulo.* São Paulo, T.A. Queiroz, 1988, pp. 9-10.

[80] Idem, p. 194.

[81] Renzo De Felice. *Sindacalismo rivoluzionario...*, *op. cit.*, p. 12. Lorenzo Gestri argumenta que De Ambris passou pelo chamado "intransigentismo" para depois aderir ao sindicalismo revolucionário. É possível que tenha sido assim, uma vez que, como vimos, De Ambris ainda estava amadurecendo suas idéias sobre o sindicalismo revolucionário.

socialismo. Ali, De Ambris colaborou também com o jornal *Sindacato Operaio*, fundado por um grupos de sindicalistas revolucionários de Roma, escrevendo uma coluna de nome Prática Sindicalista e colaborou também com uma das revistas mais prestigiadas do sindicalismo revolucionário, *Divenire Sociale*, de Enrico Leone. Nesses artigos, De Ambris deixa clara a sua defesa do sindicalismo revolucionário, afirmando que o sindicato era o instrumento que realizaria a transformação da sociedade, que habilitava o proletariado para a gestão do poder, determinando com a luta a passagem do Estado à organização econômica da classe[82].

Notas de polêmica anti-sindicalista começaram neste período a aparecer com mais freqüência no *Avanti*! italiano, mas ainda os artigos sindicalistas de Labriola, Leone, Orano e Monicelli[83] dão o tom ao periódico, como redatores ou colaboradores. A ruptura definitiva do *Avanti*! italiano com os sindicalistas se dá em 1906[84] . Em 1906, De Ambris estava atuando em meio aos metalúrgicos de Piombino, na Toscana, em uma das Câmaras do Trabalho que se tornariam símbolo do sindicalismo revolucionário italiano[85].

De Ambris e seus companheiros sindicalistas escrevem um livro onde explicam os conflitos que a partir de 1906 os havia separado dos reformistas. Nele relatam que, em 1906, os revolucionários da *Camera del Lavoro* formavam o *Comitato Nazionale della resistenza* com sede em Bolonha, que teve vida breve, mas do qual sobreviveu o jornal *L'Internazionale*, que se tornaria o grande porta voz do sindicalismo revolucionário, especialmente de província de Parma. Os sindicalistas revolucionários desejavam a unidade operária. Segundo eles, para estabelecer essa unidade operária sobre bases sólidas e não

[82] Ver a análise desses artigos em Lorenzo Gestri, *op.cit.*, p. 205.
[83] Teodoro Monicelli, que também viveu um longo período em São Paulo.
[84] Ver Gaetano Arfé. *Storia dell'Avanti*!, Roma, Edizioni *Avanti*!, 1977.
[85] Ver Lorenzo Gestri, *op.cit.*, p. 199.

somente formais, era necessário formar um novo órgão que não só se declarasse, mas que fosse efetivamente, fora da órbita de qualquer partido, de modo que os trabalhadores "socialistas, sindicalistas, republicanos, anarquistas e mesmo indiferentes encontrassem pleno e inteiro direito de cidadania, sem diminuição ou ofensa a ideologias particulares"[86]. Segundo eles, era preciso superar o preconceito de que só as questões religiosas eram inimigas da verdadeira unidade proletária. Para eles, a fé política e o atrelagem da organização a um determinado partido político não era menos nocivo para a unidade proletária do que as divisões provocadas por questões religiosas.

"La CGdL, unindo estreitamente, como fez, a própria sorte à do partido socialista - pior ainda: a uma fração desse partido - afasta inevitavelmente de si todos aqueles que pensam diversamente e que não se sentem em nenhum modo dispostos a vincular a própria ação de organizados para fazer os interesses de um partido que não é o deles"[87].

Somente a autonomia sindical, segundo eles, responderia às reais necessidades de luta anti-patronal e da unidade operária. Assim, um organismo verdadeiramente unitário deveria inspirar-se em um conceito de ampla e leal autonomia para os sindicatos aderentes. Poder-se-ia indicar uma forma de organização, mas sem imposições e sem impedir o livre desenvolvimento e a orientação espontânea de cada sindicato. Para estes sindicalistas, era preciso levar em conta que a organização na Itália estava ainda em um período de formação, e que, portanto, qualquer imposição que não pudesse ser comprovada por provas decisivas, resultava sempre autoritária e portanto negativa para os objetivos da unidade: "... a experiência ainda não nos disse qual método é o melhor, se o nosso ou o defendido pelos

[86] Alceste De Ambris. *L'unità operaia e i tradimenti confederali* (Biblioteca de L'Internazionale) n. 4. Parma, Tip. Camerale, 1913, p. 28.
[87] idem.

reformistas"[88]. Afirmam que o que os separava da CGdL eram não somente os métodos, mas também os objetivos:

> "Nós queremos o desenvolvimento integral, completo, autônomo do sindicato operário, até torná-lo o elemento constitutivo principal e o órgão diretor da nova sociedade dos produtores livres e iguais pela qual combatemos"[89].

Os sindicalistas consideravam que para os reformistas o sindicato não era mais do que um instrumento para melhoramentos parciais e ilusórios, que a classe operária podia obter mais pela benevolência dos patrões e pela intervenção do Estado do que pela própria força de conquista; que para os socialistas a transformação social devia ser realizada no Estado e pelo Estado, com uma série de medidas legislativas e com uma extensão sempre crescente dos poderes do Estado, que deveria chegar a substituir o capitalismo privado, administrando toda a produção, a troca e a distribuição da riqueza. Para os sindicalistas revolucionários, não poderia haver acordo entre esta concepção "estatólatra e autoritária" da mudança social e a concepção sindicalista anti-estatal: "nós queremos anular o poder opressivo do Estado. Eles querem multiplicá-lo e aumentá-lo até fazê-lo o regulador supremo de toda a vida social." Para os sindicalistas, os reformistas pretendiam instaurar uma terrível tirania, enquanto eles pretendiam conquistar a máxima autonomia e liberdade para os grupos produtores. Afirmam mais, que as organizações operárias controladas pelos reformistas eram organizações "amarelas" e não diferentes ou mesmo piores que as ligas católicas ou que os trabalhadores rurais controlados pelos grandes proprietários. A conclusão lógica é que não havia uma união possível, pois os sindicalistas não podiam se unir a "crumiros". Assim concluíam que todos os trabalhadores que não quisessem trair a

[88] Idem, p. 30.

própria classe deveriam tomar uma posição revolucionária. "O reformismo é a negação prática do socialismo, como o catolicismo é a negação prática do cristianismo"[90].

A partir dessas idéias, durante dois anos, a partir do seu retorno do Brasil, De Ambris realizou na Itália um trabalho importante de organização dos trabalhadores, instituindo novos instrumentos de luta. Segundo Renzo De Felice, neste período, De Ambris se ocupava também mesmo à distância, da coordenação do trabalho dos socialistas italianos no Brasil[91]. Ele era também nesse período correspondente do jornal *Fanfulla*[92], de São Paulo, do qual era proprietário o italiano Vitaliano Rotellini e participou também da redação do livro *Gli italiani in Brasile*, publicado em 1906. Nesse ano, De Ambris passou um período em Bagnone, com seu pai e alguns de seus irmãos e fez conferências na região e colaborou com o jornal *La Terra*, refundado naquele ano[93].

Depois de um período em que esteve doente, De Ambris começou a escrever artigos sobre a Itália para o *Fanfulla* de São Paulo. Em setembro de 1905, transferiu-se em Roma, pago pelo *Fanfulla*, segundo o jornal, para enviar correspondências sobre o movimento político e artístico da capital, na coluna de De Ambris no jornal, intitulada *Vita Italiana*. Em um artigo de novembro de 1905, comentando um congresso de seções socialistas italianas, realizado na Suíça, De Ambris comentada a grande força que tinha tomado o grupo socialista de tendência sindicalista, ou seja o grupo sindicalista revolucionário que

---

[89] idem, p. 37.
[90] Idem, p. 68
[91] Renzo De Felice. *Sindacalismo rivoluzionario e fiumanesimo nel carteggio De Ambris-D'Annunzio*. Brescia, Morcelliana, 1966, p. 13.
[92] O *Fanfulla* desse período poderia ser caracterizado como um jornal de tendências democráticas.
[93] Ver Giulivo Ricci. *Alceste De Ambris. Dal socialismo eroico di Lunigiana al sindacalismo rivoluzionario*. Aulla, Comune di Aulla, 1974.

tinha nascido dentro do Partido Socialista Italiano, cuja proposta tinha perdido, mas tinha recebido 363 votos contra 402 dos socialistas reformistas[94].

Na metade de 1905, De Ambris tinha sido chamado em Roma também para dirigir o órgão da Federação Nacional Juvenil Socialista, *La gioventù socialista*. Nesse período, ele colaborou também com o jornal *Il Sindacato Operaio*. Havia já diversos grupos sindicalistas ativos em Roma, Nápoles, Parma, entre outras cidades.

Em 1907, enquanto estava amadurecendo a ruptura definitiva entre os sindicalistas revolucionários e o Partido Socialista, que se efetiva em julho em Ferrara, De Ambris aceitou com entusiasmo o convite para ser o secretário da *Camera del Lavoro*[95] de Parma. Ele estava com a família na Lunigiana quando alguns amigos escreveram pedindo a ele que aceitasse esse posto. Em 1907, em novembro, De Ambris dirigiu também o órgão do sindicalismo revolucionário emiliano, *L'Internazionale*. Em Parma, o conflito entre proprietários agrícolas de uma parte e os *braccianti* e meeiros da outra era violentíssimo, como vimos. Antes da chegada de De Ambris, a *Camera del Lavoro* era ainda praticamente controlada pelos socialistas reformistas, mas a maioria dos trabalhadores que faziam parte dela desejava um comportamento mais radical. De Ambris pareceu aos trabalhadores a pessoa que poderia ajudá-los nessa luta mais dura que eles queriam

---

[94] Ver "Vita Internazionale". *Fanfulla*, 02-11-1905, p.1.

[95] Como vimos, as *Camere del Lavoro* (Câmaras do Trabalho) que se constituíram, na Itália, no início dos anos 1890, tinham se inspirado na experiência francesa das *bourses du travail*, mas foram remodeladas à luz da realidade italiana, o que faz delas uma criação original. A *camera* de cada cidade hospedava a sede dos vários sindicatos de ofício e, no contexto de uma grave crise de desemprego, assumiu a tarefa de encontrar emprego, de mediar conflitos entre trabalhadores e empregadores e de representação da classe operária fora de qualquer conotação política. Mas a prudência delas não as protegeu da intensa repressão ocorrida durante a chamada "década de sangue", anos de 1890, na Itália. Ressurgem e aumentam em número depois desse período, insistindo na atitude de instituição de utilidade pública e recusando-se a incluir a resistência nos seus estatutos. É no início do século XX, na onda de agitação que tomou o país, que as *Camere del Lavoro* assumem a direção e a coordenação das reivindicações dos trabalhadores no âmbito local, ignorando as instâncias federais. Ali iniciam-se grandes conflitos entre reformistas, defensores do federalismo e os sindicalistas revolucionários, que eram partidários do localismo. Ver, entre outros Barbadoro, Idomeneo. "Il

conduzir, com o método da ação direta. Para decidir o impasse entre a condução reformista da luta e a sindicalista revolucionária foi realizado um referendo e vence a posição de De Ambris e a da maioria dos trabalhadores. Os sindicalistas revolucionários assumem a direção da greve no campo de Parma, como veremos a seguir, retomando o que já apresentamos no capítulo 1.

4.2 "Somos livres, somos fortes e somos tantos": a grande greve de Parma de 1908 e a participação de De Ambris

Na organização sindical de Parma de 1907 e 1908, De Ambris foi apresentado na imprensa italiana e francesa como o homem capaz de dar um sopro de vigor, capaz de dar ao proletariado agrícola a visão clara da sua luta que lhe faltava, trazendo esperança e despertando energias. Deste ponto de vista a sua condução da *Camera del Lavoro* foi importantíssima.

Quando no início de 1907, De Ambris aceitou o cargo de secretário da organização, o movimento operário da província de Parma passava por uma grave crise. O nível da ação reivindicativa era muito baixo tanto na cidade como no campo, onde as poucas greves que se tentou nos anos anteriores resultaram em desastrosas derrotas. As experiências alternativas ao sindicato, começando pelas cooperativas, constituíam entidades marginais e eram absolutamente incapazes, salvo em áreas muito restritas, de enfrentar o predomínio da grande propriedade que do controle do mercado se estendia até investir o complexo da sociedade parmense: instituições, representações políticas, governos locais, vida cotidiana.

---

sindacato delle origini (1876-1900)" in *Storia del sindacato – dalle origini al corporativismo fascista*. Venezia, Marsilio Editori, 1982.

O "bloco popular" de radicais, republicanos e socialistas havia perdido a administração municipal de Parma para uma aliança de conservadores ligados à igreja católica, o que foi o episódio emblemático de uma situação de grande confusão, sobretudo pelo modo como tinha ocorrido, com grande divisão entre os socialistas, as ligas sindicais e os republicanos.

Os maiores conflitos ocorriam no próprio interior do movimento operário: ligas da cidade contra liga do campo, cooperativas contra ligas, círculos socialistas contra a *Camera del Lavoro*, além dos conflitos individuais. O convite a De Ambris para dirigir a *Camera del Lavoro* foi concebido como uma tentativa de recompor o movimento. De Ambris tentou organizar o enorme potencial de luta que havia entre os trabalhadores do campo e da cidade. Para ele, a pirâmide no vértice da qual estavam os grandes proprietários agrícolas[96] com suas grandes fortunas era ameaçada por um cupim que lhe roía a base. Essa ameaça era justamente o antagonismo que significava a recusa dos trabalhadores em aceitar as leis e as regras que reproduziam o sistema de relações sociais que fazia corresponder à opulência escandalosa de poucos a miséria de muitos.

De Ambris sistematizou as suas opiniões sobre o sindicalismo em um opúsculo intitulado *L'Azione Diretta*, que se tornou o texto-guia do sindicalismo da província de Parma. A primeira edição do livrinho é justamente de 1907 e recolhia as indicações e os ensinamentos que o secretário da Camera del Lavoro de Parma tinha começado a difundir entre os trabalhadores, desenvolvendo uma intensa obra de organização e propaganda.

Nesse folheto, *L'Azione diretta - pagine di propaganda elementare sindacalista*, De Ambris argumentava que o sindicalismo não derivava de uma lógica abstrata, mas do

[96] O conflito de De Ambris com os proprietários de Parma duraria muito. Ainda em março de 1917, De Ambris foi processado pela Associação Agrária de Parma por injúria e difamação por meio da imprensa, por ter acusado em *L'Internazionale* (do qual era ainda diretor) a citada associação de esconder mercadorias para produzir um aumento artificial de preços.

ensinamento prático dos fatos. Segundo ele, o sindicalismo surge como uma necessidade quando o socialismo parlamentar deixa de cumprir suas promessas, enquanto uma energia nova se revelava dos episódios de ação direta da organização operária. "O nosso sindicalismo é filho da greve geral que afirmou a potência proletária em setembro de 1904, das obstruções e da greve que paralisaram o movimento ferroviário na primavera de 1905, da segunda greve geral de maio de 1906 e de tantas outras agitações que abalaram nestes últimos anos a Itália burguesa enquanto os que se afirmam representantes dos trabalhadores no parlamento permaneciam indiferentes ou se manifestavam hostis a este germinar da ação direta". Para De Ambris, o socialismo havia abandonado pouco a pouco seu caráter rigidamente proletário e agressivo para estagnar-se em um legalismo e em um humanitarismo pequeno-burguês com a pretensão de representar "interesses gerais", sacrificando os interesses de classe do proletariado em nome do qual ele havia surgido e se afirmado. Assim o sindicalismo teria surgido com o objetivo de trazer de volta o movimento socialista às suas origens puramente proletárias. Para ele as classes trabalhadoras deveriam se recusar a toda subordinação da luta de classes a qualquer critério de "interesse geral", fórmula pérfida e ambígua atrás da qual se escondia a exploração capitalista. Os sindicalistas, ao contrário, afirmavam o direito e o dever do proletariado de conquistar a posse dos meios de produção e de troca e portanto a direção social através da luta de classes, não só contra a classe burguesa propriamente dita, mas também contra as sub-classes e castas que dela dependiam e que a sustentavam. Os sindicalistas recusavam-se portanto a reconhecer qualquer identidade de interesses entre o proletariado e todas as categorias pseudo-proletárias que viviam no meio burguês, não esquecidos de que em todas as lutas por ele travadas o proletariado encontrou e encontra os inimigos mais implacáveis e ferozes exatamente nos setores pequeno-burgueses, intelectuais e parasitários. Os

sindicalistas, segundo De Ambris queriam provar a verdade socialista com base nesta norma: "é socialista todo ato que direta ou indiretamente conduza a diminuição do poder econômico, político e moral da burguesia e das sub-classes e castas burguesas, aumentando ao mesmo tempo o poder econômico, político e moral do proletariado". Entre os aliados e defensores da classe dominante, De Ambris destacava o Estado e a religião. "Fora de alguns preceitos que tem um conteúdo universal, como os que tutelam a conservação do indivíduo e da espécie, a lei e a moral que atualmente estão em vigor, não são mais que a lei e a moral da burguesia".

Afirmava também nesse livro que os sindicalistas eram necessariamente anti-militaristas. Considerava que a burguesia por muito tempo havia fascinado e iludido a classe trabalhadora com a miragem patriótica. "O proletariado consciente só pode reconhecer uma pátria: a sua classe e uma só guerra justa pela qual deve estar pronto a dar, se necessário todo o seu sangue: a guerra civil que o liberte da sua secular opressão". Tornava-se evidente para De Ambris que o único instrumento que havia o proletariado nessa guerra era o sindicato operário, no qual os trabalhadores se reúnem e coordenam as suas energias, onde se educam e se preparam psicologicamente e tecnicamente para a grande obra de destruição da sociedade presente e a instauração da sociedade dos iguais. "O sindicato operário é o único organismo capaz de acolher toda a classe trabalhadora disciplinando as forças com o objetivo imediato de conquista progressiva para o cotidiano melhoramento das condições de vida dos trabalhadores, sem esquecer a finalidade mais vasta e mais distante da Revolução Social." As reformas eram vistas como úteis para o proletariado, trazendo a eles condições de vida menos desumanas e portanto mais adequadas para desenvolver as suas energias. Essas reformas deveriam ser desejadas e impostas pelo proletariado.

Argumenta que os adversários atribuem a eles idéias e métodos de um revolucionarismo demagógico com o qual o sindicalismo nada tinha a ver. "O sindicato operário como nós o entendemos não é de nenhum modo um grupo de homens que permanecem tranqüilos, esperando a catástrofe revolucionária. É ao contrário um organismo ativo, consciente que a transformação social é principalmente um problema de força e de vontade". Argumenta que para os sindicalistas a espinha dorsal do sindicato operário era constituída pela organização de resistência: a liga, a federação de ofício e de indústria, a *camera del lavoro* são os lugares em que se forma a consciência proletária, onde os trabalhadores aprendem, também através de vantagens imediatas, a utilidade prática da união e da organização, habituando-os nos duros momentos da batalha a considerar como próprios os interesses da categoria e desenvolvendo com o contínuo contato o sentimento da solidariedade. "É na organização de resistência que se cria pouco a pouco a alma nova, rebelde e audaz, do proletariado, despindo-o de todos as vestes de servilismo e conferindo a eles uma dignidade antes desconhecida." Mas afirmava também que a *camera del lavoro* e a federação de ofício não deveriam se limitar a pequenas conquistas para não arriscar de estagnar-se em um corporativismo tacanho. Afirmava que os sindicalistas queriam fazer da organização de resistência um movimento de negação da ordem presente, tornando-a capaz de alargar seus horizontes além da luta estritamente corporativa até a luta de classe. "A organização de ofício deixa de ser uma corporação isolada, ou até em luta com outras corporações, para tornar-se uma unidade do exército imenso que combate a guerra social, afirma-se a solidariedade de classe e o internacionalismo deixa de ser uma ideologia para tornar-se um fato prático no campo dos interesses comuns que unem os proletários de todo o mundo". Nessa luta constante contra o capitalismo as armas eram a greve, o boicote, a obstrução, a sabotagem, etc. criando a lei e

a moral do proletariado. Nessa luta, a organização de resistência poderia, segundo De Ambris, ser sustentada por outras formas de organização operária: a mutualidade e a cooperação. As sociedades de mútuo-socorro e as cooperativas deveriam ser composta unicamente de trabalhadores organizados e ter objetivos de resistência. Para ele, as sociedades de mútuo socorro ajudavam o trabalhador doente ou inválido, livrando-o da humilhação da caridade burguesa, seja essa pública ou privada, e desenvolvendo o espírito de solidariedade. As cooperativas tinham para ele um altíssimo valor como escola, onde se desenvolvia a capacidade técnica do proletariado habilitando-o à gestão do patrimônio social.

O sindicato operário parecia para De Ambris um órgão necessário e suficiente para conduzir até o definitivo triunfo a luta anti-capitalista, sem desprezar as conquistas imediatas que deveriam ser obtidas através da ação direta dos trabalhadores organizados com o duplo objetivo de melhorar a própria condição e de exercitar-se para a batalha maior do futuro, a qual se concretizaria na greve geral expropriadora da burguesia. "A greve geral assinalará a passagem do poder econômico e consequentemente do poder político e legal - das mãos do capitalismo às mãos do proletariado. Quando na dura escola do sindicato operário a nossa classe tiver aprendido a soldar em uma indissolúvel equipe as próprias forças, unificando as aspirações de todos os trabalhadores e formado uma psicologia nova feita de solidariedade e ardor rebelde; quando a técnica da produção e da troca não terão mais segredos para nós, após o estágio feito nas cooperativas nossas; quando enfim teremos amadurecido no seio do sindicato operário a nova lei e a nova moral, livremente aceitas

pela classe trabalhadora como as que correspondem aos seus interesses, a greve geral dirá à burguesia que é chegado o fim do seu domínio."[97]

O sindicato era visto assim por De Ambris como a única forma de agrupamento social que oferecia ao proletariado a garantia da auto-direção do movimento e a eliminação de todas as infiltrações burguesas, pequeno-burguesas e intelectuais que pudessem desviar o movimento operário em direção a objetivos conservadores. Isso não queria dizer, porém, que o sindicalismo recusasse a obra dos "desertores da burguesia". Seu saber e energia eram bem-vindos, desde que obedecessem ao imperativo do sindicato, sem pretender impor suas visões ou dirigir o movimento. De fato, procurando responder ao desejo dos trabalhadores de democratizar os sindicatos, De Ambris, como secretário da Câmara de Parma, procurou criar instrumentos que garantisse aos inscritos a possibilidade de influenciar efetivamente nas escolhas que os envolviam. As representações e reuniões se multiplicaram e recorria-se ao referendo no caso das decisões mais importantes, como a decisão de iniciar ou não uma greve[98]. Em pouco meses, o número de associados à Câmara cresceu para 30.000[99].

Quanto à luta eleitoral, De Ambris considerava que o sindicato não deveria certamente reconhecê-la como sua função normal, mas poderia haver alguns casos muito especiais em que os trabalhadores considerassem útil lançar a organização deles na luta política, com a condição de que essa decisão fosse unânime entre os trabalhadores organizados, pois nenhuma vitória nas urnas, segundo ele, compensaria o dano provocado por uma eventual divisão no sindicato.

---

[97] Alceste De Ambris. *L'Azione Diretta - Pagine elementare sindacalista*. Parma, Tip. Cooperativa, 1907, p.24.
[98] Ver Valerio Cervetti (a cura di) *Lo sciopero agrario del 1908: un problema storico*. Parma, STEP, 1984, p. 86.
[99] Idem, p. 87.

Afirma que os sindicatos eram anti-religiosos, embora respeitassem a fé de cada um: "eles combatem a religião porque é um elemento de conservação da iníqua ordem econômica presente, não como crença individual."

Para De Ambris a violência não tinha um valor preponderante na teoria sindicalista, mas também não estava completamente descartada.

A partir dessas idéias De Ambris ajudou a organizar um exército de combate preparado para o assalto e confiante na vitória, porque estavam convencidos da superioridade das suas razões e das suas forças. De Ambris fez de Parma o banco de provas da sua observação atenta das experiências internacionais do movimento reivindicativo e pôs em prática formas de organização que tornavam mais eficaz a luta sindical. Como isso era uma novidade que encontrou despreparados os proprietários rurais, o movimento dos trabalhadores, ao longo daquele ano de 1907, venceu e aquela vitória foi vivida e interpretada como o fim da história da opressão e o início da história da libertação. Era uma mudança cultural, psicológica e política. 1907 mudou o universo mental dos trabalhadores de Parma e tão profundamente que os efeitos dessa "virada" continuaram a guiar as suas ações e a fornecer a sua orientação por um longo período, pelo menos até o fascismo. Três eram os elementos constitutivos dessa mentalidade de 1907, estreitamente ligados entre si: a aquisição de um direito à vida, entendido como condição de bem-estar material e espiritual, sem a miséria e suas conseqüências; a sensação de serem construtores de uma vida nova, como portadores de uma civilização redentora, porque fundada sobre os valores do trabalho, libertado da opressão e concebido como ato de criação; a solidariedade, a capacidade de sacrifício, o senso do bem comum, a fraternidade, aos quais era confiada a

salvação da humanidade, de outro modo destinada à barbárie. Essas idéias conduzirão também a grande greve realizada em 1908, que vimos no primeiro capítulo[100].

A presença de De Ambris era para os trabalhadores uma outra certeza: "Nós com De Ambris/queremos marchar/ nós em greve/ queremos estar" era o canto que se ouvia da boca de um grupo de mulheres trabalhadoras nas ruas de Parma enquanto esperavam a chegada de De Ambris[101].

Segundo Sereni, o episódio do sindicalismo parmense foi um laboratório de experiências de fundamental importância para a história posterior. Começando pela greve de 1908, que Sorel considerou "um dos grandes acontecimentos da época" e Lenin nela encontrou argumentos para sustentar uma tese que lhe era particularmente cara: a substituição da pacífica atmosfera da luta parlamentar por cenas de verdadeira guerra civil[102].

Um outro canto que se difundiu por toda a planície do rio Pó era: "E pela estrada gritavam os grevistas/ não queremos ser mais explorados por vocês/ somos livres, somos fortes e somos tantos/ e não queremos viver como prisioneiros/ E nos estábulos/ Não queremos mais dormir/ É chegada a hora/ Estamos cansados de sofrer"[103].

Vários relatos permitem ver que quando De Ambris passava pela cidade e nos campos de Parma era seguido por multidões. Era identificado com o Messias. Esta identificação é explícita em pelo menos duas manifestações: em maio de 1909, quando os sindicalistas voltam de Lucca, absolvidos do processo pela greve do ano anterior e em 1913 quando De Ambris volta do exílio. Nas manifestações de festa popular que se dão naquelas

[100] Durante esse período de lutas intensas, De Ambris recebeu a notícia da morte da sua única irmã, Irma, aos 30 anos. O necrológio escrito no jornal *La Terra* dizia: "Amava o nosso ideal de redenção, e vivia as ansiedades e as lutas do seu Alceste, companheiro e irmão...". Ver Giulivo Ricci, *op. cit.*, p.64.
[101] Umberto Sereni, Introdução a Alceste de Ambris, *Lettere dall'esilio*, *op. cit.*, p. 145
[102] Idem, p. 147.

duas ocasiões, de muitas janelas apareciam juntos retratos de Jesus Cristo e de De Ambris: "uma aquisição no universo simbólico-mítico das massas parmenses que colocava o dirigente sindicalista no plano dos "santos protetores", portadores de libertação, defensores dos fracos, garantia de um futuro de felicidade"[104]. Ainda após a morte de De Ambris havia gente disposta a jurar tê-lo visto andando pelas ruas mais pobres de Parma. A fama de 1908 durou muito.

É muito interessante observarmos aqui como a politização e as formas de organização dos trabalhadores foram, em alguns casos e particularmente em alguns países, adaptações de tradições religiosas. Esse caráter quase messiânico que assumiram alguns movimentos de trabalhadores, a associação de um líder a um redentor, capaz de instaurar a justiça e a felicidade foram provavelmente característica de alguns movimentos em países católicos. Talvez também por isso Sorel tenha olhado com tanta simpatia essa greve de Parma de 1908, pois ele, como vimos, pensava que o sindicalismo deveria ser vivido como uma fé quase religiosa.

O camponês Massimo Ravanetti confirmou a confiança na organização sindicalista e o afeto que os camponeses de Parma tinham por De Ambris quando respondia aos juízes da Corte de Lucca que o interrogavam no processo pela grande greve agrária de 1908:

> "Todos se puseram contra nós e contra Alceste De Ambris, que todavia nos dava conselhos de calma e de prudência. Odiavam-no, De Ambris, mas nós o amamos e eu o estimo altamente porque foi ele que trouxe um pouco de liberdade na nossa província e um pouco de vida entre nós camponeses"[105] "Nós estávamos contentes pelas vitórias de 1907.(...)Estávamos cansados da violência dos patrões que vinham nos

[103] La voce di una madre, Fiorenzuola d'Arda, 1908. Publicado em folhetos, o canto teve grande difusão.
[104] Umberto Sereni, *op.cit.*, p. 63
[105] O testemunho de Massimo Ravanetti in *L'Internazionale*, 21 de abril de 1909 citado por Umberto Sereni, *op.cit.* p.55.

> insultar nas portas das casas gritando: *Brutti contadinacci*, este ano faremos vocês morrerem de fome!"[106]

Mesmo após a derrota da greve de 1908, De Ambris e seus companheiros continuaram a ter como objetivo a radicalização da luta de classes e a unidade das organizações aderentes à ação direta.

No *Avanti!* de São Paulo apareceram vários artigos sobre a greve de Parma de 1908, e mesmo antes sobre as greves de 1907. Em julho de 1908, Vincenzo Vacirca, socialista que dirigia o jornal nesse período, considerava que a greve tinha causas muito mais profundas do que atividade que De Ambris e seus companheiros sindicalistas revolucionários vinham desenvolvendo ali, o que é óbvio, na verdade. Mas Vacirca considerava também que o adjetivo sindicalista unido à greve de Parma não se justificava porque, segundo ele, a tática usada em Parma não era diferente da tática pacífica e legal usada em outras greves que vinham ocorrendo em várias outras partes da Itália, onde, segundo ele nunca tinha se falado de sindicalismo revolucionário: não tinha havido sabotagem, nem violência, mas o cruzar de braços pacífico, solidariedade, propaganda para impedir que outros trabalhadores substituíssem os grevistas. E não diferia, nem nos meios, nem nos objetivos, das outras greves[107].

De Ambris pensava em ficar em Parma só por seis meses, pois já tinha o projeto de retornar à São Paulo, mas acabou ficando por dezesseis meses, até que a crise de julho de 1908 o obrigou a escolher novamente entre o exílio e a prisão. Vai para a Suíça, depois para

---

[106] Umberto Sereni. *Il processo ai sindacalisti parmensi (Lucca, aprile-maggio 1909)*, Pescia, Fazzi Editore, 1979, p.74.
[107] Vincenzo Vacirca. "Dopo la sconfitta di Parma". *Avanti!*, 03-07-1908, p.1.

a França, onde participa com Rossoni, Zocchi e Dinale do X Congresso da CGT, realizado em outubro de 1908[108] e depois vem pela segunda vez ao Brasil.

5. De volta ao Brasil: o jornal sindicalista *La Scure*

Em 1909, De Ambris dirige em São Paulo o jornal *La Tribuna Italiana*, convidado pelo proprietário do jornal, Vitaliano Rotellini, que lhe deu a garantia de respeito às suas idéias e princípios. De São Paulo, Rotellini escreveu a De Ambris na Suíça, oferecendo o emprego. De Ambris hesitou um pouco, mas seus companheiros de luta, Masotti, Mazzoldi, Faggi, Pasella, os camponeses de Parma imigrados como ele depois da greve, aconselharam-no a aceitar. Rotellini enviou o dinheiro e De Ambris chegou no Rio no fim de 1908.

De Ambris permanece no jornal por dez meses, recebendo críticas de todos os lados: da burguesia italiana em São Paulo, a qual ele desagradava com os seus escritos de crítica e dos militantes, sobretudo anarquistas, inconformados com o que consideravam a cumplicidade de De Ambris com a "imprensa burguesa". Quando, porém, Rotellini que resolveu controlar a direção que De Ambris dava ao jornal, ele deixou o trabalho.

Em 1910, De Ambris fundou, em São Paulo, o jornal *La Scure* (O Machado). Nesse seu retorno, De Ambris encontrou o movimento operário de São Paulo bastante desmobilizado e então preferiu fundar esse jornal que tentasse congregar todos os grupos de tendência democrática.

O primeiro número de *La Scure - giornale di lotta* saiu em 2 de abril de 1910. O endereço do jornal era Rua Boa Vista, 44, em São Paulo. Ele declarou pretender defender

[108] Ver Lorenzo Gestri, *op.cit.*, p. 215.

os direitos políticos dos cidadãos, a liberdade de organização e de greve para o operário, liberdade de imprensa para os jornalistas, liberdade de expressão, liberdade de pensamento.

La Scure pretendia ser um terreno de convergência de todas as forças anti-burguesas, anti-monárquicas e anti-clericais e que lutavam pela liberdade. Apresentava-se como "o único periódico de língua italiana que se publica no Brasil absolutamente independente e livre de qualquer ligação de interesse ou de partido"[109].

Nele De Ambris criticou fortemente a desonestidade dos representantes consulares e diplomáticos mantidos pela Itália no Brasil e suas instituições, controladas sempre por um mesmo pequeno grupo: o hospital, a *Camera di commercio*, a escola Dante Alighieri e o Instituto Colonial, todos marcados pela lealdade monárquica e que nenhuma ajuda proporcionava à coletividade italiana.

Por ocasião da greve dos vidreiros de Água Branca[110], De Ambris criticou o comportamento do cônsul de São Paulo em relação à prisão e expulsão do militante sindicalista Rossoni, que veremos no último capítulo. Na ocasião, o consulado se recusou a defender os direitos dos operários italianos, agredidos pela polícia, porque eram grevistas, o que pelo cônsul era visto como um crime. O consulado agravou a situação de Rossoni ao fornecer informações negativas sobre ele[111].

De Ambris pretendia que o jornal pudesse congregar forças de esquerda e por isso evitava cair em polêmicas com as outras tendências do movimento operário, sobretudo em um período de refluxo como era aquele. No dia 14 de maio de 1910, o jornal publicou uma carta de um trabalhador, Cesare Sartori, que dirigindo-se diretamente a De Ambris, manifestou o seu desejo de que *La Scure* pudesse ser um farol em direção ao qual os

[109] *La Scure*, 30-07-1910, p.4
[110] Essa greve será analisada mais detidamente no capítulo dedicado a Edmondo Rossoni.

militantes pudessem se dirigir, vista a confusão que havia na política, na filosofia, nas ciências e na moral: "Marx foi cortado em pedaços, esmiuçado, e temperado em todos os molhos que não se sabe mais o que tenha querido dizer o pobre homem".

De Ambris respondeu que infelizmente *La Scure* não podia dar todas as respostas para os debates dentro do movimento operário, mas que pretendia ser apenas um órgão de combate, de propaganda, de agitação, "sem inoportunos dogmatismos sectários"[112].

Nesse jornal, De Ambris se lamenta que a organização sindical criada durante o primeiro período que ele passou no Brasil tenha sido estrangulada pela violência policial. No primeiro de maio daquele ano, De Ambris lamentava-se no jornal que a federação operária tivesse sido praticamente dissolvida, as organizações dispersas. Recorda o maio de 1907[113], quando após duas semanas de greve, diversas categorias tinham obtido as oito horas de trabalho, "milagre da organização e da luta de classe combatida sem meios termos"[114]. Mas o triunfo não foi definitivo. De Ambris argumentou que os operários tinham esquecido que era necessária uma luta constante para conservar as conquistas obtidas. Muitas organizações tinham se dissolvido ou mantinham uma vida anêmica ou fictícia. Os empresários foram tirando pouco a pouco o que tinham sido obrigados a conceder. Em 1910, eram bem poucas as categorias que usufruíam as conquistas obtidas três anos antes. De Ambris esperava que isso servisse de lição aos operários na compreensão de que a organização era sempre e absolutamente necessária, para preparar as conquistas, para obtê-las e conservá-las pela ação direta. Assim, De Ambris chamava os

---

[111] *La Scure*, 18-06-1910, p. 157.
[112] *La Scure*, 14-05-1910, p.74
[113] Essas greves serão apresentadas no capítulo dedicado a Giulio Sorelli.
[114] Il 14 maggio 1907. *La Scure*, 14-05-1910, 77.

operários a organizarem-se novamente. Nesse novo jornal, De Ambris continuava, portanto defendendo as idéias do sindicalismo revolucionário.

Além de De Ambris, que continua a fazer as viagens de propaganda pelo interior do estado de São Paulo, viajam também Alfonso Belli, que era encarregado de visitar os centros situados ao longo das linhas ferroviárias inglesas, a Sorocabana e a Ituana e as ramificações dessas linhas; Andrea Castaldelli, encarregado de visitar os centros situados ao longo da linha Mogiana e suas ramificações, com exceção das cidades e vilarejos confiadas a Angelo De Ambris, irmão de Alceste, que, vivendo nesse período também em São Paulo, tinha assumido a função de visitar os trabalhadores de Campinas, Rocinha, Valinhos, Arraial dos Sousas, Cosmópolis, Desembargador Furtado, Carlos Gomes, Amparo, Serra Negra, Pedreira, Jaguari, Socorro e Monte Alegre.

De Ambris continua suas viagens de propaganda pelo interior do estado de São Paulo, como fazia quando redigia o *Avanti*! No início desse novo exílio brasileiro, fez conferências em Campinas, Ribeirão Preto, Jardinópolis, Sertãozinho, Jaboticabal, Araraquara, São Carlos, Baurú, São Manoel e Botucatu. Quando foi a Bauru, por exemplo, De Ambris foi recebido calorosamente ao som do *Inno dei Lavoratori* e fez uma conferência no teatro repleto de operários, entre os quais muitas mulheres[115]. Alguns meses mais tarde, em São Roque, De Ambris falou sobre os temas mutualismo, resistência e cooperação, explicando as características e a importância das três formas de organização operária, procurando demonstrar que somente com o esforço tenaz e coletivo os trabalhadores podiam melhorar as suas condições de vida. Nesse período, o jornal da FOSP, *La Lotta Proletaria*, anunciava em suas páginas as conferências feitas por De Ambris nas ligas operárias. Em janeiro de 1909, por exemplo, a Lega di resistenza fra muratori e affini

decidiu organizar uma festa no salão Lyra no Largo do Paisandú e no programa constava uma conferência de De Ambris, além da quermesse e de representações teatrais[116]. Na festa da liga, compareceram muitos operários com suas famílias. A conferência de De Ambris "aplaudidíssima, deixou nos presentes o desejo de ouvi-lo logo outra vez"[117]. De Ambris terminou sua conferência convidando os trabalhadores a continuarem no caminho da ação direta[118]. Na semana seguinte, no sábado à noite, De Ambris realizou outra conferência, convidado pela Unione Operaia, na sede da FOSP. Nessa conferência ele analisou os métodos dos adversários do sindicalismo e da greve, desaprovando-os. Os redatores de *La Lotta Proletaria* concluíram que a conferência tinha sido um "bom tempo de verdadeira propaganda sindicalista"[119]. No número seguinte, *La Lotta Proletaria* comentou a conferência realizada por De Ambris aos chapeleiros[120]. O mesmo número do jornal anuncia uma conferência de De Ambris que seria realizada no sábado seguinte na Liga Operária de Campinas[121]. O número dedicado ao Primeiro de Maio, fala de uma conferência de De Ambris realizada na sede da Unione dei lavoranti in pietra granito[122]. Em junho, De Ambris foi novamente chamado pela Liga dos Pedreiros e afins, que estavam lutando por aumento de salário e pagamento semanal, para realizar uma conferência. De Ambris falou diante de um público numeroso na seção do Bom Retiro[123]. Estes exemplos nos dão uma idéia da intensidade da sua atividade de conferencista.

---

[115] *La Scure*, 23-04-1910, p. 39
[116] Ver "Movimento Operaio". *La Lotta Proletaria*, 18-01-1909, p. 4.
[117] *La Lotta Proletaria*. 24-02-1909, p. 4.
[118] Idem.
[119] Idem.
[120] Giovanni Scala. "Sindacalismo e sindacalisti". *La Lotta Proletaria*, 15-03-1909, p. 3.
[121] "Piccola Posta". *La Lotta Proletaria*, 15-03-1909, p. 4.
[122] "Movimento Operaio". *La Lotta Proletaria*, 01-05-1909, p.4
[123] "Movimento Operaio". *La Lotta Proletaria*, 23-06-1909, p. 2. A Lega dei Muratori e affini tinha também uma seção no Brás e em outros bairros operários de São Paulo.

No ano seguinte, De Ambris escreveu um artigo onde argumentava que os republicanos, socialistas, sindicalistas[124] e anarquistas estavam em crise na Europa e que no Brasil a indecisão era ainda mais visível e evidente. A visão de Oreste Fiamma, outro imigrante italiano que escreve junto com De Ambris em *La Scure*, é ainda mais desiludida:

> "Do movimento que se manifestou neste país há alguns anos, como reflexo do movimento socialista europeu ou para dizer com mais precisão - italiano, não resta traço. O partido que se formou naquele tempo desapareceu, os círculos se dissolveram, o jornal morreu. Houve uma tentativa corajosa de organização sindical, mas também esta teve a mesma sorte do partido, com a única diferença que o partido foi morto pelas discórdias internas, enquanto a organização sindical foi estrangulada pela violência policial"[125].

De fato, a forte repressão e o desemprego podem explicar em grande parte o refluxo do movimento operário no estado de São Paulo nesse período. Em um artigo publicado por *La Scure* e assinado por Argo, argumenta-se que também as diferenças de nacionalidade, etnia e religião dificultavam muito a união entre os trabalhadores aqui no Brasil, além do fato que era grande a procura de uma solução individual e não coletiva para os problemas que afligiam os muitos trabalhadores italianos em São Paulo: para muitos, o objetivo central não era empenhar-se por formar uma organização operária forte e consistente, mas ganhar algum dinheiro para poder retornar à Itália. Na avaliação deles, mesmo os que se resignavam à idéia de permanecer no Brasil, muitas vezes insistiam em buscar saídas individuais para melhorar as suas condições econômicas. A falta de experiência política era apresentada também como um dos fatores decisivos do declínio do movimento operário.

[124] Como se vê, De Ambris, logicamente, também indicava os sindicalistas como pertencentes a uma corrente separada do anarquismo e do socialismo.
[125] *La Scure*, 02-10-1910, p. 10

Mas nos anos anteriores muito tinha sido feita: desde os primeiros anos do século, várias organizações sindicais foram sendo criadas, como vimos, no período em que De Ambris escrevia o *Avanti*!, em 1906 tinha sido fundada a Federação Operária de São Paulo, que manteve uma atividade estável até 1909, várias categorias conseguiram a diminuição das horas de trabalho e aumento dos salários. Também os trabalhadores de várias cidades do interior do estado de São Paulo organizaram-se, bem como no Rio de Janeiro e em Porto Alegre.

Em artigos assinado por Argo, talvez De Ambris, os trabalhadores empenharam-se na luta sindical porque viram os seus resultados práticos, mas quando começaram a aparecer as dificuldades diminuiu o entusiasmo e com ele o número de sócios das organizações, permanecendo apenas pequenos grupos. As organizações que em 1910 continuavam ativas eram a União dos chapeleiros, a Liga dos Pedreiros e a Liga dos trabalhadores em madeira, que, segundo Argo, estiveram sempre na vanguarda do proletariado. Outros como os transportadores de tijolos e os canteiros tinham preferido criar associações desligadas da federação e preocupadas unicamente com as conquistas econômicas imediatas. Argo afirma a necessidade de dar continuidade à propaganda e intensificá-la para trazer de volta os operários à luta sindical e à ação direta[126].

Um colaborador do jornal, Oreste Fiamma, considerava que o problema do Partido Socialista na Itália era a excessiva crítica que, segundo ele, paralisava o partido. No fundo ele considerava que havia uma mania crítica que era improdutiva e exagerada, de tal modo que as iniciativas tomadas pelo partido não eram levadas adiante. Para ele era preciso que se tomasse consciência de que não havia nada de absolutamente e eternamente verdadeiro, especialmente no campo da luta social. Até mesmo o que parecia amparado pela

demonstração científica, poderia demonstrar-se falso no futuro, com a junção de novos elementos. Para ele, era preciso querer e agir, todo o resto era um jogo de vaidades:

> "Verdade humilde e simples, que tem ainda mais valor nos países como este onde vivemos, onde a substancial diversidade do ambiente econômico e social torna absurdas as teorias que são axiomáticas no velho mundo"[127].

Essa era a expressão de que os escritores de *La Scure*, inclusive De Ambris, consideravam improdutiva as discussão entre as várias correntes do movimento operário aqui, onde o movimento estava enfraquecido, e que seria mais produtiva uma ação conjunta com outras forças que desejavam mudanças.

De Ambris comenta no jornal os acontecimentos da política e do movimento operário na Itália. Alegra-se que tanto em Milão onde a *Camera del Lavoro* era controlada pelos reformistas, como em Bolonha, onde as organizações operárias eram guiadas pelos sindicalistas revolucionários e pelos anarquistas vinham-se realizando grandes greves. Segundo ele, a lógica dos fatos estava levando os reformistas a raciocinassem junto com os sindicalistas, fazendo com que a revolta dos trabalhadores agitasse as cidades italianas[128].

Seguindo a tradição socialista e anarquista, *La Scure* festeja o matrimônio do simpatizante José de Pádua Carneiro e da italiana Maria Rizzatto, realizado sem intervenção de um padre.[129] A crítica à igreja católica e aos padres era freqüente no jornal.

Embora publicasse algumas vezes artigos de anarquistas como Oreste Ristori e Vittorio Tacchi ou artigos teóricos de Kropotkin, por exemplo, o jornal estava mais próximo das idéias sindicalistas e socialistas. O terceiro número, por exemplo, o jornal

---

[126] "Il sindacalismo in San Paolo", *La Scure*, 01-05-1910, p.52.
[127] "Per uscire dal marasma", *La Scure*, 23-04-1910, p.34.
[128] "Primavera di lotta", *La Scure*, 23-04-1910, p.24

apresentou um artigo interessante, assinado com o pseudônimo Il Carcamano, que defende a participação política da colônia italiana no estado de São Paulo. O autor do artigo argumenta que os políticos de São Paulo eram eleitos pelas pessoas que produziam, que comerciavam, que trabalhavam, mas eram representantes diretos de uma oligarquia parasitária de proprietários de terras, a oligarquia dos fazendeiros. Critica assim o fato de que os políticos paulistas não levavam em conta os interesses das colônias estrangeiras, que eram as verdadeiras massas produtoras do estado e constituíam a metade da população. Para ele era tempo das coletividades estrangeiras, começando pela italiana, que era a mais numerosa e a mais negligenciada, levantarem-se contra esse estado de coisas.[130]

Um outro artigo apresenta os problemas da coletividade italiana em São Paulo, mas se mostra extremamente desiludido quanto as suas possibilidades de organização:

> "...aqui no Brasil a coletividade italiana - embora conte com mais de um milhão de componentes vale menos que nada.(...) As escolas são raquíticas, desertas, insuficientes em todos os sentidos. As instituições de beneficência dão pena.(...) A previdência é desconhecida.(...) da multidão dos trabalhadores que compõe os nove décimos da nossa coletividade: uma multidão em meio à qual se destaca uma elite de fortes e de audazes que são entretanto poucos para formar mesmo uma minoria e que não são entendidos e nem seguidos pela massa que forma a quase totalidade, dispersa nas fazendas ou reunida nos cortiços. Uma massa que ignora o alfabeto, mas que conhece o calendário dos santos e os segredos do jogo do bicho; que ignora a higiene e a dignidade, que não se organiza, que não pensa, não deseja, não sabe nada além da exploração à qual se submete"[131].

De Ambris critica fortemente o fato de que o marechal Hermes da Fonseca tenha enviado ao correspondente do *Fanfulla* no Rio as suas intenções como futuro presidente da República, que se propunha a resolver a "questão social" no Brasil. De Ambris argumenta

---

[129] "Matrimonio laico". *La Scure*, 04-06-1910, p. 135.
[130] "Per gli interessi della colonia italiana - e per quelli del Brasile". *La Scure*, 01-05-1910, p.42.

que seria mais correto opor a idéia de luta de classes à questão social, e que a luta de classes tinha sua principal causa na questão econômica e que nenhum governante por mais extenso que fosse o seu poder, a sua inteligência e a sua vontade poderia modificar sensivelmente, já que dependia das leis que se faziam fora dos parlamentos e dos gabinetes, mas amadureciam fatalmente no mundo da produção, da troca e divisão das riquezas.[132]

Ao mesmo tempo, seguindo as idéias do sindicalismo revolucionário, outros artigos argumentavam que as leis sociais aplicadas pelo Estado burguês resultavam quase sempre em uma ilusão para o proletariado.

Na comemoração dos dois anos da grande greve de Parma, De Ambris escreve um artigo para *L'Internazionale*, que é reproduzido também no *La Scure*. De Ambris se mostra entusiasmado com os resultados obtidos pelo movimento dos trabalhadores:

> "em três anos, graças à ação sindicalista, o salário do trabalhador parmense dobrou, quase. Aprendam com essa lição os trabalhadores, qual é o bom caminho e como não se deve nunca desanimar se quisermos definitivamente estar certos de saborear a vitória."

Mas relativiza a crença na proximidade da revolução:

> "A idéia da catástrofe criadora de um mundo novo não está em nós, convencidos como estamos que a estrada a percorrer é longuíssima ainda e que estamos apenas nas primeiras etapas."[133]

Os redatores de *La Scure* mantêm contato e recebem dois jornais do movimento sindicalista revolucionário italiano: *Pagine Libere* e *Il Divenire Sociale*. Observam atentamente o movimento operário da Itália e da Argentina, da qual recebem freqüentes

---

[131] *La Scure*, 09-07-1910, p.200
[132] "Ne siete sicuro, maresciallo?" *La Scure*, 01-05-1910, p. 44
[133] "Due anni dopo - La verità che si fa strada". *La Scure*, 01-05-1910, p. 46.

correspondências informando sobre as greves. Solidarizam-se com a luta dos operários argentinos, mesmo quando em julho de 1910 a luta se torna feroz e violenta e os trabalhadores em Buenos Aires respondem com bombas à violência da qual eram vítimas[134]. A partir do número 12, *La Scure* passa a ter a colaboração do socialista Vincenzo Vacirca, que da Argentina, onde se encontrava desde que tinha sido expulso do Brasil, enviava correspondências sobre o movimento operário.

Vincenzo Vacirca nasceu em Chiaramonte Gulfi em Siracusa (Sicília) na Itália em 26 de fevereiro de 1886. Segundo a biografia escrita pela polícia italiana em 1902, Vacirca interrompeu os estudos nos primeiros anos do ginásio. Nessa ocasião era já filiado ao Partido Socialista e era secretário da Liga Socialista de Ragusa. Participou da redação de jornais socialistas e fez muitas conferências. Era acusado pela polícia de tentar levar à desordem as classes operárias e especialmente os camponeses. Em 1907 foi condenado à prisão, veio para o Brasil e em São Paulo dirigiu o *Avanti*! Após as greves de 1907, Vacirca foi expulso do Brasil e partiu para Buenos Aires, onde escreveu no jornal *Corriere d'Italia,* publicando uma série de artigos sobre o tratamento a que eram submetidos os imigrantes italianos nas fazendas de café brasileiras. Segundo a polícia italiana, Vacirca teria sido expulso do Brasil por ter escrito artigos violentos contra o governo brasileiro.[135].

---

[134] "Di chi la colpa?" *La Scure*, 02-07-1910, p.185.

[135] Em 1909, ele se transferiu para Bahia Blanca, onde escreveu o jornal *L'Eco d'Italia*. Esse jornal tinha um caráter mais literário, embora mantivesse a tendência socialista. Suas conferências tinham sempre temas históricos e literários, mas ele se dedicava também à questão da condição feminina e do feminismo e à crítica à religião. Em 1911, Vacirca voltou para a Itália e viveu em Trieste, onde realizou uma série de conferências na *Casa del Popolo* da cidade. Em seguida vai para Pola, onde dirige o jornal *L'Istria Socialista*. Expulso, vai para a Dalmácia, mas logo volta à Trieste. Em 1912, vai para Nova Iorque. Em 1913 volta para a Itália. Em 1915, a polícia italiana acreditava que ele estava novamente no Brasil. Em 1916 estava novamente em Nova Iorque e ali se dedicava à organização das operárias da cidade. Pouco depois vai para Boston, onde escreve o jornal *La Notizia*. Em 1919, dirige o *Avanti*! em Chicago e parece ter sido expulso dos Estados Unidos por ter-se manifestado contrário à guerra. Vai para a Itália acompanhando a mulher e as filhas que estavam doentes. Segundo a polícia Vacirca pretendia fazer propaganda entre os camponeses sicilianos e parece ter se aproximado das idéias comunistas. É preso na Itália, mas libertado logo. Torna-se deputado no Parlamento Italiano. Em fevereiro de 1922, estudantes fascistas tentam matá-lo. Em 1928 é assinalado como um dos

La Scure dedicava também atenção à luta operária na Espanha e nos Estados Unidos e sobretudo comentava e elogiava as atividades da IWW. O jornal estava atento obviamente à luta dos oprimidos e não somente dos operários, como por exemplo quando apresentam com entusiasmo no jornal a luta dos índios no México. Algumas vezes comparavam a situação dos trabalhadores italianos no Brasil e na Argentina. Em um artigo De Ambris argumenta que nos dois países os italianos sofriam a exploração e a discriminação[136].

Aspecto importante e revelação sobre a tendência sindicalista de *La Scure* é a recomendação constante às escolas operárias da leitura do livrinho *Morale proletaria* de Zefferino Traldi. O livrinho continha noções sobre várias formas de solidariedade operária e de resistência[137]. O jornal aconselhava também a leitura do livro *L'ABC sindacale* do sindicalista francês George Yvetot, no qual ele relatava a sua longa experiência na organização operária. O livrinho, de 70 páginas, procurava convencer o operário da necessidade da organização, explicando o que eram os sindicatos, quais as suas origens, a sua razão de ser, como se formavam, como funcionavam, e qual era o objetivo para o qual eles se encaminhavam. O método proposto era obviamente o da ação direta. O boicote, a sabotagem, a greve parcial e geral, o antimilitarismo e os meios para a propaganda são expostos com detalhes e exemplos das lutas operárias francesas. Yvetot argumenta que o sindicato era a célula da organização operária e não o corpo e por isso insiste na importância do federalismo, descrevendo as uniões locais ou Câmaras do Trabalho, as

---

membros do Comitê pela luta antifascista na América. Desse comitê fariam parte também, segundo a polícia italiana, anarquistas e maçons, que faziam reuniões secretas em Nova Iorque. Em 1931 e 32, Vacirca escreveu duas peças de teatro retratando os sofrimentos dos italianos por causa do fascismo. Em 1933 vai para Paris e depois para a Espanha, a Madri e Barcelona. Em 1935, está novamente em Nova Iorque, onde vive no Brooklyn e continua a desenvolver atividade socialista e antifascista. Em 1940, vive no mesmo local e colabora com os jornais antifascistas *Il Mondo* e *La Parola*. Informações presentes na Pasta de Vincenzo Vacirca no *Casellario Politico Centrale* no *Archivio Centrale dello Stato* em Roma. Este panorama da vida de Vacirca é um dos exemplos da mobilidade constante dos militantes socialistas, anarquistas e sindicalistas. A circulação das idéias sindicalistas certamente era favorecida por essas constantes migrações.

federações nacionais de ofício e de indústria, o internacionalismo sindical, as confederações gerais do trabalho e suas seções[138].

Muitas são as referências à Garibaldi como símbolo da libertação, o que reafirma a influência do ideário *risorgimentale* nas formação de De Ambris.

Artigos do jornal consideram que a greve resumia em si todos os elementos da ação prática que o sindicato poderia desenvolver em benefício dos trabalhadores e da luta de classes, e os melhoramentos econômicos imediatos, que não eram considerados obstáculos ao fim último que era a revolução, mas, ao contrário, eram vistos como passos progressivos em direção à meta suprema da libertação do proletariado. Consideram que fora dos velhos meios de transformação social que se reduziam à lenta obra reformista ou ao método romântico das barricadas, ao assalto violento e desesperado do poder, destinado muitas vezes a permanecer ineficaz por causa da força militar, o proletariado teve que encontrar uma arma própria, original, nova e apta a atingir o inimigo nas partes vitais. Essa arma é para eles, os sindicalistas revolucionários, a greve, "a arma proletária por excelência, porque responde perfeitamente às formas produtivas do nosso tempo", "é a arma reformista e revolucionária ao mesmo tempo".[139]

A greve, para De Ambris e seus companheiros sindicalistas, mesmo sendo parcial, era um reformismo sem desvios, sem concessões, porque tendia a um melhoramento efetivo, certo e imediato das condições objetivas das classes operárias. Não era para eles um meio que fazia perder de vista o fim, mas um meio que dava forças para a conquista do fim maior, a transformação da sociedade. Assim a greve era vista como uma arma

---

[136] "La Republica Argentina". *La Scure*, 09-07-1910, p. 203.
[137] *La Scure*, 25-06-1910, p. 184.
[138] "Publicazioni ricevute". *La Scure*, 02-07-1910, p. 199.
[139] "La pratica sindacale - Lo sciopero". *La Scure*, 07-05-1910, p.68.

revolucionária que, mesmo sendo parcial, tornava-se geral na medida em que atingia a própria base da construção capitalista, revelando o seu funcionamento e os seus mecanismos, porque com a greve, segundo os sindicalistas revolucionários, o proletariado afirmava a sua natureza de elemento preponderante na produção e os seus direitos a recolher todos os frutos de seu trabalho.[140]

Mas continuavam recomendavam cautela na deflagração de greves: devia-se refletir sobre quando ela podia ser utilizada utilmente pelo sindicato. Como a segurança da vitória era impossível, devia-se fazê-la quando a vitória fosse provável. O sindicato deveria considerar qual era a causa determinante da greve, se a greve era verdadeiramente desejada pela maioria; em que medida as condições da indústria eram propícias à resistência patronal, se existiam fundos de resistência e sobre quais ajudas de solidariedade se podia com segurança contar, se a luta se prolongasse, qual a disposição do espírito público diante da greve a proclamar. Entretanto, recomendavam que se em uma fábrica se cometesse alguma injustiça grave e evidente contra um operário, ofendendo a dignidade dos trabalhadores, a greve deveria ser declarada, mesmo que as circunstâncias não oferecessem nenhuma probabilidade de vitória. Fazendo-se a greve, segundo os sindicalistas, levantar-se-ia a dignidade dos operários diante de si mesmos e ensinar-se-ia ao patrão que não podia abusar impunemente da sua força. Os militantes sindicalistas consideravam que, muitas vezes, acontecia que após greves desse tipo os operários viam melhoradas as suas condições por ato "espontâneo" do patrão. É interessante observar que essas posições sobre as greves é diferente tanto da concepção anarquista, onde as greves são vistas somente como "ginástica revolucionária" e é diferente também do sindicalismo das minorias

[140] idem.

militantes defendido em geral pelos sindicalistas franceses e também por militantes brasileiros.

La Scure insistia no fato de que uma greve só devia ser declarada se ela fosse realmente desejada pela maioria dos trabalhadores, se todos estivessem convictos sobre a justiça e a necessidade da greve e por isso dispostos a uma longa resistência e a fazer sacrifícios de todo tipo[141]. Um outro elemento que *La Scure* aconselhava que fosse examinado com cuidado era em que grau as condições da indústria eram propícias à resistência do capitalista. Fazer uma greve quando os depósitos estavam cheios e o mercado abastecido de produtos era para eles como fazer o jogo do capitalista. Obviamente as possibilidades de sucesso da greve estava diretamente relacionada à necessidade que o proprietário da fábrica tinha da produção. Para *La Scure* as possibilidades de vitória aumentavam quanto mais numeroso fosse o núcleo disciplinado e consciente dos organizados em torno dos quais se reuniriam nos momentos de luta, a massa operária.

Um aspecto que provocava grandes polêmicas e divergências era a existência do fundo de resistência e também possibilidade de ter ajudas externas para prolongar a greve. Em um artigo assinado por *L'organizzatore*, provavelmente De Ambris, ele argumenta que uma greve não deveria basear-se no dinheiro que a liga tivesse em caixa. Mas ao mesmo tempo era preciso reconhecer que se a greve se prolongava, até os grevistas mais resolutos e abnegados tinham necessidades imperiosas de ordem econômica e física às quais era necessário prover:

> "Com fome não se pensa; e por isso não se pode dizer que uma greve começou bem se não se pensou no modo como obter alimentos naqueles

[141] "La Pratica sindacale - Gli elementi di vittoria nello sciopero". *La Scure*, 02-07-1910, p.191.

casos em que o grevista se encontra na posição de ceder ou morrer de fome"[142]

Concluía-se assim que, se a greve era uma arma de fácil utilização, que não exigia nenhum conhecimento especial para sua utilização, por outro lado era necessário preocupar-se com o resultado, recordando que uma derrota poderia causar não somente danos materiais, mas gravíssimos danos à organização.

Inspirando-se nos escritos do jornal *Sindacato Operaio* de Roma, *La Scure* aconselhava os operários a realizarem três tipos de greve: a de defesa, de conquista e de solidariedade. Para evitar redução das tarifas, prolongamento de horário, introdução do pagamento por tarefas ou o desconhecimento da organização e dos direitos dos operários precedentemente conquistados, recomendavam como necessárias as greves de defesa; a de conquista para o melhoramento dos salários, de horário e de condições morais; a de solidariedade para, com a força coletiva, defender um companheiro ou companheiros vítimas da injustiça patronal ou para defender a resistência de outras categorias de trabalhadores já em luta, sem que os que fazem a greve de solidariedade tivessem um interesse direto.

O jornal defende também o boicote das fábricas como forma importante de luta sindical. Quando durante uma greve não fosse possível chegar a um acordo com o proprietário da fábrica e os trabalhadores resolvessem procurar outro trabalho, aquela fábrica deveria ser boicotada por todos os operários. Se o proprietário encontrasse trabalhadores dispostos a trabalhar na fábrica boicotada, contrariando a campanha dos ex-operários, a fábrica deveria ser fechada ou boicotada toda a produção desta. Outra forma de boicote mais utilizada eram as campanhas em que se apelava a todos os operários para não

[142] idem.

comprar os produtos de determinada fábrica, obrigando assim o proprietário a negociar com os operários, sobre questões salariais e outras[143]. *La Scure* aconselhava também que se boicotasse os bares e lojas cujos proprietários fossem contra a causa operária ou aliados da polícia[144].

Uma questão que causava discussões era o cooperativismo. Oreste Fiamma, por exemplo, considerava que a constituição de cooperativas era perigosa no sentido em que os cooperadores, mesmo os que iniciavam a obra com idéias socialistas, podiam acabar se tornando conservadores. Para ele, era preciso refletir muito sobre em que modo o cooperativismo poderia ser útil à conquista socialista[145].

Em julho de 1910, *La Scure* publica um manifesto da Liga dos pedreiros de São Paulo sobre os acidentes de trabalho. Estes eram freqüentes e muitas vezes causavam a morte de operários, sobretudo na construção civil, pela falta de regulamentos severos que obrigassem os responsáveis pelas obras a tomar precauções para proteger a vida dos operários contratados. O manifesto dos pedreiros relatava que quase todas as semanas pedreiros e ajudantes morriam em acidentes. Reivindicavam que o governo obrigasse os empresários da construção "a ter um maior respeito pela vida humana". Convidam todos os trabalhadores a participar da agitação com o objetivo de introduzir entre as leis brasileiras, uma lei que tutelasse os operários no trabalho e garantisse às vítimas de acidentes e as suas famílias em caso de morte, indenizações adequadas[146].

Os pedreiros reivindicavam que se fizesse no Brasil leis semelhantes as que existiam nos países europeus, para evitar os acidentes e para socorrer as vítimas. Um artigo

---

[143] As mais longas e bem sucedidas campanhas de boicote desse tipo foram as que tinham como alvo as indústrias de Francesco Matarazzo.
[144] "La pratica sindacale - le forme del boicottaggio". *La Scure*, 09-07-1910, p.241.
[145] "Un grave problema: cooperazione e socialismo". *La Scure*, 09-07-1910, p.243.
[146] "Gli infortuni sul lavoro". *La Scure*, 09-07-1910, p. 244.

publicado no jornal e assinado pelo anarquista Ugo Lino criticava essa posição dos pedreiros, sendo convictamente contrários a qualquer lei[147]. Pode-se perceber, portanto, que *La Scure* abria as portas ao debate entre anarquistas e socialistas.

Parece que nesse período a categoria que está à frente das organizações operárias no estado de São Paulo é a dos pedreiros, pela coesão e pelo número de sócios. Em um artigo assinado por Zero, o militante argumenta que isso era mérito antes de tudo da propaganda sindicalista. Mas o esforço de organização encontrava vários obstáculos. No início organizaram-se com o método da ação direta, reconhecendo a sua eficácia assim que o puseram em prática. Mas apenas obtidos os primeiros resultados, iniciou-se a indiferença e "não poucos, ávidos somente de dinheiro, deixaram a primitiva combatividade de classe" e assim os pedreiros dividiram-se em duas partes: uma continuou a luta sindicalista, a outra pensou em conseguir melhoramentos individuais com acordos com os patrões. A situação do movimento se agrava ainda mais quando os proprietários de casas, favorecidos pela crise de desemprego que ocorria, demitiram os trabalhadores mais combativos, substituindo-os por crumiros, obtendo assim o trabalho a menor preço. Assim até os mais empenhados na luta tiveram que reconhecer que insistir no conceito da ação direta teria talvez levado à destruição da organização existente. Segundo Zero, nas pequenas oficinas, embora fossem organizados há muito tempo, a situação era ainda pior, por causa da proximidade com o patrão[148].

La Scure observava também a organização dos canteiros no interior do estado. Descrevem a festa anual da União dos canteiros de Ribeirão Pires, que contava com mais de 100 sócios. No domingo de manhã, uma comissão tinha ido até São Paulo para buscar o

[147] "A proposito di una agitazione", *La Scure*, 07-09-1910, p.3
[148] "La 'União dos Canteiros' e la lotta sindacalista". *La Scure*, 21-05-1910, p. 97.

secretário da federação, Pilade Grassini e o ex-secretário e conferencista Giulio Sorelli e Alfonso Belli, representando *La Scure*:

> "Na chegada do trem em Ribeirão Pires, a banda de música de São Bernardo sob a direção do maestro Luigi Modena entoou *o Inno dei Lavoratori* e uma multidão imensa acompanhou o cortejo à sede social aos gritos de "viva a liga, viva a organização!"[149].

Beberam juntos um pouco de conhaque. Sorelli falou sobre a necessidade da organização operária. Em uma longa mesa foi servido um banquete e a ele se seguiu um baile com a participação de muitas companheiras. Belli falou de *La Scure* em nome de De Ambris e manifestou o desejo de que os pedreiros não se limitassem às conquistas já obtidas graças à admirável solidariedade deles, mas que prosseguissem até o fim para abater dois grandes inimigos da classe operária: o capitalismo e o padre. Enquanto ainda durava a festa, com o trem de Santos, chegou um companheiro que tinha sido delegado dos pedreiros em Montevidéu. Ele trouxe em nome dos trabalhadores de lá a saudação a todos os componentes das ligas, dando explicações e relatórios de todo o trabalho desenvolvido no congresso. Com ele prolongaram-se as discussões até a partida do trem. Então os associados foram até a estação acompanhar os companheiros de São Paulo e com ele partiu também o militante proveniente de Montevidéu para dirigir-se ao Rio de Janeiro. A ele foi dado o endereço de De Ambris e pedido que levasse a ele saudações fraternas e notícias da "bela festa que serviu para consolidar a solidariedade e revigorar o entusiasmo dos trabalhadores de Ribeirão Pires, especialmente os pedreiros"[150]. O envio desse delegado a Montevidéu é mais um exemplo do esforço dos trabalhadores também do Brasil em manter-

[149] "Una bella festa operaia". *La Scure*, 04-06-1910, 151.
[150] Idem.

se em comunicação constante e aprender com a experiência de trabalhadores de outros países.

De Ambris nesse período tinha ido para o Rio, onde além de continuar a escrever *La Scure*, trabalhou na Agência de informações Havas. No número de 21 de maio de 1910, o jornal anuncia que por motivos de trabalho De Ambris tinha se dirigido ao Rio de Janeiro, onde ficaria somente por algumas semanas. Entretanto, ele acabou ficando mais tempo. Nesse período ligou-se ao grupo de escritores boêmios, inclusive Olavo Bilac. Antônio Cândido acha que pode ter havido influência de De Ambris nas vagas idéias socialistas que Olavo Bilac manifestou algumas vezes. Como vimos, De Ambris sempre manifestou grande interesse pela literatura e pela poesia. Chegou até a escrever um romance, que foi publicado em capítulos no *Avanti!* de São Paulo[151].

La Scure continuou voltado para a análise dos acontecimentos referentes ao movimento operário e a colônia italiana sobretudo da cidade e do estado de São Paulo.

Mas em 1911, abalado profundamente com a morte do irmão Alfredo, vítima de febre amarela, De Ambris resolveu partir para a França.

6. 1 O retorno à Itália e a oposição às guerras coloniais

Em 1911 e 1912, De Ambris estava em Lugano, na Suíça, mas reanima a direção de *L'Internazionale* e prepara a criação do que seria a *Unione Sindacale Italiana* (USI). Em outubro de 1913, De Ambris foi eleito para a Câmara dos Deputados, com muitíssimos votos, somente para, com a imunidade parlamentar, poder retornar à Itália, onde foi

acolhido por uma multidão. O jornal sindicalista *L'Internazionale* relatou o entusiasmo com que De Ambris foi recebido em Parma:

> "De Ambris foi objeto de uma entusiasta, merecida acolhida por parte dos trabalhadores sindicalistas, que quiseram manifestar, mesmo após cinco anos, o seu imutável afeto pelo homem afeiçoado à causa deles, à causa revolucionária. O cortejo das organizações sindicalistas com suas respectivas bandeiras dirigiram-se à estação ferroviária para esperar o orador, o qual na sua chegada é aclamado e depois acompanhado ao Teatro Magnani, lugar da conferência, já cheio de público vindo também dos distritos vizinhos"[152].

O retorno de De Ambris coincide com um acontecimento importante: a guerra da Líbia[153] e as repercussões e divisões que ela provocou no movimento sindicalista revolucionário e em todo o movimento socialista. Em opúsculo, *Contro il brigantaggio coloniale e per l'interesse del proletariato*, escrito em outubro de 1911, De Ambris entrou em conflito aberto com Arturo Labriola, o filósofo napolitano que havia sido importante teórico do sindicalismo revolucionário:

> "dou-me a pena para contradizer os amigos e companheiros que se deixaram tomar pelo sofisma nacionalista em nome do sindicalismo, que é, ao contrário, uma coisa completamente diferente do nacionalismo".

Acusava esses sindicalistas de justificar a pirataria abominável a qual a Itália se dedicava, mostrando-se indignado diante dos que consideravam justa o que para ele não era mais que o roubo de uma terra, feita sem nem um vestigio de um pretexto decente. Os sindicalistas partidários da guerra de Trípoli, que eram sobretudo os teóricos, como vimos, acusavam os sindicalistas contrários de estarem de acordo com os reformistas. De Ambris

---

[151] Todos os assinantes do *Avanti!* para o ano de 1904, que pagassem mais 3.000 réis, recebiam o romance de De Ambris, cujo título era *In cerca di fortuna. Studio di costumi coloniali*, escrito para o *Avanti!* . "I nostri premi". *Avanti!*, 24-12-1903, p.1.

por sua vez acusava-os de estarem de acordo com o primeiro-ministro, Giolitti, e com o rei, com o Banco di Roma, com os fornecedores do exército, com os aventureiros do exército e da política e com o Vaticano.

Já aqui em 1911, De Ambris não negava o que ele considerava a utilidade de uma guerra, mas não de uma guerra colonial:

> "Não estou longe de admitir que uma guerra possa ser algumas vezes um bom curso de pedagogia revolucionária e não uma proeza de bandidos, de prepotência contra os mais fracos, postos na impossibilidade de defender-se"[154].

Para ele porém, obviamente, nem todas as guerras tinham uma potencialidade de pedagogia revolucionária. Menos de todas teria uma guerra colonial, onde racionalmente não se poderia esperar que os italianos despertassem suas virtudes heróicas e se tornassem capazes de fazer a revolução. Para De Ambris seriam só jovens vítimas de uma loucura atroz, que iriam ao deserto para morrer de febre, cólera, etc.

Labriola procurava justificar a guerra colonial como uma necessidade econômica e nacional. Como a Itália era um país de emigração que precisava mandar os seus braços para as Américas distantes, porque não mandá-los para terras mais próximas e que não eram cultivadas por ninguém? Como a soberania da Turquia impedia que isso acontecesse pacificamente, removia-se, mesmo que com violência, esse impedimento, para dar lugar a quem queria trabalhar. De Ambris argumenta que essa espécie de expropriação para utilidade pública seria até justificável, mas segundo ele a questão era muito diferente. Para ele a conquista de Trípoli seria economicamente uma falência, politicamente um dano e

---

[152] "Sindacalista". *L'Internazionale*. 29-11-1913, p.1.
[153] Ver capítulo 1.

moralmente uma brutal injustiça. "O proletariado pode aceitar, desejar e invocar uma só guerra, a guerra civil, habilitando-se a combater e a tirar dela todos os benefícios não nos campos da exploração colonial, mas na dura disciplina do Sindicato Operário[155]. Para De Ambris o sindicalismo nacionalista tentando identificar o interesse do proletariado aos interesses de um militarismo predador, estava já condenado à morte.

6.2 "A Pátria não pode ser a nossa inimiga": De Ambris e a Primeira Guerra Mundial

As eleições de 1913 haviam tirado De Ambris do exílio. Deputado, ele se dedica inteiramente à organização sindical. Como vimos, os sindicalistas revolucionários participam da chamada Semana Vermelha, junto dos socialistas, anarquistas, republicanos e as várias organizações de trabalhadores, em uma greve geral que envolveu todo o país e despertou grandes esperanças. De Ambris considerava que essa greve geral tinha sido espontânea, levada pelas condições econômicas, mas atribuía à propaganda sindicalista revolucionária o mérito da preparação psicológica[156].

Mas embora essa tenha sido a agitação de maiores proporções na Itália desde a unificação, as greves foram cessando e com elas a esperanças de uma explosão revolucionária decisiva. Foi então que muitos revolucionários, incluídos os sindicalistas como De Ambris, desacreditaram da possibilidade de uma revolução iminente, por causa do despreparo militar do proletariado e das forças revolucionárias[157]. Ao mesmo tempo, De

---

[154] Alceste De Ambris. *Contro il brigantaggio coloniale e per l'interesse del proletariato*, p.78. Opúsculo de 1911 que se encontra na Biblioteca Lelio Basso, Roma.
[155] Idem, p.87.
[156] Ver Alceste De Ambris. "Dopo la bufera". *L'Internazionale*, 20-06-1914, p.1. Ver também Amedeo Osti Guerrazzi. "De Ambris, l'Unione Sindacale Italiana e l' intervento". *Giornale di Storia Contemporanea*, junho-2000, pp.38-58.
[157] Idem.

Ambris lamentava o desperdício de energia que tinha significado até então a luta entre as várias correntes de esquerda e considerava que da união das forças poderia surgir um programa capaz de acelerar o processo revolucionário, aproveitando a grande carga revolucionária que o proletariado tinha demonstrado nos últimos acontecimentos.

As várias desilusões levaram De Ambris a procurar uma nova estratégia. Na espera de uma situação política mais favorável, ele se convenceu de que era conveniente abandonar o sindicalismo revolucionário puro e promover a confluência de todos os revolucionários, sindicalistas, socialistas, anarquistas e republicanos com um programa político baseado na substituição das instituições políticas com uma Federação de cidades livres. Essa revolução federalista daria aos sindicatos operários os atributos que eles não tinham conseguido com sua ação direta. Tratava-se então de derrubar a monarquia, instaurar uma república, que procuraria um modelo de organização nas cidades livres medievais[158]. Tratava-se de retomar o conceito de cidade livre, adaptando-o às exigências da vida moderna, fazendo dela a organização integral, soberana e absolutamente autônomas limites do próprio território, absorvendo assim as funções úteis do estado, e reduzindo a um mínimo as competências do órgão central, até reduzi-lo a coordenador e intérprete das vontades locais. Desta nova sociedade o sindicato seria o núcleo essencial como árbitro da produção e da troca[159].

De Ambris acreditava que com este programa político era possível a convergência de todos os revolucionários: dos republicanos que veriam reconhecida a superioridade da forma institucional pela qual lutavam, dos socialistas, que em um federação livre de cidades capazes de administrar o bem comum podiam reconhecer a possibilidade de conquistar seus

[158] Esse novo projeto revolucionário tem uma clara relação com as idéias do poeta Giosuè Carducci que, como vimos, influenciou profundamente De Ambris.

ideais comunistas, sem cair na idolatria do Estado, dos anarquistas, que no esvaziamento do poder do Estado veriam realizar-se uma maior liberdade e enfim dos sindicalistas revolucionários, que veriam eliminados os impedimentos que obstaculizavam o desenvolvimento livre dos sindicatos operários[160]. Ao contrário do que esperava, seu projeto recebeu críticas de todos os lados, inclusive dos sindicalistas revolucionários, que viam ali um afastamento de De Ambris da ideologia sindicalista revolucionária. O sindicalista Agostino Lanzillo escreveu nas páginas de *L'Internazionale* criticando asperamente a virada de De Ambris e defendendo o sindicalismo revolucionário. Outro sindicalista, Giovanni Baldazzi considerava que De Ambris tinha caído num erro profundo ao considerar o município capaz de absorver as funções políticas, militares e judiciárias próprias do Estado, tarefas que no seu entender deveriam ser confiadas ao sindicato, única organização capaz de geri-las[161].

O debate foi interrompido pelo início da guerra, que dividiu os grupos políticos entre intervencionistas e não-intervencionistas e encontrou De Ambris em um momento de desorientação, de busca desesperada de soluções novas, que o levaria ao intervencionismo revolucionário.

Para De Ambris, uma guerra intereuropéia teria destruído o capitalismo e aberto o caminho para a revolução proletária. Depois de ter se posicionado contra a guerra, De Ambris em 18 de agosto de 1914 lançou pela primeira vez a palavra de ordem da guerra revolucionária. Seu raciocínio era o seguinte:

---

[159] Ver *L'Internazionale*, 04-07-1914, p.1.
[160] Idem.
[161] Ver Alessandro Roveri. *op. cit.*, p. 37.

"Independente da nossa vontade – a guerra está acontecendo. O que devemos fazer? Refugiar-nos em uma negação estéril, ou ver se não é possível tirar desse conflito terrível algum benefício revolucionário?"[162]

Até 24 de maio de 1915, ele foi um dos animadores mais decididos do intervencionismo revolucionário. Os sindicalistas revolucionários nunca tinham sido pacifistas, visto que eram fiéis ao conceito da violência como criadora da história. As discussões por ocasião da guerra da Líbia tinham sido não uma recusa da guerra, mas do imperialismo. De Ambris argumentava que do mesmo modo que ele tinha defendido a Líbia naquela ocasião, no contexto da Primeira Guerra ele se posicionava em favor da França, ignorando o problema de que essa guerra era uma guerra imperialista, tanto num campo como no outro. O argumento dele, no fundo era o de defender as liberdades fundamentais das nações democráticas ocidentais. Essa escolha porém, separou os sindicalistas revolucionários da sua base, os trabalhadores. Uma carta escrita por Filippo Corridoni em agosto de 1914, da prisão onde ele se encontrava desde a *Settimana Rossa*, demonstrava uma consciência desse distanciamento:

"A simpatia que eu sinto pela Bélgica mártir e pela França ameaçada, impõem-me uma determinação que escandalizará certamente a grande maioria dos trabalhadores e talvez também muitos companheiros"[163].

L'Internazionale recebeu inúmeras cartas de trabalhadores contrários à propaganda dos sindicalistas em favor da entrada da Itália na guerra. Grande parte dos membros da USI também condenou a ação intervencionista dos sindicalistas revolucionários. A resposta deles na reunião do conselho geral foi:

---

[162] Alceste De Ambris. "Atto di fede e di sincerità". *Linternazionale*, 29-08-1914, p.1 citado por Amedeo Osti Guerrazzi. *De Ambris...*, *op.cit*, p. 52.

"Nós odiamos o militarismo, o imperialismo, a guerra: justamente por isso odiamos aqueles que pretendem impor esses flagelos à humanidade, lançando-a novamente na barbárie"[164].

A favor da proposta de De Ambris votaram as Câmaras do trabalho de Parma, Milão e Castrovillari. Os líderes sindicalistas revolucionários abandonaram a USI, acabando assim, praticamente, a experiência do sindicalismo revolucionário. Armando Borghi assumiu a liderança da organização, dando-lhe um caráter anarquista.

Os sindicalistas revolucionários intervencionistas recriaram o Comitê sindical milanês do qual fizeram parte também sindicalistas republicanos. Essa organização desenvolveu uma certa atividade também durante a guerra.

Declarada a guerra à Áustria-Hungria, De Ambris, coerente com a sua posição, alistou-se como voluntário. A experiência da guerra, da qual ele participou como soldado, aos 40 anos, desenvolveu nele um componente nacionalista, embora ele continuasse combatendo o nacionalismo conservador. De Ambris chegou a afirmar:

"A Pátria não é, não pode ser a nossa inimiga; ela é, ao contrário, ela deve ser a grande Mãe de todos nós. Para isso é necessário arrancá-la do monopólio das classes parasitárias, para devolvê-la aos trabalhadores, aos seus filhos mais dignos"[165].

Era a idéia da existência de duas tradições italianas, que guiava as escolhas de De Ambris nesse debate sobre a entrada ou não da Itália na guerra, quando considerará finalmente amadurecidas as condições para reconduzir a Itália à missão libertadora dos povos oprimidos e imaginar uma luta maior e mais feliz: o povo em armas por um ideal de

---

[163] Carta citada por Yvon De Begnac. *Corridoni. L'Arcangelo sindacalista*. Milano, Mondadori, 1943, p. 776.
[164] *L'Internazionale*, 19-09-1914, p. 1.
[165] Frase de De Ambris reproduzida em *In memoria di Alceste de Ambris*, número único publicado pelos amigos de De Ambris por ocasião do aniversário de sua morte, em 9 de dezembro de 1947. Esse número, de 4 páginas, encontra-se no Centro Studi Storia del Lavoro de Imola na Itália.

justiça superior, por uma nova ordem do mundo. Também as passagens sucessivas, na experiência na Fiume dannunziana, da "Liga das nações prostradas do globo" contra as "nações predadoras", e portanto a proposta do "nacionalismo revolucionário", estavam neste fio que tinha origem na incubação mazziniana dos anos noventa do XIX[166].

Eric Hobsbawm observa como movimentos socialistas que rejeitavam o sistema acabaram caindo na sua teia ao se unirem contra um inimigo comum: na guerra iniciada em 1914, a maioria deles se uniu a seus governos e classes dominantes. Havia a reivindicação do monopólio do patriotismo pela extrema direita política e a estigmatização de todos os demais grupos políticos como traidores da pátria. Mas Hobsbawm destaca o fato de que esse fenômeno era novo: durante quase todo o século XIX, o nacionalismo tinha sido identificado com movimentos liberais e radicais e com a tradição da revolução francesa. Então nacionalismo e patriotismo como ideologia tomada pela direita era muito diferente da idéia da *Europa das nações* defendida, como vimos, por Giuseppe Mazzini, o grande profeta do nacionalismo no século XIX. As bandeiras do patriotismo se tornaram uma propriedade da direita política, tanto que a esquerda resistia a empunhá-las, mesmo nos casos em que o patriotismo identificava-se com a revolução e a causa do povo[167].

De Ambris, como vimos, manteve-se sempre ligado a um certo nacionalismo democrático, à idéia *risorgimentale* da Itália proletária, que deveria estar sempre pronta a auxiliar outras nações que fossem ameaçadas nos seus direitos fundamentais. Ao mesmo tempo, há indícios que demonstram a confiança de De Ambris na possibilidade da guerra desencadear uma transformação revolucionária na Itália.

---

[166] Ver a teoria do "italianismo revolucionário" na relação preparada por De Ambris para o congresso da Unione Italiana del Lavoro de 1921: "I rapporti internazionali fra le organizzazioni proletarie", *Pagine Libere*, agosto-setembre 1921; e "Il nostro 'nazionalismo'" *L'Internazionale*, 15 de outubro de 1921. Citado por Umberto Sereni, introdução a Alceste De Ambris, *Lettere dall'esilio, op. cit.* p.45.

Um documento policial parece confirmar a tese de De Ambris sobre a guerra que desencadearia a revolução. Em 18 de abril de 1916 a polícia de Milão comunicava que:

> "No trem elétrico Milão-Monza, à noite uma pessoa que fingia dormir e que referiu à autoridade local de Segurança Pública, surpreendeu uma conversa entre o deputado De Ambris e Bianchi Michele, secretário dos fasci revolucionários intervencionistas. Bianchi pedia instruções a De Ambris sobre os fasci e este declarava que as coisas se desenvolviam no melhor modo; que o descontentamento era bastante vivo, mas que o momento certamente não tinha ainda chegado para provocar dissídio entre o povo armado e o governo. De Ambris acrescentou que tudo levava a crer que dali a não muito tempo as condições das classes menos favorecidas e o problema econômico (...) tornarão possível contar sobre uma orientação precisa das massas e sobre movimentos impulsivos do gênero dos verificados em 1898... Nós, ele dizia,... devemos mais trabalhar o exército, os soldados, a seu tempo, quando terão visto qual fruto recolhem as classes trabalhadoras, não serão certamente monárquicos. É isso que temos que fazer! Nada de movimentos intempestivos, portanto, mas a espera confiante no criar-se inevitável de um motim, que pensaremos em disciplinar a seu tempo. Diz o declarante que depois passaram a falar em voz muito baixa, quase nos ouvidos"[168].

Pierre Monatte, um dos poucos sindicalistas revolucionários franceses que se mantiveram fiéis ao internacionalismo declarou em uma carta de setembro de 1914, que ele entendia a atitude de De Ambris, entendia as razões que o moviam, embora Monatte desejasse que a Itália permanecesse neutra[169].

A Revolução Russa pareceu para ele uma confirmação da sua tese da guerra revolucionária e lançou a palavra de ordem "a terra aos camponeses". Em 1917, aliou-se a um grupo heterogêneo de socialistas intervencionistas, com outros sindicalistas revolucionários como ele.

---

[167] Ver Eric Hobsbawm. *A Era dos Impérios (1875-1914)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988 e *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.
[168] Pasta de De Ambris no CPC, ACS de Roma.
[169] Carta de Monatte a J. Guillaume publicada em *Syndicalisme révolutionnaire et comunisme. Les archives de Pierre Monatte*, pp. 28-29 citado por Lorenzo Gestri. "Note bibliografiche, appunti provvisori, um texto e

A avaliação dos sindicalistas revolucionários sobre a Revolução Russa variou muito. Alguns compreenderam o seu profundo significado histórico e demonstraram simpatia como tinham feito em 1905. Arturo Labriola, por exemplo, considerou o regime dos Conselhos dos delegados operários "o novo tipo de instituição que torna possível o governo direto dos produtores"[170]. Outros a criticaram duramente. Angelo Olivieri Olivetti, por exemplo, definiu o novo regime russo como "despótico e pessoal" e Lenin como "uma imitação de Robespierre", e o partido bolchevique como "um produto monstruoso de uma tirania monstruosa, misto de marxismo indigesto com jacobinismo burguês"[171].

De Ambris estava entre aqueles que a viram com bons olhos. Em agosto de 1917, De Ambris, junto com Giuseppe Giulietti, escreveu um Memorial em nome das formações do intervencionismo de esquerda para apresentar à delegação dos Sovietes, saudando calorosamente os representantes da "nova Rússia" e explicando suas posições:

> "Não queríamos a vitória do militarismo e do imperialismo. Recusavamo-nos a contribuir para a vitória daqueles Estados da Europa que tinham forjado a mais formidável técnica e política a serviço da reação interna e externa. (...) Não sabemos se do exterior a intervenção italiana tenha sido considerada somente como ato de governo. A verdade é que, ao contrário, se juntaram na intervenção, após uma luta interna muito áspera, forças democráticas e revolucionárias contra as forças conservadoras.(...) Nos primeiros dias do conflito europeu, uma parte muito potente do partido monárquico, o partido clerical, e o partido nacionalista, teriam desejado a intervenção a favor dos impérios centrais e criticavam a neutralidade, porque na Áustria e na Alemanha, viam os baluartes da reação internacional, da política e da força que se sobrepõe ao direito no interior e no exterior; (...) As forças populares italianas que quiseram a intervenção são portanto muito mais próximas do que as forças neutralistas ao espírito animador da nova Rússia. À Itália nós queremos que seja reconhecido o direito a completar a revolução iniciada em 1848

---

um documento per servire ad uma biografia di Alceste De Ambris". *Cronache e Storia di Val di Magra.* Aulla, anno VI, 1977, p. 218.

[170] G. B. Furiozzi. *Il sindacalismo..., op.cit.*, p. 72.

[171] Idem, p. 73-74.

> para a expulsão do estrangeiro do seu solo, para a libertação dos seus filhos, para a unificação, para a tutela da sua independência"[172].

Para ele, o povo italiano, liberando-se dos estrangeiros, dos tiranos, do poder temporal dos papas, aspirava "a realizar todas as mais audazes libertações políticas e sociais.

De Ambris luta na guerra. Em setembro de 1916, a polícia registra que ele volta ao fronte depois de uma licença de 3 meses.

Em 26 de março de 1917, De Ambris no Teatro Regio realiza uma conferência com o tema "Durante e dopo la guerra", tentando explicar as suas posições. Após ter ilustrado os objetivos da guerra, insistindo especialmente sobre as vantagens que ela traria ao proletariado, porque a paz vitoriosa seria baseada nos princípios da igualdade e de liberdade entre os povos. Afirma a polícia italiana que na saída do teatro alguns neutralistas e diversas mulheres o vaiavam e se não tivesse sido protegido pela força pública e pelos amigos dele teria se encontrado em situação difícil. Os socialistas saíram fortalecidos da guerra, por terem se posicionado decididamente contra a participação da Itália.

Alguns autores consideram que a posição sindicalista revolucionário diante da Primeira Guerra Mundial levou à falência do movimento, pois ele teria renunciado a dois princípios básicos que o tinham caracterizado até então: a autonomia e o antagonismo com a nação[173].

Houve uma tentativa de fazê-lo renascer. Em 1918 o comitê Sindical milanês, que tinha sido formado pelos sindicalistas que tinham abandonado a USI, transformou-se na

---

[172] "I partiti politici interventisti d'avanguardia ai rappresentanti del Soviet", *Il Popolo d'Italia*, 11 agosto 1917. Apêndice em Renzo De Felice. *Mussolini il rivoluzionario 1883-1920*, Torino, 1965. Sobre esse tema ver também G.B. Furiozzi. *Il sindacalismo..., op. cit.*, pp. 72-74.

[173] Ver, por exemplo, Jacques Julliard. "La CGT devant la guerre". *Mouvement Social*, n.48, 1964.

Unione Italiana de Lavoro, a UIL, que conseguiu a adesão de 50 organizações de categoria, num total de 137.000 filiados. Seu programa afirmava que a UIL reunia sindicatos operários que pretendessem desenvolver sua ação independentemente de qualquer partido político e que tinha como objetivo a luta contra o capitalismo e a transferência gradual para a classe trabalhadora organizada da gestão da produção e da distribuição da riqueza. Defendia-se também que a UIL, mesmo desenvolvendo sua ação em harmonia com o princípio de solidariedade internacional, consideraria sempre as condições gerais do desenvolvimento e da liberdade da Itália, que a classe operária não devia renegar, mas conquistar, renovando radicalmente as suas instituições. O jornal da união foi chamado *Italia Nostra* e seu mote era "A Pátria não se nega, se conquista"[174].

Edmondo Rossoni tornou-se o secretário da nova organização. Embora mantendo princípios rigidamente classistas, a UIL estava fortemente permeada pelo sentimento nacional e pela idéia de pátria. Aqui também houve a adesão do movimento republicano. As organizações da província de Parma também aderiram à União e realizaram grandes greves agrárias nos anos de 1919 e 1920. A primeira ocupação de fábrica do pós-guerra também foi dirigida pela UIL em 1919 em um estabelecimento metalúrgico em Dalmine, onde os trabalhadores puseram, além da bandeira vermelha, a bandeira da Itália. Ao programa da UIL, De Ambris acrescentou a proposta de expropriação de todas as terras não cultivadas diretamente pelos proprietários.

No congresso da UIL realizado em Roma em janeiro de 1919, além da defesa da unidade sindical, foram estabelecidos os seguintes princípios: igualdade absoluta dos direitos políticos; renovação gradual das administrações públicas; controle da produção e dos lucros; oito horas de trabalho diário para todos os trabalhadores da agricultura e da

[174] Ver G.B.Furiozzi. *Il sindacalismo rivoluzionario..., op.cit.*, p. 69.

indústria; um salário mínimo estabelecido de acordo com as necessidades da vida; expropriação do latifúndio e terra aos camponeses associados; escolas gratuitas para todos até 16 anos; revisão e limitação das riquezas pessoais e familiares; liberdade incondicional de imprensa, de expressão, de associação; desarmamento em proporções iguais para todas as nações; constituinte nacional. Houve uma ação imediata para a conquista das oito horas e do salário mínimo e participação intensa da UIL na agitação que levou à ocupação das fábricas. No congresso realizado em Parma em 1921, a UIL confirmou: a absoluta autonomia da classe operária em relação a qualquer partido ou ideologia; a ação direta das classes produtoras em relação aos poderes públicos; a representação das categorias econômicas nos órgãos eletivos; absoluta autonomia municipal; autonomia política e administrativa das regiões; eliminação progressiva das funções do Estado central.

A ação e os princípios gerais da UIL não foram levados adiante porque, com o fortalecimento do movimento fascista, houve conflitos entre os dirigentes sindicais sobre a postura que deveriam ter diante dele. Alguns, liderados por Edmondo Rossoni, separam-se em 1920, para fundar, em Ferrara, os Sindicatos Econômicos, primeiro núcleo dos futuros sindicatos fascistas, dos quais Rossoni foi o chefe[175]. É nesse período que Mussolini começa a defender a idéia de se constituir o que ele chamou de *sindicalismo nacional*. Em 1921, esse sindicalismo já tinha seus teóricos. Sergio Pannunzio escreveu um livro onde argumentava que "não se fala mais tanto de sindicalismo revolucionário, negativo, parcial, operário; mas de sindicalismo construtivo, orgânico, geral, de todas as classes, integral: Sindicalismo nacional"[176]. Apresentava também o fascismo como disciplinador das classes sociais. A virada mais clamorosa foi a de Angelo Oliviero Olivetti, importante sindicalista

[175] Essa questão será analisada no último capítulo, dedicado à Rossoni.

revolucionário que se rendeu ao fascismo no início de 1923. Olivetti considerava que o fascismo era um fato e que era necessário enfrentá-lo de dentro, não de fora, e que só o sindicalismo poderia dar vitalidade ao fascismo[177]. Olivetti escreveu que a nação era superior às classes[178]. De um sindicalismo revolucionário que pretendia transformar radicalmente a estrutura social, passou-se a esse sindicalismo nacional que se transformará no chamado corporativismo fascista.

Mas é importante esclarecer que se muitos sindicalistas revolucionários passaram ao fascismo, nem todos o fizeram. Entre os mais famosos aderiram Panunzio, Olivetti, Agostino Lanzillo, Paolo Mantica, Michele Bianchi, Edmondo Rossoni, Cesare Rossi, Umberto Pasella, Paolo Orano, Tullio Masotti e Ottavio Dinale. Mas Ernesto Cesare Longobardi aderiu ao partido comunista, assim como o organizador Giuseppe Di Vittorio e outros, Enrico Leone permaneceu um crítico do regime, Arturo Labriola exilou-se[179]. De Ambris, como veremos, partirá para a França.

Da UIL, mas também da USI, sairão alguns dirigentes sindicais fascistas. Mas essas organizações se opuseram ao fascismo, procurando resistir, em vão, à ofensiva fascista. A Aliança do Trabalho de 1922, que reuniu a CGL, socialista, a USI, anarquista, e a UIL, sindicalista revolucionária e os trabalhadores do porto e das ferrovias, dissolveu-se após o fracasso da greve geral de 31 de julho. Uma nova aliança entre CGL, CIL (confederação dos sindicatos católicos) e a UIL foi tentada com o fascismo no poder, em 1924, mas não foi possível conter a obra de destruição dos sindicatos livres, que se tornaria lei em 1926.

---

[176] Sergio Pannunzio. *Diritto, forza e violenza*. Citado por G.B. Furiozzi. *Il sindacalismo rivoluzionario..., op. cit.*, p. 76.
[177] Ver G.B. Furiozzi. *Il sindacalismo rivoluzionario..., op.cit.*, p.76.
[178] Idem.
[179] Embora tenha cedido no momento da guerra da Etiópia, em 1935, onde ele vislumbrou uma retomada do "imperialismo proletário" dos sindicalistas, que ele tinha defendido décadas antes durante a guerra da Líbia.

Mas voltemos à trajetória de De Ambris. Em 1919, ele tinha se aproximado do poeta Gabriele D'Annunzio e o tinha acompanhado na aventura política e militar de Fiume, procurando influenciá-lo no sentido de dar uma dimensão operária ao movimento, como veremos na próxima parte do capítulo.

6.3 "Um mínimo de salário, o bastante para se viver bem": De Ambris e a experiência de Fiume. O seu corporativismo

Uma relação de estreita continuidade liga o agosto de 1914, época da primeira formulação de De Ambris sobre o intervencionismo revolucionário, à experiência de Fiume. Sua associação à aventura fiumana estava também ligada o seu último projeto anterior à guerra, a das cidades livres. A cidade de Fiume[180], alvo de disputa entre a Itália e a Iugoslávia, havia ficado após a guerra em uma situação indefinida. Em setembro de 1919, alguns setores militares rebeldes, junto com alguns grupos de voluntários, sob o comando de Gabriele D´Annunzio, ocuparam Fiume, que estava sob um controle internacional, e declararam sua anexação à Itália. Tendo D´Annunzio se afastado dos nacionalistas, De Ambris se tornou seu maior conselheiro político. A idéia de fazer uma tentativa revolucionária de esquerda junto com D´Annunzio vinha sendo alimentada há algum tempo

[180] Do ponto de vista das relações internacionais, a Itália tinha saído fortalecida da Primeira Guerra. Não só tinha atingido os tão sonhados "limites naturais" mas tinha eliminado das suas fronteiras o inimigo tradicional, o império dos Habsburgo. Entretanto, a dissolução do Império austro-húngaro apresentava uma série de problemas que não tinham sido previstos quando a Itália aceitou o pacto com a Inglaterra, França e Rússia e entrou na guerra, que estabelecia que a Dalmácia (hoje parte da Croácia), habitada sobretudo por eslavos e reivindicada pelo novo Estado iugoslavo fosse anexada à Itália e que a cidade de Fiume, onde os italianos eram maioria, ficasse para o Império austro-húngaro. A delegação italiana na Conferência de Versalhes pediu a anexação de Fiume com base no princípio da nacionalidade, além dos territórios prometidos em 1915. Essa reivindicação encontrou a oposição dos aliados. Os representantes italianos abandonaram Versailles e foram recebidos na Itália com grandes manifestações patrióticas. Entre os setores italianos burgueses vai se criando um sentimento de hostilidade em relação aos ex-aliados e em relação ao

em várias partes da Itália. De Ambris vê ali a possibilidade de construção de uma primeira experiência sindicalista revolucionária concreta, de uma sociedade nova e viveu aquela experiência como o anúncio de um mundo libertado. Nas cartas à sobrinha, recordará de Fiume como "um acampamento sonante de cantos, vibrante de entusiasmo, ardente de esperanças"[181]. No seu primeiro discurso em Fiume, De Ambris afirmava:

> "Fiume hoje não significa mais somente um pedaço de terra que quer retornar à Mãe Pátria. Fiume hoje significa no mundo uma idéia e uma tocha: o ponto de convergência de infinitas esperanças, o centro de irradiação de um movimento grandiosa de libertação.(...) Aqui nas margens do Quarnaro, uma vez que aqui se fixam os olhares e as esperanças de todos os oprimidos e daqui nós queremos forçar a Itália a posicionar-se em defesa de todas as nações pobres e exploradas"[182].

Com esse espírito e com esta finalidade trabalhava na elaboração da Constituição de Fiume, concebendo-a como "uma estrada aberta em direção ao futuro" e como a base jurídica de um Estado de democracia real avançada. A constituição de Fiume, elaborada por De Ambris, com uns toques de D´Annunzio, garantia as liberdades de pensamento, de imprensa, de reunião, de associação, a igualdade civil entre os sexos, o caráter laico do Estado, o voto universal secreto, direto e proporcional, o direito de iniciativa e referendo, as responsabilidades pessoais e a possibilidade de revogação dos investidos de funções públicas, a nação armada, a escola laica gratuita, o trabalho remunerado com um mínimo de salário bastante para se viver bem, a assistência nas enfermidades, na invalidez, no desemprego involuntário, a aposentadoria de descanso para a velhice, o uso dos bens legitimamente adquiridos, a inviolabilidade do domicílio, o habeas corpus, a reparação dos

---

próprio governo, considerado incapaz de defender os interesses nacionais. Começou-se a falar de vitória mutilada, expressão inventada por Gabriele D´Annunzio, que tinha assumido o papel de poeta nacional.

[181] Ver Alceste De Ambris. *Lettere dall´esilio, op.cit.*

[182] "Non è mai tardi per andar più oltre". (discurso feito por Alceste De Ambris aos fiumanos em 11 de janeiro de 1920) *La Testa di Ferro*, 01 fevereiro de 1920.

danos em caso de erro judiciário e de abuso de poder[183]. "Nenhum povo, até agora, nunca teve na sua lei uma liberdade tão ampla, uma justiça tão plena"[184] . De Ambris explorou com habilidade as aspirações meio confusas de renovação política e social de D´Annunzio e a sua vaidade e o fez aprovar o seu projeto constitucional, que foi anunciado em 30 de agosto de 1920[185].

No texto de De Ambris para a Constituição, a *Republica del Carnaro*[186] deveria ser uma democracia direta baseada no trabalho produtivo, tendo como critério orgânico as mais amplas autonomias funcionais e locais. Afirmava assim a soberania coletiva de todos os cidadãos sem distinção de sexo, de raça, de língua, de classe nem de religião; mas reconhecia maiores direitos aos produtores e descentralizava o máximo possível os poderes do Estado, assegurando a convivência harmônica dos elementos que a compunham. Nenhum cidadão poderia ser privado dos seus direitos, senão por julgamento regular e sentença de condenação. A Constituição garantia a todos os cidadãos o exercício das liberdades fundamentais de pensamento, de expressão, de imprensa, de reunião e de associação. Todos os cultos religiosos eram permitidos, mas as opiniões religiosas não podiam ser invocadas para o não-cumprimento dos deveres prescritos pela lei. Considerava a propriedade como uma função social, não como um direito ou privilégio individual. Por isso, o único título legítimo de propriedade sobre qualquer meio de produção e de troca era o trabalho, que tornava a própria propriedade frutífera em benefício da economia geral. O porto e as ferrovias compreendidas no território da República eram propriedade perpétua e inalienável do Estado.

---

[183] Renzo De Felice (a cura di). *La Carta del Carnaro nei testi di Alceste De Ambris e di Gabriele D´Annunzio*. Bologna, Il Mulino, 1973, pp.34-75.
[184] Alceste De Ambris a Gabriele D'Annunzio, 18 março de 1920, in *La Carta del Carnaro, op. cit.*, pp.79-87.
[185] Ver G.B. Furiozzi. *Il sindacalismo..., op.cit.*, p. 74.
[186] Carnaro é o nome do rio que atravessa a cidade.

Três elementos deveriam contribuir para formar as bases constitucionais da República: os cidadãos, as corporações e os municípios. Todos os cidadãos a partir dos vinte anos poderiam eleger e serem eleitos para todos os cargos públicos, sem distinção de sexo. Todos os cidadãos, incluídas as mulheres, deveriam prestar o serviço militar para a defesa da República. A república considerava o mais alto dos seus deveres a instrução e a educação do povo, não somente no que se referia à escola primária e profissional, mas também para as manifestações superiores da ciência e da arte, que deveriam ser acessíveis a todos os que demonstrassem capacidade de compreensão.

Na parte referente às corporações, lia-se que todos os cidadãos que contribuíam para a prosperidade material e para o desenvolvimento civil da República, com um contínuo trabalho manual e intelectual, eram considerados cidadãos produtivos e deveriam ser obrigatoriamente inscritos em uma das seguintes categorias, que constituíam as corporações: 1) operários assalariados da indústria, da agricultura, do comércio e dos transportes. A esta categoria pertenciam também os pequenos artesãos e pequenos proprietários de terra que não tinham empregados, ou que os tinham em número muitíssimo reduzido ou como ajuda temporária. 2) pessoal técnico e administrativo de empresas privadas industriais e agrícolas, desde que não fossem co-proprietários das empresas. 3) empregados das empresas comerciais não operários propriamente ditos. 4) Proprietários da indústria, agricultura, comércio e transportes que se ocupavam pessoalmente, diretamente e continuamente da gestão da empresa. 5) funcionários públicos de qualquer tipo. 6) professores das escolas públicas e estudantes dos institutos superiores. 7) Profissionais liberais não incluídos nas categorias precedentes. As cooperativas de produção, trabalho e consumo, tanto agrícolas como industriais, constituíam também uma corporação, que podia ser representada exclusivamente pelos administradores das cooperativas.

As corporações deveriam ter plena autonomia no que se referia a sua organização e ao funcionamento interno. Elas tinham o direito de impor uma taxa profissional aos inscritos para prover às próprias necessidades financeiras. As corporações tinham o direito também de possuir em nome coletivo, bens de qualquer espécie. Os inscritos em cada uma das corporações deveriam constituir um corpo eleitoral para eleição dos próprios representantes no Conselho Econômico[187]. De Ambris apresentou, sob encomenda de D'Annunzio, esse desenho de Constituição, como se vê em uma carta de 18 de março de 1920. Essa foi a primeira elaboração da doutrina sindicalista revolucionária, de tipo corporativo, em termos jurídico-constitucionais.

D'Annunzio aceitou o projeto de constituição elaborado por De Ambris também nas partes sobre os direitos dos trabalhadores, sobre a função social das propriedades, o papel da corporações, que despertavam as críticas dos representantes mais moderados da expedição fiumana. Mas D´Annunzio associou a ela outros aspectos determinantes do seu projeto. Ele acrescentou o artigo sobre as crenças religiosas, o da edilidade, o da música e as partes conclusivas dos artigos que tratam das Corporações e da Instrução Pública.

As organizações operárias inglesas e francesas julgaram a expedição dannunziana em Fiume como um ato de imperialismo e convidaram os trabalhadores italianos a boicotá-la. De Ambris, entretanto, manifestou desde o início o seu apoio e fez adotar por parte da Unione Italiana del Lavoro um documento de plena solidariedade à empresa de Fiume. A UIL promoveu também a acolhida na Itália das crianças de Fiume, iniciativa que renovava, como vimos, o que tinha acontecido em Parma em 1908. Porém a tentativa de transformar Fiume em uma república democrática resultou em um grande fracasso, com grande número de mortos pela ação do governo italiano.

---

[187] Renzo De Felice (a cura di) *La Carta del Carnaro*, *op. cit.*, pp. 36 a 62.

Para Sereni, é o poeta Shelley que realiza a conjunção entre D'annunzio e De Ambris. De Ambris tinha um grande conhecimento da obra de Shelley e dedicou escritos ao "poeta de todas as rebeliões". O mito da libertação estava na base da relação deles. No exílio antifascista, De Ambris mais tarde passou a ter de D'Annunzio um juízo decisivamente negativo, pelos seus compromissos com o regime fascista. Mas De Ambris continuou insistindo no valor da *Carta del Carnaro* e da experiência de Fiume, como parte da história da libertação dos oprimidos, e insistiu sobre a distância entre o seu corporativismo e o fascismo:

> "A carta del Carnaro não contém nada que pareça nem de longe com a legislação fascista. Deve-se reconhecer que ela é o exato oposto, porque a *Carta del Carnaro* é toda animada do mais largo e audaz conceito de liberdade democrática, como necessário pressuposto da organização do Estado[188].

Segundo Renzo De Felice[189], a Carta del Carnaro não tem nada a ver, no espírito e na substância, com o corporativismo e com os programas de reforma político-social fascistas, embora alguns fascistas demagogicamente ou sentimentalmente assim o afirmassem. O corporativismo de De Ambris, segundo ele, presente na Carta del Carnaro, deve ser visto e estudado como uma espécie de síntese (embora amadurecida em uma atmosfera irreal e exaltada do microcosmo legionário fiumano, no qual circulavam todos os estados de espírito, todas as idéias, todas as contestações, todos os propósitos revolucionários daquele tempo) das concepções sindicalistas revolucionárias desenvolvidas nas primeiras duas décadas do nosso século na cultura européia e em toda uma série de

---

[188] "Fiume e il fascismo". *La Libertà*. Paris, 29 de abril de 1922, citado por Sereni, *Lettere dall'esilio*, *op. cit.*, p. 89.

[189] O historiador italiano Renzo De Felice foi um grande historiador do fascismo e famoso biógrafo de Mussolini.

grupos subversivos radicais italianos e estrangeiros. Essa me parece a visão mais sensata sobre esse tema, mas não faltam autores que atribuem a de Ambris uma responsabilidade não secundária na gênese do fascismo e na elaboração do corporativismo fascista[190]. A Constituição de De Ambris foi considerada por representantes e estudiosos do fascismo como uma incubação deste movimento. Mas na verdade, ela seguia uma linha mazziniana e sindicalista e não burocrático-autoritária como o chamado corporativismo fascista.

Desde 1920, sabia-se que De Ambris havia participado da elaboração da Carta del Carnaro e que era o *segretario degli affari civili* do Comando do Exército Libertador em Fiume. Ele foi nomeado chefe de gabinete do comando dannunziano em 10 de junho de 1920. Até a chegada de De Ambris, a empresa fiumana tinha tido substancialmente dois objetivos: determinar a união de Fiume à Itália e provocar a queda do governo Nitti. É com a chegada dele que a empresa assume aquela posição de tentar construir uma república democrática.

As possibilidades de sucesso da iniciativa de De Ambris em Fiume dependiam de muitos fatores, mas pelo menos dois eram indispensáveis: o êxito da guerra civil e a efetiva disponibilidade de D'Annunzio. De Ambris solicitava a D'Annunzio que ele desse a sua solução à crise italiana. Todo a sua ação nesse período persegue o objetivo da intervenção do poeta como alguém capaz de resolver o drama nacional segundo os princípios da "revolução fiumana". D'Annunzio, portanto, como alternativa a Mussolini; il fiumanismo e a Carta del Carnaro contra os "traidores de Fiume" e os "escravistas agrários".

Antonio Candido observou que muitos pensaram em aproveitar a liderança de D´Annunzio num sentido de esquerda. Parece que até Lenin aconselhou a aliança com ele e

[190] Ver, por exemplo Robert Paris. "Um compagnonnage hasardeux: Alceste De Ambris" in *Campolonghi, une vie d'exil.* Paris, 1989, pp. 27-36. Essa questão será retomada na análise mais geral da relação entre

é certo que o governo soviético tentou uma aproximação com ele através de um embaixador[191]. Até Gramsci, que desconfiava de D´Annunzio, considerou que seu movimento tinha elementos populares apreciáveis[192].De Ambris tentava interromper as relações entre legionários e os fascistas, procurava a retomada do empenho nas organizações sindicais, e buscava coligar-se com outras centrais do movimento operário. Após o "natal de sangue", o massacre em Fiume, De Ambris tinha procurado manter unidos os ex-legionários fiumanos, para impedir que caíssem sob a influência fascista e nacionalista e procurando dar a essa associação um caráter decisivamente antifascista. Simpatias por D'Annunzio tinha tido também o amigo socialista de De Ambris, Luigi Campolonghi, que havia por um momento esperado poder utilizar o "comandante" em uma função anti-mussoliniana.

Para De Ambris, a paz dannunziana deveria fechar a guerra civil, garantindo um quadro institucional e social de amplas liberdades, que se configurava no Estado dos Produtores. Mas D´Annunzio acaba indo parar nos braços do fascismo.

Há uma curiosa ligação simbólica entre os legionários fiumanos e São Paulo. O mote e o símbolo da expedição à Fiume eram idênticos aos da cidade de São Paulo: *non ducor, duco* (não sou conduzido, conduzo) e o braço de um guerreiro que empunha uma lança e uma bandeira com uma cruz[193]. Embora atribuída a D´Annunzio, a idéia foi certamente de De Ambris, ou de outro companheiro de Fiume que também tinha vivido em São Paulo, onde D´Annunzio nunca estivera. Alguns documentos referentes ao período

---

sindicalismo revolucionário e fascismo no capítulo sobre Edmondo Rossoni.

[191] Antonio Candido, *op. cit.*, p. 70.

[192] Salvatore Romano. *Antonio Gramsci*, Torino, UTET, 1965, p. 453-9 citado por Antonio Candido, *op. cit.*, p. 70-71.

[193] Ver Paola Sorge (a cura di) *Motti dannunziani. Detti e parole d'ordine di un maestro di vita che hanno segnato un' epoca.* Roma, Newton Compton, 1994, p. 50.

posterior indicam também a presença de ex-legionários fiumanos em São Paulo[194]. As notícias sobre os acontecimentos de Fiume chegou ao Brasil de vários modos. O escritor e cônsul Afinso Lopes de Almeida, que fez parte da delegação brasileira na Conferência de Paz, foi até Fiume entrevistar D´Annunzio e relatou a experiência em um livro[195] e até Lima Barreto escreveu um artigo a respeito da aventura em Fiume[196].

Em 1922, Parma era novamente chamada, com De Ambris, a desempenhar um papel importante no cenário nacional: demonstrar a efetiva possibilidade de coesão daquele bloco nacional de combatentes e produtores que deveria conter o avanço do fascismo. Eram essas as premissas das barricadas de Parma, que em agosto de 1922 enfrentavam Italo Balbo e seus esquadrões fascistas: o sucesso dessa resistência popular, da qual De Ambris participou intensamente, foi a primeira verdadeira derrota da ação fascista. Essa ação dos trabalhadores rurais e urbanos de Parma, que tinham sido em grande parte intervencionistas, mas que depois contribuíram para uma longa resistência contra a violência fascista é apenas um exemplo de como militantes e trabalhadores permaneceram fiéis aos seus ideais revolucionários em nome dos quais eles tinham conduzido suas batalhas políticas e sindicais[197]. É importante observar aqui que, em Parma, sindicalistas revolucionários, futuristas, anarquistas e dannunzianos confluem para o Partido Comunista[198], o que é mais um argumento contra a idéia da passagem "natural" do sindicalismo revolucionário ao fascismo.

---

[194] Ver, por exemplo, documentos presentes na *Società Italiana de Mutuo Soccorso* de Piracicaba, São Paulo.
[195] Ver *O gênio rebelado.* Rio de Janeiro, Anuário do Brasil, 1923, citado por Antonio Candido, *op.cit.*, p. 70
[196] Ver "D´Annunzio e Lenine" in *Feiras e mafuás*, São Paulo, brasiliense, 1961 citado por Antonio Cândido, *op.cit.*, p. 70.
[197] Ver sobre a resistência dos trabalhadores de Parma ao fascismo *Dietro le barricate. Parma 1922.* Parma, STEP, 1983.
[198] Ver Umberto Sereni. *Comunisti a Parma.* Parma, Step, 1986.

De Ambris conhecia muito bem Mussolini. Tinha tido com ele grandes conflitos, que aparecem em vários artigos, mas tinha colaborado com ele nos anos da guerra e também por um breve período após a guerra, embora não tenha nunca aderido aos *Fasci di combattimento*, mesmo tendo estado em 1919, muito próximo destes. Mas logo tomou uma posição nitidamente antifascista, de um antifascismo democrático próximo às posições da Concentração antifascista de Paris, de que De Ambris e Campolonghi estavam entre os promotores.

Como observa Antonio Cândido, o comportamento de De Ambris após a guerra é um exemplo dos equívocos que o fascismo nascente podia suscitar em um militante de esquerda, tal era a confusão do momento[199]. De Ambris nunca aderiu ao movimento, mas esteve muito próximo dele, apesar das suas já antigas divergências com Mussolini.

Para um jornalista do jornal *L'Ordine Nuovo*, provavelmente o comunista Angelo Tasca, os fatos de Parma deslegitimavam o movimento fascista como herdeiro e representante da corrente revolucionária do intervencionismo. Parma deu a prova definitiva da identidade entre fascismo e o escravismo agrário afrontados pela massa rural.

Nesse período, Mussolini procurava neutralizar D'Annunzio e afastá-lo do grupo antifascista e de De Ambris, obviamente. Mussolini tinha força e De Ambris não e decidiu marchar sobre Roma antes deles. Mas ainda assim De Ambris continuou a pensar em D'Annunzio como alternativa a Mussolini. Achava que os fascistas não conseguiriam dominar a situação. Mussolini continuava a obra de desacreditar De Ambris.

O jornal *Il Nuovo Paese* continuava a campanha de isolamento e destruição política de De Ambris. Para desacreditar a tentativa da Constituição Sindical, no qual De Ambris tinha se empenhado, encontrando a adesão de Rinaldo Rigola e de Giuseppe Di Vittorio,

dois importantíssimos representantes do movimento sindical italiano, o jornal difundia a notícia da sua intenção de deixar a Itália para estabelecer-se definitivamente na França ou na América. No espírito dos fascistas, crescia a decisão de dar uma lição em De Ambris. A tarefa foi assumida pelos "esquadristas" de Gênova, cidade onde De Ambris tinha se transferido, e o fizeram na noite de 20 de dezembro de 1922. Ele foi tirado violentamente do bonde onde se encontrava, agredido e levado à delegacia, acusado de incitar D'Annunzio contra o fascismo.

Nesse momento, De Ambris escreve a Mussolini um desafio político e moral:

> "A minha posição em relação ao fascismo é conhecida, eu nunca pensei em seguir o exemplo daqueles que se tornaram fascistas repentinamente, após o fim de outubro. Continuo um adversário aberto; Creio de não exagerar do meu direito se peço para saber com alguma precisão até que ponto é lícito exprimir a própria independência de idéias, para poder circular sem moléstias"[200].

De Ambris se declarava irrecuperável para aquele fascismo que impunha a sua lei, negando as liberdades fundamentais e recolhendo as adesões entre os oportunistas e os aproveitadores. A impossibilidade de entendimento com Mussolini assentava-se numa concepção diferente sobre a relação entre política e moral, que já anteriormente os havia separado e contraposto, como afirma Renzo De Felice:

> "Mussolini como político sem escrúpulos, pretendia inserir-se na "grande política", no jogo pelo poder. Para chegar a isso todo caminho para ele era bom, qualquer aliança possível, todo compromisso lícito, e estava pronto a sacrificar até os princípios nos quais dizia acreditar mais(...) De Ambris era, ao contrário, um homem completamente diferente; ao seu caráter revolucionário e subversivo não teria nunca renunciado, assim como não

[199] Antonio Candido. *Teresina, etc .op. cit*, p. 69.
[200] "Una lettera di Alceste De Ambris a S. E. Benito Mussolini". *L'Internazionale*, 25-12-1922, p.1.

teria nunca renunciado aos seus princípios, aos seus ideais, sobre o altar do mero sucesso político"[201].

Essa questão da relação entre sindicalismo revolucionário e fascismo será retomada no capítulo sobre Edmondo Rossoni, que se tornou, este sim, o grande organizador do chamado sindicalismo fascista. Antes disso, vejamos brevemente o último exílio de De Ambris.

7. O último exílio na França

Poucas semanas depois, De Ambris retomou o caminho do exílio[202]. Na França tentava reencontrar a sua liberdade de ação. Paris se tornava o centro do antifascismo e acolhia os exilados que a elegiam a capital de uma Itália prostrada pela ditadura.

Sua ligação com os sindicalistas franceses era obviamente antiga. Em novembro de 1914, por exemplo, a Embaixada de Paris tinha informado a presença de De Ambris, "deputado revolucionário", em Paris, afirmando que durante a sua presença encontrou-se com companheiros franceses, redatores da local *Bataille Syndicaliste*, tendo a entrevista sido reproduzida por este periódico[203]. Em 1918 e 1919, o comissariado de polícia registra a ida de De Ambris a Paris para conferências.

Parece que só o assassinato do socialista Matteotti em 1924 não deixou mais nenhuma dúvida sobre o fascismo, apagando dele qualquer ilusão de uma potencialidade socialista. Mas antes disso, De Ambris, já em 1922, havia abandonado toda esperança de

---

[201] R. De Felice, *Sindacalismo rivoluzionario... op. cit.*, p.62.
[202] No exílio francês, De Ambris vivia com sua companheira, Maria, a filha dela e o marido desta, que trabalhava com De Ambris na venda de livros. Não tenho notícias de que De Ambris tenha tido outras companheiras.
[203] Ver pasta de De Ambris no CPC, ACS de Roma Archivio Centrale dello Stato, Roma, Itália.

uma fratura à esquerda do movimento fascista e estava nas barricadas de Parma, ao lado dos comunistas e socialistas contra os esquadrões fascistas de Italo Balbo.

Para aqueles que pretendiam se opor abertamente ao fascismo só havia dois caminhos, o exílio ou a clandestinidade. No exterior, sobretudo na França, que já abrigava uma comunidade italiana numerosa, reconstituíram-se os núcleos dirigentes dos dois partidos socialistas, maximalista e reformista, que se reunificaram em 1930, os republicanos e os liberais democráticos. Em 1927, esses grupos se reuniram em um único órgão, a Concentração antifascista.

O terceiro exílio de De Ambris foi o mais longo e o mais penoso. Quando vai para a França, tinha quase cinqüenta anos. Suportou o exílio até a sua morte ocorrida doze anos depois. Viveu na pobreza, trabalhando como vendedor de livros. Entre 1923 e 1924, Mussolini tenta convencê-lo a colaborar com o fascismo. Ele respondeu que

> "toda a política do governo presente nos propósitos manifestados também recentissimamente por Mussolini, que nada, absolutamente nada existe que me permita esperar um retorno do fascismo às suas origens republicanas, libertárias, sindicalistas. Vejo, ao contrário, que toda a política governativa se desenvolve em uma linha contrária, seguindo uma lógica que não pode ser a minha, com métodos que não podem ser os meus. E então, como poderia e porque deveria aceitar dividir responsabilidades que repugnam os meus fundamentais sentimentos de homem, de homem livre e de sindicalista?"[204]

O fascismo parecia então a De Ambris como o resultado de uma queda moral dos italianos, regredidos a uma condição de passividade e subordinação. Mais tarde escreveria:

> "O tormento que a Itália sofre há seis anos é talvez o castigo educador imposto a um povo cuja liberdade - obtida quase por milagre - não havia apreendido a retidão espiritual necessária à plenitude da sua vida civil. Bem acima de todo princípio político contingente e discutível a quem

[204] Renzo de Felice. *Sindacalismo rivoluzionario, op.cit.*, pp 141-145.

> queira interpretar o sentido profundo da crise assustadora que atravessa o nosso país, parece imperioso e eterno o dever de considerar aqueles valores morais absolutos cujo esquecimento constitui também hoje a nossa condenação coletiva e sem os quais é vão esperar ressurgir"[205].

Essa consideração do fascismo como expressão da fragilidade moral dos italianos, como uma defeito de caráter, levava-o a pensar na necessidade da construção de uma nova Itália, retomando as virtudes julgadas indispensáveis: a capacidade de sacrifício para o bem comum, o senso da dignidade, a coerência, a firmeza. É só então que De Ambris pronuncia a condenação moral de D'Annunzio, julgado desprezível por haver prostituído "por dinheiro a sua dignidade de homem e o seu orgulho de artista e a sua promessa fiumana"[206]. Em 1926, De Ambris publicou um livrinho sobre o caso de Matteotti, evidenciando, com documentos, a responsabilidade de Mussolini no assassinato do deputado socialista e argumentando que era "vergonhoso tolerar que a Itália seja governada ditatorialmente por um assassino e que a aversão suscitada por essa vergonha, encontre a vontade e a força para eliminá-la"[207]. No dia 3 de setembro do mesmo ano, um decreto régio infligiu a De Ambris a perda da cidadania italiana porque "tendo se transferido para Paris, após a Marcha sobre Roma, iniciou a publicação de um libelo, *La voce del Profugo*, fez parte da organização das "Legioni Garibaldine", fundou em Toulouse o semanário *Il Mezzogiorno*, é colaborador do jornal *Il Corriere degli Italiani*, e, em todo lugar, com a imprensa, com a palavra, em comícios públicos, está realizando obra deletéria (...) contra o fascismo"[208].

Esse documento nos dá idéia da intensidade da ação antifascista de De Ambris. O centro da sua atividade no exílio era a LIDU, Lega Italiana dei Diritti dell'Uomo, da qual

---

[205] Alceste De Ambris. *Amendola. Fatti e documenti*, Toulouse, 1927. Opúsculo presente na Biblioteca Lelio Basso, Roma.
[206] Ver Umberto Sereni, *Lettere dall'esilio, op.cit.*, p. 85.
[207] Alceste De Ambris. *Matteotti. Fatti e documenti*. Toulouse, Exoria, 1926.
[208] Documento citado por Umberto Sereni. *Lettere dall'esilio..., op. cit.*, p. 114.

foi com Campolonghi um dos fundadores e um dos membros mais importantes. Dela participavam representantes de todas as correntes da emigração política, menos os comunistas antes de 1934. Ela se ocupava da ajuda aos recém-chegados para obter documentos e o primeiro emprego, da emigração clandestina, da luta contra a expulsão, além de ser, é claro, um fórum de discussão[209].

Em 14 de junho de 1928, o Ministério das Relações Exteriores italiano envia telegrama comunicando que "o cônsul geral em São Paulo (Brasil) referiu resultar-lhe que Alceste De Ambris escreveu recentemente ao Prof. Piccarolo de São Paulo, informando que em Paris teriam chegado dois fiadores da Maçonaria[210] - um dos quais se chamaria Zanetti - com o objetivo de entrar em acordo com Turati e Treves sobre o comportamento que estes assumiriam frente à Coroa no caso da queda do Regime e da conseqüente passagem dos poderes ao Partido Socialista. De Ambris acrescenta não conhecer os resultados de tais negociações, às quais ele se demonstra contrário, declarando-se defensor de uma instauração republicana. Este é só um indício da participação de De Ambris no movimento antifascista.

Fontes muito interessantes para esse período da vida de De Ambris são as cartas que ele enviou à sobrinha Irma entre 1927 e 1934. A última carta é de 3 de dezembro de 1934, poucos dias antes da sua morte, ocorrida no dia 9. Estas cartas revelam também a vida

---

[209] Ver Eric Vial. "Notes sur l'exil et l'integration des italiens dans le societè française pendant le fascisme" in Maurizio Degl'Innocenti (a cura di). *L'esilio nella storia del movimento operaio e l'emigrazione economica*. Roma, Lacaita, 1992, p.178.

[210] Renzo De Felice, na introdução do livro Benito Mussolini - Quattro testimonianze (Alceste De Ambris, Luigi Campolonghi, Mario Girardon e Maria Rigyer) Firenze, La Nuova Italia, 1976 afirma que De Ambris (assim como Campolonghi e Rigyer) eram maçons. De fato, no período que vai de 1866 a 1874, a militância maçônica foi na Lunigiana, região de De Ambris, um fenômeno de amplas proporções, que atingiu não somente as cidadezinhas da planície, mas até os pequenos vilarejos das montanhas e atravessou todos os setores sociais. Ver Fulvio Conti. "La massoneria e lo sviluppo del movimento democratico e socialista in Lunigiana dopo l'Unità" in *Movimento socialista in Lunigiana tra la fine dell'Ottocento e il Novecento*, Pontremoli, Comunità Montana della Lunigiana, 1990.

cotidiana de De Ambris no exílio, o que nos ajuda a entender o sentido do drama por ele vivido:

> "a minha vida é hoje materialmente duríssima - talvez mais do que você possa imaginar - e moralmente opaca. Vivo sem esperança nem temor, após ter bebido até o fundo o cálice da amargura. Mas o meu ânimo não se abateu nem mesmo por essa outra prova, e encontra conforto em si mesmo, exatamente por aquela 'consciência do dever cumprido', de que você fala na sua carta. E quando os vivos me provocam pena demais, reencontro a minha serenidade refugiando-me entre os meus mortos adorados, que ignoram o engano e que eu não sei trair"[211].

Em relação ao suposto corporativismo que se estava instaurando na Itália fascista, De Ambris argumenta com a sobrinha que mesmo que a realização fascista do Estado Corporativo se apresentasse, na sua forma extrínseca, tão perfeita a ponto de obrigá-lo a reconhecer a perfeição, se ela não fosse intrinsecamente animada pela idéia de liberdade, não seria possível encontrar nela uma verdadeira transformação revolucionária. Argumenta também que o Estado Corporativo devia servir aos trabalhadores e que portanto só cumpriria a sua missão se fossem eles a desejá-lo e a conquistá-lo[212]. De Ambris deixava entrever que não escrevia tudo o que pensava sobre Mussolini e o fascismo, visto que ele era constantemente vigiado e suas cartas, às vezes eram interceptadas. Na maior parte das vezes ele escrevia com um nome falso.

Irma parecia fazer uma apologia das intenções que animariam o Estado corporativo fascista: "Não consegui descobrir nas suas páginas o que eu mais desejava descobrir, isto é,

---

[211] Entre os mortos que De Ambris nunca se esqueceu estava certamente Filippo Corridoni, ao qual De Ambris era ligado por uma profunda amizade e com quem compartilhava as idéias sindicalistas revolucionárias. Quando De Ambris decide defender a entrada da Itália na guerra em 1914, encontra um modo de consultar Corridoni que encontrava-se então na prisão. Corridoni morreu na guerra em 1915 e De Ambris sofre muito com essa perda. O irmão de De Ambris, Amilcare, casou-se com uma irmã de Corridoni, Maria, e dessa união nasceu Filippo Corridoni De Ambris, um senhor que, como já afirmei, tive a oportunidade de entrevistar e que me deu informações preciosas para esta pesquisa.

alguma indicação positiva que me permita saber, pelo menos aproximativamente, o que seja este bendito Estado Corporativo cujo anúncio, você diz agitou também os mais céticos e os mais hostis."

Irma afirma que a idéia do Estado Corporativo ganhava vitoriosamente a adesão de todas as categorias, especialmente as mais jovens e vitais, recolhia a adesão da massa, fazia a unanimidade ou quase, da nação, tanto que, segundo ela era preciso admitir que os italianos adquiriram a confiança mais plena no seu governo, ao que De Ambris respondia: "Feliz eles, os italianos! Mas se isso é verdade, eu me pergunto então que necessidade há de manter tantas limitações coercitivas para impedir que quem não goza desse bem-estar confiante, diga o que pensa. Quando se é verdadeiramente forte, não somente no lado físico, mas também e sobretudo pela espontânea adesão da maioria, é no mínimo um erro não mostrar-se generosos".

De Ambris, no fundo acusava Mussolini de ter roubado e deturpado uma idéia que era sua:

> "você sabe que, embora estando muito longe do nacionalismo, não sou decerto um anti-nacional, que não tenho nenhuma simpatia pela velharia parlamentar, que a idéia de um ordenamento corporativo do Estado eu tive já há quatorze anos e a exprimi primeiro em termos bem claros no projeto de constituição de Fiume".

Mas argumenta que ele nunca pretendeu impor nenhum dogma e não aceitava que os fascistas quisessem impor:

> "Não acredito nas verdades reveladas, nem na infalibilidade dos reveladores. Creio ao contrário na necessidade de submeter à análise

[212] Carta escrita em Bordeaux em 31 de janeiro de 1934 in *Lettere dal'esilio...*, *op.cit.*, pp. 198, 199, 200 e 201.

> objetiva toda idéia e todo fato. Especialmente as idéias e os fatos que deveriam envolver o futuro do meu povo".

Às vezes a família e alguns amigos tentam convencer De Ambris a mudar de idéia: "Arturo, com quem não me correspondo como com você, fez com que um amigo me escrevesse que eu era um teimoso[213].

Devido a insistência da sobrinha, De Ambris decide escrever um livro sobre o corporativismo, que acaba sendo publicado postumamente. Sobre ele, escreve à sobrinha:

> "Sei bem que o que eu escrevi me foi ditado pela minha consciência; mas não me escondo que me resignei a calar coisas que me ferviam na alma, para por o meu livro em condições de poder entrar livremente além da fronteira. Meu orgulho que sempre me sustentou, me sustenta ainda e me diz que erraria em não por em primeiro lugar, antes de tudo, eu mesmo, a minha consciência, a minha retidão, custe o que custar"[214].

Esse último livro, onde ele reafirma as idéias corporativas já apresentadas na Constituição de Fiume, não acrescenta muito, pois foi escrito tentando driblar a censura fascista[215].

Comentando as experiências da sobrinha na Bulgária, onde ela tinha ido trabalhar como professora, De Ambris lamenta não ter se aproximado mais dos brasileiros nos períodos em que esteve aqui:

> O conhecimento da Bulgária e do seu povo poderá, entre outras coisas, te ser útil mais tarde, especialmente se conseguisses aprender suficientemente a língua. Vejo que você se interessa pela cultura búlgara e eu te faço - sem brincadeira - o maior louvor. Assim eu tivesse feito no Brasil, evadindo do mundo colonial italiano, não somente para a cultura, mas também pela minha atividade. Entretanto, a parte algum sumário

[213] Carta escrita em 2/3/34 em Brive in *Lettere dall'esilio...op. cit.*, p. 210
[214] Carta escrita em Brive em 23/10/34 in *Lettere..., op cit.*, p. 233.
[215] Alceste De Ambris. *Dopo um ventennio di rivoluzione il corporativismo.* Bordeaux, Mione, 1935.

> conhecimento do guarani, não me ocupei de nada do que tinha lá embaixo de mais original.

Eram um balanço da sua experiência brasileira, um lamento por ter se limitado aos grupos italianos de São Paulo, talvez um retorno tardio ao internacionalismo.

Pouco antes de morrer, De Ambris manifestou mais uma vez seu grande interesse pela poesia, mais que tudo pela poesia engajada, a poesia dos revolucionários:

> "Se quiseres mandar-me as poesias de Cristo Botev, me darás um grande prazer. Eu não conheço absolutamente Botev e pelo que me escreves o aproxima para mim do poeta húngaro Sandor Petofi, morto ele também em batalha, como se augurava, cantor da liberdade, da luta e do amor, que expressou o que eu senti na minha juventude, com magnífica potência, pois era ele que dizia: Amo a vida e o amor; mas, pela liberdade, eu daria o amor e a vida". E a deu, a vida, caindo aos 26 anos na batalha de Segevar, contra os austríacos. Mas estou divagando...Manda-me o teu Cristo Botev, que eu o leia e possa santificá-lo com a água de rosas búlgaras, junto a Mameli e Petofi, os poetas da Revolução, mortos na glória da juventude, como Filippo Corridoni"[216].

Em uma carta de 3 de dezembro de 34 conta a sobrinha que dois policiais o tinham acompanhado ao subprefeito que o notificou que ele tinha uma ordem do governo de não sair da cidade até ordem em contrário, sem explicar-lhe o porque. Duas semanas depois deixam-no livre. Esse episódio o impede de ir ao médico e o faz pensar na possibilidade de retornar à América:

> "Parece que só agora a minha presença fora de Brive não é mais perigosa. Que coisa de louco. A 'prisão domiciliar' me aborreceu também porque em Paris eu esperava ir ao médico, porque estou precisando (...) Mas onde vou? Na Suíça não me querem. Na Alemanha, nem pensar. Na Espanha, ainda pior. Restar-me-á portanto só a Bélgica ou a América. Basta, veremos"[217].

[216] Brive, 23/10/34, *Lettere...op. cit*, p.233.
[217] Idem.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Na sua penúltima carta à sobrinha, escrita pouco tempo antes de morrer, escreve uma frase em português: "Como entretanto vejo que esta noite estou triste "como o pobre homem que sahi de casa sem tomar cafe".

No dia 9 de dezembro de 1934, De Ambris chamou em sua casa um grupo de amigos para discutir um plano de trabalho para a Liga Italiana dos Direitos do Homem. Com ele se reuniram socialistas, anarquistas e outros representantes da Liga. Poucas horas depois De Ambris morria.

Em 13 de dezembro de 1934 o jornal "Le Peuple" de Paris noticia a morte de De Ambris:

> "Somente soubemos hoje que Alceste De Ambris, antigo secretário geral da União Sindical Italiana, morreu, segunda-feira, de uma embolia, em Brive-la-Gaillarde. O funeral ocorreu ontem. De Ambris tinha 57 anos. Há mais de 30 anos participava do movimento sindicalista italiano. Tinha estado também a frente da Liga italiana dos Direitos do Homem"[218].

No dia seguinte, o mesmo jornal apresenta um artigo do socialista Ernesto Caporali sobre De Ambris:

> "Há pouco mais de um ano ele havia deixado Paris e abandonado seu posto de secretário da Liga Italiana dos Direitos do Homem, para se retirar em província com sua família. Mas não tinha desistido da sua luta contra o fascismo. Morreu combatendo pela liberdade da Itália. Para ele bastava dizer uma palavra para ser mais que todos os outros coberto de honras pelo fascismo, mas ele preferiu retomar uma vez mais a rota difícil e cheia de dores do exílio.(...) Os acontecimentos de 1898 na Itália, o obrigou pela primeira vez a exilar-se. Ele parte para a França para partir em seguida para o Brasil, onde ele constrói um lugar de primeira ordem no jornalismo e na ação operária. Torna alguns anos depois à Itália e se torna o cabeça da organização sindical dos operários vidreiros e ao mesmo tempo dirige o primeiro grupo dos sindicalistas revolucionários que atacam o conformismo parlamentar e operário. É essa a época de

[218] Artigo encontrado na pasta de De Ambris no CPC.

> incubação, por assim dizer, da organização proletária italiana. Contra a ilusão legalista, contra o romantismo anarquista, De Ambris afirma a realidade revolucionária do sindicalismo, liberado da tutela dos partidos políticos, único capaz de conduzir o proletariado à greve geral expropriadora"[219].

Para o autor do artigo é na greve de Parma de 1908, durante a qual De Ambris deu toda a medida de seu talento de organizador e jornalista. Esse acontecimento estaria ainda presente na lembrança dos trabalhadores italianos. Para ele, as milhares de crianças dos grevistas acolhidos pelos proletários de outras províncias, os conflitos, as polêmicas ardentes que esse grande movimento de massas havia provocado, os agrários malfeitores e teimosos apoiados pelo governo de Giolitti, tudo isso falava de De Ambris e da sua luta na história operária da Itália. Ele conclui que o sindicalismo revolucionário teve não somente razão de ser, mas que ele contribuiu grandemente para a educação dos trabalhadores.

> "É por isso que nós nunca deixamos de amá-lo, mesmo nos momentos mais cruéis da nossas divergências, porque figuras íntegras como a de De Ambris honram a raça humana e nos ensinam a não perder a esperança no futuro".

Sobre o túmulo que os operários de Parma construíram para De Ambris no cemitério de Brives encontra-se a seguinte epígrafe, escrita por seu amigo Luigi Campolonghi:

> "Alceste De Ambris. Escritor. Tribuno. Combatente. Condutor heróico de multidões. Licciana 1874 – Brive 1934. Recusou o conforto e se curvou sobre a miséria para consolá-la e redimi-la. Nasceu italiano, morreu cidadão do mundo. Cavaleiro errante do ideal, exilado aqui ficou, onde a

[219] Artigo do *Le Peuple* encontrado na pasta de De Ambris no CPC, ACS em Roma.

pedra que protege seu corpo grita em seu nome amor aos rebeldes ódio aos tiranos"[220].

Trinta anos após a sua morte, seus restos foram levados da França para a Itália, com celebrações na cidade de Parma.

[220] Número único publicado pelos amigos de De Ambris por ocasião do aniversário da sua morte em 9 de dezembro de 1947. Esse número, de 4 páginas encontra-se no Centro Studi Storia del Lavoro de Imola na Itália.

CAPÍTULO 3

ENTRE ANARQUISMO E SINDICALISMO: DEBATES E EXPERIÊNCIAS NA VIDA DE GIULIO SORELLI

> "Nós, proletários de São Paulo, devemos apertar a mão fraternalmente e mandar uma saudação aos companheiros de todo o mundo que lutam pelas mesmas causas que nós lutamos"[1].

1.1 Tradições italianas e experiências brasileiras: a formação de um militante sindicalista

Lancemos inicialmente um olhar para o ano de 1907, em São Paulo, quando os operários estavam em greve para a conquista das oito horas. Os grandes estabelecimentos não funcionavam mais e no centro da cidade os operários, às centenas, passavam calmos e resolutos discutindo, talvez com alegria, certos da vitória que os esperava[2]. Na sede da Federação Operária, as reuniões sucediam-se ininterruptamente e o Largo da Sé, desde a manhã até a noite, tinha um aspecto impressionante.

Alterando o cenário e o cotidiano da cidade, os operários atraíam para si o interesse da população e a indignação dos patrões e da polícia. Giulio Sorelli, secretário da federação, tornara-se um dos principais alvos da repressão do período, que caracterizou-se pela íntima colaboração entre a polícia e os empresários e administradores[3]. De fato, no ano

---

[1] *La Lotta Proletaria*, 01-05-1909, p.2.

[2] "Amor com amor se paga". *A Lucta Proletaria*, 17-01-1908, p. 4. Os relatos das numerosas greves reproduzidos nos jornais dão uma idéia do clima de alegria e esperança que se manifestava entre os operários reunidos durante o movimento, sugerindo algo como a bela imagem de Michelle Perrot da greve como momento festivo. Ver Michelle Perrot. *Les ouvriers em Grève. (France, 1871-1890)*. Paris, Mouton, 1974.

[3] A história da repressão contra militantes em São Paulo tinha começado já no início da década de 1890. Nesse período, um grupo de cerca de 18 militantes tinha sido preso sem processo e permaneceu na prisão durante muitos meses. "Notas para a história – Violências Policiais contra o Proletariado – Ontem e hoje". *A*

anterior, durante a greve dos ferroviários que abalou profundamente São Paulo, a polícia tinha prendido Sorelli com outros companheiros, não pela primeira vez, e obrigado a embarcar em um trem, ele tinha sido entregue quase diretamente às mãos da Companhia Paulista[4] .

Giulio Sorelli nascera em Florença, na Itália em 9 de maio de 1877, filho de Adolfo Sorelli e Letizia Nesti. Já em 1902, a polícia apontava-o como um dos anarquistas mais conhecidos de São Paulo e "amigo íntimo dos líderes"[5]. Nesse ano, ele tinha 25 anos e exercia o ofício de marceneiro. Morava na rua Barão de Jaguara, no Cambuci[6].

Recordemos um dos tantos acontecimentos daquele 1902. Por iniciativa do grupo liderado por Angelo Bandoni, na noite do dia 18 de outubro, no teatrinho Andrea Maggi em São Paulo, cujo proprietário era o anarquista italiano Giovanni Gargi, foi representado um drama escrito por Sorelli, intitulado *Il Giustiziere* (O Justiceiro) no qual, após uma alusão aos movimentos de 1898 na Itália, aos quais se seguiram uma repressão sangrenta, a cena representa o anarquista Gaetano Bresci quando mata o rei da Itália, Umberto I [7]. Depois da apresentação, além de uma comédia e da leitura de algumas poesias, o anarquista

---

Plebe, 31-05-1919, pp. 3-4 in P.S. Pinheiro e M. Hall. *A Classe Operária no Brasil- Documentos 91889-1930)*. São Paulo, Alfa-Omega, 1979, p. 24.

[4] "Amor com amor se paga". *A Lucta Proletaria*, 17-01-1908, p. 4.

[5] Pasta de Sorelli no "Casellario Politico Centrale", pasta 4875, fascículo 62971 Archivio Centrale dello Stato (ACS), Roma, Itália.

[6] Não há nenhuma foto na pasta que a polícia italiana dedicou a ele, embora muitas vezes elas existam nos fascículos pessoais de outros " subversivos". Sobre suas características físicas, a polícia informa somente que ele tinha cabelos louros.

[7] Como vimos no capítulo 1, na primavera de 1898, uma série de tumultos populares contra um novo aumento do pão abalou a Itália, começando pelo sul e estendendo-se pelo centro e norte do país. O exército interveio, provocando a morte de mais de cem manifestantes. O comandante da operação, general Bava Beccaris, recebeu condecorações do rei e isso explica porque o movimento anarquista mundial aclamou Gaetano Bresci como o vingador, o justiceiro da peça de Sorelli. Gaetano Bresci em 1900, tinha retornado dos Estados Unidos, para onde tinha emigrado e onde participava de um grupo anarquista, para matar o rei, Umberto I. Naqueles anos já tinham sido mortos por anarquistas a imperatriz Elisabeth da Áustria, o presidente Sadi Carnot da França, o presidente Mckinley dos EUA e o primeiro-ministro Cánovas da Espanha. Os vários jornais anarquistas de São Paulo referiam-se somente à "justiça" feita por Bresci, o que é mais um indício da forte ligação dos italianos de São Paulo aos acontecimentos do mundo operário do seu país de origem. A peça de Sorelli foi encenada inúmeras vezes nos teatrinhos populares de São Paulo.

Alessandro Cerchiai falou contra os governos e a burguesia. Assistiam a essas apresentações, segundo a polícia, 60 anarquistas e suas famílias. Os jornais anarquistas e operários divulgavam sempre as apresentações dessa peça de Sorelli, exaltando o fato de ela ter sido escrita por um operário:

> "Mais uma bela noite de propaganda: a do sábado passado, 18. Foi a primeira representação do drama em um prólogo e dois atos do camarada G. Sorelli – *Giustiziere*! (...) Giustiziere é Gaetano, aquele a quem tanta miséria, tanto sofrimento, faz erguer o braço num gesto desesperado de protesto e de vingança. O nosso caro Sorelli não é um escritor, não é um dramaturgo, mas é um operário, e a vida que ele nos põe em cena, conhece-a, vive-a. Por isso foi bem sucedido, e o seu drama agradou muito". [8]

Mas quantos caminhos Giulio teve que traçar antes de tornar-se o companheiro Sorelli? Ele não era o imigrante " típico", ou seja, não correspondia às características dos imigrantes mais freqüentes nas estatísticas. Nasceu em Florença, na Toscana, região que contribuiu com pouco mais de 6% do total dos imigrantes italianos que vieram para o Brasil até 1902 [9]. Em 12 de julho de 1884, então com sete anos, Sorelli vai com a família para a província de Roma e nunca mais retornam à sua cidade natal. A família teria se transferido para a cidade de Poli, onde seu pai teria obtido um posto de "secretário municipal"[10]. Não era, portanto, uma família de camponeses, nem de operários ou artesãos. Talvez nem fossem muito pobres. Entretanto, por algum motivo, provavelmente o desemprego do pai, ou por questões políticas deste, no ano de 1892, a família Sorelli abandona o país para

---

[8] "As nossas festas". *O Amigo do Povo*. 25-10-1902, p.2.

[9] Ver Angelo Trento. *Do outro lado do Atlântico – um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo, Nobel: Istituto Italiano di Cultura di San Paolo: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1988, p. 39.

[10] *Segretario Comunale* – funcionário de prefeitura que exerce importante função administrativa, aprovando ou não as decisões do prefeito. Não é eleito, mas escolhido através de concurso e não corresponde ao secretário dos municípios brasileiros, indicados pelos prefeitos.

direção ignorada, sem deixar vestígio de si. Sorelli tinha então quinze anos[11]. Se ele teve alguma experiência política na Itália esta foi muito curta, vista a pouca idade com que saiu do seu país, mas é provável que tenha aprendido algo com seus pais, pois na Itália era e é comum a transmissão das heranças políticas nas famílias[12].

Segundo um relato posterior que acredito ser de Sorelli, a família veio da Itália diretamente para o Brasil, provavelmente porque tinham parentes ou amigos aqui. Um certo Luigi Sorelli veio para o Brasil sozinho em setembro de 1890[13]. Era solteiro e declarou-se lavrador. Talvez fosse um tio de Giulio. É certo que Giulio chegou com o pai e a mãe no dia 12 de maio de 1893, no navio Arno[14]. Ele tinha 15 anos e seus pais, ambos, 43 anos. O fato de terem sido registrados na Hospedaria dos Imigrantes e que portanto tiveram a viagem paga indica (embora não se tratasse de uma família de camponeses) que eles provavelmente tenham passado um período em uma fazenda de café, mas não tenham suportado por muito tempo as condições ali existentes. Há relatos de famílias que declaravam-se camponeses para obter a passagem para o Brasil, embora não o fossem, e

[11] A região do Lácio, para onde a família Sorelli se transfere e de onde parte efetivamente, deixando o país, representa pouco mais de 1% no total da emigração italiana para o Brasil até 1902. Ver Angelo Trento, *op.cit.*, p. 39.

[12] O caso mais marcante, em São Paulo, dessa transmissão familiar das idéias políticas é o de Luigi Magrassi, cuja mãe, Matilde (Montero) Magrassi, também era anarquista militante, embora seja também possível que o filho tenha contribuído para a conversão da mãe. Artigos dos dois eram frequentemente presentes na imprensa anarquista e operária. Luigi Magrassi tinha nascido em Modena, em 11-09-1874, mesmo ano de De Ambris, e seu pai era sapateiro. Ver pasta de Luigi Magrassi no CPC, ACS de Roma. Outro exemplo interessante é a família Campagnoli, que se transfere de Imola, na Romanha, para o Brasil. Vicenzo, o pai, e os filhos Arturo, Ercole, Guido, Pietro e Luciano eram todos anarquistas. Um deles, o filho mais velho, Ercole, era engenheiro e trabalhava como chefe da Repartição de águas em São Paulo. Luciano mantinha um sítio em Santo Amaro. Guido era tipógrafo do Diário Oficial do Estado de São Paulo. Arturo é considerado o mais perigoso pela polícia, porque participa mais ativamente do movimento, fazendo conferências, correspondendo-se com anarquistas da Itália, de onde recebia vários jornais. Ver pasta de Arturo Campolonghi no CPC, ACS de Roma. É claro que em alguns casos os filhos partiam da herança republicana dos pais para tornarem-se socialistas, anarquistas ou sindicalistas. É claro que havia também muitos casos em que a escolha política significava uma ruptura com as tradições familiares, como no caso das famílias muito católicas.

[13] Livro de Registro da Hospedaria dos Imigrantes. Livro 21, p. 32. Arquivo do Memorial do Imigrante.

[14] Livro de Registro da Hospedaria dos Imigrantes. Livro 39, p. 294. Arquivo do Memorial do Imigrante.

eram obrigadas a permanecer, ao menos por algum tempo, em alguma fazenda[15]. O que sei com certeza é que ao menos desde 1899[16], muito provavelmente antes, Sorelli encontrava-se na cidade, precisamente na capital paulista e gozava de grande simpatia e respeito dos moradores do Cambuci, bairro onde morava[17].

1.2 A experiência na sociedade de socorro-mútuo

Em maio de 1901, Sorelli enviou uma carta ao *Avanti!* de De Ambris e Bertolotti criticando os motivos que tinham levado à sua expulsão da Società Fratellanza Italiana del Cambucy, na qual ele vinha exercendo a função de secretário havia dois anos. O jornal publica a carta do "compagno Sorelli" o que indica uma intimidade dele com o grupo socialista que redigia o jornal. Sorelli declara inicialmente ter se dirigido ao *Avanti!* por considerá-lo o único jornal de São Paulo que defendia os direitos humanos e a liberdade de expressão[18]. No jornal *Fanfulla* do dia 16 de maio daquele ano, Sorelli tinha lido, com grande surpresa, que, nas eleições ocorridas no dia 5 na sociedade de socorro mútuo do Cambuci, ele e alguns amigos seus teriam gritado frases contrárias à monarquia italiana como "Morte a Vittorio Emanuele III! Viva a Anarquia!" Sorelli confirmou que ele e seus amigos tinham gritado frases contrárias à monarquia, mas lamenta que o informante do *Fanfulla* tenha feito essa associação direta entre anti-monarquismo e anarquismo. Ele não

[15] Ver, por exemplo, os relatos sobre isso em Friedrich Kniestedt. *Memórias de um imigrante anarquista*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, 1989; Ecléa Bosi. *Memória e Sociedade. Lembranças de velhos*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000; e FRANZINA, E. *Merica! Merica! Emigrazione e colonizzazione nelle lettere dei contadini veneti e friulani in America Latina 1876-1902*. Verona, Cierre, 1994.

[16] Nesse período eram publicados em São Paulo dois jornais de propaganda, expressões das tendências políticas de dois grupos, um socialista e um anarquista: *O Socialista*, com a colaboração de Ambrogio Chiodi, Estevam Estrella, Bernardino Ferraz, Arthur Breves, Alcibiade Bertolotti e Valentim Diego e *Il Risveglio*, redigido por Alfredo Mari e outros militantes.

pretendia criticar o anarquismo, mas pretendia deixar claro que não compartilhava as idéias dos seus adeptos:

> "Digo isso sem querer atacar, nem minimamente, as idéias anarquistas ou quem as professa, visto que como jovem liberal eu respeito as opiniões dos outros, mesmo que em contradição com as minhas; digo isso somente para que as pessoas que me conhecem e os companheiros que militam no mesmo campo político que eu não atribuam a mim uma ação que eu não cometi"[19].

É interessante observar que Sorelli se define como "um jovem liberal" e mais adiante como socialista. É provável que ele tenha herdado do pai, como aconteceu com De Ambris e tantos outros militantes italianos, algumas idéias da tradição revolucionária do *Risorgimento*, que, como vimos, variavam do republicanismo ao socialismo. Debates como o que segue, muito provavelmente escrito por Sorelli, eram muito comuns na imprensa operária italiana em São Paulo:

> "Eu também fui republicano apaixonadíssimo e convicto. Admirei sempre em Mazzini[20] a sua inteligência, sua alma fortemente revolucionária. Mazzini acordou o povo quando ele dormia, falou a ele de liberdade e o povo ouviu sua boa palavra e começou o trabalho para a revolução. Entretanto, amigo, as idéias de Mazzini eram sublimes no seu tempo. Mas como o progresso caminha (...) eu me declarei socialista após ter me convencido de que uma república, por melhor que seja, nunca fará com que o trabalhador seja realmente econômica e politicamente emancipado"[21].

---

[17] "Per um incidente". *Avanti!*, 01-06-1901, p. 2

[18] Torna-se amigo de De Ambris e participam freqüentemente juntos da propaganda sindical.

[19] "Per um incidente". *Avanti!*, 01-06-1901, p. 2

[20] Como vimos no Capítulo 1, o movimento democrático foi um fator importante do *Risorgimento*. Mas o movimento liderado por Mazzini, embora defendesse a união dos operários italianos, permaneceu sempre subordinado a uma idéia de unidade nacional baseada na solidariedade entre as classes.

[21] "Roba Minuta – Conversazioni Socialistiche fra operai". *Il Libertario*, 01-12-1906, p. 2.

Sorelli começa sua vida política como secretário de uma sociedade de socorro mútuo, defendendo a mesma idéia de neutralidade política que mais tarde ele defenderia para os sindicatos e a FOSP, como critério que garantiria a luta por interesses comuns entre membros com idéias e tendências políticas diferentes:

> "Agora quero dirigir algumas palavras aos sócios da *Società Fratellanza Italiana del Cambucy*: é indiscutível que qualquer associação que tenha como fim o auxílio mútuo entre os associados e do qual podem fazer parte homens de qualquer idéia ou partido, deva ser alheia à qualquer caráter político, o que é demonstrado por um artigo do nosso estatuto, que diz que são proibidas, na sede social, discussões que tenham caráter político ou religioso"[22].

Também merece uma observação o fato de que Sorelli levou consigo as experiências vividas na sociedade de socorro mútuo para sua posterior atividade sindical. É um exemplo da vinculação direta entre as sociedades e os sindicatos e ligas que cresceram muito em número em São Paulo, sobretudo a partir de 1900. Focalizar a atenção em um militante específico permite ver a elaboração de idéias, as transformações delas, as passagens em diferentes grupos, as dúvidas e outros aspectos que talvez passariam despercebidos pelo historiador que fizesse um estudo mais geral.

São, entretanto, as idéias políticas de Sorelli ou algum outro conflito de interesses que farão com que ele seja expulso da sociedade. Ao chegar à sede da sociedade para realizar suas tarefas habituais de secretário, Sorelli tem sua entrada impedida pelo porteiro, que não lhe fornece a chave por ordem de alguns sócios e conselheiros. Sorelli argumenta na referida carta que essa decisão foi tomada fora de uma sessão oficial, que a manifestação das suas idéias políticas tinham sido feitas fora da sede da sociedade, que ele tinha sido

[22] Idem.

chamado três vezes para o cargo e que embora todos soubessem que ele era socialista, os conselheiros o haviam nomeado sócio benemérito da sociedade.

Mas não é a acusação de socialista que afasta Sorelli da sua função de secretário e mesmo de simples sócio, mas a acusação de anarquista perigoso, recurso ao qual recorria a polícia do Brasil, da Itália e outros países. O argumento de alguns sócios e conselheiros era o de que a sociedade seria certamente dissolvida pelas autoridades se continuasse a manter no seu seio tal elemento perigoso. Essa idéia foi difundida através do *Fanfulla*, e no próprio bairro do Cambuci, mentiras que Sorelli não pôde se dedicar a desmentir "ocupado como estava na luta cotidiana pela sobrevivência"[23]. Então uma reunião declarou-o solenemente expulso, embora muitos tenham declarado simpatia e solidariedade a ele.

Essa experiência da expulsão da sociedade de socorro mútuo, provocada pela expressão de suas idéias políticas, deve ter contribuído substancialmente para que Sorelli, mais tarde, defendesse tão enfaticamente a neutralidade política dentro do sindicato, segundo ele garantia de união e convivência pacífica entre os operários organizados.

O conflito entre monarquistas de um lado e socialistas e anarquistas do outro era comum na sociedades de socorro mútuo italianas em São Paulo. A propaganda nacionalista do governo italiano feita entre os imigrantes através dos consulados e da elite da colônia, sobretudo empresários e comerciantes bem sucedidos, e a saudade do país, associado aos símbolos da nação, os monarcas, facilitavam a simpatia monarquista. Por outro lado, republicanos e socialistas, seguindo a tradição do *Risorgimento* propunham, por oposição, a

[23] Idem.

idéia de uma nação proletária e criticavam o governo e a elite italiana que haviam expulso, aos milhares, os italianos de sua terra[24].

Outro aspecto sobre o qual é interessante que nos detenhamos um pouco é o da origem não operária de Sorelli, embora não tenhamos à disposição muitos dados sobre isso. Sabemos que seu pai tinha sido um funcionário de uma prefeitura na Itália, o que teria sido inimaginável para a grande maioria dos imigrantes, camponeses na maioria e muitos dos quais analfabetos. Giulio Sorelli se inseriu no mundo paulistano como marceneiro (será também secretário da *Lega dei falegnami*, Liga dos carpinteiros, que ele ajuda a fundar em 1901) não sabemos se por necessidade ou opção e nem sabemos se ele se tornou marceneiro depois de se tornar socialista ou vice-versa. Sorelli escrevia muito bem na língua italiana, o que faz supor que ele tenha tido acesso a uma boa educação escolar, embora seja também verdade que o autodidatismo era comum entre militantes anarquistas, socialistas e sindicalistas.

1.3 A experiência socialista

Em julho de 1901, Sorelli ajuda a formar um grupo socialista no Cambuci. Na primeira reunião, Sorelli explicou a um público numeroso as razões pelas quais o grupo estava se formando e De Ambris fez uma conferência sobre o tema da organização socialista. Depois Sorelli propôs um voto de solidariedade e de simpatia pelas vítimas da repressão na Rússia e por camponeses que tinham sido fuzilados na província de Ferrara na Itália. Além disso, todos os sócios, um grupo de quase 50 pessoas, aprovou um voto contra

[24] Ver Luigi Biondi. "Identidade de classe e identidade nacional entre solidariedade e conflito: socialistas e republicanos italianos na São Paulo do início do século XX e suas relações com as associações patrícias e o

a condenação de Angelo Longaretti, o colono que tinha matado o fazendeiro Diogo Sales, irmão do presidente Campos Sales e defendido, com manifestações várias e ajuda em dinheiro, por grande parte dos imigrantes italianos de São Paulo.

Mas, provavelmente, o encontro com militantes anarquistas acabaria fazendo com que Sorelli aderisse às idéias libertárias das quais ele tinha se declarado distante algum tempo antes, como vimos. Socialistas, republicanos, anarquistas e outros freqüentavam muitas vezes os mesmos locais, como sugere este trecho de um artigo de Estevam Estrella, socialista baiano que vivia em São Paulo, que, escrevendo, em 1902, a seus colegas socialistas do jornal *Gazeta Operária* do Rio de Janeiro, descreve, com muita ironia, o conjunto heterogêneo de militantes que freqüentavam um famoso café da cidade de São Paulo:

> "Minutos depois, passávamos em frente ao café Guarany. Fiz parar o bond. Saltamos e entramos no café. Escarrapachamo-nos em torno de uma mesinha de mármore. Este café aqui, falando a verdade, sem engrossamento nem reclame ao Faria, um maçom liberal, é um dos melhores. Por isso é freqüentado por todas as classes, especialmente pela elite burguesa, capitalista. Mas, de preferência, é também escolhido pelas tribos revolucionárias (que não fazem revolução) – monarquistas, dissidentes, republicanos exaltados, socialistas legatários e revolucionários, anarquistas, carbonários, etc. Para os socialistas e anarquistas, este café é o seu clube. Das 7 às 9 horas da noite, há momentos em que quase todos os circunstantes são compostos de anarquistas, socialistas, etc. que em grupos em torno das mesas, confabulam planos sinistros contra a burguesia. Pobre burguesia! É aí que Benjamim Mota, o terrível, faz as suas rubras preleções sobre o anarquismo e o anticlericalismo. Não há aí um café idêntico? Precisam escolhê-lo. É útil para a propaganda".[25].

---

nascente sindicalismo". *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v. XXVI, n. 1, julho de 2000, pp. 131-162.
[25] "A Reforma". *Gazeta Operária*. Rio de Janeiro, 16-11-1902, p.1

É provável que Sorelli tenha freqüentado cafés como esses, mas ele certamente mantinha contato com as idéias anarquistas através da leitura de jornais e livros e também nas conversas com os militantes ou simpatizantes da idéia anarquista que ele encontrava no seu trabalho, no seu bairro, nas sociedades, nas festas, nas conferências, nas representações teatrais dos vários grupos que as organizavam e outros locais. Vários outros anarquistas tinham feito esse caminho de passagem do socialismo para o anarquismo, como Edgard Leunroth[26]. Alessandro Cerchiai, famoso anarquista de São Paulo, tinha também, segundo a polícia italiana, manifestado idéias socialistas e participado de um grupo socialista antes de vir para o Brasil, em Pescia, cidade italiana da província de Lucca, onde ele tinha nascido em 14 dezembro de 1875. Quando, em 1901, Cerchiai vem encontrar a família que tinha emigrado para o Espírito Santo, já era conhecido pela polícia italiana como anarquista.

Outros militantes, porém, faziam o caminho contrário como o tipógrafo socialista Lorenzo Monaco, que, até 1892, tinha professado abertamente princípios anarquistas e por isso tinha respondido a dois processos na Itália, junto com outros companheiros anarquistas. Em novembro de 1892, emigrou para o Brasil onde foi, pouco a pouco, modificando suas idéias até afastar-se dos anarquistas, por recusar a idéia da necessidade da violência. Filiou-se ao Partido Socialista e passou a colaborar com o *Avanti*! Como representante do jornal era encarregado de percorrer o interior do estado. Participou do Congresso Socialista de maio de 1902 como representante de um dos círculos socialista de São Paulo e fazia propaganda socialista nos meios operários. Retornou várias vezes à Itália[27].

---

[26] Em 1903, Leuenroth freqüentava um círculo socialista em São Paulo, mas em 1904 já tinha se convertido ao anarquismo. Ver P.S. Pinheiro e M.Hall. *A classe operária...*, *op cit*, vol.1, p. 226.

[27] Já seu irmão Luigi, preso em 1889, acusado de incitar trabalhadores à greve, vem para São Paulo, depois vai para Buenos Aires, onde trabalha como tipógrafo, e parece ter mantido a fé anarquista. Em 1909, segundo

A mesma trajetória do anarquismo para o socialismo foi feita por um outro italiano que viveu no Brasil, Teodoro Monicelli. Ele nasceu em Ostiglia, na província de Mântua em 31 de dezembro de 1875, em uma família muito pobre. Emigrou muito jovem para a Suíça. Era marceneiro e conheceu as idéias políticas através da leitura de jornais e opúsculos anarquistas e socialistas. Apaixonado pelas teorias revolucionárias, tornou-se grande admirador e discípulo do famoso advogado anarquista Pietro Gori. Em 1893, tinha sido preso quando foi surpreso em uma reunião anarquista em Milão. As fontes não nos contam sobre o seu processo de conversão, mas nos informam que dois anos depois, ele ajudou na campanha de um candidato socialista, o famoso Osvaldo Gnocchi-Viani[28] (também grande defensor das Câmaras do Trabalho) na sua cidade natal, Ostiglia. No mesmo ano, 1895, Monicelli apresentou-se espontaneamente ao prefeito da cidade para dizer que tinha abandonado as idéias anarquistas por ter reconhecido que eram utópicas e que tinha passado a preferir as idéias socialistas legalistas[29].

Em 1899, Monicelli foi preso por "fomentar o descontentamento e incitar a greves" os operários do canteiro onde trabalhava em Gênova[30]. Nos anos seguintes, embora participe ativamente das discussões do Partido Socialista, dedica-se sobretudo à organização de operários, torna-se secretário de várias *Camere del Lavoro*, motivo pelo qual é preso várias vezes, o que nos leva a crer que a sua passagem do anarquismo para o

---

a polícia, ele tinha abandonado as idéias anarquistas, embora continuasse amigo do anarquista Damiani e do socialista Bertolotti.

[28] O próprio Osvaldo Gnocchi Viani (1837-1917) advogado de Mântua, colaborador do importante jornal *La Plebe* de Milão e um dos principais representantes do grupo socialista de tendência operária dessa cidade, tinha passado anos antes, com outros companheiros, do anarquismo para o socialismo. O caso mais famoso desse tipo de virada e o mais dramático para os anarquistas foi o de Andrea Costa, que tinha sido o líder reconhecido do internacionalismo anarquista na Itália. Ele tornou pública a sua aceitação da luta política na *Lettera agli amici di Romagna*, escrita em 1879. Ver Alfredo Salsano (a cura di) *Antologia del pensiero socialista*. Roma, Laterza, 1980. Vol.II.

[29] Pasta de Monicelli nel CPC in ACS de Roma.

[30] Idem. Em 1899, segundo a polícia, Monicelli foi preso também por ter urinado atrás do altar de uma igreja da sua cidade, Ostiglia, durante a celebração da abertura do ano santo.

socialismo e o sindicalismo não era só uma tentativa de escapar à repressão, mas se devia à uma convicção pessoal. Em 1908, ele também estava em Parma, o que demonstra o quanto a grande greve liderado por De Ambris foi vista como o grande experimento do sindicalismo revolucionário na Itália a ponto de atrair grande parte dos militantes mais ativos para lá. Em 1913, vem para São Paulo onde dirigiu por vários anos o periódico socialista *Avanti*!

Essas histórias nos dão uma idéia da mobilidade dos militantes entre um grupo e outro, dos momentos de incerteza, de indeterminação, alternados talvez com momentos de afastamento do movimento, para depois passar talvez a uma nova definição. Freqüentemente a polícia e os funcionários dos consulados tinham dificuldade para compreender as posições que seus vigiados ocupavam no mundo heterogêneo da militância e tendiam a classificá-los como anarquistas, assim como mais tarde chamariam a todos de comunistas. Era um modo de reduzir a experiência ao mais conhecido, ou de justificar o próprio trabalho acentuando a periculosidade da pessoa em questão. Essa associação com o anarquismo era feita freqüentemente com os socialistas que aderiam ao sindicalismo.

1.4 Do socialismo ao anarquismo

Mas voltemos à história de Sorelli. Quando a polícia italiana resolve se interessar por ele[31], em 1902, Sorelli já se encontrava em meio aos grupos anarquistas que fundaram o jornal *O Amigo do Povo*[32], jornal publicado entre 1902 e 1904, e no qual havia uma grande

[31] É claro que a investigação e o controle constante da polícia italiana sobre os militantes socialistas, anarquistas e sindicalistas italianos no exterior acentuou-se depois do assassinato do rei Umberto I, uma vez que essa ação tinha sido anteriormente organizada nos ambientes anarquistas de italianos nos Estados Unidos.
[32] Sobre esse jornal ver Edilene T. Toledo. *O Amigo do Povo. Grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo no início do século XX*. Dissertação de Mestrado. Campinas, Unicamp, 1994.

influência do anarco-comunismo de Malatesta, embora ele se declarasse aberto a todas as tendências libertárias. O jornal defendia a construção da anarquia, ou seja, de uma sociedade em que tivesse desaparecido toda forma de autoridade: o Estado, o capital e a religião, havendo então uma liberdade absoluta.

A falta de uma organização de partido que exigisse uma uniformidade ideológica favorecia uma heterogeneidade na formação dos militantes. Quando havia, nesse período, campanhas homogeneizadoras, a crítica era ao individualismo exagerado. Depois de 1906, a crítica será à adesão ao sindicalismo revolucionário, que para alguns teóricos caracterizará o abandono da teoria anarquista.

Mas em 1903 e 1904, Sorelli já estava em um outro jornal, *La Nuova Gente*.

No jornal *Il Libertario*, em 1906, um artigo assinado por *Lucifero*, muito provavelmente Sorelli, ele explicava porque tinha se tornado anarquista. Tendo vindo com a família da Itália diretamente para o Brasil, foram lançados na miséria após a morte do pai, ocorrida somente 10 meses após a chegada. A fome e o sofrimento dele, da mãe e dos irmãos teria despertado o seu espírito de rebelião ao perceber a relação entre a sua miséria e a desigualdade social. Ele observa ter conservado o instinto, transmitido pelo pai, de odiar os padres, como obstáculos ao desenvolvimento do livre pensamento, e tendo conhecido "pessoas evoluídas" começou a ler jornais e opúsculos de propaganda socialista, tornando-se logo um admirador fervoroso, pois se sentia orgulhoso de defender uma idéia de redenção e de imaginar um futuro onde as massas seriam unidas e iguais. Relata que antes tinha ficado cego diante dessas idéias porque havia recebido uma educação patriótica[33], mas que, ao mesmo tempo, era naturalmente inclinado a aceitar essas doutrinas. São as

[33] A família tinha certamente uma tradição *risorgimentale* de anticlericalismo e de patriotismo.

idéias socialistas que o fazem ver que a sua miséria era também o destino da maioria das pessoas e o fazem questionar o patriotismo e a religião:

> "Eu teria ficado cego para sempre, teria me tornado um instrumento da burguesia, um filho da pátria, daquela pátria que nos manda do outro lado do oceano para morrer de fome, daquela pátria que nos manda para a carnificina da guerra por capricho, aquela pátria que nos mantém sujeitos a leis bárbaras, a religiões estúpidas".[34]

Em relação aos estudos, ele observa que freqüentou na Itália somente os quatro primeiros anos da escola elementar[35]. Sua simpatia pelos socialistas começa aos 15 anos, já no Brasil, idade a partir da qual esteve sempre próximo deles, ouvindo suas conferências e reuniões públicas e continuava a ler jornais e opúsculos[36]. Nesse período, odiava a ação individual dos anarquistas, ou seja, as ações violentas, o regicídio. Havia alguns anos, porém, ele passara a ver no anarquismo o ideal de justiça mais sublime: na anarquia os homens seriam todos iguais, desapareceriam todas as desigualdades sociais, todos os delitos que eram então cometidos por causa da questão econômica, todos os sofrimentos e males da humanidade oprimida. Concluiu então que era esse o caminho da felicidade. Essa descoberta tinha despertado a sua consciência:

> "E agora que eu abri os olhos para a luz do sol, sinto somente desprezo e ódio pelos parasitas infames que sugam o nosso sangue até a morte! Eis como eu me tornei anarquista".[37]

---

[34] "Dal martello alla penna – come divenni anarchico". *Il Libertario*, 06-11-1906, p.2.

[35] O que já era um período de estudo considerável visto que a maioria dos que estudavam deixavam a escola na terceira série ou mesmo antes.

[36] É interessante observar como as idéias socialistas parecem ter atingido muitos rapazes bem jovens. O mesmo relato é feito pela polícia a respeito de Giovanni Scala, um dos militantes mais importante no movimento operário ítalo-paulistano. Filhos de camponeses, nascido em San Rufo (província de Salerno) em 09 de março de 1888, veio muito jovem para o São Paulo e logo se inscreveu no Partido Socialista e tornou-se amigo íntimo de Piccarolo e de Rossoni, quando este era professor primário no bairro da Água Branca. Scala foi caixeiro viajante em São Paulo. Depois transferiu-se para o Rio, onde mais tarde desenvolverá sua intensa militância antifascista. Em 1931, estava na Argentina. Em 1933, morre no Rio de Janeiro por causa de uma pneumonia.

Sugestivamente, o título da seção do *Il Libertario* no qual Sorelli escrevia sempre era *Dal martello alla penna*, do martelo à pena, indicando a sua posição de jornalista operário, o seu trânsito entre a marcenaria e a tipografia. Sorelli nunca se tornou jornalista de profissão e foi um dos poucos entre os militantes mais famosos do período a ter um oficio especializado e fixo.

Em 1909, Sorelli foi ainda indicado pela polícia como um dos participantes do grupo *La Battaglia*, redator do jornal homônimo:

> "Grupo da Battaglia", dirigido pelo conhecido anarquista Oreste Ristori, diretor proprietário do jornal do mesmo nome e por seu companheiro íntimo A. Cerchiai. Compõem-no numerosos tipógrafos e metalúrgicos e algumas suas mulheres. Formam o núcleo mais intelectual, realizam-se ali freqüentes discursos de Cerchiai, de Damiani, de Sorelli, de Boni, e outros, para fins de propaganda e para angariar fundos para o jornal e para subscrições de solidariedade".[38]

Mas na verdade Sorelli não fazia parte desse grupo, que era um grupo de anarquistas decididamente anti-sindicalistas, e Sorelli, como veremos, já era sindicalista nesse período, mas ele seja ali indicado somente como conferencista. Mas, de fato, a base da vida política do anarquismo em São Paulo era a cooperação voluntária entre pequenos grupos distintos, espontaneamente constituídos. Não parece que esses grupos tivessem uma estrutura fixa. Provavelmente os membros novos entravam por recomendação de algum antigo – assim como o poeta Ricardo Gonçalves levou Edgard Leuenroth para o anarquismo – e continuavam juntos até que os desentendimentos ou a repressão desagregasse o núcleo. Sorelli participava ao mesmo tempo de diversos grupos. Muitos se especializavam em atividades concretas como a criação de escolas, a publicação de livros e folhetos, a

[37] "Dal martello alla penna – come divenni anarchico". *Il Libertario*, 06-11-1906, p.2.

correspondência com a imprensa anarquista e operária no exterior, a criação de centros de estudos e suas bibliotecas, a publicação dos jornais e as atividades teatrais.

Outra atividade comum era percorrer o interior do estado de São Paulo, organizando conferências e debates e distribuindo material de propaganda nas cidades em que havia grande concentração de trabalhadores São vários os militantes importantes que passam períodos no interior do estado de São Paulo e não na capital. Vittorio Buttis, por exemplo, que era um importante militante na Itália antes de vir para o Brasil em outubro de 1911, permaneceu em Piracicaba, no interior de São Paulo, onde trabalhou na fábrica Singer e fez conferências de propaganda pela organização dos operários[39] .

Sorelli era um dos mais ativos nesse tipo de ação, ou seja, a propaganda no interior do Estado e se tornou ainda mais ativo após sua militância sindical.

---

[38] Relatório do Comissário de Segurança Pública, Cesare Alliata-Bronner, funcionário do serviço especial de vigilância junto ao consulado de São Paulo, ao Sr. Luigi Bruno ministro da Itália, em Petrópolis, RJ, Junho de 1909 citado por P.S. Pinheiro e M. Hall, *op.cit.*, p. 109-114.

[39] Buttis nasceu em Veneza em 24 de julho de 1866. Seu pai, que trabalhava para um conde, morreu muito jovem. Sua mãe teve que sustentar a família com seu trabalho de costureira. Aos onze anos, ele começou a trabalhar. Conheceu as lutas operárias e camponesas através da leitura de jornais. Aderiu ao socialismo. Em 1898, Tornou-se secretário da *Camera del Lavoro* dos trabalhadores da construção da ferrovia que ligava a Itália à França e à Suíça. Emigrou para a Suíça, fugindo depois para a Alemanha, onde estabeleceu contato, através de amigos, com militantes refugiados no Brasil. Reencontrou, em São Paulo, o amigo Luigi Barbieri. Dirigiu o *Avanti!* durante 5 números. Depois foi para Piracicaba para dirigir a fábrica de máquinas de costura Singer. Nesse período, a Embaixada italiana no Rio de Janeiro recebeu a notícia da presença dele no Brasil, com a observação de que devia ser mantido sob controle como indivíduo perigoso. Foi colaborador, em língua italiana, dos jornais *O Popular* de Piracicaba e depois do *Jornal de Piracicaba*. Nesses jornais, Buttis declarou suas idéias políticas de socialista, propondo um programa de política social e de educação das massas camponesas e operárias, argumentando que havia, porém, grandes dificuldades de realização desse projeto, vista a falta de uma força política de esquerda no país. Em um desses artigos do *Jornal de Piracicaba*, intitulado *Il nostro Augurio*, publicado em 9 de agosto de 1913, Buttis lamenta o desperdício de recursos e esforços de italianos cultos no Brasil, em jornais e instituições que não tinham conseguido atingir a grande massa dos imigrantes italianos: os trabalhadores das fazendas. Segundo ele, teria sido melhor empregar as energias na constituição de uma sociedade como a *Società Umanitaria* de Milão. A fábrica onde ele trabalhava vai à falência e ele fica desempregado por algum tempo. Depois de dois anos e meio no Brasil e quase sempre no interior, sua desilusão era total. Em uma carta enviada de Piracicaba para a Itália, ele declara "Eu aqui vivo em um verdadeiro exílio, porque aqui é um deserto de idéias, de homens, de caráter, de consciências e de qualquer princípio nosso". Escreveu então para a *Federazione Socialista Italiana* nos Estados Unidos com o auxílio de amigos e foi convidado para ir à Chicago. Desembarcou em Nova Iorque no dia 29 de julho de 1915, com um passaporte brasileiro. Pasta de Vittorio Buttis no "Casellario Politico Centrale" *Archivio Centrale dello Stato* em Roma. Sobre ele, ver também Umberto Chiaramonte. *Vittorio Buttis: um riformista tra esilio ed emigrazione (1866-1950)*. Novara, Sovietà Storica Novarese, 1987. O

Mas também as suas contribuições para o jornal anarquista, do qual ele era um membro importante, *Il Libertario*, cujo grupo redator se reunia também no Cambuci, bairro de Sorelli, apresentava temas diretamente ligados à luta operária e se apresentou desde o início como um jornal voltada para a propaganda para os operários:

"Operários. Desejamos dedicar-nos à propaganda no nosso campo de ação, na fábrica, na oficina. (...) Por isso o maior coeficiente de vida para *Il Libertario* será a classe proletária. Eis o programa que indica o caminho do nosso jornal"[40].

Na defesa das oito horas, por exemplo, nos artigos de *Il Libertario* argumentava-se que o operário que trabalhasse menos teria mais tempo para o estudo, que deveria ser interesse de todos, e a propaganda das idéias de transformação social. Era uma tentativa de convencer seus companheiros anarquistas da importância dos temas da luta sindical[41].

Freqüentemente os próprios anarquistas sentiam a necessidade de uma atuação mais prática junto aos trabalhadores e consideravam o empenho dos jornais praticamente inócuos, como se observa nesta carta que Felice Vezzani, que tinha vivido no Brasil, escreve de Paris para Gaetano Sandri em São Paulo, comentando sobre o jornal anarquista *Germinal*:

> "Eu gostaria de saber o que pode aprender um pobre coitado de um operário em todo aquele monte de suposta filosofia, naquela prosa confusa e disforme. Se ao menos houvesse alguma coisa inerente à luta terrível dos explorados para iluminar as mentes, mas nada ou quase nada do que é o ponto realmente importante e todo o espaço é reservado a artigos de polêmica barroca, quase incompreensíveis elucubrações grotescas inúteis. É necessário um pouco de bom senso, bom senso operário e nada mais"[42].

---

próprio Buttis escreveu suas memórias no exílio em Chicago, em 1940. Vittorio Buttis. *Memorie di vita di tempeste sociali*. Chicago, 1940 citado por Umberto Chiaramonte.

[40] "Incominciando". *Il Libertario*, 19-10-1906, p.1.

[41] "Dal martello alla penna – per le 8 ore". *Il Libertario*, 01-10-1906, p. 2.

[42] Pasta de Arturo Campolonghi no CPC, ACSR.

Raciocínios como esse levou muitos anarquistas a entrarem nas associações operárias, para atuarem junto dos trabalhadores, embora, como vimos, as ligas operárias não fossem anarquistas, e tivessem no seu interior tanto trabalhadores anarquistas, como socialistas e sindicalistas revolucionários, e mesmo muitos que provavelmente eram indiferentes a essas divisões políticas e talvez um número consistente que se identificava mais como católico do que com alguma tendência política, visto que encontramos nos estatutos da FOSP e das ligas, a necessidade de respeito e tolerância a todas as tendências políticas e religiosas. Mas vejamos a participação decisiva de Sorelli no processo de constituição do sindicalismo revolucionário em São Paulo.

2. Anarquismo e Sindicalismo Revolucionário

Os sindicatos eram também parte da vida cotidiana nos bairros operários de São Paulo, como ilustram essas palavras de Tito Batini:

> "No bairro da Água Branca, onde vivíamos, no Belenzinho ou no Brás, como em Santana, onde viviam nossos parentes operários das primeiras fábricas de tecidos e primeiras pequenas metalúrgicas, fornos funcionando nos fundos dos quintais, na Mooca, na rua Santa Efigênia povoada de sapateiros, às margens do rio Tietê com seus oleiros, desde a Ponte Pequena à Ponte Grande, o enxame de trabalhadores de quantos ofícios se mantinha, com sua famílias, em vida social apartada, em franca atividade cultural e artística, desde as várias unidades da Escola Moderna até as cooperativas de consumo, as associações de socorro-mútuo e os sindicatos, onde se promovia a unidade de classe e a luta organizada por reivindicações...".[43]

[43] Batini, Tito. *Memórias de um socialista congênito*. Campinas, Editora da Unicamp, 1991, p. 54.

É interessante observar a referência de Batini à segregação geográfica dos trabalhadores na cidade de São Paulo. Nessa vida social apartada, nos bairros de trabalhadores, eles criavam suas próprias instituições, espaços de encontro, de educação, de organização, de diversão. As ligas operárias, com sede nos bairros, exerciam várias dessas funções. Elas eram espaços dos trabalhadores, alguns dos quais eram socialistas, anarquistas, sindicalistas revolucionários ou indiferentes às correntes políticas.

Vivendo nesse meio, Sorelli logo entrara no grande debate de uma das questões sobre as quais, como vimos, nunca houve consenso durante toda a história do movimento anarquista: a discussão sobre participar ou não dos sindicatos e como fazer isso. Alguns anarquistas condenavam o sindicato pela sua inutilidade, outros pelo reformismo que faria perdurar a sociedade capitalista. Alguns achavam que os anarquistas deveriam estar próximos ao sindicato para evitar o avanço de outras tendências e fazer propaganda das idéias libertárias. Sorelli confiava mais nas virtudes do sindicato e aderiu ao sindicalismo revolucionário tornando-se secretário da Federação Operária de São Paulo, da qual faziam parte diversos sindicatos.

Como vimos no capítulo 1, as relações entre sindicalismo revolucionário e anarquismo são bastante complexas e de forma alguma um pode ser reduzido ao outro. Parte do equívoco de associar todo o movimento operário da Primeira República ao anarquismo foi a tendência em se assimilar o sindicalismo revolucionário ao anarquismo, com o nome de anarco-sindicalismo. Entretanto eles são movimentos diferentes.

Mas Sorelli não abandonou o anarquismo. Isso porque o sindicalismo revolucionário propunha um sindicato que não fosse nem anarquista, nem socialista, nem católico, mas simplesmente operário. A base e o fundamento do sindicalismo

revolucionário era o texto saído do congresso da CGT francesa em 1906[44]. Ele afirmava a independência do sindicalismo em relação ao socialismo e ao anarquismo.

A FOSP considerava que estas idéias predominante na CGT francesa, ou seja a idéia de organizar os trabalhadores para a defesa de seus interesses econômicos e morais, sem associar-se a nenhuma doutrina política, poderia ser aceita por qualquer membro de um grupo socialista, fosse ele social-democrata, anarquista ou outra coisa e julgava que o sucesso do sindicato estava na sua autonomia. Este era, sem dúvida, um esforço para atenuar os conflitos existentes entre os operários e por isso todas as doutrinas deveriam ter a mesma tolerância. Dentro do sindicato todos eram operários. Fora dele poderiam associar-se ao grupo que mais lhe agradasse. Como vimos anteriormente era essa a idéia que Sorelli tinha defendido para as sociedades de socorro mútuo.

3. Sorelli, o sindicalista

Todo esse intenso debate sobre o sindicalismo e a posição que se deveria dar a ele na luta pela revolução social que ocorria na Itália entre socialistas, anarquistas e sindicalistas revolucionários e entre os representantes das várias tendências do anarquismo repercute também aqui no Brasil. Sorelli foi uma das principais figuras do movimento sindicalista revolucionário em São Paulo, exemplo do militante que se manteve anarquista na teoria, mas que tinha uma prática sindicalista revolucionária.

[44] A carta de Amiens, símbolo do programa e dos princípios do sindicalismo revolucionário reafirmou e consolidou idéias já presentes nos artigos do estatuto da CGT e no movimento sindicalista. De fato, o primeiro congresso operário brasileiro, realizado em abril de 1906, apresentou várias das idéias contidas na carta de Amiens, que resultou do congresso da CGT realizado somente em outubro daquele ano. Ver a carta em Dubief, H *Le Syndicalisme Révolutionnaire*, Paris, A. Colin , 1985.

Em 1904, portanto antes que a FOSP nascesse, Sorelli escrevia artigos para o jornal *O Chapeleiro*, órgão da Liga de resistência entre chapeleiros e anexos, que se apresentava como "defensor da classe chapeleira e do operariado em geral". A sede do jornal estava na rua Marechal Deodoro, n. 2 em São Paulo. Em seus artigos, Sorelli defendia a importância da organização dos trabalhadores em associações de ofício. Sorelli destacava a importância dos benefícios econômicos como a diminuição do horário de trabalho, o aumento das tarifas, a melhoria das condições de higiene nas oficinas, mas também os benefícios morais do reconhecimento do direito de fazer valer as próprias opiniões e de instruir-se e educar-se:

> "Não são raros os exemplos de ligas operárias e câmaras do trabalho que têm, mediante o constante trabalho de educação, melhorado a tal ponto o moral dos próprios associados a ponto de surpreender todos os pessimistas que crêem que o operário é incapaz de compreender os benefícios que derivam da ciência e da arte"[45].

Sorelli segue argumentando sobre a importância da solidariedade como arma indispensável na luta contra a exploração. Defende o fortalecimento da identidade operária argumentando que uma injustiça, um insulto, um abuso cometido contra um companheiro representava uma injustiça, um abuso, um insulto contra toda a sua classe e que a melhor maneira para lutar e desenvolver essa solidariedade era a associação de ofício. Embora nesse período Sorelli já tivesse se declarado anarquista, em seus longos artigos publicados n'*O Chapeleiro* não aparece nenhuma referência ao anarquismo, o que demonstra que sua preocupação era já nesse momento não as reflexões teóricas, mas a prática sindical e a consolidação da organização operária.

[45] Giulio Sorelli. "Associazioni di mestiere ed i loro benefici morali". *O Chapeleiro*, 01-05-1904, p.3.

Em junho de 1905, Sorelli participou da fundação do jornal *Il Falegname*, depois publicado também em português, com o nome *O Carpinteiro*, junto com outro italiano, Stefano Soncini, convidando todos os trabalhadores à organização e à solidariedade, defendendo a necessidade da luta pelas oito horas e a autonomia sindical:

> "As organizações operárias, pelos métodos em que são baseadas, pelos fins que se estabelecem, devem necessariamente, indiscutivelmente, ficar autônomas. A Liga de Resistência é o resultado direto da luta de classe e seu valor está em relação com a sua força numérica. A adesão direta das Ligas ao partido socialista mutilaria a ação sindical ou a limitaria sensivelmente. De fato, elas não seriam abertas senão pelos socialistas, pois a adesão à Liga teria por conseqüência a adesão, embora indireta ao partido, e os que do partido socialista não aprovam o método ou aprovam-no só em parte, não poderiam escrever-se (sic) à Liga e a organização cessaria de ser organização de classe por ficar agrupação (sic) política. Depois, ao lado das ligas aderentes ao partido socialista surgiriam, por conseqüência, outras anarquistas, republicanas, democratas cristãs e assim por todos os degraus da escada das tendências políticas. Esta divisão de força, esta guerra que as ligas fariam uma à outra seria um dano enorme à expansão do movimento operário"[46].

Aqui já estavam estabelecidas as diretrizes que Sorelli manteria depois na FOSP. A insistência em não associar as ligas aos socialistas é um claro indício de que havia essa tendência, ou seja, havia uma forte presença dos socialistas, pois como vimos no capítulo dedicado a De Ambris, as primeiras ligas tinham surgido em um momento de atuação intensa dos socialistas do *Avanti!* em meio aos trabalhadores, sobretudo enquanto De Ambris ainda estava no Brasil. Não se justificaria esse temor do controle do sindicato pelos socialistas se não houvesse a possibilidade concreta disso se realizar. Ao mesmo tempo, a citação deixa claro o esforço para que as ligas também não fossem anarquistas, pois isso

[46] "A coluna das perguntas – Amigos do Carpinteiro". *O Carpinteiro*, n. 1, 01-06-1905, p.1. O trecho é extraído de uma resposta dada pelos redatores do jornal à pergunta de um trabalhador sobre a necessidade ou não das ligas de resistência aderirem ao socialismo.

destruiria a unidade dos trabalhadores pois aqueles que não se identificassem com as idéias anarquistas, ou que professassem outra fé política não se reconheceriam em uma liga que se declarasse anarquista.

Nesse período Sorelli enfrenta duras críticas dos anarquistas que eram contrários às organizações operárias. Sorelli responde às críticas argumentando que as ligas operárias eram grandes centros de solidariedade e que os trabalhadores queriam melhorar suas condições econômicas. Em uma resposta aos redatores do jornal *La Battaglia*, Sorelli afirmou que "combater as organizações era uma obra anti-revolucionária"[47]. Alguns meses depois, a polêmica com o *La Battaglia* continuava, pois os anarquistas acusavam Sorelli de incoerência por participar ativamente da Lega dei lavoranti in legno. Nesse período, o Circolo Socialista de Franca, no interior de São Paulo nomeia Sorelli para representá-lo no congresso socialista paulista, o que indica que ele era ainda reconhecido como socialista. Ele porém recusa o pedido, passando a tarefa ao seu colega de oficina Soncini, que muito provavelmente era socialista[48].

Alguns meses mais tarde, porém, os redatores do *La Battaglia* chegam a publicar um anúncio sobre uma festa da liga dos trabalhadores em madeira para financiar o jornal *Il Falegname*, dirigido por Sorelli. No programa da festa estavam um drama de Sorelli, *I Martiri* e uma conferência sua com o título *Realtà o Utopia?*[49].

Foi esse jornal dos carpinteiros que anunciou a proposta que estava em discussão nos meios operários, de reunir as diversas associações de classe de São Paulo em uma Federação, com o objetivo de orientar em uma base comum o movimento associativo e ajudar o desenvolvimento de várias ligas de resistência. O jornal divulgou com grande

[47] Giulio Sorelli. "Ancora sulle organizzazioni". *La Battaglia*, 26-03-1905, p. 1.
[48] Giulio Sorelli. "Ai compagni". *La Battaglia*, 14-05-1905, p. 3

entusiasmo a notícia. A federação, com o nome de Federação Operária de São Paulo (FOSP), nascerá no fim daquele ano e terá como secretário Sorelli.

É interessante observar aqui que a proposta de formação da federação, que coordenasse as atividades das diversas ligas já existentes não parte do grupo socialista do *Avanti*! e nem dos anarquistas de *A Terra Livre*, mas dos próprios trabalhadores ligados ao grupo do jornal *O Carpinteiro*. Vemos nesse processo também um esforço de democratização das decisões, pois o jornal de maior circulação na colônia italiana de São Paulo, o *Fanfulla*, anunciou que os estatutos da Federação que estava para nascer entre as várias ligas de resistência seria discutido em uma reunião, realizada em novembro de 1905, no largo do Paisandú, número 44, provavelmente a sede da Lega dei lavoratori in legno, a Liga dos trabalhadores em madeira[50].

No fim daquele mês, o *Fanfulla* publica também um apelo da recém-nascida Federação Operária do Estado de São Paulo, convidando os trabalhadores a unir-se em um único feixe, "com o objetivo de combater para a emancipação econômica e moral do proletariado, como partido de classe independente de qualquer outra influência"[51]. Era um claro apelo à unidade da classe trabalhadora e uma declaração de autonomia que reforça a tese que estamos defendendo.

À Federação, no momento do seu nascimento já tinham aderido a Unione dei cappellai (União dos Chapeleiros), a Lega lavoranti in legno (Liga dos trabalhadores em madeira), Lega tra gli scalpellini (Liga dos canteiros), a Unione internazionale dei calzolai (União internacional dos sapateiros) e a Unione Operaia (União Operária), que reunia

[49] *La Battaglia*, 27-08-1905, p. 4
[50] Ver "Solidarietà Operaia", *Fanfulla*, 10-11-1905, p. 2.
[51] Ver "Movimento Operaio". *Fanfulla*, 01-12-1905, p. 2

trabalhadores de vários ofícios, que não tinham a sua própria liga. A sede estabeleceu-se no Largo do Paisandú, número 44 e Sorelli se tornou seu primeiro secretário[52].

Além de secretário da FOSP, ele era um dos principais redatores do jornal da federação, inicialmente escrito em português, *A Lucta Proletária*, e depois em italiano *La Lotta Proletaria*. Ele representava a federação nos congressos operários, fazia conferências sobre o sindicalismo em São Paulo e no interior, reunia-se aos operários em greve, como na greve dos ferroviários de 1906, quando, como vimos, ele foi preso. Isso nos dá uma idéia de como a FOSP foi importante na vida de Sorelli. Compreender a história da FOSP é conhecer também uma parte importante da vida de Sorelli e da história do sindicalismo revolucionário em São Paulo.

A FOSP foi fundada no fim de novembro de 1905 com 5 ligas e já no ano seguinte havia ajudado a organizar uma série de novos sindicatos. Desde a sua fundação, mostrava-se claramente adepta do sindicalismo revolucionário, em um claro confronto com a tendência reformista do socialismo e com os anarquistas contrários à organização sindical. De Ambris observou com entusiasmo as atividades da federação:

> "A federação operária existe e vai assumindo um caráter sempre mais internacional, embora a massa dos organizados seja constituída em sua maioria de italianos. Os tipógrafos, os litógrafos, os impressores, os chapeleiros, os pedreiros, os ferroviários, etc, têm agora as suas próprias ligas. A federação operária de São Paulo fez a sua primeira árdua prova na grande greve ferroviária este ano, à qual se seguiu a greve geral na cidade de São Paulo. Apesar dos erros, das deficiências, das fraquezas – inevitáveis de resto quando se tenta alguma coisa nova que se não havia tentado antes – a greve ferroviária julgada objetivamente como fenômeno social, é uma indicação preciosa e inesperada da relativa maturidade e de força, no seio da classe operária que vive no Estado de São Paulo" [53].

---

[52] idem.

[53] Alceste De Ambris. "Il movimento operaio nello Stato di São Paulo" in *Il Brasile e gli italiani*, Florença, 1906, p. 845.

A federação tinha sido criada para superar o isolamento dos operários, o que era considerado a principal causa da vida anêmica das associações já existentes:

> "a ausência de contato entre eles nas horas de descanso, a falta de um centro onde se pudessem encontrar constantemente, palestrar, ler, trocar opiniões, entabular novos conhecimentos com seus companheiros de classe e o operariado em geral. E foi daí que surgiu a idéia de se procurar reunir em uma sede única, todos os sindicatos, para que fosse possível organizar as secretarias, uma sala de leitura, de palestras e reuniões"[54].

Conseguida a adesão dos sindicatos foi preciso encontrar um prédio que oferecesse as comodidades necessárias e que estivesse situado num ponto da cidade acessível a todos os operários, que estavam espalhados pelos diversos bairros da capital. Conseguiu-se então uma sala em um sobrado da Travessa da Sé, onde então se instalaram todas as associações. Com o aumento contínuo da freqüência ao local e com a afluência das novas ligas que iam sendo fundadas, resolveu-se alugar todo o resto do prédio para que assim se contasse com uma sede relativamente boa, com sala de leitura em um local adequado e espaço para as reuniões:

> "Os operários que queiram empregar algum do seu tempo, têm a sua disposição livros, jornais, folhetos, etc., e encontrarão também com quem palestrar comodamente"[55].

É interessante observar como o sindicato assumia também o papel de espaço de sociabilidade e de educação. Os redatores do jornal da FOSP recomendavam a leitura e vendiam os opúsculos em português *As bases do sindicalismo*, *As oito horas*, *O governo revolucionário*. Em italiano *Sciopero generale, suo fine e suoi mezzi*, *Sindacalismo e*

[54] "Notas e reparos - a sede geral". *A Lucta Proletária*, 01-05-1907, p. 2.

rivoluzione sociale, *Che cos'è il socialismo*, *La legislazione operaia*, *Capitalismo, cristianesimo e socialismo*, *Guerra alla guerra*, *Scienza e religione* e tantos outros.

A convivência na sede da FOSP serviu, sem dúvida, de estímulo para as ligas. Algumas ligas que tinham desaparecido, ou atuavam pouco, voltaram a funcionar nesse período, graças ao impulso dado pela organização desse espaço comum: a União Internacional dos Sapateiros, o Sindicato dos Trabalhadores em Mármore, o Sindicato dos Trabalhadores em Ladrilhos e Mosaicos, Sindicato de Trabalhadores em Fábricas de Tecidos e o Sindicato das Costureiras, alguns dos quais, reorganizados, conseguiram logo algumas vitórias. Os que foram se organizando depois da fundação da Federação foram o Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos, Sindicato dos Padeiros e Confeiteiros, Sindicato dos Trabalhadores em Veículos e a União Operária. Esta última era aberta aos trabalhadores de todas as categorias que ainda não tinham uma associação própria, que depois foram se separando em sindicatos autônomos.

A atividade de Sorelli como secretário da Liga era muito intensa. Em janeiro de 1907, por exemplo, Sorelli ajudou as trabalhadoras da Lega di Resistenza delle Sartine (costureiras). Em uma festa realizada para arrecadar dinheiro para a liga, no salão Steinway, em São Paulo, houve conferência de Sorelli, um drama, *Ribellioni*, uma conferência de A. Pennazzi, uma costureira socialista de 14 anos, além do baile e da loteria[56]. No mês seguinte um grupo de tecelões pediu auxílio à FOSP para a constituição de uma liga. Na reunião ocorrida no Centro Espanhol no Brás compareceram 50 tecelões, que trouxeram a adesão de muitos outros companheiros e companheiras de trabalho. Sorelli falou, sugerindo a constituição de uma comissão provisória para redigir o estatuto. Na reunião falou também

[55] Idem.
[56] "Lega di Resistenza delle Sartine" *Avanti!*, 17-01-1907, p.1

Donato Donati, chefe de redação do socialista *Avanti!* É interessante observarmos aqui essa ação conjunta de Sorelli com os socialistas do *Avanti!*[57]. Em maio, por exemplo, o *Avanti!* anunciava com entusiasmo que, em uma reunião na FOSP, Sorelli tinha explicado aos padeiros ali reunidos como deveriam fazer para obterem o horário máximo de oito horas[58]. No mesmo mês, Sorelli reuniu-se na FOSP com os pedreiros, em greve pelas oito horas. Alguns pedreiros sugeriram que quem já tinha obtido as oito horas continuasse em greve. Sorelli foi contrário, por considerar que era necessário diminuir o número de desempregados e aconselhou os grevistas a entrarem nos canteiros que já tinham conseguido as oito horas[59].

Na reunião da Lega dei vetrai di Água Branca (vidreiros), que tinha sido fundada havia pouco tempo, também houve uma intervenção de Sorelli. Os trabalhadores escolheram por unanimidade a adesão à FOSP e foi realizada a eleição dos delegados[60]. Naquele mesmo mês foi realizada uma festa em prol dos grevistas no Centro Espanhol. Os bilhetes podiam ser comprados no próprio local, na sede da FOSP e na redação do *Avanti!*. A festa, segundo o relato do jornal socialista, estava cheia e a arrecadação para os trabalhadores foi boa. Depois da conferência de Sorelli, que falou sobre a necessidade da organização dos trabalhadores, houve o baile que durou até bem tarde[61]. Sorelli fez uma conferência também na festa para arrecadação de dinheiro para a União dos Chapeleiros, realizada no Salão Lyra. Além da conferência de Sorelli, houve a apresentação de duas

---

[57] "Lega di Resistenza fra Tessitori e Tessitrici di S.Paolo". *Avanti!*, 04-02-1907, p.2.

[58] *Avanti!*, 12-05-1907, p. 2. O *Avanti* apresentava também a arrecadação e distribuição de dinheiro que a FOSP realizava: "Alla União dos Pedreiros, 100.000; Pagati alla tipografia V. Del Frate, 100.000; Indemnização a Sorelli, 60.000; Alla Tipografia Ideal (F.lli Canton), 17.000; Barbante, Sellos para manifesto 4.000; Ao Sindicato dos Tecelões, 10.000; A Vittoria Sturari, 25.000; A João Calgari, 2.000; U. das T. Graphicos, 100.000; A C. Bernacca, 80.000; A R. Scozzesi, 25.000; Para bonds. Papel, envelopes, ecc. (Grazzini), 12.400; S. dos Tecelões, 55.000; Totale: 610.400. Ver "Sahidas dalla Sott. Pro-scioperanti". *Avanti!*, 12-07-1907, p. 2.

[59] "Muratori". *Avanti!*, 10-07-1907, p.1.

comédias e de luta romana e também o baile e a loteria[62]. Apesar do seu trabalho como carpinteiro e da sua atuação na FOSP, Sorelli realizava também outras atividades. Em janeiro de 1907, por exemplo, ele fez parte da comissão que avaliou os alunos da escola Primo Maggio[63].

As festas eram importantes também para a arrecadação de fundos para as ligas e a federação. Há relatos nos jornais sobre as dificuldades financeiras da federação, sobre o fato de que as contribuições eram pequenas e irregulares e que freqüentemente a FOSP ficava em déficit e a *Comissão Federal* sem recursos para satisfazer as necessidades de propaganda e expedientes da secretaria. Por isso ela se via forçada a abrir subscrições constantes para cobrir as despesas de cada iniciativa. Disso se deduz que havia alguma contribuição mais ou menos fixa (1000 réis por mês de cada associado)[64], ou seja específica para a federação, e outras eventuais. A redação do jornal observa que os trabalhadores contribuíam sempre para ajudar a contornar as dificuldades, tão comuns nos meios operários.

Algumas das ligas arrecadavam as quotas dos seus associados para a própria manutenção e para sustentar os movimentos como se observa nessa polêmica que se vê em um artigo do jornal *La Battaglia*, quando Filodemi, respondendo às críticas de um anti-organizador à *Lega dei Cappellai*, escreve:

> "O subsídio para os grevistas necessitados foi votado em uma reunião de pouco menos de duzentos operários: o subsídio com base em 80% do salário de cada trabalhador foi votado em uma outra assembléia com mais

[60] "Movimento Sindacale". *Avanti!*, 24-06-1907, p.3
[61] "Movimento Sindacale". *Avanti!*, 24-06-1907, p. 3
[62] "Movimento Sindacale". *Avanti!*, 09-12-1907, p.1
[63] "Scuola '1° Maggio'" *Avanti!*, 28-01-1907, p. 3. A escola ficava na rua Major Diogo, 90 e o diretor chamava-se Francesco Agnello.
[64] A indicação dessa cifra aparece em várias fontes como o próprio jornal da FOSP e no relato das testemunhas do processo de expulsão de Sorelli.

> de 100 presentes – a aprovação ocorreu por unanimidade, levantando-se a mão. (...) Ter a liga cobrado dois anos de quotas atrasadas a dois operários que naquele tempo trabalhavam na terra para manter a família é um abuso que não deve ser denunciado vagamente, mas provado, porque o sócio que está desempregado, e que exerce outra atividade, como fez Filodemi, de vender salame, não é obrigado a pagar as taxas sociais". [65]

É importante destacar aqui que os anarquistas se opunham as quotas fixas para a federação e às arrecadações das ligas. Um texto publicado em maio de 1908 no boletim do bureau encarregado de manter relações entre os anarquistas de diversos países, sobre a situação e as perspectivas do movimento anarquista no Brasil é bastante elucidativo a respeito disso. Nesse período, conforme o relatório, o único jornal anarquista em São Paulo era o *Terra Livre*. O relator declarava que o objetivo dos anarquistas no Brasil no período era o de despertar as consciências. Não era a sua atividade principal a atuação na organização dos trabalhadores pois o relator declara que

> "(...) nossa única organização possível é aquela que resulta da publicação dos jornais"[66].

Em relação aos sindicatos, a afirmação é

> "Os órgãos de classe são numerosos. (...) As organizações operárias brasileiras estão agrupadas em federações por Estados e reunidas em uma confederação geral"[67].

O relator se lamenta, porém, que a grande maioria dos operários não eram anarquistas:

> Mas a grande maioria [dos operários] não pensa senão em juntar dinheiro para enfrentar as greves ou para fundar cooperativas"[68].

---

[65] "Mondo Operaio. Addizioni necessarie". *La Battaglia*. 21-10-1906, p. 1.
[66] Marcel Vereme. "Brésil". Bulletin de L'Internationale Anarchiste, I, n. 4 (1 mai 1908), pp. 3-4 (IISG) citado por P.S. Pinheiro e M. Hall. *A classe operária...*, *op. cit.*, vol.I, p. 107-109.
[67] Idem, p. 108.
[68] Idem.

Em nenhum momento o relatório apresenta os sindicatos como um espaço anarquista, e pelo contrário, lamenta-se que os sindicatos tivessem essa função, desejada pela grande maioria dos trabalhadores, de juntar dinheiro para enfrentar as greves para melhorar suas condições econômicas.

Dos sobrenomes que constam nas listas de subscrições podemos concluir que a grande maioria dos participantes dos sindicatos associados à FOSP eram italianos e seus descendentes: Grassini, Prosdocimi, Odessa, Albertona, Monti, Cimatti, Fantelli, Albamonti, Esposito, Longo, Agrimani, Menarini, Marangoni, Manara, Chiara, Gennari, Gaeta, Crisi, Mosca, Cerruti, Bertolucci, Morelli, Minghi e tantos outros. Do interior, Leonardi, Manelli, Bezzi, Collino, Boschetto, Lombardi, Poli, Botim, Scarmagnan, etc. Mas há também alguns Leuenroth[69] (Edgard e João), Escaño, Silva, Goudinho, Ribeiro, Fortes, Rios, Gonçalves, dos Santos, Bueno, Correa, mas não eram muitos, como não eram muitos os operários de outras nacionalidades, ao menos na cidade de São Paulo. No congresso operário nacional realizado em 1906, entretanto, os representantes da FOSP enviados para o Rio de Janeiro não eram predominantemente italianos. Além de Sorelli, representando seis sindicatos, estavam presentes Edgard Leuenroth, Fernando Frejeiro, Manoel Domingues de Almeida, Ulysses Martins, Caralampio Trillas, Carlos Dias, Manoel Moscoso, Fernando Bondad e José Sarmento. Luigi Magrassi representou, com Mota Assunção, a Liga das Artes Gráficas e Pietro Bernarducci e Silvio Pazzaglia a Liga Operária Italiana[70].

[69] Parece que o pai de Edgard Leuenroth teria vindo da região hoje chamada Alto Adige (que fazia parte do Tirol), região que no período da grande emigração estava sob o domínio da Áustria e que passou à Itália em 1918. Essa região era habitada por austríacos e italianos.
[70] Resoluções do Primeiro Congresso Operário Brasileiro in P.S. Pinheiro e M. Hall, *op. cit.*, pp. 42-58.

Os estatutos das ligas, como o que apresento a seguir, o da Liga de Resistência dos Operários e Operárias das Fábricas de Tecido de São Paulo, revelam claramente o caráter sindicalista e não anarquista das associações:

> "Na Liga podem entrar todos os que trabalham nas ditas fábricas, tanto em tecelagem como em fiação, tinturaria, máquinas, etc. de qualquer idade, sem distinção de cor e nacionalidade". (...)
> "A Liga tem por fim fazer com que – mediante a união – os trabalhadores dos dois sexos tenham a necessária força para tratar com seus patrões, diminuir as horas de trabalho e aumentar progressivamente os salários". (...)
> " A sociedade é regida por uma Comissão Administrativa e um Comitê Executivo: A Comissão Administrativa é composta de quatro delegados homens e quatro delegadas mulheres para cada fábrica aderente à liga. Os delegados serão eleitos separadamente pelos operários da fábrica a que pertencerem e têm as seguintes atribuições: 1) Dirigir administrativamente a sociedade; 2) Recolher as quantias provenientes das mensalidades dos sócios e passá-las ao tesoureiro (...) Os fundos constituídos pelas quantias depositadas servirão: a) para subvenções aos sócios em caso de greve, quando seja ela deliberada pela assembléia geral. b) Para socorrer os sócios, vítimas de perseguição, reconhecida injusta, por parte dos patrões. c) Para todas as despesas necessárias ao bom funcionamento da sociedade"[71].

O jornal da FOSP anunciava também os horários das reuniões dos vários sindicatos e ligas da capital e do interior. Na sede da federação os operários se reuniam semanalmente: a União dos Trabalhadores Gráficos e a União dos Sapateiros às segundas; a Liga dos Pedreiros e Anexos, nas terças; o comitê da própria federação, o conselho administrativo da União dos Chapeleiros, o Sindicato dos Padeiros e Confeiteiros e o Sindicato dos Trabalhadores em Veículos, reuniam-se todas as quartas-feiras; a Liga dos Trabalhadores em Madeira e o Sindicato dos Trabalhadores metalúrgicos nas quintas; o Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos, o Sindicato dos Trabalhadores em Mármore e a

[71] "Estatutos da Liga de Resistência dos Operários e Operárias das Fábricas de Tecidos de São Paulo".

União Operária, nas sextas. O horário das reuniões era às 19:30 h. Alguns se reuniam também nos domingos de manhã e às vezes mudavam o dia semanal de encontro. A sede da FOSP ficava aberta todas as noites das 18:30 h às 22:00 h e aos domingos o dia todo, inclusive a sala de leitura, onde se encontravam jornais e livros. Sorelli, como secretário da FOSP, deveria participar constantemente dessa movimentação da sede.

Os balanços apresentados nas páginas de *Lotta Proletaria* indicam que as doações dos sócios e de grupos permitia à FOSP garantir o pagamento das despesas com folhetos, cartazes, correspondências, viagens e auxílio aos grevistas. As entradas, apresentadas no jornal, demonstram a contribuição e solidariedade individual ou de ligas, grupos e jornais, tanto da capital quanto do interior e nos dão uma idéia do funcionamento de uma organização que foi central na vida de Sorelli nos anos que se seguiram à sua fundação. *A Luta Proletária* de 01 de maio de 1907[72], por exemplo, apresenta as entradas e saídas dos balancetes do próprio jornal, de uma greve dos tecelões da fábrica Ipiranguinha de São Bernardo, do primeiro Congresso Operário Brasileiro, de uma festa, da conferência estadual, da sede social, da caixa da federação e da greve da Paulista, totalizando uma entrada de 6:263$800. Desse total o maior valor de entradas foram as contribuições dadas em prol da greve dos ferroviários da Companhia Paulista que foi de 2: 224$700, vindo em segundo lugar as contribuições para a própria sede da federação, 1:510$000 e em terceiro as entradas da festa, 921$500. Os maiores gastos foram com a própria greve da Paulista 2:169$700 e com a manutenção da sede, 1:536$300.

Gazeta Operária, 30-11-1902. O jornal socialista *Avanti*! era encarregado das publicações oficiais da liga.

[72] Número presente no processo de expulsão contra Sorelli . Processo de expulsão dos anarquistas Oreste Ristori, Giulio Sorelli e Alessandro Cerchiai - Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, Ministério da Justiça, IJJ7, n. 179.

Para a greve da Paulista, por exemplo, contribuíram o jornal socialista *Avanti!*, a *União dos Graphicos, Trabalhadores em Vehículos, União dos Chapeleiros*, e operários e militantes, sobretudo da capital, mas também de Araraquara, Lençóis, Ribeirão Preto, Bauru, Jaboticabal, Limeira, Sorocaba, Pirassununga, Santa Cruz das Palmeiras, etc.

Nas entradas dos vários balancetes aparecem a União dos Chapeleiros, o Sindicato dos Trabalhadores em Mármore, a Liga dos Trabalhadores em Madeira, a União dos Sapateiros, a União dos Trabalhadores Gráficos, Trabalhadores em Vehículos, a União dos Pedreiros, o Sindicato dos Padeiros e Confeiteiros, o Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos, a Liga das Costureiras e Costuradores de Sacos, a União dos Trabalhadores Gráficos de Campinas, as Ligas Operárias de Salto, Espírito Santo do Pinhal, Dourados, Sorocaba e Campinas e o Centro União dos Sindicatos de Santos.

Nas saídas estavam a ajuda aos grevistas; aluguel do prédio (184$000 por mês); pagamento ao encarregado da limpeza; iluminação; depósito para a água; consertos (da escada e do pote); despesas de secretaria (papel, livros em branco, penas, etc.); 1 corrente para chaves; goma arábica para expedição; impressão de manifestos e cartazes; viagens dos delegados da federação aos locais de greve; correspondências; aluguel do "Salão Excelsior" para a Conferência Estadual; mesas; música para a festa de encerramento da conferência estadual; carretos; cordão, bondes e miudezas; impressos para a conferência (circulares, senhas e entradas para a festa); carimbos; 90 exemplares do *Seculo*[73] (onde tinham sido publicados os estatutos); empréstimo à Liga das Costureiras de Sacos; 4 livros de passes de bonde para o secretário, o que indica os constantes deslocamentos de Sorelli do Cambuci ao

[73] Trata-se, muito provavelmente, do jornal *Il Secolo* dirigido pelo socialista Antonio Piccarolo. A coleção encadernada desse jornal encontra-se no *Istituto Italiano di Cultura*, mas a sua consulta não é permitida devido ao mau estado de conservação. Esse jornal, dirigido pelo socialista reformista Antonio Piccarolo será depois boicotado pelo jornal da FOSP.

centro, onde ficava a sede; gratificação ao carteiro; aluguel do Liceu Espanhol para reunião dos tecelões; gastos com as viagens de delegados à Jundiaí; os gastos com os vários números do jornal da FOSP (120$000 cada); contribuições para as despesas do congresso; auxílio aos 3 delegados enviados; aluguel de salão para festa, música, impressão de bilhetes de entrada, ao guarda-roupas, bondes, compra de prêmios para a quermesse (lápis, cartões, charutos e cigarros), para a caracterização, carroça para levar os prêmios ao salão (a metade dos lucros da festa foi para a *União dos Chapeleiros)* e auxílios a companheiros e viúvas.

Esse exemplo de balancete foi apresentado para construir um quadro do funcionamento e do dia-a-dia da federação da qual Sorelli era o principal membro. Se os debates durante a constituição da federação deixam clara a sua filiação ao movimento sindicalista revolucionário internacional, sua prática também explicita isso, visto que ela aceita esse quotidiano reformista e baseia suas lutas por melhorias no método da ação direta.

Sorelli, como secretário da federação, era pago com os recursos dela como aparece nos balancetes:

> "3 dias de salário ao Secretário perdidos em trabalhos de preparação da conferência estadual".(...) "pagos 6 dias de salário ao Secretário perdidos em serviços da Federação". "3 dias de salário ao Secretário perdidos em serviço do jornal". "Pago 2 dias de salário para preparar a quermesse e a festa" [74].

Esse pagamento limitava-se a alguns períodos de maior necessidade, visto que o balanço é referente a 7 meses de funcionamento da federação e a soma dos dias pagos a Sorelli é de apenas 14, num total de 82$000, pouco no conjunto das arrecadações. É

possível que Sorelli trabalhasse autonomamente como marceneiro, o que explicaria a sua disponibilidade para o trabalho na federação. Nesse período ele dividia o trabalho de secretaria da federação com Pilade Grassini, que mais tarde se tornaria secretário. O tesoureiro era Alfonso Contieri e a comissão redatora do *A Lucta Proletaria* era formada também por Eduardo Vassimon e Paulo Cruz. Em 1908, havia um encarregado do jornal que podia ser encontrado na sede todos os dias das 8 às 16:00h e das 19:00 às 21:00 h.[75], o que significava certamente a presença de um funcionário assalariado.

É interessante observarmos aqui que a existência de funcionários pagos nos sindicatos era condenado por todos os anarquistas, o que é mais um reforço da nossa idéia que os sindicatos em São Paulo no período não eram anarquistas. O modo como o sindicato funcionava era o resultado das discussão entre os trabalhadores que o compunham e como vimos esses podiam ser sindicalistas revolucionários, socialistas, anarquistas ou outros. Então quando se concluiu a necessidade de um funcionário que estivesse sempre presente na sede, ele foi contratado, apesar da provável oposição dos anarquistas que faziam parte da federação.

Mas em alguns momentos, o caráter sindicalista revolucionário da FOSP provocou críticas tanto do mundo socialista de São Paulo quanto dos anarquistas. No início de 1908, por exemplo, o *Avanti!* criticava o "pequeno grande Lama do sindicalismo local", Sorelli, que "depois de ter dito que o sindicato é neutro politicamente" afirmou desde o primeiro número do jornal da federação que ela "ater-se-á aos princípios sacrossantos do sindicalismo revolucionário". O crítico do *Avanti!* considerava uma incoerência que Sorelli criticasse as divisões que os intelectuais e as doutrinas políticas traziam para o sindicato e

[74] "Balanço da Federação Operária de São Paulo até 18 de janeiro de 1907". *A Lucta Proletária*, 01-05-1907, p. 4.

que depois desse à federação "o rótulo de sindicalista revolucionário em uma federação da qual também fazem parte socialistas, anarquistas e republicanos"[76]. Essa é mais uma confirmação de que a FOSP não era anarquista, mas sim sindicalista revolucionária. A continuação do artigo reforça também a nossa tese de que também aqui o sindicalismo revolucionário era visto como uma tendência política: "não é talvez também o sindicalismo revolucionário um método, uma doutrina política?"[77], argumenta o socialista do *Avanti!*.

Em um outro artigo 1908, provavelmente de Vincenzo Vacirca, então diretor do *Avanti!*, observa-se que os chapeleiros em greve tinham ido na redação do jornal para pedir conselhos pois haviam decidido constituir uma cooperativa de trabalho e produção, mas Sorelli, que o *Avanti!* chamou de "o porta-bandeira do sindicalismo revolucionário"[78], não concordava com a iniciativa por considerar que a cooperação enfraquecia o espírito rebelde do proletariado[79]. É interessante observar aqui que, mais uma vez, Sorelli é apresentado como o grande representante do sindicalismo revolucionário em São Paulo. Sua posição em relação ao cooperativismo não era, na verdade, negativa. Sorelli respondeu à acusação do *Avanti!* no jornal da FOSP, que, nesse período se chamava *A Lucta Proletaria* afirmando que o cooperativismo poderia ser uma ajuda ou um obstáculo para o movimento proletário. Seria útil somente se parte dos lucros fossem utilizados na propaganda e na ajuda a outros trabalhadores. Poderia ser, portanto, uma forma de luta paralela, embora ele defendesse que

---

[75] *A Lucta Proletaria*. 17-01-1908, p. 1.
[76] "Neutralità politica!". *Avanti!*, 23 gennaio 1908, p. 1
[77] Idem.
[78] "Lo sciopero dei cappellai. Un'iniziativa degli scioperanti". *Avanti!*, 11-02-1908, p. 1
[79] A posição dos sindicalistas revolucionários em relação às cooperativas na Itália é ambígua. Embora tendessem a rejeitá-la como estratégia, o jornal *L'Internazionale*, por exemplo, que como vimos era o porta voz do movimento sindicalista revolucionário de Parma, mantinha uma cooperativa de bicicletas. O jornal acusava os trabalhadores que comprassem outra bicicleta que não a do L'Internazionale de "crumiro". Ver a coleção de *L'Internazionale* presente na Biblioteca Lelio Basso, Roma.

os melhores benefícios "são os que nos vêm pela dedicação ao sindicalismo revolucionário ativo, enérgico e combativo"[80].

Certa vez, num sábado à noite, Vacirca fez uma conferência no salão do Eden Club, gentilmente cedido pelo socialista Ascanio Di Jorio, sobre a organização operária e o socialismo. Nele Vacirca argumentou que os países latinos erravam quando o movimento operário tendia a se tornar independente do partido socialista, desenvolvendo "o chamado sindicalismo revolucionário", que para ele era "uma mistura de corporativismo e de anarcoidismo", e argumentando que o modelo a seguir deveria ser o alemão, de socialismo integral, com greves, eleições e cooperativas[81]. Sorelli interveio defendendo o sindicalismo revolucionário, e segundo o relato do *Avanti*! "não foi brilhante como sempre, não conseguiu convencer mais do que Vacirca"[82]. Finalmente falou Oreste Ristori, que se declarou contrário a qualquer tipo de sindicalismo[83]. Falaram pois ali três correntes diferentes do movimento político de São Paulo: o socialista Vacirca, o sindicalista revolucionário Sorelli e o anarquista Ristori.

Na coluna de perguntas do jornal *Il Libertario* um leitor perguntava "com que coerência os anarquistas podem fazer parte das associações operárias e dar a elas o seu consenso, quando as mesmas impõem como condição *sine qua non* aos operários de fazer parte da liga para trabalhar em uma oficina"?[84] Quem responde é alguém com grande simpatia pelo sindicalismo, que argumenta que essa imposição tinha sido necessária para que as associações operárias se protegessem de elementos que não trariam solidariedade e

[80] Giulio Sorelli. "Cooperativismo". *A Lucta Proletaria*. 22-02-1908, p.1.
[81] "La conferenza del nostro direttore". *Avanti!*, 20-01-1908, p. 1.
[82] Idem.
[83] Idem.
[84] *Il Libertario*, 06-11-1906, p.3.

que os operários anarquistas deveriam aceitar a tática da luta de classes[85]. A obrigatoriedade de pertencer à liga para encontrar emprego aparece em vários momentos nos jornais. Em alguns casos, as ligas eram locais onde os desempregados podiam se dirigir para encontrar trabalho, o que já ocorria antes mesmo da fundação da FOSP. A Unione dei lavoranti in pietra granito chegou, por exemplo, a alugar uma pedreira para dar emprego a trabalhadores desempregados[86]. A sede da liga era um ponto de referência para os trabalhadores. A mesma liga fazia anúncios como esse:

> "Tendo o sindicato recebido pedido de 15 canteiros em boas condições, avisamos os companheiros que estão procurando trabalho para apresentar-se na sede"[87].

O grupo anarquista do jornal *Terra Livre* acusava os anarquistas adeptos do sindicalismo revolucionário, que se reuniam em torno do jornal *Il Libertario*, dirigido por Sorelli, de terem abandonado o anarquismo. O jornal *A Terra Livre*, argumentava que era necessário estar em meio aos trabalhadores, mas para fazer propaganda do anarquismo e não para lutar por um programa mínimo de conquistas[88], seguindo as idéias do anarco-comunismo de Malatesta, que vimos no primeiro capítulo. Os sindicalistas de *Il Libertario* respondem que viam nas associações, além das conquistas imediatas, uma escola de consciência e sobretudo um terreno de luta real e que não acreditavam errar ao participar do movimento operário, ainda que este não correspondesse às idéias anarquistas[89]. Os anarquistas de *La Battaglia*, no mesmo período, afirmavam que não era possível equilibrar as teorias anarquistas com a prática sindicalista. Os sindicalistas de *Il Libertario* responderam que os próprios "puritanos do anarquismo" não mantinham a coerência e que

---

[85] Idem.
[86] "Movimento Operaio". *La Lotta Proletaria*, 15-03-1909, p.4.
[87] "Movimento Operaio". *Avanti!*, 02-07-1908, p. 2.

as condições do ambiente não permitiam a ninguém manter a coerência, ou seja, argumentam que era possível ser anarquista na teoria, como eles se declaravam, mas não na prática[90]. Portanto, os anarquistas reunidos no jornal *Il Libertario*, que na prática atuavam no sindicato como sindicalistas revolucionários, enfrentavam duras polêmicas tanto com os anarquistas de *La Battaglia*, quanto com os da *Terra Livre*, que achavam que os sindicatos deveriam ser anarquistas e seguindo claramente as idéias de Malatesta achavam que os anarquistas deveriam fazer propaganda nos sindicatos. Os sindicalistas de *Il Libertario* respondiam à *Terra Livre*:

> "(...) Outras objeções moverão, sem dúvida, contra nós os amigos de *Terra Livre*. A todas poderemos responder: as associações operárias procedem com métodos sugeridos pela prática.(...) Pretender que as nossas sociedades correspondam às teorias libertárias é loucura porque os elementos que a compõem pertencem a idéias e métodos os mais divergentes e não permitiriam hoje uma transformação radical, a menos que não se queira limitar as funções das ligas às de centros de propaganda anarquista.(...) Temos certeza de que, pelos benefícios que à nossa classe trazem as associações de resistência, elas têm o direito à nossa cooperação, embora em algumas questões de importância secundária, elas vão contra as nossas convicções políticas. Eis o que queremos dizer para esclarecer o nosso pensamento expresso no último número e para que os amigos de *Terra Livre* possam se convencer melhor que estão do lado errado"[91].

Essa citação deixa claro a idéia que defendemos: a de que os sindicatos não eram anarquistas, porque eram compostos de trabalhadores com idéias políticas diferentes. Sorelli criticava os anarquistas contrários ao sindicalismo também nas páginas da *Lotta Proletaria*. Criticava a idéia anarquista de que toda conquista sindical era inútil e condenava a idéia de greve como ginástica revolucionária, sem reivindicações concretas.

---

[88] *Il Libertario*, 01-12-1906, p.1. *Il Libertario* reproduz a crítica feita a ele pelo *A Terra Livre*.
[89] Idem.
[90] Ver "La colonna delle domande" e "Movimento Operaio". *Il Libertario*, 06-11-1906, p.3 e p. 4 respectivamente.
[91] *Il Libertario*, 01-12-1906, pp. 1-2.

Sorelli argumentava que a revolução não estava próxima o bastante para que se deixasse de lutar para tornar menos dura a vida dos trabalhadores[92].

Aqui fica clara essa existência de três tendências entre os anarquistas de São Paulo. Aqueles como Oreste Ristori, que vimos declarar ser contrário a qualquer tipo de sindicato e que exprimem suas idéias nos jornais *La Battaglia* e depois em *La Barricata*. Depois temos os anarquistas inspirados pelas idéias de Malatesta, que aceitam a entrada nos sindicatos, porque o reconhecem como um espaço privilegiado para difundir a idéia anarquista, mas não aceitam a idéia de neutralidade política do sindicato. E finalmente temos aqueles que aceitam ainda o anarquismo como doutrina, mas ao mesmo tempo abraçam na prática o sindicalismo revolucionário, aceitam a idéia da neutralidade política do sindicato e fazem parte das ligas e federações junto com sindicalistas revolucionários puros, socialistas, republicanos, católicos e indiferentes, ou seja, reconhecem o sindicato como o espaço da unidade dos trabalhadores e um espaço concreto de lutas para a melhorias das condições de trabalho e de vida, espaço este que seria, para eles, fundamental na construção da sociedade futura.

4. O Congresso Operário de 1906

O Primeiro Congresso Operário realizado em 1906 mostra a clara influência do sindicalismo revolucionário. Como observam Pinheiro e Hall, as resoluções do congresso "são muito mais sindicalistas que revolucionárias" e do anarquismo não se encontra praticamente nenhum traço[93].

[92] Giulio Sorelli. "Beppe ed il socialismo". *La Lotta Proletaria*, 30-12-1908, p. 2.
[93] P.S. Pinheiro e M. Hall. *op.cit.*, vol 1, p. 41.

As bases do acordo da confederação aprovadas pelo congresso foram que ela tinha por objetivo:

a) "Promover a união dos trabalhadores assalariados para a defesa dos seus interesses morais e materiais, econômicos e morais;
b) Estreitar laços de solidariedade entre o proletariado organizado, dando mais força e coesão aos seus esforços e reivindicações, tanto moral como material;
c) Estudar e propagar os meios de emancipação do proletariado e defender em público as reivindicações econômicas dos trabalhadores, servindo-se para isso de todos os meios de propaganda conhecidos (...);
d) Reunir e publicar dados estatísticos e informações exatas sobre o movimento operário e as condições em todo o país".[94]

A COB era formada por federações nacionais de indústria ou de oficio, uniões locais ou estaduais de sindicatos, sindicatos isolados de locais onde não existiam federações ou de indústrias e oficios não federados. Somente os sindicatos formados exclusivamente por trabalhadores assalariados e que tivessem como objetivo principal a resistência no terreno econômico podiam fazer parte da confederação. Cada sindicato aderente devia contribuir para as despesas da Confederação com uma quota mensal de 20 réis por cada um dos membros. A comissão confederal era eleita por dois anos e distribuía os encargos entre seus membros. Ficou decidido que o jornal da COB, *A Voz do Trabalhador* deveria trazer em suas páginas informações sobre o movimento operário, o resumo das resoluções das sociedades aderentes à COB, convocações e avisos e artigos que a redação considerasse coerentes com as bases de acordo decididas no congresso, redigido de modo compreensível e isento de questões pessoais

A idéia de neutralidade política era expressa da seguinte maneira:

[94] Idem, pp. 42-58.

> "A Confederação não pertence a nenhuma escola política ou doutrina religiosa, não podendo tomar parte coletivamente em eleições, manifestações partidárias ou religiosas, nem podendo um sócio qualquer servir-se de um título da Confederação ou de uma função da Confederação em um ato eleitoral ou religioso".

No congresso, o tema da neutralidade foi o primeiro a ser discutido. As questões tinham sido preparadas e propostas com antecedência por várias das organizações que constituíam a federação. À questão de se a sociedade deveria aderir a uma política de partido ou conservar a sua neutralidade e se deveria exercer uma ação política, o congresso concluiu

> "Considerando que o operariado se acha extremamente dividido pelas suas opiniões políticas e religiosas; que a única base sólida de acordo e de ação são os interesses econômicos comuns a toda a classe operária, os de mais clara compreensão; que todos os trabalhadores, ensinados pela experiência e desiludidos da salvação vinda de fora da sua vontade e ação, reconhecem a necessidade iniludível da ação econômica direta de pressão e resistência, sem a qual, ainda para os mais legatários, não há lei que valha; o congresso aconselha o proletariado a organizar-se em sociedades de resistência econômica, agrupamento essencial e, sem abandonar a defesa pela ação direta, dos rudimentares direitos políticos de que necessitam as organizações econômicas, a pôr fora do sindicato a luta política especial de um partido e as rivalidades que resultariam da adoção, pela associação de resistência, de uma doutrina política ou religiosa, ou de um programa eleitoral".[95]

Outro tema discutido foi como comemorar o Primeiro de Maio, decidindo-se que deveria ser um dia de protesto e não de festa. Nessa parte da discussão o congresso além de convidar as organizações operárias a reafirmar o significado do Primeiro de Maio

[95] Idem, ibidem.

> "envia ao operariado francês a mais ardente expressão das suas simpatias e solidariedade, mostrando-o como o modelo de atividade e iniciativa ao trabalhador do Brasil."[96]

É interessante observar aqui como os operários reunidos no congresso se sentem parte de um movimento sindicalista internacional, que também no Brasil ia tomando força, ou ao menos tentando. A inspiração no movimento francês, sobretudo na CGT é clara e freqüente nos vários jornais operários de São Paulo.

O congresso decide também que a caixa mantida pelas organizações deveria ter como objetivo a resistência e que as associações operárias deviam adotar o nome de sindicato. Em relação à existência de funcionários remunerados nos sindicatos, aconselha-se a evitá-los, "salvo nos casos em que a grande acumulação de serviço exija peremptoriamente que um operário se consagre inteiramente a ele, não devendo, porém, receber ordenado superior ao salário normal da profissão a que pertença".[97]

Em relação aos meios de ação dos sindicatos, o congresso aconselhou a greve geral ou parcial, o boicote, a sabotagem, as manifestações públicas. Concluiu-se também que o principal objetivo ao qual os trabalhadores deveriam dedicar os seus esforços era a redução das horas de trabalho, a fundação de bibliotecas e instituições de ensino e pela atividade sindical. A propaganda do sindicalismo deveria ser feita através de "jornais, folhetos, cartazes, manifestos, carimbos, conferências, excursões de propaganda, representações teatrais e criação de bibliotecas".[98] Aconselha-se também os trabalhadores a não se sujeitarem às multas, usando para isso os recursos apontados acima. O congresso decide

[96] Idem, ibidem.
[97] Idem, p.49.
[98] Idem, p.52

também instigar as organizações a empreenderem uma propaganda ativa em prol das oito horas, sem diminuição de salário, seguindo o exemplo de outros países que também estavam lutando pela diminuição da jornada. Convidam também os militantes a dedicar

> "de acordo com o método seguido pelos companheiros franceses, os maiores esforços para que o operariado do Brasil, no dia primeiro de maio de 1907, imponha oito horas de trabalho".[99]

Além disso, convidam o proletariado a lutar contra a intervenção das forças armadas nos conflitos entre trabalhadores e patrões e a usar de todos os meios para garantir às federações o direito de reunião. Aconselha-se também a criação de escolas para os filhos dos trabalhadores. Em relação aos acidentes de trabalho, "considerando que as leis decretadas em prol dos trabalhadores sobre esta matéria não têm execução, são letra morta", o congresso aconselhou aos sindicatos que sempre que algum acidente se verificasse, eles arbitrassem a indenização que o patrão deveria pagar, forçando-o a apagar através da ação direta. Para garantir o recebimento do salário deveriam exigir pagamento semanal e em caso de falência da empresa dever-se-ia recorrer aos tribunais. Defendem também uma ampla campanha contra o alcoolismo, o esforço para organizar as operárias. Convidam os pais a não mandarem as crianças para as fábricas e operariado em geral a lutar para impedir o aumento dos aluguéis.

A predominância das idéias do sindicalismo revolucionário no congresso não significa que elas fossem realmente a expressão do movimento operário em todo o Brasil. É

[99] Idem, p.53.

provável que o grupo de representantes de São Paulo, sendo mais organizados, tenham feito prevalecer suas idéias.

5. A greve pelas 8 horas

O ano de 1907 foi marcado pela deflagração de inúmeros movimentos grevistas que visavam a diminuição da longuíssima jornada de trabalho a qual estavam submetidos os operários dos diferentes estabelecimentos, grandes e pequenos, de diferentes categorias de trabalhadores. O apelo do congresso nacional, feito no ano anterior, como vimos, obteve resposta.

Mas as greves não eram realizadas somente por questões salariais e de horário. Como antecipei na introdução, as greves de solidariedade também eram bastante freqüentes. Em janeiro de 1907, por exemplo, a Lega dei lavoranti in veicoli declarou uma greve na oficina de A. Zuffo. Essa liga, já tinha conseguido até aquele momento realizar três greves vitoriosas. A greve em questão durou quinze dias e foi provocada pela demissão de dois irmãos, Ernesto e Raffaele Mercaldo, porque estes eram "dois bons propagandistas da organização operária"[100]. Outros operários que protestaram também foram demitidos. Uma assembléia da liga propôs a greve e foi decidido realizá-la. A greve, que foi classificada pelos próprios trabalhadores como uma greve de solidariedade, foi vitoriosa, tendo sido feita a negociação diretamente com as comissão de grevistas. Conseguiu-se a readmissão de todos os operários, inclusive dos irmãos Mercaldo. De todos os trabalhadores da oficina, só um apresentou-se ao trabalho e foi classificado pelos outros

[100] "Movimento Operaio. Sindacato fra lavoranti in veicoli. Una vittoria" (Il Comitato). *Avanti!*, 03-01-1907, p.2.

trabalhadores como *crumiro*. O jornal da FOSP chegou a publicar nome e foto dos *crumiros* reincidentes, apresentando-os como traidores da causa operária[101]. É um simples episódio que demonstra uma força considerável dos trabalhadores em veículos.

A luta pelas oito horas foi um movimento em cadeia. Em São Paulo, os trabalhadores que primeiramente conseguiram transformar o movimento numa greve geral foram justamente os construtores de veículos:

> "No dia 23 de março de 1907, a classe dos trabalhadores em veículos declarou a greve geral iniciando assim em São Paulo e no Brasil a primeira luta verdadeira pelas oito horas. A luta durou cerca de um mês com um suceder-se de ânsias, de temores, de esperanças, aliás muito naturais, se se considera a importância que este movimento podia ter no nosso meio operário. As esperanças foram realizadas por completo, e no dia 18 de abril numa reunião mista de proprietários e operários das fábricas de veículos, à qual interveio o nosso secretário, foi sancionada a vitória da greve por parte dos nossos companheiros. As oito horas tinham sido ganhas pela ação direta de uma classe de operários"[102].

Depois seguiram-se os pedreiros, canteiros, pintores, marmoristas, trabalhadores da limpeza pública, encanadores, tipógrafos, funileiros, chapeleiros, metalúrgicos, tecelões, trabalhadores em madeira, passamaneiros[103] e trabalhadores em massas. Nas oito primeiras a greve foi geral e simultânea; nas outras foi por cada estabelecimento. Os trabalhadores que atingiram seus objetivos, ou seja, a obtenção das oito horas, foram os construtores de veículos, os pedreiros, os trabalhadores em madeira, trabalhadores em passamanarias,

---

[101] Ver, por exemplo, *La Lotta Proletaria*, 23-06-1909, p.4.

[102] Relação da Federação Operária no Segundo Congresso Operário Estadual de São Paulo. *Luta Proletária*, suplemento ao número 14, 01-05-1908 in P.S. Pinheiro e M. Hall, *op.cit*, vol.1, p. 76-77. Os erros de português presentes nesse balanço dos últimos anos do movimento operário em São Paulo ("adebidos" tradução inventada de *addetti* (pertencentes) ou "insormontável" do italiano *insormontabile* (insuperável), "subir" no sentido de sofrer como o italiano *subire*, "surrogar" como substituir, do italiano *surrogare*, por exemplo) deixam claro que ele foi escrito por um italiano, muito provavelmente Sorelli.

[103] Ofício de quem executa trabalhos em tecido, destinados ao acabamento ou enfeite de roupas, cortinas, móveis, etc.

chapeleiros, os canteiros, os encanadores, os pintores e os marmoristas. Os outros conseguiram diminuir o horário, mas não para oito horas. Os metalúrgicos conseguiram em algumas oficinas e em outras não. Uma das poucas categorias que não participou do movimento foi a dos empregados de bondes.

Alguns dos membros da federação considerou melhor aconselhar os operários a não fazerem um movimento generalizado, mas esperar a vitória em algumas categorias para daí iniciar um novo movimento. Mas o entusiasmo era tanto que não foi possível que a federação o organizasse e controlasse[104]. As greves foram se estendendo rapidamente.

Entre outros grupos de trabalhadores houve tentativas de organizar greves como os tiradores de areia, os fabricantes de perfumes e sabonetes, alfaiates, barbeiros e cabeleireiros, cesteiros, vassoureiros, trabalhadores de cafés, confeitarias, restaurantes e hotéis. Esses dois últimos conseguiram algumas melhorias mediante a ameaça de realizar o movimento[105].

Os primeiros a declararem a greve foram, como vimos, os trabalhadores em veículos; a greve iniciou-se no dia 25 de março de 1907 e terminou somente nos últimos dias de abril, e no início de maio em duas fábricas. A vitória deles talvez tenha sido o estímulo para a enxurrada de greves que se seguiu: no dia 4 de maio entraram em greve os metalúrgicos (ajustadores, fundidores, torneiros, fabricantes de parafusos, pregueiros, fabricantes de balanças, de instrumentos musicais, de camas de ferro, serralheiros e malhadores), no dia 6, os pedreiros, dia 7 os trabalhadores em madeira, canteiros, lavadeiras, fabricantes de pentes e barbatanas; dia 8, passamaneiros, pintores e marmoristas; no dia 9, os sapateiros; dia 10, os fabricantes de tubos de barro; dia 11,

[104] P.S. Pinheiro e M.Hall, *op.cit.*, p. 78.

jardineiros e ajudantes, vidreiros, trabalhadores da limpeza pública; dia 13, os curtidores; no dia 14, dia da invasão da sede da Federação Operária pela polícia, entraram em greve os encanadores e funileiros, os padeiros, os trabalhadores em massas e os tecelões. No dia 15, foi a vez dos gráficos e chapeleiros[106], no dia 16, as costureiras, dia 20 cigarreiros e oleiros e dia 22 até os ourives e relojoeiros entraram no movimento.

É provável que a invasão da federação tenha sido feita por solicitação dos proprietários das grandes fábricas de tecido, pois ela ocorreu no dia em que os operários dessas fábricas entraram no movimento:

> "Estavam as coisas neste pé quando, inesperada, injustificada, abusiva, veio a intervenção brutal da polícia que no dia 14 de maio assaltou, servindo-se de soldados de carabinas embaladas, a sede da nossa Federação conseguindo prender o secretário e mais vinte companheiros".[107]

Sorelli e seus companheiros enfrentavam mais uma vez a violência policial e a prisão. Foram presos os membros da comissão da FOSP, cuja sede os socialistas do *Avanti!* chamavam de *Casa del Popolo*:

> "Ontem à tarde por volta das 5, uns vinte soldados armados (guiados pelo delegado João Baptista de Souza), invadiram a Casa do Povo, prendendo

---

[105] "A jornada de 8 horas em S.Paulo. Cronologia da agitação". *O Baluarte. Orgam da Associação de Classe Protetora dos Chapeleiros*. Rio de Janeiro, 16-06-1907.

[106] Nesse período o jornal *O Baluarte*, órgão da Associação dos Chapeleiros do Rio de Janeiro de tendência claramente sindicalista revolucionária, observou com grande atenção a luta dos trabalhadores de São Paulo, especialmente a dos chapeleiros, indicando-os como modelo a ser seguido pelos chapeleiros do Rio. Ver, por exemplo, "A jornada de 8 horas em São Paulo. Cronologia da agitação". *O* Baluarte, 16-06-1907, p. 4. A Liga dos chapeleiros do Rio tinha um funcionário fixo e uma caixa de resistência e seu jornal era aberto a todos aqueles que quisessem defender as reivindicações dos trabalhadores. O jornal apresentava também informações sobre as outras categorias de trabalhadores. A liga realizava também uma atividade de socorro-mútuo. Os redatores do jornal argumentavam que os trabalhadores conseguiram se organizar somente quando constituíram "sindicatos puramente econômicos, que não admitissem no seu seio nenhuma política de partido". *O Baluarte*, 01-05-1907, p.2.

[107] Relação da Federação Operária no Segundo Congresso Operário Estadual de São Paulo in P.S. Pinheiro e M.HALL, *op.cit*, vol.1, p. 79.

> cerca de vinte trabalhadores que lá estavam conversando. Entre eles estavam Giulio Sorelli, Edgard Leuenroth, Manuel Fernandez, Luiz Pinto, Pietro Mari, Luigi Fabbri, Antonio Campana, Domenico Oligiani, Paolo Sturari[108]".

Além deles, o advogado Celso Garcia fez pedido de habeas corpus também para Teodoro Spagato, Domingos Pereira, Domenico Ghedini, Giuseppe Cavicchioli, Pasquale Siciliano, Pietro Buzina, Paolo Ghidetti, Giovanni Ferrari, Raffaele Cuccino e Antonio Buncacci[109]. Sorelli permaneceu 13 dias na prisão[110].

Essa agressão, sem dúvida, abalou e tirou o entusiasmo do movimento. Mesmo assim, formou-se uma nova comissão (visto que os membros da velha estavam quase todos presos) que começou a se reunir secretamente em casas de amigos e companheiros, enquanto os grevistas "realizavam as suas reuniões nas matas dos arredores da cidade".[111]

Procurou-se obter com a polícia a garantia do direito de reunião na sede da federação e a devolução dos móveis que tinham sido apreendidos, sendo que parte dos móveis tinham sido emprestados por alguns amigos e companheiros, mas todos os esforços foram em vão:

> "Os móveis que nos tinham sido roubados não nos foram restituídos por quantos requerimentos fizéssemos à autoridade policial". [112]

Alguns meses mais tarde um artigo de Sorelli reafirmava sua descrença nas leis comentando esse e outros episódios de violência:

> "A nossa Constituição, quem não sabe, é um modelo de liberdade e se as leis valessem algo, o Brasil seria, nesse sentido, o Eden do mundo: entretanto pega nos jornais de São Paulo de maio-junho do ano passado e verás: violação

[108] *Avanti!* 15-05-1907, p.1.
[109] *Avanti*!16-05-1907, p.1.
[110] "Agli operai, ai compagni, agli amici" *Avanti*!, 27-05-1907, p.2
[111] P.S. Pinheiro e M.Hall, *op.cit.*, p. 79.
[112] Idem. Os assaltos da polícia à sede da FOSP foram inúmeros, quase sempre com a apreensão de móveis e livros. Ver "O movimento operário em S. Paulo". *A Voz do Trabalhador*, 30-10-1909.

> de domicílios, prisões injustas, proibição de reuniões, seqüestros de manifestos, roubos de móveis e objetos que nos pertenciam (...) Os patrões iludiram a lei – qual é a lei que não possa ser, por eles, facilmente iludida? E se os operários quiseram ter o repouso semanal foi preciso que o impusessem por meio de greves – Por que então perder tempo e energias na escolha de legisladores se, na melhor das hipóteses, eles nada podem fazer por nós?"[113].

O próprio *Avanti!* nesse período escreveu colunas argumentando que os trabalhadores só conseguiam fazer valer seus direitos, mesmo quando escritos como lei, através da ação direta:

> "A burguesia resiste com a máxima energia quando sabe que é protegida pela lei. É totalmente ao contrário quando há leis a favor do proletariado (que, obviamente as deve defender através de agitações)"[114].

Foi necessário começar de novo e reconstruir a sede da FOSP. Considerando-se a necessidade de organizar o movimento nos principais centros industriais do interior do Estado, resolveu-se fundar uma federação local, da cidade de São Paulo, que foi chamada *União dos Sindicatos*, deixando à federação estadual mais tempo para a propaganda no interior. A propaganda no interior do Estado exigia da federação uma despesa considerável para o envio de propagandistas, e a freqüente falta de recursos dificultava essa atividade. Para tentar superar essa dificuldade refundam o jornal semanal, *Lucta Proletaria*.

O ano de 1907 foi um ano inteiro de intensas lutas, mas que terminou com uma derrota. Algumas fábricas de chapéus reinstituíram nove horas de trabalho e a campanha feita pela federação para conseguir auxílio para os grevistas não correspondeu às expectativas e necessidades, devido, segundo a própria federação, "ao estado de extenuação material em que se achava o proletariado do Estado após um ano de luta aguda e

[113] *Lucta Proletaria*, 08-02-1908, p.2.
[114] "Noi e loro". *Avanti!*, 08-01-1907, p.1.

renhida".[115] Em 1908, a tática de luta continua sendo a da ação direta, impedindo a entrada nas associações de elementos não operários. A cada associação era dada autonomia de decisão, limitando-se a federação a aconselhar e auxiliar as ligas e sindicatos em luta:

> "... procuramos restringir a ação dos nossos sindicatos ao único método de luta compatível no nosso meio: a resistência e a luta a todo transe contra a classe adversária"[116].

Foi nesse período das greves pelas oito horas que os operários do Moinho Matarazzo pediram o apoio da federação e o uso da sede para a fundação de uma liga de resistência. Foi iniciada uma greve por aumento de salário, mas Matarazzo permaneceu inflexível diante das reivindicações e a greve foi derrotada e alguns operários demitidos. Decidiu-se então realizar uma grande campanha de boicote contra os produtos das empresas de Matarazzo. Uma comissão da federação foi falar com Matarazzo numa tentativa de negociar, comunicando a decisão sobre o boicote, que ele declarou não temer. Todavia, o sucesso do boicote foi tão grande que Matarazzo teve que tentar negociar com a federação com a intermediação de Dante Ramenzoni, mas como Matarazzo recusou-se a se retratar publicamente, a negociação fracassou. Esse é mais um exemplo do empenho em defesa da dignidade operária, manifestado nessa insistência para que Matarazzo se retratasse. Em 1908, o boicote tinha diminuído, mas a FOSP continuava a incentivá-lo.

A polícia de São Paulo associa diretamente essa greves unicamente à ação dos anarquistas, como se observa, por exemplo, nesse comentário sobre Edgard Leuenroth:

> "Em maio de 1907, teve papel saliente na 'grande greve' da qual foi um dos promotores. Essa greve foi trabalho dos anarquistas de São Paulo e

[115] P.S. Pinheiro e M.Hall, p. 80.
[116] Idem. p.82.

envolveu as indústrias da Capital e a Cia Paulista de Estradas de Ferro."[117]

Como já afirmei, a polícia tendia a classificar como anarquista todos os militantes. Na verdade, as greves não foram decididas pelos militantes, fossem eles sindicalistas, socialistas ou anarquistas. O início de uma greve era decidido em assembléia pelos trabalhadores envolvidos. É claro, porém que a propaganda em defesa da organização operária e o apoio fornecido pela federação tinha seu papel nessa mobilização.

Na Itália daquele período, os objetivos das negociações sindicais eram também o horário de trabalho e o salário. Na indústria têxtil o horário era, em geral, de 11 horas, muitas vezes mais. Na pequena indústria, o horário se prolongava indefinidamente até chegar a 15-16 horas. As indústrias, também ali, contavam com uma disponibilidade de mão-de-obra, oferecida pelo contínuo fluxo migratório do campo para a cidade. O grau de qualificação também era baixo, embora houvesse grupos de trabalhadores qualificados, orgulhosos de seu ofício, lá e aqui. Mas, na Itália, havia camponeses que mantinham uma atividade dupla, ou seja, em determinados períodos improvisavam um trabalho de operário. Havia também o caso contrário, isto é, operários que tinham como ocupação secundária a agricultura. Para muitos tecelões, por exemplo, o trabalho no campo constituía o refúgio nos períodos de desemprego e, ao mesmo tempo, uma espécie de caixa de resistência individual durante as greves. Segundo Giuliano Procacci, a força e a longa duração das greves das indústrias têxteis (e não só) na Itália, não se explicariam se não levarmos em conta esta situação particular.[118] No Brasil, o tipo de organização do trabalho e as distâncias tornavam mais difícil esse tipo de saída para os longos períodos de desemprego aqui

[117] Prontuário n. 122 da 1ª secção da Delegacia de ordem social – DEOPS. In Arquivo Público do Estado de São Paulo.

enfrentados, o que certamente tinha um grande peso no enfraquecimento da luta operária. A questão econômica da sobrevivência se associava, como fator importante, às dificuldades sociais, políticas e culturais para a organização da classe operária. A política repressiva dos grupos dirigentes e do Estado explicam também a dificuldade do sucesso nas lutas operárias. Apesar de todas as adversidades, porém, vimos que o movimento existia, e em vários momentos os trabalhadores conseguiram vitórias importantes.

6. O processo de expulsão

A intensa atuação de Sorelli nos sindicatos e na federação lhe custou, em 1907, após a greve dos ferroviários e a greve geral que se seguiu, um processo de expulsão. No dia 10 de abril daquele ano, Sorelli foi intimado para um interrogatório na delegacia de polícia. Tinha então 29 anos e era casado e declarou que sua profissão era de envernizador. Ligado ainda ao bairro onde o encontramos tantos anos antes, Sorelli morava no Largo do Cambuci, número 38.

Sorelli declarou fazer parte da Federação Operária e dela ser secretário desde a sua fundação. Disse que ela era composta por outras sociedades e que tinha por objetivo principal defender os direitos do operariado e que não ela não tinha uma diretoria e que a cada assembléia era eleito um presidente para dirigi-la. Estava situada na travessa da Sé, número dois. Respondeu afirmativamente à pergunta sobre folhetos que eram impressos com dinheiro da federação e distribuídos pelos sócios. Informou que os sócios reuniam-se uma vez por semana e também em casos extraordinários. Disse, como afirmei

[118] Giuliano Procacci. *Op.cit.*, p. 17.

anteriormente, que a federação tinha sócios filiados às idéias anarquistas, socialistas e outras, mas que a federação em si não estava filiada a nenhuma idéia religiosa nem política. Declarou ser ele anarquista convicto, mas doutrinário, e não tendo em mira a execução de planos revolucionários.

Essa declaração de Sorelli é importante para o nosso estudo. Se é verdade que diante do delegado não é certo que ele tenha dito toda a verdade sobre sua atividade política e sindical, é interessante observar que ele não negou ser anarquista, mas declarou que essa sua adesão tinha um caráter puramente teórico, quando a sua atuação, na prática, era a sindical.

Sorelli declarou também que sempre que os operários pertencentes às diversas sociedades que formavam a federação encontravam-se em greve, reuniam-se na sede para discutirem e resolverem seus assuntos. Naquele momento por exemplo estavam se reunindo na sede da federação os operários da Fábrica de carros e carroças e os da seção de tecelagem da Fábrica Penteado para tomar medidas pacíficas atinentes ao estado de paralisação do trabalho.

Essas informações confirmam nossas idéias sobre a FOSP e revelam sua importância como centro agregativo da organização das sociedades operárias e das greves. É verdade que a apresentação da neutralidade da federação podia ser uma estratégia para desviar dela os olhos atentos da repressão policial e patronal, mas outras informações nos levam a pensar que não era só isso como viemos afirmando. Sorelli era o personagem central desse importante capítulo da história dos trabalhadores de São Paulo.

No dia trinta de abril de 1907, apresentou-se à delegacia uma testemunha, um empregado do comércio, Adolpho dos Santos Lima, 22 anos, brasileiro, que declarou ter assistido duas vezes reuniões de operários do Moinho Matarazzo e de outros

estabelecimentos na Travessa da Sé, n.2 e que tinha verificado que os operários eram influenciados pelos oradores. Observou também que só podiam assistir às reuniões os sócios da sociedade ou operários convidados por eles. Depois disse que o mais inflamado era Giulio Sorelli e que sabia que ele era anarquista e o secretário da federação. Declarou também que tinha ouvido dizer que cada sócio pagava uma mensalidade fixa de mil réis.

Uma outra testemunha contra Sorelli foi o funcionário público José Augusto de Castro Ferraz, 21 anos, brasileiro que declarou ter assistido algumas reuniões da Federação Operária por curiosidade. Nas reuniões tinha ouvido falar que a sociedade era dirigida por Sorelli e tinha ouvido também falar de greves, de solidariedade e de união dos operários. Segundo ele, todos os operários escutavam com atenção as palavras de Sorelli e depois das reuniões discutiam animadamente sobre o tema das horas de trabalho, dos salários e da resistência aos patrões. Observou também que todos os operários pagavam a taxa de 1000 réis.

Foi também testemunha Francesco Annunciato, italiano, 27 anos, casado, operário do Moinho Matarazzo, morador da Rua da Alfândega, 27, que declarou existir na capital uma associação que se interessava pelos trabalhadores em geral, denominada "Federação Operária" e que ali se reuniam em associações os carpinteiros, pedreiros, chapeleiros, metalúrgicos, gráficos e outros, tomando medidas que se relacionavam com cada uma delas; declarou também que a federação não tinha diretoria, mas somente um secretário "e esse é um tal Júlio Sorelli"; que naquele período muitos operários ali se reuniam para organizar as greves em prol do horário máximo de oito horas de trabalho e que Sorelli freqüentemente era orador nessas reuniões. Declarou também que os operários de cada oficina elegiam uma comissão e esta com outras deliberavam na sede da federação e que as

deliberações eram rigorosamente respeitadas pelos operários e que assim tinha ocorrido com os empregados das fábricas de carros e do moinho Matarazzo.

As observações obtidas sobre a FOSP e que, no parecer da justiça brasileira justificavam a expulsão de Sorelli foram: que faziam parte dela 3000[119] operários entre os quais reinava o espírito de solidariedade; que nas reuniões aparecia sempre como orador o secretário; que ela tinha como objetivo a diminuição das horas de trabalho; que as cotas pagas pelos operários serviam para formar um fundo para ajudar os grevistas; que se alguns operários voltassem a trabalhar sem a autorização dos "chefes da greve" seus nomes eram afixados em uma lista na sede da Federação e, às vezes suas fotos eram impressas em folhetinhos e distribuídas nas oficinas[120]. O processo concluiu que Sorelli era o culpado das manifestações de insatisfação dos operários e que a federação era um centro de agitadores:

> "... tem como cabeça responsável e diretor principal o referido Sorelli, o qual nas reuniões que ali faz o operariado figura sempre como orador, concitando seus companheiros à resistência contra os patrões, ao abandono do trabalho, às exigências por meio violento, etc... o estado de São Paulo, de um ano a esta parte está sendo trabalhado por uma crise operária constante." [121]

Os vários telegramas enviados pelo Secretário da Justiça e Segurança Pública, Washington Luís ao Ministro do Interior e da Justiça atribuem aos militantes a culpa pelas greves:

---

[119] Segundo Maram, a capital de São Paulo tinha em 1912, 10.000 associados à COB. Essa infomação foi obtida no jornal *A Noite*, do Rio de Janeiro de 19 de novembro de 1912, p. 1. Citado por Sheldon Leslie Maram. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro. 1890-1920.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979, p. 56.

[120] Essa prática de denúncia dos "crumiros" ocorriam quando alguns operários voltavam ao trabalho sem que o conjunto dos trabalhadores tivesse decidido pelo fim da greve. O mesmo acontecia com os operários que iam para a fábrica ou oficina para substituir os grevistas.

[121] Processo de expulsão dos anarquistas Oreste Ristori, Giulio Sorelli e Alessandro Cerchiai - Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, Ministério da Justiça, IJJ7, n. 179.

"A agitação de operários continua aqui fomentada principalmente por agitadores sem escrúpulos. Peço V.Ex. solução...".[122]

Este tipo de acusação era muito comum como se observa nesse comentário do jornal *Gazeta Operária*:

"Desse princípio vem o ódio que os patrões mantém contra os operários mais inteligentes, altivos e conscientes, que arriscando o pão e, muitas vezes, própria vida, põem-se à frente do movimento, concitando os seus companheiros para resistirem, até pelas armas à luta travada com o inimigo comum – o capital – quando não pela total emancipação econômica, ao menos para conseguirem um pão mais abundante. Esses são *os cabeças*"[123].

Apesar de todas as acusações Sorelli não foi expulso pois tinha se declarado brasileiro naturalizado. Mas certamente suas experiências com a polícia e a justiça brasileira tinham deixado marcas profundas, tanto que após as greves pelas oito horas, que, como vimos agitaram profundamente a cidade de São Paulo em maio de 1907, ele decide escapar, partindo para a Itália. Escapa, por um pouco de tempo, da repressão policial desencadeada pelas greves. Pela primeira vez volta para a Itália, enfrentando os tantos dias de mar no caminho de volta. Mas em outubro do mesmo ano volta para o Brasil, onde continua sua militância mantendo uma correspondência freqüente com a imprensa operária da Itália. Segundo a polícia italiana, informada pelo consulado, Sorelli, tendo uma cultura razoável e capacidade de oratória continuava a fazer conferências com muita freqüência.

[122] Idem. Telegrama de 10-05-1907.
[123] "A Reforma" – La Greve. Atitude da Polícia. *Gazeta Operária*, 16-11-1902, p.1.

Durante a os meses de ausência de Sorelli a FOSP teve como secretário Pilade Grassini. A Secretaria da Justiça tinha mandado apreender todos os móveis e objetos presentes na velha sede da FOSP[124].

7. O Congresso Estadual Paulista de 1908

Giulio Sorelli abriu o congresso estadual, como secretário de FOSP, no dia 17 de abril de 1908, às 8 horas da noite, dando início aos trabalhos do congresso, que duraria três dias. Foi nomeado presidente João Barbosa, e secretários Pilade Grassini e Luigi La Scala. As sociedades da cidade de São Paulo representadas eram a *União dos Chapeleiros*, cujos delegados eram Attilio Gallo e Alfonso Contieri, a *União dos Gráficos*, com Edgard Leuenroth e Lorenzo Monaco, a *Liga dos Trabalhadores em Madeira*, com Francisco Ruis e Vittorio Garelli, o *Sindicato dos Metalúrgicos*, com Oreste Boschetti e Antonio de Oliveira, o *Sindicato dos Trabalhadores em Veículos*, com Ulysses Barill e Giacomo Zucca, a *União dos Pedreiros*, com Giuseppe Cavicchioli e Onofrio Vela, a *Liga dos Vidreiros da Água Branca*, com Teppeth Batista e Daniele Orsi, o *Sindicato dos Trabalhadores em Olarias*, com Gerolamo Vagari e Francesco Castellano, o *Sindicato dos Transportadores de Tijolos*, com Adolpho Angiolino e Miguel Ballereri, o *Sindicato dos Trabalhadores em Pedra e Granito*, com Francesco Bigallo e Antonio Esposito e o *Sindicato dos Alfaiates*[125]. Além dessas estavam representadas associações operárias de Campinas, Amparo, Santos, São Bernardo, Espírito Santo do Pinhal e Limeira.

[124] "Movimento Sindacale". *Avanti!*, 06-07-1907, p.1.
[125] Estavam ausentes os pintores e tecelões, embora suas ligas fizessem parte da FOSP.

É interessante observar que ao menos no caso da *União dos Chapeleiros*, a *União dos Gráficos* e da *União dos Pedreiros* os delegados são um anarquista e um socialista: Attilio Gallo, Edgard Leuenroth e Onofrio Vella eram anarquistas enquanto Alfonso Contieri, Lorenzo Monaco e Giuseppe Cavicchioli eram socialistas.

Os *Pintores de Santos* enviaram um oficio explicando que não aderiram ao congresso por considerá-lo em contradição com o sindicalismo revolucionário.

O socialista Lorenzo Monaco inicia o debate do congresso acusando a federação de ser anarquista, o que, segundo ele prejudicava o movimento por ser contrária às idéias de uma parte dos operários. Sorelli nega a acusação e convida Monaco a citar um só caso em que a federação tivesse abandonado a sua neutralidade. De fato, no balanço do movimento apresentado na abertura do congresso, provavelmente escrito pelo secretário Sorelli, afirmava-se:

> "... Cremos, em consciência, de ter respeitado aquela neutralidade que é a mais certa garantia da boa harmonia entre os que se dedicam ao nosso movimento. Por isso nos recusamos a aderir diretamente à iniciativa do local 'Centro Socialista Paulistano' por uma agitação 'Pró França Leiga', como não achamos oportuno agremiar-nos a um comitê surgido por iniciativa de alguns libertários para a 'Agitação dos Inquilinos'...".[126]

Leuenroth responde a Monaco que os anarquistas eram os elementos mais ativos no movimento operário e que portanto era natural que eles procurassem desenvolver nesse meio a propaganda das suas convicções e que os socialistas deveriam fazer o mesmo. Essa era uma das posturas assumidas pelos anarquistas em relação ao sindicato, como vimos. Sorelli quer continuar a discussão, mas a maioria vota pelo encerramento dela, do que se deduz que essa era uma questão muito delicada. Mas, na verdade, o primeiro tema decidido

[126] Relação da Federação Operária no Segundo Congresso Operário Estadual de São Paulo in P.S. Pinheiro e M. Hall, *op.cit*, vol.1, p. 82.

anteriormente para se debater no congresso era justamente o da neutralidade dos sindicatos e então Sorelli reafirma a necessidade da total autonomia dos sindicatos operários:

> "Bastaria citar aqui um único argumento para que fosse patenteada desde já a necessidade da neutralidade política: os sindicatos agrupam os operários de todas as crenças e opiniões políticas no único fito da luta contra o capital, e portanto é necessário evitar que predominem nos sindicatos operários os métodos de luta de um determinado partido político, porque é muito natural que os operários que estes métodos não condividem (sic)[127], não somente abandonariam o sindicato, mas procurariam guerreá-lo e pôr obstáculos à sua ação"[128].

A moção apresentada é a de que as ligas de resistência continuem na mais absoluta neutralidade perante os diversos partidos políticos, e que qualquer ação que pudesse ser considerada política, como o antimilitarismo e a reação contra os abusos das autoridades deveria ser feita de acordo com uma tática operária, sem intromissão de elementos estranhos aos operários e que pudesse ser aceito por operários de qualquer partido ou tendência política. Leuenroth considera a moção ambígua, "deixando margem a que os politiqueiros aproveitem para trazer ao nosso movimento as suas questiúnculas e as suas idéias de conquistas."

Sorelli responde:

> "Pode ser que haja na moção defeitos de redação ou que ela tenha sido mal compreendida pelos congressistas, mas as minhas idéias a respeito, aliás muito conhecidas, não permitem esta má interpretação. Sou, como a maioria dos companheiros, pela mais absoluta neutralidade".

La Scala contesta a moção de Sorelli por fazer do antimilitarismo uma questão de partido, Gallo acredita que a moção dava margem a intromissão de partidos políticos. Sorelli então retira a sua moção aceitando a moção apresentada no congresso nacional,

---

[127] Do italiano condividere, isto é, compartilhar.
[128] Segundo Congresso Operário Estadual de São Paulo in P.S. Pinheiro e M. Hall, *op.cit*, vol.1, p. 85.

como vimos realizado dois anos antes, considerando que ela apresentava as mesmas idéias suas, mas em outros termos. Só o socialista Monaco não aprova a moção por considerá-la contrária às suas opiniões políticas.

Esse debate expressa o quanto a neutralidade do sindicato defendida pelos sindicalistas revolucionários era uma solução de compromisso que visava justamente superar a luta travada entre socialistas e anarquistas no interior das organizações operárias.

Outra moção aprovada com muita discussão foi a de que os jornais ligados às ligas operárias deveriam ser uma tribuna aberta para a discussão de todos os assuntos, frisando porém que não se deveria confundir, como vinha acontecendo as opiniões individuais dos sócios dos sindicatos com a ação dos próprios sindicatos.

É aprovada também uma proposta de Gallo para que a propaganda sindicalista no Estado de São Paulo seja feita também em italiano em virtude de "a maioria dos operários e colonos do Estado não terem ainda muito conhecimento do idioma do país".

O congresso aconselha também todas as ligas a procurar manter sempre vivo entre seus associados o espírito de rebeldia contra as arbitrariedades cometidas pelas autoridades, como os assaltos constantes às sedes sociais, os espancamentos, as prisões "não permitindo em ocasião alguma que o brio de operários livres seja pisoteado".

No dia seguinte às 8 da manhã o primeiro tema discutido foi o da necessidade de criar uma universidade operária. Sorelli inicia a discussão argumentando que havia uma grande dificuldade para o desenvolvimento de iniciativas desse tipo em São Paulo, embora ele concordasse que fossem necessárias. Cita o caso do *Centro Instrutivo de São Paulo*, que apesar do esforço incansável de alguns companheiros não teria conseguido obter a adesão de duas dúzias de sócios. La Scala sugere a fundação de uma revista semelhante a da *Universidade Popular* de Milão. Ramon Durão defende o aumento das escolas elementares

para adultos. Depois de três horas de discussão decide-se que o que era possível fazer naquele momento era organizar cursos com conferências científicas. Em relação às diversões de propaganda, o congresso aconselha aos sindicatos a criação de centros dramático-sociais e de sessões onde os sócios pudessem conversar e se divertir, mas aconselham a exclusão do baile e de qualquer tipo de jogo. Sorelli propõe também a realização de um trabalho de convencimento dos pais operários para não mandarem seus filhos menores de 14 anos ao trabalho e para que os operários se rebelem contra a violência que as crianças sofrem dentro das fábricas por parte dos patrões e mestres.

Decide-se também uma ação direta dos sindicatos no sentido de prevenir acidentes, muito comuns sobretudo na construção civil. Aconselha-se também a sabotagem antes do início de uma greve para impedir que *crumiros* retomem o trabalho. A sabotagem é amplamente defendida por Sorelli, que a apresenta, se utilizada com cautela, como um método de luta que pode substituir a greve, prejudicando o proprietário da fábrica ou oficina, diminuindo a produção, ou fazendo que ela tivesse uma qualidade inferior, inutilizando a matéria-prima[129].

Outro tema delicado e importante que foi decidido no congresso foi o conselho à exclusão do subsídio de greve nos sindicatos, para evitar que operários pouco conscientes declarassem greve confiando exclusivamente no subsídio. Essa era a posição também de Sorelli. Alfeo Ambrogi, representante do sindicato dos funileiros, lembrou o caso da Casa Duprat que custou à *União dos Gráficos* quase 4 contos e depois de 23 dias, quando os cofres estavam vazios, os grevistas voltaram ao trabalho sem terem conseguido nenhuma conquista. Ignazio Dertonio lembra a greve dos metalúrgicos de 1907, quando, segundo ele,

[129] Idem, p. 105.

os operários não procuraram trabalho em outras fábricas contando com o subsídio e quando este acabou todos estavam desempregados e a greve foi perdida.

Esses e outros casos levaram os organizadores do sindicatos a se desiludir com a estratégia do fundo de greve, uma vez que freqüentemente as greves acabavam quando acabavam os fundos dos sindicatos, o que reafirma que os salários eram tão baixos que quase nenhum operário tinha um fundo pessoal que garantisse a sobrevivência durante um período de greve, uma vez que estavam quase sempre no limite da sobrevivência, como se lê nessa história, uma das tantas histórias de miséria entre os operários de São Paulo:

> "Sou um desgraçado. Tenho 46 anos. Sou filho de operários que morreram na miséria. Aos oito anos dei entrada na fábrica como aprendiz de tecelão. Tenho trabalhado sempre, quase todos os dias, das 6 horas da manhã às 7, 8, 9 e mais da noite. Na Itália me diziam que na América, especialmente no Brasil, o operário era mais feliz. Emigrei. Aqui, depois de 7 anos de trabalho na fábrica Anhaia, sou posto no olho da rua como um cão. Já velho, cansado, alquebrado pelo trabalho, com filhos pequenos órfãos (a mulher deste operário morreu há seis meses por uma tísica, apanhada na fábrica) sem trabalho e sem pão e sem nem ao menos um atestado de boa conduta, para ver se consigo trabalho em outra fábrica, visto que é de praxe aqui não se admitir operários sem atestado de conduta". [130]

Apesar de declararem necessário o desenvolvimento de um espírito de sacrifício entre os operários, o congresso conclui que era necessário ajudar, de alguma forma, as vítimas do movimento operário, apelando para os sentimentos de solidariedade humana e operária. Assim se decide a aconselhar os sindicatos a excluir os subsídios de greve, mas a procurar auxiliar os companheiros vítimas dos movimentos, facilitando-lhes os meios para viajar, procurando-lhes outro trabalho e ajudando materialmente a eles e suas famílias.

Sorelli se opõe à proposta da compra de uma tipografia para garantir a vida do jornal, argumentando que a economia que se faria não corresponderia aos sacrifícios que

seriam necessários para essa compra. Para ele, a garantia da vida do jornal dependia das remessas regulares de dinheiro das ligas operárias, inclusive do interior, através de assinaturas, subscrições ou aumentando a quota mensal paga pelos sócios. Depois de muita discussão decide-se fazer um referendum com a opinião de todos os sindicatos federados sobre a questão.

Finalmente, no último dia do congresso, discute-se o tema da sabotagem, sobre o qual já nos referimos e o da necessidade da criação de escolas livres para as crianças, variando o seu funcionamento de acordo com o ambiente e os meios do sindicato.

8. Teoria e prática

O sindicalismo revolucionário que inspirava os membros da federação era, sem dúvida, a procura de uma identidade operária. As frases que serviam de moldura ao título do jornal eram bastante reveladoras dessa idéia: além da famosa máxima do Manifesto "Proletários de todo o mundo, uni-vos", do lado esquerdo aparecia "Operários! Somos pequenos porque estamos de joelhos. Levantemo-nos!"

De fato, o sindicalismo revolucionário defendeu mais do que qualquer outra corrente do movimento operário organizado a concepção do poder revolucionário dos trabalhadores emancipados e insistiu no direito a se auto administrar coletivamente, assim como na aptidão para gerir ele próprios seus próprios assuntos. Não por acaso Sorelli, e não outro, foi tanto tempo o secretário da federação, pois ele era o principal dos militantes do período que era também um operário, no modo como era definida a classe operária. É a visão de uma futura sociedade socialista como uma federação de ofícios se governando

[130] "A Reforma". *Gazeta Operária*, 16-11-1902, p.1.

democraticamente e detendo coletivamente os meios de produção que inspira o sindicalismo revolucionário, assim como grande parte do mundo do trabalho e do movimento socialista, pelo menos até a Primeira Guerra Mundial.

Mas o novo projeto sindicalista revolucionário era também a tentativa de conciliar a luta para obter vantagens a curto prazo no quadro do sistema existente, com aquela perspectiva a longo prazo de derrubar o capitalismo e instaurar um sistema de propriedade coletiva dos meios de produção, geridos pelos próprios trabalhadores. Essa orientação autonomista estendia-se também às esferas mais largas da vida cultural e política e constituem um dos aspectos mais marcantes e originais do movimento.[131]

De fato, o jornal da FOSP dava ênfase especial à luta cotidiana ou não para a melhoria das condições de vida e de trabalho dos operários, enfatizando a necessidade de organização. A essa luta se juntava uma perspectiva, a longo prazo, de transformação da sociedade:

> "Com energia e com entusiasmo e convicção dos seus direitos acabam de tornar efetiva essa pequena conquista – pequena pelo muito que há que conquistar e que se completará com a emancipação integral". (...) Vinde à associação! Vinde juntar a vossa energia a de nossos companheiros de miséria e continuemos a luta até a vitória final - a igualdade social".[132]

Estava claro porém que a associação de trabalhadores visava a melhoria imediata das condições de trabalho:

> "Isolado, o trabalhador não pode fazer respeitar sua liberdade, introduzir a mais leve modificação no contrato de trabalho (contrato!) nas condições

[131] Ver sobre isso J. Julliard. *Autonomie Ouvrière: études sur le syndicalisme d'action directe*. Paris, Gallimard, 1988.
[132] "Liberdade de Trabalho". *A Lucta Proletária*, 01-05-1907, p. 3.

impostas pelo patrão. Começa a poder fazê-lo, a introduzir um pouco mais de liberdade no contrato"[133].

Outro aspecto importante do movimento foi, como vimos anteriormente, o esforço de amenizar os conflitos entre as diferentes tendências do movimento operário. Anarquistas e socialistas colaboravam entre si, mas havia um esforço de criar uma neutralidade política dos sindicatos, que não podia e nem devia ser anarquista nem socialista, mas simplesmente operário. Procuravam demonstrar que todos os conflitos entre diferentes tendências não deveriam fazer com que os operários, igualmente sujeitos à exploração capitalista, não tivessem interesses idênticos. O jornal da FOSP afirmava:

> "Felizmente surgiu o sindicalismo revolucionário, que grande incremento vai tomando na Europa e que aqui entre nós vai lançando raízes (...) O sindicato é um meio de reunir o maior número possível de trabalhadores, sem distinção de seitas nem de partidos, onde aprendem a sentir a necessidade de ser livres, felizes e independentes". [134]

Em 1913, um artigo na *Voz do Trabalhador*, entre vários outros, comentava a idéia sindicalista com o mesmo entusiasmo

> "(...) O sindicalismo nos traz uma nova vida à luta econômica. (...) Tendo em vista o seu fim socialista, a sua concentração na luta econômica, no seu espírito francamente revolucionário, devemos admitir que o sindicalismo conseguiu criar não somente uma arma poderosa para a emancipação econômica e social, como também um novo modo de organização capaz de abarcar toda a classe produtora".[135]

No número do Primeiro de Maio de 1909, Sorelli escreveu recordando os dias passados na prisão após as comemorações no ano anterior, na cela da que ele chamava a

---

[133] Idem.
[134] *A Lucta Proletária*, 1908, n. 12, p.1.

"Bastilha paulistana". Ele se lamenta que as massas tivessem nesse período abandonado seu posto de combate,

> "Os nossos sindicatos têm agora, como último herança, registros cheios de nomes, enquanto a nossa classe, os nossos companheiros de trabalho, voltaram à apatia, ao relaxamento, à inércia. (...) Uma coisa podemos, hoje, mais uma vez, afirmar: se o movimento operário de São Paulo, não desapareceu totalmente, como desejavam todos os pequenos de Sousa... o mérito é um pouquinho também nosso. (...) Superado o período fatalmente crítico, parece que um sopro de vida nova fortalece atualmente os nossos sindicatos"[136].

Argumenta-se também que a classe operária de São Paulo tinha conseguido nos últimos anos modificar as próprias condições, obtendo uma diminuição de horário não insignificante que tinha significado a diminuição do número de desempregados, concluindo que as vitórias foram obtidas "somente quando se decidiu entrar no terreno prático do sindicalismo"[137].

A leitura e análise do jornal *La Lotta Proletaria* e de outros documentos nos momentos de maior agitação, que por isso deixaram mais vestígios, nos permitiram compreender a penetração das idéias do sindicalismo revolucionário no movimento operário de São Paulo no início do século. Se o movimento, depois de um período intenso de agitação, enfraqueceu em alguns períodos, devido, em grande parte, à repressão, essa experiência de organização vivida por esses trabalhadores foi, sem dúvida, importante para o desenvolvimento posterior do movimento.

Além da ação direta dos movimentos grevistas, os trabalhadores reunidos na FOSP promoveram campanhas de boicote, sobretudo dos produtos Matarazzo, contra alguns

---

[135] "Sindicalismo – Concepção operária do socialismo". *A Voz do Trabalhador*, 01-07-1913, p.1.
[136] "Ricordando!". *La Lotta Proletaria*, 01-05-1909, p.1

construtores, contra as péssimas condições de trabalho na construção da estrada de ferra Noroeste, alertando os trabalhadores a não irem trabalhar nela e tantas outras lutas. O jornal revela também que em vários momentos as ligas e a federação realizam também atividades de assistência, de socorro-mútuo, em caso de desemprego e sobretudo de auxílio às viúvas de companheiros[138].

A descrição das atividades das ligas e da federação demonstram que elas desenvolviam uma prática eminentemente sindical. Os trabalhadores também em São Paulo procuraram utilizar a linguagem, a teoria e a prática do sindicalismo revolucionário como resposta a seus problemas e preocupações concretas. Embora muitos anarquistas tenham participado da construção das organizações sindicais em São Paulo no início do século, a teoria e a prática dos sindicatos não eram anarquistas, mas sindicalistas.

Além de Sorelli, escreviam no jornal da FOSP tantos outros trabalhadores e militantes: Pilade Grassini, A. Raimondi, secretário da Liga dos chapeleiros, Giovanni Scala, Angelo Scala, Luigi La Scala, Tommaso Garetti, Vico Ramiguel, Ruggero Rizzetti, Luigi Cagnetta, A. Bianchetti, Vittorio Maionica, Emanuele La Pastina, e outros que, provavelmente por medo da repressão preferiam não identificar-se como E.G., G.V., Lux, Beppe, Madeireiro, Sara Cena, Cartolino, e outros que se identificavam apenas como "um trabalhador", "o secretário da liga", e outros, além dos mais famosos como De Ambris e

---

[137] C.L. "L´Organizzazione operaia". *La Lotta Proletaria*, 01-05-1909, p.1.

[138] Ver, por exemplo, as atas das reuniões ordinárias e extraordinárias, onde se fala de auxílio a companheiros e viúvas, não só na cidade de São Paulo, mas também no interior, como demonstra a carta "de um companheiro de Rio Claro, pedindo recursos. Deliberou-se enviar mais 100$000 ao tesoureiro da Liga para serem distribuídos ali". Cem mil réis significavam a contribuição mensal de 100 trabalhadores à FOSP, o que era, desse ponto de vista, um valor considerável. Ver "Actos Officiaes". *A Lucta* Proletaria, 01-09-1906, p. 1 ou o auxílio à senhora Júlia Machado, viúva do companheiro Demétrio Machado, *La Lotta Proletaria*, 30-12-1909, p. 3 entre outros.

Rossoni[139]. Alguns desses eram socialistas, outros anarquistas, alguns adeptos convictos do sindicalismo revolucionário e outros eram trabalhadores que viam na prática sindical uma possibilidade de melhorar suas condições de vida e de trabalho.

O sindicalismo revolucionário deixa de existir como corrente política autônoma, mas deixa algumas de suas idéias no movimento operário de São Paulo. Como vimos, ainda em 1931, a FOSP declarava a necessidade da autonomia do sindicato como condição para a convivência pacífica entre todos os trabalhadores e para a luta. Se as ligas deixam de ser sindicalistas revolucionárias, elas não se tornam anarquistas, mas se mantiveram sindicalistas, ou seja, mantiveram o quotidiano de luta por melhorias. Em 1920, por exemplo, o jornal o Estado de São Paulo criticava a "pretensão" da FOSP de fiscalizar as condições de trabalho e que ela renovava as reivindicações referentes à jornada de trabalho, ao trabalho de menores, trabalho noturno, questões disciplinares, além das relativas ao custo de vida, principalmente aos gêneros de primeira necessidade e aluguéis[140].

Em relação ao fato de que os sindicatos não eram anarquistas, é interessante observar um artigo de Damiani:

> "No sindicato tem lugar para todo mundo: quem paga as quotas e faz greve quando há ordem, é sempre um bom companheiro, mesmo se é nacionalista e católico. No sindicato a propaganda idealista é uma ofensa, uma violação aos direitos da barriga e à liberdade daqueles que não estão nem aí com a abolição do Estado e da propriedade capitalizada. Tudo o que não se refere às oito horas e aos dez centavos a mais deve ser recusado"[141].

---

[139] Já em 1905, a polícia italiana registrava que Guglielmo Castellano, Tebaldo Soderi e Attilio Gallo eram alguns do anarquistas que, junto com Sorelli, defendiam a organização operária em oposição a outros anarquistas. Ver pasta de Guglielmo Castellano no CPC, ACS de Roma, b. 1165.

[140] Ver O Estado de São Paulo, 29-03-1920 citado por Paula Beiguelman. *Os companheiros de São Paulo.* São Paulo, Editora Símbolo, 1977, p.110.

[141] Gigi Damiani. "Deviazioni e specializzazioni". *La Barricata*, 07-11-1912, p.2.

Esse artigo, que descreve as preocupações dos sindicatos paulistas do período, criticando-as, do ponto de vista anarquista, reforça a nossa idéia de que os sindicatos reuniam trabalhadores de qualquer tendência e que se preocupavam mais com seu quotidiano reformista do que com a perspectiva revolucionária. E sua crítica não era a do anarquista absolutamente contrário à organização sindical. Damiani era um malatestiano e portanto defendia a atuação dos anarquistas nos sindicatos, mas só como forma de tentar evitar que ele tomasse outros rumos, que se tornasse reformista e para tentar fazer propaganda anarquista, que como vimos, também nesse artigo de Damiani, era recusada nos sindicatos em São Paulo. Damiani continua:

> "(...) Antes, porém, uma confissão. Quem escreve essas colunas não é um adversário a priori do associacionismo operário com o objetivo de conquista e de resistência. (...) Querer um melhoramento relativo é melhor do que não querer nada. Mas o relativo é ... negativo. E quando este nos nega, nos obstaculiza, ou exclui, a consciência da sua insuficiência (...) torna-se função conservadora de um estado de coisas contrário ao nosso ideal revolucionário. Não acreditamos, por isso, no valor resolutivo do sindicalismo como entidade capaz de criar uma nova estrutura social: nova não por ser reformada, retocada, melhorada, mas por ser estabelecida em bases novas. E como quem escreve é anarquista, não vê no sindicalismo tal como ele se apresenta um coeficiente de evolução anarquista (...) Pelo contrário, duvida que possa conduzir a uma verdadeira revolução". (...) Quaisquer que sejam as opiniões dos dirigentes de uma dada federação sindical, permanece a questão da apoliticidade do sindicato. (...) Diz-se que os inscritos no sindicato fora dele podem se colocar sob qualquer bandeira: por uma cédula na urna, apelar para Deus, ou fazer uma barricada. Está bem. Mas a neutralidade do sindicato não é uma confissão implícita dos seus objetivos limitados?"[142]

Esse trecho deixa claro que os malatestianos também aqui duvidavam das virtudes do sindicato, a não ser como espaço privilegiado para a propaganda anarquista. Recusam as vantagens das pequenas melhorias, pelo seu caráter conservador. Damiani afirma duvidar

[142] Gigi Damiani. "Deviazioni e specializzazioni". *La Barricata*, 17-11-1912, p.2. (cont.)

que o sindicato pudesse conduzir à revolução, o que é um indício de que havia outros que acreditavam nisso. Damiani argumenta ainda que era preciso dar ao sindicato um ideal que o levasse além das conquistas relativas. Esse ideal seria o anarquismo, mas estava claro que os sindicatos não aceitavam a propaganda anarquista no seu interior:

> "Por respeito ao estatuto, o anarquista deve eliminar uma parte de si mesmo; deve renunciar ao seu programa. As idéias ficam fora da porta. (...) O máximo que é permitido é o debate reformismo ou ação direta. (...) E acontece que o anarquista entrando no sindicato cheio de boas intenções, sem perceber acaba se deixando seduzir pelo sindicalismo. (...) E a propaganda anarquista? Se fará mais tarde"[143].

É mais um relato que demonstra que os sindicatos não eram anarquistas. Sorelli era sem dúvida um desses que os anarquistas consideravam ter sido seduzido pelo sindicalismo.

Também em um relato de Gigi Damiani, escrito depois que ele é expulso do Brasil, em 1919, ele argumenta que, até 1917, o movimento sindicalista no Brasil nunca tinha tido "um programa que fosse tolerado ou aceito pelos anarquistas"[144]. Ele argumenta que os anarquistas desenvolviam um atividade intensa de propaganda, mas não a favor do sindicatos, que, pelo modo como eram organizados, os anarquistas consideravam um desvio e um desperdício de energias[145].

---

[143] Idem.
[144] Ver Gigi Damiani. "Il movimento sindacalista nel Brasile" in *I paesi nei quali non si deve emigrare – La questione sociale nel Brasile*. Milano, Edizioni Umanità Nova, 1920, pp. 31-36.
[145] Idem.

Em 1911, na Festa do Primeiro de Maio, encontramos Sorelli entre os palestrantes no comício do qual participavam a União Opéraria da Barra Funda, o Centro Internacional Socialista e o Círculo de Estudo Sociais Francisco Ferrer[146].

No ano seguinte, o jornal anarquista *La Battaglia*, convidava os sócios do Centro Libertario para uma reunião. Sorelli aparece como membro da comissão do centro, junto com Antonio Musitano, Egisto Colli, Lucas Masculo e Francesco de Paola[147]. Na festa do Primeiro de Maio daquele ano, esse centro participou do comício promovido pela União dos Canteiros[148].

A partir desse período, as notícias sobre Sorelli são pouquíssimas. Durante a grande greve de 1917, o jornal italiano *Fanfulla* anunciou o seu desaparecimento e depois a notícia da sua prisão no dia 16 de julho. Para a polícia ele ainda era um líder, mas o jornal declara desconhecer a razão da sua prisão, "uma vez que se sabe que ele participou das atuais agitações somente como empregado do Liceu de Artes e Ofícios"[149]. Ele foi libertado um dia depois da prisão[150]. Alguns dias depois, Sorelli participou com sua família da festa do Istituto Musicale Benedetto Marcello, no salão Giuseppe Verdi. No programa estavam uma apresentação de música clássica e baile. Estavam presentes outros socialistas e anarquistas de São Paulo[151].

Sorelli parece ter desistido de sua vida de revolucionário. Talvez os sonhos da juventude não tenham resistido aos anos e às prisões. Em 1930, residia ainda em São Paulo

[146] "O Primeiro de Maio nos Estados". *A Vanguarda*, RJ, 13-05-1911, p. 2
[147] "Riunione importante". *La Battaglia*, 30-03-1912, p.3.
[148] "1° de Maio". *La Battaglia*, 01-05-1912, p.4.
[149] Ver "Gli scomparsi". *Fanfulla*, 17 e 18-07-1917, p. 4.
[150] Idem.

e, segundo a polícia italiana, que continuava a observá-lo, "parece que tenha abandonado as antigas tendências subversivas"[152]. Tornou-se diretor do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo e participava da vida da colônia italiana de São Paulo, sendo inscrito na sociedade italiana de cultura *Muse Italiche*[153]. Segundo a polícia italiana Sorelli manifestava até mesmo "sentimentos patrióticos". "Sorelli demonstra-se bom patriota, tem conduta moral irrepreensível, participa da vida colonial, e respeita as autoridades."[154] Em 1938, Sorelli foi eliminado do " arquivo dos subversivos" italianos no mundo. Não atraiu mais nenhuma atenção sobre si.

---

[151] Ver "Istituto Musicale Benedetto Marcello". *Fanfulla*, 21-07-1917, p. 4 e 23-07-1917, p. 2. Essa sociedade musical tinha sido fundada pelo Prof. Rocchi, ex-marido de Teresina Carini, a socialista estudada por Antonio Candido.

[152] "Casellario Politico Centrale", pasta 4875, fascículo 62971 in *Archivio Centrale dello Stato di Roma*

[153] Essa sociedade, mais tarde, parece ter sido associada ao fascismo.

[154] Embaixada da Itália no Rio de Janeiro para o Ministério do Interior, telegrama 2562. "Casellario Politico Centrale", pasta 4875, fascículo 62971 in *Archivio Centrale dello Stato*, de Roma.

CAPÍTULO 4

EDMONDO ROSSONI: ENTRE DOIS MUNDOS

1. Da Itália para a França, da França para o Brasil

O grande líder do sindicalismo fascista, Edmondo Rossoni, viveu em São Paulo no ano de 1909, participando ativamente na organização dos operários do bairro da Água Branca. No ano seguinte, em 1910, o próprio Benito Mussolini seria convidado por Paolo Mazzoldi, que tinha se refugiado em São Paulo após a grande greve de Parma de 1908, para dirigir um periódico socialista que ele havia fundado, *La Vita*[1]. O então socialista Mussolini recusou o convite, pois tinha se tornado, havia pouco tempo, presidente da *Camera del Lavoro* de Forlí, província onde ele tinha nascido e um importante centro socialista. Sua vinda ao Brasil não teria provavelmente alterado o destino dos italianos, uma vez que líderes importantes deslocavam-se para outros países mas freqüentemente acabavam voltando ao seu país de origem. Mazzoldi viverá no Brasil até a sua morte, mas Rossoni, depois de transitar por outros países, retornará à Itália.

No dia 19 de fevereiro de 1909, o consulado da Itália em Marselha enviava um ofício especial ao Ministro do Interior em Roma comunicando haver descoberto que Edmondo Rossoni tinha tomado um trem em direção à Barcelona, onde pretendia embarcar

[1] Ver Renzo De Felice. *Mussolini il rivoluzionario. 1883-1920.* Torino, Einaudi, 1995, p. 88.

para o Brasil[2]. O convite para que Rossoni se transferisse para o nosso país tinha sido feito por De Ambris, que tinha lhe enviado uma carta assegurando que aqui era possível encontrar trabalho. Rossoni estava morando em Nice e tentou advertir seus amigos de Marselha de sua passagem, mas sua carta foi provavelmente interceptada pela polícia, pois ninguém se dirigiu à estação para se despedir dele. Em maio do mesmo ano, a Legação da Itália em Petrópolis informou ao Ministério do Interior italiano que Rossoni, então com 25 anos, encontrava-se efetivamente em São Paulo desde o fim de março, onde exercia a profissão de jornalista no periódico *Fanfulla*, garantindo que ele seria adequadamente vigiado pelo setor competente em São Paulo[3].

Antes de vir para o Brasil, mais especificamente no período compreendido entre os anos 1903 e 1908, Rossoni teve uma participação muito ativa no movimento operário italiano ligado aos princípios do sindicalismo revolucionário. Vejamos o início da sua história de militância.

2. A juventude de militância

Rossoni nasceu em Tresigallo, província de Ferrara, na Emília-Romanha no dia 6 de outubro de 1884, filho de Attilio Rossoni e Dirce Cavalieri. Após os estudos ginasiais, feitos em uma escola religiosa, teve uma simpatia inicial pelo movimento católico, mas nos primeiros anos do século XX, já se filiou ao Partido Socialista Italiano na sua cidade e participou de várias greves entre 1903 e 1904 e da greve geral deste ano. Como vimos

[2] Pasta de Edmondo Rossoni no CPC, ACS em Roma. Rossoni foi excluído do fichário político em 1926. Sua pasta foi retirada do CPC, mas reapareceu há alguns anos. Infelizmente nela não se encontram muitas informações sobre o período em que Rossoni esteve no Brasil.
[3] idem.

anteriormente, porém, 1904 na Itália foi o ano em que se intensificou uma desilusão em relação à ação parlamentar dos reformistas e foi se afirmando, mas não sem conflitos, a ideologia do sindicalismo revolucionário. É nesse momento que Rossoni começa a aparecer como organizador sindical, quando a grande greve geral de 1904 parece dar razão aos sindicalistas revolucionários:

> "Por 4 dias – de 16 a 20 de setembro – o proletariado, chamado a protestar contra a repressão ... ocupou fábricas e organizou conselhos operários na maior parte das grandes cidades italianas". [4]

No fim daquele ano, Rossoni transferiu-se para Milão, onde passou a trabalhar no escritório de uma indústria. Logo aproximou-se do movimento sindicalista revolucionário da cidade. Em novembro de 1906, tinha se tornado um dos elementos mais importantes de um grupo de propaganda sindicalista e no início do ano seguinte tinha sido eleito delegado da União dos empregados de empresas privadas e começou a colaborar, como correspondente de Milão, do periódico *La Gioventú Socialista*, órgão da Federação Nacional Juvenil Socialista, então dirigido por Alceste De Ambris, em Roma.

Em junho de 1907, Rossoni abandona a federação socialista milanesa, respeitando as orientações mais radicais do sindicalismo revolucionário e concentra sua atividade na *Camera del Lavoro* de Milão, onde se destaca pelo seu radicalismo, mas continua participando do movimento socialista juvenil. Em outubro daquele ano participa de uma greve geral.

Participa intensamente da propaganda sindicalista em Piacenza até junho de 1908 quando, para escapar de uma condenação a quatro anos de prisão por instigação à delinqüência e propaganda antimilitarista, foge para a França, em Nice. Ali escreveu artigos

em italiano para o jornal *Le Droit du Peuple*, órgão da federação socialista dos Alpes Marítimos. Ali, ameaçado de expulsão pelo governo francês, recebe certamente com entusiasmo a carta de De Ambris, convidando-o para vir ao Brasil. Do Brasil, por causa da atividade sindical desenvolvida com De Ambris e Mazzoldi ele é expulso no fim de 1909.

Vejamos rapidamente a história de Paolo Mazzoldi, que foi companheiro de De Ambris e Rossoni no trabalho de organização dos trabalhadores em São Paulo nesse período.

Paolo Mazzoldi era filho de Leonardo Mazzoldi e Caterina Fusano e nasceu em Pezzase, província de Brescia, em 20 de abril de 1886. Foi estudante de Letras na Universidade de Bolonha e amigo de De Ambris, embora fosse bem mais jovem do que ele. Nos anos 1906-1907 era filiado ao Partido Socialista Italiano, mas já tinha aderido à tendência sindicalista do socialismo, fato pelo qual recebeu ameaças de expulsão do partido. A polícia classificava-o, nesse período como socialista e sindicalista. Mazzoldi fazia um trabalho intenso de propaganda e ação sindicalista, como secretário da *Camera del Lavoro* de Bolonha, dirigindo-se a outros locais por ocasião de greves e colaborando com jornais sindicalistas de várias partes da Itália. Segundo a *Prefettura*[5] de Ferrara "graças à sua ação e propaganda muitos passaram das idéias socialistas reformistas à nova fé sindicalista. Também muitos círculos socialistas, em parte reformistas, tiveram sua transformação graças à obra de Mazzoldi e hoje, na província de Ferrara, a organização socialista predominante é a sindicalista"[6]. Em 1908, ele se transferiu de Bolonha para Parma por ocasião da grande greve geral. Após a greve, ele estava entre os dirigentes sindicalistas que foram chamados para substituir os presos e exilados. Essa função foi

[4] Ver Robert Paris. *Le origini del fascismo*. Milano, Mursia, 1970, p. 33.
[5] *Prefettura*, em italiano, não significa prefeitura, mas a sede da representação do governo central presente em todas as províncias.
[6] Pasta de Paolo Mazzoldi no CPC, ACS de Roma.

assumida por ele e Maria Rygier, Angiolo Faggi, Amilcare De Ambris (irmão de Alceste) Umberto Pasella e Michele Bianchi[7]. Em 1909, Mazzoldi fazia parte, em Bolonha, de um grupo de discussão sobre a organização e tática do que era chamado então o "partido sindicalista". Em outubro de 1909, De Ambris chama-o do Brasil para redigir a *Tribuna Italiana*. Em 1910, a polícia de São Paulo informa a polícia italiana que Mazzoldi era desenvolvia na cidade uma intensa atividade de propaganda entre os trabalhadores. Em 1911, o consulado de São Paulo informa que depois de ter colaborado com De Ambris na *Tribuna Italiana*, Mazzoldi escreveu no *Fanfulla*, foi diretor de *La Vita*, que teve poucos meses de existência e fundou também o jornal *Don Chisciotte* [8].

Mazzoldi foi apontado pela polícia brasileira e pelo consulado italiano, junto com De Ambris e Edmondo Rossoni, como um dos provocadores da grande greve da fábrica de vidros Santa Marina, no bairro da Água Branca em São Paulo[9].

3. Fanfulla e FOSP na experiência paulistana de Rossoni.

Pouco tempo depois de chegar ao Brasil, Rossoni escreve uma carta ao seu amigo sindicalista Ottavio Dinale[10]. Declarava estar bem em São Paulo, com um trabalho fixo, que não o desagradava. Lamentava-se, porém que o *Fanfulla*, jornal onde tinha encontrado trabalho provavelmente graças ao apoio de De Ambris, era "monárquico, republicano, anti-

[7] Umberto Sereni. *Il processo..., op.cit.*, p.37-38.

[8] Pasta de Mazzoldi, CPC, ACS de Roma. *Don Chisciotte* declarava-se independente de qualquer partido político e defensor da idéia de progresso, liberdade e emancipação econômica e social das classes trabalhadoras, o que indica a fidelidade de Mazzoldi a suas idéias sindicalistas revolucionárias. Mazzoldi era o diretor do jornal, cuja redação estava na rua Direita, 59 – A. Ver *Don Chisciotte*, 02-19-1911, p.1.

[9] Por causa dessa greve, só Rossoni foi expulso embora, segundo o consulado italiano, a polícia pretendesse conseguir também a expulsão de De Ambris e Mazzoldi. Ainda em 1912, o consulado italiano de São Paulo informava a polícia italiana da sua presença, apontando-o como 'indivíduo perigoso'. Paolo Mazzoldi morreu em São Paulo em 1929. Ver pasta de Mazzoldi no CPC, ACS, Roma.

clerical, ou o contrário dos três adjetivos citados, ou mesmo nada disso. Você pode ver que é para todos os gostos"[11]. Confessa ao amigo que se houvesse algo melhor do que escrever as crônicas desse jornal indefinido ele se "desfanfullaria". Observa que o jornal de De Ambris, na verdade o jornal onde ele trabalhava, *La Tribuna Italiana*, não era uma mistura como o *Fanfulla*, mas que, salvo a defesa de alguns direitos do proletariado, era também "uma coisa discretamente alegre"[12].

Alerta o amigo, porém, que apesar de ele e De Ambris estarem relativamente bem porque tinham trabalho, não por isso estavam inativos:

> "Pelo contrário. Nós fazemos também conferências. Certamente. Aqui há uma Federação Operária dirigida por Sindicalistas. De Ambris já tinha começado a falar por ela... Quando eu cheguei, seguindo o seu conselho, também passei a fazê-lo. Agora somos os propagandistas semanais não remunerados da Federação. E quando Masotti estiver aqui, ele também – visto que chegará em maio – fará o mesmo". [13]

É interessante destacarmos aqui que Rossoni observa que a FOSP era dirigida por sindicalistas, com os quais ele se identifica logo e não por anarquistas ou anarco-sindicalistas. Como se vê, ele e De Ambris se unem aos esforços dos participantes da FOSP e a reconhecem como um sindicato dirigido por sindicalistas, como os sindicatos que ambos vinham dirigindo na Itália.

Rossoni relata também a hostilidade da qual eram vítimas ele e De Ambris, pois muitos companheiros de militância consideravam incompatível a história política

---

[10] Ottavio Dinale era também um importante sindicalista revolucionário.

[11] Carta enviada por Rossoni a Ottavio Dinale em 30-03-1909 in Antonioli, Maurizio. *Azione diretta e organizzazione operaia. Sindacalismo rivoluzionario e anarchismo tra la fine dell'Ottocento e il fascismo.* Roma, Piero Lacaita, 1990, p. 161.

[12] Idem.

[13] Idem. Não há notícia de que Tullio Masotti, importante militante sindicalista, nesse período exilado na Suíça, tenha realmente vindo para São Paulo, como afirmou Rossoni. Segundo Antonioli, Masotti da Suíça voltou para Parma. Antonioli, M. *Azione diretta...*, *op. cit.*, p. 129.

precedente de ambos e o trabalho na "imprensa burguesa". Desse comportamento, De Ambris lamentaria mais tarde também no seu *La Scure*, como vimos no capítulo 2. Rossoni argumenta com Dinale que era difícil abandonar o trabalho e que era possível que ele ficasse no Brasil por alguns anos, visto que se sentia em casa:

> "A vida em São Paulo é quase como a de uma cidade européia qualquer, ou melhor, italiana"[14].

Vários observadores da época relatam esse aspecto de cidade italiana que tinha São Paulo. De qualquer forma o aspecto mais interessante a destacar nessa carta de Rossoni é, como dissemos, a afirmação de que a Federação, a FOSP, cuja história vimos detalhadamente no capítulo anterior, era dirigida por sindicalistas. Além disso, fica patente o esforço desses sindicalistas, entre os mais importantes do movimento na Itália, e obrigados a se exilar por causa da repressão às greves que eles ajudaram a organizar, entre as quais a principal foi a grande greve de Parma de 1908, pretendiam trazer sua experiência para alimentar o movimento sindicalista no Brasil, particularmente em São Paulo[15].

De fato, Rossoni se insere no movimento operário de São Paulo e na federação assim que chega em São Paulo. Em março de 1909, o jornal da federação, *La Lotta Proletaria*, publica um artigo seu na primeira página do jornal. Nesse artigo, que relatava a história do movimento operário na França, Rossoni defendia os princípios do sindicalismo revolucionário:

> "os confederados afirmaram: não é só a melhoria das condições econômicas, a diminuição das horas de trabalho, o aumento de salário que nós queremos, mas sim a completa supressão, a demolição absoluta do

[14] Carta enviada por Rossoni a Ottavio Dinale em 30-03-1909 in Maurizio Antonioli, *op. cit*, p.161.
[15] As greves de 1908 na Itália tinham mandado para o caminho da imigração De Ambris e Rossoni para o Brasil, Pulvio Zocchi para a França, Filippo Corridoni e Tullio Masotti para a Suíça e também muitos outros quadros de base do sindicalismo italiano.

> patronato. A todas as armas recorremos na luta: à greve por melhorias, ao boicote contra as represálias dos capitalistas, à sabotagem como resposta às ofensas sofridas e à reivindicação de direitos não reconhecidos. Ao tratamento desumano, ao salário ruim, respondemos com a recusa do trabalho e com a produção ruim"[16].

No artigo, Rossoni argumentou que os representantes mais capazes dos sindicatos na França eram os sindicalistas revolucionários e exaltou os progressos contínuos do sindicalismo[17] e fez votos de que o proletariado internacional soubesse agir com a mesma audácia que os revolucionários franceses, para que a emancipação dos trabalhadores se tornasse uma realidade[18].

É interessante observarmos que Rossoni, recém chegado foi acolhido na primeira página do jornal da FOSP, o que demonstra uma comunhão de opiniões entre o seu sindicalismo revolucionário, e a sua apresentação do sindicalismo francês como modelo a ser seguido pelo proletariado internacional e as idéias e a prática que vinha sendo desenvolvida pela FOSP e pelas ligas nela federadas. É uma demonstração também do reconhecimento da autoridade de Rossoni como líder, pela experiência que ele trazia da Itália e da experiência anterior de imigração. Também o número especial do Primeiro de Maio apresentou um longo artigo de Rossoni que, polemizando com o socialista italiano Giovanni Scala[19], defendeu o sindicalismo revolucionário:

---

[16] Edmondo Rossoni. "Il movimento operaio in Francia". *La Lotta Proletaria*, 15-03-1909, p.1.
[17] Idem.
[18] Idem, p.2.
[19] Giovanni Scala era filho de Antonio Scala e Maria Rosa Fanelli e tinha nascido em San Rufo, província de Salerno, Campania, Itália. Segundo a polícia italiana, que o vigiou sobretudo a partir dos anos 20, porque ele se tornou um antifascista ativo, Scala era um "socialista perigoso". Filho de camponeses, Scala veio muito jovem para o Brasil, provavelmente em 1897, com seus pais, e mais tarde associou-se aos socialistas de São Paulo e exerceu a atividade de caixeiro-viajante. No período que estamos estudando, Scala atuou intensamente na FOSP e escreveu vários artigos no jornal *La Lotta Proletaria*, mas nunca deixou de ser socialista. Morreu no Rio de Janeiro em 1933. Ver pasta de Giovanni Scala no CPC, ACS de Roma.

> "A *Lotta Proletaria* (...) delineou o programa e a estratégia da Confederação do Trabalho Francesa, que é precisamente na linha do sindicalismo revolucionário (...) Nós somos sindicalistas, porque a realidade dos fatos nos persuadiu cada vez mais de uma coisa muito simples e natural, isto é: que a emancipação dos trabalhadores só poderá ser obra dos próprios trabalhadores. Coisa velha, na verdade, mas também sempre nova, especialmente depois que se foi constatando nesses últimos tempos a completa falência dos socialismo de partido e o conseqüente renascimento no seu campo natural e fecundo dos sindicatos de oficio. (...) A história recente demonstra sua formação e conclui que o sindicato operário é a única organização que contém em si uma grande força de transformação social. (...) Como é natural que o herdeiro legítimo do espírito e da ação socialista seja o sindicato operário, que inicialmente se formou para realizar quase exclusivamente movimentos econômicos e foi absorvendo todas as funções necessárias para realizar todo o conteúdo ideal e material das aspirações revolucionárias (...) porque ele tem em si mesmo as energias capazes da produção da riqueza e poderá também amanhã – eliminadas as organizações burguesas – regular a distribuição(...) Seu programa não se limita ao aumento do salário e à diminuição das horas de trabalho, por um espírito mesquinho de melhorias corporativistas, mas reforça e estende o sentimento da solidariedade entre todas as categorias de trabalhadores. Ele representa a união dos produtores explorados: seu fim é, portanto, a reivindicação para eles, da terra, dos instrumentos de trabalho, e da riqueza social com o meio da ação direta e da greve geral expropriadora. Organização de batalha hoje – batalha sem restrições ou covardias de nenhum tipo – será amanhã o elemento-base para a gestão da sociedade igualitária e comunista, a qual os trabalhadores aspiram"[20].

Esse artigo de Rossoni resume várias das idéias do sindicalismo revolucionário que vimos até aqui: a inspiração na experiência francesa, o sindicalismo como o verdadeiro herdeiro do socialismo (embora o partido o considerasse só uma heresia), a associação do quotidiano reformista com a perspectiva revolucionária, a idéia de que a emancipação dos trabalhadores só poderia ser feita por eles próprios, a idéia do sindicato como o único órgão suficiente e capaz de transformar a sociedade, porque ele prepararia os trabalhadores a gerir a futura sociedade e reforçaria os laços de solidariedade entre todos os trabalhadores, garantindo a unidade da classe. Rossoni vinha assim se juntar ao movimento sindicalista

[20] Edmondo Rossoni. "Sindacalismo e sindacalisti". *La Lotta Proletaria*, 01-05-1909, p.2

revolucionário de São Paulo, que como vimos, reunia sindicalistas puros, socialistas, anarquistas, alguns republicanos e outros a essa tendência que se manifestava nas ligas, na federação e no seu jornal, a *Lotta*.

Rossoni fazia também conferências de propaganda. Em maio de 1909, por exemplo, *La Lotta Proletaria* falava de uma conferência sua realizada na festa do Gruppo Filodrammatico Aleardo Aleardi em São Paulo. No dia Primeiro de Maio cerca de mil operários do bairro da Água Branca foram em passeata até a Lapa onde realizou-se um comício onde discursaram Garetti, Berthelot e Rossoni e depois os trabalhadores voltaram para a Água Branca cantando o *Inno dei Lavoratori*. Às duas e meia daquele Primeiro de Maio, houve um comício na sede da FOSP, onde falaram Angelo Scala[21], Ferrari, Rossoni e outros[22].

A atuação conjunta desses militantes foi logo anunciada como um perigo. Três meses depois de Rossoni ter enviado a carta a Dinale, o comissário de polícia responsável pelo serviço de vigilância em São Paulo, Alliata Bronner, enviou uma carta ao Ministro da Itália no Brasil na qual falava de tentativas dos sindicalistas "refugiados da Itália de organizar em Ligas de resistência, menos efêmeras do que as atuais, o proletariado do Brasil central que pode-se bem dizer: proletariado internacional"[23].

O historiador italiano Maurizio Antonioli argumenta que ainda está por fazer uma avaliação concreta da incidência da imigração sindicalista no desenvolvimento posterior do

---

[21] Angelo Scala era irmão de Giovanni Scala. Nasceu também em San Rufo, província de Salerno em 12-01-1891 e veio para o Brasil com poucos anos de idade. Em 1911, foi preso em São Paulo por ter tomado parte em uma tentativa de manifestação contra a guerra ítalo-turca. Em 1915, voltou à Itália e lutou na Primeira Guerra. Em 1919, voltou para São Paulo. Nos anos 30, foi vigiado pelo consulado de São Paulo por ser considerado antifascista. Ver pasta de Angelo Scala no CPC, ACS de Roma.

[22] "Il Primo Maggio". *La Lotta Proletaria*, 16-05-1909, p.3.

[23] Relatório do Secretário de Segurança Pública. Cesare Alliata-Bronner, funcionário do Serviço especial de vigilância, junto ao Consulado de São Paulo, 30-06-1909, ACS, Roma citado por P.S. Pinheiro e M. Hall, *op. cit.*, p. 110.

movimento operário italiano. De qualquer forma, ele considera de antemão que a experiência amadurecida no exterior pelos líderes do movimento sindical italiano não deve ser subestimada[24]. Da mesma forma, não devemos menosprezar a importância da presença desses grandes nomes do sindicalismo italiano em São Paulo na experiência sindical dos trabalhadores na São Paulo daquele período histórico. Certamente a circulação e a troca de idéias e experiências do sindicalismo era facilitada por essa mobilidade dos militantes, que surpreende pela sua intensidade.

4.1. "Uma questão de dignidade": a greve da fábrica Santa Marina

Os operários da fábrica de vidro Santa Marina, do Bairro da Água Branca, em grande parte italianos, mas também franceses, estavam em greve quando a polícia prendeu Rossoni. Uma comissão de grevistas tinha pedido ao cônsul que interviesse em favor deles junto ao chefe de polícia, ao presidente do Estado e aos proprietários da fábrica. Ele disse ter tentado acalmar os ânimos e ter pedido uma certa tolerância por parte da polícia para evitar grandes conflitos.

Mas o cônsul percebeu logo que a greve não seria facilmente resolvida e nem acabaria tão cedo. Segundo ele as razões da greve não eram econômicas, mas uma questão de honra. [25]

A história da greve tinha sido a seguinte: no dia nove de setembro, os portadores (meninos de 10 a 15 anos) da Santa Marina pediram à diretoria da fábrica 500 réis de aumento de salário. O gerente não só negou o aumento, mas recebeu-os com insultos e

[24] Ver Antonioli, M. *Azione diretta..., op. cit.*, p. 127-128.

grosserias. A Liga de Resistência, diante dessa atitude do gerente, resolveu formar uma comissão para conversar com a diretoria e tentar dar uma solução para a questão. A reação do gerente não se fez esperar:

> "Enquanto a Comissão se achava no escritório, o gerente mandou chamar a polícia, e quando esta retirava-se da fábrica foi espaldeirada, não escapando de tão estúpida selvageria mulheres e crianças que ali se achavam. Diante dessa arbitrariedade resolveram a greve todos os operários da fábrica, declarando só voltarem ao trabalho quando satisfeito o pedido dos portadores e demitido o gerente".[26]

Os principais acionistas da Santa Marina eram Antonio Prado e o coronel Asdrubal do Nascimento. Estes, vendo a dimensão que tinha tomado o movimento, envolvendo toda a fábrica resolveram atender o pedido de aumento dos meninos, mas não aceitavam demitir o gerente.

Sendo assim, os operários decidiram continuar a greve e se reuniram em torno da fábrica, ao ar livre, uma vez que a sede da Liga tinha sido fechada pela polícia e assim resolveram permanecer até que tivessem sido atendidas todas as reivindicações, incluída a demissão do gerente, o que explica porque o cônsul italiano tinha declarado que a greve estava mais associada a uma questão de honra do que a uma questão econômica.

Para forçar a diretoria da fábrica a aceitar as reivindicações, os trabalhadores resolveram associar à greve um movimento de boicote a todas as marcas de cerveja produzidas pela fábrica Antártica, isto porque eram grandes acionistas desta fábrica os acionistas da Santa Marina. Para isso, a Liga dos Vidreiros publicou um longo manifesto, explicando as razões e apelando para a solidariedade dos trabalhadores de todo o Estado de

---

[25] "Rapporto del Regio Console in San Paolo in data 30 ottobre 1909" in CPC, ACS, Roma, b. 4466, fasc. Rossoni.
[26] "Movimento operário em S. Paulo". *A Voz do Trabalhador*, 30-10-1909, p. 2.

São Paulo e também do resto do país. Segundo os trabalhadores, o boicote obteve bons resultados.

Como reação, a companhia mandou que os grevistas deixassem imediatamente as casas onde moravam, que eram da companhia. Todos os grevistas abandonaram as casas. Uns se mudaram para casa de amigos que viviam próximos da fábrica. Outros, não tendo amigos que pudessem acolhê-los construíram casas de pau-a-pique, cobertas de sapé em um terreno próximo da fábrica, de propriedade "de um amigo dos operários".[27] Essa comunidade improvisada tinha cerca de 100 operários e suas famílias, uma cozinha comum e reuniões de cantoria no fim da tarde, onde se ouvia o hino da Internacional e Carmagnole[28].

Os vidreiros tinham uma escola racionalista[29] na qual Rossoni era professor. Como a polícia considerou-o um dos principais agitadores da greve, ele era obrigado a apresentar-se diariamente ao delegado de polícia. No dia três de outubro, um domingo, quando os grevistas estavam realizando uma festa, aparecem cerca de 15 policiais, que invadindo a casa onde estava se realizando a confraternização, prendeu vários trabalhadores. Em pouco tempo, todos foram libertados, menos Rossoni, que as autoridades brasileiras já tinham a intenção de expulsar. Rossoni só foi libertado treze dias depois, após três pedidos de habeas-corpus. Sua defesa foi feita pelo advogado anarquista Benjamim Mota[30].

---

[27] Idem.
[28] Idem.
[29] A escola racionalista ou escola moderna era uma orientação pedagógica que via na educação a base da transformação social. Ela se opunha tanto ao ensino ligado à igreja quanto ao ensino do Estado, em classes mistas, com ênfase na ciência e no esforço de criar alunos criativos e com iniciativa. Sobre esse tema ver Luizzetto, Flávio. *Presença do anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional – 1900-1920.* São Paulo, USP, 1984 (Tese de Doutorado) Jomini, Regina C. *Uma educação para a solidariedade: contribuição ao estudo das concepções e realizações educacionais dos anarquistas na República Velha.* Campinas, Editora da Unicamp, 1989 entre outros.
[30] Benjamim Mota tinha dirigido o jornal anticlerical *A Lanterna*, em 1901, e passara de livre-pensador a anarquista, a mesma trajetória que seguiria Edgard Leuenroth pouco depois. Ele defendeu também muitos outros militantes ameaçados de expulsão e escreveu um dos primeiros livros de autor brasileiro sobre o

Apesar da violência da polícia e da prisão de Rossoni, os operários continuaram reunidos em torno dos seus objetivos. A solidariedade não faltou e alimentos foram enviados por outros operários, inclusive do interior. "É uma questão de dignidade", conclui o artigo publicado n' *A Voz do Trabalhador*. Parte das casas construídas no acampamento pelos grevistas foi incendiada. Os trabalhadores acusaram a polícia pelo incêndio, mas esta depois de um inquérito, acusou os proprietários da fábrica[31].

Segundo o cônsul italiano, nessa greve entravam também os conflitos entre a Antártica e a fábrica Germania, sua concorrente que teria fornecido material para que os trabalhadores construíssem o acampamento próximo à fábrica[32].

Os operários em greve tinham tentado criar uma cooperativa mas essa tentativa não se concretizou e estes ficaram em uma situação muito difícil porque não conseguiriam encontrar trabalho como vidreiros, não só no estado de São Paulo, mas em nenhuma fábrica do país, segundo o cônsul italiano. Por outro lado, por causa do boicote que os grevistas solicitaram que fosse feito através da Federação Central dos vidreiros em Genebra, o cônsul considerava que também a fábrica teria muitas dificuldades para contratar novos operários para completar o trabalho, embora um dos fornos já estivesse funcionando com um número suficiente de operários que tinham voltado ao trabalho.

O Cônsul tentou convencer os operários a voltarem ao trabalho, renunciando às reivindicações e se assim fosse ele pediria a ajuda do cônsul francês, visto que metade dos trabalhadores em greve eram franceses, para negociar com Antonio Prado. Um grupo de cerca de doze operários, entre os quais o secretário da Liga de resistência dos vidreiros,

---

anarquismo, *Rebeldias*. Com o português Neno Vasco e os italianos Sorelli, Alessandro Cerchiai, Oreste Ristori, Tobia Boni, Angelo Bandoni, Gigi Damiani, Augusto Donati, participou da redação do jornal *O Amigo do Povo*, a partir de 1902.

[31] "Movimento operário em S. Paulo". *A Voz do Trabalhador*, 30-10-1909, p. 2.

[32] "Rapporto del Regio Console in San Paolo in data 30 ottobre 1909" in CPC, b. 4466, fasc. Rossoni.

aceitaram a proposta. Pouco depois, porém, os operários mudaram de idéia e não quiseram mais aceitar o retorno ao trabalho sem condições e pediram a demissão de pelo menos dez chefes dos operários contrários à greve e que estavam trabalhando. Diante dessa reivindicação, o cônsul retirou-se da negociação. No versão do cônsul, foram os conselhos de De Ambris, Rossoni e Benjamim Mota que impediram que o movimento acabasse bem:

> "...Rossoni junto com o advogado Benjamim Mota e o senhor Alceste De Ambris preparou a greve da vidraria e com conferências contínuas que a mantiveram sempre viva, incitando os grevistas à violência contra quem queria retomar o trabalho e iludindo-os também, para obter a resistência, com a promessa de fundar uma cooperativa..."[33]

Em novembro, devido à insistência dos grevistas os cônsules da França e da Itália fazem uma nova tentativa de negociação para que esses fossem readmitidos na fábrica, mas não obtêm sucesso:

> "(...) Infelizmente, a direção da fábrica, onde se conhece perfeitamente as condições desesperadoras nas quais se encontram os operários, recusou-se veementemente e deu-me uma lista de 22 operários que ela aceitaria, declarando que dos restantes, cerca de 120 ou 150, não queria saber de modo algum, porque não precisavam deles".

Diante dessa recusa da fábrica em aceitar os trabalhadores de volta, que dessa vez estavam dispostos, obrigados pela fome, a voltar sem nenhuma condição, os grevistas italianos, em massa, pediram ajuda ao consulado para obter a repatriação, mas o pedido foi negado com a seguinte justificativa:

> "eu respondi que não podia dá-la sobretudo porque fazê-lo teria sido uma intervenção direta em favor deles e contra a fábrica e também porque sem

[33] "Rapporto del R. Consolato Generale d'Italia di S. Paolo in data 19-11-1909 direto al Ministero degli Affari Esteri Roma" in CPC, b. 4466, fasc. Rossoni.

a permissão do *Comissariato della Emigrazione* eu não podia gastar uma soma que seria certamente de 15 a 20 contos de réis..."

O Cônsul argumentou também que tinham sido a intransigência e as pretensões impossíveis dos operários que o tinha impedido de negociar o retorno ao trabalho e que portanto eles deveriam se resignar diante da batalha perdida e permanecer em silêncio, sem pretender concessões dos industriais através do uso da violência. Os grevistas declararam pretender fazer uma coleta de dinheiro e pediram que o cônsul obtivesse uma redução do preço da passagem ao que ele respondeu que faria por eles nem mais e nem menos do que fazia para os outros italianos. Não sabemos como acabou essa história, mas a julgar pelo tratamento dado ao conjunto dos italianos é de se supor que esses continuaram no Brasil. Em uma carta anterior, porém, o cônsul tinha manifestado a intenção de ajudar a sair do Brasil 4 ou 5 famílias de grevistas que ele considerava que não eram exatamente subversivos, tranqüilizando o ministro italiano ao qual era endereçada a carta, com a esperança de que esses italianos, muito provavelmente teriam desembarcado em Marselha[34].

4.2 A expulsão

No dia 21 de outubro de 1909, o jornal *Fanfulla* afirma que o comportamento das autoridades italianas em relação ao caso Rossoni tinha causado uma impressão muito ruim no público do jornal, pois este teria sido preso ilegalmente e a Legação e o consulado nada teriam feito para que a lei fosse aplicada. Rossoni, segundo o *Fanfulla* só teria sido libertado com a ajuda dos estudantes dos Centro Acadêmico "Onze de Agosto".

O *Fanfulla* publicou também uma carta do próprio Rossoni onde ele conta que durante sua prisão a polícia, de acordo com o cônsul da Itália, Baroli, tinha tentado convencê-lo a comprometer-se a deixar "espontaneamente" São Paulo. Segundo Rossoni, o cônsul havia informado à polícia brasileira que ele tinha sido condenado na Itália como "anarquista perigoso" e que teria sido também expulso da França. Rossoni se defende argumentando que sua condenação na Itália se devia ao fato de que tinha escrito artigos contra o militarismo e que da França nunca tinha sido expulso, o que é verdade visto que ele tinha vindo o Brasil justamente temendo a expulsão.[35]

Em uma carta que o cônsul enviou ao Ministério das Relações Exteriores no mesmo dia da publicação da carta de Rossoni no *Fanfulla*, ele se defendia dizendo que o Secretário da Justiça de São Paulo havia pedido realmente informações não só sobre Rossoni, mas também sobre De Ambris, mas que ele havia respondido somente que se havia condenações eram por motivos políticos e não por crimes comuns, que os fichários judiciários do comissário de polícia italiano eram já antigos e que ele teria escrito para a Itália pedindo informações. Certamente nem mesmo essas respostas evasivas teriam ajudado Rossoni e De Ambris. O Cônsul declara também que a polícia brasileira estava fazendo todo o possível para expulsar Alceste De Ambris e Rossoni "que são a alma dos sindicatos que estão se formando, e esta parcialidade evidente contra os grevistas da Santa Marina, tem sobretudo a intenção de desorganizar e matar no início os sindicatos que estão sendo lentamente constituídos".[36]

---

[34] "Rapporto del R. Consolato Generale d'Italia di S. Paolo in data 19-11-1909 direto al Ministero degli Affari Esteri Roma" in CPC, b. 4466, fasc. Rossoni.
[35] "Una lettera di Edmondo Rossoni – il suo arresto e le autoritá italiane". *Fanfulla*, 21-20-1909, p.2.
[36] "Il Regio Console in San Paolo al Sua Eccellenza il Ministro degli Affari Esteri". San Paolo, 21-10-1909 in CPC. B. 4466, fasc. Rossoni.

Segundo o parecer do cônsul, a polícia agia corretamente, mas com critérios antiquados: era violenta e agressiva e não fazia distinção entre uma greve e uma revolta. Argumenta porém que os grevistas haviam agredido os trabalhadores que queriam voltar ao trabalho.

Permanecendo acampados próximos à fábrica, os grevistas procuravam exercer uma pressão contínua sobre os trabalhadores que entravam e assim foram considerados perigosos pelos proprietários da fábrica que tomaram a decisão irrevogável de demitir todos os grevistas. Estes, porém, como vimos continuaram a realizar seu movimento em torno da fábrica.

Apreende-se da carta do cônsul que ele considerava De Ambris o principal líder da greve e que era ele que aconselhava Rossoni a continuar a agitação. Segundo o cônsul, as autoridades brasileiras dificilmente conseguiriam expulsar De Ambris, pois ele teria se prevenido comprando um imóvel no Brasil, mas considerava que a expulsão de Rossoni era inevitável. Sua previsão se concretizaria em breve espaço de tempo.

Finalmente o cônsul pede que lhe sejam enviadas informações atualizadas sobre De Ambris e Rossoni, de modo estritamente confidencial, visto que as que tinham o cav. Bronner não eram recentes "não havendo menção às condenações em relação à greve de Parma e a de 5 anos de reclusão por propaganda antimilitarista imposta a Rossoni". Apesar da ausência de documentos oficiais a propósito, o cônsul estava muito bem informado sobre as atividades políticas de De Ambris, Rossoni e outros militantes que se encontravam em São Paulo. Sobre Rossoni sua opinião era a seguinte:

"Jovem ambiciosíssimo, de caráter e idéias violentíssimas, também bastante instruído, bom orador, este é certamente um propagandista temível e professa idéias sindicalistas e anarquistas". [37]

A expulsão de Rossoni foi inevitável também porque os diretores da fábrica, Antonio da Silva Prado e Asdrubal do Nascimento, eram também prefeito e vice-prefeito da cidade de São Paulo e estes fizeram prevalecer seus interesses sobre qualquer tentativa em contrário e conseguiram do governo federal a decisão da expulsão. Os meios clericais de São Paulo, liderados por um dos donos da fábrica, Asdrubal do Nascimento, conseguiram também o fechamento da escola mantida pelos operários da fábrica[38].

Perseguido por ordem do secretário do Interior, Washington Luís, Rossoni foi preso novamente. Tinha se escondido na casa de amigos e acabou sendo pego na casa de Benjamim Mota:

> "Vendo que estava cercado, preparou-se com dignidade romântica: vestiu-se bem (como gostava), amarrou a ampla gravata *La Vallière* de artista, azul com pintas douradas, cobriu-se com o chapelão de feltro e, quando lhe deram voz de prisão, saiu olímpico de bengala em punho, para a cadeia e o banimento"[39].

Conduzido até o Rio de Janeiro, foi embarcado no dia 17 de novembro, dizendo que desembarcaria em Boulogne-sur-mer, para depois dirigir-se a Paris. Rossoni levava consigo uma soma de cerca 800 liras, fruto de uma subscrição feita pelos trabalhadores italianos.

---

[37] "Rapporto del R. Consolato Generale d'Italia di S. Paolo in data 19-11-1909 direto al Ministero degli Affari Esteri Roma" in CPC, b. 4466, fasc. Rossoni.
[38] Antonio Candido. *Teresina, etc.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980, p. 64.

5. A militância de Rossoni nos Estados Unidos

Rossoni retorna realmente por um breve período à França, desta vez em Paris, onde é recebido pelo grupo redator de *La Guerra Sociale*, jornal de Gustave Hervè, onde passa a trabalhar. Mas já no ano seguinte, 1910, vai para os Estados Unidos onde se torna correspondente do jornal sindicalista italiano *L'Internazionale*, de Parma. Reside sobretudo em Nova Iorque, onde colabora com o jornal *Il Proletario*, atua na Federação Socialista Italiana dos EUA[40] e se destaca mais uma vez pelo seu antimilitarismo "veemente e teatral". [41]

Rossoni viveu em contato com os emigrantes italianos nas grandes cidades americanas e passou a fazer parte do *Industrial Workers of the World*. A IWW tinha nascido em Chicago em 1905, inspirada no exemplo francês, apresentando-se como alternativa industrialista ao corporativismo do sindicalismo de oficio da *American Federation of Labor*, a AFL, que organizava os operários qualificados da primeira imigração. A IWW tornar-se-á um símbolo do sindicalismo revolucionário também para os trabalhadores brasileiros e vai envolver também a Europa através dos canais da emigração política, como era o caso de Rossoni. Ela reunia, no seu interior, posições divergentes de sindicalistas revolucionários, anarquistas e socialistas.

Os princípios da IWW eram os do sindicalismo revolucionário: ideologia sindicalista e objetivos revolucionários a longo prazo. Suas seções industriais deveriam ser os embriões da nova sociedade que se criaria através de uma série de greves que levariam a

---

[39] Idem, p. 65. A descrição da prisão de Rossoni foi feita a Antonio Candido por sua amiga Teresina Carini Rocchi.

[40] Ver Ferdinando Cordova. "Edmondo Rossoni" in *Uomini e volti del fascismo*. Roma, Bulzoni Editori, 1980, p. 351.

uma greve geral que obrigaria os capitalista a se renderem. Assim os sindicato era ao mesmo tempo o instrumento para realizar a revolução. Viveu até 1924 e esteve bem longe de realizar os seus objetivos. Guiou greves de imigrantes pobres, camponeses, lenhadores, mineiros. Suas lutas alcançaram grande popularidade e os sentimentos de simpatia dos setores mais oprimidos da classe operária americana, embora nunca tenha envolvido mais do que 5% dos inscritos em sindicatos, mas foi temida como uma conspiração de estrangeiros, anarquistas e comunistas. No período de 1917-1918 cerca de 100 *wobblies* foram condenados por subversão a 20 anos de prisão.[42]

No verão de 1910, pouco depois de sua chegada nos Estados Unidos, Rossoni envolveu-se na greve promovida pelas costureiras de Nova Iorque, afim de obter melhores condições de trabalho e aumento salarial. A partir daí Rossoni passa a ter uma grande popularidade entre os trabalhadores italianos nos EUA.

No congresso da Federação Socialista Italiana realizado no ano seguinte Rossoni deixa clara a sua confiança incondicional no sindicalismo revolucionário:

> "(...) O sindicalismo é a verdadeira expressão do socialismo enquanto vive da vida do proletariado e pelo próprio proletariado. Ele é a representação da elite operária, que não pede, que não mendiga nada, mas consciente da sua própria força e do seu próprio futuro, persistirá na luta – que é tudo para ela e na qual ela tem tudo a ganhar e nada a perder – até o triunfo." [43]

---

[41] Ver Andreucci, F. e Detti, Tommaso. *Il movimento operaio italiano – Dizionario biografico (1853-1943)*. Roma, Editori Riuniti, 1979, vol. IV, pp. 417-419.

[42] Renshaw, Patrick. *Il sindacalismo rivoluzionario negli Stati Uniti*. Bari, Laterza, 1970. (trad.) Nos anos 20, membros da IWW passarão tanto para o Partido Comunista como para a extrema direita.

[43] "III Congresso Nazionale della Federazione Socialista Italiana". *Il Proletario*, 14-04-1911 citado por Cordova, Ferdinando. "Edmondo Rossoni" in *Uomini e volti del fascismo*. Roma, Bulzoni Editori, 1980, p. 360.

Naqueles anos, tanto a Federação Socialista Italiana quanto a IWW, os dois grupos nos quais Rossoni participava, se inspirarão nas táticas e nos meios do sindicalismo revolucionário.

No dia 11 de junho de 1911 Rossoni fez um discurso inflamado contra o patriotismo burguês que terminou com uma cuspida na bandeira italiana e na coroa que alguns conterrâneos seus tinham posto aos pés do monumento a Garibaldi![44]

Em 1912, uma carta do Consulado Geral da Itália em Nova Iorque escreve ao Ministério do Interior em Roma afirmando que Rossoni desenvolve ali uma atividade de propaganda muito intensa. Declara que ele fazia conferências sobre os mais diferentes temas em Nova Iorque, Filadélfia e outros locais e que publicava "artigos violentos" de propaganda no jornal *Il Proletario* de Nova Iorque. Naquele período, particularmente, Rossoni vinha se destacando pelo seu grande envolvimento em uma campanha em Massachusetts e Nova Iorque para incitar "greves, desordens e rebeliões".[45] Foi nesse ano, 1912, que houve a grande greve dos tecelões de Lawrence. De lá, Rossoni mandava informações aos companheiros italianos, sublinhando que os métodos do sindicalismo revolucionário estavam começando a ser praticados em todo o mundo. [46] A vitória dos grevistas foi depois interpretada como uma prova da validade desses métodos. Foi o momento de maior sucesso da IWW antes da guerra, quando se conseguiu um aumento salarial para 30.000 operários.[47]

---

[44] Ver Andreucci, F. e Detti, Tommaso.*op.cit.*, pp. 417-419.
[45] "Consolato Generale d'Italia al Ministero dell'Interno. New York, 24-06-1912". in CPC. B. 4466, fasc. Rossoni.
[46] Edmondo Rossoni. "Lo sciopero dei tessitori di Lawrence". *L'Internazionale*, 23-03-1912.
[47] P. Renshaw. *op.cit.*, p. 95.

Nesse clima, as relações entre italianos e americanos se intensificaram pois a presença de numerosos emigrados na IWW, entre os quais Rossoni era o caso típico, facilitava a troca de experiências de ambos os lados. O êxodo das crianças de Lawrence, enviadas para a casa de trabalhadores simpatizantes em outras cidades, foi inspirada na experiência de Parma.[48] AS crianças de Lawrence foram acolhidas em Nova Iorque por uma multidão de 5000 pessoas.[49]

A situação política da Itália era seguida com bastante atenção pelo grupo redator do jornal *Il Proletario*. Essa atenção tinha se tornado particularmente sensível durante a Guerra da Líbia[50], o que acontece também entre os trabalhadores italianos no Brasil, onde foram realizadas várias subscrições em favor das famílias dos mortos e feridos nessa guerra. Como vimos, é nesse período que De Ambris volta para a Itália.

Em janeiro de 1913, Rossoni é chamado de volta à Itália pelos seus companheiros sindicalistas revolucionários que tinham fundado a USI no ano anterior. Logo é nomeado secretário do sindicato da construção civil da província de Modena e participa de várias greves. Em fevereiro um comício no qual Rossoni falava em Milão foi dissolvido pela polícia. Naquela noite ele foi preso junto com um amigo, Nicola Vecchi, sindicalista que para fugir a uma condenação também tinha se refugiado em Nova Iorque, mas logo ambos foram libertados. No dia seguinte, segundo a polícia, Rossoni, Vecchi e um outro militante sindicalista Pulvio Zocchi partem para a Suíça onde vão encontrar De Ambris, que ali tinha se exilado.[51] Em agosto daquele ano, durante uma greve de ferroviários em Milão, ele é preso com a acusação de incitar o ódio entre as classes sociais. Quando obtém a liberdade

[48] M. Antonioli. *Azione diretta..., op. cit.*, p. 140.
[49] P. Renshaw. *op. cit.*, p.130.
[50] F. Cordoba. *op.cit.*, p. 366.
[51] "Prefettura di Milano al Ministero dell'Interno. Milano, 13-02-1913" in CPC, b. 4466, fasc. Rossoni.

provisória, aproveita para escapar de novo. Vai para Londres participar do Congresso sindicalista internacional como representante da *Camera del Lavoro* de Parma e de Bolonha e dali retorna aos Estados Unidos.

Em 1914, de Nova Iorque, tendo recebido a notícia da constituição da UIL, defensora da entrada da Itália na guerra, ele manda uma mensagem de adesão. É nesse período que ele abandona a colaboração ao periódico *Il Proletario* e inicia a publicação de um semanário intervencionista chamado *L'Italia Nostra*. Era o começo de uma transformação, que o levaria muito longe.

6. De volta à Itália, em direção ao fascismo

Em maio de 1916, atendendo à convocação do exército italiano e também para participar da campanha para que a Itália declarasse guerra ao Império austríaco e à Alemanha, Rossoni deixou os Estados Unidos e depois de um breve período em Londres e de freqüentar assiduamente em Paris o novo jornal de Hervé *La Victoire*, volta para Milão ao *Fascio d'azione interventista* da cidade, organização criada pelos sindicalistas revolucionários. Na propaganda pela entrada na guerra, atuou ao lado de anarquistas, sindicalistas revolucionários como De Ambris, como vimos no capítulo 2, e da ala intervencionista do Partido Socialista Italiano, liderada por Mussolini, de quem se tornaria amigo fiel.

Para o historiador americano John Tinghino, é a experiência americana de Rossoni, ou seja, os cinco anos e meio que ele viveu nos Estados Unidos atuando como propagandista, organizador e jornalista da Federação Socialista Italiana, atuando em harmonia com o sindicalismo revolucionário da IWW, em diversos locais do país, que

alterou a sua fé na solidariedade proletária internacional. Após observar o desprezo com que eram tratados os italianos tanto pelos capitalistas como pelos outros trabalhadores, Rossoni teria passado a rejeitar o internacionalismo e se tornou nacionalista[52]. Esse nacionalismo, podemos dizer, foi o ponto crucial que levou Rossoni a aderir ao fascismo no início dos anos 20.

Quando a Itália entrou na guerra ele volta para prestar o serviço militar. Seu nacionalismo, porém, como observa Tinghino, não aceitava o Estado liberal: se a classe operária italiana deveria ser convencida da necessidade do amor pela pátria, isso teria sido possível somente através de uma mudança radical da ordem existente. Permanecendo fiel a pelo menos um princípio do sindicalismo revolucionário, Rossoni continuou na sua oposição a qualquer envolvimento na política. Ele acreditava que a revolução teria eclodido somente através da luta econômica. Desde seu retorno à Itália começou a propaganda na Unione Sindacale Milanese e na Unione Italiana del Lavoro ambas dominadas por sindicalistas revolucionários.

Quando Mussolini se aproximou dele, em agosto de 1918, vendo a possibilidade de ter seu apoio ao movimento fascista, Rossoni recusou qualquer tipo de apoio ao movimento. Embora Rossoni e Mussolini compartilhassem um nacionalismo radical desde 1918, suas concepções individuais do melhor modo de mudar a ordem econômica, política e social da Itália eram diferentes. Mussolini tentou o caminho parlamentar para obter o poder político, enquanto Rossoni ainda acreditava num movimento operário militante e ativo.

[52] Tinghino, John J. *Edmondo Rossoni: from revolutionary syndicalism to fascism*. New York, Lang, 1991, p.2.

Mussolini nunca tinha sido sindicalista revolucionário. A partir da greve de 1904, ele tinha manifestado simpatias pelo sindicalismo revolucionário, colaborando, da Suíça, com o jornal *Avanguardia Socialista*, onde ele defendeu a necessidade do uso da violência e a utilidade da integração nos sindicatos operários, definidos como os núcleos da futura sociedade socialista[53]. Mas, com o tempo, ele vai se afastando do sindicalismo revolucionário até que, em 1914, ele se declarou cético sobre a capacidade revolucionária das organizações econômicas e criticou a idéia sindicalista revolucionária da inutilidade do partido socialista, argumentando que o sindicato deveria se ocupar somente de questões econômicas, deixando ao partido as tarefas políticas[54]. Renzo De Felice considera que Mussolini nunca foi um sindicalista revolucionário, no sentido político-organizativo do termo, nem mesmo quando o movimento viveu seus anos de maior sucesso. Apesar disso, o autor argumenta que foi na doutrina e na prática do sindicalismo revolucionário que Mussolini encontrou as bases da sua concepção política, antes e depois de sua fase socialista[55].

Depois do serviço militar, Rossoni ajudou a reconstituir a UIL, da qual se tornou secretário e fez conferências de propaganda. Continuou sendo um líder sindical destacado dentro dessa federação operária, em um cenário onde, porém, predominavam a CGdL, reformista e a USI, que com a saída dos sindicalistas revolucionários tinha se tornado anarquista.

---

[53] Benito Mussolini. *Opera omnia*. Firenze, 1951-1963, I, p. 71 citado por G.B. Furiozzi. *Il sindacalismo rivoluzionario italiano, op. cit*, p. 106.
[54] Idem, p. 107.
[55] Renzo De Felice. *Mussolini il rivoluzionario (1883-1920)*, op.cit., p. 40-41.

Em 1918, um telegrama do Chefe de Polícia de Milão ao Ministério do Interior relata o projeto de Rossoni de realizar uma unificação sindical na cidade, que, avalia o chefe de polícia, tinha por objetivo eliminar o partido socialista e a Confederação Geral do Trabalho, a CGdL, ou pelo menos de eliminar, em toda a Itália, a influência dessas organizações. Para ele, esses objetivos tornavam o projeto de Rossoni irrealizável. Ele garante que Rossoni "é amigo sincero de Mussolini e dos mais famosos intervencionistas"[56]. Isso teria ficado claro em uma carta endereçada a Rossoni dos Estados Unidos, onde a militante Angiolina Algeria tentava convencê-lo a retornar às suas antigas teorias revolucionárias:

> "(...) Se fomos obrigados a fazer um armistício com a burguesia para a guerra e durante a guerra não é por isso que devemos sacrificar a revolução do pós-guerra – e prometemos também que após a guerra teríamos voltado a ser grandes inimigos, prontos ao assalto na primeira oportunidade – e tínhamos uma fé cega na sua capacidade, na sua inteligência, na sua fé ardente. E agora? Responda francamente se devemos continuar a amar você e a ter esperança junto com você ou se temos que empunhar as armas sem você".[57]

Angiolina aconselha também Rossoni a dissuadir De Ambris da idéia de ir para os Estados Unidos com Samuel Gompers, da AFL, afirmando que ele seria recebido com uma chuva de ovos podres. Ela pergunta a Rossoni como era possível que duas pessoas tão diferentes como De Ambris e Gompers pudessem ser conciliáveis e conclui que "só a guerra para efetuar esses milagres!"[58]

---

[56] "R. Prefettura di Milano al Ministero dell'Interno. 28-12-1918". In CPC, b. 4466, Fasc.Rossoni.
[57] Carta de Angiolina Algeri a Edmondo Rossoni, 30-10-1918. In CPC, b. 4466, fasc. Rossoni.
[58] Idem.

Apela finalmente a Rossoni implorando: "Fique conosco, com a classe proletária, pela ação direta, você que quando quer, sabe fazer milagres"[59]. Angiolina não será a única a pedir explicações a Rossoni pela sua mudança de rota, como veremos adiante.

Mas Rossoni adere realmente ao fascismo, participando até mesmo de ações violentas na tomada de cidades como Gênova e Massa. Os *fasci* tinham se formado em março de 1919 e Mussolini fez um apelo aos socialistas reformistas para que juntos formassem um novo partido, um "Partido do Trabalho". À recusa deles os fascistas reagiram com o incêndio da sede milanesa do *Avanti!*, a primeira ação esquadrista.

Em junho, inicia-se uma grande onda de greves em todo o país, acompanhadas de tumultos e saques que continuarão até o ano seguinte. Esse período ficou conhecido na Itália com o nome de biênio vermelho. Em agosto de 1919, na sede central da FIAT, em Turim, nasceu o primeiro conselho de fábrica, com 42 comissários, eleitos um por seção. Nas eleições de novembro daquele ano, socialistas e populares (católicos) se afirmaram, enquanto os fascistas não conseguiram eleger nenhum deputado. Em fevereiro de 1920, intensificaram-se as agitações operárias por questões de salário, horário e condições de trabalho. Em maio, os fascistas reunidos em Milão organizaram um programa de ataques às sedes socialistas e sindicais. Em agosto, as ações se multiplicaram atingindo as *Camere del Lavoro*, cooperativas, ligas e sedes socialistas. As autoridades militares e policiais apoiaram os esquadristas e os armaram, dando a eles uma impunidade completa. Industriais e agricultores os financiaram. Os conflitos entre fascistas e socialistas se acentuaram ainda mais. Em janeiro de 1921, nasce o Partido Comunista da Itália e a ação fascista se torna ainda mais feroz: no primeiro semestre daquele ano foram destruídos nada menos do que 119 *camere del lavoro*, 83 ligas camponesas, 107 cooperativas, 17 sedes de jornais, 141

[59] Idem.

seções socialistas e comunistas, 28 centrais sindicais, além de casas do povo, círculos culturais e recreativos operários, bibliotecas, teatros populares e sociedades de socorro mútuo[60].

Nas eleições de maio de 1921, os fascistas conseguiram eleger 34 deputados, apresentando-se junto dos liberais de Giolitti. Os liberais acreditavam poder neutralizar os fascistas inserindo-os no sistema parlamentar. Mussolini tentou várias vezes realizar um pacto de paz com os socialistas, mas foi impedido pela comissão executiva dos *fasci*:

> "em Roma, Mussolini teve que ceder às reivindicações dos extremistas liderados por Italo Balbo e Dino Grandi. O acordo para a pacificação com os socialistas é anulado, porque os extremistas pretendiam destruir completamente os sindicatos e continuar as expedições punitivas. (...) Mussolini e Grandi se abraçaram; a fratura tinha sido soldada. Isso significou um distanciamento do radicalismo dos primeiros anos do movimento. Até aquele momento, Mussolini, mesmo não sendo mais um socialista, tinha permanecido fiel a alguns ideais da sua juventude, o que tinha sido demonstrado pelos primeiros programas e slogans dos *fasci*. Agora ele se aproximou mais dos nacionalistas... e a aliança com eles se consumaria depois da marcha sobre Roma. As principais correntes do partido eram agora: um forte nacionalismo, freqüente principalmente entre intelectuais, um forte anti-socialismo e anti-sindicalismo, especialmente entre os membros dos setores médios, os proprietários de terra, etc., e uma forte aversão ao sistema parlamentar, que era considerado incapaz de atingir resultados positivos e que promovia somente interesses de classe" [61].

É em maio de 1921, nesse contexto que descrevemos acima, que Rossoni, convidado por Italo Balbo, transfere-se de Roma para Ferrara para dirigir ali uma organização sindical fascista, onde deparou-se com a desconfiança dos trabalhadores do local. Inicia-se assim o fascismo rossoniano: em 1922 foi nomeado secretário geral da Confederação dos Sindicatos Fascistas, com sede em Bolonha. Rossoni organizou o sindicalismo fascista, dando ao regime a base que não tinha no setor operário, alargada pelo

[60] Ver R. Cavagnaro (a cura di). *La marcia su Roma (1911-1922)*. Roma, Avvenimenti, 1994, p.7.

uso da força. Com sua experiência sindical, ele contribuiu para definir o corporativismo que se organizou a partir da Confederação e que se exprimiu através da famosa *Carta del Lavoro.* Mas ele certamente não foi o único sindicalista revolucionário que se tornou fascista. Outros teóricos e dirigentes de prestígio tais como Panunzio, Orano, Olivetti, Bianchi, Rossi, Dinale, Mantica, Ciardi, Rocca, Amilcare De Ambris (irmão de Alceste), Masotti, Tonelli e outros serviram ao movimento e ao regime fascista com fidelidade, mesmo quando não restará mais nada que faça lembrar os objetivos do sindicalismo revolucionário[62].

No pós guerra, tornava-se sempre mais evidente que a UIL, que, como vimos Rossoni tinha ajudado a fundar, nunca teria conseguido ter grande influência no mundo do trabalho. Rossoni, que passou então a tentar conseguir objetivos inovadores através da construção de sindicatos "nacionais" na região da Emilia Romanha, reconhecia que os fascistas eram capazes de oferecer-lhe a chance de obter o poder político necessário para implementar seus próprios projetos para a reestruturação das relações de trabalho na Itália. Foi nesse contexto que Rossoni abandonou sua lealdade ao princípio do abstencionismo político para se tornar um organizador para os fascistas. John Tinghino considera que Rossoni procurou utilizar a "revolução fascista" como um meio para levar seus objetivos adiante. Ainda que o oportunismo possa ter exercido alguma influência na sua adesão ao fascismo, Rossoni, para esse autor, continuava convencido da incapacidade das elites italianas tradicionais de liderar a Itália através das dificuldades do pós guerra. Uma nova liderança tinha que ser desenvolvida dentro da Confederazione Nazionale dei Sindacati

[61] F.L. Carsten.. *La genesi del fascismo*. Milano, Baldini e Castoldi, 1970.
[62] Zeev Sternhell. *Naissance de l'ideologie fasciste*. Paris, Fayard, 1989, p.192.

fascisti (CNSF), confederação da qual ele foi o maior artífice. Como secretário geral, ele pretendia controlar toda a classe operária italiana[63].

Sternhell considera que ao substituir o modelo marxista de luta de classes com o de corporações, o que seria uma solução integral da questão social e da questão nacional, o sindicalismo revolucionário teria inspirado o fascismo[64]. Entretanto, para os sindicalistas revolucionários, a revolução deveria ser realizada na esfera econômica, para criar uma sociedade de trabalhadores livres, com uma gestão autônoma da produção. O corporativismo fascista não propôs nem realizou nada parecido com isso[65]. Creio que o fascismo não poder ser entendido separado da sua prática.

Entre 1922 e 1925, o sindicalismo fascista provocou a diminuição dos salários e piorou as condições gerais de trabalho no campo e nas fábricas. Essa situação era complicada ainda mais pela inflação e em 1923 eclodiram várias greves[66]. Essa confederação foi dissolvida no fim de 1928, quando houve uma tentativa de criar uma espécie de dissidência sindical no interior do regime. Foi uma tentativa de substituir os comissários de fábrica com outros que auxiliassem os trabalhadores nos conflitos com os industriais, mas nem mesmo esses sindicalistas domesticados foram aceitos pelos industriais que viram nessa tentativa "uma manifestação de espírito classista"[67]. Esta foi a última tentativa realizada pelos organizadores sindicais fascistas, sobretudo aqueles que,

---

[63] John Tinghino, *op. cit.*, p. 3.
[64] Zeev Sternhell. *Naissance..., op.cit.*, p. 194.
[65] A obra de Sternhell tende a destacar as contribuições de famílias ideológicas não tradicionalmente associadas ao fascismo, como o socialismo e o sindicalismo revolucionário. Ele estabelece uma separação entre fascismo e a direita conservadora, destacando o caráter revolucionário da sua ideologia e prática política e a sua origem de "esquerda". Vários autores como Jacques Julliard e Leonardo Rapone consideram as teorias de Sternhell inaceitáveis. Ver Sternhell, Z. *Ni droite no gauche – l'ideologie du fascisme em France.* Paris, 1983. Ver também Pinto, Antonio Costa. "A ideologia do fascismo revisitada: Zeev Sterhell e os seus críticos". *Revista Ler História*, n. 6, 1985.
[66] Cordova, F. *op. cit.*, p. 384.
[67] Bonifazi, A. e Salvarani, G. *Dalla parte dei lavoratori – Storia del movimento sindacale italiano* Milano, Franco Angeli, 1976, p. 146.

como Rossoni, provinham do sindicalismo pré-fascista, de assegurar alguma forma de tutela dos trabalhadores. Rossoni e outros líderes sindicais foram derrotados. A partir daí a organização sindical fascista foi marcada sobretudo por seu caráter autoritário e burocrático.

Para Alberto Aquarone, um dos primeiros estudiosos do sindicalismo fascista, a confederação de Rossoni tinha sido para muitos trabalhadores o único instrumento que podia exercer ainda uma função de manter vivo o sentimento da solidariedade da classe operária e o princípio da unidade do proletariado. A derrota de Rossoni foi o momento da sua virada política, da sua entrada na elite fascista, e foi também uma concessão à classe patronal e uma derrota para o movimento sindical dos trabalhadores[68]. O Partido fascista via na confederação de Rossoni, a sobrevivência de expressões de uma parcialidade classista, um obstáculo a eliminar para afirmar uma concepção do corporativismo como uma superação total do sindicalismo[69].

Com o pacto feito entre a Confederação Geral da Indústria Italiana e a Confederação das Corporações Fascistas, esta representada por Rossoni e Bramante Cucini, em 2 de outubro de 1925, é instituído o sistema corporativo e a presença fascista no mundo do trabalho[70]. Mas foi um decreto de 1926 que deu reconhecimento jurídico aos sindicatos fascistas, disciplinando os conflitos de trabalho, suprimindo o direito de greve e instituindo a Justiça do Trabalho e as corporações passam a ser entendidas como órgãos da administração do Estado, com o objetivo de ligar as organizações sindicais nacionais.

---

[68] Ver Alberto Aquarone. "La politica sindacale del fascismo". *Il Nuovo Osservatore*. 1965, p.246. Citado por Leonardo Rapone. "Il sindacalismo fascista: temi e problemi della ricerca storica". *Storia Contemporanea*, out. 1982, p. 649.
[69] Idem, p. 674.
[70] A.Bonifazi e G. Salvarani, , *op. cit.*, p. 141.

Em 21 de abril de 1927 foi promulgada a *Carta del Lavoro* com a qual o regime buscava obter o apoio dos trabalhadores. Em teoria, a *Carta del* Lavoro (que foi, na verdade uma simples declaração de princípios) atribuiu às corporações uma função que ultrapassa o campo propriamente sindical e, mesmo que de modo muito vago, dava a elas um papel no campo da produção[71] .

Mas podemos dizer que as enunciações genéricas contidas na *Carta del lavoro*, documento aprovado com grande solenidade em 1927, no qual se falava, entre outras coisas, de igualdade jurídica entre empresários e prestadores de serviço e de solidariedade entre os vários setores da produção não foram suficientes para compensar os trabalhadores pela perda de qualquer autonomia organizativa e capacidade de negociação. As melhorias no campo previdenciário e no do lazer e recreação, organizados pela *Opera Nazionale dopolavoro* não bastavam para compensar a diminuição real dos salários. Os maiores sucessos em termos de participação e de consenso, o regime obteve em meio a pequena e média burguesia, favorecidas pelas escolhas econômicas do fascismo.

A idéia corporativa, deveria significar a gestão direta da economia por parte das categorias produtivas, organizadas em corporações divididas por setores de atividade e englobando tanto os empresários como os trabalhadores. Este sistema nunca foi realmente implantado. Por muitos anos, as corporações continuaram sendo só um projeto. Quando foram finalmente instituídas, em 1934, ela se limitou à criação de uma nova burocracia.

Na prática, o sistema criado pela lei de 1926, da qual o principal artífice foi Alfredo Rocco, significou a supressão de toda forma de liberdade sindical[72] e com o aprisionamento dos conflitos sociais em uma disciplina imposta pelo Estado, que satisfazia muito mais os

[71] Giorgio Candeloro. *Storia dell'Italia Moderna.* Milano, Feltrineli, 1981.
[72] Em fevereiro de 1927, a CGdL tinha se reconstituído, mas na França, pelos sindicalistas lá exilados.

interesses dos empresários do que o dos trabalhadores. As reduções salariais foram possíveis graças à vigilância policial aliada à prática sindical derivada da lei de 1926, não obstante algumas tentativas esporádicas de resistência. O debate sobre o corporativismo continuou intenso durante vários anos.

Mas foi só a lei de 5 de fevereiro de 1934 que instituiu finalmente as corporações. O conjunto dos conselheiros de todas as corporações era imponente: 1000 membros, dos quais 500 permanentes e 500 temporários que juntos constituíam a Assembléia Geral do Conselho Nacional das Corporações. As Corporações eram 22, determinadas de acordo com o ciclo produtivo: 6 ligadas à atividade agrícola, 10 para a indústria e o comércio, 6 para o setor de serviços e deveriam atuar na organização da produção, na formação de tarifas e preços e na conciliação dos conflitos de trabalho. As corporações foram conselhos nos quais as organizações fascistas patronais e dos trabalhadores tiveram paridade de representação, porque foi recusada a proposta dos sindicatos de trabalhadores de se haver uma representação proporcional. A imprensa do regime fez uma grande exaltação dessas corporações, mas, na prática, estas se limitaram a discutir muitos problemas e a aprovar deliberações já tomadas pelos órgãos de governo. Dessa espécie de teatro das corporações, Rossoni também participou ativamente. De 1932 a 1935, Rossoni ocupou o cargo de subsecretário da presidência do conselho. De 1935 a 1939, ele foi ministro da agricultura, ou seja, teve atuação destacada durante todo o regime.

7. Interpretações do sindicalismo fascista

O historiador italiano Giulio Sapelli argumenta que falar de sindicato fascista pode parecer uma contradição, visto que o fascismo foi uma ditadura capitalista baseada

justamente na destruição das organizações históricas do movimento operário. A dominação, além do terror, passava também pela neutralização e paralisação da ação das classes subalternas. Então falar de sindicato fascista é falar também do sistema de dominação fascista. Na sua opinião os sindicatos fascistas quando surgem, nos anos 20 desenvolvem uma ação anti-operária, fazendo alianças com as frentes industriais e rompendo com as organizações operárias que existiam. Depois de 1926, o papel teria sido o de dispersar as tensões sociais, ou seja, de fazer com que o conflito social não se acumulasse, não explodisse. Havia algumas negociações, mas sem o direito de greve.

Sapelli considera, portanto, que uma certa forma de representação institucional continua a existir, embora não fosse uma representação classista. Este autor considera também que nas pequenas e médias empresas o sindicato fascista teve uma função unicamente repressiva. Já nas grandes empresas, como a FIAT, por exemplo, criou-se uma rede de trabalhadores inscritos nos sindicatos fascistas, contra a vontade dos próprios industriais, que têm a função de recolher as reivindicações e levá-las à mesa de negociações. Quando eclodiam greves, houve casos em que os dirigentes também aderiram e nesse caso foram também reprimidos e transferidos. Ele considera, portanto, que o sindicato fascista tinha uma função social, porque, embora tivesse uma função repressiva e não se comportasse como um sindicato de classe e proibisse a greve, ele era ainda uma instituição que mantinha viva e evidente a separação entre as classes. Apesar de tudo, a ditadura não podia esconder que de um lado estava a Confederação dos Industriais e do outro a Confederação dos sindicatos, embora a ideologia do corporativismo fascista quisesse fazer crer que ambos estavam em pé de igualdade.

Resumindo podemos dizer que para Sapelli há uma continuidade histórico-institucional da representação, ou seja, para ele a tradição subversiva do movimento

operário italiano era tão forte que nem mesmo o fascismo conseguiu destruí-la. Para ele permaneciam os ideais e uma memória histórica tão forte que continuou a reproduzir-se mesmo durante o fascismo. A burocracia sindical fascista tinha o papel específico de impedir o nascimento e o crescimento de todas as formas de conflito social. Isso freqüentemente a punha em conflito com outros setores da burocracia, como o próprio Partido Nacional Fascista, que pretendia resolver os problemas operários unicamente do ponto de vista repressivo. O conflito com os industriais se dava porque, se ambos concordavam na eliminação do conflito de classe, o interesse dos industriais era obter lucro e a continuidade da produção, enquanto o fascismo queria manter a sua fachada de um regime que tinha uma política social.

Mas quem eram os sindicalistas fascistas? Segundo Sapelli, os dirigentes eram nomeados do alto, era um carreira e os salários eram altos. Há, porém, uma outra categoria, que tem raízes no sindicalismo revolucionário. Mussolini tinha lançado demagogicamente a idéia do corporativismo como gestão do Estado pelos produtores. Estes que vinham de um sindicalismo pré-fascista embarcaram e o regime se aproveitou desses homens que sabiam falar com as bases.

A crise de 29 favoreceu o regime porque os trabalhadores foram postos diante de uma falta de alternativa dramática e a miséria generalizada levava a recorrer ao *dopolavoro* fascista, ao sindicalismo fascista, que, bem ou mal, garantia alguma coisa: presente para as crianças, carvão durante o inverno. A partir daí os homens do sindicalismo revolucionário vão sendo eliminados e substituídos pelos dirigentes profissionais do fascismo. Para Sapelli, o sindicalismo ainda tem um papel, mas ao mesmo tempo seus espaços de ação vão diminuindo. Sapelli considera, portanto, que o estudo do sindicato fascista só pode ser feito no interior do estudo da política do trabalho durante o regime, porque ele é o centro do

controle social sobre as massas operárias. Seu papel é o de neutralizar politicamente a classe operária. O autor conclui que apesar da estrutura repressiva, apesar do sindicato fascista, há uma tradição subversiva que continua e que explicam porque a Itália foi o único país oprimido por uma ditadura a fazer greves ao longo da guerra, em um período em que fazer greves significava não só ser demitido, mas ser mandado para a Alemanha[73].

Outro historiador italiano, Alberto De Bernardi, argumenta que os fascismos foram regimes originais, diferentes dos tradicionais sistemas políticos reacionários. Para ele, o fascismo foi uma resposta à crise do Estado liberal, incapaz de responder às reivindicações crescentes de inclusão social vinda do proletariado e dos setores subalternos, embora tenha sido uma resposta enganosa e antidemocrática[74]. Para ele, portanto, os sindicatos durante o fascismo não podem ser interpretados somente como construções artificiais, que respondiam somente à vontade repressiva do regime. Para ele, na Itália, mesmo com as leis de 1925-26 e com a de 1934, os sindicatos continuam sendo organizações autônomas, embora incorporadas ao sistema corporativo, dotadas de funções próprias de contratação, de controle e de participação, não havendo no fascismo italiano organizações de operários e empresários totalmente controladas pelo Estado como na Alemanha nazista e na Espanha franquista. Isso porém não nega a destruição violenta do sindicalismo de classe e que o sindicato fazia parte do aparato repressivo do fascismo. Esse autor incorpora a idéia de Sternhell, que vimos anteriormente, segundo o qual o fascismo é uma experiência complexa na qual confluem fermentos ideológicos de direita e de esquerda, que se encontram no

---

[73] Ver Giulio Sapelli. "Il sindacalismo fascista" in *Storia del sindacato dalle origini al corporativismo fascista*, Venezia, Marsilio, 1982, pp. 181-191. Do mesmo autor ver também "La classe operaia durante il fascismo: problemi e indicazioni di ricerca" in *La classe operaia durante il fascismo. Annali della Fondazione Giangiacomo Feltrinelli*, XX-1979-80, pp. 9-118.

[74] Alberto De Bernardi. "Il sindacalismo fascista: um problema storiografico aperto" in Maurizio Antonioli e Luigi Ganapini (a cura di) *I sindacati occidentali dall'800 ad oggi in uma prospettiva storica comparata, op. cit.*, pp. 117-124.

corporativismo[75]. Entretanto, como vimos no capítulo dedicado à De Ambris, o caminho que fazem aqueles homens que vão parar no sindicalismo fascista, ou seja, do sindicalismo revolucionário ao sindicalismo nacional, é o mesmo percurso político-cultural que fizeram muitos daqueles que depois seguirão o caminho da oposição ao fascismo. De Bernardi conclui que o sistema corporativo, a tentativa de combinar representação e colaboração de classe em uma sociedade onde os poderes reais entre as classes eram por natureza desiguais, nunca funcionou e que isso teria sido provado pela explosão do conflito durante a guerra[76].

Enfim esses são estudos italianos que procuraram entender como as organizações fascistas procuraram também seduzir, além de ameaçar e que entraram no longo debate sobre o "consenso" tentando escapar ao psicologismo e procurando entender as reações aos problemas postos pela materialidade da vida quotidiana e o envolvimento na vida programada pelo poder, enfim uma história que mais do que uma história só do fascismo procura ser uma história da Itália durante o fascismo[77].

Renzo De Felice sublinhou a realidade politicamente subordinada do sindicalismo em relação às outras componentes do movimento fascista e a sua incapacidade para influenciar, de maneira determinante, a política do fascismo. As veleidades sociais do sindicalismo e os projetos de reforma sindical das instituições segundo o critério da representação dos produtores permaneceram declarações de princípios: a componente sindical encontrou sérias dificuldades para legitimar um papel específico dentro do projeto

[75] Ver Zeev Sternhell. *Ni droite, ni gauche. L'ideologie fasciste en France*. Napoli, Akropolis, 1984.
[76] Alberto De Bernardi, *op.cit.*, p. 124.
[77] Sobre essa questão ver Leonardo Rapone. "Il sindacalismo fascista: temi e problemi della ricerca storica". *Storia contemporanea*. Out., 1982, pp. 635-696.

fascista de conquista e reorganização do poder[78]. Enfim, Mussolini promoveu a fundação das corporações mais porque a independência das organizações já existentes não lhe agradava do que porque a questão lhe suscitasse algum entusiasmo. Era também a idéia de encontrar alguma relação com as classes trabalhadoras. A aproximação entre dois pólos, o partido fascista e o sindicalismo fascista teria sido, para ambos, uma aproximação tática e instrumental. Mas Mussolini estabeleceu o limite além do qual o sindicalismo fascista não podia ir. O projeto político do sindicalismo fascista é derrotado em 1928-1929. A introdução do monopólio sindical e a proibição dos sindicatos livres foi um aspecto fundamental. A entrada dos trabalhadores urbanos nos sindicatos fascistas foi, pelo menos até 1930, relativamente limitado, o que demonstra o sentimento latente de desconfiança e hostilidade. Foi o tempo e a falta de alternativa que os tornaram o único canal legal através do qual podiam se expressar as tensões que se acumulavam no seio da sociedade e constituíram então uma válvula de escape em um regime que queria regular suas relações com as massas de maneiras diferentes e complementares à coerção pura[79].

Enfim, todo esse quadro que procurei reconstituir do sindicalismo fascista teve por objetivo demonstrar que ele tem pouco a ver com a tradição sindicalista que tinha surgido dos trabalhadores e das formulações de Sorel, enfim com o sindicalismo revolucionário. A posição de Rossoni teve, certamente uma boa dose de oportunismo e ambição. Nem o projeto sindicalista que ele defendeu até os fins dos anos 20 tinha muitas relações com o projeto sindicalista revolucionário. Depois de derrotado seu projeto, Rossoni continuou no fascismo[80]. Em nenhum momento a classe trabalhadora conseguiu inserir-se no debate entre

---

[78] Ver Renzo De Felice. *Mussolini il fascista, I, La conquista del potere 1921-1925*, Torino, Einaudi, 1966, p. 253.

[79] Ver Leonardo Rapone, *op.cit.*, p. 670.

[80] John Tinghino considera que Rossoni tinha sido obrigado a lutar por cada passo realizado na direção da sua tentativa de integrar uma defesa militante e nacionalista do que ele considerava os interesses dos

as forças do regime. É difícil falar de adesão dos trabalhadores ao fascismo e de consenso[81] em um regime que nunca pôde prescindir do uso institucional da força. A realidade fascista estava muito longe do mundo cultural e moral do sindicalismo revolucionário[82]. Apresentar o sindicalismo revolucionário como uma espécie de inspirador do fascismo é um grave empobrecimento da complexidade da sua mensagem política. O próprio Sorel contrapunha aos projetos de mudança social estabelecidos do alto, uma exaltação da participação ativa das massas na revolução, tornado-se capazes de superar os condicionamentos históricos e colocar-se como protagonistas de uma renovação radical[83].

---

trabalhadores, dentro do primeiro movimento fascista. Foi uma batalha perdida. Segundo esse autor, o radicalismo de Rossoni, mesmo com o nacionalismo do qual ele estava imbuído, era difícil de ser tolerado pelo Estado, pelo partido fascista e pelos capitalistas. Rossoni, apoiado pela CNSF, sobre a qual ele tinha pleno controle, foi visto, ao contrário, como um instrumento da continuação do antagonismo de classe. Tinghino considera que ele tinha que ser descartado se o Estado autoritário fascista tinha que alcançar uma acomodação com as elites tradicionais da sociedade italiana. Essa normalização das relações foi alcançada renunciando a qualquer transformação considerável da sociedade italiana. Enquanto ele reivindicava maiores benefícios materiais para o proletariado através da reorganização do setor econômico, Mussolini, os nacionalistas e os elementos mais moderados do governo fascista queriam chegar a um acordo pacífico com o capitalismo italiano. Para o autor, mesmo seguindo a sua "conversão" ao fascismo, Rossoni continuou a ter uma visão, ainda que diferente dos princípios sindicalistas revolucionários, para a reestruturação da ordem econômica e social da Itália. Esta nova concepção corporativista tinha que substituir a tradicional elite econômica com uma nova, mais eficiente, que tinha que ser formada sob a supervisão da CNSF. A evolução ideológica de Rossoni do sindicalismo revolucionário ao fascismo não teria significado um abandono dos interesses trabalhistas. As suas origens sindicalistas revolucionárias, embora substancialmente alteradas do ponto de vista ideológico, enquanto ele servia ao regime fascista, continuaram a influenciar a visão de Rossoni sobre a maneira com a qual o problema do capital contra o trabalho tinha que ser resolvido. Para Rossoni, a luta de classe tinha que ser empreendida pelos sindicatos da CNSF se os capitalistas tivessem continuado a se mostrar resistentes às reivindicações dos sindicatos fascistas. Retrospectivamente parece que o programa de Rossoni foi se tornando cada vez menos viável ao longo dos anos 20. E isso ficou ainda mais evidente a partir da assinatura do acordo de Palazzo Vidoni em dezembro de 1925.

[81] Alguns autores consideram que é possível falar de um certo consenso em relação ao fascismo na primeira metade dos anos 30, embora mesmo nesse período esse consenso fosse variável de acordo com as classes sociais e nunca capaz de estabelecer raízes profundas. Esse consenso seria alimentado em parte por oportunismo, mas também pelo medo do pior, pelo cansaço e resignação, pela impressão que não existissem alternativas. Ver Alceo Riosa. "I miti del fascismo...", *op.cit.*, p. 137.

[82] A respeito do sindicalismo fascista e da passagem de sindicalistas revolucionários ao fascismo ver também Francesco Perfetti. *Il sindacalismo fascista. Dalle origini alla vigilia dello Stato corporativo (1919-1930)*, Roma, Bonacci, 1988; Giuseppe Parlato. *Il sindacalismo fascista. Dalla 'grande crisi' alla caduta del regime (1930-1943)*. Roma, Bonacci, 1989 e Angelo Oliviero Olivetti. *Dal sindacalismo rivoluzionario al corporativismo*. Roma, Bonacci, 1984.

8. As reações de ex-amigos no Brasil

Antigos amigos da luta operária e socialista em São Paulo certamente ficaram indignados diante da adesão de Rossoni ao fascismo. Teresina Carini Rocchi, amiga de Rossoni e de De Ambris no período em que estes viveram no Brasil, escreveu ao primeiro em 1926 perguntando-lhe se era verdade o que se dizia sobre ele em São Paulo. Ele respondeu com as seguintes palavras:

> "Cara senhora. Foi um grande prazer para mim receber a sua carta. A sua recordação me traz um grande prazer, tendo-a lembrado sempre também através das minhas peregrinações e nos pouquíssimos momentos de trégua na dura luta combatida nesses últimos anos. Tenho estado sempre tomado por um trabalho enorme. As corporações são a base da revolução fascista. Não se reconhece mais a Itália. Toda ela é jovem, vibrante, dominada por uma vontade ilimitada de poder. Venceremos muitas provas. Estou mandando remeter-lhe o meu jornal diário e minha revista 'La Stirpe' . Lembre-se de mim e receba uma saudação cordialíssima do seu afetuoso amigo Edmondo Rossoni". [84]

Teresina não teve dúvidas a partir do recebimento dessa carta e economizou tempo e papel, respondendo com um bilhete curto e eloqüente:

> "Rossoni: você é um cachorro. Teresina Carini Rocchi.". [85]

Sua desilusão foi total. Anos depois, ela escreveria ainda sobre esse fato no seu caderno de anotações.

De fato, muitos militantes de esquerda, sobretudo os mais radicais, os sindicalistas revolucionários e socialistas extremados aderiram ao fascismo ou estiveram a ponto de o

---

[83] Ver G. De Paola. "G. Sorel dalla metafisica al mito" in *Storia del marxismo, Vol. 2, Il marxismo nell'età della II Internazionale*, Torino, Einaudi, 1979, p. 788, citado por Alceo Riosa. "I miti del fascismo e le tante anime dell'apostolo Filippo Corridoni". *Ricerche Storiche*, gennaio-aprile 1983, p.133.

fazer, enquanto os reformistas moderados foram contrários a ele desde o início. O *Avanti!* de São Paulo, por exemplo, em 1915, dirigido ainda por Bertolotti, foi ardentemente internacionalista e contrário à entrada da Itália na guerra[86]. Antonio Candido se pergunta o que terá passado na cabeça desses militantes sindicalistas. Cansados do reformismo, do comportamento das grandes potências em relação à Itália, irão buscar uma solução revolucionária e nacional. Antonio Candido faz porém uma avaliação sensata da situação:

> "Vendo a coisa de hoje é fácil censurar e mostrar o que estava certo. Mas o fato é que embora o fascismo tenha sido devidamente avaliado desde logo por liberais e socialistas lúcidos (inclusive os recentes comunistas Gramsci, Silone, Togliatti, Tasca), no começo ele deu lugar a equívocos (...) e só o assassínio de Mateotti serviu de tira-teima para configurá-lo como ditadura reacionária de direita"[87].

Cândido argumenta também que aquela oposição imediata de muitos reformistas é considerada a verdadeira atitude socialista, enquanto que a adesão de sindicalistas revolucionários parece uma traição incompreensível e imperdoável. Colocando-nos na perspectiva da época, porém, a oposição dos reformistas talvez fosse devida não tanto à razão socialista, mas sim a uma reação de tipo liberal, pelo tanto de liberalismo que havia no reformismo, diante de uma espécie de socialismo heterodoxo e meio selvagem, como pode ter parecido o fascismo no início, que ameaçava as regras parlamentares. "Com a passagem do tempo, tal oposição ganhou retrospectivamente um elevado teor de coerência socialista que talvez não possuísse no início", afirma Candido[88].

Os sindicalistas revolucionários por sua vez, continua Cândido, amantes da ação, alguns defensores da violência, recusando o reformismo quase liberal foram iludidos com a

---

[84] Antonio Candido. *Teresina, etc.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980, p. 66-67.
[85] Idem, p. 67.
[86] Idem, p.71.

retórica do populismo fascista, que inicialmente parecia um produto da ala socialista radical:

> "os de cunho revolucionário podem ter pensado que o movimento de Mussolini era uma alternativa plausível, uma modalidade inesperada de chegar aos fins desejados. Tanto mais quanto até 1925 o Duce parece ter pensado seriamente em captar os antigos correligionários, inclusive por causa de uma certa nostalgia das origens. Assim, pode-se supor que foi talvez porque professavam um socialismo ativo e exigente que muitos, paradoxalmente, embarcaram na canoa sinistra"[89].

Renshaw também argumenta que não é por acaso que nos primeiros tempos podia-se encontrar revolucionários sinceros entre os fascistas italianos. Para ele, a idéia sindicalista, segundo a qual os operários podiam governar o país, tomando conta das indústrias e eliminando as instituições políticas parlamentares não era muito diferente da teoria fascista do Estado Corporativo[90]. Mas a prática se revelou diferente da teoria e uns se deram conta e saltaram do barco em direção ao exílio e outros resolveram ficar.

Cândido argumenta também que o divisor de águas, e portanto o julgamento definitivo da conduta política, deve ser colocado adiante, depois do assassinato de Mateotti.:

> "Depois dos resultados do processo e do enrijecimento ditatorial de Mussolini em 1926, com a linha dura do fascismo dando as cartas, não havia mais dúvida possível. Os que continuaram com ele, como Rossoni, de fato renegaram. Os que recuaram a tempo, como De Ambris, puderam recuperar a dignidade política. Por isso Teresina mandou na hora certa aquele bilhete feroz a um e conservou na sala o retrato do outro. Ela soube avaliar direito os caminhos e descaminhos do velho socialismo ítalo-paulista". [91]

---

[87] Idem, p.72.
[88] Idem.
[89] Idem, p. 73.
[90] Renshaw, P. *op. cit.*, p. 228.
[91] Antonio Candido, *op.cit.*, p.73.

É preciso compreender ainda que elementos do fascismo podem ter iludido parte dos militantes de esquerda que aderiram ou quase ao fascismo. Vejamos o programa fascista de 1921: a parte relativa às corporações falava de garantia de um horário máximo de 8 horas, de leis sociais em relação aos acidentes, invalidez e velhice dos trabalhadores, tanto industriais como agrícolas, representação dos trabalhadores nas indústrias, gestão de indústrias e serviços públicos às organizações sindicais e difusão da pequena propriedade onde fosse possível. Mas, na realidade o regime esteve sempre distante de garantir os direitos e as necessidades dos trabalhadores.

Durante muito tempo, Mussolini, como aliás também Hitler, continuaria a insistir demagogicamente no caráter proletário[92] do seu partido e da "revolução" que ele tinha realizado na Itália.

9. A instrumentalização da memória de Filippo Corridoni

Resta-nos analisar brevemente a instrumentalização que o fascismo fez da figura do sindicalista revolucionário Filippo Corridoni, grande amigo de De Ambris, que não tinha como se defender pois morreu na guerra já em 1915. A tese da continuidade, se não até de uma verdadeira derivação do fascismo do sindicalismo revolucionário, depois repetida pela historiografia antifascista, foi criado pelos próprios ex-sindicalistas, com o objetivo evidente de demonstrar a sua coerência ideológica[93]. Na verdade, o mito formado em torno

[92] Os discursos de Mussolini começavam sempre com uma saudação à "Itália proletária e fascista".

[93] Em 1939-40, Arturo Labriola escreveu suas memórias, que a censura fascista impediu de publicar. O motivo era o fato que Labriola, nesse escrito, recusa explicitamente a tese da continuidade ideológica entre o sindicalismo revolucionário e fascismo, dissociando-se de qualquer tipo de instrumentalização. A. Labriola. *Spiegazioni a me stesso. Note personali e culturali.* Napoli, 1945, citado por Valerio Cervetti. *Sciopero*

da figura de Corridoni inicia-se logo após a sua morte e se desenvolve sucessivamente por obra do fascismo.

A mitologia fascista era extensa porque, obviamente, havia a necessidade de buscar suas origens no tempo. O fascismo procurou apresentar-se também como parte importante da cultura política, que se inspirava na tradição do patriotismo *risorgimentale*, embora o fascismo fosse negação de um elemento essencial dessa tradição, a liberdade[94].

Alceo Riosa observa como a historiografia antifascista italiana estabeleceu uma equivalência entre mito e fascismo, o que levou a uma associação direta entre fascismo e Sorel, por causa da sua teoria da greve geral como mito. O autor argumenta que, na verdade, o fenômeno do recurso ao mito, no período compreendido entre as duas guerras, foi comum tanto à direita quanto à esquerda. Os casos mais bem sucedidos, segundo o autor foram aqueles onde os mitos e o culto da tradição se juntaram à experiência democrática: o mito da revolução de 1789 teve, na França, um papel essencial na organização das massas em defesa das instituições parlamentares contra os ataques da direita reacionária e fascista[95].

Mesmo já em um período anterior as representações míticas no movimento operário tiveram grande influência na sua formação cultural e política. O culto de algumas figuras, que, como vimos, se deu em relação a De Ambris, os Cristos proletários, o culto dos chamados apóstolos do socialismo, sobretudo entre os trabalhadores do campo teve uma forte conotação de emoção, de aspiração sentimental a uma sociedade fundada em um

---

agrario del 1908: um problema storico. Atti del convegno tenuto a Parma l'1 e 2 dicembre 1978. (a cura di Valerio Cervetti). Parma, STEP, 1984, p. 191.

[94] Ver Alceo Riosa. "I miti del fascismo...", *op.cit.*, p. 132.

[95] Ver M. Terni (a cura di) *Il mito della Rivoluzione francese*. Milano, Il Saggiatore, 1981, citado por Alceo Riosa. "I miti...", *op.cit.*, p. 140.

senso de justiça que tinha suas raízes na leitura do Evangelho, filtrado pelos propagandistas socialistas e sindicalistas.[96]

Mussolini, por sua vez, queria manobrar todas as "almas" do fascismo a fim de fortalecer a sua política pessoal. Ao mesmo tempo ele pensava que o que importava era o modo como o povo teria percebido a sua posição. Para isso, o mito era persuasivo. Riosa acredita, porém, que muitos mitos que se firmaram durante o fascismo foram não somente manobrados por Mussolini, mas compartilhados por ele: o mito da continuação da experiência bélica, o da construção de uma nova civilização[97]. Essa fé na sua missão explicaria o caráter carismático do líder do fascismo. Mas é claro que o recurso ao mito por parte de Mussolini vinha da necessidade de legitimar o regime, afirmando como uma ruptura em relação à tradição liberal. Era preciso encontrar uma espécie de raiz em um fio que o ligasse à história nacional e assim o fascismo foi apresentado como um retorno à grandeza da Roma antiga, como tentativa de retorno às origens, como mito legitimador também do Estado autoritário. O mito de Roma foi transmitido ao fascismo pelos nacionalistas, que por sua vez o tinham herdado do pensamento *risorgimentale*. Mas para ter um alcance interclassista como pretendia, o fascismo teve que recorrer a uma pluralidade de mitos, projetando no interior da esfera mitológica fascista as mesmas divisões presentes na realidade social e cultural do país. Para Riosa, essa pluralidade de mitos correspondia também, em alguma medida, à variedade das componentes políticas internas ao fascismo.

A construção do mito de Corridoni pode ajudar a compreender essas questões. Enquanto o mito de Roma foi endereçado mais à burguesia e à pequena burguesia, o de

[96] Idem, p. 135.
[97] Idem, p. 139.

Corridoni, ao menos inicialmente teve como alvo operários e técnicos, enfim grupos sociais ligados ao processo produtivo.

O mito de Corridoni não nasceu com o fascismo, mas começou a se desenvolver logo após a sua morte. Mas foi nos anos 30 que ele assumiu o máximo das pompas oficiais. Até então Mussolini não tinha apoiado muito as iniciativas de louvor à Corridoni, porque ao longo dos anos 20 seus promotores tinham sido aqueles ex-sindicalistas revolucionários que tinham se tornado teóricos e organizadores do sindicalismo fascista. A postura de Mussolini até então era explicada pelo medo de desagradar a ala nacionalista e mais conservadora do fascismo, que não aceitava essa exaltação da figura de Corridoni. Além disso, a insistência excessiva no culto de Corridoni, feito pelos ex-sindicalistas revolucionários, como precursor do fascismo poderia obscurecer o papel de Mussolini.

Os seguidores de Corridoni que passaram ao fascismo eliminaram na construção da sua memória tudo o que pudesse desconstruir a sua associação a Mussolini (visto que tinham atuado juntos como intervencionistas), como, por exemplo, o fato que, no primeiro pós-guerra parte dos intervencionistas revolucionários tinham identificado em Corridoni um símbolo de uma terceira via entre o bolchevismo e o fascismo. Em 1921 também os trabalhadores da província de Parma tinham formado, com De Ambris, a Legione Arditi proletari Filippo Corridoni que tinha como objetivo "a defesa material da liberdade civil e das organizações operárias contra a violência, de qualquer parte ela venha"[98]. Não por acaso também, o opúsculo que Corridoni havia escrito na prisão em 1915, *Sindacalismo e Repubblica*, no qual ele resumiu sua fé na autonomia da sociedade civil e seu antiestatismo, nunca foi reimpresso durante o fascismo, enquanto outros escritos que falavam de "esforço

[98] *L'Internazionale*, 13-08-1921, citado por Alceo Riosa, *op.cit.*, p. 143.

voluntário heróico", de "dedicação à causa", enfim, que destacavam a sua figura de apóstolo foram reeditadas continuamente[99].

Riosa considera que não devemos excluir a possibilidade que muitos sindicalistas fascistas agissem em boa fé e que a passagem para o outro campo não comportasse o abandono da relação privilegiada com o mundo do trabalho, embora eles, ao contrário do passado, considerassem que as massas fossem ainda imaturas e que precisavam de um longo estágio pedagógico antes de propor-se metas ambiciosas. Nesse sentido, acreditariam que se o antigo correligionário, Corridoni, tivesse sobrevivido à guerra, teria sido um deles. Outros, como De Ambris, teriam jurado que não. De qualquer forma, parece que o mito de Corridoni serviu como fonte de legitimação ao menos aos olhos de alguns combatentes e de alguns grupos de trabalhadores, em meio aos quais a recordação de Corridoni era popular. Para Riosa, a vitalidade desse mito dependeu, em grande medida, do fato que ele legitimava aspirações até então mortificadas pela predominância da ala nacionalista e conservadora no interior do regime.

Sinceramente ou não, Rossoni, ainda em 1931, falava , na sua revista, da espera de uma segunda fase da "revolução" fascista: a primeira teria se limitado à esfera política, e então era "necessário que todos os esforços tendam a completá-la, até criar uma nova ordem, uma nova civilização"[100]. Corridoni era, portanto, segundo Riosa, o símbolo do retorno aos ideais de 1919, tão desejado pelo grupo que ele chama de esquerda fascista. Corridoni, portanto, para Riosa, embora fosse totalmente ausente sua real carga revolucionária, entre essa corrente do fascismo permaneceu um símbolo do espírito anti-

[99] Alceo Riosa, *op.cit.*, p. 144.
[100] Edmondo Rossoni. "Filippo Corridoni: un esempio, un'idea!" *La Stirpe*, nov. 1931, p. 21.

burguês, mas não como uma recusa das tradicionais hierarquias sociais, mas como recusa da vileza empresarial e da sua falta de senso nacional.

Mussolini, ao contrário, só inclui o mito de Corridoni no seu repertório mitológico após a crise de 1929, que repercute principalmente em meio às classes trabalhadoras urbanas. Houve também por parte do regime uma série de intervenções sociais e assistenciais, cujos benefícios certamente não compensavam a ausência de um poder real de negociação e de espaços de participação política. Nesse contexto, o fascismo deu maior ressonância à memória de Corridoni: em 1931, a cidade natal de Corridoni, Pausola, na província de Macerata, na região Marche, tomou o nome de Corridonia, em 1932 foi publicada uma biografia escrito por Tullio Masotti, onde Corridoni aparece na capa em uma foto com Mussolini[101]. No mesmo período, em uma grande praça de Parma, foi feito um monumento à Corridoni. Uma estátua de sete metros representando Corridoni soldado no momento em que foi atingido mortalmente, próximo a inscrições em mármore com discursos de Mussolini, um monumento que privilegiava o herói soldado e não o organizador sindical. O apóstolo do trabalho foi substituído pelo patriota e soldado.

O estágio atual da pesquisa na Itália ainda não permite estabelecer se, e em que medida, essa representação de Corridoni atingiu as classes populares. Renzo De Felice considera que o modelo do revolucionário corridoniano teve sucesso em meio à juventude fascista[102], que se opunha tanto ao mundo liberal e ao antifascismo quanto ao conformismo no interior do fascismo. Para ele era atual a imagem oferecida de Corridoni pela velha geração do sindicalismo fascista, então posta à margem do regime. Vários desses jovens

[101] Tullio Masotti. *Corridoni*. Milano, Casa Editrice Carnaro, 1932.
[102] Renzo De Felice. *Mussolini il Duce, op.cit.*, p. 246-247.

vão escolher depois o caminho da oposição e da luta antifascista. Na nova luta, a memória de Corridoni seria também arma de batalha. Ele foi um mito polivalente.

Um indício da chegada em São Paulo dessas questões é o fato de que o Fascio do Brás, bairro operário de São Paulo, se chamava justamente Fascio Filippo Corridoni[103]. O Fascio da cidade de São Paulo também tinha o mesmo nome[104].

10. Explicações sobre a adesão de sindicalistas revolucionários ao fascismo

Alceo Riosa considera que é provável que um dos motivos da adesão de muitos sindicalistas ao fascismo tenha sido a convicção de que, para além das soluções dadas pelo fascismo no plano político, o que contava era a unidade da classe garantida por ele através do sindicato único e com a qual o fascismo deveria se confrontar[105]. Nessa perspectiva, os dirigentes sindicalistas teriam contribuído para manter abertas algumas brechas no interior do fascismo, embora sem abandonar a sua função de fornecedores de consenso para o regime.

Há autores que consideram que alguns fascistas se empenharam sinceramente nos sindicatos e outras organizações de massa, na cultura fascista, mesmo considerando que o equilíbrio no qual o fascismo se baseava era insatisfatório. Eles teriam permanecido nas brechas do regime, alimentados pela ilusão de um retorno às origens, de uma "aproximação

---

[103] Ver Prontuário n. 27.804 no Arquivo do Estado de São Paulo, Delegacia de Ordem Política e Social (AESP, DEOPS).

[104] Sobre o fascismo em São Paulo ver Angelo Trento. "O período entre as duas guerras" in *Do outro lado do Atlântico, op. cit.*, pp. 267-402; João Fábio Bertonha. *Sob o signo do Fascio: o fascismo, os imigrantes italianos e o Brasil (1922-1943).* Tese de Doutorado, Campinas, Unicamp, 1998 e Viviane Teresinha dos Santos. *Os seguidores do Duce: os italianos fascistas no Estado de São Paulo.* (Coleção Inventário DEOPS. Módulo V – Italianos). São Paulo, Arquivo do Estado- Imprensa Oficial, 2001.

[105] Ver Alceo Riosa. *Sciopero agrario del 1908, op.cit.*, p. 367.

com o povo", que Mussolini nunca deixou de anunciar, embora adiasse continuamente a sua realização[106].

Segundo G. Spadolini, o fenômeno desconcertante da passagem de teóricos e organizadores do sindicalismo revolucionário às fileiras do fascismo pode ser explicado pela ausência de líderes realmente proletários, sendo eles todos de uma pequena e média burguesia. A "revolução sindicalista" acabará no fascismo e os líderes "utilizarão os mitos e os símbolos da única revolução social possível, que tinha sido o sindicalismo"[107].

Outros, como R. Melis tentou defender a tese de uma coerência ideológica dos sindicalistas revolucionários que passaram ao fascismo, argumentando que as concessões e acordos teriam sido sempre inspirados pela esperança de uma "virada", que nunca veio[108].

Para Bruno Uva, o principal equívoco dos sindicalistas revolucionários que aderiram ao fascismo estava no reconhecimento da superioridade da política e ao mesmo tempo na pretensão de dar uma representação sincera dos interesses dos trabalhadores, subordinando-os às hierarquias do Partido Nacional Fascista[109].

Um outro autor, Vallauri, recusa totalmente a suposta ligação entre sindicalismo fascista e sindicalismo revolucionário. Os motivos que levaram ao equívoco seriam a aquisição na teoria e na prática do fascismo da base do método soreliano, a violência; do componente psicológico tão presente no fascismo da função que o "mito" da violência como ação direta podia exercer; e o terceiro motivo, que considero importante, a necessidade do fascismo de reivindicar uma plataforma de respeitabilidade social, de uma tradição revolucionária à qual se associar. Mas o autor conclui que o sindicalismo fascista

---

[106] Ver a respeito disso Renzo De Felice. *Mussolini il Duce. Lo Stato totalitario 1936-40.* Torino, Einaudi, 1981, pp. 156-253 e Alceo Riosa. "I miti del fascismo...", *op.cit.*, p. 137-138.
[107] G. Spadolini. *La lotta sociale in Italia.* Firenze, 1948, p. 25 citado por G.B. Furiozzi. *Il sindacalismo...*, p. 108.
[108] Riccardo Melis. *Sindacalisti italiana.* Roma, 1964, p. 39 citado por G.B. Furiozzi, *op.cit.*, p. 108.

não tem nada em comum com a corrente da qual ele pretendia descender. A violência é utilizada pelo fascismo amplamente, mas com objetivos opostos ao que tinha o sindicalismo revolucionário.

Já desde 1933, Salvemini havia escrito que as doutrinas dos "mitos" e da violência, dissociadas do resto da doutrina sindicalista tinham servido tanto para Mussolini na Itália quanto para Hitler na Alemanha para por nas mãos do governo e do partido dominante os sindicatos que, segundo Sorel, deveriam ser independentes de todos os partidos e combater intransigentemente todos os governos: "de comum entre o sindicalismo revolucionário e o sindicalismo fascista – ele concluía – restou só uma palavra, a palavra de origem francesa, sindicato"[110].

Como membro do grande conselho do fascismo, no dia 25 de julho de 1943, Rossoni votou a favor da destituição de Mussolini. Depois de 10 horas de discussão sua destituição foi aprovada com 19 votos contra 7: grandes nomes do fascismo estavam nessa maioria: De Bono, De Vecchi, Federzoni, Ciano, Arrigo Bottai, De Stefani. Depois do

---

[109] Bruno Uva. "Vita e morte del sindacalismo rivoluzionario italiano". *Storia e politica.*, II, n.3, 1963, p.

[110] G. Salvemini. "Capitale e lavoro nell'Italia fascista". *Quaderno di Giustizia e Libertà*, agosto-novembro, 1933, citado por G.B.Furiozzi, *op.cit.*, p. 109. Em São Paulo, os representantes do Ministério do Trabalho também vão procurar se aproveitar das características do movimento sindical, que como vimos na introdução, ainda se declarava sindicalista revolucionário, para tentar cooptar e controlar os sindicatos. O relatório policial de 1931, que vimos na introdução, afirmava que embora os comunistas, desde a fundação do partido, procurassem conquistar a hegemonia em meio ao proletariado, isso estaria sendo dificultado "em grande parte por uma tática inteligente desenvolvida pela Delegacia de Ordem Social que, aproveitando a posição ideológica das correntes predominantes no seio do proletariado militante, fez com que prevalecesse o critério apolítico nas organizações que, apesar de discutido com os seus mentores, teoricamente estão, quer queiram quer não, de acordo com o apoliticismo da lei de sindicalização do Ministério do Trabalho. Esta tática produziu os melhores resultados, trazendo conseqüentemente uma sensível divisão nas diversas facções sindicais existentes. Estabeleceu-se assim abertamente a guerra de tendências, a guerra de escolas dentro dos quadros do sindicalismo político e antipolítico (...) o predomínio resultou a favor do pensamento apolítico. Ver carta do policial Antonio Ghioffi ao Dr. Ignacio da Costa Ferreira, Delegado de Ordem Social. São Paulo, 10-06-1931. Arquivo do Estado de São Paulo.

armistício de oito de setembro, Rossoni refugiou-se no Vaticano e foi condenado à morte pelos juízes da República de Salò[111], no processo realizado em Verona. Dos nomes citados acima, cinco foram executados um ano depois da destituição de Mussolini como traidores[112]. Rossoni teve mais sorte.

Em maio de 1945, Rossoni foi condenado à prisão perpétua por ter colaborado para a supressão das liberdades públicas e fugiu indo para o Canadá. Certamente não teve coragem de enfrentar ambientes mais conhecidos como o Brasil ou os Estados Unidos. Após a anulação da sentença, em 1947, Rossoni voltou para a Itália e manteve-se retirado da vida pública até a sua morte, ocorrida em Roma em oito de junho de 1965, aos 80 anos.

[111] Em setembro de 1943, tendo sido libertado pelos alemães, Mussolini procurou reconstruir o Estado fascista, que chamou de República Social Italiana, em Salò, próximo ao lago de Garda. A única função realmente exercida por esse governo foi a repressão ao movimento *partigiano* que estava se desenvolvendo na Itália contra os fascistas e os nazistas.

[112] Ver R. Cavagnaro e S. Novelli. *Il crollo del regime e l'otto settembre – 1943.* Roma, Avvenimenti, 1994, p. 20.

CONCLUSÃO

A partir da década de 1890, um projeto sindicalista revolucionário internacional foi se constituindo através da circulação das idéias, das formas de luta, das práticas e dos modelos de organização. Este movimento cresceu de maneira notável em vários países da Europa, nos Estados Unidos e na América do Sul.

O estudo da trajetória política e sindical dos militantes que estudamos nos permitiu ver que a construção desse sindicalismo transnacional esteve intimamente ligado a um fenômeno importante do período: a imigração. Os trabalhadores e militantes nos deslocamentos de um país a outro levavam consigo tradições e experiências de organização importantes, que trocavam e enriqueciam com outros trabalhadores nos novos ambientes. A circulação de homens e idéias caracterizou esse período da história do movimento operário.

Mas creio que a relação sindicalismo-imigração vai mais longe. Parece ter sido, em muitos casos, a experiência da imigração a despertar ou acentuar as tendências sindicalistas, em parte porque o sindicato era a única organização onde era possível contornar as diferenças entre os trabalhadores, diferenças que eram certamente muito mais intensas nos ambientes de grande imigração e também porque se a maior parte dos trabalhadores tinham grandes dificuldades em conquistar e garantir direitos e melhorias através da política institucional nos seus próprios países, isso era muito mais difícil em países estrangeiros. E a prática sindical vivida na experiência da emigração era depois levada de volta aos países de origem, ou seja, a influência não era uma via de mão única: os militantes italianos que viveram no Brasil tanto trouxeram quanto levaram experiências políticas e sindicais.

Portanto creio que os constantes deslocamentos espaciais dos militantes, que ficam evidentes quando estudamos as trajetórias individuais, demonstram como a formação do sindicalismo como um fenômeno internacional era favorecida pela circulação das idéias e práticas sindicais levadas por esses militantes de um país a outro. O *sindicalismo revolucionário* como fenômeno internacional construiu-se portanto também graças à circulação das idéias e das práticas favorecida pelas correntes migratórias.

A circulação das idéias e das práticas que se dava também, é claro, por outras vias de comunicação, como a propaganda mais tradicional, visava informar e criar redes de solidariedade entre trabalhadores de diferentes países. As lutas dos trabalhadores em cada país exerciam uma influência não irrelevante sobre o comportamento dos trabalhadores de outros países. É interessante observar como essa comunicação se dava de maneira muito rápida: a vida dos vários militantes que acompanhamos aqui demonstra o alto grau de mobilidade das pessoas e idéias no período que estudamos. É interessante destacar também a grande receptividade que os trabalhadores demonstravam às idéias e práticas que pudessem contribuir para o melhoramento da sua vida quotidiana e que apontassem para uma emancipação futura.

Outro aspecto interessante que podemos observar é o da mobilidade política, ou seja, a passagem de muitos militantes de uma para outra corrente (o que pudemos observar ao longo do estudo das trajetórias não só dos três principais militantes, mas também de outros) sem que o abandono das velhas posições e a adesão às novas fosse vivido como uma conversão, como uma ruptura radical com o passado. Havia também, em alguns casos,

a procura de uma convivência com diferentes espaços e tendências políticas, sem que isso fosse vivido como uma falta de coerência. As classificações rígidas não levam em consideração as mudanças que os militantes viveram ao longo de suas vidas e a própria incerteza de alguns momentos, como se observa nesse comentário irônico de Neno Vasco, justamente no momento em que ele, do anarquismo, passava a um período longo de grande aproximação com o sindicalismo revolucionário:

"O melhor seria talvez ter-me deixado desclassificado, pairando no vago, no indeciso, nem sim nem não, antes pelo contrário"[1].

Esses deslocamentos geográficos e ideológicos só puderam ser verificados através do estudo dessas trajetórias individuais. O estudo das trajetórias individuais desses militantes italianos permitiu observar também como eles traziam consigo toda uma tradição política do próprio país, que incluía uma herança democrática que vinha ainda do movimento de unificação da Itália, passada até mesmo de geração para geração, pois vimos que vários deles eram filhos de pais republicanos ou de outras tendências de inspiração *risorgimentale*. Ainda em 1915, o intervencionismo de De Ambris e mesmo de Rossoni era inspirado por um certo tipo de nacionalismo que vinha ainda dessa herança do *Risorgimento*. As organizações operárias de inspiração mazziniana também influenciaram as organizações de trabalhadores italianos em São Paulo.

Outro aspecto interessante a considerar é que o sindicalismo revolucionário prevaleceu quando as outras correntes políticas ligadas ao movimento operário estava em um momento de incerteza, como vemos nas palavras de Pierre Monatte:

"Entre tantas hesitações, tropeços e recuos, e talvez mesmo por causa deles, nasceu o sindicalismo; o espírito revolucionário renasceu e ganhou novas forças"[2].

O *sindicalismo revolucionário*, que foi a ideologia de centenas ou milhares de militantes sindicalistas proletários e alguns intelectuais coicidiu com um período em que os partidos socialistas estavam em crise, incertos sobre o que poderiam ou deveriam fazer e em que também os anarquistas estavam indefinidos sobre a estratégia a seguir. As pouquíssimas conquistas obtidas na área social com a experiência reformista tinham desiludido os trabalhadores em vários países. O sindicalismo foi capaz de canalizar esse estado de espírito, radicalizando-o na rejeição do jogo político no interior dos mecanismos "democráticos" dos Estados liberais. Ele conseguiu associar os trabalhadores fazendo com que eles se identificassem sobretudo como trabalhadores.

Assim, entre 1905 e 1914, podemos afirmar que o revolucionário típico era uma espécie de sindicalista revolucionário, porque a maioria dos trabalhadores acreditavam que só conseguiriam melhorar a própria situação através da ação e da organização deles próprios, como classe. Portanto a fórmula do *sindicalismo revolucionário* encontrava-se em todas as tendências radicais do movimento operário que emergiram em vários países naquele período histórico, também no Brasil. Há entre eles muitos pontos em comum e todas as muitas variantes se reconduziam a um único modelo ideal: a sociedade dos

---

[1] *Kultur*, abril de 1904, p.3.
[2] Pierre Monatte. "Em defesa do Sindicalismo" in *Congresso anarquista*, realizado em Amsterdã, agosto de 1907 in George Woodcock. *Os grandes escritos anarquistas*. Porto Alegre, L&PM, 1990, pp. 197-198. p. 202.

produtores, onde a primazia social pertenceria aos protagonistas da atividade produtiva[3]. A greve geral era a expressão direta da vontade de mudança nas relações de força econômicas do dia a dia e ao mesmo tempo uma medida concreta que envolvia a esfera da esperança, do desejo de revolução. O movimento era revolucionário no sentido em que tinha um projeto de transformação radical da sociedade, de criação de uma nova sociedade que seria gerida pelos trabalhadores organizados nos sindicatos. O sindicato seria a base da sociedade futura, substituindo a autoridade e as funções do Estado.

Vimos também que a linguagem revolucionária do sindicalismo convivia na prática com um quotidiano reformista tanto em São Paulo, na França, na Itália e nos outros países onde o sindicalismo revolucionário foi um fator de atração considerável para a classe trabalhadora. As reivindicações giravam em torno de questões salariais, de horário, da exigência do respeito a acordos. As experiências de organização sindical da qual os três militantes que acompanhamos participaram demonstram claramente essa idéia.

Então, a São Paulo do início do século tinha anarquistas atuando dentro e fora do sindicato, por razões que variaram do uso dele como instrumento de propaganda à confiança efetiva nas suas virtudes, mas o movimento operário não era anarquista.

Embora a historiografia tenha tendido a classificar como anarco-sindicalista toda a atuação anarquista nos sindicatos durante a Primeira República, creio que uma análise mais detida permitiu vislumbrar o fato de que essa atividade expressou em muitos momentos

[3] Ver Andreina De Clementi. *Politica e Società nel Sindacalismo Rivoluzionario italiano. 1900-1915.* Roma, Bulzoni Editore, 1983.

uma mudança muito mais estratégica do que doutrinária. O sindicato era mais um lugar, para alguns um lugar privilegiado, para difundir a idéia anarquista. Anarquismo, anarco-sindicalismo e *sindicalismo revolucionário* confundiram-se na história e na historiografia. Mas creio que meu trabalho demonstrou que o movimento operário em São Paulo na Primeira República foi muito mais sindicalista revolucionário que anarquista. Se a perspectiva de construção de uma sociedade mais justa, organizada pelos próprios trabalhadores servia como esperança e estímulo, eram as preocupações concretas e imediatas que davam o tom do movimento na sua prática, na sua luta cotidiana. O sindicato não era anarquista porque era aberto a todos os trabalhadores, fossem eles ligados a alguma corrente política ou não, e então havia nos sindicatos, atuando juntamente, os sindicalistas revolucionários (também chamados de sindicalistas puros), anarquistas, socialistas e outros trabalhadores que viam nele unicamente a possibilidade de associar-se para melhorar suas condições de vida e de trabalho.

A decisão de não aderir a nenhuma corrente política específica, fosse ela anarquista, socialista e mais tarde comunista era certamente um esforço de unificação que procurava cancelar as diferenças existentes entre os trabalhadores. Era também um esforço para manter a autonomia dos trabalhadores, que queriam uma organização que mantivesse a democracia, a participação e o igualitarismo.

Embora o sindicalismo revolucionário tenha sido uma corrente política autônoma somente até a Primeira Guerra Mundial, quando tantas mudanças, mas sobretudo o sucesso da primeira revolução socialista no mundo levará grande parte dos trabalhadores a aceitar outros espaços e estratégias de luta, muitas das idéias propostas por esse movimento foram

incorporadas a outros movimentos políticos. O sindicalismo revolucionário deixou a cena histórica, mas não sem deixar marcas.

Em relação à questão do fascismo ou do esforço dos governos autoritários para controlar os sindicatos, podemos dizer que mais do que incorporar as idéias do sindicalismo revolucionário, eles as instrumentalizaram, num esforço de dar um caráter proletário a seus governos e numa tentativa de criar um consenso.

O historiador italiano Maurizio Antonioli defende a idéia de que é preciso considerar o sindicalismo revolucionário não somente como uma corrente do panorama político do início do século ou como um momento da evolução sócio-econômica de áreas específicas (como a interpretação que atribui ao desenvolvimento do sindicalismo revolucionário nas áreas latinas ou subdesenvolvidas) mas como um lugar onde aspirações profundas e originais das massas operárias se uniram às esperanças de uma intelectualidade a procura de novos valores[4]. Jacques Julliard vê no sindicalismo de ação direta, para além de suas especificidades históricas, uma "componente essencial e permanente da consciência operária" e da cultura política de alguns países[5].

Apesar das declarações explícitas de apoliticidade das ligas e federações de trabalhadores, suas lutas não eram só econômicas, mas também políticas, embora não ligadas a um grupo político específico. No contexto do Brasil da Primeira República, era impossível fazer uma distinção muito nítida entre a luta sindical e a luta política. As

[4] Maurizio Antonioli. *Il sindacalismo italiano...op.cit.*, p.126.
[5] J.Julliard. "Le syndicalisme révolutionnaire et la politique.1900-1914. *Ricerche storiche*, 1981, n.1, 103.

reivindicações operárias eram também um esforço de democratização da sociedade, porque muitas vezes as lutas não visavam só melhorar salários e reduzir a jornada de trabalho, mas assegurar o direito a própria existência, ou seja, garantir condições de democracia e de civilidade onde o movimento e a organização dos trabalhadores pudessem ser reconhecidos como um elemento legítimo na sociedade.

Acho que nem é preciso dizer que esta tese não pretendeu dar a palavra final sobre a história dos trabalhadores em São Paulo na Primeira República, mas acho que ela demonstrou que havia e há muito mais a dizer sobre um tema e uma questão que muitos consideravam liquidada, encerrada. Reconhecendo que o conhecimento histórico é cumulativo, creio que meu trabalho acrescentou novas informações e discussões, ou seja, ampliou o conhecimento que já se tinha sobre a história dos operários em São Paulo na Primeira República e contribuiu para trazer ao leitor brasileiro, informações e questões da história italiana e da história geral, visto que o sindicalismo revolucionário era um movimento transnacional. Ao mesmo tempo, creio que a utilização de novas fontes, com o apoio de uma bibliografia internacional, permitiu-me questionar algumas certezas da historiografia brasileira sobre o movimento operário paulista do início do século. Espero que ele possa ser útil para os novos estudos que virão e que seja um estímulo para a pesquisa de outras trajetórias individuais ou de outras questões da história dos trabalhadores do período. Apesar de todas as dificuldades do recorte biográfico, creio que o resultado pode ser satisfatório e certamente existem ainda, no que se refere ao movimento operário em São Paulo na Primeira República, tantos personagens em busca de um autor[6].

[6] Basta pensar que a lista dos "subversivos italianos residentes no Brasil" fichados no Casellario Politico Centrale, no Archivio Centrale dello Stato, em Roma apresenta mais de 500 nomes.

Acho que, de certa maneira, este trabalho tem também um sentido político. Essa foi a história de um período em que trabalhadores e intelectuais procuraram construir um projeto de uma sociedade mais justa e mais humana, movidos pela esperança ou pela fé na possibilidade efetiva de construí-la. Esperamos que haja novamente um dia em que isso não soe tão ingênuo ou tão estranho.

FONTES DOCUMENTAIS

ARQUIVO EDGARD LEUENROTH (AEL). UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. CAMPINAS (SP - BRASIL)

Jornais

Alba Rossa (São Paulo, settimanale libertario), 1919-1923.
Amigo do Povo, O (São Paulo), 1901-1904.
Avanti! (São Paulo), 1900-1903; 1908-1909.
Barricata, La (São Paulo, Periodico anarchico), 1912-1913.
Battaglia, La (São Paulo), 1904-1912.
Carpinteiro, O / Falegname, Il (São Paulo), 1905.
Chapeleiro, O (São Paulo, Orgam da Liga de Resistencia entre Chapeleiros e Anexos), 1903, 1904.
Don Chisciotte (São Paulo, diretor: Paolo Mazzoldi), 1911.
Grito Operário, O (São Paulo, Orgam semanal da Liga Operaria da Construção Civil e do operariado em geral), 1919-1920.
Guerra Sociale (São Paulo), 1911-1912.
Libertario, Il (São Paulo), 1906.
Lotta Proletaria, La (São Paulo, Organo della União dos Syndicatos di São Paulo), 1908-1909.
Lucta Proletaria, A (São Paulo, Orgão da Federação Operária do Estado de São Paulo), 1904-1908.
Nuova Gente, La (São Paulo), 1903, 1904.
Plebe, A (São Paulo, Periodico Libertario), 1917-1922.
Propaganda Libertaria, La (São Paulo), 1913-1914.
Ribelle, Il (São Paulo, periodico quidicinale libertario), 1909.
Risveglio, Il (São Paulo, Organo Comunista Libertario, A. Mari), 1898, 1899.
Scure, La (Rio de Janeiro - São Paulo, diretor: Alceste De Ambris), 1910.
Sempre Avanti (São Paulo), 1903, 1904.
Terra Livre, A (São Paulo), 1905-1908; 1910.
Trabalhador Graphico, O (São Paulo, Orgam da União dos Trabalhadores Graphicos), 1905-1906.
Vanguarda, A (Rio de Janeiro), 1911.
Voz do Trabalhador, A (Rio de Janeiro, Orgam da COB), 1908-1909; 1913-1914.

Opúsculos

BORGHI, Armando. *Mezzo secolo di anarchia. 1898-1945.* Napoli, Edizioni Scientifiche Italiane, 1954.

CAMPOS, Manoel; MOUTINHO, Antônio; SILVA, José Elias da. *O anarquismo perante a organização sindical.* Rio de Janeiro, 1916.

CHALLAYE, Félicien. *O sindicalismo.* Lisboa, J. Rodrigues Castello, 1912.

DAMIANI, Luigi. *La questione sociale nel Brasile. (I paesi nei quali non si deve emigrare).* Milano, Edizioni 'Umanità Nova', 1920.

DE AMBRYS, Alceste (compilatore). *Almanacco Socialista pel 1902.* São Paulo, Estab. Graphico Riedel & Lemmi, 1901.

DE AMBRIS, Alceste. *Dopo in ventennio di rivoluzione. Il corporativismo.* Bordeaux, Augusto Mione, 1935.

DE FEO, Luciano. *I trattati di lavoro e la protezione dei nostri lavoranti all'estero.* Milano, Fratelli Treves, 1916.

EBERT, Justus. *Os IWW na teoria e na pratica.* New Bedford, Textil Workers Union, 1922.

FABBRI, Luigi. *L'organizzazione operaia e l'anarchia: a proposito di sindacalismo.* Roma, 'Il Pensiero', II edizione, 1906.

FABBRI, Luigi. *Dittatura e rivoluzione.* Milano, Sociale, 1921.

FERRER, Francisco. *Lo sciopero generale. Compilazione degli articoli di Ferrer pubblicati nella 'Huelga General' di Barcellona.* Ginevra, Edizioni de 'Il Risveglio', 1914.

GORI, Pietro. *Conferenze politiche.* La Spezia, La Sociale, 1912.

GRAVE, Jean. *Le mouvement libertaire sous la 3 république.* Paris, Les Ouvres Représentatives, 1930.

LEONE, Henrique. *O sindicalismo.* Lisboa, Guimarães, 1911.

LEUENROTH, Edgard.*Boletim da Comissão Executiva do 3° Congresso Operario, n. 3,* s.l., 1920.

LEUENROTH, Edgard. *Anarquismo: roteiro de libertação social.* Rio de Janeiro, Mundo Livre, 1963.

MENTANA. *Faccia a faccia col nemico: cronache giudiziarie dell'anarchismo militante.* Boston, Gruppo Autonomo, 1914.

MUSSOLINI, Benito. *I discorsi della rivoluzione.* Milano, Imperia, 1923.

OLIVETTI, Angelo Oliviero. *Cinque anni di sindacalismo e di lotta proletaria in Italia.* Napoli, Soc. Editrice Partenopea, 1914.

PEIRATS, José. *La CNT en la revolución española.* Buenos Aires, CNT, 1955.

Sciopero Generale: il suo scopo e i suoi mezzi, Lo. Ginevra, Edizioni de 'Il Risveglio' / 'Le Réveil'. L. Bertoni, 1901.

SOREL, Giorgio. *Considerazioni sulla violenza.* Bari, Laterza, 1926.

TRIPPA, Arturo. *Impressioni di carcere.* São Paulo, 'Il Pasquino Coloniale', 1917.

Umanitaria e la sua opera, L'. Milano, 1922.

ZAVATTERO, Domenico. *Gli anarchici nel movimento sociale in Italia.* Ravenna, L'Iniziativa, 1905.

CENTRO DE MEMÓRIA. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. CAMPINAS (SP - BRASIL)

Il Brasile e gli Italiani. Firenze, Pubblicazioni del 'Fanfulla', 1906.

ARQUIVO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO (ANRJ)
PROCESSOS DE EXPULSÃO, MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, [IJJ[7]]

Processo de Expulsão de Cerchiai, Ristori, Sorelli, IJJ[7] n. 179.

ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO (AESP)
DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL (DEOPS)

Fascio Italiano di San Paolo, prontuário n. 27.804, vol. 1, vol. 2, vol. 3.
Federação Operária de São Paulo (FOSP), prontuário n. 716, vol. 2.
Liga Operária da Construção Civil, prontuário n. 927.

ARCHIVIO CENTRALE DELLO STATO. ROMA - ITÁLIA (ACSR)

MINISTERO DEGLI INTERNI, DIREZIONE GENERALE DI PUBBLICA SICUREZZA, CASELLARIO POLITICO CENTRALE (CPC)

Pastas pessoais dos militantes

BERTOLOTTI, Alcibiade (b. 577)
BERTOLOTTI, Guido (b. 578)
BEZZI, Luigi (b. 603)
BORGHI, Armando (b. 755)
BUTTIS, Vittorio (b. 915)
CAMPAGNOLI, Arturo (b. 977)
CAMPAGNOLI, Ercole (b. 978)
CAMPAGNOLI, Guido (b. 978)
CAMPAGNOLI, Luciano (b. 978)
CAMPOLONGHI, Luigi (b. 4864)

DE AMBRIS, Alceste (b. 1632)
DE AMBRIS, Amilcare (b. 1633)
DONATI, Augusto (b. 1839)
FURIA, Tommaso (b. 2200)
GALLO, Giuseppe (b. 2256)
MAGRASSI, Luigi (b. 2933)
MASOTTI, Tullio (b. 3133)
MAZZOLDI, Paolo (b. 3184)
MONACHESI, Guido (b. 3343)
MONACO, Lorenzo (b. 3344)
MONACO, Luigi (b. 3344)
MONACO, Pietro (b. 3344)
MONICELLI, Teodoro (b. 3354)
MOSCOSO, Emanuele (b. 3440)
ROSSONI, Edmondo (b. 4466)
SANDRI, Gaetano (b. 4565)
SARTORI, Cesare (b. 4618)
SCALA, Angelo (b. 4648)
SCALA, Giovanni (b. 4649)
SODERI, Aurelio (b. 4853)
SODERI, Guido (b. 4853)
SODERI, Teobaldo (b. 4853)
SORELLI, Giulio (b. 4875)
VACIRCA, Vincenzo (b. 5279)

MINISTERO DEGLI INTERNI, DIREZIONE GENERALE DI PUBBLICA SICUREZZA

1905, Busta n. 21, fascicolo Partito Anarchico. America.
Atti Speciali, 1909, Busta n. 4, fascicolo Brasile.
Categoria G 1 (Associazioni), Busta n. 1, Brasile, San Paolo

ARCHIVIO STORICO DIPLOMATICO DEL MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI. ROMA (ASDMAE)

Affari Politici
Serie P (1891-1916), Busta 48, Provvedimenti contro anarchici: 1900-1908.
Posizione 63, Pacco 903, Brasile, 1919-1921, Fascicoli n. 1604-1609.

Archivio Generale
Divisione I, 1914-1927, 1922: Studi e ricerche all'estero sull'emigrazione; Corrispondenti sull'attività all'estero di partiti ed organizzazioni varie.

Commissariato Generale dell'Emigrazione
Posizione 26, Brasile, 1907-1912.

Polizia Internazionale
Buste n. 28-48, 1889-1901, 1909-1911 (Moti anarchici. Provvedimenti e processi contro anarchici. Conferenza anti-anarchica. Sorveglianza. Brasile. Anarchici italiani in Brasile 1909-1911).

Serie Z (contenzioso)
Posizione Z 4, Brasile, 1892-1919.

JORNAIS E OPÚSCULOS EM ARQUIVOS E BIBLIOTECAS ITALIANAS

BIBLIOTECA dell'ARCHIVIO CENTRALE dello STATO (ROMA)
BIBLIOTECA della CAMERA dei DEPUTATI (ROMA)
BIBLIOTECA MUNICIPALE di REGGIO EMILIA "A. PANIZZI"
BIBLIOTECA di STORIA MODERNA e CONTEMPORANEA "CAETANI" (ROMA)
BIBLIOTECA NAZIONALE di ROMA (ROMA)
CENTRO STUDI EMIGRAZIONE (ROMA)
CENTRO STUDI di STORIA del LAVORO (IMOLA – BO)
FONDAZIONE 'LELIO BASSO' (ROMA)
FONDAZIONE 'GIANGIACOMO FELTRINELLI' (MILÃO)
FONDAZIONE 'UGO SPIRITO' (ROMA)

Jornais

L'Internazionale, (Parma), 1907-1922.
Pagine Libere, 1910-1921.
In memoria di Alceste De Ambris (Numero unico edito a cura degli amici nell'anniversario della morte. Parma, 09-12-1947).

Opúsculos, Artigos, Livros.

ALBERT, Charles Duchene Jean. *Il Socialismo Rivoluzionario. Il suo terreno, la sua azione, il suo scopo*. Faenza, Tipografia Popolare Faentina, 1913.

Almanacco de 'L'Internazionale'. 1° Maggio 1912. Parma, Società Editrice 'L'Internazionale', 1912.

ARGENTIERI, Alberto. *Sulla organizzazione politica delle forze sindacaliste rivoluzionarie*. Rocca S. Giovanni, Casa Editrice Abruzzese, 1913.

BALESTRAZZI, U. "De Ambris e i suoi tempi", *Eco del Lavoro*, n. XXXI, Parma, 1953.

BARBIERI, Luciano. *La cooperativa di consumo*. Milano, ed. Sonzogno, 1913.

BELLI, Natale (Nasonelli). *Giornalismo italiano in Brasile*. São Paulo, 1923.

BITELLI, Giovanni. *Filippo Corridoni e il Sindacalismo operaio antebellico.* Milano, Modernissima, 1924.

BORGHI, Armando. *Fernand Pelloutier nel Sindacalismo francese*. Bologna, Cooperativa Tipografica Azzoguidi, 1913.

CABRINI, Angelo. *Le Camere del Lavoro in Italia.* Genova, ed. Federazione Socialista Ligure, 1896.

CAMERA DEL LAVORO DI TORINO E PROVINCIA *Statuto e regolamento*. Torino, Tipografia Cooperativa, 1911.

CAMPOLONGHI, Luigi. *Azione sindacale. L'esempio dei bottigliai italiani*. Roma, 1905.

_____. "L'agitazione agraria nel parmense. Il capitano degli scioperanti", *Il Lavoro*, 10-05-1908.

_____. *Lega Italiana dei Diritti dell'Uomo*. Paris, s.d.

CORRIDONI, Filippo. *Le forme di lotta e di solidarietà*. Parma, Tipografia Camerale, 1912.

_____. *Sindacalismo e Repubblica.* Parma, Cooperativa Operai Tipografi 'La Commerciale', 1921.

DE AMBRIS, Alceste. *Il socialismo: metodi e finalità.* Col. Biblioteca economica di propaganda elementare socialista, n. 1. Mantova, Tip. Cooperativa, s.d.

_____. *L'Azione Diretta. Pagine di propaganda elementare sindacalista.* Parma, Tip. Cooperativa, 1907.

_____. *Democrazia vile*. Lugano, Soc. Edit. 'Avanguardia', 1908.

_____. *Gli Italiani all'Estero. L'Argentina e l'Emigrazione Italiana*. s.l. 1911.

_____. *Almanacco de L'Internazionale*. Parma, 1912.

_____. *La meta dimenticata. Otto ore di lavoro*. Bologna, Libreria Editrice La scuola Moderna, 1912.

_____ (et al.). *Pro e contro la guerra di Tripoli. Discussioni nel campo rivoluzionario*. Napoli, Società Editrice Partenopea, 1912.

_____. *Sindacalismo ed elezionismo: discussioni in vista del nuovo allargamento del suffragio elettorale.* Parma, SELI, Tip. Camerale, 1912.

_____. *L'unità operaia e i tradimenti confederali.* Biblioteca de 'L'Internazionale', n. 4. Parma, Tip. Camerale, 1913.

_____. (et al.) *Il nazionalismo giudicato da letterati, artisti, scienziati, uomini politici e giornalisti italiani.* Genova, 1913.

_____. "Non è mai tardi per andar più oltre". *La Testa di Ferro*, 01-02-1920.

_____. *La questione di Fiume.* Roma, La Fionda, 1920.

_____. *Filippo Corridoni.* Milano, Antonio Sassu Ed., s.d.

_____. *Amendola. Fatti e documenti.* Toulouse, 1927.

_____. "L'evoluzione del fascismo". In: DE FELICE, Renzo. *Antologia sul fascismo.* Bari, Laterza, 1976.

DE BEGNAC, Yvon. *Corridoni. L'arcangelo sindacalista.* Milano, 1943.

FABBRI, Luigi. *L'organizzazione operaia e l'anarchia (a proposito di sindacalismo).* Roma, Ed. "Il Pensiero", 1906.

FACINELLI, Bruno. *Sindacalismo soreliano.* Trento, Vallecchi, 1938.

GATTI, Gerolamo. *Socialismo e Sindacalismo.* Milano, Stab. Tip. Virgilio, 1906.

GNOCCHI-VIANI, Osvaldo. *Delle Camere del lavoro in Italia.* Milano, ed. Camera del Lavoro, 1893.

LABRIOLA, Arturo. *Parlamentarismo e Riformismo nel partito Socialista.* Napoli, ed. Ettore Croce, 1901.

LABRIOLA, Arturo. *Sindacalismo e Riformismo.* Firenze, ed. Nerbini, 1905.

_____. *Storia di dieci anni (1899-1909).* Milano, Il Viandante, 1910.

LEGA NAZIONALE PROLETARIA. *Statuto.* Milano, Cooperativa Grafica degli operai, 1919.

MASOTTI, Tullio. *La pratica sindacalista.* Parma, Tipografia Camerale, 1910.

MAZZOLDI, Paolo. *Un anno dopo. Cronaca dello sciopero generale di Parma.* Parma, Officina d'Arti Grafiche, 1909.

OLIVETTI, Angelo Oliviero. *Il manifesto dei sindacalisti.* Lecco, Grassi, 1907.

PODRECCA, Guido. *Il Sindacalismo (l'ultimo travestimento individualista)*. Roma, ed. Mongini, 1906.

RATTI, Celestino. *Lotta di classe e conflitti di categoria*. Roma, ed. "Avanti !", 1910.

Resoconto del Primo Congresso delle Camere del Lavoro d'Italia. Parma, Tipografia Ferrari e Pellegrini, 1893.

ROSSONI, Edmondo. *Le idee della ricostruzione. Discorsi sul sindacalismo fascista.* Firenze, R. Bemporad e Figlio, 1923.

RYGIER, Maria. *Il Sindacalismo alla sbarra*. Bologna, ed. la Scuola Moderna, 1911.

SALUCCI, Arturo. *La teoria dello sciopero*. Genova, Libreria Moderna, 1902.

SCALZOTTO, Angelo. *Tutti sindacalisti! Una proposta pratica*. Mantova, ed. Frizzi, 1907.

SOREL, Giorgio. *Le confessioni (come divenni sindacalista)*. Roma, Libreria Editrice del "Divenire Sociale", 1910.

STURANI, Giovanni Enrico. *La mutua scioperi. Sue basi economiche e suo ordinamento.* Bologna, ed. Garagnani, 1909.

UNIONE SINDACALE ITALIANA. *Relazione e progetto di Statuto Sociale approvati dal Congresso Nazionale dell'azione diretta in Modena li 23.24.25 Novembre 1912.* Parma, Tip. Camerale, 1913.

Músicas

La voce di una madre. Canto anonimo. Fiorenzuola d'Arda, 1908.

OUTRAS FONTES

CAMPOLONGHI, Luigi. *Pontremoli. Una cittadina italiana tra l'80 e il '900 (Ritratto in piedi)*. Venezia, Marsilio, 1988(1928).

DE AMBRIS, Alceste. *Lettere dall'esilio*. (Edizione critica a cura di Valerio CERVETTI e Umberto SERENI). Parma, Grafiche STEP Editrice, 1989.

DE AMBRIS, Alceste. *Dopo un ventennio di Rivoluzione. Il Corporativismo.* (mimeo)[1].

DE AMBRIS, Amilcare. "Biografia di Alceste De Ambris" (mimeo)[2].

[1] A cópia do original datilografado foi doada gentilmente a mim por Filippo Corridoni De Ambri, sobrinho de Alceste.

[2] Também este texto datilografado foi doado gentilmente por Filippo Corridoni De Ambri.

LABRIOLA, Arturo. *Storia di dieci anni. 1899-1909. (Con prefazione di Nicola Tranfaglia)*. Milano, Feltrinelli, 1975.

MALATESTA, Errico. *Escritos revolucionários*. São Paulo, Novos Tempos, 1989.

_____. *Comunismo Libertário*. Rio de Janeiro, Minha Livraria, s.d.

MASOTTI, Tullio. *Corridoni*. Milano, Carnaro, 1932.

MONATTE, Pierre. *La lutte syndicale*. Paris, F. Maspero, 1976.

PELLOUTIER, Fernand. *Histoire des bourses du travail*. Paris, Gramme, 1971.

SOREL, Georges. *La decomposition du marxisme et autres essais*. Paris, Un. De France, 1982.

TOLEDO, Edilene T. Entrevista a Filippo Corridoni De Ambri (sobrinho de Alceste De Ambris e Filippo Corridoni), realizada em Roma em outubro de 1996.

VALIANI, Leo. *Uomini da ricordare*. Perugia, 1964.

VASCO, Neno. *Concepção anarquista do sindicalismo*. Porto, Afrontamento, 1984.

BIBLIOGRAFIA

ABAD DE SANTILLAN, Diego. *La FORA: ideología y trayectória*. Buenos Aires, Proyección, 1971.

ALVIM, Zuleika. M.F. *Brava Gente! Os italianos em São Paulo: 1870-1920*. São Paulo, Brasiliense, 1986[II].

ANDREUCCI, Franco; DETTI, Tommaso. *Il movimento operaio italiano. Dizionario biografico. 1853-1943*. Roma, Editori Riuniti, 1975.

_____. *Il marxismo collettivo. Socialismo, marxismo e circolazione delle idee dalla Seconda alla Terza Internazionale*. Milano, Franco Angeli, 1986.

ANTONIOLI, Maurizio. "Introduzione", in: FABBRI, Luigi. *L'organizzazione operaia e l'anarchia*. Firenze, CP Editrice, 1975.

_____. "Il sindacalismo rivoluzionario italiano", in: *Storia del sindacato. Dalle origini al corporativismo fascista*. Venezia, Marsilio, 1982, pp. 33-53.

_____. "La FIOM dalle origini al 1914: l'immagine e la realtà (struttura e strategia organizzativa e rivendicativa)", in: *Sindacato e classe operaia nell'età della Seconda Internazionale*. Firenze, Sansoni, 1983, pp. 224-293.

_____. *Azione diretta e organizzazione operaia. Sindacalismo rivoluzionario e anarchismo tra la fine dell'Ottocento e il fascismo*. Manduria (Bari), Lacaita, 1990.

_____. *Armando Borghi e l'Unione Sindacale Italiana*. Manduria (Bari), Lacaita, 1990.

_____; GANAPINI, Luigi (a cura di). *I sindacati occidentali dall'800 ad oggi in una prospettiva comparata*. Pisa, BFS edizioni, 1995.

_____. *Il sindacalismo italiano dalle origini al fascismo. Studi e Ricerche*. Pisa, BFS Edizioni, 1997.

ARBIZZANI, Luigi; Casali, Luciano et al. *Il sindacato nel Bolognese. Le Camere del lavoro di Bologna dal 1893 al 1960*. Roma, Ediesse, 1988.

ARFÉ, Gaetano. *Storia dell'Avanti!. 1896-1926*. Milano-Roma, Edizioni Avanti!, 1956.

BALLONE, Adriano; DELLAVALLE, Claudio; GRANDINETTI, Mario. *Il tempo della lotta e dell'organizzazione. Linee di storia della Camera del Lavoro di Torino*. Milano, Feltrinelli, 1992.

BAR, A. *La CNT en los años rojos: del sindicalismo revolucionario al anarcosindicalismo. 1910-1926*. Madrid, Akal, 1981.

BARBADORO, Idomeneo. "Il sindacato delle origini (1876-1900)", in: *Storia del sindacato. Dalle origini al corporativismo fascista.* Venezia, Marsilio, 1982, pp. 3-19.

_____. "Lo sviluppo del movimento sindacale in Italia: forme di contrattazione e rappresentanza. (1900-1920), in: *Sindacato e classe operaia nell'età della Seconda Internazionale.* Firenze, Sansoni, 1983, pp. 29-74.

BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. *Le syndicalisme 'amarelo' à Rio de Janeiro (1906-1930)*. Thèse de Doctorat. Paris, Université de Paris I, 1986.

_____. "'Nós, filhos da Revolução Francesa', a imagem da revolução no movimento operário brasileiro no início do século XX". *Revista Brasileira de História*, vol. 10, n. 20, março-agosto de 1990.

_____."Identidade da classe operária no Brasil (1880-1920): atipicidade ou legitimidade", *Revista Brasileira de História*, v. 12, n. 23/24, 1991/92.

_____. "A historiografia da classe operária no Brasil: trajetórias e tendências", in: FREITAS, Marcos Cezar (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo, Contexto, 1998.

BEIGUELMANN, Paula. *Os companheiros de São Paulo*. São Paulo, Símbolo, 1977.

BERNARDI, Roberto. "Sindacalismo rivoluzionario e fascismo", *Rivista Storica dell'Anarchismo*, VII, n. 1, gennaio-giugno 2000, pp. 71-82.

BERTA, Giuseppe. "Un caso di industrialismo sindacale: la FIOM del primo Novecento", in: *Sindacato e classe operaia nell'età della Seconda Internazionale.* Firenze, Sansoni, 1983, pp. 192-223.

BERTOZZI, Massimo (a cura di). *Sindacalismo rivoluzionario. Quale approccio storiografico?*. Pisa, Pacini, 1980.

BEZZA, Bruno. "L'azione sindacale durante la prima guerra mondiale", in: *Storia del sindacato. Dalle origini al corporativismo fascista.* Venezia, Marsilio, 1982, pp. 81-98.

_____. "La struttura e la politica rivendicativa della FIOM nel ciclo di lotte 1919-1920", in: *Sindacato e classe operaia nell'età della Seconda Internazionale.* Firenze, Sansoni, 1983, pp. 294-314.

_____ (a cura di). *Gli italiani fuori d'Italia. Gli emigrati italiani nei movimenti operai dei paesi d'adozione.* Milano, Franco Angeli, 1983.

BILSKY, Egardo J. "Aux origines de la tradition sorélienne en Argentine: le syndicalisme révolutionnaire (1904-1910)", *Cahiers des Ameriques Latines*, n. 9, pp. 81-95.

_____. *La F.O.R.A. y el movimiento obrero. (1900-1910)*. Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, 1985.

_____. "Campo politico y representaciones sociales: estudio sobre el sindacalismo revolucionario en argentina (1904-1910)". *Ricerche Storiche*, XXI, n. 1, gennaio-aprile 1991, pp. 99-126.

BIONDI, Luigi. *La stampa anarchica italiana in Brasile. 1904-1915.* Tesi di Laurea. Roma, Facoltà di Lettere e Filosofia, Università degli Studi di Roma "La Sapienza", 1995.

_____. "Anarquistas italianos em São Paulo. O grupo do jornal anarquista 'La Battaglia' e a sua visão da sociedade brasileira: o embate entre imaginários libertários e etnocêntricos", *Cadernos AEL*, n. 8/9 (Anarquismo e Anarquistas), 1998, pp. 117-147.

_____. "Sociedades italianas de socorro mútuo e política em São Paulo entre o século XIX e o século XX", *Travessia. Revista do migrante.* Ano XII, n. 34, maio-agosto 1999, pp. 5-12.

_____. "Identidade de classe e identidade nacional entre solidariedade e conflito: socialistas e republicanos italianos na São Paulo do início do século XX e suas relações com as associações patrícias e o nascente sindicalismo", *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, v. XXVI, n. 1, julho 2000, pp. 131-162.

BLENGINO, Vanni; FRANZINA, Emilio; PEPE, Adolfo (a cura di). *La riscoperta delle Americhe. Lavoratori e sindacato nell'emigrazione italiana in America Latina.* Brescia, Camera del Lavoro, CGIL, 1992.

BONACCHI, Gabriella e PESCAROLO, Alessandra. "Cultura della comunità e cultura del mestiere alle origini della "resistenza" proletaria italiana". *Movimento Operaio e socialista*, III, n. 1, gennaio-marzo1980, pp.37-48.

BONACCINI, Maria; CASERO, Renza. *La Camera del Lavoro di Milano dalle origini al 1904.* Milano, SugarCo, 1975.

BONIFAZI, Alberto; SALVARANI, Gianni. *Dalla parte dei lavoratori. Storia del movimento sindacale italiano. Volume I. 1860-1906: dalle Società di Mutuo Soccorso alla prima organizzazione unitaria dei lavoratori.* Milano, Franco Angeli, 1976.

_____. *Dalla parte dei lavoratori. Storia del movimento sindacale italiano. Volume II. 1906-1944: dalla prima Confederazione Generale del Lavoro al patto di Roma.* Milano, Franco Angeli, 1976.

BORGES, Stella Maris Araújo, *Italianos em Porto Alegre e o Movimento Operário (1875-1919)*. Tese de doutorado em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos.* São Paulo, T.A. Queiroz, 1983.

BRÉCY, Robert. *La gréve génerale en France.* Paris, EDI, 1969.

BRUNELLO, Piero. "Emigranti", in: *Storia d'Italia. Le regioni dall'Unità a oggi: il Veneto.* Torino, Einaudi, 1984, pp. 579-633.

CAMPOS, Cristina Hebling. *O sonhar libertário: movimento operário nos anos de 1917 a 1921.* Campinas, Editora da Unicamp, 1988.

CANAVERO, Alfredo; Ginex, Giovanna (a cura di). *Il '98 a Milano: fatti, personaggi, immagini.* Milano, Mazzotta, 1998.

CANO, Wilson. *Raízes da concentração industrial no Brasil.* São Paulo, Global, 1985.

CAPITINI MACCABRUNI, Nicla. *Liberali, socialisti e Camera del Lavoro a Firenze nell'età giolittiana (1900-1914).* Firenze, Leo S. Olschki, 1990.

CARONE, Edgar. *A República Velha. Instituições e classes sociais.* São Paulo, DIFEL, 1972.

CARRAI, Massimo. "Dalle Associazioni di Mutuo Soccorso alle Case del Popolo: la specificità del caso fiorentino (1885-1921)". *Ricerche Storiche,* n. 1, gennaio-aprile 1997, pp. 149-174.

CARTOSIO, Bruno. "Memoria privata e memoria pubblica nella storiografia del movimento operaio", *Studi Storici,* n. 4, 1997, pp. 897-910.

CASTRONOVO, Valerio. "Processi di industrializzazione e tipologia del conflitto sociale", in: *Sindacato e classe operaia nell'età della Seconda Internazionale.* Firenze, Sansoni, 1983, pp. 13-28.

_____; GALASSO, Giuseppe; ZANGHERI, Renato. *Storia del movimento cooperativo in Italia: la Lega Nazionale delle Cooperative e Mutue. 1886-1986.* Torino, Einaudi, 1987.

CAVALLARI, Giovanna. *Georges Sorel. Archeologia di un rivoluzionario.* Napoli, Jovene / Camerino, Pubblicazioni della Facoltà di Giurisprudenza dell'Università di Camerino, 1994.

CEPLAIR, Larry S. "La théorie de la grève général et la strategie du syndicalisme: Eugène Guérard et les cheminots français dans les années 1890", *Le Mouvement Social,* n. 116, juillet-septembre 1981, pp. 21-46.

CERVETTI, Valerio (a cura di). *Sciopero agrario del 1908: un problema storico (Atti del convegno tenuto a Parma l'1 e 2 Dicembre 1978).* Parma, Grafiche STEP, 1984.

_____; MINARDI, M.; REGGIANI, G.; SERENI, U.; SPOCCI, R. *Nel segno di Garibaldi. Cent'anni di Camera del Lavoro a Parma.* Parma, PPS editrice, 1993.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque.* São Paulo, Brasiliense, 1986.

CHERUBINI, Arnaldo. *Beneficenza e solidarietà: assistenza pubblica e mutualismo operaio: 1860-1900.* Milano, Franco Angeli, 1991.

CIUFFOLETTI, Zeffiro. *Storia del PSI. Volume I. Le origini e l'età giolittiana.* Bari, Laterza, 1992.

CONLIN, J. R. *Bread and Roses Too: Studies of the Wobblies.* Westport, Greenwood, 1970.

_____. (ed.) *At the point of Production: the Local History of the IWW.* Westport, Greenwood, 1981.

CONTI, Fulvio. "La massoneria e lo sviluppo del movimento democratico e socialista in Lunigiana dopo l'Unità". In: *Movimento socialista in Lunigiana tra la fine dell'Ottocento e il Novecento.* Pontremoli, Comunità Montana della Lunigiana, 1990.

CORFIELD, Penelope. "Intervista a E. P. Thompson", *Quaderni Storici*, XXXI, n. 2, agosto, 1996, pp. 405-427.

CORSINI, Paolo; PORTA, Gianfranco. *Avversi al regime. Una famiglia comunista negli anni del fascismo.* Roma, Editori Riuniti, 1992.

DADÀ, Adriana. "Aspetti del sindacalismo rivoluzionario statunitense: l'Industrial Workers of the World", *Ricerche Storiche*, n. 1, gennaio-aprile 1981, pp. 131-165.

_____. "Dalla Lunigiana alla "Barsana". Il processo di trasformazione dei lavoratori agricoli stagionali in venditori ambulanti specializzati", *Bollettino di Demografia Storica*, 19, 1993, pp. 111-33.

DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo.* Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1991.

DE CLEMENTI, Andreina. *Politica e società nel Sindacalismo Rivoluzionario. 1900-1915.* Roma, Bulzoni, 1983.

DE FELICE, Renzo. *Sindacalismo rivoluzionario e fiumanesimo nel carteggio De Ambris-D'Annunzio.* Brescia, Morcelliana, 1966.

_____ (a cura di). *La Carta del Carnaro nei testi di Alceste De Ambris e Gabriele D'Annunzio.* Bologna, Il Mulino, 1973.

_____ (a cura di). *Benito Mussolini - Quattro testimonianze (Alceste De Ambris, Luigi Campolonghi, Mario Girardon e Maria Rigyer).* Firenze, La Nuova Italia, 1976.

_____. *Mussolini il rivoluzionario (1883-1920)*, Torino, Einaudi, 1995.

DEGL'INNOCENTI, Maurizio. "Emigrazione e politica dei socialisti dalla fine del secolo all'età giolittiana", *Il Ponte*, n. 11-12, 1974, pp. 1293-1307.

_____. *Il socialismo italiano e la guerra di Libia.* Roma, Editori Riuniti, 1976.

_____. "L'esperienza politica del sindacalismo rivoluzionario", *Mondo Operaio*, n. 2, 1977.

_____ (a cura di). *Le Case del Popolo in Europa: dalle origini alla seconda guerra mondiale.* Firenze, Sansoni, 1984.

_____ (a cura di). *L'esilio nella storia del movimento operaio e l'emigrazione economica.* Manduria (Bari), Lacaita, 1992.

DE VECCHI, Giorgio; TREU, Cristina. *Le organizzazioni operaie edili in Lombardia: 1860-1914.* Milano, Nuove Edizioni Operaie, 1979.

DREYFUS, Michel. *Histoire de la C.G.T. Cent ans de syndicalisme en France*. Bruxelles, Éditions Complexe, 1995.

DUBIEF, Henri. *Le syndicalisme revolutionnaire*. Paris, A. Colin, 1969.

DUBOFSKY, M. *We Shall be All: a History of the Industrial Workers of the World.* University of Illinois Press, 1988.

DULLES, John W. Foster. *Anarquistas e comunistas no Brasil (1900-1935)*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977.

EISENBERG, Christiane. "Artigiani e movimento operaio: un confronto interpretativo". *Movimento Operaio e Socialista*, IX, n.3, 1986, pp. 489-503.

FABBRI, Fabio. "Origini e sviluppo del movimento cooperativo italiano. Dalla nascita al fascismo (1854-1925)", in: *Storia del sindacato. Dalle origini al corporativismo fascista.* Venezia, Marsilio, 1982, pp. 66-80.

FALCO, Emilio. *Armando Borghi e gli anarchici italiani. 1900-1922*. Urbino, Quattro Venti, 1992.

FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social, 1890-1920*. São Paulo, Difel, 1983.

_____; GRÜN Roberto; SAKURAI, Célia; TRUZZI Oswaldo. *Imigraçao e politica em São Paulo*. São Paulo, Editora Sumaré, 1995.

FAVILLI, Paolo. "Marxismo e Sindacalismo Rivoluzionario in Italia (prima parte)", *Società e Storia*, n. 64, 1994, pp. 315-359.

_____. "Marxismo e Sindacalismo Rivoluzionario in Italia (seconda parte)", *Società e Storia*, n. 65, 1994, pp. 559-609.

FELICI, Isabelle. *Les italiens dans le mouvement anarchiste au Brésil. 1890-1920*. Thése de Doctorat. Paris, Université de La Sorbonne Nouvelle - Paris III, 1994.

_____. "Gli anarchici italiani in San Paolo e il problema dell'organizzazione operaia (1898-1917)", s.d., s.l. (mimeo).

FERRARIS, Pino. "Roberto Michels politico (1901-1907)", *Quaderni dell'Istituto di Studi Economici e Sociali*, Università di Camerino, n. 1, 1982, pp. 52-162.

FERREIRA, Maria Nazaré. *A imprensa operária no Brasil. 1880-1920*. Petrópolis, Vozes, 1978.

FRANZINA, Emilio (a cura di). *Un altro Veneto. Saggi e studi di storia dell'emigrazione nei secoli XIX e XX*. Abano Terme (Padova), Francisci, 1983.

_____. "Operai, braccianti e socialisti nel Veneto bianco", in: *Storia d'Italia. Le regioni dall'Unità a oggi: il Veneto*. Torino, Einaudi, 1984, pp. 701-759.

_____. "Scritti autobiografici di emigranti italiani in America Latina: il caso brasiliano", *Materiali di Lavoro*, VIII (nuova serie), n. 1-2, gennaio-agosto 1990, pp. 185-222.

_____. *Stranieri d'Italia. Studi sull'emigrazione italiana dal Risorgimento al fascismo*. Vicenza, Odeon, 1994.

FREIRE, João. *Anarquistas e operários. Ideologia, oficio e práticas sociais: o anarquismo e o operariado em Portugal, 1900-1940*. Porto, Afrontameto, 1992.

FRENCH, John D. "Practice and Ideology: a cautionary note on the historian's craft", *Hispanic American Historical Review*, vol. 71, n. 4, november 1991, pp. 847-855.

_____. *O ABC dos operários: conflitos e alianças de classe em São Paulo, 1900-1950*. São Paulo, Hucitec / São Caetano do Sul, Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1995.

FONSECA, Guido. "DOPS: um pouco de sua história", *Revista da Associação dos Delegados de polícia do Estado de São Paulo*, ano X, n. 18, dezembro de 1989, pp. 41-85.

_____. *Il sindacalismo rivoluzionario italiano*. Milano, Mursia, 1977.

FURIOZZI, Gian Biagio. "Polemiche tra sindacalisti rivoluzionari e anarchici italiani nell'età giolittiana", *Ricerche Storiche*, n. 1, gennaio-aprile 1981, pp. 495-512.

_____. *Socialismo, anarchismo e sindacalismo rivoluzionario. Studi e ricerche*. Rimini, Maggioli, 1984.

_____. *Dal socialismo al fascismo. Studi sul Sindacalismo Rivoluzionario*. Napoli, Esselibri; Simone, 1998.

GABACCIA, Donna. *Militants and migrants. Rural Sicilians become American workers*. New Brunswick, London, Rutgers University Press, 1988.

_____. "Worker internationalism and italian labor History. 1870-1914", *International Labour and Working-Class History*, 45, 1994, pp. 63-79.

_____; OTTANELLI, Fraser. "Diaspora or international Proletariat? Italian Labor Migration and the Making of Multi-ethnic States. 1815-1939". *International Migration Review*, vol. 31, n. 3.

GARRONI, Susanna. "Serrati negli Stati Uniti: giornalista socialista e organizzatore degli emigrati italiani". *Movimento Operaio e socialista*, VII, n. 3, settembre-dicembre 1984, pp. 321-344.

GERVASONI, Marco. "Il linguaggio politico del sindacalismo d'azione diretta in Francia: la rappresentazione del sociale e la concezione dell'autonomia della CGT di fronte allo stato repubblicano (1895-1914)", *Società e Storia*, n. 74, ottobre – dicembre 1996, pp. 771-820.

_____. *Georges Sorel. Una biografia intellettuale. Socialismo e liberalismo nella Francia della belle époque*. Milano, Unicopli, 1997.

_____. "Integrità della società e macchina politica: Georges Sorel, la Nouvelle École e il partito politico", *Ricerche di Storia Politica*, n. 2, 1998, pp. 171-197.

GESTRI, Lorenzo. "Note bibliografiche, appunti provvisori, un testo e un documento per servire ad una biografia di Alceste De Ambris". *Cronaca e storia di Val di Magra*, anno VI, 1977, pp. 181-232.

_____. "L'infanzia dell'eroe. L. Viani e il territorio apuo-versiliese tra la fine dell'800 e la grande guerra", *Rivista Storica dell'Anarchismo*, III, n. 2, luglio-dicembre 1996, pp. 15-67.

GIANINAZZI, Willy. "Agli albori del sindacalismo rivoluzionario italiano", *Rivista Storica dell'Anarchismo*, III, n. 2, luglio-dicembre 1996, pp. 5-14.

GIARDINA, A., SABBATUCCI, G. e VIDOTTO, V. *L'Età Contemporanea. Storia. Documenti. Storiografia.* Roma-Bari, Laterza, 1993.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história.* São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

GIOVANNINI, Claudio. *L'Italia da Vittorio Veneto all'Aventino.* Bologna, 1972.

GITAHY, Maria Lucia Caira. "Processo de trabalho e greves portuárias, 1889-1910: estudo sobre a formação da classe operária no porto de Santos". *Ciências Sociais Hoje*, Vértice, 1987.

_____. "Os trabalhadores da construção civil na *belle époque.*" *II Congresso Brasileiro de História Econômica.* ABPHE/UFF, Niterói, 13-16 de outubro de 1996.

_____; SILVA, Fernando Teixeira da. "O movimento operário da construção civil santista durante a Primeira Guerra Mundial, 1914-1918". *História Social*, n. 3, IFCH-Universidade Estadual de Campinas, 1996.

GIUFFREDI, M.; MINARDI, M. "Luigi Campolonghi e gli studenti della Lunigiana a Parma". In: *Atti del Convegno Movimento Socialista in Lunigiana tra la fine dell'Ottocento e il Novecento.* Pontremoli, Comunità Montana della Lunigiana, 1990.

GORDON, Eric Arthur. *Anarchism in Brazil: Theory and Practices. 1890-1920.* Ph.D. Thesis. New Orleans, Tulane University, 1978.

GRENDI, Edoardo. "Repensar a micro-história", in: Revel, Jacques (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise.* Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1998.

GRIBAUDI, Maurizio. *Mondo operaio e mito operaio. Spazi e percorsi sociali a Torino nel primo Novecento.* Torino, Einaudi, 1987.

HALL, Michael McDonald. "Italianos em São Paulo (1880-1920)", *Anais do Museu Paulista*, tomo XXIX, 1979, pp. 201-215.

_____. "Os chapeleiros: notas e hipóteses", s.l., agosto de 1988 (mimeo).

_____; GARCIA, Marco Aurélio. "Urban labor", in: CONNIFF, Michael e MCCANN (orgs.). *Modern Brazil: elites and masses in historical perspective*. Lincoln, University of Nebraska Press, 1989.

_____. *Corporatism, fascism, and the origins of Brazilian labor law*. Paper apresentado na Brazilian Studies Association, King's College, Cambridge, setembro 1996.

HALL, Michael McDonald; PINHEIRO, Paulo Sérgio. *A classe operária no Brasil. 1889-1930. Vol. I.* São Paulo, Alfa Omega, 1979.

_____. *A classe operária no Brasil. 1889-1930. Vol. II.* São Paulo, Brasiliense, 1981.

_____. "Alargando a história da classe operária: organização, lutas e controle", in: *Arremate de males*. Campinas, Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, n. 5, fevereiro 1985.

HARDMAN, Francisco Foot; LEONARDI, Victor. *História da indústria e do trabalho no Brasil*. São Paulo, Global, 1982.

HECKER, Alexandre. *Um Socialismo Possível. A atuação de Antonio Piccarolo em São Paulo*. São Paulo, T.A. Queiroz, 1989.

HOBSBAWM, Eric J. *Revolucionários*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

_____. *Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. *A Era dos Impérios, 1875-1914*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

_____. *Era dos extremos. O breve século XX, 1914-1991*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

_____. *De Historia. Saggi*. Milano, Rizzoli, 1997.

JOCTEAU, Gian Carlo. *L'armonia perturbata. Classi dirigenti e percezione degli scioperi nell'Italia liberale*. Bari, Laterza, 1988.

JULLIARD, Jacques. *Fernand Pelloutier et les origines du syndicalisme d'action directe*. Paris , Editions du Seuil, 1971.

_____. "Le syndicalisme révolutionnaire français et la politique. 1990-1914", *Ricerche Storiche*, n. 1, gennaio-aprile 1981, pp. 83-103.

_____. *Georges Sorel en son temps*. Paris, Gallimard, 1985.

_____. *Autonomie ouvriere: études sur le syndicalisme d'action directe*. Paris, Gallimard, 1988.

KHOURY, Yara Aun. *As greves de 1917 em São Paulo e o processo de organização proletária*. São Paulo, Cortez, 1981.

_____. *Edgard Leuenroth: uma voz libertária. Imprensa, memória e militância anarco-sindicalista*. Tese de Doutorado. São Paulo, FFLCH, Universidade de São Paulo, 1988.

LAFORCADE, Geoffroy de. "Ideas, Action and Experience in the Labor Process: Argentine Seamen and Revolutionary Syndicalism, 1903-1927". Paper presented to the Tenth Annual Latin American Labor History Conference, April 23-24, 1993 at Duke University.

LAGHI, Ivo. *Corridoni*. Roma, Centro Alfa, 1987.

LAY, Adriana. "Scioperi per, scioperi contro. Rivendicazioni e cultura operaia, 1894-1913", *Quaderni Storici*, n. 47, agosto 1981, pp. 487-519.

LEVY, Carl. "Currents of Italian syndicalism before 1926", *International Review of Social History*, vol. 45, part 2, august 2000, pp. 209-250.

LINDEN, Marcel van der e THORPE, Wayne. "Essor et déclin du sindicalisme révolutionaire". *Le mouvement social*, n. 159, avril-juin 1992.

_____ (ed). *Revolutionary Syndicalism: an International Perspective*. Scolar Press, 1992.

LINDEN Marcel van der. "Second thoughts on Revolutionary Syndicalism", *Labour History Review*, n. 63, 1998, pp. 182-196.

LOBATO, Mirta Zaida. "Lavoro e conflitto nell'industria della carne: il caso degli stabilimenti Berisso. (1904-1930)". *Ventesimo Secolo*, n. 11-12, 1994, pp. 319-334.

LOPREATO, Christina da Silva Roquette. "As jornadas de julho: São Paulo, 1917". In: BRESCIANI, Maria Stella (org.) *Jogos da política. Imagens, representações e práticas*. São Paulo, ANPUH / Marco Zero, 1992, pp. 201-225.

_____. *O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917*. Campinas, Tese de Doutorado em História Social do Trabalho, Universidade Estadual de Campinas, 1996.

LOURENÇO, Adhemar jr. "Anarquismo e movimentos sociais: uma tipologia de suas relações", *Cadernos de Estudo*, n. 8, dezembro 1993, pp. 3-23.

MAFFEI, Eduardo. *A Greve*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

MAGNANI LANG, Silvia Ingrid. *O movimento anarquista em São Paulo (1906-1917)*. São Paulo, Brasiliense, 1982.

MAITRON, Jean. *Le mouvement anarchiste en France I: des origines à 1914*. Paris, Gallimard, 1992.

MALATESTA, Maria. "Gramsci e il sindacalismo rivoluzionario. Riflessioni sul rapporto tra analisi storiografica e giudizio di valore", *Ricerche Storiche*, n. 1, gennaio-aprile 1981, pp. 327-357.

MAMMARELLA, Giuseppe. *Riformisti e rivoluzionari nel PSI. 1900-1912*. Venezia, Marsilio, 1981.

MARAM, Sheldon Leslie. "Anarcho-Syndicalism in Brazil", *PCCLAS Proceedings*, vol. 4, 1975, pp. 101-116.

MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro, 1890-1920*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

MARQUES, Antônio José. *Os trabalhadores em pedreiras em Ribeirão Pires. A organização sindical dos canteiros e as lutas operárias no começo do século XX*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FFLCH, Universidade de São Paulo, 1996.

MARTINS, José de Souza. *O cativeiro da terra*. São Paulo, Hucitec, 1996[VI].

_____. *Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano do fim do Império ao fim da República Velha*. São Paulo, São Caetano do Sul, Editora HUCITEC, Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992.

MARUCCO, Dora. *Arturo Labriola e il sindacalismo rivoluzionario in Italia*. Torino, Fondazione Luigi Einaudi, 1970.

MARUCCO, Dora. "Il sindacalismo", in: FIRPO, Luigi (a cura di). *Storia delle idee politiche e sociali, vol. VI. Il secolo ventesimo*. Torino, 1972, pp. 69-107.

_____. "Studi recenti e nuove prospettive di ricerca in tema di sindacalismo rivoluzionario". *Movimento Operaio e socialista*, anno XXIII, 1977, pp. 522-534.

MAZGAJ, Paul. *The Action Française and Revolutionary Syndicalism*. Chapel Hill, The University of North Carolina Press.

MONTGOMERY, David. "Nuove tendenze nelle lotte e nelle strategie sindacali in Europa e negli Stati Uniti, 1916-1922, in: *Sindacato e classe operaia nell'età della Seconda Internazionale*. Firenze, Sansoni, 1983, pp. 153-190.

MORSE, Richard M. *Formação histórica de São Paulo*. São Paulo, DIFEL, 1970.

MOSCARDINI, Susanna. "L'anarcosindacalista Joan Peiró: un profilo biografico (1887-1942)", *Spagna Contemporanea*, n. 15, 1999, pp. 7-22.

MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de. *Mulheres e menores no trabalho industrial*. Petrópolis, Vozes, 1982.

MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de. "Um sólido anzol de aço: Estado e ação operária na República Velha". *Revista Adusp*, n. 10, junho de 1997.

Movimento operaio e organizzazione sindacale a Roma (1860-1960). Documenti per la storia della Camera del Lavoro. Roma, Editrice Sindacale Italiana, 1976.

MUSSO, Stefano. *Scioperi e conflitto sociale durante la prima guerra mondiale.* In: *Movimento Operaio e socialista*, ano IX, n.3, 1986, pp. 459-466.

NOVELLI, Claudio; SALVATORI, Paola; "La Camera del Lavoro di Roma nella crisi dell'età liberale. 1910-1920". *Incontri Meridionali. Rivista quadrimestrale di storia e cultura*, n. 1 / 2, 1992, pp. 101-179.

ODDONE, Jacinto. *História del socialismo argentino. 1896-1911*. Buenos Aires, CEAL, 1983.

OLIVA, Gianni. "Illusioni e disinganni del volontoriato socialista: la "Legione Cipriani" nella guerra greco-turca del 1897". *Movimento Operaio e socialista*, V, n. 3, settembre-dicembre 1982, pp. 351-365.

ORTOLEVA, Peppino. "Una voce dal coro: Angelo Rocco e lo sciopero di Lawrence del 1912". *Movimento Operaio e Socialista*, IV, n.1-2, gennaio-giugno 1981, pp.5-32.

OSTI GUERRAZZI, Amedeo. "Il sindacalismo rivoluzionario in Italia (1904-1914): una bibliografia orientativa". *Rassegna di Storia Contemporanea*, n. 1, 1996, pp. 125-153.

_____. "De Ambris, l'Unione Sindacale Italiana e l'intervento", *Giornale di Storia Contemporanea*, III, n. 1, giugno 2000, pp. 38-58.

PANACCIONE, Andrea (acura di). *I luoghi e i soggetti del 1° Maggio.* Venezia, Marsilio, 1990.

PANSARDI, Marcos Vinícius. *Republicanos e operários: os primeiros anos do movimento socialista no Brasil (1889-1903).* Campinas, Dissertação de Mestrado em Ciências Políticas, Universidade Estadual de Campinas, 1993.

PARIS, Robert. "Biographies et 'profil' du mouvement ouvrier", *Babylone*, n. 4, 1985, pp. 86-109.

PARIS, Robert. "Un compagnonnage hasardeux: Alceste De Ambris". In: *Campolonghi, une vie d'exil.* Paris, 1989, pp. 27-37.

PAXTON, Robert O. "The Five Stages of Fascism", *The Journal of Modern History*, vol. 70, n. 1, March 1998, pp. 1-23.

PEPE, Adolfo. *Storia della CGdL dalla guerra di Libia all'intervento: 1911-1915.* Bari, Laterza, 1971.

_____. "Il sindacato riformista in Italia. Un problema storico", in: *Storia del sindacato. Dalle origini al corporativismo fascista.* Venezia, Marsilio, 1982, pp. 54-65.

_____. *Il sindacato nell'Italia del '900.* Rubbettino, 1996.

PERFETTI, Francesco. *Fiumanesimo, sindacalismo e fascismo.* Roma, Bonacci, 1988.

PERROT, Michelle. *Les ouvriers en grève: France, 1871-1890.* Paris, Mouton, 1974.

_____. "Lo sviluppo del movimento sindacale in Francia, forme di contrattazione e di rappresentanza. (1900-1920)", in: *Sindacato e classe operaia nell'età della Seconda Internazionale.* Firenze, Sansoni, 1983, pp. 75-92.

_____. *Jeunesse de la grève: France, 1871-1890.* Paris , Seuil, 1984.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. "Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira", in: ARAÚJO, Angela M. C. (org.), *Trabalho, cultura e cidadania: um balanço da história social brasileira.* São Paulo, Scritta, 1997.

_____. "Ainda o movimento operário como objeto historiográfico", *Anos 90*, (8), dezembro 1997.

_____; LUCAS, Maria Elizabeth. *Antologia do movimento operário gaúcho (1870-1937).* Porto Alegre, Editora da UFRGS, Tchê!, 1992.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. "Introdução", *A Voz do Trabalhador (fac-símilar).*

PINTO, Maria Inez Machado Borges. *Cotidiano e sobrevivência: a vida do trabalhador pobre na cidade de São Paulo, 1890-1914.* São Paulo, EDUSP, 1994.

PISTILLO, Michele. *Giuseppe Di Vittorio. 1907-1924.* Roma, Editori Riuniti, 1977.

PROCACCI, Giuliano. "Il movimento operaio nei primi anni del nostro secolo", in: *Storia del sindacato. Dalle origini al corporativismo fascista.* Venezia, Marsilio, 1982, pp. 20-32.

_____. *La lotta di classe in Italia agli inizi del secolo XX.* Roma, Editori Riuniti, 1992[III].

PUGLIESE, Orazio; RAPETTI, Caterina; RICCI, Giulivo. *Movimento socialista in Lunigiana tra la fine dell'Ottocento e il Novecento.* Pontremoli, Comunità Montana della Lunigiana, 1990.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar. Brasil, 1890-1930.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

_____. *Entre a história e a liberdade. Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo.* São Paulo, Editora UNESP, 2000.

RAPETTI, Caterina. *Archivi familiari. Storie, volti e documenti dell'emigrazione lunigianese.* Pontremoli, 1986

RAPONE, Leonardo. "Il sindacalismo fascista: temi e problemi della ricerca storica", *Storia Contemporanea*, luglio-ottobre 1982, pp. 635-696.

REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise.* Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RICCI, Giulivo. *Alceste De Ambris. Dal socialismo eroico di Lunigiana al sindacalismo rivoluzionario.* Aulla, Centro aullese di ricerche e studi lunigianesi, 1974.

RIDOLFI, Maurizio. *Il partito della repubblica. I repubblicani in Romagna e le origini del PRI nell'Italia liberale (1872-1895).* Milano, Franco Angeli, 1989.

_____. *Il circolo virtuoso. Sociabilità democratica, associazionismo e rappresentanza politica nell'Ottocento.* Firenze, Centro Editoriale Toscano, 1990.

_____. *Il PSI e la nascita del partito di massa: 1892-1922.* Bari, Laterza, 1992.

RIBEIRO, Maria Alice Rosa. *Condições de trabalho na indústria têxtil paulista (1870-1930).* São Paulo, HUCITEC / Campinas, Editora Unicamp, 1988.

RIOSA, Alceo. "Alcuni elementi dell'ideologia sindacalista rivoluzionaria all'indomani dello sciopero generale del 1904", *Socialismo e socialisti dal Risorgimento al fascismo.* Bari, De Donato, 1974.

_____. *Il sindacalismo rivoluzionario in Italia e la lotta politica nel Partito Socialista dell'età giolittiana.* Bari, De Donato, 1976.

_____. "Il movimento sindacalista rivoluzionario in Italia dal 1907 alla 'Settimana Rossa'", *Movimento Operaio e Socialista*, n. 1, 1979.

_____. "L'esperienza italiana", in: *Sindacato e classe operaia nell'età della Seconda Internazionale*. Firenze, Sansoni, 1983, pp. 317-358.

_____. "I miti del fascismo e le tante anime dell'apostolo Filippo Corridoni", *Ricerche Storiche*, n. 1, gennaio-aprile 1983, pp. 131-149.

_____. *Il movimento operaio tra società e stato. Il caso italiano nell'epoca della II Internazionale*. Milano, Franco Angeli, 1984.

_____. *Momenti e figure del sindacalismo prefascista*. Milano, Unicopli, 1996.

RIVERA CASTRO, José. "Le syndicalisme officiel et le syndicalisme révolutionnaire au Mexique dans les années 1920", *Le Mouvement Social*, n. 103, avril-juin. 1978, pp. 31-52.

ROBERT, Jean-Louis et al. *L'invention des sindicalismes: le sindicalisme en Europe à la fin du XIXe siècle*. Paris, Sorbonne, 1997.

RODRIGUES, Edgar. *Nacionalismo & cultura social, 1913-1922*. Rio de Janeiro, Laemmert, 1972.

_____. *Os anarquistas. Trabalhadores italianos no Brasil*. São Paulo, Global, 1984.

ROLLAND, Hugo. *Il Sindacalismo Anarchico di Alberto Meschi*. Pescara, Samizdat, 1996.

ROMANI, Carlo. "A aventura do anarquismo segundo Oreste Ristori". *Revista Brasileira de História*, v. XVII, n. 33, 1997, pp. 150-166.

_____. *Oreste Ristori: uma aventura anarquista*. Campinas, Dissertação de Mestrado em História, Universidade Estadual de Campinas, 1998.

ROMANO, Roberto. *I Crespi. Origini, fortuna e tramonto di una dinastia lombarda*. Milano, Franco Angeli, 1985.

ROMANO, Ruggiero; VIVANTI, Corrado (a cura di). *Storia d'Italia. Vol. 4. Dall'Unità a oggi. I*. Torino: Einaudi, 1975.

ROSADA, Anna. *Serrati nell'emigrazione. 1899-1911*. Roma, Editori Riuniti, 1972.

ROSOLI, Gianfausto (a cura di). *Emigrazioni europee e popolo brasiliano*. Roma, Centro Studi Emigrazione, 1987.

ROVERI, Alessandro. *Dal sindacalismo rivoluzionario al fascismo, capitalismo agrario e socialismo nel ferrarese (1870-1920)*. Firenze, La Nuova Italia, 1972.

SABA, Vincenzo. *Le esperienze associative in Italia: 1861-1922.* Milano, Franco Angeli, 1978.

SALCICCIA, Luciano. *F. Corridoni: una vita per la rivoluzione.* Corridonia, Comune di Corridonia, 1987.

SALERNO, Salvatore. *Red November, Black November. Culture and Community in the Industrial Workers of the World.* Albany, State University of New York Press, 1989.

SALOTTI, Guglielmo. "La valorizzazione del lavoro nella 'Carta del Carnaro'", *Clio*, XXVII, n. 1, gennaio-marzo 1991, pp. 85-103.

SALVATORI, Paola; NOVELLI, Claudio. "La Camera del Lavoro di Roma nella crisi dell'età liberale. 1910-1920", *Incontri Meridionali. Rivista quadrimestrale di storia e cultura*, n. 1 / 2, 1992, pp. 101-179.

SAPELLI, Giulio. "Sulla 'centralità' dell'azione sindacale nel primo quindicennio del XX secolo (Inghilterra, Germania, Francia, Italia)", in: *Sindacato e classe operaia nell'età della Seconda Internazionale.* Firenze, Sansoni, 1983, pp. 427-444.

SASSOON, Donald. *One Hundred Years of Socialism. The West European Left in the Twentieth Century.* London, Fontana Press, 1997.

SCAVINO, Marco. " 'Alla scuola rude dell'esperienza': il Partito Operaio a Torino", *Studi Storici*, n. 1, 1998, pp. 245-276.

SCHMIDT, Benito Bisso. *Uma reflexão sobre o gênero biográfico: a trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana (1868-1945).* Porto Alegre, Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

_____. "As biografias na historiografia do movimento operário brasileiro", *Anos 90*, (8), dezembro 1997.

_____. "'Na sociedade futura': uma visão utópica da cidade/sociedade socialista (Rio Grande, 1897-1898)", *História Social*, n. 6, 1999, pp. 115-134.

SEIXAS, Jacy. *Mémoire et oubli: anarchisme et syndicalisme révolutionnaire au Bresil.* Paris, Maison des Sciences de l'Homme, 1988.

SERENI, Umberto. *Il movimento cooperativo a Parma tra riformismo e sindacalismo.* Bari, De Donato, 1977.

SERENI, Umberto. *Il processo ai sindacalisti parmensi. (Lucca, Aprile - Maggio 1909).* Lucca, Maria Pacini Fazzi, 1979.

_____. "Luglio-Agosto 1914: alle origini dell'interventismo rivoluzionario", *Ricerche Storiche*, n. 2, maggio-dicembre 1981, pp. 525-574.

_____. *La piramide rovesciata. Lotte politiche e sociali in Garfagnana (1900-1915).* Lucca, Maria Pacini Fazzi, 1983.

_____. "Il sogno della rivoluzione". In: *Dietro le barricate: Parma, 1922.* Parma, Cooperativa STEP, 1983.

SFERRA, Giuseppina. *Anarquismo e anarcosindicalismo: orientações do movimento operário brasileiro. 1906-1907.* Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais e História. Piracicaba, Universidade Metodista de Piracicaba, 1982.

_____. *Anarquismo e anarcosindicalismo.* São Paulo, Ática, 1987.

SILVA, Fernando Teixeira da. "Imigração portuguesa e movimento operário no Brasil". *Acervo. Revista do Arquivo Nacional.* Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, v. 10, n. 2, julho/dezembro 1997.

_____. *Operários sem patrões: da Barcelona à Moscou Brasileira (Trabalho e movimento operário em Santos no entreguerras).* Campinas, Tese de Doutorado em História Social do Trabalho, Universidade Estadual de Campinas, 2000.

SIMÃO, Azis. *Sindicato e estado.* São Paulo, Dominus, 1966.

SIMONSEN, Roberto C. *Evolução industrial do Brasil e outros estudos.* São Paulo, Editora Nacional e Editora da USP, 1973.

Il Sindacalismo Rivoluzionario in Italia nel Periodo della Seconda Internazionale (Atti del Convegno di Studi. Piombino, 28-30 Giugno 1974). Ricerche Storiche, V, n. 1, gennaio-giugno 1975.

SMITH, Ángel. "Anarchism, the General Strike and the Barcelona Labour Movement. 1899-1914". *European Historical Quarterly*, n. 1, 1997, pp. 5-40.

SOUZA, Antônio Cândido de Mello e. *Teresina e seus amigos.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

SPINI, Giorgio. "Bruno Buozzi", in: *Sindacato e classe operaia nell'età della Seconda Internazionale.* Firenze, Sansoni, 1983, pp. 5-12.

SURIANO, Juan. *Trabajadores, anarquismo y Estado represor: de la Ley de Resistencia a la Ley de Defensa Social (1902-1910).* Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, s.d.

SZNAJDER, Mario. "The 'Carta del Carnaro' and Modernization", *Tel Aviver Jahrbuch fur deutsche Geschichte*, XVIII, 1989, pp. 439-461.

_____. "I miti del sindacalismo rivoluzionario", *Storia Contemporanea*, n. 1, febbraio 1993, pp. 21-57.

_____. "Social Revolution and National Integration: Alceste De Ambris and Italian Fascism", *Canadian Review of Studies in Nationalism*, XX, n. 1-2, 1993, pp. 57-66.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998, pp. 77-9.

TINGHINO, John J. *Edmondo Rossoni. From Revolutionary Syndicalism to Fascism*. New York, Peter Lang, 1991.

TOLEDO, Edilene T. *O Amigo do Povo: grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século*. Dissertação de Mestrado. Campinas, IFCH, Universidade Estadual de Campinas, 1993.

_____. "O sindicalismo revolucionário e a Federação Operária de São Paulo no início do século XX". *Cadernos de História Social*, n. 2, Campinas, outubro 1995.

_____. "Em torno do jornal *O Amigo do Povo*: os grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século". *Cadernos AEL*, Campinas, IFCH-Unicamp, n. 8/9, 1998.

TRENTO, Angelo. "Emigrazione italiana e movimento operaio a São Paulo, 1890-1920". In: ROSOLI, Gianfausto. *Emigrazioni europee e popolo brasiliano (Atti del Congresso Euro-Brasiliano sulle migrazioni, São Paulo 19-21 agosto 1985)*. Roma, Centro Studi Emigrazione, 1987, pp. 229-256.

_____. *Do outro lado do Atlântico. Um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo, Nobel / Istituto Italiano di Cultura di São Paulo, 1988.

VANGELISTA, Chiara. *Os braços da lavoura: imigrantes e "caipiras" na formação do mercado de trabalho paulista (1850-1930)*. São Paulo, Hucitec – Istituto Italiano di Cultura, 1991.

_____. *Dal vecchio al nuovo continente. L'immigrazione in America Latina*. Torino, Paravia, 1997.

VECOLI, Rudolph J. "Emigrati italiani e movimento operaio negli USA", *Movimento Operaio e Socialista*, XXII, n. 1-2, gennaio-giugno 1976, pp. 153-167.

_____. "Italian Immigrants and Working-Class Movements in the United States: A Personal Reflection on Class and Ethnicity". *Journal of the Canadian Historical Association*, 1993, pp. 293-305.

VERONA, António Folquito. *"O mundo é a nossa pátria": a trajetória dos imigrantes operários têxteis de Schio que fizeram de São Paulo e do bairro do Brás sua temporária morada, de 1891 a 1895*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo (USP), FFLCH, São Paulo,1999.

VEZZOSI, Elisabetta. *Il socialismo indifferente. Immigrati italiani e Socialist Party negli Stati Uniti del primo Novecento*. Roma, Edizioni Lavoro,1991.

VIAL, Éric. "La Ligue française des droits de l'homme et la LIDU, son homologue italienne, organisation d'exilés antifascistes dans l'entre-deux-guerres", *Le Mouvement Social*, n. 183, avril-juin 1998, pp. 119-134.

VITORINO, Artur José Renda. *Máquinas e operários. Mudança técnica e sindicalismo gráfico (São Paulo e Rio de Janeiro, 1858-1912)*. São Paulo, Annablume, FAPESP, 2000.

VOLKMANN, Heinrich. "Un'analisi comparata dei cicli conflittuali: 1910-1913 e 1919-1920", in: *Sindacato e classe operaia nell'età della Seconda Internazionale*. Firenze, Sansoni, 1983, pp. 119-152.

WOLFE, Joel. "Anarchist Ideology, Worker Practice: the 1917 General Strike and the Formation of São Paulo's Working Class", *Hispanic American Historical Review*, vol. 71, n. 4, november 1991, pp. 809-846.

_____. "Response to John French", *Hispanic American Historical Review*, vol. 71, n. 4, november 1991, pp. 856-858.

ZANGHERI, Renato (a cura di). *Storia del Primo Maggio*. Repubblica di San Marino, AIEP, 1990.

_____. *Storia del socialismo italiano. I: Dalla rivoluzione francese a Andrea Costa*. Torino, Einaudi, 1993.

_____. "Cento anni di socialismo in Italia", *Annali dell'Istituto Gramsci dell'Emilia Romagna, I, 1992-1993*. Bologna, 1993.

_____. *Storia del socialismo italiano. II: Dalle prime lotte nella Valle Padana ai fasci siciliani*. Torino, Einaudi, 1997.

_____. "Il socialismo e l'identità regionale", in: Montanari, Massimo; Ridolfi, Maurizio; Zangheri, Renato (a cura di). *Storia dell'Emilia Romagna, V: Il Novecento*. Bari, Laterza, 1999, pp. 25-36.

ZARAGOZA RUVIRA, Gonzalo. "Anarquisme et mouvement ouvrier en Argentine à la fin du XIXe Siècle". *Le Mouvement Social*, n. 103, avril-juin. 1978, pp. 7-30.

ANEXOS

p. 437 – Alceste De Ambris

p. 438 – De Ambris, no centro da foto, durante comício na Itália

p. 439 – Estandarte da *Camera del Lavoro* de Parma e província

p. 440 – De Ambris em conferência para operárias na Itália

p. 441 – Retorno de De Ambris à Itália em 1913

p. 442 – De Ambris no Brasil

p. 443 – Tradução para o italiano do opúsculo de Griffuelhes, secretário da CGT

p. 444 – Opúsculo onde De Ambris resumiu suas idéias sobre o sindicalismo revolucionário

p. 445 – *L'Internazionale* de Parma.

p. 446 - *L'Internazionale*, com informações sobre assinatura do Brasil

p. 447 – Cartaz anunciando conferência de De Ambris na Itália, em 1908

p. 448 – De Ambris em um de seus exílios na Suíça

p. 449 – Caricatura de De Ambris vestido de soldado

p. 450 – Carta do Ministério do Interior italiano comentando a presença de De Ambris em São Paulo em 1909.

p.451- Telegrama da Polícia de Milão sobre conversa de De Ambris, 1916.

p. 452 - Carta de De Ambris, interceptada, onde ele afirma sua distância do fascismo

p. 453 – Decreto real que tirou a cidadania a De Ambris

p. 454 – Jornal em memória de De Ambris

p. 455 – Operários da fábrica Crespi, em São Paulo

p. 456 – *A Lucta Proletaria*, jornal da FOSP

p. 457 – *A Lucta Proletaria* – Aviso de reuniões das ligas

p. 458 – Apelo da FOSP no dia Primeior de maio de 1909

p. 459 – Folheto sobre greve de tecelões

p. 460 – Liga de resistência entre Trabalhadores em veículos e a luta pelas oito horas

p. 461 – A FOSP e a campanha pelas oito horas.

p. 462 – Edmondo Rossoni

p. 463 – Carta de Rossoni no *Fanfulla*

p. 464 – Carta que Rossoni enviou a Teresina Carini

p. 465 – De Ambris, Filippo Corridoni e Benito Mussolini em 1915

p. 466 – A mesma foto, publicada em livro sobre Corridoni, durante o fascismo, sem De Ambris

p. 467 – Simbolo e mote da cidade de São Paulo

p. 468 – Símbolo e mote dos legionários de Fiume

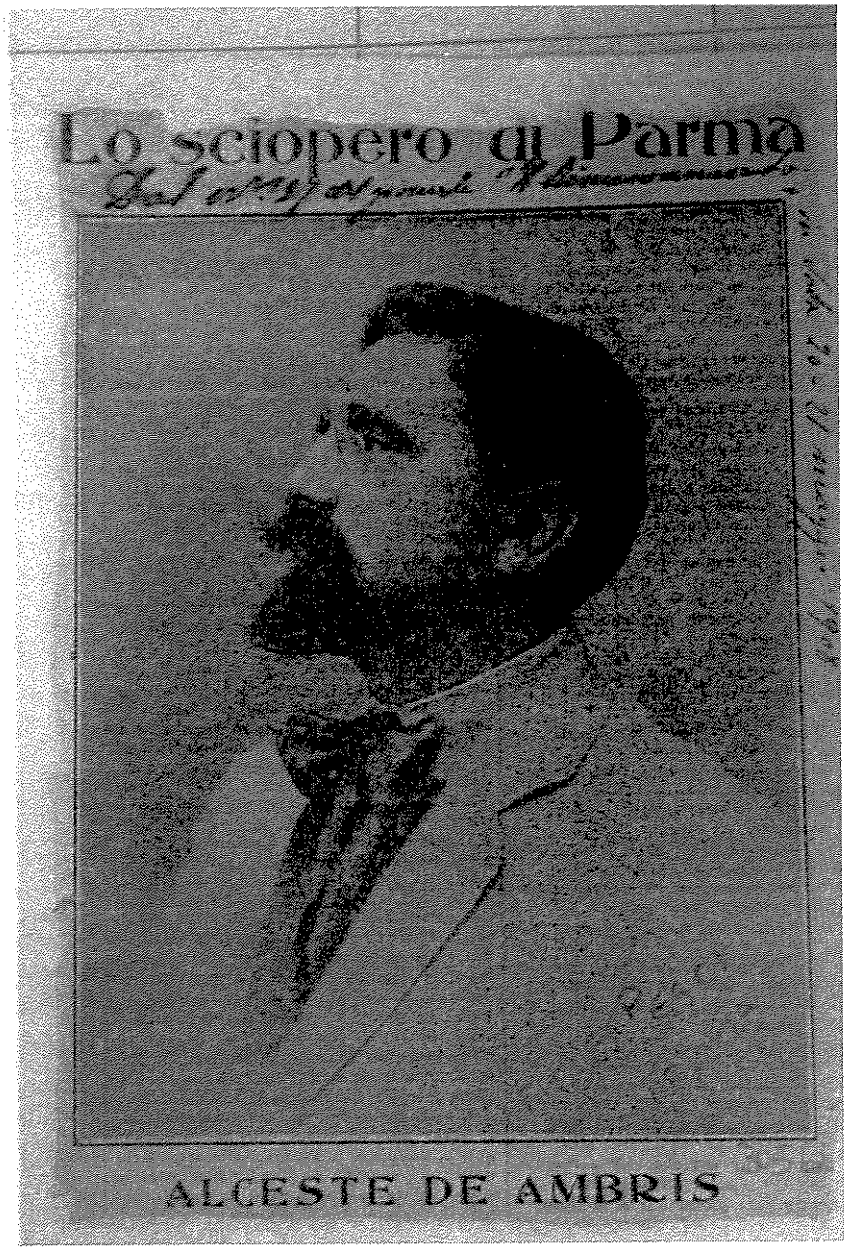
p. 469 – Barricadas em Parma, contra os fascistas, em 1922.

p. 470 – Estátua de Filippo Corridoni

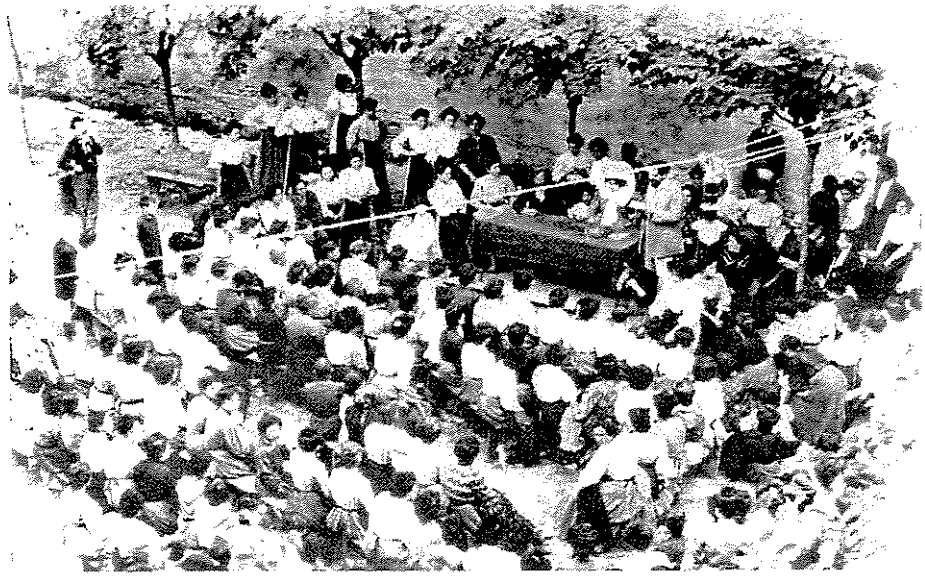
p. 471 – Fascio de São Paulo: Filippo Corridoni

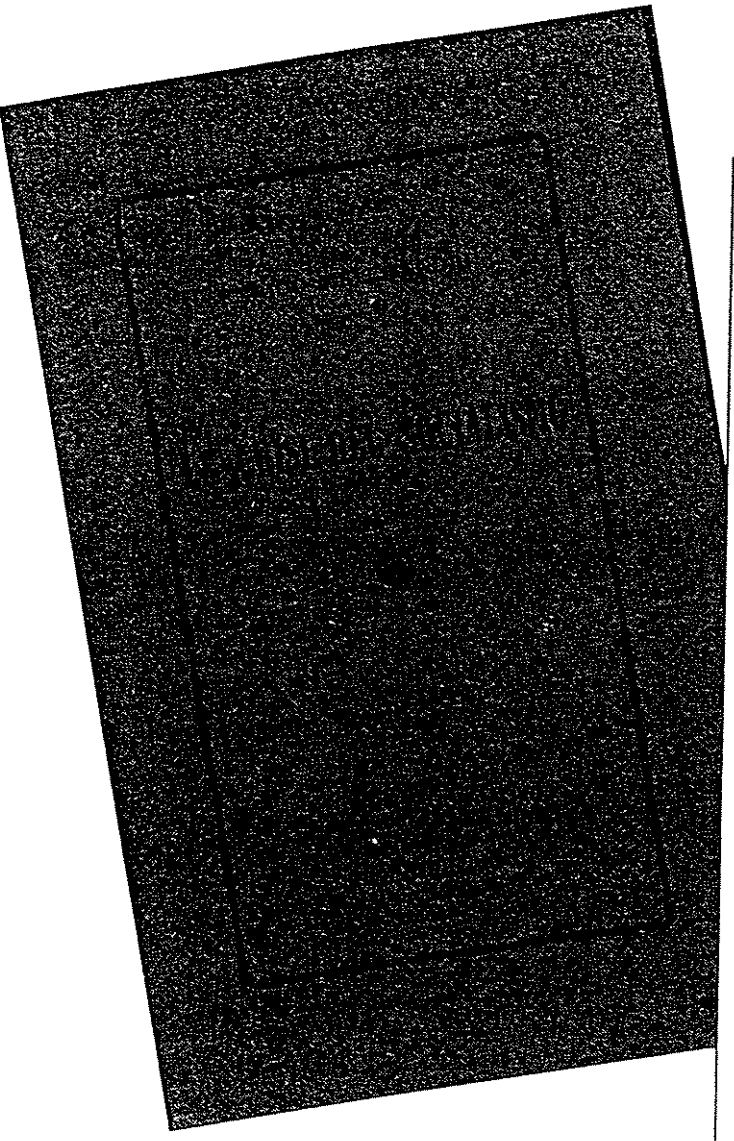
p. 472 – Filippo Corridoni

p. 473 – Capa do livro de Corridoni: *Sindacalismo e Repubblica*


Lo sciopero di Parma
ALCESTE DE AMBRIS

Disegno del pittore P. NOMELLINI





BIBLIOTECA
SINDACALISTA
de "La Voce Proletaria,,

IL

SINDACALISMO RIVOLUZIONARIO

DI

VICTOR GRIFFUELHES

Segretario Generale de la "Confederazione Generale del Lavoro" francese.

PIACENZA - Novembre 1906
COOPERATIVA TIPOGRAFICA PIACENTINA
Via del Tarocco, 13

R. BIBLIOTECA PALATINA
MISC. PARM.
A
1552
PARMA

L'AZIONE DIRETTA

Pagine di propaganda elementare sindacalista

di

Alceste DE AMBRIS

R. BIBLIOTECA PARMA

PARMA 1907
TIPOGRAFIA
COOPERATIVA

(1908)

Misc. 172. A. 35.
REALE BIBLIOTECA DI PARMA

ANNO III - N. 94 — 8 Febbraio 1913 — Conto corrente colla Posta

L'INTERNAZIONALE

PERIODICO DI PROPAGANDA E DI AZIONE SINDACALE

ABBONAMENTI PER L'ITALIA
Un anno . . L. 4,00 — Sei mesi . . L. 2,00
Tre mesi . . • 1,00 — Sostenitore . • 5,00
UNA COPIA: cent. 5 in tutta Italia

EDIZIONE PER L'ITALIA E PAESI EUROPEI
ESCE IL SABATO MATTINA
Redazione e Amministrazione: CAMERA DEL LAVORO - PARMA

ABBONAMENTI PEI PAESI EUROPEI
Un anno . . fr. 6,00 — Sei mesi . . fr. 3,00
Quattro mesi . • 2,00 — Tre mesi . . • 1,50
UNA COPIA: cent. 10 in tutti i paesi europei

LA FRONDA RIFORMISTA
E IL CONTEGNO DELL'"AVANTI,,

Comincia di nuovo a tirar vento di fronda, tra le fila del Partito Socialista.

Questa volta, però, è fronda riformista. Le audacie — anche se puramente verbali — della frazione riuscita vittoriosa a Reggio Emilia, preoccupano gli spiriti saggi che per oltre un decennio avevano improntato di sè il socialismo ufficiale italiano. L'atteggiamento sbarazzino dell'*Avanti!* e del suo direttore, in occasione dei recenti eccidi proletari, la pazienza formidabile [illegible] poco significativo [illegible] Turati al Comizio tenuto domenica scorsa alla Casa del Popolo di Milano, [illegible] Turati non può essere soddisfatto. Ripete lo stesso articolo nella Critica [illegible] prof. [illegible] Mussolini sull'*Avanti!*

Non sono soddisfatti, non possono essere soddisfatti. Il discorso di Turati al Comizio di Milano è stato tutt'una filippica contro le « spampanate » rivoluzionarie e contro lo sciopero generale. Gli deputato del quinto collegio ha « gravato la sua costienza » ritattando punto per punto quanto, in queste ultime settimane, è stato detto e scritto dai rivoluzionari in nome e per conto del partito.

Queste prime avvisaglie sono estremamente significative e dicono che pel socialismo ufficiale italiano si riapre una era di intestine discordie, con la ripresa dell'attività riformista.

Dichiariamo subito che a noi questa faccenda interessa molto. Non già che ci prema di vedere i socialisti accapigliarsi fra loro; ma perchè nutriamo la speranza che la nuova levata di scudi del riformismo valga a chiarire una situazione che si andava facendo maledettamente falsa ed equivoca.

In verità i propositi scioperogeneralisti ed insurrezionali fatti dai rivoluzionari col tacito assenso di tutti coloro che diffamarono lo sciopero generale ed ogni atto di sana violenza proletaria, ci facevano lo sforzo di una demagogia bottegaia assai poco simpatico. Il contegno dell'*Avanti!* riusciva poi a confermare il dubbio insinuatosi nell'animo nostro che si trattasse d'un mezzuccio da politicanti per riacquistare la perduta fiducia della massa.

Come non essere scettici di fronte al nuovo atteggiamento del partito, quando si vedeva l'organo ufficiale di questo boicottare rigorosamente tutte le notizie di quei fatti che erano l'affermazione pratica e positiva della tattica che il [illegible] andava predicando? Basterà non [illegible] che [illegible] ha non si sente mai una voce [illegible] contro [illegible] che hanno prostituito il mandato [illegible] geloso [illegible] loro affidato [illegible] per [illegible] persi [illegible] strumenti di vendette odiose o di complicità vergognose.

Sembra che anche fra gli stessi sovversivi esista una tacita intesa per mettere sempre la persona del giudice fuori causa. I più avanzati presumono [illegible] aver esaurito il loro compito quando [illegible] la sono presa con l'istituto giuridico e col codice, negando il diritto di punire e magari anche quello della difesa sociale. I più timidi fanno dell'evangelicismo... scientifico: il giudice non è che una delle tante espressioni della cattiva organizzazione sociale. Rivolgersi contro di lui è fare dell'empirismo inconseguente. Bisogna riformare tutta la società e poi...

Ottime ragioni, senza dubbio — tanto quelle dei primi come quelle dei secondi —; ma col difetto capitale di non avere alcuna efficacia pratica di fronte alle necessità dell'ora in cui viviamo. Cosicchè mentre s'attende di riformare *ab imis* la società, e di far *tabula rasa* del codice, i giudici continuano pacificamente — e continueranno per un pezzo — a pronunziare delle sentenze che sono delle mostruosità, *anche in relazione alle stesse leggi che dovrebbero applicare.*

Ora, questo è il punto sul quale richiamiamo l'attenzione dei lettori: Non c'è dubbio che sarebbe ingiusto chiamare il magistrato personalmente responsabile dell'applicazione d'una legge, anche infame. Quando il magistrato si limita a questa funzione del Codice Penale, in modo da rendere impossibili simili infamie.

La legge attuale sulla diffamazione è l'impedimento assoluto al diritto di pubblica censura, è un ipocrita bavaglio messo alla stampa. Solo un popolo che non ha coscienza di quel che sia la libertà, solo un popolo degno del basto e del bastone può sopportarla.

LA VOCE PROLETARIA

Mai come in questo processo la prova dei fatti denunciati fu raggiunta piena e luminosa; mai come in questa occasione la rampogna giornalistica apparve più doverosa e giustificata; sicchè una sentenza di assoluzione non avrebbe potuto che farci capo per [illegible] che [illegible] alla verità.

Ma poichè alla gaiezza [illegible] vedemmo un manzoniano [illegible] sui banchi dell'accusa gli uomini di un giornale di battaglia antiborghese, per i ruffiani della toga e per i mistificatori della giustizia il giudizio doveva essere avverso. Per questo il linciaggio contro l'Internazionale fu sabato sera compiuto impunemente senza un sol moto di esitazione [illegible]

L'IDEA

Indubbiamente il processo si presentava borghesemente grave. La magistratura parmense doveva giudicare dei militari accusati da un foglio sindacalista e doveva anche salvare l'onore della istituzione tirata in ballo dalla querela del generale Vercellana. L'imbarazzo per la magistratura era serio perchè poteva mettersi sulla necessità di dover assolvere il gerente dell'Internazionale condannando così moralmente militari ed esercito. Ma l'imbarazzo fu di lieve momento e la magistratura non esitò a condannare il gerente salvando l'esercito dall'accusa di mantenere degli aguzzini dei poveri soldati. Perdio, dopo l'impresa di Tripoli è proibito supporre questo! Se invece, per caso, imputato fosse stato un foglio borghese querelato da una Camera del Lavoro con gli elementi che sono emersi dal processo Vercellana-Internazionale, la magistratura non avrebbe esitato a dichiarare raggiunta la prova dei fatti oppure ad assolvere per mancanza di dolo avendo il giornale adempiuto il suo compito di raccoglitore d'avvenimenti.

IL MARTELLO

Dalle deposizioni e dalle risultanze processuali, chiaro e lampante risultò che quanto l'Internazionale pubblicò era verità, e che il povero soldato Veronesi fu spinto ad attentare alla sua vita gettandosi dalla finestra, dalle continue persecuzioni del maresciallo Sguarino, il quale indubbiamente è il prototipo dell'aguzzino di caserma!

Però come sempre dalla giustizia borghese non può attendersi giustizia, non valgon per essa prove ed accuse contro i punteriti di questa odiata società, ed il mostro militarista *tale deve ritenersi.*

L'AVVENIRE DEL LAVOR.

Io non commento una simile sentenza. Troppo aspre parole ci vorrebbero per esprimere tutto lo sdegno e lo schifo per l'abbietto servizio che la toga ha reso alla sciabola. Io dico invece soltanto che quest'ultima mostruosità giudiziaria deve darci la volontà e la spinta per un'agitazione che imponga la modifica-

Contro gli eccidi

QUELLI CHE ASSOLVONO E QUELLI CHE PREMIANO

I giudici sono degli uomini fortunati. Commettono le peggiori infamie e nessuno pensa mai, neppure lontanamente a chiederne loro conto. Dopo qualche sentenza viva delle altre clamorosamente inique seguite [illegible] e [illegible] contro [illegible] non si sente mai una voce [illegible] contro [illegible] che hanno prostituito il mandato [illegible] geloso [illegible] loro affidato [illegible] per [illegible] persi [illegible] strumenti di vendette odiose o di complicità vergognose.

Sembra che anche fra gli stessi sovversivi esista una tacita intesa per mettere sempre la persona del giudice fuori causa. I più avanzati presumono [illegible] aver esaurito il loro compito quando [illegible] la sono presa con l'istituto giuridico e col codice, negando il diritto di punire e magari anche quello della difesa sociale. I più timidi fanno dell'evangelicismo... scientifico: il giudice non è che una delle tante espressioni della cattiva organizzazione sociale. Rivolgersi contro di lui è fare dell'empirismo inconseguente. Bisogna riformare tutta la società e poi...

Ottime ragioni, senza dubbio — tanto quelle dei primi come quelle dei secondi —; ma col difetto capitale di non avere alcuna efficacia pratica di fronte alle necessità dell'ora in cui viviamo. Cosicchè mentre s'attende di riformare *ab imis* la società, e di far *tabula rasa* del codice, i giudici continuano pacificamente — e continueranno per un pezzo — a pronunziare delle sentenze che sono delle mostruosità, *anche in relazione alle stesse leggi che dovrebbero applicare.*

Ora, questo è il punto sul quale richiamiamo l'attenzione dei lettori: Non c'è dubbio che sarebbe ingiusto chiamare il magistrato personalmente responsabile dell'applicazione d'una legge, anche infame. Quando il magistrato si limita a questa funzione del suo ufficio il giudice non è che un ilota come tanti altri compelativa famiglia e con tutti i bisogni di vita [illegible] che hanno [illegible] i parassiti e le canaglie. Hanno [illegible] voce. Colla scusa del [illegible] dei danni [illegible] fronzoli [illegible] vita del giornale [illegible] taglierà anche la tipografia. Ma l'ultima parola non è stata ancor detta. E qualunque possa essere, L'Internazionale non deve morire, vuole morire. Abbiam fede [illegible] sacrificio degli umili. [illegible] tutta la nostra solidarietà al compagno parmense [illegible]

La sanzione

Per la nostra difesa, l'atto infame del giudice che — assolvendo [illegible] coraggio gli scherani della borghesia [illegible] [illegible] [illegible]

L'INTERNAZIONALE

Periodico di propaganda e di azione sindacale

Direttore: ALCESTE DE AMBRIS

Esce tutte le settimane e pubblica in ogni numero articoli e corrispondenze riguardanti le colonie italiane in America, trattando il problema emigratorio dal punto di vista operaio.

Abbonamenti speciali per l'Estero:

	Anno	Semestre
Europa	**5** franchi	**3** franchi
Nord-America	**2** dollari	**1** dollaro
Brasile	**8** milreis	**4** milreis
Argentina	**4** pesos	**2** pesos
Altri paesi fuori d'Europa .	**10** franchi	**5** franchi

Inviare vaglia a: **De Ambris Alceste** - Casella 2878 - **LUGANO-CASSARATE** (Svizzera).

Abbonamento per l'Italia: Anno L. **3** - Semestre L. **1.50**

Inviare vaglia alla **Camera del Lavoro** di **Parma.**

CAMERA DEL LAVORO DI PARMA E PROVINCIA

Leghe di S. Andrea di Torrile

Domenica 12 corr. alle ore 13,30

avrà luogo l'**Inaugurazione della**

Bandiera delle Leghe riunite di questo

paese. In tale occasione il compagno

Alceste De Ambris

ed altri terranno una **PUBBLICA**

CONFERENZA sul tema:

L'organizzazione

Proletaria

Terminata la Conferenza avrà principio una pubblica

FESTA DI BALLO

rallegrata dal CONCERTO CANTONI in apposito FESTIVAL.

Nessuno manchi. IL COMITATO

Parma, 1908 — Tipografia Lega Parmense

4) *Inaugurazione della bandiera delle Leghe di S. Andrea di Torrile. 12 aprile 1908.*

I « profughi » a Lugano.

Caricatura di Alceste De Ambris in divisa da artigliere

152

MINISTERO
DELL'INTERNO

DIREZIONE GENERALE DELLA P.S.

UFFICIO RISERVATO

N° 6135

Riscontro alla lettera
del
N°

Oggetto

DE AMBRIS Alceste, sindacalista.

Signor Prefetto
.....

(Copia per lo Schedario)

(Riservata)

Roma 5 aprile 909

Copia del rapporto pervenuto dal Ministero di S. Paolo (allegato al N° 6135 del 5 aprile 909) redatto al proposito di cambi Alceste

~~Per opportuna informazione ed eventuale corrispondenza, le comunico alla S.V. il seguente rapporto trasmesso dal R° Console Generale a S. Paolo (Brasile) e riguardante il controindicato forestiero~~

"Ebbi già l'onore di segnalare a codesta Onorevole Direzione Generale la venuta in S. Paolo del controscritto sovversivo e la di lui assunzione all'ufficio di direttore del giornale "La Tribuna Italiana".

"Stimo ora opportuno di far seguire altre notizie che portino a qualificar meglio la detta persona nella nuova fase della sua vita pubblica in queste regioni.

"Alceste De Ambris, amico intimo e antico compagno in teorie sovversive del Signor Vitaliano Rotellini (oggi uomo d'ordine in grazia di una felice situazione finanziaria saputasi conquistare) fu da questi invitato a tornare in Brasile nella contingenza del forzato esilio dall'Italia dopo il memorabile sciopero sindacalista del Parmense, le conseguenti condanne e i processi in corso.

Al

On. Ministero dell'Interno

Direzione Generale della P.S.

ROMA

Bollo dell'Ufficio Postale di partenza

Mod. 25 ter Serv. Elett.

TELEGRAMMA-ESPRESSO DI STATO

Ministero Interno

AUTORITÀ MITTENTE	DATA				
	Giorno	Mese	Anno	Ora	Minuti
Regia Prefettura di Milano	18	4	1916		

n.3557- Sul treno elettrico Milano-Monza, sere sono da persona che fingeva di ~~dormire e che ne ha riferito alla locale Autorità di P.S. venne sopresa una~~ conversazione tra l'On. De Ambri ed il Bianchi Michele, segretario dei Fasci ~~Rivoluzionari interventisti. Il Bianchi chiedeva istruzioni al De Ambri sul da~~ farsi, e questi dichiarava che le cose volgevano ora nel miglior modo; che il ~~malcontento era abbastanza vivo, ma che il momento non era ancora certo venuto~~ per provocare dissidi fra il popolo armato ed il Governo. Il De Ambri soggiunse che, ~~dato il modo col quale procede la guerra, e considerato che essa si tra~~scinerà ancora a lungo, tutto lasciava ragione di ritenere che, fra non molto le condizione delle classi meno abbienti ed il disagio economico, non sorretti da vittorie di qualche rilievo e da speranze per l'avvenire, renderanno possibile di contare sopra una orientazione precisa delle masse e, quindi, sopra movimenti impulsivi del genere di quelli verificatisi nel 1898!- Noi, egli diceva, e sottolineava bene le parole, dobbiamo piuttosto lavorare l'esercito; i soldati, a suo tempo, quando avranno visto quale frutto raccolgono le classi lavoratrici, non saranno certamente monarchici. E questo che dobbiamo fare! Niente, quindi, movimenti intempestivi, ma attesa fiduciosa nel crearsi inevitabile di un moto, che penseremo a disciplinare a suo tempo. Il Bianchi, entusiasta, conveniva nelle idee del De Ambri. I due poi continuarono a parlare sotto voce e quasi nell'orecchio, senza fare intendere altro. Quanto sopra riferisco a codesto On. Ministero per opportuna notizia nel caso avesse a carico del De Am-

Vedasi a tergo le avvertenze importantissime.

Signore,credo che possa interessarvi di conoscere la seguente lettera:

Signor Livio Ciardi,

mi si riferisce che in Italia si fa circolare la voce che il governo fascista avrebbe intavolato con me delle "trattative" per mercatare il "mio inserimento",dietro equo compenso - non so bene se in denaro o sotto altra forma - e che voi avete confidato a qualcuno che tali "trattative" sarebbero ormai "a buon punto".Beato voi, che la sapete tanto lunga,in materia,mentre io non ne so niente del tutto.

Mi dispenserei dallo smentire la diceria,se non credessi di scorgerne lo scopo:Mi qui a qualche tempo,quando i fatti avranno dimostrato ch'io non sono disposto a voltar casacca,sono bene certo che si farà circolare un'altra voce,affermando che il mio "inserimento" non é avvenuto perché volevo farmelo pagare a un prezzo troppo alto.

Trame di questo genere,ordite per disonorare chi non potete impaurire né corrompere,sono nel vostro stile,di ulilievi gesuiti,ma i gesuiti sono assai più esperti e non lasciano scorgere così facilmente la vostra insidia.Per avventura la vostra insidia,invece,a me basta d'affermare fin d'ora - come faccio - che la voce delle trattative é sfrontata menzogna.

Non ho avuto neppure bisogno di respingere qualsiasi tentativo d'approccio,perché il fascismo ha capito ch'io di certo pane non nemangio,dopo il rifiuto da me opposto alle offerte fattemi più volte, nel '23 e nei primi mesi del '24.Da allora sono stato finalmente in pace,ed é questa l'unica gratitudine che debbo al fascismo.

Fui e sono nemico del fascismo per necessità organica e per dovere morale.Tale resterò fino al mio ultimo respiro anche se,nella mia irriducibile ostilità dovessi restar solo e senza speranza.Questo dissi quando il fascismo era nella sua parabola ascendente:non ho proprio ragione di mutare ora,mentre il fascismo precipita a rovina.

Spero d'essere stato chiaro e - come direbbe il vostro duce - inequivocabile.V'avverto poi che manderò copia di questa lettera agli amici e ai nemici di cui ho l'indirizzo,in Italia.

Parigi, 2 novembre 1930

Alcide de Gasperi

I BANDITI

Regio Decreto 30 settembre 1926, n. 1743.

Inflizione della perdita della cittadinanza italiana con la confisca dei beni a De Ambris Alceste.

VITTORIO EMANUELE III

PER GRAZIA DI DIO E PER VOLONTÀ DELLA NAZIONE

RE D'ITALIA

Sulla proposta del nostro Ministro Segretario di Stato per gli affari dell'interno, di concerto col Ministro per gli affari esteri;

Vedute le considerazioni svolte dalla speciale Commissione istituita con l'articolo unico della legge 31 gennaio 1926, n. 108, e da cui rilevasi che **DE AMBRIS ALCESTE** *fu Francesco, già processato per ben 29 volte, con 18 condanne, per diffamazione, diserzione, incitamento alla disobbedienza delle leggi, alla rivolta contro i poteri dello Stato, all'odio fra le classi, oltraggio; trasferitosi a Parigi, dopo la Marcia su Roma, iniziò la pubblicazione di un libello « La Voce del Profugo », prese parte all'organizzazione delle « Legioni Garibaldine », fondò poi a Tolosa il settimanale « Il Mezzogiorno », è collaboratore del giornale « Il Corriere degli Italiani » e dovunque, con la stampa, con la parola, in pubblici comizi, ed svolgendo opera deleteria, eccitando i connazionali ad assumere la cittadinanza francese, ed a negare ogni aiuto per la ricostruzione economica dell'Italia, cercando di creare sospetti e diffidenze in Francia, con l'attribuire al Governo Fascista il proposito di muovere guerra alla Nazione vicina, invocando infine un fronte unico internazionale contro il Fascismo, dipinto come pericolo per la pace, da debellarsi con l'azione armata;*

Atteso che la Commissione ha, di conseguenza, espresso a voti unanimi il parere che a carico di De Ambris Alceste fu Francesco, sia inflitta la perdita della cittadinanza con la confisca dei beni eventualmente posseduti, per avere con la sua opera all'estero arrecato grave danno al buon nome e al prestigio dell'Italia;

Vista la legge 13 giugno 1912, n. 555 sulla cittadinanza, nonchè la citata legge 31 gennaio 1926, n. 108, che apporta a quelle modifiche ed aggiunte;

Abbiamo decretato e decretiamo:

A De Ambris Alceste fu Francesco e fu Ricci Valeria, nato il 16 settembre 1874 a Licciana, è inflitta la perdita della cittadinanza italiana con la confisca dei beni eventualmente posseduti.

Il Prefetto di Massa e Carrara è incaricato di ogni ulteriore incombente agli effetti dell'esecuzione del presente decreto.

Ordiniamo che il presente decreto, munito del sigillo dello Stato, sia inserto nella raccolta ufficiale delle leggi e dei decreti del Regno d'Italia, mandando a chiunque spetti di osservarlo e di farlo osservare.

Dato a San Rossore, addì 30 settembre 1926.

VITTORIO EMANUELE

MUSSOLINI-FEDERZONI

Nota. - Unitamente ad Alceste de Ambris subivano la stessa condanna Bazzi Emilio, Cazzani Ettore, Donati Giuseppe, Fasciolo Arturo, Frola Francesco, Grimaldi Giulio, Pedrini Adelmo, Pistocchi Mario, Rocca Massimo, Rossi Cesare, Salerno Aldo, Salvemini Gaetano, Ciccotti Francesco, Triaca Ubaldo.

Parma, 9 dicembre 1947 — Una copia L. 20

ARCHIVIO G. PIRELLO

In memoria di

Alceste De Ambris

Numero unico edito a cura degli amici nell'anniversario della morte

Ai lavoratori

A voi, e specialmente ai compagni di Parma e provincia, dedichiamo queste pagine. Leggetele, senza preconcetti: vi faranno conoscere, o ricordare, la vita, le opere, il pensiero di un Uomo che ci fu sinceramente amico, di uno strenuo difensore di ogni causa giusta ed umana, di un educatore, che volle creare in noi la coscienza del dovere e del diritto, armonizzando in un tutto inscindibile la Libertà con l'Associazione, la Patria con l'Umanità.

Molti anni fa ALCESTE DE AMBRIS venne a Parma a dirigere la nostra Camera del Lavoro. Ci portava la parola del sindacalismo rivoluzionario, che aspira a far di noi degli uomini liberi, non asserviti alla prepotenza e allo sfruttamento del padrone e dello Stato.

Visse fra noi, fraternamente; non cercò voti, applausi, impieghi ben retribuiti. Non ci adulò mai. Si rivolse al nostro spirito, più che al nostro stomaco; parlò di pane, ma anche di idee; rimase fermo al suo posto di battaglia, sino a che, braccato dalla polizia, andò esule a diffondere per il mondo la sua parola di redenzione.

Era un Uomo, non un Dio, per cui commise errori e qualche volta si ingannò. E se nel tumulto della passione la sua parola potè trascendere, lo assolse il suo infinito

LA VITA E LE OPERE

Alceste De Ambris nacque a Licciana (Lunigiana) il 15 settembre 1874. Licciana, definita dal poeta Ceccardo Roccatagliata Ceccardi, « piccolo nido di grandi eroi », si chiama ora Licciana-Nardi, perchè vi nacque Amerigo Nardi, fucilato a Cosenza, insieme ai fratelli Bandiera, nel luglio 1844.

Negli anni dell'adolescenza, De Ambris si iscrisse al partito socialista, e partecipò al primo Congresso tenuto a Genova nel 1892. Diresse il periodico « *La Terra* » che usciva a Pontremoli, e non ancora diciottenne ebbe la sua prima condanna per reato di stampa.

Studiò legge all'Università di Parma, non tralasciando di prendere parte attiva alla vita politica e sociale della città e della provincia.

Chiamato alle armi, fu sottoposto a rigorosa vigilanza, diffidato e minacciato di internamento in una Compagnia di disciplina, d'infame memoria.

Era ancora sotto le armi, quando Ricciotti Garibaldi, Antonio Fratti ed altri, chiamarono la gioventù italiana a combattere per la libertà della Grecia. Tentò di disertare per raggiunge quegli eroi, ma fu arrestato e imprigionato.

Appena congedato, tornò a Parma a riprendere i suoi studi, che fu costretto a interrompere nel maggio 1898, perchè colpito da mandato di cattura.

Siamo alla tragica settimana di sangue, che costituì per la monarchia di Savoia uno dei tanti titoli d'infamia. De Ambris in quei giorni fu richiamato alle armi, in servizio di polizia. Il mandato di cattura aggravava la sua posizione. Piuttosto che andare contro il popolo, fuggì, varcò il confine francese, portando con sè una condanna per diserzione.

Per le vie del mondo.

A Marsiglia vive lavorando nelle calate del porto, ed impara così a conoscere per esperienza gli aspetti più duri e penosi del lavoro manuale.

[illegible] direzione di un grande giornale di informazioni: « *La Tribuna Italiana* », tornò a S. Paulo del Brasile. Avendo per contratto piena libertà per l'indirizzo del giornale, ne fece subito un vivacissimo organo a fondo rivoluzionario, combattendo molte belle campagne in difesa dei lavoratori, finchè, sollecitato troppo premurosamente dai proprietari, che pretendevano di attenuare la combattività del giornale, ruppe il vantaggioso contratto che lo legava, e fondò un settimanale « *La Scure* » con il quale continuò la inflessibile opera che lo rese caro a tutto il proletariato italiano emigrato nel Brasile.

Nella primavera del 1911 tornò dall'America e si stabilì a Lugano, dove assunse la direzione del movimento sindacalista italiano [illegible]

slavi, anglosassoni, contro gli Unni che sognavano di schiacciare sotto il tallone di ferro la civiltà del mondo.

Si arruolò volontario, e fece la guerra, modestamente, come semplice caporale.

Fiume.

1920: Fiume. Credo che sia ancora presto per dare un giudizio imparziale sull'impresa fiumana, ma ci sono alcuni fatti importanti che depongono a favore di essa. Anzitutto, il fatto nazionale, sul quale, oggi, siamo tutti d'accordo. Fiume è città italiana, e dopo la guerra, i fiumani, col voto plebiscitario dell'ottobre 1918, avevano chiesto l'annessione della loro città all'Italia. Le potenze dell'Intesa volevano farne uno Stato indipendente, sotto la sorveglianza della polizia inglese...

Fu allora, nella notte di Ronchi, che D'Annunzio, con poche centinaia di granatieri, occupò la città. Quell'atto consacrava, con le armi alla mano, il principio di autodecisione dei popoli e il loro diritto all'indipendenza.

De Ambris, soldato di tutte le cause giuste, andò a Fiume: fu nominato capo di gabinetto di D'Annunzio, e compilò la sostanza della Carta del Carnaro, che il Poeta rivestì di una forma italianissima.

Ma l'importanza dell'impresa fiumana sta anche nel fatto che se essa fosse stata aiutata e seguita dai partiti antimonarchici, avremo avuto sin dal 920 una Marcia su Roma, e probabilmente una repubblica democratica e sociale, e avremmo evitati gli orrori della dominazione fascista e di una guerra spaventosa.

E noi preghiamo coloro che ancora non hanno capito che cosa fu e che cosa poteva essere, nelle sue conseguenze, l'impresa fiumana, a *leggere in queste pagine il giudizio di alcuni socialisti e comunisti, e il pensiero di Lenin.*

Durante il fascismo.

Agli albori del fascismo, De Ambris combattè risolutamente i nuovi barbari, ma

Il suo sindacalismo

Quando si vuole dare un giudizio sereno e sincero su di una dottrina, non si deve risalire al passato remoto, ma alle sistemazioni, alle interpretazioni di essa nel periodo in cui si scrive. Le dottrine, man mano che si svolgono e si inoltrano nel tempo, si spogliano degli errori e degli anacronismi che le accompagnano nel sorgere, e si intonano, si adeguano ai tempi nuovi.

Non c'è nulla di male a cambiare, a modificare le proprie idee, quando lo si fa con coscienza e buona fede: il male è nell'immobilità cieca, stupida, che, occorrendo, non ci dà il coraggio di confessare: ho sbagliato.

Questo coraggio lo ebbe Alceste De Ambris, e se le sue idee subirono delle variazioni, attraverso il tempo e gli avvenimenti, egli restò sempre qual'era: un vero rivoluzionario, una coscienza diritta, un grande amico del proletariato.

Il sindacalismo, per lui, non fu quello esclusivista di prima: rigidamente classista, antinazionale, antipatriottico, indifferente dinnanzi alle questioni politiche: non invano due guerre mondiali erano venute a sconvolgere il mondo, e a correggere nella sua mente aperta a tutte le innovazioni, le idee in cui prima fermamente credeva. Egli scriveva:

« Nella scelta dei nostri atteggiamenti la realtà soltanto deve guidarci: non le teorie e le formule, che sono sempre relative e caduche a paragone del valore assoluto ed eterno dei fatti, i quali ci impongono il dovere di correggerle se si dimostrano arbitrarie o superate ».

Il sindacalismo a cui De Ambris [illegible]

ANNO II — S. PAULO, (Brasil) 1.º de MAIO DE 1907 — NUMERO 6

A LUCTA PROLETARIA

Operarios! Somos pequenos porque estamos divididos. Levantemo-nos!

Orgam da Federação Operaria do Estado de S. Paulo

Endereço: TRAVESSA DA SÉ, 2 — (sobrado)

Proletarios de todo o mundo. Uni-vos!

Federação Operaria de São Paulo

1.º DE MAIO

Companheiros,

Como todas as cousas deste mundo onde tudo é mentira, hipocrisia, jesuitismo, o **1.º de Maio** vai perdendo pouco a pouco o seu primitivo caracter puro, assumindo o de uma simples manifestação festeira.

Hà companheiros que levantam no dia de hoje hinos ao trabalho, á paz universal, á armonia dos povos.

Triste ironia!

Festejar o trabalho quando elle é, como hoje, uma escravidão para nós, um castigo, um jugo que nos é imposto e que somos forçados a supportar; festejar o trabalho um dia cada anno quando por todos os dias a exploração do capital nos condena á miseria mais negra, ás humilhações mais indignas, é absurdo, como é absurdo falar em paz e armonia nesta sociedade de lobos e carneiros, de escravos e patrões, de homens que tudo produzem e nada gozam e de outros que tudo gozam e nada produzem.

Nada de festejos, portanto, neste dia designado pelo congresso de 1889 para, reactivando energias e despertando consciencias, lançar o operariado no caminho de suas reivindicações, começando pela obtenção da jornada de **oito horas.**

Caiu no olvido o sacrificio dos martires de Chicago [illegible] rio de hoje, embora não querendo deuses, ao envés [illegible] morte de seus companheiros como um incentivo a [illegible] grilhões, vem pelas ruas, em chusmas ridi[illegible] que o traz esfarrapado e esqualido.

O **1.º de Maio** foi desvirtuado e [illegible] demos novamente sua verdadeira caracteristica. Conquan[illegible] possamos fazer nada de pratico podemos aproveitar [illegible] uma larga e proficua propaganda no meio operario, [illegible] de seu torpor e imprimindo-lhe uma vigorosa orientação.

Festejar o trabalho actualmente é engrandecer bestialmente a escravidão de salariado. O operario consciente e brioso deve antes de tudo ser insubmisso e rebelde contra esse estado de cousas, para o qual deve ter prompto o alvião demolidor.

Operarios!

Abandonemos o trabalho mas não para ir embriagar-nos ou para fazer qualquer passeata de recreio, mas para demonstrar a nossa força e para fazer ver aos nossos companheiros ainda inconscientes que chega a nossa vontade para fazer trocar as cousas.

Hoje mais do que nunca, companheiros, devemos exortar-nos [illegible] Hoje mais do que nunca devemos dizer-nos [illegible] suportada, os operarios conservão ainda aquella energia que um dia servirá para quebrar as grilhetas que nos prendem ao dominio do capital.

Com essa energia e com o entusiasmo e convicção dos seus direitos acabam de tornar effectiva esta pequena conquista — pequena pelo muito que ha que conquistar e que se completará com a emancipação integral.

As 8 horas acabam de ser conquistadas pelos trabalhadores em vehiculos.

Companheiros!

Imitae este exemplo! Olhai para a nossa situação! Reparai que estamos presos nesses ergastulos que se chamam officinas sem proporcionar-nos com isso o bem estar que o nosso trabalho nos poderia dar.

Vêde que emquanto trabalhamos da manhã á noite para ganhar um pouco de pão, os nossos senhores — senhores os podemos chamar — fazem ostentações filantropicas á custa do nosso suor, com a vida dos nossos filhinhos que definham nas fabricas, com o sacrificio das nossas mulheres que perecem lentamente victimadas pela exploração capitalista.

Vamos, operarios!

Vinde á associação! Vinde juntar a vossa energia á de nossos companheiros de miseria e continuemos a lutar até a victoria final — a igualdade social.

Á postos, operarios!

São Paulo, 19 de Abril de 1907.

A Commissão Federal.

Aos operarios do interior

Companheiros!

[illegible] se accentúa a necessidade de nos unirmos para [illegible] diminuirmos, ao menos em parte os effeitos terriveis [illegible] la exploração inexoravel do capitalismo. Não descansemos um só instante, não esmoreçamos, não nos deixemos ficar afastados porque estamos assim dando forças aos nossos inimigos e tornando mil vezes peior a nossa propria condição. Em nossa desunião está o segredo do predominio do capital!

A ultima greve da Paulista não foi um desastre — foi uma lição. Veio demonstrar o valor da união, da solidariedade, da consciencia. E si houve derrota foi, exactamente, por falta de consciencia, a qual devemos fazer agregando-nos, lendo, discutindo, aprendendo, indagando, sempre em actividade, não nos deixando ficar arredados [illegible]

1897

Abbiamo ricevuto circolare per il Congresso S. A. Nella prossima riunione dei consigli verrà discusso.

Rio de Janeiro — *Associação dos Chapeleiros*—Receberam carta da *União dos Chapeleiros*? Porque não respondem?

Operai, sulla ferrovia «Noroeste», oltre alla malaria ed altre malattie, c'è il piombo dei «capangas»; non ci andate.

Per sovrabbondanza di materia siamo costretti a rimandare al prossimo numero vari articoli di collaborazione — ai cui autori chiediamo scusa — nonchè la conclusione del magnifico articolo dal titolo

L'idea di Dio

Operai, istruitevi!

Opuscoli che raccomandiamo ai nostri lettori e ai sindacati operai per distribuire gratuitamente ai loro associati:

IN PORTOGHESE

A 100 Rs.

As oito horas, importante ed utile opuscolo di propaganda operaia, edito a cura della C. G. T. di Francia, *A peste religiosa*, *O governo revolucionario*.

A 200 Rs.

As bases do Syndicalismo, *Os mysterios do confissionario*.

IN ITALIANO

A 50 Rs.

Sciopero generale, suo fine e suoi mezzi, *La peste religiosa*, *Che cosa è il socialismo?*, *La legislazione operaia*, *Abbasso l'esercito*, *Capitalismo, cristianesimo e socialismo*; *Sindacalismo e rivoluzione sociale*.

A 100 Rs.

Il primo maggio, suo passato, suo avvenire, *I delitti di dio*, *Guerra alla guerra*, *Scienza e religione*, *La notte di San Bartolomeo*.

A 200 Rs.

Carlo Pisacane, *Vittime e pregiudizi*, *La medicina e il proletariato*, *Le vergogne del confessionale*, *Luisa Michel*, *La guerra e il servizio obbligatorio*, *L'origine della ricchezza*, *La radice del male*, *Il libero amore*.

A 300 Rs.

La gabbia (dramma sociale), *Amando e combattendo*, *Questioni urgenti*, *La nostra utopia*, *L'antimilitarismo*, *Le premesse del socialismo*, *Saggi sulla rivoluzione*, *Le poesie religiose*, *Il socialismo e Mazzini*.

Copioso assortimento di opuscoli e libri da 400 a 2.000 reis.

N. B.—Per mancanza di spazio lasciamo di enumerare molti opuscoli e libri. Però, come vedono i nostri lettori, si può formare una piccola ma variata biblioteca. I sindacati possono fare della buona ed utile propaganda, formando così delle coscienze, che tanto necessitano.

Le richieste, accompagnate dal relativo importo, possono essere inviate alla nostra amministrazione.

Sala di lettura

La nostra sala di lettura è aperta al pubblico dalle ore 7 alle 10 pom.

Gentilmente, onorano il nostro tavolo i seguenti quotidiani: *Correio Paulistano*, *O Commercio de São Paulo*, *São Paulo*, *Fanfulla* e *La Tribuna Italiana*, di questa capitale; *A Tribuna*, di Santos; *O Jornal do Brasil*, di Rio de Janeiro; *Diario da Tarde*, di Campinas e L'*Heraldo de Madrid*, di Madrid.

Di questi giorni abbiamo scritto ad altri giornali importanti e così, fra breve, la nostra sala sarà arricchita di non poche pubblicazioni.

Leggete "La Lotta,,

INDICATORE

Lega Vetrai di Agua Branca — Agua Branca.

Riunione generale di soci, tutte le domeniche dopo il 15 d'ogni mese; assemblea della commissione esecutiva tutte le domeniche alle ore 10 ant.

*

Liga dos Trabalhadores em Madeira—Largo do Rinchuelo, 7-A.

Assemblea generale dei soci tutti i venerdì; riunione del consiglio tutti i mercoledì.

*

Liga de Resistencia entre Pedreiros e Annexos—Largo do Rinchuelo, 7-A.

Riunione del consiglio tutti i martedì, alle ore 7 pom.

*

Syndicato dos Trabalhadores em Vehiculos—Largo do Rinchuelo, 7-A.

Riunione del consiglio tutti i mercoledì.

*

Syndicato dos Pintores — Largo do Rinchuelo, 7.

Riunione del consiglio tutti i mercoledì. Tutte le sere c'è a disposizione degli interessati un consigliere di turno.

*

União dos Chapeleiros — Largo do Rinchuelo, 7-A.

Riunione della commissione esecutiva tutti i mercoledì.

*

Syndicato dos Trabalhadores em pedra granito—Largo do Rinchuelo, 7-A.

Riunione della commissione esecutiva tutti i mercoledì.

*

Syndicato dos Transportadores de Tijollos—Largo do Rinchuelo, 7-A.

Tutte le domeniche di mattina riunione della commissione esecutiva.

*

Syndicato dos Metallurgicos — Largo do Rinchuelo, 7-A.

Riunione del consiglio amministrativo tutti i martedì.

*

Syndicato dos Serralheiros—Largo do Rinchuelo, 7-A.

Riunione del consiglio tutti i martedì.

*

Syndicato dos Fundidores — Rua do Oriente, 16.

*

União dos Syndicatos—Largo do Rinchuelo, 7-A.

La commissione esecutiva si riunisce immancabilmente tutti i giovedì, alle ore 7 pom.

*

Federação Operaria Estadual—Caixa do Correio 580.

Riunione della commissione tutti i mercoledì.

FEDERAZIONE OPERAIA
DI S. PAULO

PRIMO MAGGIO 1909

APPELLO AL PROLETARIATO

LAVORATORI,

E' maggio. Dall'un capo all'altro della terra, ove la vita produttiva ed industriale ferve ogni giorno con attività prodigiosa, la folla innumere dei diseredati, il cui sudore e la cui fatica non han tregua mai, riposa i muscoli esausti e si aduna sulle piazze a manifestare la grande protesta del lavoro irredento.

I cantieri, gli stabilimenti del capitalismo sfruttatore divengono per un giorno silenziosi; tutti gli strumenti della produzione sono abbandonati. Non vi è angolo del mondo popolato, ove l'appello della solidarietà fra i sacrificati all'ingiustizia non sia giunto e non sia ascoltato almeno dai valorosi manipoli d'avanguardia del proletariato lavoratore.

Son passati più di trent'anni dal calendimaggio augurale in cui i pionieri di Chicago fecero la prima manifestazione per la conquista delle otto ore di lavoro. La borghesia nord-americana con cinica malvagità soffocò nel sangue il grido di rivendicazione di quella schiera di ribelli, ma il seme fecondo era gettato e generosamente creò rivendicazioni novelle e novelle ribellioni.

Il proletariato non ha dimenticato e non dimenticherà i suoi generosi pionieri!

Le battaglie son succedute alle battaglie con crescente gagliardia, alternate da sconfitte e da vittorie, e gli assalti alla bastiglia dei privilegi e delle iniquità capitalistiche van divenendo ogni dì più poderosi e formidabili.

La borghesia inferocisce sempre più, di man mano che sente la riscossa delle miserabili esistenze delle plebi avvilite che formano rassegnate da secoli il suo piedestallo di abbominevole dominio, e percuote ed uccide con cieca brutalità ovunque un urlo disperato erompa a chiedere benessere e giustizia.

Dateci la libertà, gridò la plebe asservita! E la classe dominante rispose con manette e galere.

Dateci il pane, urlarono le turbe degli affamati. Ed i governanti del capitalismo risposero con la mitraglia assassina.

Così vuole la iniqua, ma fatale legge della guerra sociale che non ammette che un solo trionfo: quello del più forte!

La classe dei produttori della ricchezza è debole, perchè abbrutita e divisa.

La borghesia è un'accolta di astuti predoni che regnano con l'armi della frode più malvagia; ma la borghesia è pur codarda, poichè deruba vilmente i lavoratori e difende il suo bottino con la forza dei lavoratori incoscienti, avvolti nelle casacche degli sbirri del capitale.

Proletari dello Stato di S. Paolo

Maggio è ritornato, e con esso la non mai estinta speranza di risveglio nei volonterosi, che da tempo van chiamandovi a raccolta nelle associazioni della fratellanza operaia, additandovi con fede inalterabile l'immane opera di redenzione da compiere.

I nemici della classe operaia tentano quotidianamente di gettare il discredito sulle organizzazioni di mestiere, sui sindacati operai, onde tenervene lontani, poichè sanno bene che il giorno in cui tutti i lavoratori saranno in essi raggruppati e fraternamente uniti, nell'accordo unanime di rivendicazione, il regno del privilegio e dell'oppressione verrà distrutto dalla loro potenza formidabile.

Non ascoltate dunque questi sapienti denigratori dell'unione operaia, i quali, poi, son sempre gli stessi che, auspice una morale balorda ed assurda, vanno insegnando con nauseante gesuitismo che il lavoro nobilita l'uomo e preferiscono poltrire nell'ozio, condannando alla fatica estenuante gli uomini del salario e della miseria.

Noi, vostri fratelli che tuttodì viviamo al vostro fianco nella comune lotta per guadagnare il sudato e scarso pane per noi e le nostre famiglie, vi lanciamo oggi l'appello entusiastico:

Compagni, Disertate le officine, disertate i campi.

Unitevi agli operai di tutto il mondo nella solenne manifestazione di solidarietà umana, che oltrepassa gli oceani immensi e le scellerante frontiere segnate dalla borghesia per mantenere l'odio di razza e di nazionalità e compiere in tal guisa la più infame e perfida speculazione sul nome vano e l'assurdità delle diverse patrie monarchiche e repubblicane, le quali tutte si equivalgono, finchè in esse regni il medesimo sistema capitalistico sfruttatore ed oppressivo.

V'è chi parla oggi di festa e a festose gozzoviglie v'invita. Reagite all'insidia che conduce alla degenerazione dello spirito e del carattere della data odierna. E' indegno parlare di festa e di gioia quando le galere della classe borghese sono piene dei nostri compagni ribelli, quando le vittime schiacciate dal mostruoso organismo capitalistico aumentano spaventosamente, quando milioni di reietti agonizzano ed il sole di maggio risplende sulle inenarrabili tribolazioni dell'umanità sofferente.

E' l'urlo della maledizione e della vendetta che deve irrompere dai nostri petti! Ed in questo giorno in cui la massa dei diseredati compie il grande sciopero mondiale essa deve rinsaldare i suoi propositi di guerra la più fiera e la più audace contro la rapina legalizzata del capitalismo, contro l'oscurantismo religioso, contro la barbarie della violenza militaresca e contro ogni forma di dominazione autoritaria.

Lavoratori! L'organizzazione di classe, attorno alla quale voi dovete stringervi in fascio potentissimo, vi invita oggi ad abbandonare i campi e le officine e a manifestare pacificamente la vostra protesta, ma essa vi preconizza ben più ardue e decisive battaglie per la conquista della vostra redenzione e dell'avvenire.

Essa aspira ardentemente ad unire e a fortificare talmente gli oppressi da poter lanciare in un maggio non lontano l'appello finale dell'insurrezione e gridarvi: abbandonate i campi e le officine, ma brandite anche gli strumenti della fatica che vi resero fino ad oggi schiavi e l'armi che vi colpirono, e con maschia energia spezzate ogni catena, demolite ogni iniquità e compiete non lo sciopero di un giorno, ma lo sciopero generale espropriatore per la realizzazione della società egualitaria e comunista.

Viva il Primo Maggio!

Viva la rivoluzione sociale liberatrice!

AOS TECELÕES DE ANIAGEM

DA FABRICA PENTEADO

Companheiros e Companheiras

Desde 4 dias estamos em lucta para vêr si conseguimos alguma melhora á nossa triste condição de operarios. Com a introducção da manufactura de novos tecidos em lan, não chegamos a tirar 3.000 rs. por dia e, bem vedes, vós que soffreis quanto nós, que é impossivel viver com esse mesquinho salario.

Companheiros e Companheiras! Vimos vos pedir um pouco de solidariedade para fortalecer as nossas reclamações. Os patrões recusam nos attendêr!... Uni-vos comnosco nas reclamações, auxiliae-nos, pois tambem precisareis algum dia de solidariedade que não vôs negaremos. Cessae de trabalhar e correi em nossa ajuda, pois o nosso pedido é justo. Como manter filhos, pagar casa, vestil-os, com a irrisoria quantia de 3.000 rs. ou menos, diarios? Por ventura teremos o dom de jejuar?

Appellamos para a vossa solidariedade. De vós depende a victoria. Queremos o que é justo e humano.

Sêde solidarios comnosco. Abandonae o serviço e não volteis á fabrica sem que sejamos attendidos todos. Contamos com o vosso auxilio, pois que tendes tambem comprehensão dos nossos suffrimentos.

Eia companheiros! Nós vos esperamos! Contamos comvosco!

Viva a solidariedade!

Os operarios grevistas.

FEDERAÇÃO OPERARIA

ESTADO DE S. PAULO

S. Paulo, 24 de Março de 1907

Illm. Snr. Campos Sobral

A *LIGA DE RESISTENCIA ENTRE OS TRABALHADORES EM VEHICULOS* em S. Paulo, em nome de todos os seus associados operarios de todas as Fabricas de Carros desta Cidade, communica-vos que os mesmos operarios, incluidos os trabalhadores da sua officina, querendo usufruir de um direito já reconhecido entre outras classes operarias e mesmo entre os trabalhadores em vehiculos das outras nações, estão dispostos **a não trabalhar mais de oito horas por dia.**

Portanto vos communicamos que não trabalharemos mais deste horario, nem queremos que nos seja diminuido o ordenado que actualmente estamos ganhando e tambem que seja abolido o trabalho por pessa.

No caso que a V. S. não queira ceder ao nosso justo pedido, exigimos, antes de voltar ao trabalho, que nos seja pago o **50 %** de ordenado de todos os dias que durará a greve na sua officina.

Esperamos a vossa decisão a respeito, até o dia 25 deste mez, na Federação Operaria a *Liga entre Trabalhadores em Vehiculos de S. Paulo*, Travessa da Sé N. 2.

S. Paulo, 23 de março de 1907.

Liga de Resistencia entre trabalhadores em Vehiculos.

LA CONQUISTA DELLE OTTO ORE

Federação Operaria
do Estado de S. Paulo

Aos Trabalhadores

Levado pelo exemplo de algumas classes operarias associadas, o operariado de S. Paulo está dando uma prova magnifica de vitalidade e energia.

O actual movimento em favor duma justa e necessaria reducção de horas de trabalho não obedeceu ás ordens de nenhum chefe, não se centralizou em directorios poderosos e obedecidos: tem o caracter que é proprio da acção operaria, é a obra dos proprios trabalhadores, conscientes das suas necessidades e dos seus direitos.

A policia, porém, não o comprehendeu assim. Julgou ameaçados os interesses e a autoridade dos patrões, dos ricos industriaes, dos antigos escravocratas — dos seus senhores, emfim — e collocou-se ao lado delles, como costuma.

Para isso, serviu-se de miseraveis pretextos, como si quem tem a força e tão prepotentemente abusa della precisasse acaso de pretextos. Firmando-se em mal averiguados e lusignuncantes incidentes, esgaravatando e interpretando retorcidamente confusos textos de lei, a policia ataca o que ella pensa ser a cabeça, o centro propulsor do movimento grevista, e as prisões enchem-se de operarios, muitas vez apanhados ao acaso.

Para cumprir a lei — justificam os seus servos na imprensa.

Cumprir a lei é assaltar a séde duma associação operaria, confiscar papeis e documentos, prender e espancar operarios, pacificamente reunidos, fechar o local da Federação Operaria, no proprio dia em que a sua Commissão executiva aconselhava serenidade e o não fornecimento de pretextos á policia provocadora.

Cumprir a lei é prender operarios por «crimes» como o de

Attenção!

Aos amigos que se acham de posse de qualquer quantia destinada á Federação Operaria, em beneficio dos trabalhadores em grève pela conquista das 8 horas, pede-se que entreguem as respectivas importancias á redacção ou administração do AVANTI! onde serão procuradas pelo thezoureiro da Federação.

—

Continuam presos, apesar das informações da policia que dix terem sido postos em liberdade, os trabalhadores Giulio Sorelli, Pedro Bazlia, Paolo Ghidetti, Antonio Bancacci, Pedro Mari, Angelo Nanzoni, Conrado Bernacca, Antonio Dalmolin, Nazareno Santos.

—

Os trabalhadores que se acham em greve para a conquista da jornada de oito horas, e necessitarem de subsidio, deverão dirigir-se ás Commissões dos syndicatos de [illegible] **para que estas façam pedido, por escripto, á Commissão Executiva da Federação.**

A Commissão Executiva

* * *

Federação Operaria
do Estado de S. Paulo

Sessão da Commissão Executiva em 24 de maio de 1907.

— Toma-se conhecimento da agitação promovida pelas costureiras para a con-

ni, e infallibilmente il sabato, erano costrette a lavorare per tre o quattro ore supplementari senza percepire per questo il becco di un quattrino. Era, come si vede, un latrocinio in piena regola compiuto impunemente perchè le povere giovinette non osavano ribellarsi anche per paura degli affettuosissimi ma niente gradevoli scapaccioni paterni.

D'ora innanzi pare che questo abuso vergognoso sparirà: almeno così lascia sperare la promessa padronale che verrà sicuramente mantenuta se le sartine saranno state unite. Vi sarà un vantaggio enorme per loro, non soltanto pel supplemento di guadagno che potranno ricavarne ma sopratutto perchè le loro «padrone» abuseranno meno del lavoro notturno quando non sarà più gratuito e dovranno anzi pagarlo con una percentuale d'aumento che non potrà mai esser minore del 20 0[illegible]0, a quanto ci si assicura da parecchie sartine.

Tutto dunque va per il meglio e noi siamo lieti di constatare che l'attuale grandioso movimento operaio di S. Paolo ha giovato, di riverbero, sebbene in scarsa misura, anche alla parte più gentile e bella, sebbene più sfruttata, del proletariato.

Intanto le brave ragazze, tutte giulive pel piccolo trionfo riportato, c'inviano il seguente manifestino che ben volentieri pubblichiamo:

LA NOSTRA VITTORIA

Compagne!

Il primo passo l'abbiamo già compiuto. Anche il sig. Bonilha, il più prepotente dei nostri principali ha capitolato, ha dovuto cedere forzatamente, si è convinto che noi siamo più necessarie a

EDMONDO ROSSONI

EDMONDO ROSSONI

LE IDEE DELLA RICOSTRUZIONE

DISCORSI SUL SINDACALISMO FASCISTA

462

FIRENZE
R. BEMPORAD & FIGLIO, EDITORI

UNA LETTERA DI EDMONDO ROSSONI

Il suo arresto e l'autoritá italiane

Dal collega Edmondo Rossoni riceviamo la seguente lettera con preghiera di pubblicazione.

Nel pubblicarla noi escludiamo che il R. Console cav. Baroli abbia fornito alla polizia le informazioni inesatte delle quali parla Rossoni.

Il nostro collega è stato di sicuro male informato: conosciamo il cav. Baroli e sappiamo che egli è un gentiluomo nel più vero senso della parola, incapace di una azione meno che corretta.

Ma premesso questo dobbiamo per dovere di franchezza, aggiungere che il contegno delle autoritá italiane (Legazione e Consolato), ha causato nel pubblico una impressione un po' dolorosa.

Rossoni venne arrestato e tenuto in carcere illegalmente e tutti si aspettavano che le autoritá italiane facessero passi non per chiedere privilegi o trattamenti di favore, ma semplicemente l'applicazione della legge comune, cui tutti per la costituzione brasiliana hanno diritto.

Invece non si sono mosse — e possiamo affermare questo perchè fu detto e ripetuto da alte autoritá di polizia a tutti i reporters — e se Rossoni fu liberato lo deve quasi esclusivamente al nobile e simpatico intervento degli studenti del Centro Accademico «Onze de Agosto».

Ma ecco la lettera:

Egregio sig. Direttore
del FANFULLA,

Durante i giorni in cui fui vittima di un illegale ed arbitrario sequestro di persona, senza che mi si potesse imputare alcuna colpa, sotto la minaccia di una lunga prigionia si tentó strapparmi una dichiarazione mediante la quale m'Impegnassi a lasciare «spontaneamente» S. Paulo.

In un colloquio avuto poi col delegato signor Carlos Sampaio Vianna questi mi disse che anche il Console Italiano era d'accordo con lui per farmi promettere la «spontanea» partenza da S. Paulo non appena rilasciato libero.

Io potevo senz'altro credere alla veritá delle parole del sig. Vianna, ma per un sentimento di delicatezza, ho voluto stamane recarmi dal sig. Cav. Baroli per chiedere la conferma o la smentita di quanto quel delegato di polizia aveva affermato.

Il signor Console mi rispose in modo assai strafottente che egli non si sentiva obbligato né a smentire, né a confermare le dichiarazioni del Dr. Carlos Sampaio Vianna e parló in tal modo che mi lasció comprendere che egli conosceva tutto quanto si macchinava in polizia contro di me.

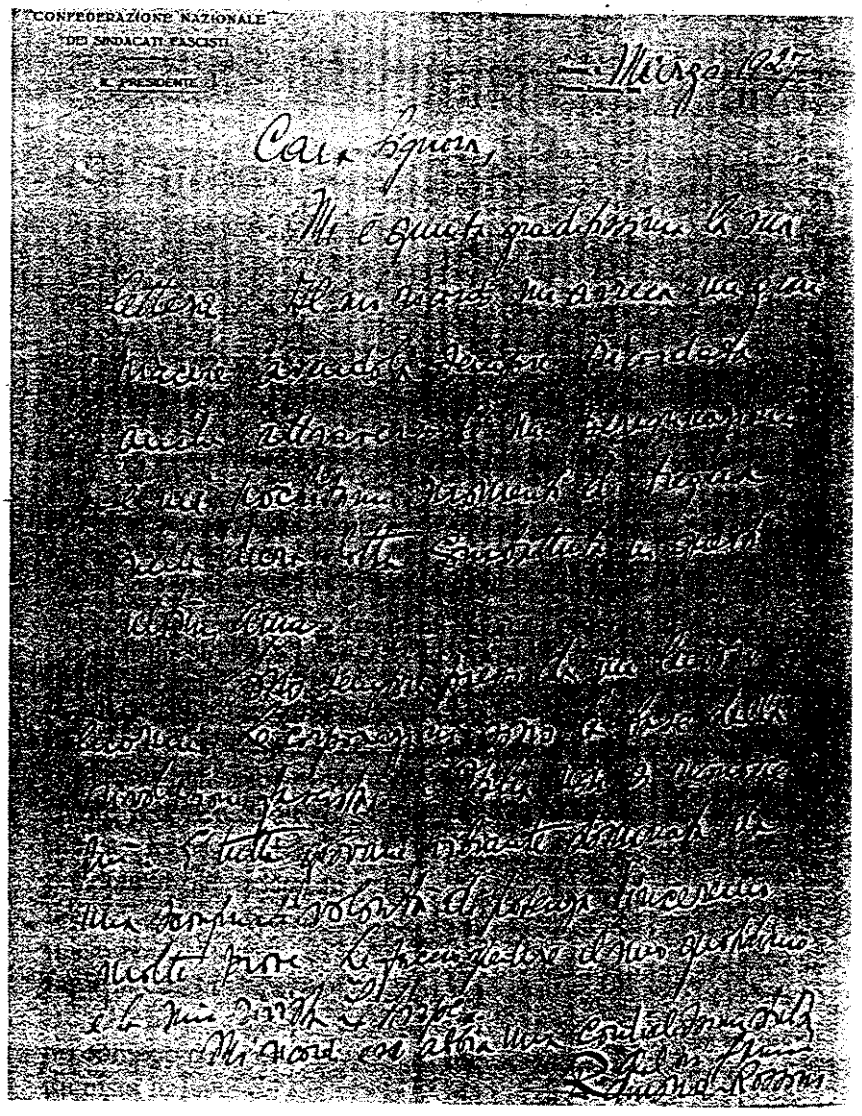
Io mi sono inoltre convinto che nessun altro, fuorché il Console, poté fornire alla polizia l'informazione che io sono condannato in Italia; solamente l'illustrissimo signor Cav. Baroli affermó che io sono «condannato come «anarchico pericoloso», mentre la veritá é che la condanna che ebbi in Italia mi fu inflitta per delitto di pensiero, avendo scritto articoli su diversi giornali e fatto propaganda antimilitarista. Egli aggiunse, che fui espulso anche dalla Francia, mentre ció é assolutamente falso.

Giudichi, signor Direttore se é questo il sistema col quale un Console deve difendere gli italiani vittime innocenti della polizia.

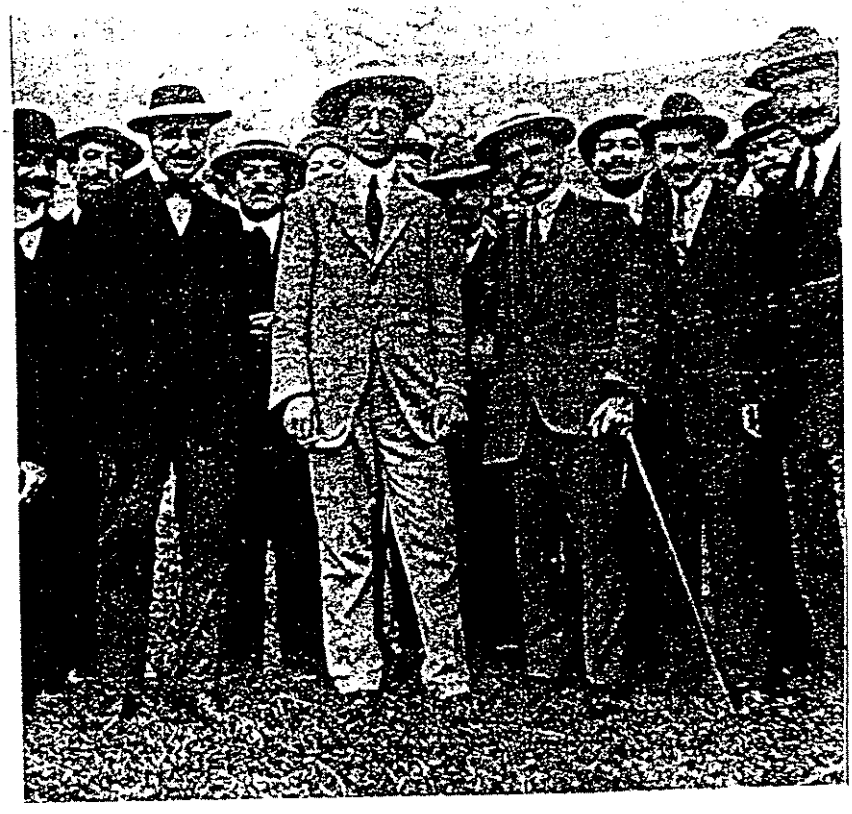
Suo dev.mo
Edmondo Rossoni.

San Paolo, 21 ottobre 1909.

Annesso a ... N. 210
in data ...


CONFEDERAZIONE NAZIONALE
DEI SINDACATI FASCISTI
IL PRESIDENTE

Fac-símile da carta de Edmondo Rossoni a Teresina.



Corridoni e Mussolini nelle giornate del maggio 1915.

NON DVCOR DVCO

DVCOR
NON
DVCO

Il monumento di Filippo Corridoni a Parma.

473

FILIPPO CORRIDONI

FILIPPO CORRIDONI

Sindacalismo e Repubblica

Cooperativa Operai Tipografi
"LA COMMERCIALE"
Parma - 1921

78
C-1